

The background of the cover is a dark, atmospheric illustration of a forest at night. A large, pale full moon is visible through the silhouettes of trees. In the lower center, there is a piece of aged, yellowed parchment with red ink splatters and a blue ink smudge. To the left of the parchment, there are wisps of blue smoke or mist rising from the ground.

ALMA E SANGUE

O PACTO DOS VAMPIROS

nazarethe
fonseca





NAZARETH FONSECA

O Pacto dos Vampiros

ALMA & SANGUE



Topper Editions

Nazareth Fonseca

Copyright © 2020 Nazareth Fonseca

Livro: Alma e Sangue, O Pacto dos Vampiros

Registro: Fundação Biblioteca Nacional

Arte Capa: Nazareth Fonseca

Fonseca, Nazareth. – 4^aed – Publicação Independente 2020

Literatura Brasileira Fantasia

A Autora desta obra detém todos os direitos autorais registrados perante a lei. Em caso de cópia, plagio e/ou reprodução completa e/ou parcial indevida sem a autorização, os direitos do mesmo serão reavidos perante a justiça.

“Lei nº. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998”

Todos os direitos reservados a autora. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos autorais e morais do autor foram contemplados.

Para minha família e meus leitores com todo meu coração e alma.

Agradeço a todos que me ajudaram na minha jornada rumo a edição desse livro. Mais especialmente aos Meninos e a Velvet por ter me guiado em todos os meus caminhos.

Sumário

[Capítulo 1 - Luzes da Cidade](#)

[Capítulo 2 - O Que Está Oculto](#)

[Capítulo 3 - Antes de Tudo, Enterrado Vivo](#)

[Capítulo 4 - Como Antigamente](#)

[Capítulo 5 - Barcelona](#)

[Capítulo 6 - Os Filhos da Lua](#)

[Capítulo 7 - Lobas e Vampiros](#)

[Capítulo 8- O Equilíbrio](#)

[Capítulo 9 - O Salão de Licaonte](#)

[Capítulo 10 - Napoleão Chegou ao Egito](#)

[Capítulo 11 - Aquele Que Ensina](#)

[Capítulo 12 - As Sombras se Revelam](#)

[Capítulo 13 - Bela Adormecida](#)

[Capítulo 14 - O Rei dos Vampiros e o Senhor dos Lobos](#)

[Capítulo 15 - Sangue Real](#)

[Capítulo 16 - A Prática Leva à Perfeição](#)

[Capítulo 17 - O Torneio](#)

[Capítulo 18 - Nem Tudo São Rosas](#)

[Capítulo 19 - Prece Para Aqueles Que Não Morrem](#)

[Capítulo 20 - Tudo A Seu Tempo](#)

[Capítulo 21 - Kara, A Campeã do Rei](#)

[Capítulo 22 - Longe dos Olhos](#)

[Capítulo 23 - Entre Reis e Rosas](#)

Capítulo 24 - As Consequências

Capítulo 25 - Perto do Coração

Capítulo 26 - Lorde Bruce

Capítulo 27 - Jan Kmam

Capítulo 29 - O Pacto dos Vampiros

Capítulo 30 - As Pequenas e Grandes Escolhas

Capítulo 31 - Morte em Negro e Vermelho

Capítulo 32 - As Cicatrizes

Capítulo 33 - Adormecido, Mas Ainda Vivo

Capítulo 34 - O Presente e o Passado

Capítulo 35 - O Selo de Sangue

Capítulo 36 - O Despertar de Íris

Capítulo 37 - Doces Mentiras

Capítulo 39 - Contra os Poderes, a Favor do Pacto

Capítulo 40 - Presas, Garras e Espadas

Capítulo 41 - Liberdade, Igualdade e Imortalidade

Capítulo 42 - O Confronto Final

Capítulo 43 - Para Sempre

Capítulo 44 - Dois Reis e Uma Rainha

Capítulo 45 - Kara e Afrodite

A seguir, um trecho de Alma e Sangue, A Rainha dos Vampiros...

Autora

Capítulo 1 - Luzes da Cidade

A chuva havia cessado depois de cair quase torrencialmente sobre a cidade. O ar estava fresco, e a brisa, levemente fria; as árvores, agora livres da poluição, jogavam no ar fragrâncias agridoces. Tudo sussurrava calma e beleza. O brilho amarelo das lâmpadas se reproduzia pelo chão, nas poças, deixando a cidade duplamente iluminada.

Pelas ruas úmidas e quase silenciosas, uma moto corria ligeira. Em determinados momentos, parecia sequer tocar o asfalto. Cruzava ruas e sinais, engolindo a cidade como se fosse uma aparição. O motoqueiro desviava-se de obstáculos e carros com grande agilidade, parecendo prever cada movimento na pista. As mãos enluvadas apertavam o acelerador, exigindo mais e mais da máquina. Quando a ladeira apareceu, a moto flutuou no ar, parecendo estar em câmera lenta. E, quando tocou novamente o asfalto, foi com suavidade; o impacto fora contido. O motor ronronava suave. A velocidade aumentou e, mesmo assim, era a ideal somente em parte por quem a dirigia. Cruzou a Ponte São Francisco e se deixou conduzir pela pista com suavidade. Atravessou o Rio Anil rapidamente. Parecia absorver parte das luzes, da brisa que soprava. Não se distanciou muito da alameda, diminuiu a velocidade e parou a moto junto ao acostamento. A calçada era o limite da murada; além dela, o rio e a ponte.

O capacete negro libertou a cabeleira igualmente escura de Kara Ramos. Ela desceu da moto e deixou o capacete; o vento forte vindo do rio sacudiu suas madeixas. Por um momento, fechou os olhos e se deliciou com a sensação – era quase como sentir as mãos de seu amante a acariciando. A sensação de liberdade e solidão era enorme. O overcoat de veludo negro era longo, mas não ocultava a beleza da vampira. Ela abriu seus botões e deixou entrever o corselet de renda e

mangas finas, a calça justa. Era uma visão, e aprendeu a conviver com isso todas as noites.

Descobriu que um olhar seu, era capaz de deter homens ou mulheres se assim o desejasse. Vestia-se como gostava, sem se importar com o que os mortais pensariam: a opinião deles nada valia para um imortal.

Kara recostou-se na murada que circulava toda a costa e fitou a ponte ao longe, que brilhava como um colar de diamantes raros. O som da água metros abaixo, o cheiro da cidade à sua volta, tudo a fazia sentir-se melhor. Recuou um pouco e tirou a espada oculta no casaco, fitando-a com respeito e saudade.

Podia quase ver Jan Kmam com a espada nas mãos, andando elegantemente, treinando e lutando. A cena trouxe-lhe arrepios de medo, vê-lo lutar a enchia de temor. Ele era um espadachim de grande habilidade e perícia, mas ela sempre temia que ele se ferisse. Sentou-se no banco e passou a observar os detalhes no metal, e só então notou um entalhe na guarda. Tocou-o com os dedos e percebeu algo novo. Estava ali desenhado a buril: “K e K”. O interessante é que o “e”, que separava as duas letras, era uma rosa. Ficou imaginando quando ele teria feito tal inscrição. Uma lágrima teimosa insistiu em toldar sua vista, então fitou a moto. Jan a adorava, era como um cavalo para ele. Sua mais nova fonte de liberdade. E se tornou a dela também. Ele parecia rodeá-la com sua presença, estava em todos os lugares daquela cidade e, constantemente, dentro dos seus sonhos. Fazia seis meses que estava sozinha revivendo o passado. Mas algo mudara dentro do silêncio e da solidão que a rodeavam nos últimos três meses.

A cada novo sonho, Jan Kmam ficava mais próximo e real. No último, ela conseguiu abraçá-lo e até bem mais que isso. Ele parecia estar mais perto que nunca. Kara fechou os olhos, podia se lembrar da doce sensação de estar em seus braços.

“—Não me deixe só — a vampira pediu, apertando o amante com força entre os braços.

–Kara, acredite: você não está sozinha. Estou ao seu lado, sempre estarei. O amor que nos une fez nosso encontro possível – disse Jan Kmam, segurando-lhe o rosto. – Basta fechar seus olhos e me trazer perto do seu coração. Meu sangue e o seu correm juntos em nossas veias. – ele apertou sua mão e a beijou.

– Não quero acordar. Deixe-me ficar com você.

Kara o abraçou, apertando-o junto ao peito. Por fim, olhou em volta e se viu dentro de uma linda estufa. Havia cadeiras, vasos com plantas e flores; rodeando-os, rosas vermelhas. A fragrância delas os envolvia. Um pássaro cantava bem perto, Kara o achou dentro de uma gaiola. Jan Kmam a olhou e sorriu tristemente. Olhou a ampulheta e viu que faltava pouco tempo. Ela precisava partir ou correria perigo.

–Em breve estaremos juntos novamente, mas, até lá, quero que deixe São Luís. Entendeu? Jan a segurava pelos ombros, fazendo-a olhar em seus olhos. – Vá para a Espanha e procure um vampiro chamado Martan. Peça a ele que a ensine a lutar e tente ficar o mais longe possível de Ariel.

–Não quero outro. Você é meu mestre! – finalmente Kara pôde dizer aquela palavra com sinceridade, mesmo sabendo ser muito tarde.

–Martan vai ensiná-la bem, cuidará de você como eu mesmo cuidaria. Prometa para mim que vai deixar São Luís e parar de procurar a Caixa – exigiu Jan, não aceitando suas recusas.

–Não – resistiu decidida. – Vou ficar e achar a Caixa.

–Não seja teimosa. Você não vai conseguir encontrá-la, eles a moveram para além das galerias. Não estou em sua ilha, meu amor. Nem mesmo eu sei onde meu corpo repousa. Apenas deixe o tempo passar. Logo estarei de volta aos seus braços – murmurou, roubando-lhe beijos famintos, saudosos.

Jan a envolveu nos braços, e Kara deixou-se amolecer junto ao seu corpo, mas nada falou. Não se deixaria vencer tão facilmente. Agarrou-se aos seus ombros e beijou-o longamente, tentando em vão saciar sua sede, sua fome. Os lábios da

vampira percorriam sua garganta, o peito e, quando voltou a sua boca, por muito pouco não tirou sangue de seus lábios. Jan sorriu e apertou seu seio, abrindo os botões de sua blusa. Kara gemia, lânguida.

—Cometi tantos erros, é tudo culpa minha.

—Erramos juntos, Kara, mas não quero que se lamente. Tudo isso vai passar. Agora, prometa... — sussurrou Jan em sua orelha, beijando-a e mordiscando-a levemente.

Kara escondeu o rosto em seu pescoço, sentindo as mãos do amante colarem ao seu corpo. Podia sentir sua excitação, queria unir-se a ele, mas não podia.

—Diga que sim — Jan exigiu, detendo seu beijo.

—Sim. Eu prometo.

A voz, por um minuto, falhou-lhe. Não queria desistir de sua busca. Escondeu a face triste em seu ombro e chorou.

—Boa menina. Não chore, *ma petite*. Martan será um ótimo amigo, confie nele. Jan Kmam fitou a ampulheta. O tempo acabava, Kara precisava acordar. Não podia ficar mais nem um minuto em sua companhia.

Ele a beijou e se despediu por aquela noite.

—Por que não posso ficar?

—É muito perigoso. Além disso, estamos namorando às escondidas. Se descobrirem que está aqui comigo, haverá punição. Não conte a ninguém que me vê no Jardim. Eu a amo — ele sorriu tristemente.

—Eu também o amo, Jan.

—Agora acorde, meu amor, acorde.

—Ainda não, por favor, só mais uns minutos.

—Precisa ir, o tempo acabou — ele murmurou, beijando-a para que acordasse.

Kara despertou nas galerias com a certeza de ter estado realmente com Jan Kmam e pronta a obedecer-lhe, como havia prometido”.

O mundo que conhecia mudara, a vida que levava desapareceu, sentia falta do apartamento em Paris, da rotina que tinha juntos. Tudo parecia somente um sonho, uma lembrança; entretanto, Jan jamais seria uma ilusão. As marcas do amor que os unia estavam em seu corpo imortal, dentro dos poderes que ele lhe dera com o beijo vampiro. Na espada que trazia consigo, que a defendia em seu lugar. Ela era a personificação de seu amante, a prova viva de seu poder. A lâmina jazia inalterada e, por um momento, ela quase viu as mãos de Jan Kmam sobre as suas, enquanto a ensinava a lutar e a manter a postura.

Treinavam por horas num balé delicado e mortal, cansativo aos músculos. Ela o tinha em suas costas e o seguia, imitando passos, gestos, até aprender todos os movimentos. Sorria, por vezes, dos sussurros que ele lhe lançava ao pé do ouvido, de suas brincadeiras; em outras, Jan rodeava-a e, com o olhar compenetrado, analisava seus movimentos sem, em nenhum momento, tocá-la, ensinando-a somente com o som de sua voz. A mente estava cheia de lembranças boas e más. E só havia uma certeza: a partida. Compreendeu que precisava partir o quanto antes de São Luís. Não havia motivos para ficar, a tristeza não podia continuar dominando quando havia tanta vida. Viver nas galerias não era a resposta para sua busca nem, tampouco, para suas perguntas.

Assim que a noite se estabeleceu, ela buscou sua moto e correu pela cidade, procurando vivenciar o que ele sentia: liberdade e prazer na velocidade. Tomada por um sentimento de desprendimento e poder, Kara compreendeu muito de si e de seu amante, Jan Kmam. Ali, no lugar onde ouviu o relato de sua existência de 400 anos e descobriu amá-lo um pouco mais. Então teve a certeza de que precisava buscar a si mesma e só retornar quando fosse o momento certo.

Kara sentiu seu perfume, e se moveu com rapidez. A espada agora estava debaixo do queixo de Vitor, que havia se aproximado silenciosamente. A vampira baixou a lâmina e eles se abraçaram de modo saudoso. Ela evitou contato com

todos os que tentaram dela cuidar nos últimos seis meses. Otávio tentou, mas sua paciência era bastante curta e a vergonha de dever-lhe a vida o consumia a ponto de agir de modo pouco convencional. Ele deixou a cidade de bom grado e levou Asti, que partiu contrariada com seu comportamento, pois ele tratara Kara de modo rude. Vitor também havia tentado à exaustão nos últimos meses. Kara era mais que uma amiga: eles dividiam uma história, e ele a adorava como nenhuma outra criatura. Quando se afastou, beijou-o nos lábios num cumprimento que Vitor vinha tentando incorporar à sua nova vida. Kara notou seu constrangimento e sorriu.

– Com o tempo, você se habitua – sussurrou Kara, olhando-o com carinho.

–Vou partir esta noite – anunciou Vitor, tocando seus cachos sedosos.

–Eu sei, seu beijo me disse tudo. – a vampira conseguiu brincar.

–Frigia quer me levar para a Rússia. Vai ser uma grande mudança. – refletiu o vampiro.

Vitor estava um tanto nervoso, afinal era muito jovem, tão jovem quanto ela quando deixou São Luís pela primeira vez, há cinco anos. Ele precisava de sua criadora para lhe dar força, confiança que lhe permitisse seguir em frente e sobreviver dentro da imortalidade. Kara percebia em seus olhos claros a pressão, o medo da mudança. Entretanto, a ansiedade, a busca pela liberdade e por seus poderes falava mais alto. Talvez fosse realmente isso que impulsionasse um vampiro, sua fome de conhecimento e sangue.

–Sim, você deve ir. Tem uma longa estrada a percorrer, estamos juntos nela. Tenho certeza que vai conseguir. Em breve, será um vampiro bastante poderoso; Frigia vem de uma linhagem de sangue bastante antiga.

–E quanto a você? Não quero abandoná-la. Venha conosco. – convidou Vitor. Frigia desenvolvera por Vitor um grande amor. Ele teve coragem de roubar-lhe um beijo, de fazer dela um ser frágil quando só agia como a guerreira. Salvou-a e protegeu-a. Um beijo que tocara a alma fria daquela vampira. E foi deste modo que ela se permitiu ficar e esperar que ele pudesse segui-la, rumo à sua nova vida.

Kara chegou a ver Frigia uma ou duas vezes na cidade ao lado de Vitor. Ela o ensinava e seduzia. Formavam um belo casal e matavam com grande prazer e fome. Ele se tornaria um vampiro poderoso.

—Agradeço seu convite, mas não posso segui-los. Vitor, você não está me abandonando. Eu escolhi ficar sozinha. Entenda, a solidão é bem-vinda nesse momento. Mas, se isso o deixa feliz, eu também decidi partir.

—Para onde vai?

—Qualquer lugar, não importa aonde, apenas preciso deixar a cidade.

—Sabe que pode contar comigo, não sabe?

Vitor perguntou, observando a espada na mão da vampira. E a reconheceu de imediato.

—Sim, sempre — disse Kara, observando a beleza, os olhos misteriosos de Vitor. Ele havia mudado, e para melhor.

—Lembre-se, não crie confusão novamente. — Ele riu de seu olhar aborrecido.

—Terei cuidado, eu prometo. —E Kara sorriu de sua brincadeira. Abraçaram-se demoradamente, Vitor a beijou e, ainda segurando seus dedos, afastou-se sorrindo; por fim, soltou-os e partiu. Caminhou pela calçada e, finalmente, usando seus poderes de vampiro, desapareceu. Frigia o esperava não muito longe. Então Kara, perguntou-se quando o veria novamente dentro da eternidade que os aguardava. Ela desejou que breve, pois ele fazia parte de seu passado e de seu presente.

Kara continuou envolta na noite, pensando em tudo o que vivera, nas mudanças que provocara, nas coisas que não poderiam ser alteradas, nas promessas que fizera e não desejava pagar, mas que a condenariam. Todavia, isso era algo futuro. E foi nesse momento que o sentiu bem próximo. Sua presença a rodeou, ela ouviu um sussurro, e alguém tocou nitidamente seu ombro. Mas não havia ninguém às suas costas. Ela entendeu o chamado imediatamente, subiu na moto e mergulhou nas ruas sinuosas da cidade, rumo à Fonte do Ribeirão.

Não demorou muito para estar nas galerias. O som dos pingos, o cheiro de umidade, as paredes lisas escavadas na rocha. Caminhou até a câmara que vinha ocupando e, a princípio, a presença do vampiro não lhe assaltou os sentidos de defesa – era alguém conhecido e poderoso. Não se intimidou e passou a recolher seus objetos, como havia prometido a Jan Kmam, preparando-se para partir. Não tinha muito dinheiro, mas sabia como conseguir mais. Assim que acabou de fechar a mochila, voltou-se em direção à porta.

Radamés fitou Kara por um momento e se aproximou, estendendo a mão em sua direção. Ela aceitou e, por fim, abraçou-o. Deixou-se ficar em seus braços. Foi consolador, por um momento acreditou que ambos brilhavam. Sentiu-se forte e, quando abriu os olhos, Radamés pareceu bem mais real ao seu olhar. Ele tocou seus cabelos e apertou-a junto ao peito.

–Deve deixar este lugar imediatamente – falou, entre sincero e preocupado.

–Por que não o encontro?

Kara reclamou frustrada, porque, se houvesse a menor possibilidade de encontrar Jan Kmam nas galerias, ela ficaria para procurá-lo.

–Os Pacificadores levam seu trabalho a sério. Jan está em segurança e bem longe de São Luís; jamais o deixariam, aqui é território aberto. Ademais, tenho certeza de que, ao despertar, ele espera encontrá-la bem e feliz. Vai decepcioná-lo? É isso? – insistiu, apertando seus ombros.

–Não, não vou decepcioná-lo outra vez. Só não sei o que fazer ao certo – a vampira aquiesceu, escondendo seus verdadeiros planos de Radamés.

Temeu revelar os sonhos que tinha com Jan Kmam – eram preciosos demais para perdê-los. Quando despertou, sabia exatamente onde encontrar Martan, até mesmo a casa onde o procurar.

– Conheço alguém que pode ajudá-la a encontrar muitas respostas. Eu quero que vá para Barcelona.

–Espanha? – murmurou a vampira, curiosa com a coincidência.

Radamés avaliou a face da vampira e percebeu seu sofrimento e sua solidão; mais um pouco nas galerias e perderia a lucidez, mergulhada em tristeza.

– Martan é um vampiro de minha inteira confiança. Apesar de não ser Lorde ou membro do Conselho, ele serve aos Poderes com fidelidade e vai ensiná-la muito. Ele é o que chamamos de “professor” em nosso mundo. Além disso, ele e Jan Kmam são amigos. O que me diz? – tentava animá-la a todo custo.

Kara se conteve para não revelar que seu amante havia lhe indicado o mesmo vampiro. Ficou quieta. Afinal, Radamés iria ajudá-la a chegar mais depressa até Martan. Um olhar mais demorado, e ela percebeu suas vestimentas negras e bordadas, o manto que caía sobre seus ombros, as sandálias de couro. Como sempre, belo e misterioso. Habitou-se à sua presença de algum modo, pois não sentia mais os dedos formigarem. A presença de Radamés fora valiosa. Sem ele, não teria conseguido sair com vida dos eventos que haviam ocorrido dentro e fora da Arena, ele foi o seu guia. Ele a trouxe à vida, fazendo-a ver seu potencial, e lhe mostrou como lutar e vencer diante de vários inimigos. Noites que o mundo dos vampiros faria questão de esquecer nos próximos séculos. Desenvolveu por ele grande estima e, por vezes, lamentava sua posição de “espectro”. Invejava os que com ele tiveram o prazer de conviver quando era feito de sangue e desejo. Era visível o carinho que nutria por Kara, mas os motivos ela desconhecia.

–Quanto tempo vai levar?

–Dependerá somente de sua capacidade de aprendizado. Mas não se preocupe, vai aprender depressa, eu tenho certeza. – Radamés murmurou, tocando sua face de modo brincalhão.

–Está bem. Radamés?

–Diga, minha rainha. – ele respondeu, pronto para mais uma pergunta.

–Por que me protege e me guia?

–Todos têm um destino, uma missão. A minha é maravilhosa: cuidar de você.

–Não foi uma boa resposta. – insistiu Kara, ainda mais curiosa.

–É a mais filosófica que encontrei para lhe dar. Agora vamos, quero lhe passar todas as informações. – Dizendo isso, levou-a para além das galerias.

Capítulo 2 - O Que Está Oculto

Ariel estava junto à mesa de seus pergaminhos. Os olhos verdes fixos nos símbolos sobre o papiro. Os cachos vermelhos despencavam sobre a testa, as mãos na mesa de madeira polida deixavam o seu anel real brilhar sob a luz. Vestia-se de modo informal, jeans azul e camisa negra, mas sua postura denunciava sua posição de poder. Ele jamais necessitaria de uma coroa para exibir sua realeza. Alto, forte e levemente delicado, Ariel possuía no olhar a doçura de um jovem imberbe. Um olhar de anjo, mas totalmente diabólico. Mas bastaria ser desafiado para que o leão de fogo acordasse e mostrasse toda sua força e maturidade. Era como se houvesse muitos de si mesmo, e todos eles capazes de conquistar e vencer.

Depois de dois mil anos no poder, Ariel encontrou a morte, mas até mesmo dela ele conseguira escapar. Afinal, depois de morto, fora trazido do mundo dos espíritos. Ariel era agora um dos reis mais poderosos que o universo vampírico conhecia. Detrás de sua aparência bela e poderosa, um mundo de revelações e segredos estava resguardado.

Ariel enrolou o pergaminho e o devolveu à estante. Os rolos estavam organizados de modo que ele pudesse identificá-los pelo século e por assunto. Ficavam dentro de uma caixa que fazia as vezes de estante. Caso necessitasse sair às pressas, bastava fechá-la e levá-los consigo. Uma carga preciosa e bastante almejada por seus inimigos. Os pergaminhos continham segredos do mundo dos vampiros, muitos deles ainda escritos por Radamés. Uma fortuna para o mundo mortal. Qualquer historiador ficaria realmente fascinado ao ver pergaminhos tão bem conservados, sem contar os assuntos que cada um deles continha. Ali estava o limite entre várias espécies, provas de sua existência e muito poder. Entretanto, em nenhum deles havia a resposta para as perguntas do rei. Não era a primeira vez que isso ocorria; todavia, era a primeira em que se sentia em desvantagem.

Há cinco noites, enquanto o rei repousava no subsolo de *Coucher du Soleil*, um estranho sonho o despertou de um salto. As cenas, os estranhos personagens que viu e o desfecho final deixaram-no completamente perturbado. Tocou a cabeça e entreabriu os lábios; os caninos apareceram, estava sedento. Saiu do leito e se serviu de um cálice de sangue. Seu corpo imortal ainda podia sentir as dores a ele infligidas. Sentia-se de certo modo extenuado, como se alguém o houvesse drenado. Dentro de sua experiência, não havia espaço para o acaso. O rei compreendia que não fora um simples pesadelo. Os símbolos e as criaturas que com ele lutaram não eram mera ilusão. O sonho consistira, na verdade, numa visão do futuro, que ele precisava desvendar e bem depressa: algo estava manifestam do poder além de seu alcance e de sua visão.

Imediatamente, chamou Togo. Precisava deliberar. Quando o líder da Ordem apareceu em sua porta, trazia na face à exaustão. Ariel percebeu que ele estava confuso e abalado. Togo pediu permissão para lhe relatar um estranho acontecimento, mas o rei já sabia do que se tratava, ele havia tido a mesma visão enquanto dormia. Ariel compreendeu que, por consequência, todos os vampiros que viu também a tiveram. Sem perda de tempo, o rei ligou para Romano e este lhe relatou a mesma visão.

Ariel, assim como Togo, sabia que os eventos contidos naquela aparição estavam ligados à Ordem de Hermes. Um grupo de mortais que o aborrecia há séculos. De tal segredo somente três Poderes tinham conhecimento de sua existência: o rei, o Livro e os Pacificadores. Além deles, havia Marie, Dalila e, num passado não muito distante, Rosa Maria. Marie e Dalila o preservariam à custa de suas próprias vidas se fosse necessário, enquanto que Rosa Maria, sua ex-amante, revelou-o ao inimigo. Perguntava-se por que o passado, nos últimos séculos, insistia em lhe trazer tantas lembranças cruéis.

O mundo vampírico estava sendo atacado por uma manifestação poderosa que fez de alvo suas mentes. Ele e Togo imediatamente fizeram uma lista com os nomes dos vampiros que estavam na visão. A relação era extensa. Bruce, Isadora e Thiago, Misha, Valdés, Romano, Martan e Virna. Isso sem contar os lobisomens e

homens-lobos. Marie era a prova real de que Radamés tentava avisá-los de um grande perigo e temeu pelo pior.

Uma reunião foi marcada e todos convocados à presença do rei – a situação merecia sigilo e rapidez. Ariel vasculhou livros e pergaminhos, sem êxito, buscando um símbolo em particular, um coração traspassado por uma adaga. Ele ficou frustrado, tendo em vista que, após retornar do mundo dos mortos, sabia-se capaz de ir além do limite que conhecia. Seus poderes eram maiores agora, mas não conseguia ir adiante do conhecimento de Radamés. Ele conhecia a resposta, mas jamais lhe diria. Como não disse há alguns séculos, quando o avisou sobre a Ordem de Hermes. Suas aparições sempre o assaltaram em momentos de grande necessidade; contudo, ele sempre voltava para o mundo dos mortos. Somente séculos antes conseguira liberdade total.

Sentou na poltrona e ficou imaginando um caminho, uma saída para aquela nova charada. Por um minuto, acreditou estar sendo testado. Como se devesse provar ser melhor. Era preciso prudência, os Poderes estavam em risco. Manteria sigilo, não era o momento para revelar informações sobre a Ordem de Hermes. Talvez ela já estivesse sendo atacada duramente, e todos se encontrassem mortos àquela altura. Pegou os jornais e nada encontrou, mas era cedo para buscar seu toque de alarme.

A reunião era sigilosa e somente os que tiveram a visão foram chamados. Um dia depois, todos estavam em Paris, mais precisamente em Chantilly, no *Coucher du Soleil*. À medida que despertaram, desceram para a câmara indicada. Sangue era servido fartamente, afinal não tinham permissão para deixar *Soleil* até a reunião acabar.

Virna, atual líder do Conselho, estava sentada próximo a Romano, que, discretamente, observava seus cabelos claros – para ele, fios de ouro. Gostava de vê-la falar, os lábios rosados e carnudos moviam-se e o enfeitiçavam um pouco mais. Mas o vampiro nada demonstrava, era um monólito. A vampira era magra e alta, possuía pernas longas. Usava meias finas e uma saia com fendas laterais,

vestindo-se como uma mulher dos anos 1950. Tinha um pouco mais de 500 anos, mais três séculos e poderia ser membro da Casa dos Lordes, mas, para isso, teria de abdicar do cargo de líder do Conselho.

O Conselho parecia mais lúcido desde que Virna o assumira. Eles conversavam sobre alguns problemas que ela vinha enfrentando no novo cargo. Ela sorriu da solução encontrada pelos Lordes para algo semelhante. Romano a olhou de modo suave e pensativo. Era difícil acreditar que seu coração morto voltasse à vida com o charme daquela bela vampira. Tudo ia depender da persistência de Virna, que notou o interesse de Romano e nada fez para reduzir a distância entre eles. Os Lordes eram os herdeiros do sangue antigo, e ele provavelmente não gostaria de tê-la como amante, devido à posição que ambos ocupavam.

Misha conversava animadamente com Valdés sobre um torneio de armas e forças que aconteceria em breve. O Bravo, como era chamado, antecedia a escolha do campeão do rei. Os vampiros que participavam tinham como prêmio sobreviver. Algo imperdível para um imortal que gostasse de lutar e arriscar sua imortalidade. Valdés pretendia participar, era um modo de manter o guerreiro inca desperto. Togo, como de costume, fitou Valdés com censura – eram suas roupas. Ele mantinha um estilo rebelde, um misto de motoqueiro e roqueiro, mas, para a ocasião, até que caprichara. Estava com os cabelos negros e lisos presos num rabo de cavalo. Vestia uma jaqueta de couro e uma bonita camisa de seda cor de vinho. Mas o jeans surrado, rasgado no joelho, e as botas pesadas deixavam claro que ele não se renderia às exigências de Togo. O rei não exigia, mas a maioria, quando em sua presença, tentava parecer o melhor possível.

Misha, ao seu lado, era o oposto: preferia ternos caros e casacos com gola de pele – era sofisticado ao extremo. E sempre ria do estilo do amigo de farras e lutas. Zoser e Nebit, os Zeladores do Livro, esperavam o rei chegar como todo o resto, mas se mantinham afastados, não se misturavam. Suas mentes estavam sempre voltadas uma para outra e para o Livro.

Bruce e Martan discutiam os detalhes da estranha aparição, buscando no passado um motivo ou inimigo capaz de tal poder. Otávio estranhamente não teve a visão, ele estava em Londres com Asti. Ariel achou por bem que ele não participasse da reunião: já havia muitos em perigo, o suficiente para seu gosto. Melhor que ficassem distante.

Marie estava afastada do grupo, mas com ela Isadora. A vampira tinha por Marie grande carinho, considerava-a sua filha.

Otávio gostaria de vê-la depois de crescida. Mas, certamente, fitar seu rosto não lhe traria boas recordações. Como não traria ao rei, que ainda não havia chegado. Marie era a única não vampira na sala; todavia, imortal. Ela era herdeira do sangue e dos poderes de Collet e Norine, as gêmeas que enfeitiçaram o rei e seu irmão Otávio. Marie fora criada por Dalila, uma bruxa poderosa que transitava no mundo vampírico com liberdade havia séculos. Ariel tinha por Dalila grande estima e, quando Otávio e Isadora escolheram a menina para criar, Ariel permitiu de imediato. Ela sempre os ajudava com assuntos ligados à magia, fazia parte do Coven, um braço de poder dentro do mundo dos imortais. Dalila foi uma excelente mãe adotiva, a jovem cresceu bela e forte, atingindo a imortalidade. E agora estava preservando os segredos de muitos.

Togo levava Marie primeiro à presença do rei, que precisava falar com ela sem que os outros ouvissem a conversa. Só então olhou para ela, que se aproximou a seu pedido e se curvou. Ariel a segurou pelos ombros e a fez se erguer. Então sorriu, acariciando seu queixo. Ele observou o vestido de veludo verde-musgo com decote redondo e mangas longas. Ficava sobre seus joelhos. E notou as meias grossas sob as botinhas, mantendo o estilo que uma bruxa usaria. Os cabelos estavam meio soltos e meio presos; eram suavemente ondulados e de um castanho quase avermelhado. Quando o seu poder se manifestou por completo, seus cabelos antes loiros ficaram escuros. Possuía os olhos claros de sua mãe, e ele percebeu a face corada, viva; era macia e suave, um pouco mais alta que Collet. Ariel lembrou-se de Norine e Collet, de como as amou a seu modo e do quanto foi feliz ao lado de ambas. Certamente, quando sorrisse, ficaria ainda mais parecida com

sua mãe e sua tia. Beijou-lhe a mão delicada e viu o anel que deu a Norine – ou melhor, a Collet – em seu dedo.

– Sente-se, Marie. Preciso avisá-la de algumas coisas. O Conselho não conhece a existência da Ordem de Hermes. Eles são bastante alarmistas e sempre temi por um incidente com os membros da Hermes.

Marie ouvia atenta e compreendia as decisões do Livro, o pergaminho era realmente perigoso. Sentada, ouviu seus motivos e admirou sua beleza, sentindo-se atraída por seu olhar de esmeralda. O corpo, o modo como se movia... O rei era muito charmoso e atraente. Desviou seus pensamentos e entendeu por que Dalila, sua mãe adotiva, o evitava.

–Então, quando falar na reunião, não revele nada sobre a Ordem; fale o que sabe sobre a visão. Afinal, não sabemos se a criatura é realmente Íris. Nós jamais a vimos, não há como provar que estamos sendo atacados por ela. Radamés se pronunciou?

–Não, nem na minha presença ou não de Dalila.

–Então existe uma esperança para nós – brincou o rei, fazendo a jovem sorrir.

–Não creio, Ariel. – começou Dalila preocupada com a filha.

– Fui marcada durante a visão. Gostaria de mostrar – disse Marie, exibindo uma marca no pulso.

–Parece um selo, uma chave – afirmou Ariel, tenso.

–Sim. Mas não sei o que significa; tinha esperança de que soubesse – comentou a bruxa, tristemente.

–Não o reconheço, Marie. Sinto muito.

–Quando pretende revelar a existência da Ordem de Hermes?

–Deixarei que os representantes da Ouroboros o façam oficialmente; afinal, eles me pediram sigilo e eu a eles – revelou.

Ariel sentiu-se triste: Marie marcada... aquilo não era nada bom. A visão a mostrava sendo sacrificada. Dalila havia sentido o perigo e dividiu com ele seus medos. Ele tentou a acalmar, mas estava claro que não conseguiu.

– Devo me retirar? – perguntou Marie, quando Ariel ficou em silêncio, observando-a atento.

–Sim.

Togo levou Marie para a sala de reunião e a apresentou aos demais vampiros. Dalila ficou com Ariel e o abraçou contendo um soluço. Ele a beijou ternamente e eles conversaram por alguns minutos.

– Não posso perder minha filha, nossa filha. – falou e tocou seu rosto bonito.

Ariel lembrava da dor que fechou as garras sobre seu coração aquela noite séculos atrás. Após o ataque ao *chateau*, havia se trancado em sua câmara com o corpo de Norine e não permitia a entrada de ninguém. Três dias com o cadáver da mulher amada. Otávio começou um diálogo solitário com a porta e o ouviu tocar seu violino. Isadora estava com Marie nos braços e foi o suficiente para dar uma ideia. Otávio entrou pela passagem secreta com a menina em seus braços.

– Quem é a criança?

A voz dele estava pesada, amarga, pela dor que alimentava naquela câmara. Ainda vestia a roupa manchada com o sangue de seus inimigos. Magro e pálido, era um vampiro realmente assustador.

– Chama-se Marie. É filha de Collet, a mulher que verdadeiramente o amou. – revelou, fitando seu olhar ameaçador.

Ariel aproximou-se arrastando a espada no chão e tocou o rosto calmo da menina. Marie era simpática, não se assustava com nada. Ela estendeu a mão gorducha e segurou o dedo de Ariel, enquanto ele fitava seus cachos loiros. Ela cheirava à lavanda. Ariel se sentiu sujo e monstruoso.

– Tire-a daqui, estou fedendo a morte e sangue.

O rei confessou rouco e frágil como Otávio jamais o vira antes. Nem mesmo por Mitra tinha ficado dessa maneira. Não, Ariel chorava por ambas, pois havia escondido a dor dentro de sua alma por longos anos.

–Fomos enganados, Ariel. Sei que está frágil, mas precisa saber o que descobri. Era Collet quem o visitava. Ela o amava, não Norine. Tudo acabou quando a tornei uma de nós. No final, você conseguiu o amor das duas.

Marie tinha seu sangue, sangue imortal nas veias, no entanto, por algum motivo não se transformou em meio vampira, talvez a magia de Collet a tenha protegido. Quando ela fez um ano Ariel foi para a Espanha confirmar o que havia sentido quando a segurou nos braços, ela tinha o sangue dele nas veias. Passou algum tempo em sua companhia e se apegou muito a ela. Dalila podia sentir a dor ainda presente em seu coração, e o cobriu de amor. Por dois meses eles dividiram o mesmo teto e o rei soube o que era ter uma filha. Um tempo curto mais precioso, ao se despedir da pequena soube que aquele fora um grande presente. Dalila sempre lhe escrevia contando sobre seu desenvolvimento e assim os anos se passaram.

– Vou proteger nossa menina, não se preocupe. Nada vai acontecer com ela. Acalme seu coração de mãe. – comentou fazendo-a sorrir tristemente.

– Apenas cuide dela está bem?

– Com minha vida. – garantiu ele e a beijou ternamente.

Isadora fez questão de apresentar Marie a todos. Mas ela era bastante tímida, mesmo sendo detentora de grande poder, falava apenas quando era interpelada. Observadora, inteligente respondia a todos com amabilidade e segurança.

O rei apareceu na sala pouco depois, e todos ficaram de pé. Ele acenou com a mão para que as formalidades fossem esquecidas. Ariel cumprimentou Marie e sorriu, amável, recebendo-a entre os representantes dos Poderes. Sentou-se à cabeceira da mesa, observou o grupo de imortais que fora tocado pela visão e ficou preocupado. Ali estavam os melhores, os mais antigos e confiáveis vampiros

dentro dos Poderes. A ameaça era bem real e seu desfecho precisava ser impedido. Cabia a ele a tarefa mais difícil. Vira todos os seus amigos e líderes morrerem brutalmente para ser o último a perecer nas mãos de uma criatura sedenta de sangue e carne.

—Acredito que Togo tenha feito as devidas apresentações. Marie, assim como Dalila, domina as artes mágicas. Contaremos com seu apoio para a situação que se apresenta.

Ariel deixou os presentes à vontade para fazerem perguntas. Mas não houve nenhuma, todos estavam irrequietos para saber suas impressões.

—Diante de nós, está um grande mistério, que nos levará à morte ou à vitória. Acredito que, nessa sala, não exista espaço para dúvidas. Somos todos bastante experientes para saber que a visão é um aviso. Os Poderes que representamos e preservamos estão sendo ameaçados. Assim como o Pacto que foi firmado entre duas espécies, séculos antes.

—Apesar do Pacto, nós devemos nos defender e mostrar nossa força, seja quem for o inimigo – disse Martan, pronto a lutar.

—O que devemos esperar da criatura? – perguntou Valdés, olhando para Marie; afinal, ela parecia conhecer muito de magia.

– O pior possível. A criatura anseia por nosso sangue. O que vimos, creio, foi o nosso futuro. – afirmou a jovem bruxa.

—Estou pronto para lutar e morrer. Mas não vou permitir que os filhos de Licaonte dominem o mundo que conhecemos há séculos. Já cacei muitos lobos, por vingança e para me defender. Sei bem o que os aterroriza. E garanto: o fim deles é somente um, a gola de meus casacos. – Dizendo isso, Misha tocou a gola de pele.

– Misha tem razão, não podemos permitir que eles aniquilem o que levou séculos para ser organizado e mantido em segredo – disse Martan combativo sob o olhar pensativo de Bruce.

Valdés sorriu e puxou a gola do casaco de Misha. Togo compreendia, mas não aprovava suas caçadas. Se ele fosse pego pela Ouroboros, seria sentenciado à morte. A paz entre as duas espécies vinha sendo mantida desde os tempos de Detrich. O Pacto demorou muito a ser aceito e, finalmente, assinado, promoveu a segurança dos segredos das duas espécies. A visão mostrou o caos entre ambas e, com ele, o olhar mortal sobre todos.

– Como podemos nos defender de uma criatura que mata sua própria espécie e se alia aos de quatro patas? Eles têm o território de caça que pediram! O que desejam agora? O nosso? – reclamou Isadora, ofendida.

Isadora tinha, assim como Misha, um bom motivo para odiar homens-lobos e lobisomens. Por um instante, Bruce a fitou e a Thiago, ao seu lado, mas nada falou, limitando-se ao silêncio. Todos ali conheciam a razão de seu rancor contra os homens-lobos. Era óbvio que, mesmo tendo nos dias atuais Thiago como companheiro, ela não havia esquecido Heitor completamente. A maioria não sabia, mas Isadora fora amante de Radamés por longos anos. Quando ele foi assassinado, ela caçou Afrodite por muitos anos

– Precisamos de meios para nos defender sob a falsa trégua do Pacto. Se nós os vimos, eles também nos viram. Três dias se passaram, e a pergunta é a seguinte: chegou algum comunicado da Alcateia? – disse Romano, fazendo todos olharem para ele.

– Um dia depois da visão, recebi uma mensagem do senhor dos lobos. Darden é um líder preocupado não só com a manutenção do Pacto, mas com a sobrevivência de sua espécie. O Pacto se mantém. – falou o rei diante da crítica de Romano.

– Uma conversa amigável entre as duas espécies foi solicitada. Heitor, nosso embaixador dentro do mundo dos lobos, seguiu rumo ao território do senhor dos lobos. Pelo que soube, Iago e Alexia estão na Espanha.

Togo confirmou a informação, conhecedor dos passos dos lobos. Já Isadora torceu os lábios para a notícia, não conseguia disfarçar. Thiago, que a observava,

compreendia seu aborrecimento. Ela e Heitor foram amantes por cem anos, uma união por companhia e carinho, na qual Isadora se deu completamente, e Heitor se reservou. Sua doçura não conseguiu vencer a frieza daquele vampiro. Mas, certamente, o sangue quente de Alexia foi capaz de derreter seu coração de pedra. Thiago esperava que, um dia, ela o tirasse de seu coração. Afinal de contas foi em seus braços que ela chorou a tristeza causada primeiro por Radamés e depois Heitor. Ele era um amante paciente, mas estava ficando cansado de esperar que ela retribuísse seu amor a altura.

– Devemos deixar de lado, nesse momento, nossas questões pessoais e pensar na manutenção da paz.

O rei falou fitando todos, especialmente Isadora. Afinal, foi ele quem evitou que as duas se matassem séculos antes. Uma história antiga que beirou uma desgraça. Isadora baixou a vista e compreendeu que deveria se conter. Marie observou seu aborrecimento e percebeu sua dor – sofrer por amor era doloroso. Ao pensar nisso lançou um olhar furtivo a Valdés. O rei notou sua observação e viu que o vampiro nada notou.

– Dois dias antes da visão, houve ataques de autoria de um lobisomem. A Ouroboros quer algumas respostas, e os lobos terão de dá-las. Os Caçadores estão buscando o responsável pelo ataque.

–Você vai ao encontro do senhor dos lobos, Ariel? – perguntou Romano, preocupado. Há séculos, as duas espécies não se encontravam formalmente. O Pacto fora assinado quando Radamés ainda era o senhor da Ordem dos Pacificadores e Detrich, o rei. Um segundo encontro aconteceu na Espanha, e Ariel esteve diante do homem que controlava os lobisomens. Romano estava presente: a conversa fora fria, mas pacífica o senhor dos lobos era justo e desejava; a paz. Desde então, quase duzentos anos, eles se mantiveram afastados, somente reinando e mantendo o Pacto preservado. Pelo menos, era nisso que todos deveriam crer.

– Sim, irei. Conto com sua companhia?

– Sim, majestade.

Ariel não dormia tranquilo desde que teve a visão. Além de inquieto, algo o incomodava profundamente, o silêncio das vampiras do Templo. Ele ainda não as havia buscado nem elas surgiram com novidades. Vinha evitando Ordália; afinal, Kara era uma constante em seus pensamentos. O amor era algo difícil de camuflar, mesmo para um vampiro poderoso como ele. Ordália tinha com ele laços mais do que íntimos e perceberia o seu novo desejo. Temia que ela atacasse Kara.

– Agora, precisamos de respostas para nos defender – afirmou o rei, pronto a buscar uma estratégia de defesa.

– Dentro da visão, não havia indicação de tempo. Como saberemos quando ela ocorrerá, e se ocorrerá? – Virna se pronunciou.

– Existe um meio. Se me permite, majestade – disse Marie, tomando a palavra.
– Através de uma projeção das estrelas e dos meses do ano, consegui em transe ver mais detalhes dentro da visão. As estrelas e sua posição podem dizer qual será o mês do ano. Argo, um mago bastante experiente, está trabalhando nos desenhos que fiz, e logo poderá nos dizer o mês mais próximo.

O rei olhou-a com admiração e fez um gesto de aprovação. Os demais vampiros acharam suas explicações bastante plausíveis. Isadora estava muito orgulhosa e tocou a mão de Marie com carinho.

– O que o Livro nos diz? – perguntou Misha, tomando a palavra assim que Marie terminou de falar.

– Não existe nenhuma referência. A estranha parece não pertencer à nossa espécie – declarou Nebit, observando o ar interrogativo dos vampiros.

– A criatura que nos atacou não parece ligada ao Livro – comentou Thiago, certo.

– Concordo. Ela se alimenta de carne e sangue como alguns demônios e lobos. Talvez seja filha de Licaonte – argumentou Togo, realmente curioso, já que o que sabia sobre o pergaminho era muito pouco.

– Não. Ela é vampira como nós somos. Vejo-a mais como uma aberração dentro de nossa espécie. Existe muita revolta dentro dela – esclareceu Virna pelo que sentiu.

– Virna está certa, a criatura que nos atacou é um desvio dentro de sua espécie. Uma força destruidora e demoníaca, eu diria, a julgar pelos poderes que usou contra os que ousaram ir contra ela e os que a acompanhavam. Sinto-a parcialmente liberta, mas algo ainda a mantém em sua prisão sem muros – disse Marie, levantando mais dúvidas.

– Parcialmente livre? Explique, Marie – pediu o rei, curioso.

– Ela não tem corpo. Na aparição, vi vários vampiros e lobos a atacarem sem êxito; pareciam atravessá-la como se fosse feita de fumaça. Um espectro e, por isso, livre dentro do mundo dos espíritos, de onde pode atacar nossas mentes e a de qualquer outro vampiro que deseje. A fadiga que sentimos é parte do que ela nos roubou. A vontade de alguém a liberta lentamente.

– O que mais pode nos oferecer, Marie? – quis saber Romano, interessado.

– Não muito. Estava bem acordada quando tive a visão, caí ao chão e, quando despertei, trazia na pele esta marca.

Marie ficou de pé e puxou o bracelete de ouro para exibir um estranho símbolo marcado em seu pulso direito. Ariel lia a maioria dos pergaminhos de Radamés, mas alguns deles lhe eram proibidos. Desse grupo, um era o pergaminho que hoje estava em poder da Ordem de Hermes.

Todos observaram o símbolo que parecia ter sido tatuado em sua pele com ferro em brasa, devido à cor negra. O instrumento usado não deixou marcas, mas ali, em sua carne imortal, estava bem clara a prova de que os eventos que vivenciaram eram bem reais.

– O que significa a marca? – perguntou Thiago, observando a bruxa.

– Ainda não disponho de um significado para a marca.

– Sinto muito por você, mas acho que vai ser sacrificada. – brincou Thiago.

Marie falava o que podia, afinal não tinha permissão de Ariel para revelar o que quer que fosse sobre a Ordem de Hermes. Ela mesma possuía alguns segredos, que nem ao rei poderia dizer. Dalila a fez prometer por sua imortalidade jamais revelá-los.

– Como disse, desenhei tudo que vi. Acredito que, juntos, poderemos tentar identificar alguns deles. Pelo menos, achar o nome daquela que nos atacou.

Marie expôs uma pasta de couro amarrada com fitas de onde retirou vários desenhos, que espalhou entre os presentes. Os desenhos passavam de mão em mão, enquanto os vampiros tentavam identificá-los sem êxito. As cenas eram as mesmas que eles vivenciaram, e nelas só havia sangue, morte e luta. Marie era uma artista e desenhava com perfeição, como se as imagens saíssem de sua mente para o papel. O rei viu Kara nos desenhos, eles lutavam lado a lado; os lobos sobre os mortos destoando-lhes a carne imortal. Uma guerra entre duas espécies, e a noite por testemunha.

– Seus desenhos são como um filme de terror, bruxinha. Somente o final é que me assusta. Você não saberia para nos dizer? – perguntou Thiago, bem-humorado.

– Não; infelizmente, não, Lorde Thiago.

– Lembro-me de ter visto dois destes símbolos sobre o que acredito ser a tumba da criatura – comentou Bruce e passou o desenho às mãos de Martan, a seu lado, que também os identificou.

A morte retratada os tocou com muito mais intensidade do que poderiam imaginar. Individualmente, a visão os atemorizara, mas ver as imagens e saber-se morto quando se é imortal pesava e muito. Havia um sentimento de profundo temor, ódio e dor.

– No alto das ruínas, identifiquei o mesmo símbolo que tenho em meu pulso. – revelou Marie, mostrando o desenho e o símbolo na rocha.

Quando todos os desenhos finalmente chegaram às mãos de Ariel, ele percebeu que, durante o transe, Marie havia escrito uma mensagem. Algo que estava subentendido nos símbolos desenhados pela jovem bruxa. Vira pedaços dela na aparição, mas o sentido estava truncado. Entretanto, agora sabia quem buscar para conseguir suas respostas. As inscrições eram pragas e ameaças de morte. Muitas delas jaziam em algumas das paredes do Templo da Esfinge. Todavia, Marie, ao desenhá-las, não soube colocá-las na ordem correta. Ariel espalhou os desenhos e os comparou, enquanto era observado pelos vampiros à sua volta, completamente intrigados. Ele conhecia aquela linguagem muito bem, aprendera com Radamés. Eram hieróglifos egípcios, ou escrita sagrada. Somente membros da realeza e sacerdotes, além dos escribas, conseguiam compreender aqueles sinais sagrados. O mais antigo sistema de escrita do mundo.

– Dentro de sua cova, ela repousa adormecida, sem carne ou sangue. – Ariel começou a falar. – Mergulhada dentro do dia, enterrada onde sempre existirá luz para que sua sede de vampiro não a desperte. Maldito seja o que levar oferendas puras ao seu colo feito de escuridão. Morte ao que despertá-la do poço da agonia, da fossa dos mortos-vivos e sem alma. Onde suas entranhas repousam ainda pulsantes e lamentam por ela eternamente. Morte aos seus herdeiros de sangue, aos seus seguidores, que são como cães do deserto. Eles caminharam à sua sombra em quatro patas e serão livres diante da lua. E assim andarão diante do sol. Então, governados serão os filhos dos Deuses do sangue imortal, os que caminham ao anoitecer. Morte pelo desmembramento a toda criatura que ousar seu nome profano e impuro pronunciar sob a lua negra três vezes.

Ariel traduziu para o francês parte do que sabia ser a introdução do pergaminho e o que poderia ser revelado naquele momento. Faltava o resto do texto no qual, certamente, haveria o ritual para despertar a criatura. Como destruí-la? Isso somente outro pergaminho poderia dizer. Ele jamais tocara naqueles escritos secretos, não conhecia os detalhes, mas tinha conhecimento do mal que se levantaria com a sua força. Como revelar o motivo de sua ira contra seres que

jamais a viram ou tocaram? Poderia ser qualquer coisa: um amuleto, uma adaga, até mesmo o sangue de alguém.

– Como podemos saber que se trata da mesma criatura?

– É a mesma criatura, este último símbolo revela seu nome. Ela se chama Íris – revelou Ariel, mostrando o símbolo nos desenhos de Marie ao ser questionado por Bruce.

– Um lobisomem a libertará. Mas como e quando? – Isadora o questionou.

– Através de um pergaminho. – disse Ariel pensativo. – O lobisomem que vimos é ainda desconhecido, tinha nas mãos um pergaminho, algo em pedaços que foi reunido. Tentem se lembrar – pediu Ariel, querendo saber se a maioria vira algo mais. – Não consegui ver detalhes, mas é certo que falta algo.

– A visão talvez nos alerte para tal fato. – Romano falou após um longo silêncio, fazendo Ariel observá-lo, mas sem demonstrar sua surpresa.

Ele viu o rosto do lobisomem, mas nada diria, não agora. A visão fora diferente para cada um, todos deveriam ter detalhes dela. Sem contar que ele conhecia a Ordem de Hermes. Todos acharam lógica nas palavras de Romano: os eventos poderiam ser evitados. Imediatamente, Ariel pediu que, após a reunião, todos escrevessem o que viram com detalhes. Isso ajudaria bastante.

– De qualquer modo, estamos cegos aos seus verdadeiros motivos. – afirmou Romano, fitando Ariel de modo cúmplice.

– Então, se os pedaços forem unidos e Íris despertar, o Pacto não mais existirá? – perguntou Virna, atenta aos direitos do Conselho. – Quem está com o pergaminho, ou pedaços dele? Afinal, se ele o tivesse, já haveria despertado Íris. – Continuou Virna, chegando a uma conclusão lógica.

– Concordo – disse Misha, e os demais pareceram aceitar.

– Temos muito a descobrir, mas é preciso bem mais que isso para que o Pacto seja quebrado. Não devemos esquecer que a Ouroboros se movimenta à nossa

volta. Os Caçadores estão soltos, o que significa que estamos sob vigilância. – avisou-os Ariel, tentando conter a avalanche de questionamentos, que sabia ser impossíveis de controlar.

– O boato é que Iago vai subir ao trono e extinguir a Trindade. – disse Valdés depois de um longo silêncio.

Como poderiam se proteger caso o Pacto fosse rompido? Duas espécies fortes e cruéis lutando dentro do mundo mortal por sangue. Seriam caçados e destruídos; no mundo mortal, não cabiam mais suspeitas, só a revelação. Algo que nenhum deles toleraria.

– Os boatos parecem ter um fundo de verdade. É preciso cautela com os lobos. Soubemos que, dentro da Alcateia, está sendo fomentado um jogo de poder. Iago ainda não se mostrou capaz de defender sua posição de herdeiro. E seu primo Nigel anseia por seu lugar. – revelou Togo para deixar todos conscientes de que enfrentavam uma disputa de poder.

– Tudo se precipita e encaixa perfeitamente – afirmou Valdés, olhando o rei.

– Resta saber quem deseja a quebra do Pacto – disse Thiago, saindo do silêncio.

– O Pacto não será quebrado, as duas espécies se manterão ocultas e em paz. O senhor dos lobos é capaz de deter uma onda dentro de seu aquário. E eu saberei lidar com insurreições – disse Ariel com segurança para que os vampiros à sua volta também se sentissem assim.

– Pergunto-me por que Íris, sendo vampira, se aliaria aos lobos... O que teria tocado sua vida imortal para transformá-la numa força destruidora de ambas? – questionou Bruce, sem perceber que dava motivo para alguns comentários.

– Amor? – soltou Isadora, olhando-o com cinismo.

– De fato, amor. Afinal, ele não escolhe o tempo para nascer ou morrer. Alguns duram mil anos; outros, somente cem.

Bruce devolveu a alfinetada da vampira com bastante segurança. Ela não poderia jogar pedras no seu telhado quando o dela também era de vidro.

– O amor é a causa de muitas maldições. – disse Marie.

E a jovem bruxa percebeu o olhar suave de Valdés sobre seu decote redondo. E o modo carrancudo que Ariel o fitou.

O rei deveria olhá-la e se lembrar de sua mãe, provavelmente sentiria ciúmes. O certo é que tentaria ficar longe dele, a face rosada era um doce convite para um vampiro como o rei. Sua fama corria o mundo vampírico, gostava de caçar.

Ariel desviou a vista e se percebeu observado por Thiago. Os demais vampiros na sala notaram, mas fingiram nada perceber.

– Agora que temos seu nome, vamos procurá-lo no Livro.

Os Zeladores buscaram no Livro a resposta, e tudo o que apareceu foi a data que se inscreveu aos cem anos. Íris era órfã, sem mestre conhecido; depois disso, seu nome apareceu novamente como traidora de sua espécie, tendo sido ela sentenciada à morte.

– Detalhes da execução? Em que período? – Virna estava curiosa.

–Durante o reinado de Elkabar, o primeiro rei dos vampiros. – revelaram os Zeladores.

– O Livro se pronunciou? – perguntou Ariel, dirigindo-se aos dois vampiros.

O rei percebeu o olhar de Romano sobre si – o poder do rei sobre o Livro tinha limites. Se ele viesse a controlá-lo totalmente, significaria não haver limites para seu poder. O mundo vampírico estaria nas mãos somente do rei, e os demais poderiam, ao seu prazer, ser anulados. A hesitação dos Zeladores era enervante até mesmo para Ariel, e os demais vampiros se tornavam bastante agressivos. O Livro era como um farol iluminando as sombras além de sua visão. Era através dele que se mantinham vivos e dentro das leis.

– Não vou tolerar segredos do segundo Poder – Ariel alterou a voz, ficando de pé. Apoiou as mãos sobre a mesa e os fitou de presas à mostra.

– Majestade, as resoluções do Livro não cabem a certas casas de Poderes e a não vampiros.

– Tal comportamento é intolerável diante dos Lordes. – argumentou Isadora, fitando aqueles dois estranhos vampiros com aborrecimento.

– Eu não convoquei os Poderes. Chamei à minha presença os que tiveram a visão. O Livro está presente, acaso será necessário que eu o interrogue pessoalmente?

– De modo algum, majestade.

– Mas, se isso os acalma, farei como mandam as leis. Togo, traga um pergaminho e faça uma ata desta reunião, decretando-a sigilosa. Faremos à moda antiga, assinaremos com sangue. – A voz suave de Ariel tornou-se firme e fria.

Togo providenciou o pergaminho, e logo o assunto da reunião estava nele descrito. O punhal foi trazido e todos assinaram com seu próprio sangue. A lâmina passou por todos os vampiros e, finalmente, chegou a Marie. A ansiedade era grande, todos queriam saber o que o Livro dizia, mas ela se pronunciou, surpreendendo o rei.

– Não posso assinar, ainda falta um vampiro para que eu seja a última.

– Está enganada, todos já assinaram – disse Togo ao verificar as assinaturas.

– Marie está certa, falta uma vampira assinar. – concordou Ariel num suspiro cansado.

– Todos aqueles que enxergamos na visão aqui estão presentes. Quem seria ela, majestade?

A pergunta de Togo era a mesma de todos na sala.

– Kara, a pupila de meu favorito. Somente eu e Marie a vislumbramos dentro da visão. Não a virão nos desenhos? – o rei apontou na direção do desenho.

– Ela nos acompanhou na morte? – perguntou Romano, olhando o rei com desconfiança.

Martan olhou Marie e, por fim, o rei, um comportamento que não passou despercebido a Bruce, sentado ao seu lado. Algo acontecia nos bastidores, mas o que seria? Ele nada falou, apenas continuou silencioso como os demais imortais em torno da mesa.

Ariel Simon havia tentando preservar Kara o máximo possível, mas, graças à desobediência dos Zeladores, teve de revelar sua presença nos estranhos eventos. Ele acreditava ter sido o único a vê-la dentro do confronto. Defenderia Kara das revelações e da responsabilidade com sua vida. Mas, para isso, precisava encontrá-la e mantê-la sob sua proteção o quanto antes – a noite parecia bem mais perigosa agora para os herdeiros de seu sangue. E, para piorar seu estado de ânimo, as Sentinelas a perderam de vista três noites antes. Ela havia desaparecido misteriosamente de São Luís sem deixar rastros. Nem mesmo seus sentidos a localizaram. Estava viva, todavia muito longe. Algo que Ariel não iria tolerar. A ordem agora era de captura, ele a manteria sob sua supervisão nem que fosse presa na masmorra. A notícia de seu desaparecimento enfureceu o rei, ela estava tirando sua paciência e seu controle. Togo via isso como um sinal de alerta, Kara era perigosa. Agia como um moleque desaforado, os últimos Pacificadores que dela se aproximaram levaram um banho de cola e penas. O rei riu bastante da traquinagem e mais ainda ao ver o Pacificador, pela câmera de seu celular, coberto de penas de galinha. No fundo, ele sabia que era uma afronta ao seu domínio. Todavia, a situação havia mudado; ele precisava ser enérgico e mantê-la debaixo de seu controle.

– O mesmo que o nosso, a morte nas mãos de Íris – disse Ariel por fim, cansado do olhar insistente de Romano.

– Ela é muito jovem para mergulhar em questões de tamanha importância. – Bruce se pronunciou e fitou o rei com desconfiança.

– Deixe que venha, vamos precisar de ajuda. – disse Thiago sem muito interesse, mas as intenções era outras.

O vampiro de cabelo encaracolado era um enigma mesmo para Isadora, que convivia com ele havia mais séculos do que poderia lembrar. Seus olhos castanhos tinham uma perspicácia única. E eles estavam sobre o rei, afinal, eles dividiam um segredo antigo.

– Lorde Bruce tem toda razão. – disse Togo se adiantando, temendo problemas.

– Kara lutou como sua campeã, defendeu o rei, matou o meio-vampiro Caio Graco e lutou ao seu lado, fechando o último círculo da Arena.

Romano enumerou com admiração os feitos da vampira. Thiago percebeu o aborrecimento de Togo quanto à sugestão. – era óbvio que ele não desejava a vampira próxima ao rei novamente. O acordo que eles fizeram um século antes fora quebrado quando Kara lutou na Arena. Era hora de perceber e aceitar, os segredos do rei seriam mantidos, mas ninguém disse que eles não poderiam se tornar novamente reais. Thiago ainda não tinha colocado os olhos em Kara, mas Romano já havia descrito a vampira em detalhes e ele compreendia muito melhor a situação delicada de seu rei.

– Considere a Casa dos Lordes a favor de que ela saiba das nossas decisões dentro dessa nova ameaça. – revelou Romano.

– Os demais estão a favor? – Togo colocou o assunto em votação, mas não estava satisfeito com a opinião do Lorde.

Todos concordaram com a presença de Kara nas próximas decisões tomadas a respeito da estranha visão. O rei sabia que podia confiar em Romano, mas, mesmo assim, temeu pelo passado e pelo futuro. De qualquer modo, foi bom perceber que os Poderes a viam com bons olhos, mesmo depois de seus delitos. De qualquer modo, eles haviam sido perdoados, mas nem todos. Afinal, Jan fora sentenciado em seu lugar, graças às transgressões que provocaram sua quase extinção. Romano

realmente o surpreendeu; depois o procuraria quando tivesse tempo e disposição para falar do passado. Mas, pelo visto, o único que não gostou foi Togo. Seu olhar disse muito ao rei. Ariel compreendeu sua posição, ele temia o futuro. Era necessária cautela.

O assunto não foi esquecido, a ata estava pronta e só faltavam as assinaturas de Kara e Marie, que teria de esperar que a jovem vampira assinasse. Mas os Zeladores finalmente puderam falar:

– O Livro passou suas páginas até as leis, e lá grifou a décima primeira.

– Não beberás do sangue de teus irmãos de imortalidade, sob pena de perder tua própria vida. Todos na sala conheciam aquele crime, considerado por eles hediondo – Beber de sua própria espécie era roubar imortalidade. – Martan citou o crime em voz alta. Afinal, dentro da visão, alguns deles foram sugados pela criatura.

– Pouco depois, ele foi para a primeira página e escreveu abaixo do nome de Radamés a palavra “redenção”. O Livro exige a reparação de um crime – revelou Zoser, que recebeu o olhar desgostoso de Nebit.

A revelação tocou a todos, enquanto o rei observava os Zeladores. Tornava-se óbvio que o segundo Poder temia pela destruição do mundo vampírico.

– Continuamos às cegas. Acho que devemos localizar o lugar exato da visão. Provavelmente, encontraremos pistas da criatura e de seus seguidores para destruí-los – disse Valdés.

– Pode ser qualquer lugar do mundo – refletiu Isadora.

– Na verdade, tenho certeza de que se trata do Egito. Reconheci dois desses símbolos: o chacal e a íbis. Sem contar que, no céu, pude ver a constelação de Órion. Nós estávamos a oeste do Rio Nilo, na direção do sol poente. Tracei a localização nesse mapa.

Ariel olhou Marie com atenção. Por muito pouco ela não apontou o Templo da Esfinge. Mas ela vira um lugar bem pior, um templo erguido para sacrifícios de

lobos e vampiros, há muito sufocado pelo poder do rei e dos Pacificadores. Ariel entrou em sua mente e pediu que contornasse a situação e omitisse o local, com a promessa de lhe falar a sós. Ela apontou somente o local onde supostamente despertaria. Logo, todos estavam de pé observando o mapa; afinal, alguns deles já estiveram no Egito.

Valdés permanecia disposto a tentar localizar o que quer que fosse; junto com ele, Misha. Eram realmente inseparáveis quando se tratava de uma boa aventura. Bruce também se prontificou a ir, mas Ariel o impediu, afirmando que precisaria dele para outra missão.

Ficou acertado que todos poderiam ficar em Paris. *Coucher du Soleil* estava à disposição, o importante era que se mantivessem próximos. A partir daquela noite, qualquer novidade deveria ser passada ao resto do grupo imediatamente. Marie ficaria no *Château*; Isadora e Thiago iriam para Paris. Virna foi para casa – afinal, morava na capital francesa. Romano decidiu acompanhá-la com uma desculpa nada convincente. Martan ficou e pediu uma audiência com o rei em particular.

O vampiro se vestia de modo informal, malha de tricô verde-musgo, jeans, sapatos engraxados. Tinha a cabeça completamente raspada, o que lhe dava uma beleza exótica e jamais repulsiva. Não participava de nenhum dos Poderes, era apenas um vampiro muito velho com um currículo cheio de guerras e revoluções. Observar como os mortais se destruía em busca de poder e dinheiro o fascinava. Participou de todas as grandes e pequenas guerras, mas, no último século, ele parara. Diziam que, finalmente, uma guerra tocara seu coração frio. Não participava muito da vida social que os vampiros mantinham: os torneios, as pequenas reuniões no *Château* junto ao rei. Preferia o isolamento; todavia, nos últimos 20 anos, encontrou Bruce, que conseguiu fazê-lo surgir diante de seus iguais. Era um processo lento, mas com bastante progresso, tanto que o rei passou a acreditar que o experiente vampiro era capaz de auxiliá-lo em algumas missões, e não se arrependeu: Martan era um exímio matador. Lidava bem com a matança.

– Quando Togo me ligou, acreditei que já soubesse da responsabilidade que havia recebido um dia antes de ter a visão.

Martan começou a falar e viu Ariel semicerrar os olhos, confuso. O rei sentou e mostrou a poltrona para que o vampiro fizesse o mesmo em sua presença. Martan acomodou-se e voltou a falar um pouco mais à vontade.

– Radamés me procurou. O que vi foi somente um espectro; sua presença trouxe-me algumas rugas – disse tocando o rosto, ainda fascinado com a experiência vivida. – Não estava sonhando, ele era bem real e seu pedido também. Ele me incumbiu de ensinar a pupila de Jan Kmam.

– Não se julgue perdendo a razão. Radamés está entre nós há alguns séculos como uma força inspiradora, um guia. Poucos têm o privilégio de vê-lo. Mas me diga: onde está a vampira? – perguntou Ariel, pronto a capturá-la.

– Em minha casa, na Espanha. Eu a julgava sob a tutela da Ordem. Kara é muito jovem para vagar sozinha.

– Deixou-a sozinha? – perguntou Ariel em tom de censura.

– Ela está dormindo desde que seu caixão chegou, há dois dias. Meus criados a estão guardando. – completou.

– Dormindo? – O rei o questionou, mais do que preocupado.

– Sim, Radamés me preveniu sobre isso. Afirmou que ela precisava descansar, por isso a colocou nesse sono. Segundo Radamés, ela só vai despertar quando eu retornar à Espanha. Como vê, não posso permanecer em Paris – explicou Martan.

– Kara é uma vampira de grande beleza e força, mas uma criança em nosso mundo. Uma pérola rara da minha coroa. Mas, como qualquer criatura extraordinária, ela é voluntariosa e insubordinada. Acredite-me, ela já conseguiu desmoralizar boa parte de meus Pacificadores e minhas Sentinelas. – disse um tanto risonho.

– Ela não quer ficar sob sua tutela?

– Não; na verdade, a de ninguém. Estou bastante admirado que Radamés a tenha convencido a ficar sob seu teto. Uma mudança, diria, mágica se operou no seu íntimo. Kara é muito intempestiva, pode simplesmente desaparecer e nada lhe dizer, Martan. Esse é todo o seu charme e a sua maldição. Radamés não lhe deu uma aluna; ele lhe deu uma missão. – O rei sorriu de forma maligna. – Mas vejo que ele escolheu muito bem o professor. Entretanto, pode passar aos Poderes tal responsabilidade. Deixar que a Ordem a eduque apropriadamente. Togo é um excelente espadachim.

Ariel oferecia ajuda, mas estava evidente que queria controlar a vampira. Martan lembrou que o rei a proibira e a seu mestre de refazerem os laços de sangue. Uma boa desculpa para afastar dois amantes. As palavras de Radamés agora faziam sentido. O rei a desejava descaradamente. Martan se viu em meio a um jogo perigoso, de modo que era preciso tato – Ele lidava com os desejos de um rei.

– Dei minha palavra a Radamés, majestade. Além disso, sou amigo de Jan Kmam, será um prazer educar sua pupila. Kara só deixará minha tutela quando estiver pronta para defender-se sozinha. Vou mantê-lo informado dos seus progressos.

– Obviamente sabe que pode contar comigo para qualquer necessidade. A vampira, apesar de estar sob sua proteção, conta com a tutela do rei. – Ariel o avisava suavemente. – Se é desejo de Radamés que Kara fique na Espanha, é lá que ela permanecerá.

A conformação do rei beirava o rancor. Desde que Radamés o trouxera à vida com parte do sangue de Kara, ele estava cheio de segredos. Protegia Kara, afastava-a dele de maneira insolente quando sabia que era inevitável e necessária a união de ambos. Ele traçava um plano, e isso irritava profundamente o rei. Perdera-o como conselheiro, ele só o visitava para criticar e julgar.

– De qualquer modo, sabê-la em sua companhia me traz um grande alívio. Ela terá um amigo e um protetor à altura de seu potencial. Preciso avisá-lo de que não

deve tocá-la? – Perguntou Ariel, levando a mão ao queixo.

– Admiro-a desde que a vi lutar na Arena, ela é a promessa de uma grande guerreira. Linda, é verdade, mas não a desejo. Como sabe tenho Bruce como amante, não há necessidade de avisos.

– Compreendo, mas é meu dever avisar, Kara é algo de muito raro, todos se rendem a ela. E não gostaria de vê-lo lutar com Jan Kmam pelo amor da jovem vampira quando ele despertar. Avisarei Togo de sua partida.

– E quanto à visão?

– Ah, sim... Ela certamente não vai comentar com você, é muito desconfiada. Não precisamos preocupá-la com nossos inimigos. Mantenha segredo, isso a manterá em segurança. – completou.

Martan já estava de pé e pronto para partir quando o rei o deteve.

– Caso tenhamos um ataque, sei que a protegerá com sua vida. Cuide bem de minha protegida, Martan.

– Conte com isso, majestade. Kara está em segurança.

– Assim espero.

Martan deixou a sala com a certeza de que, a partir daquele momento, estaria sendo vigiado. Na verdade, seguia as ordens de Radamés, que o instruíra até mesmo sobre aquela conversa com o rei. Ariel precisava estar tranquilo para enfrentar os próximos desafios, e Kara pronta para lutar ao seu lado. O vampiro ficou aquela noite no *Château*, onde se despediu de Bruce. Precisava voltar o quanto antes à Espanha. Não estava preocupado com a segurança da vampira, pois Radamés havia deixado a seu lado um guardião bastante eficiente, Mercúrio. Nada nem ninguém conseguiria passar por ele e tocar Kara, pelo menos por enquanto.

Capítulo 3 - Antes de Tudo, Enterrado Vivo

Depois da Arena

Quando a Arena chegou ao fim e todos os vampiros deixaram as galerias, o salão ficou silencioso. Os Pacificadores removeram as duas Caixas: numa delas, Consuelo; na outra, Jan Kmam. Elas seriam movidas para lugares diferentes e sepultadas em túmulos sobre a terra. Desperto, mesmo sabendo que o dia estava estabelecido, Jan esperava pacientemente que a Caixa encontrasse seu último lugar de repouso. O espaço era o mesmo de um caixão simples, ele mantinha as mãos ao lado do corpo, por vezes na tampa da Caixa fria. Os sons chegavam de longe, mas podia ouvir os gritos de revolta de Consuelo. Se ela não se acalmasse, em pouco tempo enlouqueceria. Ela precisava dormir. Ele não soube ao certo quem, mas os gritos dela foram silenciados por alguém que lhe falou mentalmente e a fez dormir.

O perfume de Kara o rodeava, estava em suas mãos. Aquietou o coração, as emoções... Nada via. Os olhos ainda sofriam os efeitos da droga com a qual fora envenenado. Já havia sido castigado antes, cinco dias de sede; também já havia decidido dormir e esquecer a morte de Thaís por 125 anos. Mas nada comparado à Caixa. Estava ali contra sua vontade, castigado e pleno de poderes dos quais não podia usufruir. Deixou a vampira que amava sob a custódia do rei quando ela precisava de sua companhia e proteção. As escolhas que fizera o torturavam. Não havia paz suficiente para fechar seus olhos. Jan Kmam conhecia os riscos, mas, por sua amada, correria todos sem hesitar.

Quais desafios, perigos e tentações ela poderia suportar sem sua presença? Buscou o relicário sobre o peito e o segurou com força. Gostaria de poder enxergar e ver sua face mimosa e amada. Logo encontraria seu derradeiro local de descanso por cinco longos anos, e tudo seria imobilidade. O vampiro esperou pacientemente e, em mais algumas horas, ele percebeu que a Caixa fora posta dentro do túmulo

definitivo. A imobilidade começou a afetar a mente alerta do vampiro, sentia os membros dormentes e pesados. Aos poucos, deixou-se levar, a mente ainda lutava. Dentro dela, Kara, seus beijos, o sabor de sua pele, seu coração agoniado ainda batendo agitado e triste.

A imobilidade o dominou e, em poucas horas, o corpo imóvel tomou uma rigidez extraordinária. Agora, ele precisava buscar o Jardim. Lá, sua mente estaria protegida da armadilha da carne, da escuridão da inconsciência. Apesar de os laços de sangue terem sido quebrados, ainda havia os do amor que sempre os unira. Ele poderia acompanhar seus passos, visitá-la em sonhos e protegê-la. Tê-la mais perto que qualquer outro vampiro, até mesmo o rei. O passaporte de entrada no Jardim eram seus poderes, algo que ninguém poderia tirar dele. Caminhou lentamente, observando do lado de fora o túmulo alto onde a Caixa descansava agora. O local era a ele desconhecido. Andou pela câmara e, finalmente, viu a porta de saída. Não olhou para trás, o gesto poderia prendê-lo à matéria novamente. Caminhou em uma linha reta e desapareceu. Seu corpo espectral atravessava as esferas rapidamente e seus olhos viam milhares de vultos e rostos fantasmagóricos, havia gritos de revolta e ódio, lamentos. Muitos lhe estendiam as mãos, mas nenhum conseguia tocá-lo: sua alma imortal não podia ser alcançada.

Finalmente, entrou na esfera do Jardim. A noite era uma constante e, à sua volta, só havia beleza e paz. Ele agora era só mais um dos muitos espectros que naquele mundo flutuava. Tocou a grama e andou entre arbustos e plantas. Muitos dos espectros ali eram amigáveis; outros, silenciosos. Alguns preferiam isolamento. Mas a lei era uma só: não podiam se destruir ou ferir. Parecia ter rumo certo e, quando chegou, estava debaixo de uma estrutura de madeira da qual uma roseira lançava galhos e rosas.

Jan Kmam tocou seus galhos e segurou firme. Os espinhos não o feriam; não havia sangue, só energia. Uma luz suave o envolveu e ele fechou os olhos, criando um local seguro para ficar, uma estufa. Era a força de seus poderes que criava uma ilusão palpável aos seus sentidos. Paredes de vidro desenhadas com aves, flores e rosas, teto alto e redondo. A roseira tornou-se o centro da estufa, grande como um

arbusto, cheia de rosas rubras. O perfume invadiu aquele recanto de amor e de certo modo magico. Uma visão próxima da real. Aquele lugar magico ele viu quando provou a primeira vez do sangue de Kara. Quando a mordeu e sugou seu sangue, viu imagens daquele jardim feito de mármore e vidro onde uma grande roseira selvagem havia crescido como um grande arbusto. Ela estava embaixo adormecida, os cabelos negros salpicados de pétalas. Não sabia se ela tinha conhecimento, mas aquelas imagens pertenciam a sua alma, talvez uma vida passada, ou o lugar magico de onde sua alma veio. O certo é que o recriou para ela e ele, pois ali sabia que ela se sentiria segura. A cada passo que dava, criava o ambiente onde pretendia ficar e receber sua amada. Surgiram poltronas bem ao seu gosto francês, confortáveis como Kara gostava. Sobre elas, almofadas e mantas. Um pouco mais afastadas, estantes repletas de vasos com plantas, flores e mais rosas. Junto à mesa, cadeiras aconchegantes e uma mesinha com livros. Não muito longe, gaiolas com pássaros e um lindo divã cor de sangue, além de candelabros com velas. Era como se estivesse dentro de uma casa repleta de plantas.

O favorito do rei criou um paraíso secreto onde poderia se esconder e fica junto da vampira que amava durante os anos de sua sentença. No decorrer dos primeiros meses, foi impossível tocar seus sentidos. Com o tempo, ele conseguiu se aproximar dela, o que demorou quase três meses. Sem os laços de sangue, tudo fica mais difícil. Todavia, o amor era capaz de milagres, Era um contato frágil e com tempo contado, mas valia cada segundo. E todas as manhãs ou, mesmo, quando ela cochilava na madrugada, Jan Kmam ia para perto das roseiras, colhia uma rosa de talo longo, sentava na poltrona mais próxima e, ao beijar-lhe as pétalas, trazia-a para perto de si. Era o suficiente para que sua amada surgisse em seu mundo, em seus braços. Era como dizem: o amor move montanhas. Entretanto, estar dentro do Jardim significava ficar sob o olhar de Radamés, e não demorou muito para que ele o visitasse:

– Vejo que conseguiu seu objetivo.

Radamés falou enquanto andava no interior da sala onde Jan Kmam agora vivia exilado. O vampiro já havia sentido sua presença e acreditou que fosse um

dos Mais Velhos, Ordália mais precisamente, que nos últimos tempos rondava seus sonhos. Mas, ao voltar-se, reconheceu de imediato o antigo senhor da Ordem dos Pacificadores.

Era a mesma força que o dominara e roubara Kara de sua proteção durante o Intermezzo. Eles pretendiam fugir, Jan havia abdicado do lugar de favorito, traído seu rei para ficar com a vampira que amava. Mas, graças a Radamés, seus planos de fuga foram frustrados. Kara terminou sendo novamente capturada por Caio Graco, e eles tiveram de quebrar os laços de sangue. Sua manobra astuta só favoreceu o rei, afastando-os um pouco mais. E ali estava ele – certamente viera interferir.

– Geralmente consigo o que desejo... E você, não?

Jan Kmam se voltou, apontando-lhe o assento, que Radamés não aceitou. Ficaram de pé. A conversa realmente não seria fácil. Ele sabia que estava diante de Radamés, o único, depois do rei, capaz de fazê-lo voltar ao seu corpo físico. Todavia, não iria se render facilmente.

– Conhece os riscos que corre, e aos quais submete Kara com essa fantasia? – Cobrou Radamés, olhando o vampiro com aborrecimento.

– Veio me julgar? – respondeu Jan, observando-o com calma e curiosidade.

– No momento certo, você mesmo fará isso. Deixe-a livre, não a arraste para o Jardim. É muito perigoso.

– Vai dar o mesmo aviso ao rei? – cobrou Jan, incitado.

– Do que está falando exatamente, Jan Kmam?

– Você não sabe, ou não quer dizer? – disse e por fim continuou. – Quando Kara resolveu se entregar aos exterminadores, Frigia e Demétrius, para salvar a vida do rei, não foi por acaso. Ariel, sem minha permissão de mestre, trouxe-a para o Jardim, amedrontando-a bastante para conseguir dela uma promessa que não poderia cumprir: a de se entregar a ele para salvar minha vida. O rei foi o primeiro a arriscar a vida de Kara e a cometer um pequeno delito.

– Você e Ariel têm cometido atos extremos em nome desse amor. – disse Radamés realmente aborrecido com a atitude de Ariel, andando pela sala, envolto em seu manto negro. Sua presença não afetava Jan Kmam.

– Pouco importa o que Ariel sente.

– Ele a ama tanto quanto você, e sabe disso, ou não teria dado a ele o direito de protegê-la. Não perca seu tempo negando. – disse Radamés fitando seus olhos cintilarem com a verdade.

– Ela é minha amante, a herdeira do meu sangue, meu amor. – Jan o interrompeu de imediato, falando com a autoridade que possuía. – Ela não será a rainha.

– O tempo, e somente ele dita as sentenças. E ela agora é órfã; foi adotada pelos Poderes, pelo rei. Vocês dois precisam deixá-la crescer, não percebem que Kara pode evoluir sozinha? Por que criar uma ilusão para prendê-la, quando ela precisa ficar livre e se aprimorar? – disse Radamés, referindo-se ao ambiente criado pelo vampiro. E por fim a grande roseira como se a reconhecesse.

– É o mundo que conhecemos e amamos. Aqui, ela se sente segura. Como pode dizer isso? Kara só tem pouco mais de cinco anos de vida imortal, ela precisa de seu mestre – argumentou Jan, realmente surpreso.

– O tempo nada significa para um imortal, muito menos para Kara. Ela não precisa de ninguém e vou fazê-la ver isso o quanto antes. Ela o ama e você a ela, mas isso não significa que tenha de mantê-la dentro de uma redoma de vidro. Ela não é uma rosa de sua estufa – ponderou Radamés com veracidade. – Sabe o quanto é perigoso para a alma dela fazer esta travessia? O que pode lhe acontecer?

– Eu posso protegê-la, Kara é forte o suficiente. Ainda sou seu mestre.

– Ariel pensa o mesmo. Mas o tempo e os acontecimentos futuros mostrarão a ambos que Kara é capaz de se defender sozinha. Gostaria de poder detê-los, mas não posso. Tudo que consigo é proteger e guiar Kara no caminho mais acertado.

– Não somos diferentes em nossa afeição, Radamés. Pensamos do mesmo modo, visto que, quando pensou em um professor, você escolheu o melhor, Martan – argumentou Jan Kmam. – Jamais faria algo que pudesse prejudicá-la, eu a amo.

– Eu compreendo e acredito em você, mas não aprovo este vínculo.

– Vai me mandar de volta?

– Eu não tenho tanto poder, majestade – disse Radamés, observando Jan Kmam.

Como Radamés poderia ter domínio sobre o vampiro que substituiu o rei e controlou o Livro? Era-lhe impossível e desgastante. Jan Kmam possuía a realeza. Era herança natural, e ninguém poderia lhe roubar. Mas ele jamais representaria uma ameaça real para Ariel, visto que só desejava ficar ao lado da vampira que amava.

– Ariel ainda não o percebeu no Jardim, e eu nada revelarei. Seja cauteloso, o caminho até o Jardim é cheio de espíritos cruéis e perigosos.

– Saberei protegê-la. Vai contar a ela o que descobriu?

– Não. Vou deixar a pequenina se sentir poderosa diante de minha presença.

– Obrigado, Radamés.

– Não me agradeça, estou somente fingindo que nada sei. Mas, se quiser me agradecer realmente, quando chegar o momento, lembre-se de que existe algo que nada nem ninguém poderá mudar: o amor que Kara sente por você. Lembre-se disso quando ousar julgá-la por seus crimes que ela venha cometer em nome do amor.

Radamés desapareceu do mesmo modo que apareceu, deixando Jan Kmam cheio de dúvidas. O futuro era um enigma insondável e ele só lamentava estar distante e sem condições de lutar por sua amada como ela merecia. Sentou-se na poltrona e lá ficou, imerso em pensamentos. Teria de fazer um intervalo maior entre as visitas de Kara, algo que a deixaria bastante inquieta e saudosa.

Se ele pudesse, cruzaria a barreira e iria até ela, mas, se fizesse isso, sua alma se perderia e jamais voltaria ao seu corpo, seria suicídio. Somente algo lhe trazia tranquilidade, a proteção que Radamés e Martan ofereciam à sua *petite mademoiselle*.

O que ele não sabia é que estavam sendo vigiados bem de perto por uma velha inimiga.

Capítulo 4 - Como Antigamente

Vilarejo próximo a Kiev, Ucrânia – três dias antes da visão. Pavel corria às cegas pela floresta, os galhos mais baixos pareciam chicotes lhe ferindo o rosto, as mãos. Sua respiração ofegante o incomodava, assim como o coração batendo como um tambor. O vento frio fazia sua respiração se condensar no ar. O som de seus passos sobre as folhas parecia ensurdecedor. Tudo que almejava era chegar ao vilarejo, onde conseguiria se abrigar e avisar os demais sobre o ataque. Um lugar simples e de poucos recursos, mas certamente teria telefone.

Olhava para os lados e só via árvores e arbustos. Não podia dormir na floresta, Samael o encontraria. Pavel beirava os 40 anos, estava em forma, e isso o ajudou a fugir, mas ele não sabia por quanto tempo conseguiria se esconder. O seu cheiro estava no ar, seria localizado facilmente.

Há três dias, tal aventura seria impossível de ser imaginada. Pavel trabalhava como professor da Universidade de Moscou. Ele lecionava egiptologia, era uma sumidade no assunto, com vários livros publicados. Sua fama fez com que muitos o procurassem para analisar achados arqueológicos, ou dar sua opinião de especialista em programas de TV. Foi assim que um homem chamado Samael o contatou. Ele queria ajuda para traduzir um pergaminho bastante antigo. Pavel, a princípio, recusou; afinal, Samael não quis dizer por telefone onde fora achado tal pergaminho. Segredos dentro daquele ramo eram compreensíveis, mas não para quem o decifraria e revelaria sua autenticidade. Contudo, ele insistiu, dizendo que o pergaminho tinha grande valor histórico e que sua tradução o faria mais famoso. Por outro lado, pagaria por qualquer parecer. Pavel aceitou, estava precisando de novas ideias – talvez o manuscrito fosse a base para seu próximo livro. Eles marcaram um encontro na universidade. Seria mais seguro. Havia muitos ladrões de tesouros no mercado, de modo que, na universidade, em seu laboratório, poderia ter todos os recursos necessários para examinar o pergaminho. Recebeu o estranho em seu gabinete particular, um ambiente acarpetado, com cadeiras de couro, uma

mesa de madeira, rodeada de estantes de livros. Um luxo que conseguira graças à sua inteligência e ao seu esforço.

Pavel abriu a porta para seu convidado e ficou diante de Samael. Aquele homem tinha uma combinação acertada de qualidades que, reunidas, davam-lhe beleza e um toque de mistério. A pele era clara, sem marcas, queixo liso, sem pelos. A altura, o físico magro e forte, os olhos escuros que se assemelhavam aos de um animal, os cabelos lisos, negros, que insistiam em cair sobre seu rosto, disseram muito a Pavel, sem contar o anel de ouro branco em sua mão direita. Nele, a marca de sua Alcateia, a LL, ou Lupus Lupus. Sua Alcateia vinha da Espanha e de um vasto território da Europa Oriental.

Samael estava diante de um estudioso, mas não foi por intermédio dos livros de História que Pavel adquirira conhecimento sobre sua espécie. Havia quatro séculos que sua família guardava um segredo antigo e muito perigoso. Ele era o segundo membro de um grupo chamado Ordem de Hermes. Os membros desse grupo possuíam a difícil tarefa de guardar com a própria vida partes de um antigo pergaminho encontrado numa tumba bastante singular. Sua família transferira a responsabilidade às suas mãos quando seu pai faleceu, uma responsabilidade passada de geração a geração. Desde então, ele havia feito fortuna e sucesso. Mas com a certeza de que jamais deveria revelar a localização do manuscrito ou torná-lo público, além de nunca reuni-lo com os demais pedaços, pois, do documento original, ele protegia a segunda de quatro partes.

O alarme não fora soado por nenhum dos membros, o que levou Pavel a crer que a Ordem permanecia. E mais: nenhum dos pergaminhos havia sido violado. Então, por que motivo aquela criatura estava na sua sala? Seria ele o primeiro a ser localizado? Como Samael o encontrara? Os membros da Ordem de Hermes não se reuniam havia séculos, não se falavam, mas sabiam quem eram, e os nomes de cada um deles. Para evitar traições, tudo que mantinham era contato por mensagens no jornal. Caso algum deles perdesse sua parte ou estivesse sob ameaça, deveria publicar no jornal Le Monde a seguinte nota: “Napoleão chegou ao Egito”.

Pavel lera o jornal aquela manhã e nada fora publicado. A criatura pretendia manter o jogo, e o professor quis ver até onde ele ia. Na sua gaveta, mantinha uma faca muito especial, ela era feita da melhor prata natural, oriunda da Noruega, mais precisamente de Kongsberg. Quando extraída, ela se mostrava em forma de arame torcido. Sem contar que a arma fora banhada com Moli, uma erva rara e tóxica a um animal de sua espécie.

O segredo fora preservado por tantos séculos... Quem poderia ter se traído e revelado para aquele lobo informações sobre o pergaminho?

– O diário é bastante antigo, mas o papiro está em ótimas condições. Entretanto, seu valor é discutível, visto que é somente um relato da vida doméstica de uma família abastada em Alexandria. Fala de três pessoas – Pavel falou, traduzindo rapidamente as primeiras linhas. – Afrodite, Radamés e um menino adotado pelo senhor da casa, Amaro.

Ao pronunciar aqueles três nomes, Pavel sentiu o sangue gelar nas veias. Moveu o pergaminho com duas pinças e observou a fibra. Sua autenticidade era inegável.

– Onde o encontrou?

Pavel perguntou absorvido com os detalhes da caligrafia, querendo ouvir de sua boca a verdade.

– O diário foi encontrado há dois anos numa escavação em Alexandria. Nada muito importante, apenas uma residência de um rico comerciante. O fato é que o diário relata estranhos acontecimentos na vida dessa “família”. Ninguém sabe quem o escreveu, mas certamente pertencia a um de seus membros. Um escravo não teria domínio do grego, ou do latim nem, muito menos, de hierática. Comprei-o de um amigo em comum, Alan Colbert.

A menção do nome do primeiro guardião deixou claro que Samael não estava ali por acaso. Não podia, seria muita coincidência. Além disso, Alan jamais venderia aquele diário, ele o comprara a peso de ouro num leilão, em Londres,

somente por conter o nome do homem que escrevera o pergaminho do qual eram guardiões.

Alan ainda o traduzia. Ele buscava encontrar o momento exato em que o pergaminho que protegiam havia sido confeccionado e seu verdadeiro uso. O diário pertencia realmente ao homem que escrevera o pergaminho, seu nome era Radamés. Alan não era tolo: assim que descobriu a verdade, dividiu o diário em duas partes. Ficou com uma delas, e, a outra, mandou para um destinatário na Espanha, Belizário, o líder da Ouroboros. Ele sabia que estava sendo seguido por vampiros e lobisomens. Quando Samael apareceu em sua livraria, ele teve certeza de que agira bem. Pavel ergueu a cabeça e fitou o homem a sua frente, que parecia disposto a abrir o jogo.

– Alan jamais venderia esse diário, ele o estava traduzindo.

– Realmente, ele não me vendeu, eu peguei emprestado. Ele não vai mais poder traduzir o pergaminho, agora que está morto.

Samael revelou o ato de modo maligno e encarou Pavel. Seus olhos estavam dilatados, a fera apareceu. Pavel fechou o diário com cuidado e o devolveu a Samael. Foi para sua mesa e sentou-se com aparente calma, enquanto era observado.

– O que realmente deseja?

– Os pedaços do pergaminho. – Dizendo isso, Samael tirou da pasta o primeiro pedaço e mostrou-o ao professor.

Pavel olhou o precioso pergaminho dentro de uma embalagem plástica, mas não o tocou. Samael, num movimento rápido, segurou seu braço e afastou a camisa. Buscava a marca: era preciso ter certeza de que falava com o homem certo. A Ordem de Hermes era bastante astuta, seus integrantes se camuflavam com facilidade, mas, pelo que percebeu, havia encontrado alguns deles. A marca em seu pulso lhe disse isso. Aquele círculo repleto de inscrições era o mesmo na ponta do

pergaminho. Nele, encontrava-se a chave para despertar uma força antiga e libertadora. Ele soltou o homem e o ouviu falar.

– A única coisa boa que adveio da campanha de Napoleão no Egito foi a Pedra de Roseta. Graças a Jean-François Champollion, eu tenho um bom emprego. Todo o resto é desgraça e maldição – disse Pavel, convicto de que se ocultar atrás de mentiras naquele momento era inútil.

Seus dedos tocaram o cabo da faca e empurraram a bainha para longe.

– Eu sempre quis saber com detalhes o que aconteceu naquela tumba – Os olhos de Samael tinham um brilho curioso e demoníaco.

– Nada que um lobisomem como você mereça saber.

O soco jogou Pavel no chão, a faca caiu longe. Ele não era um guerreiro, era um simples professor. Samael olhou a faca, pegou seu lenço e a recolheu do chão sem tocar na prata, percebendo sua preciosidade. E sentiu o cheiro da erva com desagrado.

– Para usar algo tão mortal é preciso ter coragem, coisa que você não tem e nunca terá. Alan era bem mais preparado, lutou comigo como um homem e morreu de modo heróico.

Samael se lembrou do episódio e o contou a Pavel com prazer.

– Invadi a casa de Alan ao anoitecer e comecei a torturá-lo em busca do local onde estava o pergaminho. Ele jamais diria a localização e morreria em silêncio, mas quando Joyce, sua filha, voltou repentinamente de um passeio, ele se viu em desvantagem. Tomei-a imediatamente como refém; ela lutou, mas consegui dominá-la.

– Alan, você realmente se misturou! Ela é uma maldita mestiça! – debochou, Samael, sentindo a natureza da filha de Alan, que olhava, confusa, para seu pai. – Ah... Você não sabia? Que doce! Deixe-me contar o que você é.

Samael a segurava com força junto a si, apertando-a contra seu corpo e fazendo-a enfrentar seu olhar de lobisomem.

– Seu papai se deitou com uma loba. Sabe o que significa? Que você muito em breve vai uivar, cadelinha!

– Não! Joyce gritou ao ser apertada com força pelo lobisomem.

– Sou um lobisomem, fui infectado, não nasci homem-lobo como a elite, mas ainda sou melhor que você. No meu mundo, você é nada! Mas, talvez, se nós dois entrarmos num acordo, quem sabe possamos produzir uma nova espécie... O que acha?

Samael apertou seus seios de modo imoral e a fez debater-se em seus braços. Ele rugiu junto à sua face e os caninos surgiram. E a fez gemer de dor, pois arranhava seus ombros, torturando-a diante do velho Alan.

– Solte-me! Eu sou mortal!

– Deixe-a em paz, maldito! – ordenou Alan, cansado da tortura.

– Onde está o pergaminho?

Samael pediu, segurando-a pelo pescoço com força. Joyce era uma jovem linda de cabelos escuros e olhos extremamente verdes. Tinha o rosto banhado em lágrimas e tremia sob as garras daquele ser. Sem escolha, ele lhe entregou sua parte do pergaminho.

Alan a guardava sob o piso detrás de sua mesa na biblioteca. Ele sorriu ao ver a parte do pergaminho protegida por um saco plástico. Livres, Alan e Joyce atacaram Samael com uma lança. Ela perfurou o lobo diversas vezes, mas recebeu uma violenta patada, que a lançou contra a parede a deixando inconsciente. Ele passou por para Alan e o matou com uma patada – o velho morreu rapidamente. O lobisomem cruzou com a jovem desacordada e sequer se importou. Tinha rumo certo: Rússia.

– Agora me diga: onde está sua parte do pergaminho?

O lobisomem perguntou terminando sua narrativa, passando a lâmina sobre o antebraço de Pavel, que gemeu de dor enquanto o sangue escorria.

–Viu só? Ela também serve para ferir a laia mortal. Agora, diga! Onde está sua parte no pergaminho?

Pavel aguentou o quanto pôde, mas a tortura o venceu. Samael o espetou e cortou nos braços. A tortura durou cerca de 30 minutos, até ele revelar o local onde escondeu o pergaminho. Isso não bastou. Samael ergueu-o do chão e, sorrindo, jogou sobre ele seu casaco e as chaves do carro.

–Você dirige, professor. Temos algumas horas de viagem pela frente.

Sem alternativa, Pavel levou-o até seu carro no estacionamento da universidade, mas antes passaram pelo banheiro, onde o professor pôde enfaixar o braço bastante ferido. Durante a viagem, Samael recebeu duas ligações telefônicas em seu celular, falou em francês e, depois, em inglês. O professor, que dominava os dois idiomas, teve certeza de que Samael e seus aliados pretendiam usar o pergaminho, o que lhe deu coragem para pôr um plano de fuga em ação. O lobisomem, estava confiante de sua vitória e, depois de desligar o celular, recostou a cabeça e passou a observar a estrada. Parecia muito longe e, deste modo, adormeceu. Assim que Pavel reconheceu a estrada que os levaria ao vilarejo, resolveu pôr seu plano em ação. Esperou a curva certa, colocou o cinto de segurança, aumentou a velocidade e fez a curva. O carro derrapou e começou a descer a ribanceira, cortando o mato e passando por árvores em grande velocidade. Era tarde demais para conter o carro. Samael rugiu sobre Pavel e deu-lhe um soco. Ele descia numa linha reta quando se chocou ruidosamente contra uma árvore. O impacto lançou Samael através do para-brisa e contra a árvore. Qualquer mortal estaria morto com a violência do impacto, mas não aquela criatura. Ele ficaria desacordado até que seu corpo se regenerasse, coisa de 30 minutos, talvez com sorte uma hora. Se fosse lobo de nascimento, já estaria de pé, fazendo-o em pedaços. Mas, como um lobisomem, sua capacidade de regeneração era mais lenta.

Pavel estava tonto, mas vivo e sem ferimentos. Desafivelou o cinto e se apressou. O carro não iria incendiar-se, o que era uma pena. Sem perder mais um segundo, o professor pegou sua faca de volta entre as roupas ensanguentadas de Samael; foi até a mala do carro e apanhou uma lanterna, sua bússola e um velho casaco. Ia precisar daqueles objetos nas próximas horas, afinal estava escurecendo.

O professor correu o que pôde; quando não mais aguentou, caminhou depressa e, por fim, voltou a correr. O local onde escondeu o pergaminho fora revelado, precisava movê-lo o quanto antes ou, em pouco tempo, estaria em poder de Samael. Quando finalmente conseguiu sair do bosque, encontrou a estrada de terra. O vilarejo localizava-se no fim daquela estrada, mas o céu se tornara cinzento, e Pavel só contava com seus sentidos e a bússola. Caminhou por quase 40 minutos, o que poderia significar que aquela criatura já estava de pé, caçando-o, atrás de seu rastro. Em seu escritório, possuía uma poção capaz de encobrir seu cheiro de qualquer animal; sem ela, era um alvo fácil. O portal de entrada do vilarejo apareceu, para alegria de Pavel. As pequenas fazendas abandonadas e seus campos desertos deram a ele a certeza de conseguir seu intuito. Além delas, civilização, um telefone, o mundo real.

Para ele, a sensação era de alívio, mas, para qualquer desavisado, aquele cenário beirava o sinistro. Tudo à sua volta era cinza, até mesmo o campo. As pequenas cercas que circundavam as cabanas eram feitas de pedra e madeira, cobertas de palha. As árvores sequer se moviam, o vento tinha parado. Melhor assim, não iam espalhar seu cheiro e seu suor pelo ar. Pavel se orientou pela bússola e seguiu rumo ao sul. Estava perto agora, a tatuagem em seu punho ardia. Ele a conseguiu quando fora feito guardião do pergaminho. Bastou segurá-lo e jurar defendê-lo para que a pele de seu pulso começasse a arder e queimar. Sua mente foi tomada por uma visão. A mesma que todos os guardiões tinham ao receber o pergaminho.

A invasão da tumba de Radamés, os saqueadores sendo atacados, a fuga e o roubo do pergaminho. Ele carregava consigo o peso da culpa e dos crimes de seus antepassados. Entrou na cabana e ligou a lanterna. Havia o som dos pássaros, o

cheiro de mofo e feno úmido. Andou alguns passos e, quando a tatuagem quase ficou incandescente em sua pele, estava no fundo do celeiro. Colocou a lanterna de modo a iluminar precariamente o celeiro e um fecho de lua criou um cone de luz. A parede de pedra exibia alguns rabiscos imperceptíveis aos olhos de qualquer desavisado, menos aos de Pavel – eram hieróglifos. Ele os tocou e removeu a pedra. Atrás dela, um buraco e, nele, uma caixa de metal. O professor a moveu e logo a pasta apareceu de seu interior. Dentro dela, protegida por um invólucro de plástico, a segunda parte do pergaminho.

– Bravo, professor! Bravo!

Samael falou às suas costas, aplaudindo-o. O homem estava completamente refeito, a única coisa que lembrava o acidente e sua suposta morte eram as roupas sujas de sangue. Pavel se virou, ainda segurando a pasta, com a faca em punho. Samael estava um pouco atrás do cone de luz que os dividia na escuridão absoluta do velho celeiro. A única coisa de que Pavel tinha certeza era que ele não iria conseguir tão facilmente, morreria lutando.

– Ah! Vejo que quer lutar... É isso mesmo que deseja, professor? Imitar o ato heróico de Alan?

O professor podia ver os olhos de seu perseguidor. Eram como os de um lobo, brilhavam na escuridão. Sua voz estava rouca e era quase um rugido animal. Pavel viu suas mãos crisparem-se, as unhas tornarem-se mais longas e afiadas. Ele assumia, enfim, a forma do lobisomem. Quando a tal criatura caminhou até a luz da lanterna, seus caninos apareceram ameaçadores. Mesmo com medo, Pavel respondeu.

– Sim, é o que desejo.

Samael sorriu e pulou sobre Pavel, que usou sua faca. Cada estocada na pele do homem-lobo fazia-o rugir de dor enquanto o sangue escorria. Finalmente, conseguiu cravar a faca em seu ombro, ao errar seu peito e seu coração. O golpe lhe seria mortal. Seu erro de cálculo foi fatal. Era uma batalha perdida para o guardião. Num revide natural, Samael estraçalhou, numa mordida, o braço de

Pavel, que caiu ao chão muito ferido, gritando de dor. A criatura avançou sobre sua garganta e a rasgou, fazendo o sangue surgir em profusão. Estava terminado. Mais um pedaço do pergaminho agora pertencia a Samael e a um grupo de criaturas que visavam à destruição do Pacto dos vampiros. Na manhã seguinte, no jornal Le Monde, uma nota foi publicada: “Napoleão chegou ao Egito”.

Joyce, a filha de Alan Clemont, assumiu o lugar de guardião do pergaminho. Sua missão era recuperar o pedaço roubado. Mas, para isso, ela precisava encontrar com Belizário, o homem à frente da Ouroboros.

Capítulo 5 - Barcelona

Kara despertou e foi para a janela, lá se debruçou e contemplou a noite de Barcelona. Estava numa espécie de labirinto, que os espanhóis chamavam de bairro Gótico. Ele ficava à esquerda de La Rambla, a rua mais alegre da cidade, e também a mais florida. Isso tocou Kara de modo único. A rua era um rio verde, sinuoso, feito de árvores e barracas repletas de flores e rosas. Comprou um ramalhete e o colocou em seu quarto assim que despertou – o cheiro das rosas lhe trazia a presença de Jan Kmam. Da janela, metros abaixo, ela podia ver a sede do governo da Catalunha. A ponte que ligava a sede e a residência oficial era uma obra de arte medieval. Um pouco mais adiante, era possível ver ruas estreitas e tortuosas, onde as portas podiam se abrir em forma de um café, uma loja de antiguidades, até mesmo um restaurante. Um lugar perfeito para andar e se perder. Ao longe, podia-se ouvir o som de conversas de uma cidade fervilhante e moderna, que parecia estranhamente isolada daquele pedaço de mundo perdido no passado.

O quarto onde fora instalada possuía móveis antigos e suntuosos. Na cama, ainda havia colunas e dossel. Ao que parecia, o palacete era mantido como séculos antes. Cansada de só observar, Kara resolveu se preparar, pois precisava conhecer seu anfitrião. Após um bom banho morno, algo que a deixava com a pele mais corada, foi para o andar térreo conhecer seu professor. Enquanto descia a escadaria rumo à sala de visitas, ela contemplou a maravilhosa coleção de armas e objetos antigos. Estavam expostos na parede e todos, certamente, deveriam ser originais. A decoração de móveis antigos persistia em cada recanto do local. O palacete estava silencioso, havia o aroma doce de jasmim e tabaco, como se alguém queimasse charutos. E, de fato, Martan, próximo à lareira, tirava os charutos da caixa e os lançava ao fogo. Eram cubanos legítimos. Quando lançou o último, depositou a caixa sobre o parapeito da lareira para, finalmente, se voltar em sua direção. O olhar verde-escuro deslizou pela figura da vampira sem pressa – era mais

admiração que curiosidade. Uma vampira pequenina e de aspecto doce. Mas, desde a primeira vez que a virar na Arena, sua presença trouxe ao vampiro um sentimento de afinidade imediata. Talvez pela coragem que demonstrou ao desafiar vampiros bem mais velhos e perigosos para defender seu amante. E, depois, lutar ao lado do rei como se fosse inerente à sua natureza lutar. Kara ocupou por algumas horas um lugar bastante almejado e de difícil mérito e permanência: o de campeã do rei. O que ela não percebia ainda era que trazia em si a marca daqueles que nasceram para lutar, a cada dia de sua imortalidade, por sua independência.

Seria uma aluna desafiadora, sua técnica era totalmente instintiva. Seus movimentos eram lentos e mortais, apesar dos esforços para parecer madura. Kara precisaria se esforçar bastante para surpreender o vampiro à sua frente.

Radamés deixou claro que a vampira poderia ficar ou partir, ele não poderia impedi-la, mas que deveria dar-lhe motivos para ficar. Kara o observou e o achou bastante diferente da maioria dos vampiros que viu. A ausência de cabelos, o modo quase militar como se vestia. A malha de tricô negra, o jeans, as botas leves. Ele era exótico e parecia ser um professor exigente.

– Radamés me incumbiu da tarefa de ensiná-la a ser uma guerreira. Sinto-me extremamente lisonjeado com sua escolha. E devo avisá-la de que cumprirei a palavra dada – disse, observando os movimentos da vampira.

– Eu tenho algum conhecimento de luta...

– Vi você lutar na Arena. Tem muito a aprender. Afinal, sorte tem de sobra.

Martan andava pela sala avaliando Kara. Ele era alto, talvez um metro e oitenta ou um pouco mais. Kara recuou e ele a deteve.

– Não recue, apenas fique e sinta minha presença. Seu gesto acabou de dizer que tem medo. Você vai aprender comigo não somente quando estiver com uma espada nas mãos, vai aprender sempre. Pode compreender? – explicou Martan suave e conversável.

– Sim. Entendo – disse ela, aceitando suas instruções.

- Radamés a fez portadora de uma pequena caixa, não é mesmo?
- Você a receberá agora?
- Sim, nós dois somos seus guardiões. Tenho um cofre e é nele que a caixa deverá permanecer até recebermos mais instruções.

Kara voltou aos seus aposentos e, quando retornou à sala, trazia a caixa nas mãos. Martan pediu que o acompanhasse até a biblioteca, onde o cofre ficava escondido. Ela o seguiu pelo corredor da mansão, e, ao longo dele, havia pinturas e pequenas mesas com vasos de flores, cadeiras bordadas, um lugar de grande beleza e classe. A biblioteca era lindíssima, razão pela qual Kara ergueu a cabeça, admirada. O teto alto e pintado chamou sua atenção imediatamente. Ali, sobre suas cabeças, um afresco retratava cenas magníficas e dramáticas.

- Troia?
- Sim. Um dos momentos mais importantes dessa guerra, que durou tanto quanto a capacidade humana de odiar.

Martan se aproximou da parede junto ao vaso de porcelana chinesa, deslizou a mão sobre a madeira e a empurrou, revelando uma chave. A chave era redonda e cheia de fendas. Assim que foi girada, moveu-se dentro de uma engrenagem bastante engenhosa para só então abrir o cofre. Kara entregou a caixa para Martan, que a guardou dentro do compartimento secreto. Assim que a fechou, ele olhou para Kara e disse:

- Vou lhe mostrar a casa.

Kara o seguiu pelos cômodos, aprendendo a mover-se por seu mundo. O palacete, se observado pelo lado de fora, não demonstrava sua grandiosidade. Mas, ali dentro, ela pôde constatar seu tamanho real. O ambiente a fez lembrar-se dos casarões portugueses. Vários quartos e salas ligados por corredores e portas laterais. Lindíssimos e muito bem conservados; Martan comentou sobre algumas das reformas feitas por ele assim que o adquiriu, há dois séculos. Quando chegaram ao pátio interno, Kara sorriu e, no primeiro passo, sentiu a fragrância

exótica do jasmineiro. O vampiro percebeu o quanto ela havia realmente apreciado a casa.

O chafariz que ficava no centro do jardim era composto de uma grande piscina, cheia de plantas aquáticas. Sobre ela uma estrutura de pedra se erguia em bacias sobrepostas, repletas de faces leoninas de bocas abertas, que lançavam água em diversas direções. A água corria livremente, renovando-se. O som era bastante agradável. À sua volta, vários vasos e jardineiras repletas de flores; no canto direito, um jasmineiro bastante antigo. Kara andou pelo espaço encantada com aquele pequeno recanto tão paradisíaco. Era como estar numa estufa aberta. Na árvore, pássaros adormecidos. Recuou com medo de espantá-los, mas sua fragrância doce estava por todo o jardim. Pena seus aposentos ficarem com a janela voltada para a rua, e não para o pátio interno.

– Kara, não é isso? – quis confirmação.

– Sim, me chamo Kara.

– Kara é diminutivo de Karina?

Martan perguntou sentando no banco do jardim e convidando a vampira a fazer o mesmo. A noite estava perfeita, e ali parecia muito melhor para ser absorvida. Kara se sentou e só então respondeu:

– Não. É somente Kara.

Kara percebeu o anel na mão do seu professor. Era verde como seu olhar. Uma pedra lapidada com esmero e personalidade. Lembrava bastante o olhar de Ariel, e a sensação não a agradou. Recordar-se do rei a fez pensar: Saberá ele sua atual localização?

– O nome de um rio na Rússia, se não me engano. Mas certamente tem muito pouco de sua frieza no olhar.

–Você pertence a algum dos Poderes?

– Não. Sou muito livre para me prender a um cargo. Tenho procurado me manter afastado, mas é quase impossível. Enfim, o que a preocupa?

– O rei. Ele leva a sério a responsabilidade que lhe foi passada quando Jan Kmam entrou na Caixa.

–Você é jovem e está sob a tutela dos Poderes. Aliás, estava; isso mudou quando Radamés veio até mim e passou tal responsabilidade. Ela é temporária, deve saber.

– Gostaria é de ficar incógnita, longe de seu poder. – disse Kara, andando próximo a Martan.

– E assim continuará enquanto permanecer sob minha responsabilidade. Todavia, não posso enganá-la: Ariel sabe de sua presença em minha casa.

– Então não poderei ficar – lastimou Kara.

– O que teme? Que o rei venha tirá-la de minha proteção?

–Há muito que temer dentro da imortalidade – filosofou Kara.

–Entenda, Kara: fugir dá a ele motivos para caçá-la. Todavia, saber que você está aqui o pacifica. Ele revelou estar seguro, sabendo-a em minha casa. Por que não relaxa? – disse Martan, vendo o aborrecimento da vampira.

– Não se deixe enganar: aos olhos dos Poderes, eu sou uma delinquente.

Kara conhecia a opinião do mundo vampiro sobre ela. Togo, Otávio e o olhar de muitos vampiros durante a Arena deixaram claro que a consideravam rebelde e desrespeitosa. O tapa de Togo e as acusações dolorosas de Otávio ainda a magoavam, mas não a abatiam. No fundo, o que lhe importava era a opinião de Jan Kmam. Precisava comer – a fome a deixava mais sensível, vulnerável. Voltou-se com o simples ruído de uma folha caindo ao chão do pátio. Martan percebeu como seus sentidos eram muito poderosos. O que seria deles quando os aperfeiçoasse? Uma arma letal.

– Bem, se me dá licença, preciso sair – disse Kara, afastando os cabelos do rosto.

– Kara, não somos os únicos vampiros em Barcelona. Quero lhe mostrar por onde andar e onde caçar com segurança. Hoje, pode dispor de meu escravo de sangue.

Kara franziu a testa um tanto incomodada, e Martan compreendeu que ela achava aquilo medieval. Mas era preciso, ele havia sentido a presença de lobisomens e, até mesmo, de homens-lobos bem perto. Talvez sua chegada os tenha alertado; ela era nova, e sua presença não iria passar despercebida. Teria de observá-la por algumas noites e avisar os donos dos territórios. Subitamente, sentiu-se protegendo uma relíquia sagrada. De qualquer modo, era muito tarde; ele havia dado sua palavra e a cumpriria. Ela não parecia do tipo que conseguia muitos problemas, tinha um temperamento bastante calmo e sociável.

– Eu não acho certo, ele é seu amante?

Kara se moveu pelo jardim como se estivesse com vergonha de tocar no objeto de seu desejo. Não queria ficar entre dois amantes.

– Ele não é meu amante. Entenda: mesmo que ele fosse, não poderia impedi-los de se possuir se assim o desejassem. Escrúpulos, culpa...? Livre-se deles e viverá melhor na imortalidade. Compreendo sua repulsa; de fato, é um termo antigo para o que se chama hoje de doador consciente. Não existem vínculos afetivos, é tudo somente sangue e desejo. Ele aprecia o prazer da mordida e o dinheiro que lhe pago.

Kara compreendeu e se sentiu menos envergonhada diante da situação. Comer, para um vampiro, era um ato único. Principalmente se ele fosse deixar o mortal vivo.

– Não quero que conquiste inimigos em sua primeira noite em Barcelona.

– Compreendo – acatou a contragosto.

–Vá para seus aposentos. Logo, Enrico estará em sua companhia. Vai gostar dele. E não se preocupe: eu já me alimentei fora.

Kara estava de saída quando o vampiro a deteve um tanto preocupado. Em sua face, havia um mundo de interrogações.

– Sabe quando parar? Já fez isso antes?

– Não. – Ela admitiu com um riso tímido na face, não queria matar seu escravo. Martan sorriu e a acompanhou até seus aposentos, explicando como ela deveria proceder, o que fazer, como aproveitar aquele momento e como controlar um escravo de sangue. Ela compreendeu e se achou capaz de fazê-lo sem danos para o mortal. Não demorou muito, Enrico bateu levemente e entrou, fechando a porta. Em seguida, simplesmente esperou os movimentos da vampira, que achou linda e jovem. Kara ouviu seu coração batendo, e essa melodia para um vampiro faminto é única. A situação era nova, mas a fome, bastante conhecida, guiaria seus atos. A pele fresca do jovem a atraiu, assim como o olhar castanho, os cachos negros. Nele não havia medo, só a espera desejosa dos que apreciavam o beijo de um vampiro. Ela estendeu a mão e tocou-lhe os cachos, deslizando os dedos frios por sua face juvenil. O rapaz resolveu abrir a camisa e deixar sua garganta à mercê da vampira. Kara o puxou para o sofá e o empurrou suavemente para que se sentasse. Sentado com o peito nu, as pernas longas sem flexionadas, Enrico viu o exato instante em que eles seus olhos negros se dilataram. O mortal percebeu os caninos entre os lábios macios e cheios. Kara sentou em seu colo e o envolveu em seus braços. O coração dele acelerou, estava excitado. A vampira roçou os lábios nos dele e sussurrou:

– Serei cuidadosa.

Logo depois, Kara beijou a carne de sua garganta, que mordeu com força e sugou. Enrico fechou os olhos e se recostou na poltrona, sua mão estava sobre a cintura delicada de Kara, os dedos tocando seu colete negro, os cachos que por ali despencavam. A vampira sugava lentamente, concentrada; afinal, precisava ouvir seu coração, ele lhe diria quando parar. Dois minutos depois, afastou-se da carne

sangrenta. Ela acariciou seu rosto para sentir sua barba crescida. Os dedos roçaram os pelos, e o som era delicioso para sua audição aguçada. Cheirava à vida, a algo doce como canela. Ela lambeu a ferida e se afastou. Sentia-se menos faminta; contudo, não estava saciada.

Enrico tocou sua face e ensaiou despir Kara, que segurou sua mão e saiu de seu colo. O mortal ansiava por um pouco mais, e ela teria de detê-lo. Ele era adorável, mas não queria que ele a tocasse. Em sua mente, havia cenas de prazer e sexo. O jovem só tinha cara de anjo.

– Saia agora, Enrico – ordenou Kara, temendo beber mais e matá-lo. Enrico percebeu o olhar se tornar assassino – conhecia vampiros o suficiente para saber quando deveria insistir ou partir. Enquanto isso, Kara refletia.

A convivência com Martan seria proveitosa e amigável, mas estava óbvio que seria um professor exigente. Saber que o rei conhecia sua localização a aborrecia, preferia vê-lo sofrendo. Mas ela sabia como se defender dele, Radamés a ensinara a erguer um muro, afastando-o de sua mente. A vampira jogou-se na cama e começou a organizar os últimos acontecimentos. A palavra liberdade tinha outro sentido agora. Sentou-se na cama, tocou a cabeça, olhou à sua volta e encontrou o vazio. Seus olhos escuros só buscavam a presença de Jan Kmam, enquanto ela somente sentia a solidão devorá-la lentamente.

– Saia das sombras, Radamés. Eu posso sentir sua presença.

O vampiro caminhou lentamente, saindo da escuridão do quarto como se viesse de outro plano. E ficou à frente de Kara, só que distante. Havia ido recentemente ao Templo recarregar-se sob o cone de luz entre os sarcófagos. Geralmente, quando o fazia, sua energia tornava-se danosa aos demais vampiros. O manto cobria-lhe a veste egípcia, a cabeça raspada. Belo e misterioso como de costume.

Subitamente, ele aspirou o ar e sentiu o cheiro de sangue fresco no recinto. Percebeu também que Kara não sentia nada, àquela distância ela já sofreria os efeitos da energia, ficando tonta. Resolveu se aproximar um pouco mais da

vampira. Kara, moleca, furou a ponta do dedo, estendendo-o a Radamés. Ele o segurou e, com uma lambida tímida, provou-o para, por fim, sugar, e sorriu de sua brincadeira inocente. Se quisesse, poderia envolvê-la em seus braços e drenar suas forças, absorver sua doçura. Ficar em seu paladar por séculos como o sabor de uma tâmara madura, ou a mais doce das uvas. Solto seu dedo e teve uma certeza: Kara poderia ir ao Templo da Esfinge em pessoa e nada sofrer.

– Sinto falta do Brasil – disse Kara, jogando-se sobre a cama para agarrar os travesseiros de modo felino.

Ela estava entediada, um pouco sonolenta ainda, chegando, mesmo, a bocejar.

– Está longe somente há três dias – afirmou Radamés, sentando-se na cama.

–Três dias? – Kara ficou surpresa.

–Você precisava desaparecer dos sentidos do rei, descansar e recuperar suas forças. Então, eu a fiz dormir.

O que Radamés não disse é que a havia poupado da visão que enfraquecera até mesmo o Rei Ariel Simon. No estado de tristeza e dor em que ela estava, poderia sucumbir ao sono vampírico e não mais despertar.

– Pareceu uma eternidade. – ela se queixou.

– Trouxe-lhe um presente. – Dizendo isso, Radamés puxou algo das vestes. Kara sentou-se sobre a cama animada, mas, ao reconhecer o diário, ficou aborrecida de imediato. Ele lhe fora dado pelo rei logo nos seus primeiros anos de vida imortal. Jan Kmam condenou o presente de imediato e a avisou do risco de manter tal objeto. Hoje, compreendia sua preocupação. Olhou a peça com desagrado.

– Por que está me tentando, Radamés? É alguma espécie de teste do rei?

–Ariel não controla meus atos nem minhas determinações. Ele não sabe que a visito.

– Não se preocupe, não somos íntimos a esse ponto. Pouco importa, não preciso de um diário; eu me lembro de tudo. Não quero esta coisa. Leve-o daqui

– Pediu Kara, inquieta com sua insistência.

– Faça deste objeto seu melhor amigo, seu confidente – disse Radamés com o objeto esticado em direção à vampira, percebendo que ela fitava o diário com receio.

– A crueldade de vocês não tem tamanho. Será que não entende? Minhas palavras naquele manuscrito sentenciaram Jan Kmam. – queixou-se Kara, infeliz.

– Jan Kmam cumpriu seu papel de mestre. Todavia, você não errou sozinha: ele, Otávio e o próprio rei tiveram sua parcela de culpa. E você, heroicamente, salvou todos eles. Otávio e Ariel já agradeceram? – Radamés parecia aborrecido com ambos.

– Jamais esperei por agradecimentos. Só tentava consertar meus erros.

– O que Otávio lhe disse? – suspeitou Radamés, observando o olhar da vampira ficar escuro pela mágoa.

– Pouco interessa agora. A dor passou, eu mudei e ele não vai conseguir me ferir novamente.

Kara recuou, mas Radamés já havia tocado sua pele. O vampiro partilhava de suas lembranças.

– Você é possivelmente a pior pupila que já existiu no mundo vampírico. Jan Kmam é um mestre maravilhoso. Ele tentou educá-la, mas o fracasso é todo seu, e não dele. – Otávio despejava sobre Kara todo o seu ressentimento.

– Já chega! Estou farta de ser acusada sem motivos. Eu não lhe pedi nada, não preciso que cuide de mim. Eu sei o quanto lhe é doloroso saber que estou viva enquanto Jan Kmam está na Caixa. – reagiu Kara.

– Sim, dói muito sabê-lo preso somente cinco anos depois de despertar. Sabe o que pode acontecer, os riscos que ele está correndo?

– Sim, eu sei.

– Arrume suas coisas, você vai ficar em Paris sob minha custódia.

– Você não precisa bancar a sogra preocupada comigo. Sei me cuidar muito bem sozinha.

–Prometi a Jan Kmam que olharia por você.

– O rei já faz isso com bastante êxito – debochou da vigilância constante que sofria dos Pacificadores e das Sentinelas.

– Insolente!

– Como pode ver, não vou precisar de sua proteção. Mas, não se preocupe, quando Jan Kmam despertar direi a ele que tentou.

Otávio esbofeteou a vampira com força. Kara recuou e tocou a face dolorida. Então puxou a espada para se defender, tendo em vista que ele já havia tentando humilhá-la antes.

– Bater-se comigo é bastante tolo, Kara. Afinal, não vim aqui para lhe dar outra surra.

O vampiro cuspiu aborrecido. Sabia que, se ousasse tocá-la, acabaria morto. Os Pacificadores invadiram sua mente assim que a atingiu com violência. O primeiro aviso fora pacífico, segundo o levaria ao combate. Ariel estava realmente interessado em proteger aquela vampira. Ele a desejava descaradamente, estava em seu olhar quando lutaram juntos na Arena. Otávio só não entendia o porquê a vampira não era bem o seu tipo. Ariel apreciava mulheres mais bonitas e voluptuosas, de preferência com cabelos mais claros.

–Você pode se surpreender – assegurou Kara, cheia de coragem e sem recuar.

– O que quer de mim? Por que diabos todos vocês não me deixam em paz? – gritou Kara.

– Que seja, então! Fique e se deixe vencer por sua culpa.

– Culpa? Não, jamais! O que sinto é saudade. Culpa sente você, que colaborou com tudo o que aconteceu. Eu errei, mas, como vocês dizem, sou jovem e tola. E você, qual foi sua desculpa?

Otávio se conteve bastante para não avançar sobre aquela vampira e fazê-la em pedaços. Ele carregava uma grande amargura: a de dever sua vida a Kara. Isso o inquietava, foi essa dívida que o levou a procurá-la, mas, em vez de agir pacificamente, só desejava fazê-la sofrer um pouco mais.

– Meus motivos jamais chegarão ao seu entendimento, criatura.

Otávio usava uma frieza desnecessária; afinal, Kara não conhecia seu passado, as verdadeiras implicações. Ele queria descarregar sua frustração e revolta sobre alguém, e ela pareceu ser perfeita. Mais uma vez perdia seu pupilo graças à sua presença.

– Infelizmente, é a herdeira de nosso sangue. Isso você pode entender, mas jamais saberá como usufruir, pois age como uma mortal melodramática e patética. Bela? Desejável? Sim. Mas como meu querido Jan Kmam a tolera é para mim é um grande mistério – cuspiu Otávio, fugindo da verdade. – Para nós, os verdadeiros vampiros, você não passa de uma delinquente de sangue nobre. E a aviso: não ouse enredar meu irmão para sua teia, pequena aranha.

– Eu só tenho um amante, ele é Jan Kmam. Não ouse você me insultar.

Kara o enfrentou de queixo erguido, ainda com a espada em punho. Ele se aproximou e sorriu. Finalmente, ela recuou.

– Diga isso a Jan Kmam quando acordar, e vamos ver se ele vai se emocionar. Afinal, dez anos dentro da Caixa é tempo suficiente para achar os reais motivos de sua longa sentença. Consuelo pegou bem menos, não foi mesmo?

– O que está dizendo?

– Ariel a deseja tanto que sentenciou seu favorito duramente. Ele queria ganhar tempo. Pelo que conheço de meu irmão, ele vai conseguir o que deseja facilmente.

– Jamais trairia Jan Kmam.

– Isso é um conceito que somente você insiste em acreditar, mesmo sendo imortal: fidelidade. Mas talvez Ariel consiga colocar você no lugar certo em nosso mundo: o de concubina. – Vendo-a quase paralisada diante de suas ofensas, ele a incitou:

– O que houve, Kara? O diabo comeu sua língua?

– Maldito! Saia! Deixe-me em paz.

– Fique e faça algo útil a todos nós: mergulhe no esquecimento.

Dizendo isso, o vampiro deixou as galerias. Kara abaixou a espada e deixou-se cair no chão, soluçando por longos minutos.

Radamés se afastou e compreendeu os motivos que a fizeram mergulhar cada vez mais fundo dentro das galerias, vagar sozinha em busca de seu mestre por tanto tempo. Ela realmente queria cair no esquecimento de todos. Mas isso era impossível. Kara tinha muito que viver dentro da imortalidade.

– Otávio às vezes consegue ser inconveniente, rude, frio. – comentou Radamés, misterioso.

– Às vezes, sinto que perdi Jan... Sinto-o tão distante... Só quando sonho com ele o tenho perto de meus sentidos.

– Jamais perdemos o verdadeiro amor, minha criança. Jan Kmam a defendeu como somente o mais apaixonado dos amantes faria. Ele está apenas adormecido, nada vai lhe acontecer. Vamos, anime-se! Não a quero mergulhada em tristeza novamente. – Radamés tentou, fechando as mãos de Kara sobre o diário.

– Desculpe-me por não estar dando pulos de alegria. Mas, pelas minhas contas, ainda faltam nove anos e seis meses. E este detalhe pode não ser relevante para você que flutua, mas, para mim, é bem real – finalizou Kara, jogando o diário no chão com rudeza.

– Eu piso no chão, só não faço muito barulho – Radamés sorriu, tentando quebrar sua aspereza.

– Vá embora e leve essa coisa com você – pediu Kara, dando a conversa por encerrada.

– Contenha-se! Está diante do guardião dos Poderes – disse muito sério, cansado de sua obstinação. – Este olhar raivoso comigo não adianta.

– Pensei que meu único carcereiro fosse o rei – debochou ela. Todavia, diante da face inexpressiva de Radamés, conteve-se.

– Escute, vampira teimosa, aqui está seu melhor amigo. Nele você poderá confiar seus mais negros segredos, sua dor e alegria. Confie em minha palavra, este diário vai ser bastante útil a você. – disse, recolhendo o diário do chão para colocá-lo em suas mãos.

– Jan Kmam não aprovaria.

–Por Thoth! Jan está dormindo, e você, bem desperta.

– Prometi a ele ficar longe de problemas. – disse Kara, empurrando o diário para Radamés.

– Pensei que tivesse mais coragem...Vai ser do tipo “submissa”? – Radamés a provocava.

– Poderia esperar isso de qualquer um, menos de quem escreveu as leis. Estou tentando recomeçar, não notou? Martan parece ser um ótimo mestre, e vou ficar e aprender. Agora chega de manuscritos e diários.

– O que lhe revelaram, criança?

– Eu enfrentei suas leis, seus castigos e métodos. E todos me acusaram e condenaram. E, mesmo quando me incriminei, não me ouviram e puniram Jan Kmam. Não foi justo. E tudo graças às minhas palavras.

– Está sendo mal-agradecida. Ariel se arriscou muito para salvar você e Jan.

– Não quero discutir sobre o rei. Sei o quanto ele significa para você. – Kara se calou entristecida. Mas, não queria perder sua companhia.

– As leis nos ensinam a viver na eternidade, mas elas não podem nos manter encarcerados dentro de nós mesmos. Não é proibido manter um diário, o próprio rei possui um. Só não pode cair em mãos erradas – esclareceu Radamés.

– Pouco importa, vou andar na linha. Eu quero crescer. Não consegui ser mortal, então deixe-me ser uma boa vampira.

– Não estou incentivando você a cometer nenhum crime.

– Não preciso de um diário.

– Pare de arrastar correntes como uma alma penada.

– Quando ainda era mortal, Jan Kmam me propôs segui-lo, mas eu sabia que não tinha coragem para tomar tal decisão conscientemente.

Ela tentava fazê-lo compreender seus motivos.

– Enquanto morria em seus braços, percebi que era o melhor. Todavia, ele me trouxe a vida e, quando o abracei, tudo fez sentido, minha vida inteira parecia ter caminhado somente para aquele desfecho, a morte. Nas galerias, me perguntei se fazia sentido viver esta vida sem ele. Sonhei com Kmam e ele me fez compreender que preciso viver, não importa como.

– Não pode viver dormindo, sonhando com o vampiro que ama. Deve acordar e viver. Cada segundo vale a pena ser vivido, e isso torna a vida tão rara e preciosa, mesmo a nossa. Logo, ele estará ao seu lado e tudo isso será passado.

– Gostaria de ter sido enterrada junto com ele. Teria sido perfeito. – revelou Kara, fitando o diário.

– Isto, sim, seria crime, interferir no julgamento dos Poderes e do rei. Além disso é muito jovem nenhum vampiro abaixo de vinte anos pode ser condenado a Caixa. Você enlouqueceria, sua mente não saberia lidar com o aprisionamento. – explicou tocando seu rosto.

Radamés suspirou cansado, mas sua paciência era infinitamente grande e, com aquela jovem vampira que protegia e amava com sua própria alma, era ilimitada. Uma promessa antiga de poder e perfeição que tentou à exaustão preservar sem êxito. A única que suportava a sua presença espectral e sequer notara que nada lhe acontecia ao corpo imortal. A sua inocência o tocava profundamente, assim como sua tristeza ou alegria. Ela estava melhor e mais forte. Sonhar com Jan Kmam a trouxera de volta à vida. Diante dela, ele se sentia ligado a algo maior que sua própria existência.

– Ninguém teria sentido minha falta. – Kara tentava achar uma saída.

– O rei sentiria, os Poderes e eu também.

– Quando o encontrar, avise-o para ficar longe de mim.

Radamés não ficou surpreso com o comportamento de Kara. Ele sabia da falta de tato de Ariel e suas consequências.

– Não tenho poder sobre o rei; ele governa o mundo vampírico. Ele é boa companhia quando se conhece bem. – sugeriu paciente.

– Sabe o que ele fez?

– Sim, e não aprovei, e o puni por isso. – confessou sério.

– Começo a duvidar de seu poder, Radamés. Para que serve sua presença? – questionava-o Kara, irritada: falar de Ariel tornara-se tarefa difícil.

–Vejo que quer ficar sozinha. Boa noite, minha rainha.

Kara estava pronta para responder quando percebeu que Radamés havia desaparecido. Sozinha no quarto, fitou o diário e manteve sua palavra. Nada mais escreveria. Guardou-o na mesinha próxima à cama e resolveu fechar-se em seu

caixão. A noite foi cheia; sentia-se cansada mentalmente desde que tivera um estranho sonho.

Viu diversos vampiros, alguns conhecidos, que lutavam com uma criatura sinistra que devorava mortais e imortais. Viu-se em luta aberta com seres estranhos, as imagens eram turvas. Dentro desse estranho sonho, um jovem a defendeu de um grupo de lobos raivosos. Aos poucos, o sono a dominou e ela teve a certeza de que Jan Kmam a abraçava e jurava-lhe amor.

Capítulo 6 - Os Filhos da Lua

Iago saiu do leito e andou pelo quarto vestindo o roupão negro de seda. A mulher em sua cama havia adormecido; não era surpresa, mas aquilo sempre o desagradava.

Elisa, sua mais nova conquista, era linda, possuía um corpo forte e belo. Suas curvas generosas chamaram a atenção de Iago sobre si desde o primeiro instante. Ela não conseguira resistir muito aos seus olhos negros. Não estava decepcionado, só esperava mais resistência; todavia, ela era como todas que possuía. O apetite sexual de Iago era bastante complexo para que a fêmea mortal pudesse satisfazê-lo plenamente. A noite ia longe, ela só despertaria ao amanhecer. Ele foi para a janela e olhou a Lua – estava quase cheia. Por um momento, fechou os olhos de modo prazeroso. Deixou o roupão cair e permitiu que seu corpo se beneficiasse da luz tênue. O homem sorriu, e seus caninos surgiram alvos e afiados. A luz suave dava-lhe força e vigor, movimentou os braços e sentiu-se revigorado. E novamente excitado. Por um momento, moveu os lábios e conteve-se. Sorriu e foi para o banheiro, um banho frio lhe faria bem.

No banheiro, olhou-se no espelho e percebeu que os arranhões deixados por Elisa haviam sumido da pele de seus ombros. No ápice da paixão, ela o arranhara, nada com que devesse se preocupar. Debaixo da ducha fria, Iago relaxava o corpo, acalmando seus sentidos e desejos. Precisava voltar para casa, seu pai queria vê-lo ao amanhecer.

Uma carta do mundo vampírico chegara, solicitando uma reunião pacífica, dentro dos termos do Pacto. Não acontecia uma havia cem anos, tempo bastante para que as espécies se mantivessem distantes e contidas dentro de seus territórios de caça. Eles também estavam ansiosos por ver o Rei Ariel – algo os perturbava. Uma visão tomou alguns lobos, Iago e o próprio Darden. Logo saiu do banho e se

vestiu. O terno completo deu a ele um ar sofisticado, os cabelos negros e lisos caíam pela testa, o pescoço era largo e o queixo, altivo. Alto, tinha quase um metro e noventa. E, pelo físico perfeito, deveria beirar os oitenta quilos. Mãos delicadas, todavia, grandes, os olhos eram negros como as sobrancelhas desenhadas; a pele, um tanto alva. Estava calmo e concentrado, mas certamente possuía um sorriso encantador. Foi para a cozinha e lá abriu a geladeira. Elisa comia frutas e verduras – seria vegetariana? Não, o cheiro dela tinha odores inconfundíveis. Talvez estivesse fazendo um regime, por isso estava sem energia, pelo menos a que ele mais desejava, a sexual. Finalmente, encontrou o que buscava: carne. Iago pegou três bifês e os cheirou; por sorte, não estavam temperados. Ele sorriu e comeu todos com bastante ânimo. Quando terminou, jogou a bandeja no lixo e lavou as mãos.

Iago era herdeiro de uma maldição – e, ao mesmo tempo, dádiva – antiga: considerado o que os mortais chamavam erroneamente de lobisomem, era um homem-lobo, filho do senhor dos lobos, herdeiro do sangue de Licaonte. Tinha somente 300 anos e, para seu pai, ele era um “menino”. Entretanto, tratava-se de um líder dentro de sua espécie, e, como tal, se comportava. Por ele, os lobos matavam e morriam. Já havia provado seu valor e conquistado o respeito de muitos dentro da Alcateia. A Trindade lhe virava a face por interesses totalmente pessoais.

Estava pronto para partir da casa de Elisa quando seu telefone vibrou sobre a mesinha próxima à cama. Era Alexia, sua irmã.

– Você nunca dorme, maninha? – perguntou, sentando-se na borda da cama.

– Minha fome é tão grande quanto a sua. Aposto que está com seu novo brinquedinho – sorriu Alexia, ela o vira com Elisa dias atrás, mas não se aproximara.

Iago também sorriu malicioso, pois Alexia o conhecia bem demais. Ele olhou a mortal em seu leito, o rosto suave coberto pelos cachos loiros, e voltou a atenção para a irmã, do outro lado da linha.

Alexia, assim como ele, não estava sozinha. Nos seus aposentos, havia alguém. O homem estava próximo à janela, observando a noite. A luz da lua o iluminava parcialmente, aparentava estar um tanto melancólico. Não parecia se importar com a conversa que sua amante mantinha ao telefone.

– Ela conseguiu? – quis saber Alexia, maliciosa, deitada na cama, ainda envolta nos lençóis de seda negros.

– Infelizmente, não; porém se esforçou bastante. Mas a que devo sua ligação? Você anda sumida, o pai estava à sua procura.

– Tive meus motivos, Iago. Agora, vamos às notícias. Nigel convocou a Trindade. Achei que deveria saber, ele ainda anseia por poder... Claro, o seu... – Alexia riu, enquanto Iago o insultava. – Quer saber o motivo? Um mortal foi esfaqueado e devorado há algumas noites na Ucrânia, em Kiev. Seu corpo foi encontrado e, como de costume, os lobos levaram a culpa.

– Foi um dos nossos?

– Sim e não; ao que parece, foi um desgarrado. O Caçador confirmou as marcas, a Ordem da Ouroboros estará presente ao salão de Licaonte, e advinha quem mais? – disse Alexia e sorriu maligna.

– Nigel não perde por esperar. Como ele ousa convocar a Trindade sem minha presença? Estará presente, Alexia? – indagou Iago.

– Acredita que perderia a chance de vê-lo esmagar Nigel? – sussurrou, movendo-se entre os lençóis. – Além disso, Heitor estará presente.

O homem na janela lançou um olhar para Alexia.

– Não sofra em vão, Alexia. Sabe que Heitor não nos tolera – avisou Iago, andando pelo quarto agora.

– Você está enganado quanto aos reais sentimentos de Heitor.

– Não vou discutir seus casos, Alexia.

– Não seja cruel, Iago. Darden solicitou minha presença – confessou, entediada.

– Faz ideia do que ele deseja, não é mesmo? – brincou, imaginando seu aborrecimento.

– Decerto, vai me cobrar o maldito herdeiro – sibilou Alexia, perdendo o ar doce.

– Não fique tão irritada, apenas consiga um lobo à sua altura e se afaste das criaturas inférteis. Sua tortura só vai durar nove meses – ironizou, ouvindo-a insultá-lo do outro lado da linha. – Acalme-se, ele não fará isso diante da Ouroboros. – Iago tentou deixá-la tranquila, mas era impossível.

– Estou farta de ser tratada como uma “fêmea”. Conceber é um ato divino, e eu sou apenas uma cadela sem dono.

Brincou, sendo cruel consigo, mas logo ficou melancólica, observando o olhar aborrecido do amante. Havia algo torturando Alexia, que, ao ouvir Iago repreendê-la por fazer tal comparação, a fez retomar o ânimo ácido.

– Basta, Iago! Você já bancou o irmão mais velho duas vezes e me magoou. Em algumas horas, nos veremos – disse, triste e aborrecida.

–Estarei lá, maninha.

Iago desligou e agradeceu por ter Alexia como sua aliada. Eles eram muito unidos e ela o amava incondicionalmente, defendia-o. Era mais velha; entretanto, jamais ansiou por seu lugar. Ela o preservara na linha de sucessão. Todavia, por ser fêmea, era obrigada a oferecer um herdeiro à Trindade, mas isso não acontecera: ela tinha 500 anos e nenhum herdeiro de seu sangue vivo. O primeiro que gerou nasceu morto; o segundo morreu misteriosamente no berço. Após seu fracasso, Alexia se tornou uma mulher dura e não aceitava as constantes cobranças de seu pai nem tampouco os lobos que a cortejavam, dentre eles Nigel. Tudo o que ela desejava era que Iago encontrasse uma companheira e com ela gerasse o tão sonhado herdeiro. Mas Iago não conseguiu ninguém a contento em nenhuma das

alcateias que visitou quando se tornou adulto, o que era aceitável: os lobos amavam e eram fiéis à sua companheira.

Isso entristecia Darden e causava inquietação dentro da Alcateia. Nigel era um dos descontentes e sempre buscava um modo de humilhar Iago. Era um estranho jogo de poder, que o senhor dos lobos via se fortalecer com extrema preocupação. Entretanto, Iago se sentia pronto a enfrentar Nigel e manter seu lugar junto a Darden. Já havia dado provas de sua capacidade, contendo rebeldes e lutas internas, com sabedoria e força.

O senhor dos lobos estava velho e infértil. Seus herdeiros eram sua esperança, contava com eles para manter a linhagem pura e evoluída de sua espécie. Ele temia degenerações e mudanças. Eles representavam a elite dentro das muitas raças de lobisomens, e assim se manteriam em poder e sangue.

A fêmea certa estava lá fora, esperando por Iago em algum lugar. Felizmente; ele podia escolher, mas até agora nenhuma loba o havia conquistado. As mortais não eram bem-vindas à Alcateia. Ele conhecia os riscos de possuir e engravidar uma delas e tomava bastante cuidado para que isso não acontecesse. Um herdeiro mestiço não iria durar muito. Era fácil perceber quando estavam férteis ou somente prontas para copular. Seus sentidos aguçados o favoreciam de modo desleal. Iago as apreciava, gostava de percebê-las frágeis ao seu poder de sedução. Era excitante levá-las à exaustão enquanto as possuía. Nada comparado a ter uma fêmea de sua espécie. Buscava algo especial, amor talvez. Ele foi até a cama e observou Elisa dormindo profundamente de bruços. Sorriu e, num gesto a ele nada estranho, lambeu sua nádega e partiu, risonho.

Capítulo 7 - Lobas e Vampiros

Alexia havia abandonado o telefone sobre a mesinha. Triste, abraçou os joelhos sobre a cama e assim ficou, pensando nas palavras de seu irmão. Os cabelos castanho-avermelhados cobriram sua face tristonha em ondas suaves. Ela só levantou o rosto quando sentiu a mão de seu amante tocar-lhe o ombro. Ele observou a face coberta por lágrimas e a abraçou. Alexia o apertou junto a si, soluçando.

– Por que chora quando sabe que jamais a deixarei?

– Heitor, eu o amo tanto... Mas o que será de nós dois? Darden jamais vai nos aceitar, eu nunca terei o herdeiro que ele anseia.

O vampiro a consolou no regaço de seus braços e tocou seu ventre numa carícia suave.

– Tive filhos, enquanto mortal, a peste os levou. Foram-se os dois junto com minha esposa. Somente eu sobrevivi. O vampiro que me transformou vinha drenando meu sangue, dando-me do seu sem que eu percebesse. Ele invadia a minha casa e me atacava sem que eu notasse. Nem a peste conseguiu me levar. Meu corpo está morto há tantos séculos que sequer consigo lembrar como eram seus rostos. Sei que eram meninos e se pareciam comigo. Nada restou, hoje sou um vampiro – disse Heitor, pensativo, lembrando-se do passado de modo distante, mas com o olhar bastante escuro pela melancolia.

– Gostaria de ter filhos com você.

Alexia roçou seu rosto com as mãos, olhando fixamente seus olhos com amor. Heitor tocou suas lágrimas com a ponta de um dedo – eram límpidas. Levou o dedo à boca e as provou, curioso – salgadas.

– O rei dos vampiros aceitaria que seu embaixador tivesse como amante uma loba?

– Ariel jamais discriminou a união entre lobos e vampiros. Prova disso é o fato de um de seus Lordes ter mantido um relacionamento com um lobisomem por séculos. Os tempos estão mudando, tudo pode acontecer; mas, até lá, prefiro que você nada revele ao seu pai. Chega de sofrer, Alexia. Deixe que Iago dê ao senhor dos lobos o herdeiro que ele tanto deseja.

– Temos uma inimiga poderosa – disse Alexia, tornando-se fria.

– Isadora nada revelará – afirmou Heitor falou, tocando seu rosto.

– O que prometeu a ela?

– Nada, Alexia. Apenas pedi paz.

Alexia o abraçou forte, e ele a consolou com palavras de coragem e amor, tentando animá-la.

– Não suportaria perdê-lo. Prometa que vai ficar ao meu lado.

– Sou seu para amar e matar quando assim o desejar.

O vampiro brincou, sentindo o corpo da loba colado ao seu.

– Deveria tê-la matado quando tive chance.

– Para que fosse caçada e morta como uma criminosa? Meu amor não vale tanto, Alexia – disse, fazendo-a fitar seus olhos. – Jamais, entendeu? Isso, sim, me dará motivo para que a deixe. Não ouse ir contra os meus iguais.

– Luto por seu amor, pelo direito de ser sua. Ariel me impediu, mas ela já havia perdido. – disse Alexia, mais confiante.

– Basta! Não quero falar de Isadora na cama com você, é ridículo.

Heitor a beijou longamente. Pouco depois, ela sorria debaixo das carícias do amante. A loba olhava a face do vampiro com carinho, os dedos perdidos nos cabelos escuros, em desalinho, os lábios másculos que a beijavam, fazendo Alexia entregar-se completamente. Sua pele quente o seduzia, o coração batia vigorosamente sob seus seios. Ela admirava Heitor, o vampiro, até mesmo o olhar

vítreo e castanho que lançava sobre seus seios. O modo único e suave como a tocava, como sua tez e seus olhos reagiam a ela. A pele tépida a encantava, a ausência de pelos no peito. Alexia gemia baixinho, deslizando as mãos pelos ombros pálidos e largos de seu amante.

As mãos fortes percorriam o ventre, a cintura, os quadris redondos, as formas generosas e sedutoras da loba. Afastou-se parcialmente e, quando a tocou de novo, fez Alexia se agarrar aos travesseiros e gemer. Ela estava sob a carícia insistente de sua língua e de seus lábios. A jovem loba sentiu os caninos surgirem sob o contorno superior de sua boca, que a natureza abrolhava em momentos de raiva, medo e prazer. As sensações do êxtase se aproximavam, tomando-a por inteiro. O amante a puxou e a manteve sob seu corpo – estava entre suas pernas macias e lisas, exigindo proximidade. Ela deslizou a mão pelo seio e, com a unha, feriu a carne imortal. Heitor viu o sangue e entendeu suas intenções. A fêmea queria que ele a possuísse como homem e vampiro. Ela segurou seus ombros, o pescoço, e o trouxe até o seio sangrento. O vampiro sugou com intensidade e, quando abriu os olhos, sentia a força do lobo correr por suas veias. O coração bateu e lhe trouxe dor e prazer, o corpo reagia, e logo ele buscou o corpo da amante, pronto a possuí-la. A ânsia que sentia a fazia quase arranhá-lo, e só foi parcialmente satisfeita quando ele a penetrou com um sorriso nos lábios. Ela se agarrou a ele e aproveitou ao máximo cada movimento. Olhava-o nos olhos com os lábios entreabertos, a mão segurando-lhe o pescoço. O amante a fitava com os olhos já mudados, os caninos à mostra. Inclinou-se e roçou os lábios nos seus, beijando-a longamente. Para Heitor, o contato com aquela fêmea era único – através de seu sangue, podia voltar a ser o homem que o vampiro castrara. Afastou-se e, por um instante, tudo parou. Então ele mergulhou na curva do pescoço e mordeu. Alexia fechou os dedos sobre ele e suas unhas o arranharam, enquanto ele se movia satisfazendo os desejos da amante. Os cortes sumiram, assim como o sangue debaixo da rápida cicatrização de sua pele imortal. Ele podia sentir que a fome no corpo da loba fora satisfeita, quando ela estremeceu de prazer. Conseguia saciá-la dentro de sua natureza, mas havia limites, que os dois já superavam com maestria. O círculo de sangue e prazer se

fechou numa torrente de sensações que satisfez a ambos. Alexia, agora, estava lânguida nos braços do vampiro, que a envolvia carinhosamente no leito. – Amo você, Heitor – a loba murmurou.

Capítulo 8- O Equilíbrio

A mansão onde o senhor dos lobos habitava ficava nos arredores de Barcelona. Uma propriedade cercada por muros altos, seguranças armados e um lindo bosque no quintal. Nada diferente das propriedades ocupadas pelo rei dos vampiros. Afinal, ali habitava o líder de uma espécie. O carro passou pelos portões sem problemas, seguiu para a entrada e foi recebido pelo criado e um segurança. A Ordem da Ouroboros ainda não havia chegado, o que alegrou Iago. Ele queria falar com seu pai antes de todos.

Passou pelo salão e viu que ele estava sendo preparado para receber os convidados. Após a reunião, haveria um banquete para os que quisessem permanecer. A maioria ficava, já que carne fresca e algumas iguarias eram servidas. No caminho das escadas para o segundo andar, Iago se lembrou do dia em que chegara à mansão. Tinha somente oito anos, era um menino quieto. Sua mãe, Beliza, morreu lutando para defender o filho – fora atacada por um inimigo de Darden. O alvo, na verdade, era a criança, que ele descobriu ser filho legítimo do senhor dos lobos. Ele não sabia da existência do garoto até que ele chegasse à sua presença, trazido pelo pai de Beliza, Edgar. Ele o reconheceu como seu herdeiro de imediato. Iago trazia sua herança sanguínea e, não podia negar, o menino era um lobo Alpha. O poder que teria dentro da Alcateia seria total. Tomou-o pela mão e o fez ficar ao seu lado no trono, assumindo-o como seu legítimo herdeiro. Daquele dia em diante, ele se tornou o herdeiro da coroa. A mansão sempre assustara Iago: havia muitas salas e quartos secretos e proibidos, como o quarto de sua meia-irmã, Alexia. Ele não ganhou a simpatia dela de imediato. Ela tinha ciúmes do pai, que agora só tinha olhos para seu herdeiro. Iago a conquistou aos poucos, e, após salvá-la de um incidente, eles se tornaram inseparáveis. O jovem lobo subiu as escadas e foi ter com seu pai. O corredor

estava movimentado por criados e malas, Alexia havia chegado. Bateu à porta do quarto e entrou cruzando com uma das criadas que guardava suas roupas caras e sofisticadas no closet. Seguiu adiante do quarto luxuoso e espaçoso, e a encontrou no banheiro, dentro da banheira, imersa em espuma e sais aromáticos, a cabeça apoiada num travesseiro bordado. Numa das mãos, um livro de poemas; na outra, a ponta de seu narguilé egípcio, feito de ouro e prata. O cheiro do tabaco estava pelo banheiro na essência doce e exótica de anis. Ele se inclinou e a beijou na testa, sentou na poltrona perto da banheira e aceitou a ponta do narguilé. Fumou por alguns minutos e só então falou:

– Quanto tempo vai ficar?

– Algum tempo dessa vez. Algo me diz que o pai está em perigo. Você teve a visão?

– Sim.

– Eu também. O que está acontecendo? Por que vimos aquela criatura? O que ela é?

– Um demônio, eu tenho certeza. Mas estamos juntos e vamos defender o pai.

–E quanto ao Pacto?

–Ele será mantido.

– Gostaria de ter a sua certeza quanto a isso, Iago. Não tenho um bom pressentimento. Uma tempestade se avizinha, sinto o cheiro de chuva e sangue.

Os olhos cinzentos de Alexia estavam dilatados. Ela parecia em transe, os lábios entreabertos, a fumaça saindo deles em suaves ondas.

– Sabe minha opinião. Nós evoluímos. Por que devemos caçar mortais quando podemos nos alimentar de animais? Os matadouros nos alimentam e nos oferecem todo o sangue de que precisamos. Nossa natureza está sob controle, devemos usufruir dela e de nossa evolução. Não vamos voltar para as trevas. Nós não somos vampiros.

– Temo o que possa advir dos vampiros – confessou a loba, fechando os olhos.

– Desde quando os teme? – brincou Iago, afinal de contas ela era uma grande guerreira e jamais temeu vampiro ou demônio.

– Desde que Heitor me mordeu – revelou, já imaginando a reação.

– Como ele ousou? Por que permitiu?

Iago a segurou pelo pulso com força. Ele estava furioso e a fez enfrentar sua face. Alexia puxou o braço com vigor e nada mais falou, o que foi suficiente para o irmão deixar o banheiro, batendo a porta. O que ele não suspeitava é que Alexia e Heitor eram amantes há vários anos. Minutos depois, ela apareceu no quarto, já vestida num lindo roupão de veludo, os cabelos em tom castanho-avermelhado soltos sobre os ombros. O irmão estava na janela, olhando a piscina metros abaixo.

– Amo Heitor.

– Ele é um vampiro.

– Os vampiros nos aceitam, por que não posso aceitá-lo?

– Jamais se completarão. Sempre será estéril nos seus braços. Que tipo de prazer ele pode lhe oferecer quando nem mesmo consegue ser um homem sem provar de seu sangue?

Iago fora duro. A relação não era proibida desde que o Pacto foi assinado e havia muitos casais das duas espécies juntos, vivendo na imortalidade. Mas eram malvistas pelos conservadores dos dois lados.

– Posso possuir quem eu quiser. Mas só amo Heitor – disse Alexia, cheia de coragem.

– Então é verdade que lutou com a antiga amante dele. – concluiu Iago, enjoado.

– Sim, é verdade. Ela me desafiou e nós lutamos.

– Como pôde descer tão baixo?

– Um dia me entenderá, Iago. Heitor consegue me fazer feliz. E isso basta.

– Espero que não torne isso público. Heitor deveria se resignar e permitir que você siga seu caminho dentro de sua espécie. O amor de um vampiro é realmente egoísta. Veja o que ele é capaz de fazer à sua vida: separá-la de sua espécie, rebaixá-la, sugar seu sangue.

– Esperava contar com seu apoio e sua compreensão – disse Alexia, realmente sentida.

– Não posso permitir que se desgrace por um capricho, Alexia. Como acredita que poderá permanecer entre nós se tomar Heitor como seu consorte?

– Não é um capricho, nunca foi.

Alexia andava pelo quarto lentamente, repensando as escolhas que fizera em toda a sua vida, e que não lhe trouxeram alegria ou paz. Sentia-se solitária, mergulhada em tristeza dentro de seu mundo. Só encontrou felicidade e calma nos braços de Heitor. Sua mordida deu a ela algo que não conseguiu nos braços de nenhum lobo ou mortal. Havia limites dentro das duas espécies, mas o amor e o desejo que os uniam superavam qualquer barreira e davam a ambos o direito de buscar um modo de sentir prazer. Iago tentava protegê-la de uma dor que já existia. Ela a conhecia muito bem.

– Vai me repudiar?

– Jamais, sabe que a amo. Mas a Alcateia não vai perdoá-la, nem o pai. Ele vai expulsá-la de nosso meio, fazer de você um exemplo. Você vai fazer a felicidade de nossos inimigos nos dois mundos. Você não poderá voltar nem tampouco me suceder. Pense, Alexia: vale a pena?

– Você não conhece o amor, não pode me entender – argumentou Alexia, resignada.

Iago a tomou em seus braços e a apertou forte; beijou-a no rosto e partiu sem mais nada dizer. Nenhuma mulher ou loba havia tocado seu coração, era um escravo de seus desejos e escolhas sexuais. Dentro de sua personalidade jovem e

aguerrida, faltava a doçura de se entregar a um sentimento mais forte e complexo que ele mesmo. Por um momento, pensou em dizer algo, mas não soube ao certo o que seria. Saiu do quarto, precisava ver seu pai. Seguiu pelo corredor e chegou à porta do salão onde estava o senhor dos lobos, os seguranças abriam passagem.

O quarto de Darden era, na verdade, uma espécie de salão quase medieval: no centro, uma mesa de madeira escura e quadrada, pesada e muito antiga, grande o suficiente para reunir várias pessoas. O chão de pedra estava coberto por tapetes; nas paredes, algumas armas, escudos e espadas da coleção de Darden. No fim do salão, a porta que levava ao seu leito. Ele estava com as janelas abertas, e seus cães permaneciam próximos a ele. Quando Iago se aproximou, eles vieram recepcioná-lo, abanando as caudas. Lamberam sua mão e, ao receberem carinho, se afastaram. Darden estava sozinho, sentado à sua mesa, observando algumas cartas e papéis. Levantou a vista ao ver o filho e fez um gesto de mão para que ele se aproximasse.

O jovem ficou a seu lado. Ele lhe estendeu a mão enrugada, onde ostentava o selo dos lobos Alpha. Um anel pesado em ouro branco, desenhado com as letras “L” e “A” entrelaçadas. O homem velho, de aparência singular, segurou e abraçou o filho afetuosamente. Ele e Alexia eram sua fonte de alegria e esperança. Ele sonhava com um neto, precisava ver uma criança de sua linhagem antes do fim. Estava muito velho.

Quando jovem, Darden fora um homem tão belo quanto seu filho. Mas um pouco mais de dois mil anos foram capazes de envelhecê-lo sensivelmente e trazer à tona as características do lobo. Algo comum quando se suprimia a natureza selvagem. Os cabelos compridos e negros ficaram cinzentos. A tez macia agora era enrugada e, por vezes, não apresentava um aspecto muito saudável. Sua face tinha pelos espessos como se fosse metade homem e metade fera. As orelhas ficavam cada vez mais pontudas, os seus caninos estavam bem escondidos, o olhar cada vez mais animal. Um lobo poderoso, sábio e, para alguns, uma ameaça. Vestia uma túnica negra e bordada em fios de ouro; por cima dela, um manto de pele de urso. Devia estar com um pouco de frio, mas, mesmo assim, conservava as janelas abertas, gostava de sentir o cheiro da floresta não muito longe. Libertou o filho do

abraço e o viu sentar-se à sua presença. Sobre a mesa havia vários papéis, dentre eles a solicitação do Rei Ariel Simon para uma reunião. Havia também, em alguns deles, o timbre da Ouroboros e um da Trindade. Eles exigiam respostas.

– É verdade que Nigel convocou a Trindade?

– Sim. Sabe que, diante de um alerta, qualquer lobo Alpha pode soar o alarme. Mas espero que esteja pronto a reivindicar seu lugar e dar as devidas explicações à Trindade, como lhe cabe por direito.

– Sim, pai.

Iago respondeu de modo sério. Afinal, sabia-se em falta – seus hábitos estavam pondo tudo em jogo. Vivia de certo modo longe das intrigas fomentadas dentro da Alcateia. Nigel era um rival atento e não perdia a oportunidade de expor os defeitos de Iago. Eles já haviam se enfrentado, mas um novo confronto parecia inevitável.

– Seus caprichos deram a ele essa oportunidade. E o aviso: não vou tolerar que entrem em combate novamente. Vocês são primos, e não cães.

– Ele não me respeita como herdeiro de seu poder. O que devo fazer? Tolerar?

– Mostre-lhe que é o herdeiro: una-se a uma loba, faça-a gerar o herdeiro. Nigel será pai muito em breve, mas tudo o que menos quero é o braço da Trindade dentro de minha Alcateia. Valéria anseia por mais poder, e, se seu filho sentar-se no meu trono, o nosso sangue estará perdido para sempre.

O senhor dos lobos queria manter a linhagem e a paz dentro da Alcateia, algo difícil. A Trindade era uma cúpula de ramos sanguíneos fortes. Eles se formaram quando a linhagem de Darden se estabeleceu. Isso aconteceu somente porque era o segundo ramo mais forte e civilizado de homens-lobos. Mas seu desejo sempre foi assumir o poder da Alcateia. A cobrança invariavelmente seria a mesma, e Iago sabia-se em falta com seus deveres.

– Nigel aspira ao seu lugar com o pouco sangue herdado de minha meia irmã. Ele acha que isso é o suficiente, pobre cão infeliz.

– Quero resolver isso sozinho, pai – pediu Iago, desejando sair da sombra de seu pai.

– Eu sei que é capaz de resolver os problemas sem minha intervenção. Temos a Ouroboros em nossos calcanhares, e a Ordem dos Pacificadores mandou seu embaixador Heitor como um ouvinte passivo. Sabe o que significa?

– Sim, o Pacto está em perigo. Ele vai lhe falar a sós? – Iago estava interessado em falar com Heitor, não sobre seu relacionamento com Alexia, mas a respeito da visão.

– Sim, Iago. Ariel não é um rei ignorante ou hipócrita, ele foi corajoso em falar sobre a visão abertamente, e o considero um pouco mais por isso. Nós já resolvemos disputas antes, e ele não me decepcionou. Devemos nos preparar, a Ouroboros está em nossos calcanhares. A perturbação constatada na visão foi de autoria dos lobos. Os únicos homens-lobos éramos nós. Eles estavam incógnitos sob sua pele de lobo.

– Temos uma revolução em andamento. – disse Iago sem medo.

– Sim, e um grupo ardiloso dentro da Alcateia e fora dela.

– Podemos confiar em Ariel?

– Sim. Ele moralizou o mundo vampírico quando assumiu o trono. Apesar de o Pacto ter sido assinado somente durante o reinado de Detrich, com o passar dos anos ele sofreu alguns abalos, mas nada significativo. Enquanto Radamés foi o senhor da Ordem de Thoth, ele controlou vampiros e homens-lobos. Havia paz e cumprimento das leis. Todavia, depois de seu desaparecimento, o rei permitiu que alguns ataques ficassem impunes. Claro, a Ouroboros cortou cabeças dos dois lados, mas Detrich jamais se importou. Felizmente, contávamos com Afrodite.

Iago ouvia atento seu pai falar do passado. Ele já havia lido sobre aquela vampira chamada Afrodite no Códice de Alexandria. Os homens-lobos registraram sua história em livros, e cada um deles marcava um período de tempo e os

acontecimentos decisivos de sua espécie. Só não esperava que seu pai admirasse tanto uma vampira.

– Afrodite conseguiu controlar os desgostosos e as lutas internas entre as duas espécies. Ela era uma estadista fantástica, tornou-se a guardiã dos segredos do Livro, que rege o mundo vampírico; um cargo muito importante ao lado do rei. Astuta, inteligente, por vezes, maquiavélica. Sem contar que era extremamente bonita e forte. Seu desejo de poder era tão grande quanto sua capacidade de argumentação. Uma fêmea extraordinária.

O senhor dos lobos falou semicerrando os olhos, nem um pouco envergonhado, enquanto Iago condenava a conduta do pai. Afinal, ela era uma vampira!

– Seu olhar de condenação é magnífico, filho. Mas posso lhe garantir que, diante de Afrodite, mortais, homens-lobos, vampiros... Ninguém ficava imune. Seu único defeito era ser vampira. Se não o fosse, teria mantido Afrodite ao meu lado como amante e gerado um herdeiro perfeito. – ele olhou o filho. – Não se ofenda. – As duas espécies estariam unidas e em paz. Mas guarde está confissão em seu coração de filho e homem-lobo. Aprenda, Iago: nem tudo é guerra e sangue; existe prazer e amor. Não fique alheio a isso.

– Estou realmente surpreso em ouvir tais palavras vindas de você, pai.

– Acredite-me, lamentei sua morte. Mas, pelo que soube, foi necessária. – Darden nada mais falou da vampira. – Não odeio os vampiros, apenas os acho frios demais. Desde que ocupo o lugar de senhor dos lobos, sempre busquei a paz. Prova disso é o Pacto ter sido assinado no primeiro ano de meu domínio. Radamés tinha plena consciência de que as duas espécies precisavam manter-se em sigilo e em paz para sobreviverem além das ondas humanas de destruição, medo e ignorância.

Darden era muito sábio e civilizado, apesar da aparência selvagem. Para ele, ser um homem-lobo significava muito mais que caçar e matar – era preciso evoluir sempre. Ele nasceu com a capacidade de controlar o lobo, a fera. Quando exigia de sua natureza suas qualidades ancestrais, o que vinha à tona era força, velocidade e

sentidos apurados, as melhores qualidades de sua espécie. E tudo isso sem se transformar em uma besta sem consciência como a maioria dos lobisomens. Isso o colocara no alto de sua cadeia evolutiva, enquanto as bestas eram repudiadas e contidas para o bem do resto da espécie. A longevidade era um dom que passara a seus herdeiros: Iago tinha 300 anos e aparentava somente 20; Alexia possuía 500 e mantinha aparência de 25. Eles eram o melhor de seu sangue.

– A guerra provocava mortes, falatórios e uma curiosidade mortal sobre nós. Foram tempos difíceis. Perdemos muitos dos antigos lobos, o sangue puro se esvaiu sob as botas dos Caçadores. Eu fui um dos poucos que sobreviveram. Iago olhou o pai com admiração, ele sabia que seus olhos haviam visto o mundo mudar, e que toda aquela mudança afetou todos eles. Perderam território de caça; para muitos; haviam sido domesticados e viviam debaixo de uma capa de vergonha e medo. O Pacto, que antes era visto como a solução, com o passar do tempo acabou sendo considerado uma forma de algema, uma coleira. Muitos, no entanto, apreciavam os novos modos de vida e se sentiam inseridos de maneira digna no mundo. O choque dessas duas opiniões vinha causando alguns incidentes que foram contidos duramente pela Ouroboros e pelos Cães de Caça, lobos que caçavam lobos. Darden só buscava a manutenção de sua espécie, não esperava muito mais que isso – sabia que todo o resto era ilusão.

– Gostaria de participar de sua conversa com Heitor, pai.

Darden o olhou surpreso, mas resolveu que era um bom modo de colocar Iago diante de seus futuros afazeres, passando-lhe algum poder diante dos demais.

– Após a reunião, nos uniremos e estará ao meu lado. Belizário também estará presente.

– Ele veio?

Iago realmente estava surpreso. Belizário era o líder da Ouroboros há quase oito séculos. Uma organização antiga que mantinha controle sobre diversas esferas como os vampiros e os homens-lobos. Claro, havia também os demônios e outras categorias duramente controladas por essa organização. Mas, até mesmo para eles,

existiam limites dentro de cada esfera, algo conseguido com luta e bastante sacrifício. Se o próprio Belizário viera é porque algo bastante incomum se manifestava além de seu conhecimento.

– Sim, depois dos ataques, estamos sob alerta, o assunto fugiu do controle da Alcateia. Tudo se complicou.

– O ataque foi cometido por um lobisomem?

– Foi. O corpo foi encontrado semidevorado num vilarejo próximo à Ucrânia. A vítima era um professor de História, ele trabalhava na Universidade de Moscou.

– O que ele fazia na Ucrânia?

– Ninguém sabe ao certo, eu desconfio. A polícia levou o corpo para o necrotério e, de lá, ele desapareceu – disse Darden, pensativo.

– Levantou-se da sua própria morte... Ele foi contido? – Iago queria mais detalhes.

– Sim, foi decapitado, e seus restos, incinerados.

– Os Caçadores fizeram um bom trabalho.

– Não foram os Caçadores. Foi uma jovem chamada Joyce. Ela é filha da primeira vítima do mesmo lobo. Ela seguiu seus rastros, porém infelizmente chegou tarde para salvar o professor, mas tinha absoluta certeza de que ele se levantaria, pois o ataque do lobisomem o tornou imortal, como você bem sabe. – Darden esclareceu, vendo o olhar surpreso de seu filho.

– Mas o que é tudo isso?

– Estamos diante de uma sociedade secreta chamada Ordem de Hermes, da qual as duas vítimas faziam parte. Eles protegiam uma relíquia.

– Mortais?

– Sim, todos eles. E preservando algo além de sua compreensão e de seu controle. Segundo soube pela carta de Belizário, o pergaminho tem poderes que

podem provocar a destruição de tudo o que conhecemos como vida.

Darden contou ao filho os detalhes da Ordem e sobre o estranho pergaminho que eles defendiam. A filha de Alan fora treinada para defender o pergaminho, mas, durante o ataque, seu pai a impediu de lutar contra Samael. Ele sabia que, se ela entrasse em combate direto, tudo estaria perdido. Joyce precisava ficar viva e restaurar o equilíbrio. Alan conhecia a Ouroboros, mas ela só deveria ser acionada se o segundo pedaço do pergaminho fosse roubado. Assim que destruiu os restos de Pavel, Joyce acionou a Ouroboros. Desde então, ela estava sob sua custódia. Não que gostassem disso; eles a mantinham agora sob sua tutela graças à sua condição especial.

– Ela teve sorte de não ser morta pelo lobisomem.

– Não foi bem sorte. Claro, na história nós tivemos casos de mortais que lutaram com lobisomens e sobreviveram para contar o ocorrido. Mas, no caso dessa jovem, é algo mais específico: ela é uma mestiça.

Iago deixou o quarto do pai com a certeza de que muito precisava ser feito, decisões muito importantes seriam tomadas naquela noite. Era necessário assumir o controle e descobrir quem estava pondo o Pacto em risco e ameaçando a Alcateia. Os crimes, por enquanto, pesavam somente sobre sua espécie. Os vampiros até aquele momento estavam isentos de crimes e culpas.

Capítulo 9 - O Salão de Licaonte

Quando finalmente o sol sumiu no horizonte, o salão de Licaonte foi fechado. Ninguém mais poderia entrar até que todas as questões ali expostas fossem resolvidas. Os lobos tinham maneiras diferentes de se reunir para resolver as questões das Alcateias. O senhor dos lobos era o poder absoluto, e as leis que os regiam estavam escritas em seus Códices, sendo o mais importante o Livro da Lua. Nele, estavam as espécies de lobos, suas manifestações, seus poderes, doenças e degenerações, além das leis a ser observadas para o bem da espécie. Punições, castigos e regras, tudo estava ali descrito. Nos demais Códices, sua história era dividida por livros. O salão de Licaonte era formado pelo senhor dos lobos como autoridade máxima; abaixo dele, a Trindade e seus conselheiros que mudavam a cada século. No chão de pedra, havia desenhado um grande círculo e, dentro dele, um homem e um lobo, lado a lado. A disposição dos móveis e cadeiras era singular e dizia muito. Darden ocupava o trono, que ficava no centro do salão, tendo à sua frente o Grande Círculo. Uma estrutura de madeira bastante antiga com vários lugares. No seu centro, um círculo menor onde todos individualmente falavam para os demais. Círculos e semicírculos eram comuns entre eles, que adoravam a lua e todas as suas faces.

Havia 12 lugares preenchidos no salão. O primeiro a falar foi Darden, que abriu a reunião expondo de maneira breve os acontecimentos que os trouxeram até ali. Deixou claro que todos estavam buscando soluções pacíficas para o distúrbio ocorrido dentro de suas esferas de poder.

Depois disso, a Trindade, pela voz de Ector, chamou à sua presença aquele que a convocara. Ector, Aron e Valéria sentaram-se juntos, e o líder, ao centro. Vestiam túnicas negras iguais quando se reuniam. E mantinham o pensamento coeso para que seus atos e palavras fossem um só. Possuíam poderes um tanto.

Diferentes dos demais lobos. Costumavam ter visões e podiam curar feridos e doentes com o toque das mãos. Eles controlavam os Cães de Caça, visto que não lutavam. Eram como um oráculo vivo, mas um tanto duvidoso desde que Alaíde tomara o lugar de Ian, morto há dois séculos.

Nigel ergueu-se e foi para o centro do círculo sob o olhar orgulhoso de sua mãe, Alaíde. Darden, que tudo via, percebeu o quanto as intrigas evoluíram em torno de seu trono e poder.

Nigel conseguira nascer puro, mas não detinha todas as qualidades necessárias para se manter no lugar de herdeiro dos poderes do senhor dos lobos. Durante muito tempo, ele foi visto como o herdeiro de Darden, visto que sua esposa Beliza havia morrido sem lhe deixar herdeiros. Diante disso, como mandavam os costumes, o filhote mais próximo era levado ao cargo de sucessão. E, por quase dez anos, Nigel teve a posição de sucessor garantida. Era alto e forte, possuía cabelos claros e olhos verdes, que herdara de seu pai, um homem-lobo da Escandinávia, poderoso e de sangue puro. Alaíde concebeu Nigel durante um grande Círculo de Cio. Seus traços também lembravam o de sua mãe, assim como sua fome de poder. Alaíde queria bem mais que permanecer na Trindade; ela queria assumir o controle da Alcateia através de seu filho. A total e completa unificação se viu frustrada com a chegada de Iago. Ser substituído não foi agradável, mas bem real. Iago era o verdadeiro herdeiro de Darden e precisava mostrar isso para a Alcateia e para a Trindade de uma vez por todas.

Nigel lançou um olhar de vitória sobre Iago, que não se deixou intimidar. Haveria tempo para sua resposta. Em breve, ele entenderia seu erro.

– Os Cães de Caça já estão no encalço do lobisomem que provocou o alarme. Seu nome é Samael. Ele é filho de sangue impuro de nossa espécie. Foi aceito em nosso meio e, por muitos séculos, bebia da Ânfora, como mandam as leis, mas há dois anos afastou-se da Alcateia. Desgarrou-se por vontade própria.

O que Darden não sabia é que muitos lobisomens se sentiam diminuídos por beberem da Ânfora. O que começara como cura acabou se tornando um estigma de

escravidão e subserviência. Muitos já haviam se rebelado e tinham sido punidos duramente.

– A Ouroboros tem conhecimento dos crimes do desgarrado.

Laertes começou a falar, pondo-se de pé diante do círculo. Ele era o homem à frente dos Caçadores. Depois de sua autoridade, somente a de Belizário e a Cúpula dos Doze, um conselho de criaturas que controlavam as mais diversas manifestações de vida e seres além da visão dos mortais. Cada um de seus membros pertencia a uma espécie, e era deles o direito de controlar e conter as esferas de vida além da humana para que sobrevivessem ao controle mortal na terra. Belizário era a voz de todos eles foram da Cúpula e Laertes, sua força. Um homem alto, beirando os 40 anos, cabelos escuros, rentes ao crânio, olhos sagazes e claros. Branco, alto, forte. Debaixo do terno, havia a musculatura de um homem de armas e guerra, oculto pelo casaco negro.

– O que nós não compreendemos é o motivo do alarme. A Trindade não tem o direito de mandar os seus Cães de Caça atrás de um desgarrado com sangue no focinho. – disse Laertes, sem medo de ser contestado. – Seus Cães podem ser e são – eficientes, mas com os homens-lobos, não com uma besta como Samael. Dois deles foram mortos sem culpa alguma, pois, quando um Caçador busca um lobisomem, não se detém para perguntar seu nome ou sua linhagem.

Nigel ouvia as críticas justas de Laertes com a garganta contraída – sua investida fora perigosa e desastrosa. Alaíde percebeu seu erro tardiamente, e a troca de olhares foi contida com Ector e Aron. Darden notou o que se passava, mas não estava preocupado com o futuro ou a honra de Nigel. Nada podia ser feito, dois dos seus haviam sido mortos graças à incompetência de Nigel e à fome de poder da Trindade.

– Quando Samael saiu da Alcateia perdeu a proteção do senhor dos lobos e o direito a uma pena leve. Sua caça e morte já foram decretadas pela Cúpula dos Doze. O nosso Caçador já está atrás dele e, em breve, o alcançará. Como vê, Nigel, seu alarme foi desnecessário e impensado – informou Laertes.

– A Trindade deve desculpar-se com a Ouroboros por seu ato imprudente. Lembro que nem os Conselheiros, muito menos o senhor dos lobos, foram ouvidos diante dessa questão, o que, sem dúvida nenhuma, teria nos poupado trabalho e a vida de dois dos nossos – disse Iago conciliador.

– Por que devemos ficar quietos quando um lobisomem descumpre as leis dos Códices e de nossas alianças? – Nigel insistiu em sua decisão, mesmo diante do olhar contrariado de Alaíde.

– Porque não é sua a decisão que vai mudar nossas deliberações e alianças ou nossos pactos. Cabe ao herdeiro discernir o que é melhor diante de uma situação como essa – disse Darden, tomando a palavra para mostrar insatisfação e sua autoridade diante da afronta direta de Nigel à Ouroboros.

Laertes o olhou com sede de vingança: eles não suportavam nem lobos nem vampiros. Em reuniões como aquelas, era possível ver o quanto as alianças eram delicadas e fáceis de serem quebradas. Todo tato era pouco diante dos seus exterminadores.

– Seu ato impensado, Nigel, trouxe o olhar mais severo da Ouroboros sobre nossa sociedade – disse Iago, tentando calar seu inimigo.

– E onde estava o herdeiro quando precisamos de seu discernimento? – perguntou Nigel altivo, fitando Iago com rancor.

– Não lhe cabe saber os passos do herdeiro. Mas fica óbvio que sua curiosidade pode ser satisfeita quando desejar e com as armas certas. – Iago sugeriu um duelo com prazer.

– Basta!

Darden rugiu mais do que aborrecido com aquela demonstração de instabilidade dentro de sua casa. O clima tornou-se tenso entre os homens-lobos. Belizário observava tudo com bastante atenção; afinal, foi para isso que saíra de seus cuidados – descobrir e observar a fonte do desequilíbrio. Ele precisava achar de onde estava vindo a insatisfação com a paz e o Pacto.

– Que a Trindade pague tributo à Ouroboros em prata.

Darden ordenou e viu Ector e Aron aceitarem aborrecidos, mas pacificamente, a pena por seu erro. Aquilo era armar o inimigo, mas era o único preço satisfatório diante da Ouroboros. Alaíde olhava tudo com frieza e continha o seu ódio detrás dos olhos já escuros, mudados por sua natureza de loba.

– A Ouroboros recebe o tributo e aceita a autoridade justa de Iago como sucessor do senhor dos lobos. E pede que o imprudente lobo seja chicoteado cinco vezes antes de sair do salão. Os Caçadores não gostam de matar inocentes. – disse Laertes, mais do que satisfeito, e, já se sentando do lado de Belizário, soltou uma indireta: – Ariel controla muito melhor seus “filhos”.

– Imediatamente! – declarou Darden.

Nigel sabia que deveria esperar pelo castigo. Não seria tolo de se mover e ser detido pelos Cães de Caça, que ladeavam a porta do salão. Um minuto depois, dois homens-lobos apareceram, vestidos como militares, soldados, usando calças e casacos negros. Usavam armas com bala de prata, levavam sangue da Ânfora consigo e sabiam conter homens-lobos e lobisomens, só não eram páreo para os Caçadores.

Eles se posicionaram ao lado de Nigel, que os seguiu até a coluna, uma estrutura de mármore à frente do salão onde ainda eram feitas execuções e efetuadas punições. No topo, havia a escultura de uma cabeça metade lobo, metade homem. Ela ficava fora do círculo, demonstrando que aquele que era punido beirava a expulsão da Alcateia. Nigel se despiu do casaco e da bela camisa, deixando seu corpo forte exposto, enquanto Alaíde, sua mãe, olhava-o com frieza. Ela esperava dele indiferença e postura diante do castigo; ao menos ali ele precisava se mostrar superior a Iago. Nigel teve os pulsos agrilhoados, além de presos por uma corrente à argola na coluna. Darden fitava a cena com desprezo. O chicote estalou e, por alguns minutos, ele foi o único som dentro do salão. A troca de olhares entre Alaíde e Darden disse muito a Iago; com certeza falavam mentalmente, mas isso pouco importava. Nigel errou e, por muito pouco, não fora

ele punido em seu lugar, e pior: injustamente. Enquanto chicoteado, ele não emitiu nenhum som, além de grunhidos. Quando teve os pulsos livres, saiu caminhando lentamente para fora do recinto. Um dos guardas o conduziu pela porta lateral, assim não houve ofensa ao salão de Licaonte, pois a ninguém era permitido sair, somente quando convidado a deixar o salão. Todos viram os cortes em sua pele e o sangue no chão e na coluna. Iago conseguiu assumir o controle da situação, mesmo com a intervenção de seu pai, e tranquilizou a Ouroboros parcialmente com o sangue de Nigel, até porque o maior desejo deles era vê-los todos mortos, extintos. Mas humilhar Nigel e sua mãe fez com que esquecessem a questão temporariamente.

De imediato, a Trindade se viu obrigada a pagar tributo à Ordem. Diomedes e Zeno, os Conselheiros, convocados para a reunião, observavam com certo divertimento disfarçado; afinal, a decisão deveria ter passado por pelo menos um deles. O baú de prata foi posto à disposição da Ouroboros. A Alcateia desejou formalmente êxito aos Caçadores e nada reclamou dos despojos do desgarrado. Belizário entrou no círculo e, com um gesto, fez surgir de uma porta lateral uma convidada desconhecida.

A jovem mortal caminhou silenciosamente até próximo à mesa e sentou. Todos os olhares estavam sobre ela. Joyce observou os seres à sua volta com frieza e ódio contido. Mantinha o queixo delicado erguido, e sua postura não lembrava uma mortal assustada nem tampouco uma loba perigosa: era um misto das duas coisas, com um toque de mistério único. Iago a olhou com mais atenção que os demais: já a admirava. O seu ato de coragem, mesmo diante da morte do pai, tornou-a aos seus olhos uma mulher muito especial. Enfrentar um lobisomem era aterrador. Pavel não era mais humano; era somente um animal com sede de sangue. Ela poderia ter se resguardado, mas não o fez; simplesmente foi atrás do assassino, mesmo em sua condição de mestiça. Como homem-lobo, desejou-a de imediato. Sua pele alva, os cabelos negros presos no alto da nuca. Seus olhares se encontraram, pois Joyce se sentiu observada mais intensamente por ele. O verde de sua retina e o negro dos olhos de Iago travaram uma batalha silenciosa, e nenhum

dos dois cedeu. Dentro daquele olhar, havia um fogo intrigante. O corpo era esbelto, mas adornado por curvas suaves no busto e generosas no quadril, o que o deixou alerta aos seus movimentos. Nenhum detalhe passou despercebido ao olhar de Iago. Vestia-se de modo simples, uma malha fina, jaqueta e jeans negro. Estava de luto pelo pai.

– Um segredo guardado há cinco séculos foi revelado. A Ordem de Hermes é real, e a relíquia protegida por seus integrantes corre perigo. Gostaria de estar errado sobre alguns fatos, mas, infelizmente, a realidade me obriga a questionar membros da Alcateia e do mundo vampírico – Belizário começou a falar, observando todos no salão. E continuou:

– A Ouroboros tem consciência de que o Pacto dos vampiros, firmado entre as duas espécies, está em risco. Não por aqueles que desejavam sua continuidade através dos séculos, existem grupos buscando a quebra da paz. Entretanto, nós não permitiremos que a cortina caia, revelando os nossos segredos.

O salão estava silencioso. Heitor, como embaixador do mundo vampírico, apenas ouvia em silêncio, esperando sua vez de se pronunciar, prevista para breve. Ele representava Ariel, mas não tinha autorização para tomar decisões em seu nome ou do que representava.

– Samael e, certamente, aqueles que o protegem sentem-se agora vitoriosos; afinal, têm em seu poder dois pedaços de um pergaminho bastante antigo e poderoso. A promessa é que, se o pergaminho for reunido, poderá trazer à vida criaturas capazes de nos destruir. Parece extremo falar assim, visto que somos imortais e vivemos nas sombras da ignorância e da cegueira humana. Mas acredito que não ser visto é essencial para a sobrevivência do que somos. E não desejamos inimigos além dos que já possuímos.

Belizário era direto ao expor os fatos, não tinha tempo para melindres e não era de sua natureza mantê-los, fosse qual fosse a situação.

– Joyce Chantal é a nova guardiã do primeiro pedaço do pergaminho. Cabe a ela proteger os demais pedaços, mas não sozinha. Quando os membros da Ordem

de Hermes dividiram o pergaminho, a Ouroboros estava presente e se comprometeu a protegê-los, visto que eram somente mortais. Ficamos ocultos, até mesmo para eles, visando somente a resguardá-los. Hoje, estamos revelados diante de seus olhos e prontos a lutar por sua causa.

– Por que a Ouroboros não passou a proteger o pergaminho? Teria sido mais lógico. Por que deixar tal relíquia nas mãos de simples mortais? – questionou Alaíde, observando a jovem com antipatia.

– Meus antepassados tinham conhecimento de sua espécie e da que escreveu o pergaminho. E sabiam que, se ele ficasse em poder de imortais, mais cedo ou mais tarde seria usado para um fim maligno e destruidor – disse Joyce, sem receio.

– Você não pode falar dentro do salão de Licaonte! Sequer sabemos por que uma mortal está em nossa presença. Belizário decerto pode explicar isso. Afinal, proteger uma relíquia não lhe dá o direito de estar diante de nós – disse Aron antes que Alaíde o fizesse.

– Falo e falarei diante de quem quer que seja. Lobo ou vampiro. Acredita, porventura, que a caça não pode reagir? Ou pior: acreditam-se deuses? – retrucou com coragem, olhando Heitor bem próximo a ela. – Sou mortal e não me envergonho de morrer ou de ser frágil diante de cães ou sanguessugas!

– Joyce! – censurou-a Belizário com pouca ou nenhuma vontade de repreendê-la; afinal de contas o discurso da jovem Chantal era o deles. Ofender Alaíde era por demais agradável para Belizário.

– Não nos afronte só porque conta com a proteção da Ouroboros. Estamos dentro de terreno neutro, mas aqui também existem punições para lobos, vampiros e mortais, Joyce Chantal – argumentou Diomedes, compreendendo sua revolta.

– Ela tem direito a falar dentro do salão de Licaonte – interferiu Iago.

Observando Darden e Belizário, que lhe haviam dado permissão junto com a Ouroboros, Iago decidiu revelar a verdadeira natureza da jovem. Ele, agora, andava pelo círculo, achando-a cada vez mais atraente e corajosa. Ao se aproximar da área

circular, percebeu que o cheiro dela estava no ar da sala, era uma mistura de maçã e raízes doces de alcaçuz.

– Ela é uma de nós, mesmo que não goste de admitir.

Iago parou de andar, permanecendo ao seu lado. Joyce o olhou com ressentimento. Quem era ele para revelar sua natureza? Belizário percebeu o modo desejoso como Iago observava a jovem e previu o óbvio. Não havia sido proposital, mas agora ele sabia como agir. O senhor dos lobos lhe devia um favor.

– Uma mestiça!

– Sim, mestiça. Sua mãe era Maxine, a filha de Angus, um dos primeiros líderes dos Cães de Caça – revelou Belizário, observando o aborrecimento e a vergonha de Joyce ao ter sua origem exposta.

Por um momento, teve pena dela. Ela não pediu para nascer e ter sua natureza de mortal violada. Descobriu do pior modo, pela boca do inimigo, Samael. Ele a encontrara há alguns dias, chorando diante do túmulo de seu pai. Quando o alerta foi dado no jornal, Belizário sabia que precisava sair de sua reclusão e agir. Há séculos ninguém o via entre vampiros, lobos e, muito menos, mortais. Era imortal, mas não pertencia a nenhuma dessas categorias. Durante um século, fez de Laertes sua voz e seus olhos dentro das demais esferas, porém não se afastou, não poderia. Ficou a uma distância segura. Ninguém sabia o que realmente lhe acontecera, mas o certo é que foi doloroso. Havia somente especulações. Belizário possuía quase mil anos, mas aparentava somente 30. Os cabelos castanho-claros eram um tanto grandes e escorregavam pela testa, os olhos eram claros e bastante melancólicos. Apesar de jovem, sua face denotava maturidade e até um toque sombrio. Não era tão alto quanto Laertes, mas fazia uma boa figura: os ombros eram largos e o corpo, bem definido. Foi agarrada a ele que Joyce demonstrou sua fragilidade. Olhou-a com carinho e esperou que ela o perdoasse por revelar o que não poderia ser escondido.

– Maxine desgraçou sua linhagem de sangue para manter uma mestiça em seu ventre – asseverou Aron com indignação.

– Até mesmo os cães amam seus filhotes! Que espécie de criatura é você para julgar as escolhas de minha mãe? – disse Joyce Chantal, ficando de pé.

– Acalme-se! Estes seres que a rodeiam são seus iguais. – O senhor dos lobos interveio, tentando manter a situação sob controle e percebendo na jovem grande coragem.

– Jamais serei como vocês, que comem carne e sangue!

– Joyce! – objetou Belizário, fitando-a nos olhos com muita atenção.

A jovem fez menção de sair, e ele a conteve somente com um olhar mais demorado, e, silenciosamente, disse-lhe “não”. A jovem mulher se conteve e esperou muito. Iago não gostou do que viu; na verdade, teve ciúmes do poder que Belizário exercia sobre ela. Afinal, ela lhe obedecera. Saberia Joyce que ele era algo pior que um lobo ou vampiro? Iago pensava, pronto a lutar por sua atenção.

– Aproxime-se – ordenou Darden, cansado de sua insolência e altivez.

Joyce não se moveu. Nesse momento, Iago a segurou pelo braço. Joyce o empurrou e eles se enfrentaram. Belizário ficou de sobreaviso. Ela teria puxado sua faca, caso não a houvessem desarmado na entrada do salão. Aliás, todos ali estavam desarmados, pois era comum os ânimos se exaltarem, se bem que a maioria não necessitava de armas para matar, muito menos Belizário. De qualquer modo, Iago precisava entender que ela não gostava de ser tocada por sua espécie. Ela se moveu, foi para diante de Darden e esperou, fitando aquele velho lobo com admiração e, pela primeira vez, com medo. Sua face, os olhos, seu coração disparou. Darden só queria sentir seu cheiro. Aspirou o ar à sua volta e entendeu bem o que se passava.

– De fato, você jamais provou de sangue ou carne. Mas lembre-se: a Lua a governa e, em breve, vai mostrar sua força sobre a sua natureza. Então, quando for parte da natureza, saberá a que mundo pertence. Aproveite seus últimos dias de mortalidade e humanidade. Se é que existe algo de bom nisso. – debochou risonho.

Joyce recuou, fitando a criatura singular diante dela. Em seguida, afastou-se, voltando ao lugar que ocupava e esperou. Foi só então que percebeu o modo como o filho do senhor dos Lobos a observava e não gostou – ele parecia despi-la com o olhar.

– É sob a tutela deles que permanecerá de agora em diante – afirmou Belizário, fechando o círculo.

– Jamais! – replicou a jovem, mais que aflita e surpresa.

– A Ouroboros não pode protegê-la nem adotá-la.

Joyce olhou Belizário e se sentiu traída. Nos últimos dias em que esteve sob sua proteção, via nele um amigo. Acreditou que poderia ficar com eles e lutar contra os lobos. Seus olhares se encontraram e Joyce percebeu que, para ele, era igual aos outros.

– Eu não preciso ser adotada! Tenho 20 anos, posso me cuidar sozinha.

Iago a segurou pelo braço e a fez sentar-se num gesto duro. Ela chegou ao seu limite e, ao segurar a borda da mesa, exibiu pela primeira vez suas garras arranhando a madeira. Os outros viram sua reação com admiração e vitória. E, quando ela se voltou para enfrentar Iago, seus olhos estavam alterados e os caninos já surgiam entre os lábios. Rosnar só a fez despertar para a estranha reação que teve sob o efeito da raiva e frustração.

Assustada com o som que saiu de sua boca, Joyce fechou os olhos e mordeu o lábio. Pouco depois, as lágrimas começaram a rolar por sua bonita face. Iago a soltou e se afastou, não queria provocar um incidente do qual ela poderia sair ferida. O salão estava silencioso, Belizário a fitava com indiferença, mas Laertes, que o conhecia bem, sabia que ele havia sentido algo pela jovem. Amor, talvez? Afinal, ela fora o motivo de fazê-lo sair do ostracismo. Pouco importava, o amor entre eles seria proibido e condenável em sua posição, mas ainda assim, amor. Foi tal sentimento que o fez se aproximar da jovem e tentar, de um modo distante, consolar sua dor.

– Você não é mortal, Joyce. Não há lugar no nosso mundo para você, sinto muito. Logo, sua verdadeira natureza vai exigir espaço, e você precisará contar com o apoio de seus iguais. Haverá momentos difíceis, mas eles vão ensiná-la a ser uma loba.

Belizário tentava ser amável como jamais ousou ser com qualquer outro de sua espécie. Afinal, ela agora sabia e não podia negar. Fitar sua face banhada em lágrimas custou-lhe bastante.

– Sou mortal – ela murmurou, secando as lágrimas com vergonha, sem querer se render.

Iago ouviu seu murmúrio teimoso e suspirou cansado, fitando-a de soslaio. Mas, ao ver as lágrimas sinceras, tentou entender sua revolta.

– Não, não é. Você lutou contra um lobisomem e o matou. Nenhum mortal conseguiria tal feito e teria saído completamente ileso – disse Belizário de modo compadecido.

Joyce não sabia ao certo como, mas ela conseguira. O treinamento que recebera na Ordem fora muito simples. Sabia lidar com uma arma de fogo, uma faca e um pouco de esgrima, nada mais. Era somente a guardiã do pergaminho, não precisava incorporar a figura de um super-herói. Todavia, quando encontrou o professor nos corredores da universidade, não hesitou: puxou sua arma e atirou. Infelizmente, as balas não eram de prata. Agredido, ele rosnou e se lançou sobre ela, que lutou contra Pavel de mãos vazias, apenas se defendendo de suas mordidas e unhas. Quando conseguiu empurrá-lo escada abaixo, viu-o completar sua transformação. Seu corpo mudava rapidamente, transformando-o numa fera de quatro patas a persegui-la. Joyce correu, precisava de sua espada. Alcançou-a junto ao carro bem a tempo de cortar sua cabeça. Ela só não queria admitir que fosse diferente. Mas, no seu íntimo, havia a suspeita. Sempre tivera uma audição aguçada, podia sentir odores que nenhum outro mortal percebia, via incrivelmente bem no escuro, era ágil e forte, jamais ficara doente ou tivera um osso quebrado.

Joyce sentiu a mão amiga de Belizário e ouviu sua voz dentro da própria mente pela primeira vez, num contato íntimo e privilegiado que ele lhe deu em nome do amor que sentia por ela, mas que jamais ousaria lhe revelar ou demonstrar para a segurança de ambos.

“– Sempre contará com minha amizade, não importando sua natureza. Agora me obedeça e fique com sua espécie, aprenda o que for preciso para ser livre. Seque as lágrimas e mostre quem você é, Joyce Chantal, matadora de lobisomens”.

Joyce sentiu a esperança voltar e engoliu sua ira, as lágrimas, fazendo seus próprios planos, ciente de que não decepcionaria Belizário.

– Peço ao senhor dos lobos que acolha em sua Alcateia a mestiça Joyce Chantal, e que ela possa achar seu lugar junto ao seus iguai. – disse Belizário, seguro, já se afastando de Joyce, agora mais calma.

– Ela é bem-vinda à nossa Alcateia. E dela fará parte até que tenha idade suficiente para decidir o que é melhor para si mesma.

O senhor dos lobos percebeu que ela se resignara temporariamente. O assunto foi encerrado. Iago observou Belizário com desconfiança e, sempre que podia, fitava a jovem mestiça.

Heitor foi para o círculo. Ele precisava falar em nome do rei dos vampiros.

– O que chamam de Ordem de Hermes, nós chamamos de ladrões de tumba.

Heitor sabia como insultar, mas também era capaz de apaziguar. Afinal, o olhar de Joyce sobre ele foi assassino. A rivalidade entre eles sempre seria maior.

– Foi um acidente – justificou Joyce, tentando defender sua Ordem.

– Então, por que jamais desejaram devolver o pergaminho ao verdadeiro dono, o rei dos vampiros? – perguntou Heitor.

Pela sala, correu um murmúrio de curiosidade e surpresa. Joyce sorriu vitoriosa. Afinal, os demais não sabiam a origem do pergaminho.

– Sua espécie nos deve uma boa explicação. – disse o senhor dos lobos, observando Heitor com certo aborrecimento.

– Vim em nome do rei dos vampiros prestar esclarecimentos. Não omitir a verdade, como a Hermes vem fazendo há séculos.

– De que fala o pergaminho? – quis saber Darden, dirigindo-se a Heitor.

– Nós não sabemos sua origem ou por que foi escrito. Ele é anterior ao rei e ao próprio Radamés, que o transcreveu e protegeu. Talvez a representante da Ordem de Hermes saiba o conteúdo – disse Heitor, fitando Joyce.

– Nós também não sabemos.

– Isso se torna cada vez mais ridículo! – disse Darden, realmente aborrecido. – Então por que o mantiveram e não o destruíram?

– Tente ambição. Afinal, o pergaminho traz sorte e fortuna a todo aquele que o protege e guarda – revelou Heitor, deixando Joyce sem argumento de defesa.

– Isso é verdade? – quis saber Alaíde, semicerrando os olhos.

– Sim. É verdade, o pergaminho traz riqueza, mas também a morte. – respondeu Belizário por Joyce.

– Quando o grupo de soldados violou, sem querer, uma velha tumba no Egito, jamais imaginou estar diante de algo tão poderoso e mortal. Eles acreditavam que o pergaminho os levaria a tesouros, mas só os levou à morte. Todo aquele que tentou ler ou leu em voz alta foi consumido. Ninguém jamais conseguiu fazê-lo sem perecer. Mas, até onde foi lido, revela trazer à vida uma criatura destruidora. Ela recebeu o nome de Íris e sua sede é de sangue e corações humanos. Quando isso ficou certo, o pergaminho foi dividido em pedaços. Seja lá o que desperte, é de interesse dos lobisomens. Samael já matou dois mortais por isso e vai continuar até encontrar o último pedaço – Joyce acusou.

– Quantos são? – quis saber Iago.

– Quatro. – respondeu Joyce.

Belizário olhou para Heitor e não viu nenhuma alteração em sua face. Ele não pretendia revelar ou simplesmente não sabia que o pergaminho fora dividido em cinco pedaços. O problema é que nem mesmo Alan sabia com quem ficara o quinto pedaço. O Rei Ariel Simon tinha conhecimento deste último fragmento, mas também não conhecia seu paradeiro. Melhor assim, isso detonaria pânico e, caso Samael não soubesse, tal pedaço estaria protegido.

– E os demais pedaços, onde estão, e sob a guarda de que espécie? – a Trindade quis saber de imediato em voz uniforme.

– Estão sendo mantidos em segurança pela Ouroboros. Acreditamos que, assim, as duas espécies consigam manter o Pacto. Assim que capturarmos Samael, descobriremos quem está por trás dessa busca. Logo, tudo voltará à sua quietude natural – revelou Belizário.

– Nós, através da pessoa do rei, acreditamos na manutenção da paz entre as duas espécies. Mas de nenhum modo nos sentimos culpados pelo incidente. O rei, desde que soube da descoberta do pergaminho, tem tentado à exaustão reaver seus pedaços sem êxito. A Ordem de Hermes jamais aceitou nossas propostas de compra dos pedaços do pergaminho. Ariel pretendia destruí-los um a um.

– Quer mesmo que acreditemos nisso? – ousou Joyce.

– Contenha-se! A reunião dentro desse salão é de paz, apesar da troca ácida de palavras. Buscar a guerra no salão de Licaonte é buscar a própria morte. – advertiu Iago, fitando a loba com censura.

– A Ouroboros acredita e vai fazer isso possível, assim como o rei dos vampiros vem tentando. Logo o visitarei e espero pode contar com seu apoio nessa caçada.

– O rei vem caçando pessoalmente Samael – disse Heitor com segurança e prazer.

– A Alcateia está à disposição da Cúpula, da Ouroboros e do rei dos vampiros.

–Assim como os Cães de Caça. – completou Aron logo em seguida.

Não havia mais questões a serem levadas ao conhecimento dos que no salão estavam, de modo que a reunião foi encerrada. O senhor dos lobos ordenou que as portas fossem abertas. Iago se aproximou do pai e cochicharam, fitando a mestiça. Com um olhar cheio de reserva e esperança, Darden permitiu. Belizário e Laertes se despediram de Joyce e este se afastou, percebendo que o amigo queria dirigir-se a ela em particular.

– Comporte-se, Chantal. Respeite as regras, as leis e tente se manter viva. Quero vê-la lá fora e livre. O tempo que vai ficar entre eles é curto.

– Não os suporto – disse sincera, olhando-o com tristeza e alguma saudade.

– Logo se sentirá em casa. Darden é justo e bondoso, procure seu conselho quando tudo sair do controle. Ele saberá guiá-la o melhor possível.

Joyce segurou sua mão e a apertou com carinho. Belizário semicerrou os olhos e sentiu o coração bater mais depressa.

– Obrigada por não me odiar. Imagino como foi difícil para você conviver comigo esses dias, sabendo que eu era uma mestiça. Quero apenas que saiba que a mortal é quem vai prevalecer. Não me deixarei caçar.

– Apenas seja feliz – pediu Belizário, apertando seus dedos e se distanciando sob o olhar atento de Iago e Darden.

A Trindade se afastou, pronta a se retirar, os Cães de Caça que os protegiam levaram-nos além do corredor. Iago havia sumido pela porta. Joyce agradeceu aos céus por sua partida, sua presença a incomodava. Mas sua alegria durou muito pouco: ele voltou acompanhado de oito jovens homens-lobos. Belizário recuou, afinal sabia o que aconteceria, e nada podia fazer senão assistir. Iago iria introduzir Joyce na Alcateia. Aquilo tinha vários significados, mas, por enquanto, ela só entenderia o mais óbvio: estava sendo recebida na Alcateia.

Joyce viu Belizário recuar subitamente junto com Laertes. À sua direita e à esquerda, viu homens-lobos a cercarem. Assustada, ela recuou e buscou explicação, olhando as pessoas à sua volta. Eles a empurravam para o centro do

salão Licaonte sem tocá-la. Andavam em torno dela, observando-a, farejando como se a reconhecessem, buscassem sua origem. Emitiam pequenos sons como grunhidos. Sobre o desenho, ela girava em torno de si mesma, tentando entender o que acontecia. Finalmente, conseguiu: Iago. Ele sorriu para ela no círculo de homens que a cercava.

Um deles tocou seus cabelos, assustando-a; outro, sua mão. Um terceiro alcançou seus pés e, quando Iago entrou no círculo, tocou seu ventre. Houve uivos de todos os lados. Alexia, que havia acabado de chegar, observou a cena com admiração e alegria, sem acreditar que ali estava Iago. Ela sentiu a mente de Heitor tocar a sua, voltou-se e viu seu olhar sobre ela em meio à alegria da Alcateia, que recebia mais um membro em seu seio.

Joyce tentou recuar, mas foi empurrada para frente, de modo a se chocar contra Iago, que a segurou nos braços. Ela se desvencilhou dele, que a deixou sozinha no círculo e continuou a andar à sua volta. Quando ela tentou fugir, foi empurrada para dentro novamente. Furiosa e sentindo-se intimidada, Joyce sentiu a raiva crescer. Ela arfava e, no instante em que seus olhos mudara Iago soube o que fazer. Eles a provocavam, puxando levemente suas vestes, enquanto ela tentava recuar e defender-se. Iago deu o sinal: os homens-lobos se abaixaram e uivaram em redor de Joyce.

A Alcateia os seguiu e ela sentiu seu corpo se arrepiar, estava envolta em sensações primitivas e sensuais. Viu as unhas das mãos maiores, o coração disparado; sentia os caninos sobre seus lábios e, quando não mais suportou, uivou com toda a força que seus pulmões permitiram. Foi incontrollável, veio de sua alma, e fazê-lo a encheu de força e alegria. Ainda uivava quando escutou um uivo junto ao seu: era o de Iago.

Estava feito. Iago a trouxera para a Alcateia. Parte dos membros da família ali presente se aproximou e a abraçou com excitação e alegria. Era motivo de contentamento quando um lobo vinha até seus irmãos. O acolhimento seria dado a

ela, mesmo que fosse mestiça. Haveria os que virariam o rosto para sua linhagem, mas Joyce jamais seria expulsa por não ser pura.

Os homens lobos a olhavam com admiração e respeito. Seu uivo havia sido forte e cheio de algo que somente os lobos sabiam identificar: coragem e vigor. Ela era uma fêmea Alpha como sua mãe fora. Os traços mortais eram fracos, e isso ficou bem claro para a Alcateia e para Belizário. Assim como o fato de Iago a ter escolhido para amante.

Capítulo 10 - Napoleão Chegou ao Egito

Quando Radamés, o líder da Ordem de Thoth, desapareceu, no mundo dos vampiros, o caos equilibrado por Detrich se estabeleceu. Os Poderes foram violados e o Livro, corrompido, seguia suas ordens.

O que o mundo vampírico não sabia é que Radamés havia sido envenenado. E, graças à sagacidade de Ariel, ficara protegido dos abutres sob o comando de Detrich. Ninguém, além dele e de Afrodite, conhecia o lugar de seu derradeiro repouso. Ali, nas areias quentes do deserto, sua tumba permaneceu resguardada por vários séculos sem que qualquer criatura conhecesse sua localização exata. Nem mesmo Afrodite, que ajudou a enterrá-lo, saberia identificar novamente o local do sepultamento, pois Ariel a iludiu, temendo que ela pudesse pilhar seus tesouros no futuro.

Ariel estava certo quanto às suas intenções, pois Afrodite, assim que pôde, vasculhou o deserto em busca de um caminho que fez às cegas. Mas ela jamais o achou. Seu corpo nunca fora encontrado por outro vampiro. Os séculos se passaram e mares de areia estenderam-se sobre a abertura oculta de sua tumba, cobrindo-a, enterrando-a para sempre no esquecimento.

Corria o ano de 1798, e a campanha de Napoleão no Egito já contava com várias batalhas. No dia 21 de julho, no embate que ficou conhecido como a Batalha das Pirâmides, a tumba de Radamés foi profanada. Seis soldados, fugindo dos mamelucos durante o combate, dirigiram-se para o norte. Durante a fuga, dois deles despencaram por um buraco e adentraram uma tumba por acidente. A queda de quase cinco metros não os matou, pois caíram sobre um leito mole e vivo. Eram as serpentes. Isso, sim, os exterminou imediatamente. Seus corpos foram picados à exaustão. Não havia como escapar das serpentes, mas, se conseguissem, o veneno que flutuava no ar da câmara os mataria. Os últimos três foram praticamente

empurrados para o buraco pelos mamelucos para que morressem, porém eles conseguiram correr sobre os corpos até a câmara seguinte, atirando nas cobras. No entanto, já estavam completamente cegos, graças ao pó que se desprende das paredes – armadilha bastante eficaz, usada para proteger a tumba. Na corrida desvairada, eles ativaram os gatilhos das setas envenenadas. Elas saíam da boca das estátuas dos chacais nas paredes.

O sexto soldado não despençou: segurou-se na borda e conseguiu defender-se do último mameluco. Longe de sua tropa, ele resolveu ir atrás dos seus companheiros. Afugentou as cobras com fogo e, com o rosto coberto, conseguiu vencer o ar pesado da tumba. A abertura fez o ar entrar e dissipar o veneno.

Os tesouros de Radamés agora estavam expostos à cobiça humana. Para aquele soldado, era seguro que estava na câmara mortuária de algum faraó e que sairia dali muito rico, talvez mais rico que o próprio imperador.

O mortal fitou o sarcófago retangular de pedra de basalto polido e, pelo pouco que sabia, ali dentro estavam os tesouros do morto. Ele afastou a pesada tampa e se deparou com o que acreditava ser uma simples múmia. Muitos séculos haviam se passado desde que Radamés fora ali encerrado. O veneno que o paralisara destruíra seu corpo e o transformara realmente em uma múmia. Entretanto, sua alma permanecera enclausurada, presa dentro da tumba. Ele não conseguia cruzar as paredes e caminhar pelo deserto. Como vampiro, ele ainda tinha sede de sangue e, agora, podia absorver bem mais que sangue, assim como os Mais Velhos.

O intruso chamava-se Antoine e foi dele que Radamés se serviu. O soldado foi atacado na terceira câmara, onde guardava joias e pergaminhos em sua sacola. Ele podia sentir o corpo de Radamés, ouvir seus sussurros, mas não o via. O toque de suas mãos o envelhecia e, quando o espectro alcançou sua garganta, o sangue foi drenado. Radamés estava visível aos olhos de sua vítima.

O vampiro levou sua juventude, sua energia e seu sangue. Quando ele caiu, Radamés estava completamente visível, então recolheu sua vítima do chão e o depositou sobre seu túmulo. Radamés examinou-o enquanto agonizava e por fim

deu uma gota do que pareceu ser sangue ao mortal. Foi o suficiente para que seu corpo ganhasse vida, para que a carne voltasse a ter juventude e força. Ele, agora, era um vampiro.

Nesse momento, o soldado puxou sua arma e atirou em Radamés, correndo para fora com o fruto de sua pilhagem. Radamés o seguiu até onde pôde e recuou ao ver mais mortais na tumba. Antoine viu seus companheiros de tropa e estendeu a eles a mochila. Dentro dela, as joias e os pergaminhos de Radamés, que tentou detê-los, acertando dois deles com lanças, mas a mochila sumiu dentro da luz solar além da tumba. Antoine quis fazer o mesmo, mas foi tocado pelo sol. Sua nova natureza o fez sentir dor e, por fim, virar uma tocha viva. Os soldados recuaram e selaram a tumba. Antoine virou cinza – ele realmente estava destinado a morrer no Egito.

Quando a noite cobriu o deserto, Radamés pôde sair da tumba e vagar pelo mundo dos vivos novamente. Não como vampiro, ele não possuía corpo a menos que o materializasse; era somente um espírito, uma alma imortal. O primeiro vampiro em que pensou foi seu pupilo, agora o rei de sua espécie, Ariel, mas, antes dele, procurou uma bruxa chamada Dalila. Ela saberia como proteger o pergaminho roubado e impedir que ele libertasse uma criatura muito perigosa. A bruxa o recebeu com surpresa e alegria e logo procurou os mortais, que agora eram os donos do pergaminho e sequer sabiam o seu nome ou o que significava. Após o proteger parcialmente através de Dalila, Radamés buscou o rei dos vampiros.

Encontrou-o na sua câmara, e lá foi recebido com alegria, e lhe contou sobre o incidente. Imediatas providências foram tomadas, mas foi impossível reaver o pergaminho das mãos dos mortais, que agora se intitulavam Ordem de Hermes. Todo o resto de nada valia diante do manuscrito. Ele era parte de uma maldição muito antiga, a qual Radamés protegia.

Capítulo 11 - Aquele Que Ensina

– Mantenha a postura e os ombros retos. Aqui você está perdendo só ritmo; lá fora, é sua cabeça.

A vampira tentou recuperar o ritmo, mas foi difícil, pois estava cansada. Treinavam há quase duas horas com uma pausa somente de dez minutos. Martan acompanhava os passos de Kara andando ao seu redor, enquanto ela se movia com a espada em punho diante do espelho que recobria toda a parede do salão. Ele estudava seus movimentos e, vez ou outra, tocava-a com a ponta de uma vareta de bambu para corrigi-la. Era um exercício cansativo, mas de grande ajuda. Entretanto, era inegável, a vampira, por vezes, mostrava-se preguiçosa e, quando Martan percebia, exigia um pouco mais. Ele conhecia seu potencial, ela podia ir além, bastava desejar. Agilidade ela possuía, graças aos dotes vampíricos. Mas eles precisavam ser unidos à técnica e ao treinamento. Tentando fazê-la ganhar agilidade e eficácia nos golpes, resolveu colocá-la literalmente para dançar. Sincronizou alguns movimentos e a fez dançar uma valsa.

Kara treinou por uma hora os movimentos sem música, e, quando pensou que podia parar, Martan ligou o aparelho de som e mostrou-lhe como aliar os golpes e os passos com a música. Ela dançava há quase uma hora. Nada exaustivo para uma vampira com tantos dons. Mas, para Kara, a repetição era devastadora. Transpirava, estava com os músculos dos braços doloridos, assim como as pernas, e o pulso doía – era o peso da espada. Aborrecida, ela parecia marchar e se perguntava por que tinha de começar do zero. Afinal, tivera aulas com Jan Kmam por cinco anos.

O vampiro podia ver sua exasperação, a raiva, mas era preciso bem mais que cansaço e aborrecimento para fazê-lo finalizar o treinamento. Kara estava sob sua tutela há um mês. Tinha um longo caminho a percorrer até que a acreditasse pronta

para se defender sozinha. As ordens de Radamés foram bastante claras: ela precisava estar pronta para lutar.

Havia se passado um mês desde a estranha visão. O rei e os demais líderes continuavam a buscar respostas. Nada parecia estar acontecendo. Ariel mandou notícias, mas elas não traziam novidades reais. A Alcateia agora mantinha contato constante com o mundo vampírico. Ambos tentavam localizar Samael para que ele fosse preso, interrogado e executado pelas leis da Ouroboros. Era como se ele tivesse sido engolido pela terra. Tudo havia silenciado como se nada tivesse acontecido, e os ataques, a visão, fossem apenas casos isolados. De qualquer modo, era cedo demais para acreditar em tal sensação, tudo não passava de uma grande ilusão. Debaixo da calmaria, a tempestade se formava lentamente. Os vampiros mais antigos sentiam a presença de algo se avolumando, e, mesmo no sangue que sorviam de suas vítimas e seus amantes, havia o sabor amargo do medo, da apreensão.

Martan não viu Kara dentro da visão, mas o pedido de Radamés o fazia crer que ela teria alguma importância dentro da ameaça que enfrentavam. Entretanto, havia mais alguma coisa, algo muito sutil: ele fora o escolhido. Mas por que ele? Radamés teria conhecimento da sua amizade com Jan Kmam? Como se conheceram? Nesse momento, pensou em Bruce. Voltou sua atenção para Kara. Se a vampira se esforçasse, poderia aprender muito em seis meses. O que ela precisava era de estímulo, tudo à sua volta conspirava para que ficasse preguiçosa, a solidão era a mesma em seus olhos. A ausência do amante a massacrava, era visível. Às vezes, pegava-a com lágrimas nos olhos, murmurando sozinha.

Ela disfarçava o pranto límpido com um sorriso triste. Mantê-la ocupada era imprescindível.

Decidido a lhe mostrar a utilidade dos movimentos que fazia, Martan pegou uma espada e ficou à sua frente, acompanhando-a. Ela conseguia se defender dos golpes, avançar e recuar. Ele atacou com mais velocidade e, mesmo assim, Kara ainda conseguiu evitar seus golpes com força e agilidade. Era um teste de

resistência. O vampiro continuou, e Kara se via obrigada a se defender. Vinte minutos depois, a vampira caiu no chão. Escorregou, estava visivelmente cansada, pálida, o olhar dilatado, precisava de sangue.

– Levante.

– Estou cansada. – respondeu Kara mal-humorada.

– Vai dizer isso para seus inimigos?

– Eu não tenho inimigos.

– Todos nós temos inimigos e precisamos saber nos defender para sobreviver. A sua natureza a obriga a ser quem é.

Martan não fez menção de ajudá-la a erguer-se do chão. Simplesmente se afastou e, quando voltou, tinha um cálice de sangue nas mãos. Kara continuava sentada no chão, segurando a testa, os cabelos cobrindo sua face. Ele se agachou e lhe ofereceu o cálice, que ela aceitou prontamente. Ela o sorveu em dois goles longos e o observou fitando-a.

– Por que preciso treinar tanto? Não tenho uma folga desde que cheguei. Treino oito horas por noite. Quando terminamos? Só quero comer, banhar-me e dormir.

O vampiro a observava com atenção, mas nenhuma pena; tampouco deu mostras de que mudaria seus planos e códigos de conduta.

– Entendo que deseje se livrar da responsabilidade que lhe foi passada, mas eu estou cansada. Radamés disse que me ensinaria a usar meus poderes. E o que faz? Estou treinando como se fosse uma iniciante. – Ela parecia revoltada. – Lutei na Arena, defendi o rei, matei Caio Graco. Fui sua campeã por algumas horas... Isso de nada vale?

– Ninguém vive das conquistas do passado. Pouco me importa quem venceu dentro da Arena ou o que defendia. Sim, de fato, parece fatigada. Eu posso ver,

mas não vou poupar você por isso. Observei-a enquanto defendia seu amante; tem força, graça e até um pouco de estilo próprio. Mas é só isso.

– E o que quer mais?

– Quero que me mostre quem você é. Que aprenda a lutar para salvar seu próprio pescoço. Eu conheço sua bondade, o modo como se sacrifica para salvar seu mestre e os que ele ama. Mas... e você? Você é uma vampira, não uma santa guerreira. Nem Joana d’Arc foi tão pretensiosa – disse, cansado de sua postura.

– Jamais pretendi tal coisa. Fiz o que achei certo.

– Sim, foi o certo. Mas basta! Quem é você? O que é você além da sombra de Jan Kmam?

Kara ficou de pé. Estava pronta para sair do salão e fugir novamente. Martan também se ergueu e a observou com frieza. Ela estava completamente ofendida como sabia que ficaria. Tentou ir embora, mas ele continuou.

– Vai fazer a mala e fugir?

Kara parou no meio do salão e esperou por mais. Todos estavam sempre dispostos a ensinar algo a ela, mas ninguém manifestava disposição de ficar ao seu lado. Quando ia dormir, estava sozinha. Levantava-se de seu caixão e fitava mais uma noite, sabendo que era só mais uma dentro de uma infinidade de outras mais sem a presença de Jan Kmam. Saía pelas ruas e esperava sentir sua mão cobrir seu ombro, mas só havia o casaco, o cachecol, a mão invisível da solidão. Beijava estranhos e lhes roubava a vida, os sonhos. Eles caíam a seus pés e morriam em seus braços, mas desejava que eles pudessem ficar um pouco ao seu lado. Radamés ia e vinha, Vitor não podia ficar, Otávio a odiava, Asti passivamente o seguia e tentava fingir que estava feliz. Uma vampira tão poderosa, castrada pelo amor. Ela apenas seguia seu carcereiro e amante. Ariel... Ele poderia lhe fazer companhia? Nunca! Apenas a queria como amante em sua cama.

– Sabe o que vi? Ariel a ama perdidamente, ou a deseja. Quem sabe o que se passa na cabeça de um rei... Seu amante está adormecido, e você fica bancando a

garota frágil, revoltada, que foge de tudo e de todos. É um clássico. Quando Radamés e Jan Kmam pediram que cuidasse de sua educação, fiquei surpreso e confuso. Acreditei que fosse uma vampira excepcional... – revelou Martan.

– Tudo isso está além de meu controle, eu só faço o que os outros desejam.

O desabafo fora verdadeiro, ela não tinha planos ou expectativas. Saíra de São Luís porque Jan a fez prometer que sairia.

– Jan Kmam é um vampiro como poucos. Respeito-o como um irmão e, por isso, aceitei e dei minha palavra para ambos que a educaria. Mas o que tenho visto é que eles desconhecem a vampira que protegem e amam.

– Sinto muito se sou motivo de decepção.

– Não, não é, mas eu quero saber o que você quer?

– Minha vida de volta.

– Sabe que isso é impossível. Tudo mudou drasticamente, mas não é o fim. Tratei-a como um principiante porque você se comporta como uma principiante. Não tem postura, esconde-se atrás de Jan Kmam o tempo todo. A vampira que vi lutar na Arena ainda não chegou a Barcelona. Não a vejo mais em você.

– Ela está na Caixa com Jan Kmam, enterrada viva.

– Acha que suas lágrimas vão reduzir dez anos de espera, afastar o rei, ou fazê-la ser respeitada em nosso mundo?

– Pouco me importa o mundo vampírico, que se dane!

– É o seu mundo também, queira ou não. E nele você tem muitas responsabilidades. Tem um mestre e um rei, e não se iluda acreditando que está fora do seu alcance ou das leis do Livro, Kara. Ariel pode castigar você, está sob a responsabilidade dos Poderes e eles mandam em você e em todos.

Martan se moveu e a grudou na parede com força. Kara se debateu e ele continuava imóvel como se fosse feito de pedra sólida. Kara gritou de dor, a faca estava cravada em sua mão. Foi muito rápido para que ela pudesse entender ou se

defender. O vampiro se afastou e a observou segurar a mão ferida, olhando-o com incredulidade. Sangrava, sujando o chão. Por fim, ela arrumou coragem para puxar a faca da carne. A mão cicatrizou rapidamente, a dor passou. Estava assustada, como ele imaginou que ela ficaria.

– Jan Kmam lhe deu um presente único, a imortalidade. Poderes similares ao de certos deuses. Sabe, nós já fomos adorados como deuses e em troca bebíamos o sangue deles. – disse pensativo como se lembrasse desses dias. – No deserto existe um lugar onde os deuses estão adormecidos, e acredite-me, você parece muito com eles.

Os olhos do vampiro brilhavam, enquanto a observava e a forma como a ferida se fechou. Muito depressa para quem comia tão pouco. Nem a fome excessiva dos jovens ela possuía. Ia lhe dizer de onde vinha, mas foi contido.

Kara viu o vampiro virar o rosto como se visse alguém ao seu lado. Por fim voltou a observá-la. E continuou falando.

– E, mesmo assim, você age como se odiasse ser um vampiro. Ser vampiro, para muitos de nós, foi a única escolha, salvação e um presente. – ele explicou suavemente. – Você é livre para partir ainda hoje se quiser. Não vou lhe ensinar a ser algo que odeia. Apesar de não acreditar, Kara, você é livre para tomar suas próprias decisões, mesmo vivendo sob as nossas leis. Ou tendo um rei na sua cola. Agora honre a porra da sua linhagem!

Dizendo isso, Martan a deixou sozinha para que ela decidisse. Naquele mês de convivência, aprendera a confiar em Martan. Um professor calmo, exigente, mas muito carinhoso. Apreciava suas aulas, mas notava nele certa impaciência com seus progressos. Era como se ele esperasse muito mais. Todavia, jamais criou expectativa por tal reação de sua parte. Recolheu suas coisas e foi para o quarto. Ao que parecia, ele havia saído, não o viu na varanda como de costume. Estava muito confusa para decidir o que fazer, precisava se acalmar.

Dentro da banheira, sozinha, relaxando os músculos, Kara observou as velas aromáticas que havia acendido e lembrou-se de Paris, do apartamento. A luz era

tênue, o som da água morna era acolhedor. Ele tinha um modo todo especial de levá-la para a banheira. Geralmente, abaixava-se e tirava seus sapatos, beijava seus dedinhos. Brincava com seus botões e com o zíper, puxava laços e, finalmente, colocava-a sobre os ombros, levando-a para o banheiro.

– Jan!

– Foi você que me ensinou a usar a banheira.

Lá chegando, tirava suas roupas, peça por peça, erguia seus cabelos, prendia-os no alto da nuca de modo habilidoso, enquanto a beijava no pescoço, arrancando-lhe riso e gemidos de prazer. Só então se despia e entrava na banheira para convidá-la a fazer o mesmo. Entre carícias e beijos deliciosamente mordidos, amavam-se. Amparava Kara em seu peito largo e, com a esponja, molhava seus ombros pálidos e estreitos. Envolvia-a com seu corpo. Os lábios sussurrando-lhe palavras ao ouvido, enquanto os dedos passeavam sobre seus seios, provocando-lhe gemidos e fazendo juras de amor. Ela segurava seu joelho e lhe voltava a face para beijá-lo, apaixonada. Em questão de minutos, já estava em seu colo, amando-o novamente. Podia sentir ainda o corpo de Jan junto ao seu dentro da banheira, sua risada sensual, as mãos dele sobre seus ombros, cintura. Fechou os olhos e sorriu, trazendo-o para perto de si.

Doces lembranças de momentos únicos. Abriu os olhos e sentiu a presença de Radamés no quarto. Saiu da banheira e vestiu o roupão. Com os cabelos ainda úmidos, a vampira foi ter com o vampiro que, assim que a viu, abraçou-a calorosamente. Com o passar do tempo, ele ficou mais solto de suas reservas e buscava tocá-la de modo respeitoso, mas com grande afeto.

– Hoje está menos espectral e mais real. O que aconteceu? – indagou Kara.

– Só fico assim quando estou feliz. Gosto de estar diante de você – respondeu, indo ocupar a cadeira próxima, onde ficou em postura altiva. – Em sua presença, sou invadido por lembranças de noites felizes que se foram.

Seus olhos escuros pareciam melancólicos. Kara notou que ele fitava a própria mão, certamente desejava seu corpo físico, poder sentir novamente. Notou-se observado e sorriu.

– O que sente? – perguntou Kara, tocando sua mão.

– Muito pouco, mas o suficiente para perceber sua pele macia. E seu perfume doce como o de uma rosa selvagem. Mas por que queria tanto me ver? – Radamés quis saber, beijando sua mão; não estava triste por sua condição.

– Ando tendo sonhos estranhos. Quando desperto, estou faminta e cansada.

Kara o vinha chamando mentalmente há alguns dias a fim de falar sobre os estranhos sonhos, mas aproveitaria sua visita para tomar uma decisão sobre ficar ou partir. Os estranhos sonhos a perseguiam, faziam-na despertar antes do anoitecer. Tais sonhos ou pesadelos não estavam permitindo que fosse ao encontro de Jan Kmam na estufa onde se encontravam secretamente.

– O que tem visto? – quis saber Radamés.

– Criaturas estranhas e violentas envolvidas num conflito. Vejo vampiros morrendo e homens que parecem lobos. Tudo é um mar de morte e sangue de imortais e mortais. Vejo o rei, e o fim disso tudo era bem trágico. Gostaria de parar de ver tais imagens – Kara pediu, sentando-se na beirada da cama.

A revelação não pareceu surpreendê-lo; na verdade, demonstrava ter conhecimento de sua agonia. Andou pelo quarto e parou diante da janela, olhando a noite. O que poderia lhe dizer? Que ela teria de ser forte para suportar e lutar por si, por Jan Kmam e pelo rei? Não, ainda não era tempo. Tocou o pescoço e resolveu proteger sua mente dos pesadelos por algum tempo. Deveria ter previsto que, para ela, as visões fossem mais fortes, visto que andava pelo Jardim.

– Tome, use isso. Vai acabar com esses pesadelos.

– O que são eles, de onde vêm? O que significam?

– Muitas perguntas, Kara; muitas – disse Radamés num suspiro cansado, já colocando o cordão de prata em volta do pescoço da vampira.

– Um Ankh.

–Sim. É um símbolo egípcio, ele lembra uma cruz encimada por um laço. E vai ajudar você a dormir melhor. Não o tire do pescoço, entendeu?

– Sim, claro. Eu só quero dormir em paz.

–E agora? Quer me contar sobre seu desentendimento com Martan?

– O que devo fazer?

– Crescer. Você tem muito a estudar, e não é vivendo sozinha que aprenderá. Tomei o caminho certo em sua educação, Kara. Mostre seus poderes, sua disciplina, subjugue a tristeza com seu poder. Só você pode.

– Estou cansada.

– É muito jovem para se sentir tão cansada. Na verdade, está com preguiça e saudade, nada mais. Acredite em mim: Jan Kmam vai admirá-la muito mais se a encontrar instruída.

– Jan me ama de qualquer modo – murmurou, cheia da certeza que o amor permitia.

– Convencida! Está aqui para se tornar mais forte. Fique e aprenda a controlar seus dons e a teimosia. – disse Radamés, ficando de pé. Ia partir.

– Radamés...

– Fale, minha rainha – sussurrou cheio de prazer, aproximando-se.

– Alguém mais, além de mim, pode vê-lo?

Radamés sorriu misteriosamente, e seu olhar passeava sobre a face da vampira, sondando sua mente. Sua voz era uma carícia para seus ouvidos.

– Não sou mais carne ou sangue, somente um espírito. Poucos conseguem ficar em minha presença sem danos... Você, o rei... Quer me apresentar a alguém? –

brincou, garrido.

– Por que vem até mim? Você é Radamés, o que trouxe o Livro, a Ordem. Pode me compreender?

– Meu tempo de glória e poder se foi. Bem sabe de tudo o que vivi.

– Sim, sua história e a do rei são realmente magníficas e dolorosas.

Radamés contara para a vampira sua história e sua origem, assim como a do rei dos vampiros e até mesmo a de Afrodite.

– Sou mera lembrança nas páginas do Livro. Os Poderes têm outros líderes. O mundo vampírico hoje pertence aos jovens vampiros. Como você, Kara.

– Não se menospreze. Sei o quanto é poderoso e forte, Radamés. Sua presença aqui é mais que mera visita. Então, o que sou nisso tudo?

– Kara, a vampira mais pertinaz que já conheci, a tempestade e a calmaria, o amor e o ódio. Vou precisar de sua ajuda e quero que esteja pronta. Portanto, estude, treine, seja a melhor.

Radamés sussurrou e beijou seus lábios num cumprimento vampiro e sumiu diante de seus olhos. Com os lábios formigando ela sorriu. Ele, como sempre, fugira de suas perguntas de modo misterioso. Kara resolveu deixar o palacete por algumas horas, andar lhe faria bem. Vestiu-se completamente de negro, penteou os cabelos, passou batom e perfume. Enquanto vestia o casaco, pensava nas palavras de Martan. Caminhou por quase uma hora e se viu numa ruela estreita, pouco iluminada, ainda dentro do bairro Gótico, onde havia som de música e conversa. Dobrando a rua, ela se deparou com uma casa de flamenco. Estava cheia, mas o garçom a acomodou, pois um casal saía com certa pressa. Kara pediu um cálice de vinho e sentou. Observou os bailarinos dançando, a música a agradava. Sorriu discretamente quando sentiu a presença de um vampiro bem perto.

Levantar e sair significa fragilidade e medo, e isso ela não sentiu nem sentiria a respeito daquele vampiro. Sua presença jamais demonstraria agressividade. Localizou o vampiro dentro do bar e o observou através dos olhos azuis de uma

jovem turista alemã, que falou a abertamente com ele. Estava completamente atraída por seu corpo, pelos modos suaves. Kara lia os pensamentos da mortal, era uma maneira bastante útil de ver o vampiro sem o tocar diretamente.

Mantinha as pernas longas e fortes cruzadas debaixo da mesa; possuía um metro e oitenta, trinta e seis anos no máximo, julgando-se pela face limpa. O jovem exibia um sorriso encantador em direção à mortal. Um sorriso que ocultava a morte em forma de duas presas. A face tinha ossos delicados e a boca pequena exibia lábios carnudos. Ele levou o cálice à boca e sorveu vinho e sangue. Nesse momento, Kara percebeu a garrafa escura sobre a mesa. Ele era ousado, bebia sangue misturado ao vinho. Um jovem vampiro não se atreveria a tanto. Os cabelos cacheados e castanhos como os olhos davam-lhe um toque moleque e primitivo. A malha leve e marrom não conseguia esconder o peito largo e firme. Ele não era para Kara desconhecido; todavia, ela precisava manter a farsa com pesar, sempre apreciara sua amizade. Notou no espelho da cadeira sua capa. A mortal deixou a visão descer até sua cintura, o jeans azul desbotado a encantou, assim como o volume entre as pernas grossas. Ela o julgava francês ou inglês, um turista como ela mesma; sequer desconfiava que ele fosse irlandês. A mulher de cabelos claros e longos estava mais do que atraída por um vampiro. E como não estaria? Ele correspondia ao flerte; afinal, estava com fome, e o jantar logo estaria à mesa. O vampiro pagou, e só então Kara percebeu que ele usava uma bengala e que, no braço direito, carregava o que lhe pareceu ser uma capa. Era bem excêntrico. O cabo da bengala era adornado com uma cabeça de dragão feita de prata pura. Ele se aproximou da mesa onde a jovem turista estava e estendeu a mão em sua direção. Ela aceitou o convite, e eles deixaram o local juntos. Falavam em inglês, e, quando ela perguntou seu nome, ele o revelou sem constrangimento: Bruce. Sua voz suave a convenceu a segui-lo até seu hotel, a algumas quadras dali. Não era difícil imaginar o fim daquele encontro. Meia hora depois, Kara saiu do bar e caminhou em busca de alimento. Matou rapidamente e, quando estava saciada, deixou seus passos a guiarem. Sua caminhada a levou para a Praça Nova, ainda no bairro Gótico. Durante o dia, às quintas-feiras, o espaço da praça abrigava um mercado de

antiguidades, sendo também um local tradicional de festivais, shows de música e dança de sardana. Kara descobriu muitos recantos interessantes para passear na cidade, especialmente naquele bairro tão misterioso e antigo. Gostava de suas cores e das formas tão antigas e rebuscadas, de pedra e madeira. As luzes eram amarelas e, dentro da escuridão, assemelhavam-se ao tom de ouro velho.

A praça estava deserta, faltavam quatro horas para o amanhecer. Havia tempo de sobra para voltar ao palacete. Kara quis, por um minuto, ignorar o som dos passos logo atrás de si, uma presença estranha e agressiva, os sentidos apurados não permitiram tal desatenção. Havia um cheiro estranho no ar. Não era de Bruce. Caminhou e, alguns metros à frente, sentiu o vampiro. Ele estava próximo, caminhava nos telhados – a vampira viu sua sombra e sua capa. Subitamente, não gostou de tê-lo sobre sua cabeça. A praça era um espaço muito bom para uma emboscada, e não o conhecia; apesar de sua presença ser declaradamente pacífica, ele corria. Seus sentidos estavam alertas, mas não sabia ao certo o porquê. Então, tocou o amuleto que Radamés lhe deu e tentou sentir-se segura.

Bruce desceu ao chão com leveza e ficou diante de Kara. A vampira esperou que ele se aproximasse. Ele caminhou em sua direção, deixando claro que queria conversar, e não lutar, mas parecia apreensivo. Bruce estava a um metro quando uma sombra negra saltou entre eles, empurrando Kara ao chão com violência. Caída, sentindo a cabeça e o cotovelo dolorido, ela arregalou os olhos ao ver a criatura que avançava sobre si. Uma espécie de homem com aspecto de lobo. Igual ao que vira em seus pesadelos!

A criatura estava de pé nas duas patas traseiras, as mãos eram garras e as unhas longas pareciam ser bastante afiadas. Os olhos, o formato da cabeça e as presas afiadas... era figura de um lobo. Pelos cobriam sua pele humana, uma mistura grotesca de homem e animal.

Ele rosnou enfurecido como um cão e fez menção de morder a vampira, mas Kara foi rápida e o segurou pela garganta com o salto da bota, ferindo o pescoço, enquanto o atingia com sua espada, para depois empurrá-lo. A fera rugiu e

continuou tentando feri-la com as garras, mas ela o mantinha distante de seu corpo, correndo e saltando, desferindo golpes com a espada.

Bruce saltou sobre a criatura e eles rolaram no chão. Ele o afastava a todo custo da vampira. Kara se aproximou e o furou nas costas para receber uma braçada que a jogou no chão.

–Fuja, Kara! – o vampiro gritou e tinha os olhos dilatados e os caninos a mostra.

Num movimento rápido, a bengala se revelou uma espada. A lâmina estava exposta sob o tecido negro de sua capa. Bruce parecia um toureiro, esperando o touro para dar a estocada final. Kara, no chão, tocou as costelas e gemeu. Nesse momento, viu duas sombras no telhado próximo, eles vinham em sua direção. Ficou de pé e esperou para ficar diante de mais uma criatura. Usava a espada e via a fera segurar os golpes com as unhas. A segunda sombra caiu entre ela e a besta, e começou a lutar. Era um vampiro. A vampira teve certeza de que era um Pacificador.

– Afaste-se para o mais longe assim que conseguir.

– Tem o suficiente para nós dois.– respondeu a vampira segura.

A pupila de Jan Kmam não se deixou intimidar e também passou a lutar com a criatura, que se viu ladeada, de um lado por Kara, do outro pelo Pacificador, e resolveu enfrentá-los. Eles o atacaram, vendo a fera deter seus golpes com garras e presas. Ele saltava e rugia de modo feroz. Kara o encurralou junto à parede, mas ele também soube usar o espaço reduzido para, numa patada, tirar a espada de suas mãos.

O Pacificador se atracou com a fera. Ela observou o vampiro lutar ferozmente para defendê-la e, por fim, ter a cabeça arrancada com uma mordida da criatura. O sangue inundou sua mandíbula e ele o apreciou. Solto o corpo do vampiro e se voltou para Kara, já rugindo. Ela correu rumo à parede, sabendo-se seguida pela fera. Usando seus poderes, andou na parede e, quando voou no ar, estava com a

espada pronta. A lâmina desceu, abrindo a criatura ao meio. O sangue sujou suas roupas, mas ela não se deteve e cortou sua cabeça fora.

Bruce a olhou com admiração e também conseguiu decapitar seu adversário e já se aproximava de Kara quando a viu ser atacada novamente. O lobisomem pulara sobre seu corpo pequeno, jogando-a ao chão duramente. O peso da criatura parecia esmagá-la. Então, novamente usou a bota e a lâmina no salto, mas teve a perna ferida pelas garras da besta. Golpeou-o várias vezes com a espada, enquanto tentava empurrá-lo, mas a posição a deixava em desvantagem, e ela era menor. Bruce ouvia seus gritos de dor com desespero pela luta que travava. Rápido, ele traspassou a besta com sua espada. Mas não foi o suficiente, foi jogado longe, chocando-se contra a parede de pedra próxima. E caiu ao chão, cuspiendo sangue.

A vampira empurrou o lobisomem e saltou, tentando fugir de suas garras, mas ele a segurou pela perna, puxando-a para baixo. O desespero não a impedia de lutar e se debater. Na queda, perdeu a espada e se armou com a faca. Sentia a perna doer e sangrar livremente, mas o esperava com sua faca em punho, cortando o ar. A criatura, que a olhava de modo diabólico e babava feroz, arrancou a faca de suas mãos com uma patada, enquanto Bruce se colocava de pé para salvar a vampira. O lobisomem cravou as garras no ombro de Kara, que gritou de dor. Um grito que cortou a praça, à noite, e tocou três seres em especial. Enquanto ela continuava lutando por sua vida imortal, esticava o braço para alcançar sua faca. A fera a mataria, mas, ao avançar sobre sua cabeça, o amuleto em seu pescoço repeliu-a com um fecho de luz prateada. A criatura rugiu em dores com a face crispada e se afastou, cobrindo os olhos queimados. O cheiro de sangue misturado ao de pelos e carne queimados estava no ar, assim como o da pólvora. Dois tiros se fizeram ouvir dentro da noite, e o sangue salpicou o rosto de Kara. A criatura caiu ao seu lado.

Esgotada e ferida, a vampira não conseguia se levantar, tremia no chão e arfava de dor. Mas pôde ver Bruce se aproximar e observá-la, penalizado. Ao seu lado, o estranho, ainda com a pistola fumegante na mão esquerda, fitava seu corpo.

Ele era alto e corpulento, os cabelos na altura dos ombros pareciam ocultar sua face fria e dura. Parecia feito de rocha sólida. Vestia um sobretudo negro, grosso, no qual ocultou a arma, e a katana apareceu. Ele examinou a criatura e cortou sua cabeça. Só então lançou um olhar sobre Kara, finalmente se agachou ao seu lado. A vampira não conseguia se mover. Algo estava errado, sentia-se péssima. Ele rasgou sua malha e viu os cortes, além do amuleto. Mas não ousou tocá-lo: sabia que seria prontamente repelido.

– Estou seguindo o rastro deles há três dias, pareciam ter sumido da cidade. Hoje, eles saíram da toca e fizeram seu alvo – disse o Caçador, dirigindo-se a Bruce. – Quem é ela? Eles queriam ter certeza de que o serviço seria feito. Três lobisomens para matar um pedacinho de gente como esse... Por quê?

– Ela é a pupila do favorito do rei.

Bruce respondeu antes que Kara tentasse falar. Não iria conseguir, a infecção se espalhava rapidamente por seu braço. O Caçador a fitou com mais cuidado e a cheirou; por fim, provou de seu sangue. Havia surpresa em seus olhos escuros. Queria provas e as encontrara.

–Ajude-a, por favor. O rei dos vampiros lhe será eternamente grato.

– Eu não preciso de gratidão. Farei o que tiver de ser feito por ela, que lutou com coragem e força. Ela merece viver.

O Caçador nada revelaria a Bruce, mas a Ouroboros precisava ser alertada imediatamente. Kara sentia o peito doer, comprimido; o coração batia como se fosse explodir dentro do seu peito. O braço onde fora ferida parecia não existir. Ela não conseguia ver, mas sua carne imortal tornava-se enegrecida, os vasos se fechando. Estava perdendo os sentidos quando viu o estranho levar um frasco aos seus lábios e obrigá-la a beber um líquido de sabor agridoce. Engoliu-o com dificuldade, o corpo tremia e queimava em febre. Ela estava nos braços do Caçador, fitava seus olhos, a face forte e rude. Aos poucos, sentiu a dor diminuir e o coração acalmar lentamente, mas ela já havia perdido os sentidos.

Jan Kmam ouviu o grito da amante dentro do Jardim. Viu, com absoluto espanto, a camisa manchar-se de sangue. Ficou de pé e, ao andar pela estufa, sentiu a perna fraquejar, o sangue molhou o piso e o chocou: Kara estava ferida! Tocou o relicário, e a trouxe para perto de sua mente. Ela lutava ferozmente contra um lobisomem; ao seu lado, Bruce. Jan se desesperou e saiu da estufa. Estava determinado, iria ao encontro da amante. Assim que deixou o local, percebeu que a construção se tornara transparente. Era sua vontade que a mantinha real; agora, preocupado com a vida de Kara, sua energia se dispersava.

Atravessou o Jardim, passando por arbustos, roseiras tão tintas quanto o sangue em sua camisa. O lugar era somente beleza e silêncio. O que ele não percebia era que deixava atrás de si gotas daquele sangue que sua mente viu e tornou bem real dentro do Jardim, um grande depósito de almas vampíricas sedentas do líquido da vida e de energia. O sangue em suas roupas atraiu olhares sequiosos. As feridas eram uma materialização poderosa, mas ele estava cego ao perigo a que se expunha. Tudo o que queria era chegar à saída do Jardim, e ele conhecia o caminho. Estava a dois metros quando foi detido. Um dos vampiros se jogou contra ele. Jan lutou com o vampiro e o empurrou para longe. Era mais forte, ficou de pé e só então percebeu que estava cercado. Vários deles andavam lentamente em sua direção, rodeando-o. Seus olhos só viam as manchas em sua roupa – o sangue.

O amor que o unia à amante colocou-o em risco. E seu gesto desvairado só piorou tudo! Ele podia ver mais deles se aproximando. Não ia conseguir deter todos, era preciso pensar rápido. Sair do Jardim significava ficar vagando, arriscar sua mente e o corpo adormecido; ficar significava ser absorvido por aqueles espectros famintos. Entretanto, havia outro caminho, quebrar os frágeis laços com Kara e salvar sua alma. O círculo se fechava, as presas estavam à mostra e eles se avolumavam à sua volta, fazendo uma multidão de rostos e bocas abertas, olhares malignos e famintos. Jan segurou o relicário e o abriu. Com surpresa, viu-o emanar uma luz que o envolveu como um escudo, e se propagou – afastando os vampiros

em torno dele – como se fosse o próprio Sol. Jan Kmam viu suas vestes ficarem limpas e, quando o escudo desapareceu, estava novamente dentro da estufa, em segurança. Entretanto, ele percebeu que não conseguia sentir a presença da amante – os laços haviam sido quebrados contra sua vontade. Não havia dúvidas: fora Radamés.

– Kara! E os vidros da estufa se partiram numa chuva de cacos luminosos.

O rei teve uma reação semelhante, só que o dia nascia, impossibilitando-o de ir ao encontro da vampira. Furioso, quebrou tudo o que encontrou pela frente. Ficou completamente desorientado com o ataque sofrido pela vampira que amava desesperadamente. Para Radamés, só restou esperar pelo melhor momento para se aproximar de Kara.

Capítulo 12 - As Sombras se Revelam

Ainda na Espanha, Samael entrou no galpão e cruzou com seus cúmplices. Nada falou; estava frustrado e aborrecido demais com o fracasso de seus planos. Do alto do prédio, além da visão do Caçador, ele viu seus comandados serem mortos por Bruce, que defendia a pupila do favorito do rei. Antes do ataque, Samael fitou a vampira por longos minutos e a reconheceu de Veneza. Ela estava diferente, mas era a mesma vampira, sem dúvida que vira nos braços do Rei Ariel Simon. A mesma que pedira por sua vida, quando cometeu o deslize de invadir o palacete do rei. Todavia, isso era passado; ela precisava morrer e, em breve, Jan Kmam a seguiria. Sentiu-se traído por Bruce – fazia uma noite que ele deixara sua companhia. Passou por Francine e evitou olhá-la nos olhos, alcançou a escada e bateu a porta. Enfurecido, quebrou tudo o que encontrou à sua frente. Francine fez menção de ir até ele, mas Marc a segurou. Ele conhecia o amor não correspondido que ela nutria por Samael, que amava Bruce. Ela tinha conhecimento desse afeto, mas o amava cegamente há dois anos. O amor não escolhia alvo nem trazia consigo uma dose extra de juízo. Ela puxou o braço e enfrentou o olhar de reprovação de Marc por um minuto para, em seguida, buscar a rua, infeliz.

Era uma jovem loba de 200 anos, alta, exuberante, de pele negra e suave. Conheceu Samael na cerimônia da Ânfora, quando eles se reuniam para conter o lobisomem dentro de cada um. Ele convenceu Marc, a própria Francine e muitos outros lobisomens de que eles eram escravos dos homens-lobos, e a melhor morte era a que se encontrava com liberdade.

Marc seguiu Samael sem reservas; afinal, já havia sido punido pela Trindade. Seu delito bem poderia ter sido perdoado. Ele fora atacado num beco por um grupo de homens e espancado cruelmente por ser negro. Marc aguentou o quanto pôde,

mas o lobisomem exigiu espaço e, quando tudo terminou, todos estavam mortos. Marc se apresentou à Alcateia, foi mantido preso e, por fim, julgado: vinte chicotadas e três meses de jaula. Os corpos foram destruídos e as provas de seu ataque, apagadas. A Ouroboros não exigiu sua cabeça porque ele se entregara. A prisão, as chicotadas feriram Marc profundamente. Ele passou a ver a Alcateia como inimiga e, quando Samael apareceu com seu discurso inflamado contra homens-lobos e vampiros, ele o seguiu cegamente. Hoje, era líder do grupo de revoltosos que seguia Samael e seu estranho amigo, Mênon. Um vampiro mutilado e poderoso, que prometia dias em que as duas espécies andariam livres pelo mundo e os mortais teriam de aceitá-los ou encontrar a morte. Seu discurso convenceu muitos e, nos últimos anos, ele tinha um pequeno exército de insurgentes.

Francine se escondeu no beco ao lado do galpão onde viviam e chorava seu amor não correspondido quando divisou algo na ponta da rua: era Mênon. Ela o viu aparecer na rua vindo do nada, parecia andar entre mundos. Pensou em fugir, mas não havia tempo; apenas ficou quieta e esperou por seus movimentos. Não gostava dele, sempre a olhava de modo insistente. Durante uma missão, há um mês, eles ficaram próximos demais: Mênon salvara sua vida e Francine percebeu que ele a desejava. O vampiro se aproximou e baixou sua capa, a máscara sobre sua face sempre assustava a loba, que se perguntava como seria a cicatriz. Ele jamais a tirava. Samael conhecia sua dor e os motivos de sua vingança. Era forte e alto e – apesar do olhar sempre maligno – atraente. Os cabelos cinzentos eram sedosos e um tanto longos, mas o deixavam menos sinistro.

Mênon observou a tristeza, as marcas das lágrimas que ela derramava por um amor não correspondido e que insistia em manter no coração. Francine era realmente linda e tola. Sua pele escura, os olhos cor de mel, os cachos longos e castanhos encantavam o vampiro. Via nela uma rainha – Ele quase podia visualizá-la coberta de linho e ouro. O corpo perfeito e esguio agradava-o, era roliça e cheirava a especiarias. Era certamente seu perfume, feito de alecrim. Tinha por ela grande desejo. Apesar de sua condição, o vampiro podia desejar e ansiar por seu sangue forte e doce.

O corpo de Mênon era um receptáculo de poder, vingança e ódio, mas, às vezes, podia sentir na carne a ausência de algo que não mais possuía: o coração.

—A irmã de meu general chorando... Isso é preocupante.

—Não é nada.

Francine falou suavemente, já de saída, mas ele a deteve no beco, fazendo-a recuar e olhá-lo nos olhos. Mênon sentia seu medo, o modo como ela o evitava... Pressentiria seu desejo? Certamente. Era uma fêmea, uma loba, por que não perceberia? Todavia, tinha medo dele, com certeza nojo de sua face marcada. Talvez o temesse um pouco mais agora: afinal, ela o vira matando. Sua ferocidade tornou-se um pouco mais evidente porque ela estava em perigo. Ele incendiou dois homens-lobos apenas com o olhar e a resgatou da morte certa, mas plantou em sua alma grande terror. Não era um vampiro comum. Possuía poderes ligados à magia e podia incendiar somente com o olhar seus inimigos. Nem espadas nem balas o faziam sangrar; na verdade, atravessavam-no como se fosse feito de fumaça. Desde então, notou que ela o evitava. O que teria sentido em seus braços? De qualquer modo, seu coração estava preso ao de Samael. Ele podia mudar isso, há tempos desejava fazê-lo, mas precisava de um sinal, somente um.

—Lorde Bruce muito em breve cairá. Samael poderá ser seu para que o console. Gostaria disso?

Mênon debochou e tocou o rosto da loba, deixando visível um sorriso maligno. O contato de seus dedos causou em Francine um estranho formigamento, como se ele tivesse tirado dela um pouco de energia.

—Não sei do que está falando — negou Francine, tentando deixar o beco.

O vampiro tomou-a nos braços e a conteve. A loba resolveu não lutar mais, apenas evitou fitar seu rosto, escondendo o olhar sob os cachos. Mênon se sentiu ofendido, ela tinha nojo de sua face. Não a soltou, fazendo-a enfrentar seu olhar. E começou a falar.

–Samael não sabe amar outro ser que não seja Bruce. O amor deixou você tão cega que não pode ver isso?

–Nada sabe de sua dor. Do que ele já sofreu, do que lhe fizeram. – Francine tentou defender Samael.

–Conheço as dores de Samael, seu drama pessoal, seus inimigos.

–Então deve compreender por que ele sofre. Agora me solte – pediu ela, controlando seus instintos, mas seus olhos haviam mudado, e ela estava pronta para se defender.

–Ele não saberá amá-la como merece, é fraco e covarde. Não se iluda! Ele sequer saberia tocar numa fêmea, quanto mais numa loba como você – disse Mênnon com prazer.

–Isso eu posso descobrir sozinha.

–Ele jamais chegará a tanto.

–Apenas deixe-me em paz.

–Sim, vou. Vou deixar você em paz.

Mênnon gargalhou e fitou a loba; mais um pouco, ela o atacaria. Estava assustada, arquejava com medo, e sua primeira ação seria de ataque. Ele se inclinou e a beijou. Francine foi pega de surpresa e o empurrou, ferindo-o, mas suas garras nada fizeram à carne do vampiro. Todavia, a pressão dos lábios de Mênnon era bem real e convidativa. A loba, por um momento, deixou-se vencer, tocou seus ombros e, sem que percebesse, gemeu de prazer. O vampiro a apertou junto de si e a viu amolecer em seus braços; então, ergueu-a do chão e se manteve colado a ela. A sensação o levou às alturas, fez com que se percebesse vivo. A loba o fitou e recebeu um segundo e cálido beijo. Mênnon se afastou e ergueu a mão sobre sua face, murmurando algumas palavras. A loba respondeu algo incompreensível e relaxou. Ele afastou a mão e fitou a garganta pálida à sua mercê. Pensou em mordê-la, mas simplesmente a lambeu e beijou sua veia, numa

promessa do que estava por vir. Ela tremeu e se segurou nele, confusa e um tanto envergonhada. E recuou assim que ele a libertou.

—Lembre-se: de agora em diante, você me pertence e, em breve, vai caminhar ao meu lado – afirmou Mênnon.

O vampiro viu Francine se afastar tocando os cachos e balançando a cabeça, tonta. Foi para junto de sua moto: ia para casa. Ele não a impediu; a loba precisava realmente ficar sozinha. Ele entrou no galpão e recebeu o cumprimento dos lobisomens. Marc o olhou e apontou em direção ao escritório, onde Samael estava.

—Você realmente acreditou que Bruce sentiria saudades suas? – perguntou Mênnon, andando pelos destroços dos móveis e papéis jogados no chão.

Em seguida, o vampiro retirou a capa e sentou no sofá que escapara ileso do ataque de fúria do lobisomem. Quando Samael o avisou de que se encontrava em sua propriedade na França, ele desconfiou que estaria com seu antigo amante. Não fez objeções nem tampouco o preveniu; era uma lição que ele precisava aprender com dor.

—Cale-se. Você não sabe de nada! – estourou Samael, fitando a noite através dos vidros sujos da janela.

Estava furioso. O ódio avolumava-se em seu peito, porém continha a fera com dificuldade, conseguindo mantê-la nas profundezas de seu ser, o que era realmente admirável. O sangue da Ânfora conseguia contê-los de fato, dar-lhes tempo de refrear o lado selvagem. Mênnon queria até mesmo destruí-la, mas antes precisava descobrir de onde vinha o sangue que dela brotava.

—Possivelmente, veio até você atendendo a um pedido do rei. Ele lhe fez muitas perguntas? Revelou algo a Bruce que possa nos colocar em perigo?

—Nada revelei. Se é esse seu medo, Mênnon, sua identidade está preservada. – disse Samael.

Estava mais lúcido; afinal, temia colocar Bruce em perigo – conhecia a sede de sangue e vingança de Mênnon contra os vampiros. Ele percebeu Samael acalmar-

se, mas sua decepção lhe seria muito útil, uma vez que precisava matar os Lordes, e Bruce seria o primeiro. Uma lágrima rolou na face do lobo, e Mênnon a observou com interesse genuíno. Seria doloroso, mas, no tempo certo, conseguiria convencê-lo a matar o ex-amante. Samael escondeu a face do vampiro de modo envergonhado.

– Bruce sempre amará o favorito do rei e protegerá sua pupila com a própria vida. É admirável. Ela ainda vive, não é mesmo?

– Nossa maldição corre em suas veias. Com sorte, ela apodrece e morre!

– Sorte? Eu não conto com a sorte, Samael. Preciso de certezas. O que houve?

– Um Caçador a salvou e deu a ela da poção.

– Como? Um Caçador a salvou? E por que motivo?

– Como poderia saber?

– Existe algo além de nosso conhecimento. Descubra! Eu não tenho tempo para conjecturas. Preciso dos pedaços do pergaminho, nosso tempo está se esgotando. O que aconteceu? Por que parou as buscas? – quis saber Mênnon.

– Falta muito pouco agora. Dê-me mais tempo.

– Não temos tempo, não com suas malditas falhas. Como uma vampira de cinco anos mata um lobisomem? Quero respostas, e você vai me conseguir todas elas. Alguma notícia de Petrus e Ribas?

– Eles continuam buscando a localização da Caixa onde Jan Kmam repousa e, em breve, saberão. – Samael sorriu de forma maligna, parecendo um pouco melhor.

– Fique de olhos bem abertos. Por mim pode matá-los assim que conseguirem o corpo do favorito do rei.

– Seth tem grande estima por eles – avisou Samael, temendo a ira do antigo favorito do rei.

– Faça como achar melhor.

–O que pretende fazer com o corpo de Jan Kmam? – perguntou Samael.

–Quero seu sangue e, depois, consumir sua alma em homenagem a Íris. Claro, sua morte é também um favor que pago a Seth – disse Mênnon, com os olhos semicerrados. – Mas me diga... O que fará agora que falhou?

–Estou de partida. Há indícios de que o terceiro pedaço esteja com um professor de História no Egito.

–Parabéns, Samael. Acho que logo conseguiremos despertar Íris. Apenas não falhe; muito está em jogo, inclusive sua vida. Preciso partir – informou Mênnon, tocando a face como se sentisse dor.

–Algo errado? – perguntou o lobo, fitando a face do vampiro, que lhe pareceu bem mais pálida que o normal.

–Preciso me recolher, a manhã não tarda. Samael, não falhe!

Dizendo isso, o vampiro pegou sua capa e cobriu-se. Andou até a porta, mas, antes que chegasse a ela, sumiu no ar. Samael olhou a cena com certo receio e, por um momento, ficou se perguntando como ele havia conseguido tal poder. Mas não continuou assim por muito tempo, pois, logo em seguida, deixou o escritório, passou algumas ordens a Marc e sumiu pela porta. Tinha rumo certo: o Egito.

Capítulo 13 - Bela Adormecida

A calma sentida havia acabado com o sangue e a dor de Kara.

O Caçador que estava no encalço do lobisomem visto em Barcelona livrou-se dos corpos e apagou os rastros. Permaneceu na cidade somente esperando a Ouroboros se pronunciar a respeito do ataque. A vítima era a pupila do favorito do rei dos vampiros, tinha sangue real correndo nas veias. Estava claro que os inimigos pretendiam destruir os prováveis herdeiros do rei. Quem enviou os três lobisomens queria garantias da morte da vampira. Os lobisomens mortos foram identificados, todos eram foragidos. O alerta foi dado dentro da Alcateia. Os mais próximos a eles foram levados até a Cúpula para averiguação. O clima de terror se estabeleceu inevitavelmente.

Ariel pegou seu jatinho na madrugada e, quando a noite caiu sobre a cidade, ele já estava à porta de Martan. Com ele, somente um Pacificador, mas era óbvio que havia muitos mais na cidade para protegê-lo. Ele sabia que sua vida corria perigo, mas isso jamais iria impedi-lo de ver Kara.

Martan e Bruce o receberam no hall de entrada. A camisa de seda negra coberta por um casaco e a calça jeans mostravam claramente que havia saído às pressas de Paris. Não pediu explicações, apenas perguntou onde a vampira estava. Bruce o levou até o quarto e falou rapidamente sobre o ataque e o ato do Caçador. Ariel estava ao lado do leito observando a face da vampira, que parecia bastante abatida. Após o ataque, Kara perdeu os sentidos, mas não a vida. O Caçador a salvara de uma morte horivelmente dolorosa. As garras a infectaram com a maldição carregada por todo lobisomem. Isso a tornaria um deles, caso fosse mortal. Mas ela era vampira, seu organismo entraria em colapso, a infecção se espalharia e ela morreria, em questão de horas, em grande agonia.

O Caçador não permitiu que Bruce a carregasse de volta ao palacete. Restou ao vampiro segui-lo, ele conhecia o caminho. Martan os recebeu com espanto e preocupação. Os problemas haviam apenas começado – ele sabia que a vampira era uma carga perigosa de se proteger. Sentiu ter falhado ao vê-la suja de sangue e ferida.

O Caçador colocou Kara sobre a primeira mesa que encontrou e começou a cortar suas roupas e pedir ataduras limpas e água. Bruce providenciou uma toalha e cobriu a nudez da vampira, a fitava de modo preocupado para as feridas ignorando a beleza de seu corpo. Enquanto Martan trazia as ataduras e água. O homem corpulento tirou o casaco e lavou as mãos com uma garrafa que tirou de uma bolsa de couro, era álcool, um segundo depois já limpava a ferida no ombro e a costurava aplicando soro para mordida de Lobisomem sobre a carne, fazendo a infecção recuar. Ele repetiu o processo no braço, e na perna. Misturou ervas e cobriu as feridas e por fim as cobriu com uma pomada de cor esverdeada e depois com ataduras limpas. Deixou recomendações, ervas e dois frascos de antídoto para serem servidos com o sangue que a vampira fosse ingerir nas próximas horas. A pegou nos braços de modo delicado e perguntou onde ficava seu quarto. Só parou quando a deixou sobre o leito e antes de partir a fitou uma última vez. Ele saiu e não aceitou agradecimentos. Na verdade, foi bastante rude com Bruce:

–A vampira goza de nossa admiração, mas não se engane. Nós continuamos caçando e matando tanto a sua espécie como a dos lobos.

– Por que Kara conquistou sua bondade?

– É pelo que ela ainda vai conquistar que nós a respeitamos.

O Caçador disse isso e saiu, arrumando a capa sobre os ombros.

Os ferimentos cicatrizavam lentamente, mas ela ainda continuava inconsciente, o que era normal para sua idade: vampiros jovens só se recuperavam com sono prolongado; a inconsciência era a prova da gravidade.

Bruce ficou quieto; na verdade, cansou-se de falar com o vazio. Ele se retirou do quarto, deixando Ariel a sós com a vampira. O rei se sentou na poltrona ao lado da cama e ficou por quase uma hora observando-a se recuperar lentamente. Tinha os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos na cabeça e por fim as deslizando pelo rosto tenso. – Fora por muito pouco. – pensou entre o alívio e a culpa.

Estava no *Château*, em Paris, recolhido, estudando alguns pergaminhos, quando sua mente sentiu o ataque. Pôde ouvir seu grito de dor e medo. Lançou seu pensamento até ela e a viu lutar contra os lobisomens. Tudo o que ele ambicionava era pôr suas mãos sobre Samael. Pensava em um modo de mantê-la segura. Martan falhara, mas como o vampiro poderia prever se ele mesmo, o rei, não anteviu um ataque? Como poderia defendê-la de agora em diante? Precisava tomar medidas extremas.

Os planos do inimigo eram claros: destruir os herdeiros do sangue real. Ariel sequer sabia se a missão de Bruce fora bem-sucedida, mas, em vista do ataque, acreditou que sim. Samael de algum modo se sentiu ameaçado e despejou sua ira sobre Kara. Um revide imoral, uma afronta sem tamanho que seria respondida com a força necessária. Sua baixeza irritou Ariel. Entretanto, quem estaria detrás dele? As hipóteses fluíam na mente de Ariel que, agora, andava pelos aposentos, pensando e pensando à exaustão.

–Ela vai ficar bem. – disse Radamés, que apareceu dentro do quarto, vindo das sombras.

Ariel ergueu os olhos e o observou coberto pelo manto de linho azul, as joias adornando os pulsos fortes, o peito. Era como se não houvesse passado nenhuma noite das que vivera em Alexandria a seu lado. Radamés se aproximou do leito e estendeu a mão. Ele passava um pouco de sua energia para a vampira a fim de curá-la: cobriu o ferimento com a mão, liberando energia verde sobre ele.

–Por que não a defendeu? – perguntou Ariel assim que ele afastou a mão.

–Nem sempre posso estar nesse plano, mas a deixei resguardada – respondeu Radamés, mostrando o Ankh na corrente em volta de seu pescoço. – Ele afastou o

lobisomem, permitindo que o Caçador a salvasse. Ela conta com o respeito deles, você soube?

—Não. Eu não quis ouvir os relatos da incompetência dos que a rodeiam. Vou levá-la para Paris ainda esta noite. Pretendo mantê-la em Chantilly. Lá, sob minha proteção, ela ficará segura – declarou, Ariel, decidido a cumprir com sua palavra.

—Não, não vai. Eu estou aqui para impedi-lo.

—Não ouse, Radamés.

—Você é quem não deve ousar me enfrentar. – Radamés advertiu, olhando-o com autoridade.

Ariel não desistiu com facilidade e continuou defendendo seus atos.

—Respeito sua posição, mas eu ainda sou o rei.

—Estou farto do comportamento de vocês dois. – desabafou Radamés.

—Do que está falando? – quis saber Ariel, semicerrando os olhos.

—Da maldita proteção que você e Jan Kmam insistem em oferecer a Kara. Ela não é aleijada, basta! Kara sequer sabia o que era um lobisomem até estar diante de um! – protestou Radamés, realmente revoltado. – Ela os enfrentou porque, enfim, tem coragem e não vai negar suas origens!

– Estou decidido. Martan pode ser um bom professor, mas não conseguiu protegê-la. Se não fosse o Pacificador que deu sua vida por ela, ou o Caçador, a essa altura ela estaria morta.

—Tolo! Kara os teria matado a todos se estivesse sozinha. Ela é mais forte e esperta do que imaginam.

– Eles a teriam feito em pedaços. – salientou Ariel.

Radamés gargalhou e tocou Ariel. Imediatamente, ele o fez ver Kara enfrentando os Mais Velhos e doando parte de si mesma a eles. Um pouco depois,

quando Radamés se afastou, Ariel tinha novas certezas, mas, por amar demais aquela criatura, ainda temia por sua segurança.

—Ela pode lhe parecer doce e indefesa, mas sob ameaça reage muito bem. Entretanto, diga-me o que vai fazer: prender Kara nas masmorras? Sim, porque Kara só vai ficar ao seu lado se a colocar dentro de uma cela.

—Estou tentando mantê-la viva – disse Ariel um tanto magoado.

—Está tentando levá-la para sua cama. Comportando-se como um “rei”, não como o homem justo e inteligente que criei para ser um vampiro perfeito.

—O passado está enterrado em sua tumba. Lá fora, os nossos inimigos se avolumam. Não permitirei que seja novamente colocada em risco porque eles anseiam minha coroa. Kara é mais preciosa para mim que a própria imortalidade.

—Kara não vai morrer. O que teme? O desfecho final da visão? – quis saber Radamés

—Não temo a morte; eu a conheço tão bem quanto você. – parou por um instante e falou. – Ainda posso sentir o último beijo que ela me deu. – sussurrou com os olhos semicerrados, pensativo. – Mas preciso saber se ela está bem para ter paz. Nossa ligação aumenta a cada dia... Por quê? – Ariel falava, tentando conquistar a simpatia de Radamés ao amor que sentia.

—Você a levou ao Jardim para seduzi-la – disse Radamés, andando pelo quarto calmamente. – Não se faça de inocente, o Jardim é para poucos. Mas, já que falamos nisso, então sabe para quem Kara dirigiu seus pensamentos enquanto acreditava morrer, quando sentia medo e dor, não é mesmo?

Radamés perguntou, conhecendo a resposta tão bem quanto ele. Ariel tinha os olhos brilhando, frios e cruéis. Engoliu seu orgulho e respondeu pensativo.

—Jan Kmam.

—Fico feliz em saber que se lembra do nome do amante e mestre de Kara.

—Não me humilhe! – berrou Ariel, fechando os punhos.

–Jamais, majestade. Eu só tento evitar que a história se repita, e de modo trágico. Você é um rei muito poderoso, mais do que o mundo vampírico precisa saber.

Radamés falou e viu Ariel erguer a vista, meio que afrontado. Como poderia esconder a verdade dele, que foi o responsável por trazê-lo do mundo dos mortos? Sabia o quanto havia mudado. Os Poderes desconfiavam, mas, se Ariel fosse esperto, jamais descobririam.

–Poupe-me de enigmas, Radamés. Já tenho muitos para desvendar. Do que está falando?

–Os Poderes ainda estão assustados com tudo o que houve na Arena. A dor de perdê-lo como rei assustou-os e muito. Voltou há poucos meses, é o mesmo, mas eles o olham e se perguntam: quando ele vai morrer novamente?

–Eu os conheço tão bem quanto você. Togo me vigia noite após noite. Compreendo seu receio, mas não vejo motivos para que façam algo contra Kara.

–Jan Kmam está adormecido; Otávio, apesar de ser seu irmão, jamais teria força para ser rei e está longe, cuidando de sua própria imortalidade, um tanto consumido por sua vergonha e culpa. Eles o defenderão custe o que custar de qualquer ameaça à sua sanidade. Então, lembre-se da segurança de Kara. – Radamés estava sendo honesto. – Romano o vigia bem de perto e tem poder para afastar Kara, basta assim desejar. Lembre-se do passado, de tudo que aconteceu da última vez que ela esteve em sua cama. – o aviso fez o rei fechar os olhos e endurecer o maxilar. –Você é o rei e veja como se arrisca... Saiu da segurança de sua fortaleza para ver uma vampira!

– Eles não ousariam – afirmou Ariel convicto.

–Você mesmo disse: os inimigos se avolumam além das portas. Acha que eles não percebem que ela o tira de suas obrigações, fazendo-o arriscar sua preciosa vida e a dela?

–O que teria feito em meu lugar? Esperado notícias? – quis saber amargo.

–Ela não lhe pertence mais nem tampouco o ama. Não gaste suas energias com uma batalha perdida – disse, Radamés, vendo Ariel rejeitar suas palavras com coragem. Radamés tentava trazer-lhe a frieza habitual, o raciocínio lógico à tona. Mas, dentro do olhar verde, só havia amor e desejo.

–Não me roube as esperanças. Ela pode me amar.

–Para isso, Jan Kmam precisaria não existir. Pois, mesmo morto, ele continuaria no coração de Kara como ela viveu, mesmo morta, dentro do dele. O amor é imortal como nós, vampiros.

Ariel Simon compreendeu as palavras sábias e verdadeiras de Radamés, mas, como todo aquele que ama cegamente, guardou suas esperanças.

–Na hora certa, Kara saberá escolher.

–Eu espero que sim, Ariel – disse Radamés muito sério.

–Foi você quem nos alertou através da visão?

– Sim. O que vi foi um futuro provável para todos nós. Busque Darden, ele tem informações preciosas sobre a visão. Diga a ele que jamais abandonarei seus filhos – pediu Radamés.

Ariel assentiu com a cabeça e revelou:

–Heitor só trouxe informações conhecidas. Os membros da Ordem de Hermes são meu pesadelo há séculos. Malditos ladrões de tumba!

–Eu fiz o que pude para manter o pergaminho em segredo. Mas não consegui, ele sempre esteve além do meu poder, sou apenas o emissário. O certo é que ele deveria ter sido mantido dentro do Templo – revelou Radamés frustrado.

–E por que não ficou?

Radamés se fechou, não poderia ir além: estava sob juramento.

–Radamés, exponha a verdade sobre o pergaminho. – insistiu Ariel, autoritário.

–Estou sob juramento. Se eu contar tal segredo, serei destruído pelo Livro.

Ariel baixou a vista, ciente de que não poderia insistir. Foi para diante do leito e tocou o rosto da vampira adormecida com carinho. Queria levá-la consigo, afastá-la de todo o perigo que corria.

–Ela ficará bem, colocarei Mercúrio vigiando seus passos novamente.

–*Maudit!* – vociferou Ariel, contrariado. Ele sabia que não tinha escolha.

–A máxima é que você não pode ter tudo, Ariel. Vigie-a, se assim o desejar, mas não interfira.

Radamés desapareceu do quarto, deixando o rei furioso. Ele estava certo. Se os Poderes acreditassem que a vampira era uma ameaça, conseguiriam um modo de afastá-la dele para sempre. Ele se sentou na beirada da cama e segurou a mão delicada da vampira entre as suas. Enquanto fitava seu rosto inconsciente. Fitou o anel em seu dedo e o reconheceu. Era a aliança de sua união com Jan Kmam. Ele lembrou quando Jan a devolveu ao seu dedo com um beijo antes de entrar na Caixa.

– Sei que você ainda se lembra de minha presença em sua vida, eu sei que sim. Os laços que nos unem me dizem isso, eu senti sua dor e seu medo, minha pequena. Era como se ferissem minha própria carne... – e parou de falar, emocionado. – Acredite-me, haverá punição, eles vão pagar por isso. – ele deslizava o dedo em seu rosto e queixo de modo delicado.

Ariel beijou sua testa, saindo em seguida do quarto. Desceu as escadas com o rosto sombrio, a voz presa em sua garganta, tamanha frustração. Sentia-se impotente diante daquela vampira. Seu estado o tocara profundamente. Aproximou-se de Martan e o silenciou.

– Poupe-me de suas desculpas. Mas vou lhe dar um aviso: Kara é a joia mais preciosa de minha coroa. Se algo acontecer a ela novamente, você será responsabilizado. E garanto que a Caixa é castigo leve diante do que tenho em mente.

Martan ouviu em silêncio absoluto o aviso enfurecido do seu rei. Afinal, sentia-se culpado: Kara estava sob sua proteção e ele falhara. Ariel se afastou e dirigiu seus passos para a biblioteca – ele conhecia o caminho. Seu gesto era bastante claro, queria falar com Bruce, que precisava lhe prestar contas de sua incumbência.

A missão não fora das melhores: rever Samael não estava nos planos de Bruce por, pelo menos, três séculos. Contudo, um pedido de Ariel não era tão simples de ser declinado. A situação exigia sacrifícios, e ele fora um dos primeiros a fazer.

Dentro da biblioteca, o rei andava de um lado para o outro, sem conseguir ficar parado.

– Conte-me o que descobriu – pediu Ariel.

Aborrecido Bruce passou a relatar ao rei o fato de ter cedido ao antigo amante. Precisou agir assim para reconquistar sua confiança, aproximar-se o suficiente para lhe fazer algumas perguntas. Primeiro, seguiu-o por Paris e, finalmente, o encontrou em Provença, mais precisamente em *Cabrières d'Avignon*, onde tinha uma casa. A propriedade era bastante antiga. Gerações de sua família ali viveram e morreram, plantando lavanda. Samael estava bem diferente, quase que imantado de um poder estranho e absoluto. Ele havia mudado, algo ou alguém o tornara poderoso. A rendição de Bruce fora vista por ele como uma espécie de sinal, como se estivesse recebendo mais um benefício.

Bruce não descobrira muito: Samael estava enlevado por um poder que ainda buscava e não revelava, acreditando realmente que o Pacto seria quebrado.

– Durante esses dois anos, Samael e seus cúmplices buscavam informações sobre o pergaminho. Quando finalmente conseguiram, colocaram o plano em ação. Só então fomos atacados – disse Bruce.

– Mas como nunca soubemos nada? Deve ter havido indícios dessa busca pelo pergaminho – questionou Ariel.

– Mantiveram-se incógnitos sem deixar nada transparecer.

–Bruce, sei que lhe pedi muito, rever seu ex-amante não foi tarefa fácil. Acredite-me, você será recompensado à altura de seu sacrifício. – Ariel fitou Bruce com deferência.

–De fato, não foi fácil, e se provou improdutivo. Nada descobri, mas não espero recompensa, Ariel. Lutamos pelo mesmo ideal.

–Não acredito que tenha sido improdutivo, temos uma chance ainda. Togo pode investigar por onde e com quem Samael andou nos últimos anos.

Ariel pensava rapidamente, precisava descobrir quem estava organizando aquela revolta.

–E o senhor dos lobos? – perguntou Bruce.

–Deixe-me atualizá-lo da situação. Os homens-lobos se reuniram e decretaram a captura e morte de Samael. O que não entendo é por que os Caçadores não o localizaram em Provença. Disse que o notou diferente, poderoso. Acredita que ele foi imbuído de algum poder ou proteção?

–Provavelmente, sim. Samael jamais conseguiu se impor e vivia fora da Alcateia, sentindo-se diminuído por ser impuro. Odiava ter de beber da Ânfora. Para ele, era como ser castrado de sua verdadeira natureza. Ora, ele não a bebe há dois anos. Claro, isso é um delito menor se nenhum mortal cair morto por um lobisomem. Mas, quando alguém é estraçalhado, imediatamente os que dela não bebem são procurados.

–Então ele está se transformando totalmente?

–Sim; e caçando, o que significa comer carne humana.

Bruce falou com nojo, visto que rever Samael fora desagradável.

–Provou de seu sangue?

–Sim, majestade.

–Bruce, você está diante do amigo, não de seu rei. Não tenha melindres, nos conhecemos o suficiente para que fale abertamente. Ou devo lembrá-lo de nossas

aventuras juntos?

—Decerto que não, Ariel.

—Sentiu algo diferente do habitual ao provar de seu sangue?

—Não que me lembre.

—Sei que o possuiu como um mortal faria, mas no sangue havia algum sabor diferente? Algo como uma erva... Tente lembrar. É muito importante.

Entre vampiros, tudo era mais claro, eles realmente dividiam alguns mortais e orgias. Mas, com lobisomens, as coisas eram mais complexas.

—Nada de imediato, mas, ao deixá-lo aquela noite, imediatamente esqueci seu cheiro. Fui incapaz de saber se me seguia ou não. Era como se não existisse para meus sentidos, e isso seria impossível, visto que havia provado do seu sangue há poucas horas. Ficariam laços. De certo modo, agradeço que o vínculo de sangue tenha sido imediatamente quebrado.

—Samael está utilizando magia para se esconder. Agora, tenho certeza; está em seu sangue. Ele anda fazendo uso de ervas para se ocultar. Marie pode ajudar... — Ariel pensou em voz alta. — Descobrimos que, há cinco meses, houve um ataque em Londres, dois mortais foram mortos. Os Caçadores limpavam a sujeira e começaram a persegui-lo sem que nenhuma das duas espécies fosse avisada — revelou Ariel, pois, nada lhe passava despercebido nem a seus espiões. — A intenção da Ouroboros era manter a Ordem de Hermes oculta. Mas nós conhecemos aqueles ladrões de tumba há séculos! Eles jamais desejaram entregar os pedaços do pergaminho porque se beneficiavam com sua energia, conseguindo oportunidades de enriquecimento. Tentei diversas vezes negociar um preço justo pelo pergaminho, e eles jamais aceitaram. Graças à proteção da Ouroboros, nunca pude atacá-los como bem mereciam.

—Por que tanto sigilo?

—Medo. O pergaminho diz claramente que lobisomens iriam libertar uma “deusa”. Temiam e temem que o mundo se torne o caos.

–Quem eram as vítimas de Londres?

–Dois egiptólogos.

–Quando Samael conseguir todos os pedaços, estará tudo acabado – disse Bruce.

–Não, ainda não. Ele primeiro vai despertar Íris. Ela, sim, despertará seus iguais – Ariel revelou um pouco mais: – Vou colocar os Farejadores atrás dele. Eles são imunes à magia.

–O que isso vai lhe custar?

–Um pouco mais de sangue – respondeu Ariel, saindo da biblioteca.

Capítulo 14 - O Rei dos Vampiros e o Senhor dos Lobos

Ariel levou uma hora para chegar à mansão do senhor dos lobos. Apareceu de carro junto com dois dos melhores Pacificadores de que a Ordem dispunha, eles faziam parte de sua guarda pessoal. Togo confiava neles inteiramente para proteger o rei quando não podia estar por perto. Ele os treinara pessoalmente. Durante todo o caminho, Ariel falou ao celular, resolvendo os assuntos do reino. Ao sair às pressas, o rei alertou a Casa dos Lordes.

Eles ficaram bastante preocupados com sua viagem inesperada. Ariel sentia certa dificuldade em tornar alguns dos seus movimentos invisíveis aos olhos dos demais *Podere*s, visto que vivia rodeado por seus representantes, e isso, por vezes, o aborrecia profundamente: não tinha privacidade.

A queixa formal de Romano fundamentou-se no fato de que o momento não pedia atos impensados – ele deveria se preservar. Felizmente, Darden, o senhor dos lobos, havia solicitado uma audiência de urgência, o que Togo usou sabiamente para encobrir o real motivo de sua viagem para Barcelona: Kara, a vampira.

–Romano está me vigiando bem de perto, Togo.

– No momento, acredito somente que ele deseje preservá-lo.

–Ela é a pupila de meu favorito, é nossa responsabilidade cuidar de sua segurança.

Romano conhecia muito bem seus segredos e temia que o rei não conseguisse manter o controle diante da morte da vampira.

–Investigue, quero saber o que os Lordes temem – ordenou; entretanto, fazia ideia do que seria. Manter segredos de Togo era inútil, mas Darden ganharia tempo.

–Não será necessário, majestade. Ele só veio porque o ataque sofrido pela pupila do favorito não foi ocultado pela Ouroboros como pedimos. Eles se recusaram a manter a informação em sigilo. E, certamente, já foram buscar

suspeitos dentro da Alcateia. A insegurança em torno do Pacto está gerando falatórios, a comunidade vampírica tem feito perguntas aos Poderes.

—Malditos! — reclamou Ariel, contendo-se para não destroçar o celular. Romano salvara a vida de Ariel e Otávio, evitando que fossem executados.

Isso, possibilitou a Ariel ascender ao trono, como era seu destino — ele fora o instrumento. Desde então, desenvolveram laços de amizade e poder. Entretanto, Romano se sentia responsável por sua vida. Como líder dos Lordes, sabia tanto quanto o rei que o momento exigia cautela. E, nos últimos meses, Ariel buscava respostas longe dos olhos dos Poderes, seu julgamento cauteloso demais agora poderia pôr tudo a perder. A visão revelara muito; entretanto, ao rei e a Marie mostrara um pouco mais.

A jovem bruxa viu o futuro, e, nele, alguns acontecimentos agradaram ao rei, mas outros o fizeram ferver de ódio e revolta. Para acompanhar o desenvolvimento de seus planos e do próprio futuro, Ariel resolveu mantê-la próxima de si. Em outros dias, conservou Dalila ao seu lado como amante e conselheira. Mas essa é outra história. Ariel sorriu, lembrando-se do admirável corpo da bruxa, dos prazeres que dividiram juntos. Bruxas tinham um relacionamento bastante particular com vampiros. Elas conseguiam fazê-los voltar a desfrutar dos prazeres do sexo, pelo menos algumas delas. A fama de Ariel o precedia, ele não perdoara nem mesmo a amante mortal de seu irmão. Sem falar que era extremamente sedutor. O que ninguém sabia é que, no sangue de Ariel, corria um veneno mais letal, o sangue de Kara. Este sangue o fazia ferver de desejo, levando-o a ter sonhos bem reais com a vampira.

—Romano pareceu se convencer, mas confessou que gostaria de estar presente durante o encontro com Darden — disse Togo.

—Vou até Darden como amigo, não como rei. A presença dele traria a Trindade para dentro do salão de Licaonte, impedindo que falássemos abertamente. Darden tem algo a me dizer, e tenho esperança de que seja alguma coisa de grande valia.

–Concordo, majestade, e peço que tenha cautela. Darden ainda é um homem-lobo, apesar de nossas boas relações no passado.

–Acalme seu coração frio, Togo, eu estarei em segurança. Agora descubra onde andam os Farejadores. Estou farto desse maldito jogo de esconde-esconde com Samael. Ele já assinou sua sentença de morte mais de mil vezes – revelou Ariel.

–Majestade, com todo respeito, não é prudente chamarmos Farejadores. Peço-lhe que esperemos, logo teremos notícias das Sentinelas.

–Talvez tenha razão. Vamos aguardar – disse, Ariel e desligou; estava diante da mansão de Darden.

O mensageiro enviado por Ariel chegou duas horas antes, como esperava, avisando a Darden que a visita extraoficial fora aceita. O rei dos vampiros e os dois Pacificadores foram recebidos com cortesia. Ele já conhecia a casa de outra visita. Não havia mudado muito, continuava luxuosa e com uma decoração quase medieval. A Espanha era um lugar agradável e infestado por homens-lobos. Eles pareciam gostar do clima. O próprio rei tinha uma casa em Madri há séculos, onde criava alguns garanhões árabes. Ariel manteve a capa ocultando a face vampírica e, quando teve de seguir um dos criados, ordenou aos Pacificadores que ficassem. Eles não gostaram da decisão do rei, mas lhe obedeceram e permaneceram em guarda. Ariel seguiu o criado e, em pouco tempo, estava diante de Darden, que o recebeu em seus aposentos.

Ariel entrou no salão e viu o criado fechar a porta atrás de si. Como prometido por Darden, a conversa seria privada. Ele o esperava de pé, junto à mesa, e, assim que o viu aproximar-se, andou em sua direção. O rei dos vampiros desceu o capuz e expôs sua cabeleira vermelha, os olhos cintilantes, a face imortal e bela. Apertaram as mãos e nelas ficou claro o poder dos dois mundos através de seus anéis, que representavam seus selos reais.

–Pelo sangue e pela imortalidade.

–Pela liberdade que só a noite oferece a todos os imortais.

Aquelas frases aparentemente tolas tinham um sentido oculto para Ariel e Darden. Repetidas, garantiam aos dois que estavam ali por livre vontade e que nada nem ninguém os impedia de ser inteiramente honestos um com o outro.

Os olhos argutos de Darden fitaram Ariel, e ele sorriu ao perceber que o rei dos vampiros não envelhecera um dia sequer, bem diferente dele, que perdia a beleza e a face humana a cada novo dia e quarto de lua. Ariel retribuiu o olhar amigável e aceitou assento à mesa, junto com Darden, que parecia um pouco mais velho. O lobo dava a impressão de estar prestes a pular para fora, mas ele o saberia dominar. Tinha seu manto sobre os ombros, os cabelos estavam soltos como de costume. A túnica negra era bordada, as botas estavam engraxadas – ele se preparara para recebê-lo. Assim que sentaram, o criado reapareceu e trouxe uma bandeja com dois cálices – era sangue fresco e humano. Beberam juntos em sinal de paz e confiança. Algo raro para um lobo e um vampiro realizarem na frente um do outro.

–Tenho notícias que gostaria de partilhar com você, Ariel. Mas antes quero pedir que meu filho, Iago, participe de nossa conversa.

–Será um prazer, traga-o – disse Ariel, recostando-se na cadeira e sorvendo mais um gole do sangue puro e fresco.

Iago entrou após o criado chamá-lo. Ariel o observou e estendeu a mão, já de pé. O jovem lobo estranhou o comportamento informal do rei dos vampiros e Ariel percebeu.

–Sente-se, Iago. Não fique tão surpreso, nada tenho contra sua espécie. Sou um vampiro civilizado, gosto de manter bons modos. Diante de mim, somente caem de joelhos os que mato. É filho de um amigo e o recebo com deferência – disse o rei e todos sentaram. – O Pacto foi firmado quando ainda era mortal na casa de Radamés. Ele me ensinou que todos nós somos iguais quando imortais. Queremos a mesma coisa: nos manter ocultos e vivos. Conheço Darden o suficiente para saber que deseja o mesmo, ele trouxe ordem ao mundo dos homens-

lobos quando só havia desordem e matança. A paz entre nossas espécies já se provou benéfica e lucrativa. Muitos de nós temos negócios em comum, como a mineração do ouro e da prata. Pelo menos, os mais tolerantes.

A intolerância dos lobisomens à prata lhes rendeu lucros. Eles sabiam como ninguém localizar um veio do precioso metal. Geralmente, vendiam a informação ou se tornavam sócios de algum mortal ou vampiro para prosseguir com a exploração do minério.

– Não sou ingênuo e sei que os lobos ainda nutrem ódio por minha espécie. – continuou o rei, enquanto tocava o cálice feito de cristal e ouro. – Hoje, existe um conceito de civilização, sua espécie conta com os Códices e, neles, a história, suas leis. Alcateia é a prova disso. Os impuros estão sob controle graças ao sangue da Ânfora. Estamos todos protegidos do olhar e do escárnio mortal. Veja como nos retratam nos livros e nos filmes: como bestas, demônios. Eles não percebem que somos outra espécie animal. Em princípio, nós matamos por fome. E eles? Por que matam? – Ariel fazia perguntas, mas conhecia todas as respostas.

–Compreendo grande parte de seu discurso, Ariel, e o respeito. Mas muitos homens-lobos não gostam de se saber controlados, acreditam que a Ânfora é uma forma de domínio dos vampiros no nosso mundo – Iago simpatizou-se com Ariel, mas não ia deixar de expor suas ideias e dúvidas por causa disso.

Os dois grandes líderes observavam Iago e suas ideias simples sobre domínio e controle.

–Ele já bebeu da Ânfora? – perguntou Ariel, dirigindo-se a Darden.

–Ainda não permiti – revelou Darden, observando o belo filho. – Temo por sua lucidez, ele ainda não acasalou com uma fêmea que amasse. Preciso preservar sua natureza de homem e lobo separadamente.

Ariel achou a decisão de Darden ajuizada. O sangue na Ânfora, quando bebido a primeira vez, levava a alma de um imortal para um mundo desconhecido, fazendo-o enfrentar sua própria natureza, dando-lhe poderes e os tomando. Criava

feras e gerava heróis. Iago era um homem-lobo e tinha controle de seus atos com as duas. O sangue místico e ancestral o faria vivenciar sua natureza animal. Ele precisaria estar em isolamento e sob vigilância.

—Quando o fizer, saberá que nenhuma das espécies tem controle de sua violência e bestialidade. O sangue que dela brota é fruto de seus ancestrais e da magia de seres sábios e justos. Um deles foi Radamés; agora, o dos demais... — Ariel fez uma pausa proposital e falou, sorrindo, misterioso: — Deve indagar de seu pai, ele os conheceu, não tive esse prazer.

Darden gargalhou da brincadeira de Ariel e, por um momento, lembrou-se da fila qual entrou sozinho, levando consigo apenas a Ânfora e sua coragem para colher o sangue de criaturas conhecidas somente pelo olhar dos deuses. Recordava-se dos odores, dos sons à sua volta enquanto mergulhava mais fundo na floresta. As criaturas que o cercaram eram como demônios cobertos de lodo, vestidos em trapos. Olhos vazios, orelhas pontudas, alguns com caudas e chifres. Darden foi levado defronte de uma sacerdotisa, uma mulher extremamente bela e poderosa. Daquele contato restou uma cicatriz, no alto do peito, e a Ânfora cheia de sangue. O sangue daquela estranha criatura, metade mulher, metade deusa, era poderoso o suficiente para impedir que um lobisomem se transformasse numa fera por um ano inteiro. Foi um doce e doloroso prazer colher o sangue de suas veias.

Darden voltou das lembranças e observou Ariel falar a Iago, que o ouvia com atenção. Ele seria um grande líder, não havia dúvidas. Conseguia separar as questões pessoais do seu julgamento como rei.

—Ele está pronto, Darden. Não duvide do poder de sua criação — afirmou Ariel, vendo a superioridade daquele jovem lobo.

O salão estava iluminado por velas como Darden gostava, as janelas permaneciam abertas e o cheiro do bosque próximo entrava, enchendo o salão de doces fragrâncias.

—Soubemos do ataque sofrido pela vampira por nossos Cães de Caça. Os três lobisomens mortos eram fugitivos. A Ouroboros, cumprindo suas atribuições,

capturou alguns suspeitos e matou dois deles dentro da Alcateia. Tive de lidar com as velhas reclamações da Trindade sobre minha autoridade. Não estou satisfeito com a Ouroboros invadindo meus domínios. – Darden alterou a voz.

–Então somos nós dois. Pedi sigilo para que fossem evitadas lutas e revoltas nos dois mundos, mas eles preferiram alardear o ataque. – ele ainda precisava descobrir os motivos da Ouroboros para proteger Kara. – Agora, todo o mundo vampírico sabe do ataque e suspeita dos reais motivos. Nossa posição não é favorável, Darden. Só nos resta saber o que vamos fazer.

–Samael foi visto na cidade há algumas horas. Infelizmente, conseguiu escapar mais uma vez. Como o fez ao certo não sabemos, ele parece estar imbuído de alguma estranha magia que lhe possibilita aparecer e desaparecer quando bem deseja. E fazer todos nós, inclusive os Caçadores, de tolos. Algo que realmente me alegra em parte.

–De fato, Samael realmente parece estar debaixo de uma capa de proteção invisível.

–A jovem vampira atacada sobreviveu? – perguntou Darden, fitando o olhar do rei dos vampiros.

–Vai sobreviver graças à gentileza dos Caçadores.

–Este maldito impuro não pode ser mais poderoso que dois reis. Ou pode, Ariel? Já esgotei as alternativas, chamei-o aqui para que juntos possamos encontrar uma solução. Afinal, de quem era a tumba onde o pergaminho estava? – perguntou Darden.

–O último lugar de repouso de um velho amigo: Radamés – revelou Ariel, sem reservas.

–Imaginei, mas não levantei a questão diante da Trindade. Escutei boatos de que Radamés apareceu durante a Arena. Gostaria de lhe falar, tenho um enigma para que ele resolva.

–Acredito que ele vai procurá-lo em breve, Darden. Mas, por agora, mandou que lhe dissesse algo. Que não abandonará seus filhos – disse Ariel, com a certeza de que ele entenderia.

–É, agora tudo faz sentido. – concluiu Darden.

Darden ficou de pé e andou pela sala sob o olhar atento de Ariel e Iago. Estava ensimesmado.

–Também me fizeram portador de uma mensagem, Ariel. Após a visão que tocou alguns membros das duas espécies, tive um estranho sonho. No princípio, acreditei estar influenciado pelos eventos ocorridos desde a visão. Todavia, ele vem se repetindo, e se tornou claro que me faziam portador de uma mensagem para você. Quando, finalmente, reconheci o frágil espectro, tornaram-se óbvios os motivos pelos quais me transformei em seu emissário.

Ariel esperava enquanto Darden fazia rodeios para chegar à mensagem final; algo estranho. Ele sempre fora muito direto... O que o detinha?

–Não foi fácil revê-la. Ela deve ter saído do mundo dos mortos. É a sombra pálida do que um dia foi como vampira. Todavia, enquanto viva, ela serviu ao meu mundo e ao seu. Somos amigos na medida do possível, Ariel. Eu o creio capaz de conter sua raiva por Afrodite para ouvir o que ela me revelou.

–Darden, nada de bom pode vir de Afrodite. – Ariel não podia crer no que ouvia. – Seus desejos e planos sempre foram para alcançar o poder. Fosse o do mundo dos vampiros ou dos homens-lobos. Ela adentrou o mundo dos mortos e lá permanece, sem chances de retorno, para o bem de nossas espécies. – A informação inquietou os dois reis.

– O poder corrompeu Afrodite, mas ela soube governar até que você, Ariel, chegasse ao trono. Detrich jamais desconfiou que não governava. Não é mesmo? – perguntou Darden.

– Sim, Afrodite tinha o poder de fazer a todos os que a rodeavam de fantoches!

–Afrodite é um ser predatório e maligno. Jamais chegaremos a um ponto em comum sobre ela.

–Sim, Darden, jamais. Mesmo a tendo possuído por quase um século.

Iago olhou os dois reis trocando farpas e se preocupou. Darden e Ariel não demonstravam aborrecimento, somente exasperação com o assunto trazido à luz. Ele era vergonhoso e doloroso para ambos de formas distintas. A responsabilidade os consumia. Darden e Afrodite se conheceram enquanto ela ainda vivia foragida, suspeita da morte de Radamés. Ela se meteu em uma confusão e, por muito pouco, não foi feita em pedaços por dois lobisomens. Darden a salvou e caiu em sua rede de sedução. Manteve com ela um romance secreto e, graças aos seus conselhos, destruiu vários inimigos e a enriqueceu um pouco mais. Afrodite, por vezes, agia como uma prostituta de luxo, mesmo sem precisar.

– Não viverei no passado, Darden. Afrodite já me causou todo o mal que podia, mas vejo que a lembrança dela ainda o consome – disse Ariel mentalmente, semicerrando os olhos de modo misterioso e até cruel.

O homem-lobo resolveu encerrar a questão. Não queria tratar de suas fraquezas do passado diante de Iago, que o olhava atento. E agradeceu a descrição do vampiro, que não revelou sua vulnerabilidade diante de seu herdeiro. Darden encontrava-se livre do poder da vampira, há séculos estava longe de ser controlado por Afrodite, mas sua visita o inquietava graças ao teor da mensagem.

–Que seja, Darden, fale. Estou pronto para o pior – disse Ariel, sabendo do afeto verdadeiro que nutriu por aquela criatura perigosa e demoníaca.

–A resposta repousa no Templo da Esfinge, no Códice dos Deuses Vampiros.

Ariel Simon apoiou os cotovelos na mesa e cruzou os dedos vagarosamente.

O anel de rubi cintilou. Semicerrou os olhos, compreendendo o porquê de Afrodite escolher Darden como mensageiro. Em primeiro lugar, ele seria o único a aceitar sua presença sem repudiá-la, enviando-a para o mundo dos mortos, mais fraca do que veio. Ele a amou e a nutria, fazendo-a materializar-se dentro de seus

sonhos. O gesto da vampira não era de benevolência; era um ato de vingança contra os que sempre a impediram de chegar ao trono e atentaram diversas vezes contra sua vida, os Mais Velhos, ou melhor, as Mais Velhas.

—Espero que a mensagem tenha chegado a tempo, Ariel.

—Acho que sim. Mas Darden, eu roubei vidas e sangue, mas jamais gostei de roubar ilusões, mesmo tendo roubado algumas sem perceber. — Ariel começou a falar já de pé, pondo sua capa. — Então, deixe-me revelar uma verdade dolorosa, mesmo para nós dois, que amamos a pior das criaturas que já foi imortalizada: Afrodite foi a assassina de Radamés.

Ariel se despediu de Darden com um aperto de mão, que nada mais falou para defender Afrodite. Dentro dele, ficou um grande peso, como se houvesse ajudado alguém que jamais mereceu piedade ou um gesto de amor. O rei dos vampiros saiu dos domínios do senhor dos lobos do mesmo modo que entrou: em paz. Dentro do carro, rumou ao aeroporto, onde seu jatinho o aguardava. Ele pensou em muitas coisas, mas nenhuma delas o libertou das lembranças da morte de Radamés. Anos depois de se tornar rei, Ariel pediu a Ordália que lhe mostrasse o assassino de Radamés.

Ele e Afrodite lutaram dentro do Templo. Ela queria controlar o Livro. Naqueles dias, Ariel sabia que o mundo dos vampiros estava em convulsão. Detrich, o rei, trazia inquietação aos Poderes. Era desregrado, injusto e desobedecia claramente às leis do Livro. E, graças a um primeiro ataque à vida de Radamés, que ficou meses dentro do Templo da Esfinge. Detrich montou o que acreditava ser um reino. Dentro de sua casa palaciana, promovia banquetes para imortais nos quais os mortais eram mortos livremente. Afrodite, no meio disso tudo, agia como sua concubina. Mas Radamés reapareceu e trouxe revolta ao rei, que teve de conter novamente seus instintos de matança e obedecer às leis. Era tarde demais: o mundo vampírico estava dividido. O Livro, agora livre do controle de uma misteriosa criatura que o visitava dentro do Templo, repudiou Detrich e exigia um novo rei. Mas Radamés precisava descobrir quem era a criatura que

ousara tanto. Ele arquitetou um plano perfeito. Conquistou as Zeladoras do Livro, duas vampiras que equilibravam a balança da energia entre as vampiras e os vampiros que no Templo viviam – Mira e Celine. Radamés possuiu ambas em sangue e corpo, oferecendo a energia do ato sexual às Zeladoras como um presente. Elas, por sua vez, também a repassaram ao Livro, que revelou o óbvio: Afrodite era a estranha criatura que corrompia! O Livro se fechou, agora sob o comando de Radamés, deixando Detrich vulnerável aos seus inimigos.

As lutas começaram além do Templo, e nem uma gota do sangue imortal derramado foi absorvida pelos Mais Velhos que, até então, bebiam-no em abundância, oferecido por Afrodite e Detrich. Desesperados, os Mais Velhos tentaram reabrir o Livro. Tudo acontecia como previsto por Radamés. Quando o Livro se abriu, estava no interior do Templo, dentro de sua fonte de poder original. Ariel compreendeu o plano de Radamés, mas isso o deixou vulnerável.

Quando Afrodite apareceu envolta em sua capa, o salão estava como de costume, banhado pela luz central, os sarcófagos dispostos. Mas havia algo novo, o Livro. Estava a poucos passos, aberto, banhado pela luz do cone, emanando energia. As páginas repletas de símbolos e letras eram um convite que ela não poderia recusar. Olhou para os lados como um bom ladrão, certificando-se de que seu crime não seria visto por mais ninguém, e tocou as páginas. Elas a aceitaram, então Afrodite sorriu e falou:

–Eu sabia que não me recusaria, meu querido.

–Acredita mesmo nisso, Afrodite?

–Radamés!

–Sim, quem mais seria? Derek?

–Afastese! Ou usarei o Livro contra você.

–Ameaça-me com o Poder que gerei?

Havia uma grande revolta, que somente seria silenciada com o sangue de Afrodite. A lâmina brilhou, Afrodite notou o punho fechado sobre a espada curva.

Recuou, o capuz caiu. Do que adiantava se ocultar agora?

–Feche-se! – ordenou Radamés.

O Livro se fechou e Afrodite se viu presa, engolida. Rugia de dor, enquanto a carne era devorada. Diante do sangue, os Mais Velhos apareceram na câmara, enfileirados, vendo e ouvindo os gritos de Afrodite com frieza. Radamés estava pronto para cortar sua cabeça.

–O que desejam? – Radamés os questionou.

–Queremos o sangue dela – disseram Ordália e as demais em uma só voz.

–Logo o terão, senhoras – disse Radamés, erguendo novamente a espada. Afrodite de joelhos, presa pelos braços, lutava. Por fim, pediu ajuda a Derek.

–Vai me abandonar, Derek?

Sua súplica irritou as vampiras, que se sentiram excluídas. Afrodite trouxera o desequilíbrio com seu encanto traiçoeiro.

–Não – disse Derek, puxando sua espada.

– Mate-a, Radamés. Livre-nos desta pérfida criatura. Ela só traz o desequilíbrio aos Poderes – pediu Ordália com firmeza.

– Não ouse tocá-la! – ordenou Derek, que estava enfeitiçado, possuído por seus encantos.

– Como se atreve a defendê-la? Quantas vidas ela já viveu, quanto poder possui? Mera matéria diante da imortalidade de nossas mentes.

– Por que declinam de seus favores agora? Vocês provaram de seu sangue, o que mudou? – quis saber Derek.

– Não mais nos submeteremos a seu controle. Radamés libertou o Livro – afirmou Zoraia.

– Sim, mas por que o trouxe de volta ao Templo? Porventura pretende nos encerrar novamente com ele? – questionou Tavalus.

Os Mais Velhos estavam indecisos, divididos e acuados.

– Trouxe o Livro para protegê-lo dos encantos desta víbora. E, ao mesmo tempo, entregá-la à sua justiça. Ela será absorvida.

– Não! – gritou Afrodite, aflita.

– Que assim se cumpra. – As vampiras fitavam-na, malignas e famintas.

– Liberte-a! – exigiu Derek, enfurecendo as vampiras.

– Não permitiremos que mude as leis do Livro! – Todas gritaram pela boca de Ordália. Enfrentavam-se com olhares gelados e negros.

Todos se afastaram, ficando somente Derek e Ordália, um diante do outro.

– Os tempos obscuros se foram. Evoluímos graças ao conhecimento. O iniciado nos libertou, deu-nos corpos e consciência. Não habitaremos o mundo dos sonhos novamente.

Afrodite os lançara uns contra os outros. A discórdia havia sido gerada. E o estado de insatisfação e desunião fez o Livro se retrair. Aproveitando-se disso, ela entoava um cântico antigo, poderoso, tentando se libertar.

– O tempo de violência passou. Não quebre as leis das Tábuas de Esmeralda. – pediram Ordália e as demais vampiras.

–Somos livres com ela, podemos nos tornar carne e sangue novamente.

–O que almeja é a pequenez da imortalidade, algo a nós maldito. Que o castigo recaia sobre os revoltosos!

Dizendo isso, elas se foram, sumiram do salão. Isso desequilibrou os Poderes e o Livro, que tremeu num rugido estranho e bestial, abrindo-se e jogando Afrodite longe, enquanto Derek e os demais vampiros avançaram em luta aberta contra Radamés. Cercado pelos dez vampiros, ele lutava bravamente, tentando se manter vivo. O Livro estava em perigo, chamava-o, pois não podia se fechar imediatamente como desejava para se proteger com suas couraças. Afrodite o rodeava, evocando as Zeladoras. Mira e Celina surgiram dentro do Templo,

confusas e indefesas. Afrodite as atacou de adaga em punho e cortou suas gargantas. A adaga tinha a lâmina esverdeada com um veneno único por ela fabricado e conjurado, que impedia a carne vampírica de se restabelecer.

O Livro relatou o mal que a ele era infligido em suas páginas. Isso afastou Afrodite, repeliu-a, produzindo uma luz forte e branca. Radamés ficou à frente do Livro e viu os vampiros recuarem com medo. O Templo inteiro reagia a seus atos de revolta e traição. A câmara, agora, era um turbilhão de luz e energia, que parecia crescer em ondas vindas do Livro.

Foi quando Afrodite voou sobre Radamés, que não pôde evitar que ela cravasse em seu peito uma adaga. Agarrada a ele em luta aberta, quebrou-lhe o cordão de ouro. O escaravelho caiu no chão e o rubi se partiu em vários pedaços, tornando-se líquido como sangue.

Radamés, no chão, imobilizado, agonizava e tremia. Afrodite puxou a adaga de seu peito e mais uma vez o perfurou. Quando retirou a lâmina de sua carne, viu o corte cicatrizar, levando mais veneno para dentro de seu peito. Imobilizado pelo poderoso veneno, ele viu os vampiros se aproximarem, olhando-o com superioridade. Afrodite, como uma hiena saqueadora de corpos, tirou-lhe o anel de Lorde do dedo. Derek recolheu do chão o escaravelho partido, guardando-o consigo. Feliz e vitoriosa, Afrodite beijou Radamés de forma maligna e se afastou, sabendo que ele ainda podia vê-la, e se aproximou do Livro. Lá, ela lhe arrancou as páginas recém-escritas, ouvindo-lhe os gritos, vendo-o verter Seiva, ferido. Pegou a jarra cheia de Seiva e, por um segundo, fitou-a. Sorriu e a levou aos lábios, deixando-a invadi-la. Tinha os olhos cerrados, mas, ao abri-los, exibiu o brilho fluorescente do líquido verde. Não a engoliu, simplesmente soprou-a sobre o Livro, iludindo-o. Derek e os outros vampiros recolheram os corpos de Mira e Celina, absorvendo-as. Estava tudo consumado.

Assim, Radamés caiu. Ariel odiava Afrodite com todas as fibras de seu ser e só encontrou paz ao sabê-la executada pela Ordem. Seus crimes foram muitos, e o pior deles foi provocar a ausência de Radamés no mundo vampírico. Tudo sobre

ela gerava insegurança e medo. Sua mensagem nada mais era que um gesto desesperado de vingar-se de Ordália. Ao que parecia, as vampiras do Templo tinham ciência do mal conhecido como Íris.

Capítulo 15 - Sangue Real

Kara despertou três dias após o ataque sentindo dor. A primeira coisa em que pensou foi Jan Kmam. Ficou imaginando se ele teria sentido o ataque, mesmo com os laços quebrados entre os dois. Dentro de seu coração, sabia que sim. Desejava ardentemente chegar ao Jardim, mas não conseguia, ferida como estava. Seu único consolo era sentir sua presença protetora envolvê-la num abraço afetuoso e forte. Não conseguiu se levantar da cama. Algo que a chocou, pois, sendo vampira, imaginou que os ferimentos cicatrizariam mais rapidamente. Aconteceu o contrário: eles se fechavam lenta e dolorosamente. Tinham um aspecto horrível.

Durante esse tempo, Bruce permaneceu ao seu lado, ajudando-a como podia. Fazia-lhe companhia, chegou mesmo a ler para que se distraísse. Kara o aceitou como o amigo que sempre fora; ela fingia não o conhecer para não trazer à tona os eventos que a levaram diante do rei do vampiro há um ano. Ele foi o primeiro vampiro a lhe dar algumas explicações sem medo, a protegê-la do desejo do rei. Por revelar a traição de Jan Kmam, Bruce sempre seria um grande amigo.

–Por que me vigiava? – perguntou Kara, recostada em travesseiros no leito. Bruce veio lhe servir um pouco mais de sangue. Era preciso deixar a vampira alimentada, a fome poderia trazer de volta a infecção.

–Não a vigiava; na verdade, reconheci-a e resolvi me aproximar. Foi uma surpresa vê-la aqui em Barcelona. Estava voltando para casa. Conheço Jan Kmam, somos amigos apesar de seu afastamento nos últimos anos. Quando ele foi dado como morto, em 1872, estava na Itália. Soube, através do rei, do acontecido. Confesso, foi um grande baque. Depois disso, pensei se realmente valia a pena viver em um mundo sem Jan Kmam. Quer continuar a conversar? – perguntou Bruce, ao ver o olhar ciumento de Kara sobre si.

O sorriso morreu em seus lábios. Mas ele era velho demais para se intimidar. E continuou:

—Não achei que fosse diferente. Afinal, tem como mestre Jan Kmam.

—Apesar de me parecer fisicamente com Thaís, eu sou bastante diferente. Até mesmo Jan sabe disso – comentou Kara, mantendo sua farsa.

— Em nosso meio, os amigos são algo raro, mas realmente considero a amizade de Jan Kmam. Devo a ele minha vida e o amor de maneira profunda. Não suportaria vê-lo sofrer novamente.

—Novamente?

—Sim. Jan sofria enquanto protegia Thais. Ele jamais deixou que ela notasse o quanto isso o afetava. Vivia torturado entre o desejo de transformá-la ou deixar que permanecesse mortal. Sua deficiência o impedia, não poderia torná-la imortal. Tivemos longas conversas nessa época e o aconselhei diversas vezes a se afastar dela. Entretanto, Jan é muito obstinado, uma qualidade e um defeito digno de sua beleza e de seu charme. Bem, imagine: meus conselhos de nada serviram.

—Jan cortou os laços de amizade. Talvez por este motivo jamais falasse de você. Desculpe-me por revelar isso, mas é a verdade.

Bruce, naquele momento, fitou a vampira e disfarçou a desconfiança. Como ela poderia saber que Jan o afastara solenemente de sua vida?

—Não se desculpe. Sei que não fui o único a ser excluído, Jan a isolou do nosso mundo com medo de perdê-la, querendo guardá-la numa redoma de vidro. Percebi seu espanto ao ver o lobisomem. Jamais havia visto um.

A vampira suspirou, tocou o ombro dolorido e estendeu o cálice para Bruce, que o encheu novamente. Parecia entediada e aborrecida com as verdades que ouvia.

—Chocada? Furiosa com minhas revelações? – quis saber Bruce.

– Não, Jan Kmam tem o dom de provocar reações acaloradas como a sua. De certo modo, estou acostumada. Sei hoje, depois dos eventos da Arena, que desconheço muito do mundo dos vampiros. Mas... E quanto a Martan? Percebi que vivem juntos. Você não o ama?

– Faz alguns anos que o conheci e, desde então, dividimos nossa imortalidade. Ele me trouxe um pouco de paz longe do meu desejo por Jan Kmam e de... – ele se calou. – Ele me compreende. Somos livres, Kara, o amor vampírico nos permite muito, basta saber aproveitar.

– É estranho, mas tenho a impressão de tê-lo visto antes. Seu rosto é, para mim, muito familiar; na verdade, esse foi um dos motivos de observá-lo naquele bar – brincou Kara de forma maligna; afinal, sabia muito bem quem ele era.

– Estive na Arena. Deve ter sido lá. Além disso, sou um vampiro muito comum. A vampira sorriu e Bruce ficou sério. Então prosseguiu:

– Ver Jan Kmam mergulhar novamente nas sombras foi doloroso. Logo depois, você sumiu também. Eu esperava vê-la sob a proteção de Ariel; na verdade, visitei-o à sua procura. Pretendia me oferecer como amigo, sombra, o que precisasse.

Kara suspirou aborrecida. Afinal, por que todos acreditavam que ela permaneceria com o rei? Bruce notou seu olhar tornar-se escuro como o carvão. Ela realmente não gostava de Ariel. Lembrar-se-ia de algo? Bruce afastou as lembranças e esperou.

– Estou sob a proteção de Martan – disse Kara.

– É, ele me informou. Radamés em pessoa a protege, vi o modo como essa joia a resguardou – comentou Bruce com seus olhos voltados ao amuleto de ouro. – Ficamos muito preocupados com seu estado. O rei veio vê-la há três noites.

Bruce revelou sem medo e a viu ficar muito quieta e silenciosa. Kara parecia uma menina agora emburrada com o que não podia mudar. Deixou o cálice de sangue. O apetite parecia ter fugido.

– Sente-se bem?

– Estou bem, só sinto frio.

Bruce tocou-lhe o coração, que batia lentamente. Escondeu sua preocupação com um sorriso, puxou o cobertor sobre seu corpo e continuou a observá-la.

– Você lutou muito bem. Logo se sentirá melhor, precisa manter-se alimentada, não pode ficar com fome, entende?

– Sim, claro. Bruce, obrigada por me ajudar. Foi muito corajoso – afirmou Kara, desviando o assunto como tábua de salvação, enquanto segurava sua mão com carinho. Ela percebeu o olhar de Bruce sobre a aliança em seu dedo. O vampiro a reconheceu: era a mesma que Thaís usava.

– Faria novamente. Jan Kmam não suportaria vê-la morta, jamais aceitaria. É um teimoso. Ele só encontra felicidade ao seu lado, e eu o quero feliz. Não teria honra se não a defendesse – disse, beijando-lhe a mão pequenina.

– Por que me atacaram?

– É uma longa história. Quer ouvir?

– Sim.

Bruce contou a Kara os últimos acontecimentos que sacudiam o mundo imortal. Ela ouviu com atenção e fez perguntas, a que o vampiro respondeu com bastante cautela. Os fatos que ele lhe contou trouxeram à sua mente os estranhos sonhos que teve. Comentou sobre dois deles com Bruce e o viu observá-la com preocupação. Kara estava mais envolvida do que o rei poderia imaginar. Ele queria segurar areia entre os dedos.

A vampira se sentiu bastante ignorante ao descobrir a respeito dos homens-lobos e dos lobisomens, mais ainda quando soube que fora salva por um Caçador. Bruce lhe relatou o que eles eram e o que faziam. Em pouco tempo, Kara percebeu como era inexperiente e leiga. Por que Jan lhe omitira tantos fatos?

Contrariada e cansada, evitou fazer mais perguntas, uma vez que, quando as fazia, só se comprovava “inocente” aos olhos do vampiro. Bruce percebeu seu aborrecimento e pensou se seria inteligente falar do mundo vampírico novamente, pelo menos enquanto ela se restabelecia. Ele nada comentou sobre seu relacionamento íntimo com Samael, e Kara resolveu não o constranger fazendo perguntas; afinal, sabia o quanto detestava o ex-amante.

–Eles acham que você pode assumir o trono, caso Ariel seja morto. Então, queriam garantir que não sobrassem herdeiros de sangue.

–Estranho, mas é a primeira vez que me sinto aliviada por Jan Kmam estar na Caixa. Lá ele está protegido, não é mesmo? – revelou a vampira tristemente.

– Quando um vampiro é punido com a sede e o sono, o Livro mostra onde a Caixa deve ser colocada. A informação é passada à Ordem dos Pacificadores, somente eles conhecem a localização. Fique tranquila, Kara. Jan está em segurança, a prova disso é o ataque que sofreu. Você foi o alvo que restou depois do rei.

– E quanto a Otávio? Ele não substituiria o rei?

– Otávio é um vampiro velho, mas, ao atingir os cem anos, não se aproximou do rei como Jan Kmam. Agora chega, já se cansou o suficiente por essa noite.

Quando Bruce fez menção de se levantar, Kara segurou sua mão.

– Bruce, pode ficar mais um pouco, não quero ficar sozinha. Estou com frio – pediu a vampira num murmúrio.

– Claro! Quer que lhe conte uma história?

O vampiro brincou, fazendo Kara finalmente sorrir e a tensão diminuir. Enquanto sentava na beirada da cama, percebeu a face abatida da vampira, ela se recostou em seu corpo e segurou seu braço. O sangue que sorvia era fraco para alimentá-la devidamente. Ela precisava de ajuda, mas, com Jan Kmam dormindo, isso se tornava complicado. O elo de sangue mais próximo era o rei. Estaria ele ainda na Espanha? Para distraí-la, Bruce deitou-se na cama e passou-lhe um pouco

de sua força. O frio diminuiu e ele percebeu que a pressão de seus dedos se reduziu; quando fitou sua face, ela dormia. Os cabelos negros emolduravam a face bela e delicada. Não era de admirar que Jan Kmam e Ariel Simon se debatessem tanto por aquela pérola rara. Tocou sua face, e viu a ponta dos seus dedos roxa, os lábios sem cor, o coração quase parando. Pegou seu celular e fez o que melhor sabia: salvar os que amava.

– Ariel?

Bruce começou assim que Ariel o atendeu ao celular.

– O que houve?

Ariel ainda estava na Espanha, resolvera manter distância, observando a recuperação da vampira e caçando pessoalmente Samael com seus dois guardacostas. Já estava dentro do jatinho quando desistiu. Foi para um hotel e, de lá, ligou para Togo, informando-o da mudança de planos. Ariel deu ordens e desligou o celular sem lhe dar tempo para críticas e conselhos. O líder da Ordem dos Pacificadores agiu como esperado, mandando mais quatro Pacificadores para a Espanha a fim de proteger o rei, e aguardou um pouco mais.

Radamés, que tudo observava a distância, não se envolveu. Sabia que logo ele teria de agir como vampiro e salvar a pupila de seu favorito. O ataque dos lobisomens movera as peças no tabuleiro, e de um modo cruel. Afastara Kara um pouco mais de Jan Kmam e a colocara muito mais perto do trono e do rei. Os fatos se seguiam como havia previsto e, agora, era uma questão de tempo para todo o resto. Para Radamés, restava apenas esperar.

– Kara precisa de sua ajuda, não está nada bem.

Quando Bruce desligou o telefone, viu Martan olhá-lo com censura. Este estava no quarto há algum tempo, observando a vampira no leito, e disse.

–Cometeu um grande erro e traiu a confiança que Jan Kmam depositou em você.

–Não posso assistir à morte de Kara. Não me julgue tão duramente sem conhecer os fatos. Olhe a face dela, acha que vai sobreviver? – perguntou Bruce. – Ele é o único que pode a alimentar agora.

Martan fitou Kara e percebeu que ela estava realmente morrendo aos poucos. Era jovem demais e, mesmo com a poção dos Caçadores em seu organismo, ela perderia aquela luta. Kara precisava de ajuda, e Ariel a daria com muito prazer. Ele apareceu 20 minutos depois e viu a vampira quase morta.

Os Poderes não sentiram a doação, pois ele cortou seu pulso e deixou o sangue fluir livremente de suas veias. Bruce misturaria seu sangue ao que ela já bebia e evitaria um colapso. Por ela, o rei seria capaz de dar até mesmo sua alma. O amor e o desejo tinham o poder de levar mortais e imortais ao limite.

A manhã não tardava, precisavam se recolher. Martan viu Ariel levar Kara para o local onde vinha dormindo desde o ataque, uma câmara subterrânea debaixo do palacete. A porta de entrada era de ferro reforçado e com uma saída secreta para a rua. Colocou-a no caixão e a viu agarrar o travesseiro. Fechou a tampa, e antes de partir deixou dois cálices de sangue para que lhe oferecessem junto com o sangue que ela vinha sorvendo. Despediu-se de Martan e Bruce amigavelmente e partiu.

Uma noite depois, Kara se sentia melhor. Já andava e os cortes sumiam lentamente. Entretanto, ainda não conseguia ir ao Jardim, resolveu esperar mais um pouco. Dez dias depois, sentiu-se forte o suficiente para ir e voltar sem problemas. Seria a primeira vez que se veriam depois do ataque.

Martan ainda não permitia que ela saísse para se alimentar na rua. Então, quando despertava, seguia uma rotina estranha. Ia para a cozinha ainda de roupão e lá encontrava Martan e Bruce à mesa, lendo o jornal ou conversando, com suas canecas de louça. Bruce a convidava a sentar-se e a servia também. Pareciam uma estranha família. O sangue agora tinha um sabor mais suave. Nos primeiros dias de sua recuperação, notou-o com o sabor mais forte que o normal, mas nada comentou; apenas o bebia com avidez e se sentia cada vez melhor.

Por um momento, Kara os notou bastante humanos, exceto pelo que “comiam”. Sentia-se protegida e segura ao lado deles dois. Anunciou que ia ficar no quarto lendo e descansando. Algo que os acalmava; afinal, estava em segurança. Trancou-se no quarto, vestiu-se com esmero e deitou na cama. Estava pronta.

Por alguns minutos, só observou a caixinha de música, ouviu a melodia e fechou os olhos. Quando os abriu, estava dentro do Jardim. Caminhou até a construção e viu os vidros quebrados, os vasos destruídos, as plantas mortas. A única que permanecia viva era a grande roseira. O que acontecera ali? Entrou preocupada e olhou Jan Kmam sentado no divã, a mão apoiando a testa larga. Ele ergueu a cabeça e sua face se iluminou ao vê-la. Jan atravessou a estufa, foi em passos largos e tomou-a nos braços e a apertou contra si com força. Kara gemeu e sorriu do seu entusiasmo. Em seguida, ergueu-a do chão e a olhou, emocionado, por incontáveis minutos. Por fim, não resistindo mais, a beijou, e ela retribuía o envolvendo, apertando seu corpo forte, as mãos pequenas tateando seus ombros largos. Só havia o som de suas respirações. À volta deles, os vidros fluíam no ar, unindo-se; as plantas voltavam à vida, enquanto flores e rosas apareciam. Para que tudo ficasse como antes. O ambiente reagia de acordo com o humor de Jan Kmam, suas emoções e sua força. Ele apenas a mantinha junto de si, as mãos tocando seu corpo, o rosto, os cabelos, conferindo se ela estava inteiramente bem. Quando a libertou de seus lábios, os dedos buscaram os botões na camisa de cambraia fina sob o corselet. Ela o deixou desnudar o colo alvo, tocar a pele delicada e os seios cheios. Depois, a boca buscou o ombro, onde depositou beijos suaves nos riscos feitos pelas garras do lobisomem.

– Eu estou bem – murmurou junto aos seus lábios, fitando seus olhos extremamente azuis com carinho.

– Você deveria ter fugido. Nunca mais faça isso, entendeu? Quero que fuja – ordenou, Jan, segurando-a pelos ombros em tom de repreensão.

– Perdoe-me, mas não posso fazer isso, não sou covarde. Além disso, eu só me defendi.

Jan Kmam arregalou os olhos, surpreso, e tentou manter a calma. Todavia, era quase impossível quando ela resolvia bancar a desajuizada.

– Kara, compreenda: você poderia ter morrido! – cobrou incrédulo.

– Sim, poderia, do mesmo modo que você, quando lutou com Gustave, ou na Arena para evitar que eu fosse executada. Somos imortais, mas também podemos morrer. Sou a pupila do favorito do rei e posso lutar – disse Kara segura.

– Não tem obrigação de lutar somente porque é minha herdeira de sangue. Eu preciso acordar e encontrar você viva e bem. Se algo lhe acontecer, eu não vou suportar. Então, seja ajuizada e me obedeça, fique longe de confusões.

Ele a fazia encarar seu olhar muito sério. Enquanto ela o olhava apaixonada. Pensava naquela criatura pavorosa ferindo sua carne, e se enchia de raiva e terror. Ao vê-la erguer as sobrancelhas resistindo, abraçou-a fortemente e cobriu sua face de beijos. Amava-a demais, mesmo quando ela resolvia deixá-lo louco como agora.

– É somente o que faço, Jan: obedecer-lhe – murmurou Kara, livre de seus lábios possessivos e doces.

– Kara, não tem graça. Disse que deveria se cuidar e o que faz? Vai lutar com um lobisomem! Bruce a mandou embora e você ficou.

– Pode me ver além do Jardim?

Kara se afastou e o olhou com desconfiança e surpresa. Teria ele visto os atos do rei, sua perseguição? Ou o modo como Otávio a tratara e apenas a testava quando lhe perguntava sobre tudo?

– Nem sempre. Lembre-se de que os laços não existem mais. Todavia, o Jardim está entre os dois mundos, e nós também. Quando você se machucou, pensou em mim. Então, aquele que provou de seu sangue sentiu sua dor. Como pode perceber, estou de olho em você. Comporte-se.

– Eu não tenho sangue de barata para sair correndo porque um cachorrinho rosnou para mim.

O vampiro a olhou e fechou os olhos de modo preocupado. Kara o abraçou e cobriu seu rosto com beijos, ao mesmo tempo que murmurava seu nome sorrindo, matando a saudade que sentia dele. Apertava-o forte e esfregava o rosto no de Jan.

–Tenho um pouco mais de quatrocentos anos e não me sinto à vontade para lutar com uma daquelas coisas – disse Jan muito sério com ela, detendo-a no meio dos beijos.

– Não se preocupe, eu luto por você – murmurou brincalhona. – Agora, o que mais me escondeu, Jan Kmam? – quis segurando seu rosto forte.

– Muitas coisas, e todas elas para protegê-la.

Jan afirmou, sem vergonha alguma. O vampiro ainda sentia seus beijos e, não mais resistindo às suas carícias, beijou-a. Ela tentava vencer e estava conseguindo.

– Sei me defender muito bem com uma espada, não acha?

Kara deslizava as mãos por seus ombros carinhosamente, enquanto ele a apertava nos braços e cheirava seu pescoço, mergulhado em seus cachos.

– Contra um lobisomem, as chances até mesmo para um vampiro experiente são poucas. Mas o que está acontecendo lá fora? Conte-me.

– Bruce não me disse muito, parece que alguns deles querem quebrar uma espécie de Pacto bastante antigo. Houve mortes e uma reunião com lobos e vampiros para decidirem como agir. O que desejo é ficar longe. Uma Arena já foi o suficiente para nós dois, não acha?

Kara percebeu o olhar preocupado de Jan Kmam, a tensão tomar conta de seu corpo. Estava ali, debaixo de seus dedos, em seus ombros fortes sob a camisa. Interrogou-o, mas, como de costume, recebeu respostas bem evasivas.

– Gostaria de estar livre, ajudando o rei.

O comentário fez a vampira se afastar aborrecida, cruzar os braços sobre o peito e andar pela estufa, preocupada. Falar de Ariel tornava-se cada vez mais difícil para Kara. Nutria por ele grande antipatia, mas precisava fingir para a

segurança de Jan Kmam. Imaginá-los lutando dava-lhe forças para continuar a mentir.

– Você não é mais o favorito do rei.

– Eu o ajudaria do mesmo modo. Quando precisei, ele me socorreu, tenho uma dívida de sangue com Ariel, ele ainda é o meu rei. Além disso, sua autoridade está acima da nossa. Fomos punidos por nossos crimes. Otávio, onde está em tudo isso? Por que não ficou em companhia dele e de Asti?

– Estou distante de todos desde que entrou na Caixa. Principalmente do rei, ele foi cruel com nós dois. Salvamos seu trono, sua vida... E o que tivemos em troca?

– Kara, escute com atenção: Ariel agiu como um rei agiria. Não o culpe por nossos pecados. Salvar seu trono salvou todos nós e alguns mortais que pereceriam diante do caos que se instalaria se Graco houvesse se tornado rei e os Poderes tivessem caído. Salvamos muito mais que um rei; nós salvamos o mundo que conhecemos antes de nos tornarmos imortais.

– Não gosto quando fala como rei.

– Nem eu quando age como criança.

A vampira o observou e o sabia coberto de uma razão irrefutável. Graco teria instituído um regime bem diferente, e a paz entre os dois mundos teria sido quebrada. Os vampiros, hoje, não seriam uma fantasia, e sim uma realidade.

– Mas não fuja do assunto, Kara. Por que não quis ficar na casa de Otávio e Asti? Quando pedi que procurasse Martan é porque sentia sua solidão. O que houve? Andou brigando com Otávio novamente?

– Não vou mais fingir que tolero Otávio. Então, por favor, não me peça para suportá-lo. Ele não entendeu por que quis permanecer em São Luís. Isso basta? Kara resolveu encurtar a história; afinal, de que adiantaria revelar a verdade? A quem beneficiaria? Ninguém, só deixaria Jan cheio de suspeitas infundadas e ódio.

– Realmente, não havia razão para que permanecesse em São Luís. A Caixa não está nas galerias. Quando lhe passei aquela carta, fui claro: quero que viva. Felizmente, Martan e Bruce são bons amigos e estão cuidando de sua educação e sua vida. Devo muito àqueles dois.

– Bruce o ama declaradamente – disse Kara, observando sua face tornar-se risonha.

– Sim, mas não tenha ciúmes dele. Eu o tenho como um grande amigo, nada mais. Ele seria capaz de dar a vida por você, Kara. Mas não permita que isso venha a acontecer. Fique longe de confusões.

– E por que estamos aqui?

– Porque não suporto viver sem você ao meu lado, porque a amo desesperadamente. A solidão da Caixa se mostrou mais cruel do que imaginei.

– Acreditei que nunca mais ficaríamos longe um do outro, Jan.

– Estamos mais perto do que imagina, *mon amour* – disse Jan, beijando-a.

– Radamés também confia nele. Ele me levou para a casa de Martan e o fez meu guardião por tempo indeterminado.

– Não havia me dito isso.

– Passou despercebido. Achei uma grande coincidência, mas nada disse a ele. Kara não queria dizer que Martan a ensinaria a lutar, não agora que ele queria que ela corresse ao primeiro sinal de perigo.

– Por que acha que fui atacada? Seja sincero.

– Eles a atacaram porque acreditam que poderia suceder o rei. Acredito que Ariel também foi atacado.

– Acho que não, ele... – Kara se calou, falara demais.

– Ariel o quê?

Jan Kmam perguntou suavemente, tentando não levantar suspeitas de seu ciúme ou sua preocupação. Ele estava sentado no divã, olhando-a atentamente.

– Soube por Bruce que ele me visitou enquanto me recuperava, mas não o vi; eu passei vários dias somente dormindo. Então, ele estava bem.

– O que mais Bruce lhe disse?

– Segundo ele me contou, houve mortos e punição. E uma reunião entre homens-lobos e vampiros com um líder chamado Darden.

Nem bem Kara acabou de falar, Jan Kmam ficou de pé e postou-se à sua frente, muito sério.

– Quero que me escute com muita atenção. Seja lá o que aconteça, fique longe desses eventos. A situação não me parece boa. Nossas espécies mantêm a paz há vários séculos, mas, se o Pacto for quebrado, haverá grandes problemas, entende?

– Bruce também está preocupado – disse Kara, abraçando-o. Ao encostar a cabeça em seu peito, apertou-o forte, aspirou seu cheiro. – Vou ficar bem, prometo.

Jan a ergueu nos braços e a levou para o divã. Ela ficou sobre seu corpo, aproveitando cada minuto que permanecia em sua companhia tão preciosa, abraçada, enquanto ele acariciava seus cabelos. Buscou sua boca e a beijou demoradamente, enquanto ela retribuía saudosa. Por fim falou.

– Radamés agiu muito bem, ele a está protegendo. O problema é que a fiz muito poderosa. Mas existem meios e modos de nós dois evitarmos que se torne rainha. Não quero que fique esquentando sua cabecinha. É cedo para pensarmos nisso, temos muito tempo.

– Tive alguns sonhos estranhos com lobos. Estou com medo do fim de tudo isso. Vi muitos vampiros mortos e, dentre eles, o próprio rei.

– Foram apenas pesadelos, Kara. Não fique tão impressionada – pediu Jan, animando-a, mas, no fundo, estava muito preocupado. – Martan é um bom professor, seja uma boa aluna, dedique-se; um vampiro bem treinado pode vencer

quantos lobisomens quiser. Não fique convencida, Kara, mas lutou muito bem – admitiu, afastando-a de suas preocupações. – Quando se luta com eles, o importante é não permitir que firam sua carne. Mas, uma vez tendo bebido da poção dos Caçadores, pouco importa que um lobisomem a fira novamente, pois agora está imune à maldição deles pelo menos por algum tempo. Foi um grande presente – disse Jan, vendo-a sorrir orgulhosa.

– Acho que ele gostou de mim.

– É, acho que sim – concordou Jan, escondendo-lhe a verdade detrás do olhar azul.

Os Caçadores esperavam algo de Kara, mas o que seria? O que eles teriam em mente? Apertou seus ombros e tentou não pensar no pior. Queria tanto estar ao seu lado, ensiná-la, acompanhar seu crescimento como vampira... Aqueles primeiros anos eram tão importantes, e estava perdendo tudo.

– Radamés sabe sobre nós dois aqui no Jardim – revelou Jan, vendo Kara arregalar os olhos, assustada.

– Como ele descobriu? Ele vai nos proibir? – disse aflita, olhando seu rosto bonito, apertando os dedos sobre seus ombros.

– Acho que não, senão já teria nos afastado, *ma petite*.

Os olhares se encontravam. Jan parecia embriagado, perdido dentro do aroma, do sabor de sua amante. Kara foi para o Jardim aquela noite decidida a lutar por seus direitos, entender o porquê de tantos mistérios, mas bastou um olhar de Jan Kmam para que desistisse. Ele se moveu e a vampira se ajeitou no divã, de modo a ficar debaixo de seu corpo vigoroso. As mãos buscavam os laços do corselet. Pretendia despir seu corpo, tomá-la sua, mas, ao olhar a ampulheta, percebeu que o tempo havia se esgotado. Abraçou-a e beijou-a longamente. Kara retribuiu e, aborrecida, soluçou agarrada a ele.

– Ele não tem força suficiente para nos afastar. – Kara começou a murmurar. – Ninguém tem, nem o rei, a morte, o tempo, a distância. *Je t'aime*, Jan Kmam.

– Ninguém, Kara, ninguém.

Kara despertava lentamente, mas não percebeu o vulto se afastar, ele a esteve vigiando por mais de uma hora, adorando sua beleza, enquanto ela dormia. Quando ela soluçou aflita ele recuou para a janela semiaberta. Na pressa de ir encontrar-se com o amante, ela havia se esquecido de fechar a janela do quarto. O vulto se afastou antes que ela abrisse os olhos e sumiu pelas ruas da cidade.

Capítulo 16 - A Prática Leva à Perfeição

Um Ano Depois

Bruce e Martan observavam Kara e Sarah lutarem com admiração controlada. Era para ser um combate equilibrado, mas Sarah não conseguia surpreender Kara com seus golpes. A vampira tinha um olhar aguçado para os movimentos de seus adversários. Com dois ou três minutos de luta, ela conseguia ver a fraqueza de seu oponente e usava um contragolpe para neutralizá-lo. Kara evoluíra muito e confirmava isso quando lutava. Sua postura, a forma como se movimentava, tudo exibia estudo e seus dons. Ela fazia uma união de passos seguros com recuos medidos, calculados, e avanços curtos sobre o adversário, que lhe proporcionavam um combate limpo e seguro, onde ela só arriscaria quando o adversário abrisse a guarda. Era prudente e mantinha a calma. Paciência parecia ser seu melhor atributo quando ia lutar. Apesar de menor em estatura que Sarah, ela conseguia sobrepujar seus golpes largos com golpes menores e até mesmo intimidadores, provocativos.

Era inegável, Kara ia vencer Sarah, que às vezes parecia perder a paciência com a postura controlada de sua adversária. Se ela contivesse seu ego, talvez conseguisse manter o equilíbrio e derrotar a oponente. Entretanto, o uso excessivo de força a vencia. O estilo era lento e cansativo, mas era sua prerrogativa avançar com golpes largos e pesados. Kara, no entanto, se defendia quase bailando e evitando receber todos os golpes de frente. Parecia dançar. Martan viu um pouco da postura de Jan Kmam, o modo como movia os pés: era quase possível vê-lo às suas costas, guiando cada gesto. Finalmente, Kara pegou Sarah num golpe largo, e a estocada a irritou. O segundo golpe ela conteve na guarda em forma de cesto da espada rapieira que usava. Protegia as mãos pequenas e ajudava a empurrar o adversário. Foi perigoso, mas deu a ela espaço para buscar a “misericórdia”, uma adaga de aparar, muito usada para dar o golpe de misericórdia. Ela aprendera uns truques e parecia pronta a mostrar seu talento com lâminas curtas. Sarah recuou a

tempo de não ter o braço tocado e, ao abrir a guarda, a vampira a empurrou, cortando o ar com a espada.

Martan admirava a evolução de uma aluna preguiçosa, que se tornara uma guerreira fria e, por vezes, cruel. Kara estava pronta para finalizar o combate, ela sabia que, quanto mais demorasse, as chances de vitória diminuiriam. Subitamente, começou a fazer um jogo de pernas, algo rápido, de passos certos. Movia as lâminas e, quando a perna se ergueu num golpe alto, ela desarmou Sarah; com um segundo movimento, jogou-a no chão com uma rasteira, um golpe de uma técnica de luta chamada capoeira. A vampira caiu e tentou fugir, mas ela a deteve, pondo a faca e a espada sobre sua garganta. A pupila de Jan Kmam se tornava impiedosa quando vencia.

Sarah a olhava muito aborrecida e, por fim, bateu com a mão no piso, declarando-se perdedora. Kara a venceu com inteligência, estratégia e sua bagagem pessoal. Sorriu e estendeu a mão para Sarah, que não a aceitou. Kara deu de ombros e se afastou sem lhe dar as costas, mostrando que não confiava nela.

Martan e Bruce parabenizaram ambas. Kara sorriu e brincou, fazendo uma mesura para seus professores. Estava animadíssima: depois de um ano de trabalho muito duro, conseguiu ser aplaudida por Martan. Difícil arrancar elogios, que dirá aplausos. Bruce abraçou Kara muito feliz, eles haviam se tornado grandes amigos e confidentes. Sarah, fechada como sempre, apenas observou Martan com inveja.

– Parabéns, foi um combate limpo e instigante. Estou muito feliz em vê-las prontas para enfrentar seus próprios desafios, buscar suas aventuras particulares. Tenho algo a oferecer a vocês duas. Aproximem-se.

Martan as levou até uma mesinha francesa no canto da sala. Passou às mãos de Sarah uma caixa comprida de madeira. Sarah abriu-a e seus olhos se encheram de alegria com a visão da relíquia em forma de arma: era uma espada montante do século XV, da Suíça.

– É para lhe trazer sorte durante o torneio – sentenciou Martan. Sarah finalmente sorriu e se curvou diante dele em agradecimento.

– Agora é sua vez, Kara. Tenho algo especial. – E Martan lhe deu a caixa menor. Kara a recebeu e abriu-a sobre a mesa. Foi com espanto que viu a pistola.

– Eu queria lhe presentear com algo diferente; afinal, você ganhou durante a Arena uma espada nobre. Então, pensei em algo como uma Smith & Wesson, modelo 29. Leve, rápida.

Kara olhou a arma e a achou lindíssima; o cabo era de madrepérola desenhado com rosas, coberto por detalhes em prata. Notou que, dentro da caixa, havia dois pares de remuniadores com balas de prata.

– As balas são presente de Bruce. Queremos que esteja preparada caso fique diante de outro lobisomem.

– Obrigada aos dois, é um presente maravilhoso, dadas as circunstâncias.

Kara sorriu, abraçou Bruce e, finalmente, Martan. Estava melancólica, teria de partir agora. Mas, depois de um ano convivendo com aqueles dois seres, gostaria de ficar. Não tinha para onde ir. E não estava nos seus planos voltar para São Luís.

– Sarah, foi um prazer lutar com você.

A vampira a olhou com desdém, sempre fora bastante pedante. Ela chegou dois meses depois de Kara ter sofrido o ataque do lobisomem. Martan a estava treinando para o torneio que escolheria o novo campeão do rei. Afinal, o cargo era aberto aos dois gêneros. Ela tinha 100 anos de vida imortal e acreditava-se capaz de vencer vampiros com mais experiência. Kara achou-a bastante corajosa, mas presunçosa. Na verdade, Sarah deixou claro que era um insulto ter de treinar com uma vampira de apenas seis anos. Quando Kara venceu a primeira luta, ela ficou revoltada, e Martan deixou claro que ela não tinha condições de vencer o torneio se não treinasse; afinal, uma vampira sem experiência nem idade a vencera.

Sarah deslizou a mão sobre os cabelos curtos e castanhos avermelhados e começou a recolher seus pertences.

– Não perca seu tempo sendo gentil. Tudo isso foi uma grande perda de tempo. Vencida por uma vampira de quinta categoria! – cuspiu Sarah frustrada, aborrecida.

Kara ouviu os insultos arregalando os olhos, mas não ia ficar calada.

– O que você não suporta é ter perdido para alguém mais jovem. Sinto muito.

Sarah fitou Kara com antipatia e até ódio.

– Não existem enganos, vocês duas estão prontas. Você, Sarah, para enfrentar o desafio de se tornar campeã do rei. E Kara, para buscar sua liberdade como vampira – disse Martan, tentando acalmar os ânimos.

– Para mim, a tortura acabou. Não tenho mais de suportar sua presença. Acabei de perder para a queridinha do rei.

Subitamente, Kara ficou séria, seu olhar tornou-se sombrio. Era como se fosse tomada por alguma entidade. Mas era algo muito sutil. Diversas vezes, quando Martan a via lutar, percebeu essa alteração na face de Kara. Os olhos ficavam escuros como um abismo, a brancura de sua pele parecia ficar quase marmórea. Ela erguia as sobrancelhas de modo maquiavélico. E, logo depois, agia com muita crueldade.

– Acho melhor retirar o que disse – ameaçou Kara, dando um passo à frente.

Os ânimos estavam exaltados. Kara não a provocara, mas não iria tolerar seus insultos.

– O mundo vampírico inteiro fala às suas costas, todos a chamam de “a pérola do rei”.

– Basta, Sarah!

Martan ordenou, vendo Kara ficar cada vez mais magoada e irritada. Bruce estava perto agora e pronto para segurar a vampira, caso fosse preciso.

– E como será que eles chamam você, Sarah? A pupila do traidor?

– Seth não traiu o rei! – a vampira berrou e avançou.

– E eu não sou a concubina do rei!

– Meninas! Já chega. Essa discussão não vai levar ninguém a lugar algum. – Bruce pediu, vendo-as cada vez mais exaltadas.

– É melhor que ela saiba de uma vez. A proteção do mestre substituto acabou, Kara. Agora, está por conta própria e vai perceber que muitos a odeiam – insistiu Sarah, ofendendo também Martan com o olhar superior.

A faca voou e atingiu Sarah no ombro. Bruce segurou Kara, que já tinha mais uma lâmina pronta a ser lançada. Martan puxou a faca do ombro de Sarah, enquanto ela gritava furiosa.

– Troglodita, mal-agradecida! Martan a recebeu e a ensinou. E veja como paga... Com ofensas! Jamais precisei de proteção e, se a tenho, é porque sou amada – debochou Kara, finalmente usando o poder que muitos lhe davam.

– Venha para o torneio, bonequinha de luxo! Venha mostrar a todos quem é! Deixe-me lhe dar uma surra na frente do seu rei.

– Irei com muito prazer. E vou tirar de você o que mais deseja, seu maldito sonho de ser campeã.

A promessa da vampira fez Sarah hesitar, temerosa. Mas logo voltou a espernear, insultando Kara, enquanto Martan a tirava da sala. A vampira sorria de modo estranho e maligno. Bruce a deteve no salão até Sarah deixar o palacete. Finalmente, quando tudo estava calmo, Bruce resolveu passar-lhe um sermão.

– Não conquiste mais inimigos do que já possui, Kara. Seth é um vampiro perigoso e cruel. Estava preso na Caixa há cem anos. Sua sentença é uma das mais longas de que temos conhecimento. Quando lhe falei dele, não foi para que insultasse sua pupila.

– Todos me veem como a “concubina do rei”. O que eu fiz para merecer esse insulto? – quis saber Kara.

– É um lugar almejado por muitas, acredite-me. – comentou sorrindo malicioso.

– Não tem graça, Bruce. Sabe da minha antipatia por ele. O que ele fez comigo e com Jan não tem nome. Mas daí a ficar malfalada é injusto!

– Ele os protegeu.

– Como? Cortejando-me na frente da Assembleia inteira? – Kara andava pela sala como um animal enjaulado. – Compreendo que o tem como amigo há séculos, Bruce, mas não vou suportar que o defenda na minha frente.

– Todos nós temos crimes e segredos. Você, eu... até mesmo Jan Kmam tem os seus. Ariel os defendeu, aceite ou não. O rei nutre por você grande estima, e lidar com isso é problema seu.

– Estima? Não seja inocente. Pela vontade de “Sua Majestade” eu estaria vivendo com ele em Paris. Ele roubou meus quadros, me persegue e me vigia.

– É a lei. Você está sob a sua custódia desde que Jan entrou na Caixa. Ele a persegue porque fugiu de sua tutela. – Bruce tentava pôr juízo naquela cabeça teimosa.

– Não suporto Ariel. Cada vez que olho para ele, lembro que Jan está naquela Caixa de chumbo. E, além disso, Martan tem minha custódia agora – disse Kara com ar vitorioso, enquanto um sorriso moleque brilhava em seus lábios.

– Martan acabou seu treinamento. Você agora está livre novamente e, em breve, Ariel vai bater à nossa porta para colocar você sob sua guarda e a dos Poderes. É a lei.

Kara bateu o pé e insultou Ariel de um nome que fez Bruce sorrir apreensivo, perguntando-se se o único motivo de sua ira realmente era a perseguição que julgava sofrer. Às vezes, desconfiava de que ela pudesse lembrar-se dos acontecimentos vividos em Paris. Ela começou a recolher suas coisas em passos duros. E, dentro da sua mente, só havia uma resposta: fugir.

- O que vai fazer, Kara?
- Preciso partir o quanto antes.
- Kara, acalme-se, não precisa partir; apenas entre num acordo com Ariel. Você não pode fugir por dez anos – aconselhou Bruce.
- Não faço mais acordos com o rei. E, sim, posso e vou fugir por dez anos.

Dizendo isso, Kara foi para seu quarto e, lá chegando, bateu a porta enfurecida demais para se controlar. Sua resposta deixou Bruce curioso: então havia um acordo? Foi isso que a vampira disse nas entrelinhas? Ele ficou por muito tempo pensando no passado que aqueles dois seres tiveram em comum e se preocupou com o futuro daquelas três almas que, por uma brincadeira cruel do destino, estavam eternamente ligadas.

Kara sentou na cama e lá ficou observando o teto. Uma estranha melancolia a invadiu. Se pudesse, iria para o Jardim e lá ficaria até Jan Kmam despertar. Durante o último ano, dividiu com ele alguns poucos momentos de alegria e prazer, mas nada era comparado à sua presença real. O amor deles parecia destinado a ser algo doloroso e quase impossível. Às vezes, chorava sozinha, lembrando-se dos momentos maravilhosos que viveram em Paris nos cinco anos que ficaram juntos. A culpa a consumia, ele já havia repetido mil vezes que ela não errara sozinha, mas, se ela jamais houvesse decidido voltar ao Brasil, nada daquilo estaria acontecendo.

Após o ataque dos lobisomens, Kara mudou completamente e se tornou a vampira que todos esperavam que fosse. Prova disso, foi que conseguiu desenvolver alguns de seus poderes e, finalmente, arrancar aplausos de Martan depois de um ano de trabalho duro e dedicação absoluta. Sentada na cama e pensando nos insultos de Sarah, Kara tomou uma decisão muito importante. Tinha algumas certezas; no entanto, a mais importante delas era que poderia vencer.

Na noite seguinte, buscou a companhia de Martan e Bruce. Eles estavam na sala de visitas, conversando como de costume. Eram calmos e cultos, dialogavam

por horas, era possível ver que Martan apreciava bastante a companhia de Bruce. Na sala, havia o aroma doce das flores frescas colhidas no jardim. Elas estavam num vaso de porcelana sobre a mesa de mármore negro. Assim que sentiram sua presença, convidaram-na a sentar entre eles. E, depois de um cálice de sangue, Kara começou a falar.

– Vai nos deixar? – quis saber Bruce um tanto triste, olhando para Martan com o intuito de que ele fizesse algo para impedir que a vampira partisse.

– Na verdade, eu gostaria de ficar com vocês. Seria possível?

– Sim, você é bem-vinda, Kara. Não tinha a intenção de vê-la partir. Nós conversamos bastante com a respeito e gostaríamos que ficasse conosco o tempo que quiser. Aposto que Jan Kmam aprovaria – disse o risonho Martan, piscando para ela.

– Eu agradeço a acolhida. Acho que aqui causo menos falatórios e problemas. Não acredito que o rei queira me tirar de sua tutela.

– Acho que não, Kara. Ele está bastante atarefado. Samael, o lobisomem que ordenou o ataque contra você, foi visto recentemente no Egito, e o rei partiu rumo à sua captura – confirmou Martan.

– O rei foi sozinho? – falou preocupada.

– Os Pacificadores nunca o deixam completamente sozinho, a menos que peça, claro. Mas não se preocupe. Ele sabe como lidar com lobisomens, é um assobiador nato, como você – disse Martan, vendo Kara sorrir do novo dom que desenvolvera pois agora sabia assobiar e deter um Homem-lobo ou Lobisomem.

Durante aquele ano, a capa protetora que deixava Samael praticamente invisível desapareceu, permitindo, afinal, que seus rastros se tornassem visíveis aos Caçadores e a toda e qualquer criatura que o caçasse. Por muito pouco não fora capturado em Paris, onde teve a casa incendiada e saiu ferido de um combate com os Caçadores. Os demais pedaços do pergaminho estavam em segurança e tudo parecia seguir o curso da resolução. Após ouvir as notícias e se sentir de certo

modo aliviada, Kara passou a fazer perguntas sobre o torneio que ocorreria em um mês. Bruce e Martan se entreolharam, desconfiados.

– Sarah almeja ser a campeã há bastante tempo. Não tinha cem anos quando ficou sem seu mestre; ela tem uma história difícil. Permaneceu sozinha e sob a guarda de vampiros ligados a seu mestre. Desde então, ela vem treinando; contudo, ainda tem muito a aprender.

– Por que ela quer tanto este cargo?

Kara segurava o cálice agora vazio e fitava Martan com bastante atenção esperando a resposta. Bruce, contudo, se preocupava um pouco mais a cada pergunta. Na verdade, já estava de pé na sala, andando de um lado para o outro.

– Favores. Aquele que vence pode pedir três favores ao rei. Um para si, um por alguém e um por todos. Sarah, certamente, pretendia pedir em favor de Seth. Ele foi condenado à Caixa por cem anos.

– O rei faria isso? Pelo que soube, ele cometeu um crime.

A vampira precisava ter certeza. Quanto mais pensava, mais acreditava que aquela era sua chance de se libertar de uma dívida e corrigir seus erros. Somente agora compreendia o quanto aquele torneio poderia lhe ajudar. A notícia era boa.

– Sim, é a lei. Quando um campeão desponta, o mundo vampírico comemora. Acreditamos estar escolhendo o melhor de nossa espécie – respondeu Bruce, imaginando o que se passava na cabeça da vampira.

– Como posso participar do torneio?

– É preciso ter, no mínimo, dez anos de vida imortal, um mestre e, claro, se classificar. Tire isso de sua linda cabecinha, Kara.

Bruce falou com alívio das regras que a excluía. E a viu desmoronar, desanimada e infeliz. Ela realmente parecia disposta a se arriscar, certamente iria pedir liberdade para Jan Kmam. O que ela não sabia eram as implicações.

– Quero ser a campeã do rei.

– Desista, você não pode sequer se inscrever – disse Bruce firme.

– Não necessariamente. Uma jovem vampira como você poderia conseguir um padrinho e se classificar, algo que daria muito mais brilho à sua vitória. – argumentou Martan.

A face da vampira se iluminou novamente e ela cobriu Martan de perguntas.

– Por que não mudamos de assunto? – sugeriu Bruce, olhando Martan de modo significativo.

– Eu quero participar do torneio. Pode ser meu padrinho, Bruce?

– Não vou colaborar para que se machuque, ou pior, que morra. Nem você, Martan. Eu o proíbo! – Bruce disse, saindo do sério, enquanto Martan o olhava com muita calma.

– É inevitável. Não percebe, Bruce?

– Pensei que tivesse mais fé em minha capacidade, que fosse meu amigo. – ela reclamou surpresa. – Eu sei lutar, tenho uma chance de vencer.

– Kara, você é protegida pelos Poderes. Nós não temos como permitir nada.

– Ela ainda está sob minha tutela, Bruce – argumentou Martan, vendo a vampira sorrir feliz e Bruce manter a expressão pesada na face.

Jamais tinha visto um sorriso como aquele em sua face durante aquele ano. A simples esperança de libertar Jan Kmam a movia e alegrava.

– Você a graduou, esqueceu?

– Ela ainda tem muito que aprender antes do torneio – justificou Martan.

– Não vejo motivo para que se arrisque tanto, Kara – contrapôs Bruce.

– Jan Kmam é um bom motivo para que me arrisque. Vou diminuir sua pena, libertá-lo. Poderemos ficar juntos novamente. – falou mais do que empolgada.

– Ele certamente não iria aprovar.

– Sim, Jan não aprovaria minha decisão. Todavia, pensei muito a respeito e estou resolvida. Agora, tudo de que preciso é um padrinho.

– Sei que tem as melhores intenções e que anseia ver Jan Kmam livre e ao seu lado, mas não faz ideia dos sacrifícios que terá de fazer, da responsabilidade que vai assumir.

O vampiro tentava impedir Kara a todo custo. Ariel ficaria furioso; ele pedira a Bruce que cuidasse da vampira e evitasse problemas no mundo vampírico. Como campeã do rei, estaria em breve na linha de frente, lutando para defendê-lo.

– 4Martan, ajude-me. Sabe o que Ariel fará se souber que ela sonha em ser campeã?

– O rei que se dane! Eu posso e vou. – disse altiva.

– A campeã do rei precisa proteger o rei com a própria vida e atendê-lo por um ano. Somente depois disso recebe seus pedidos. Está pronta para viver em companhia de Ariel por tanto tempo? Pensei que não o suportasse... – Bruce a provocava.

Kara ficou bastante pensativa; ela não esperava por isso, mas achou o sacrifício pequeno se comparado à alegria que teria, dentro de um ano, de estar com Jan Kmam. Ela se encheu de coragem: estava pronta, podia sentir.

– A liberdade de Jan Kmam vale o sacrifício, tenho certeza de que, se ele estivesse em meu lugar, faria o mesmo por mim. Vou trocar um ano por oito – disse, cheia de certeza.

– Ariel não vai gostar – disse Bruce, percebendo o olhar de Kara sobre si.

– Sinto muito, Bruce, mas não vivo para satisfazer o rei.

– Por enquanto, não; mas, quando se tornar sua campeã, aposto que vai mudar seu discurso.

– Pensei que fosse me dar apoio e força! Jamais acreditei que iria me condenar e roubar minhas esperanças. Amo Jan Kmam, preciso dele como preciso

de sangue. E não vou desistir: se tiver de morrer, será lutando por sua liberdade.

– Estou tentando evitar que fique à mercê de Ariel. Pense no que dirão a seu respeito... E quando Jan Kmam despertar? O que dirá a ele?

– Direi a verdade. Que lutei para libertá-lo.

Dizendo isso, a vampira saiu da sala, magoada e aborrecida. Bruce ficou de pé e ia segui-la, mas Martan o impediu.

– Radamés previu tudo isso. Apenas deixe acontecer.

– Ela vai se arriscar muito. Existem vampiros mais preparados e mais velhos.

Lutar na Arena não lhe deu diploma nem vai salvar seu pescoço no tablado.

– O amor é seu escudo, e a saudade, sua maior arma.

– Esteja pronto para enfrentar a ira de Ariel.

– Nós estaremos. Agora, precisamos ajudar nossa “afilhada”. Não seja cruel com ela. Kara está fantástica, ela venceu Sarah.

– É, eu sei, assustador; afinal, ela só tem seis anos de imortalidade. Acredita que ela vença?

– Tenho absoluta certeza, Bruce. Agora, vá se desculpar. É tudo de que ela precisa. Ela gosta muito de você, não a magoe a troco de nada.

– É pena que ela não se lembre de nossas aventuras do passado, poderia confiar um pouco mais em minhas palavras. Um ano ao lado de Ariel não lhe fará nada bem. Os pesadelos vão voltar.

– Kara saberá lidar com o rei. Veja como ela o domina.

– Eu só tento protegê-la. Ariel é um vampiro muito velho e ardiloso.

– Sim, eu sei, mas crescer significa se machucar, e não vamos poder impedir que Kara se machuque. – percebendo-o ainda tenso voltou a falar. – Bruce, ela não é sua filha nem minha.

– Mas eu a amo como se fosse. Ela é um mistério que renasce de século em século. A imortalidade vive nela. Conheço seus erros e pretendo evitar que os cometa novamente. Não quero somente secar suas lágrimas; quero evitar que as derrame. Você percebeu o brilho no olhar dela? – perguntou Bruce, andando pela sala.

– Achei que estava vendo coisas. O que acha que é, Bruce?

– O antídoto da Ouroboros pode ter mudado algo nela. Sabe-se lá o que eles põem naquela mistura fedida... Ariel tem um frasco cheio daquilo. Ele o recebeu do senhor dos lobos. É muito precioso, mas tem efeitos colaterais.

– Como sabe disso? – quis saber Martan, curioso.

– Já tomei aquela coisa em nome de um amor doentio. – ele se referia a Samael. – Além disso, somos amigos há muitos séculos. Ele confia em mim, estive ao seu lado durante todo esse tempo. Reinar não é tarefa fácil; claro, às vezes tem suas compensações, mas não é algo que eu inveje. Estar ao lado do rei pode ser embriagador. Essa embriaguez me obrigou a fazer coisas das quais não me orgulho. E, graças a essa responsabilidade, já magoei os que amo e a mim mesmo – confessou Bruce, muito sombrio.

Talvez se referisse a Jan Kmam ou à própria Kara. O certo é que fechou os olhos por um momento e sacudiu a cabeça, como se quisesse afastar lembranças ruins com o gesto quase infantil.

– Talvez essa presença que sentimos seja resultado de suas idas e vindas do Jardim – completou Bruce, parando próximo às flores.

– Sim. Havia me esquecido disso. O amor sempre encontra um caminho como a água que se infiltrava por uma fenda estreita e termina por irrigar uma semente. Mas não sei se isso é benéfico para sua natureza. Ela deveria estar só e sobreviver a isso.

– Não seja cruel, Martan. Ela vai até ele uma, duas vezes por mês. Sabe o que é isso para quem ama? Nada! – disse, compreendendo a dor de Kara; afinal, amava

Jan Kmam, sabia o que era ficar longe dele.

– É um jogo perigoso quando se tem uma sombra como Ariel Simon. Ambos podem ser punidos. – Ele a vigia enquanto ela dorme. Já estive na casa quatro vezes.

– Acha que não sei? – disse Bruce. – O que importa para eles é estarem próximos. É como namorar escondido. Não percebe como ela fica radiante?

– Não. Ela volta melancólica e fraca. Se ela quiser mesmo vencer, terá de se afastar dele pelo menos por um tempo.

– Ariel não precisa saber disso. Se soubesse, já os teria separado – Bruce disse, olhando o amante de modo meigo.

– Espero que Kara saiba controlar essa força. Agora vá, ela está chorando. Não suporto ouvir seus soluços – pediu Martan, fazendo uma expressão de aborrecimento.

Bruce notou a face de Martan tomar contornos bastante sombrios. Ele ficou de pé e usou a desculpa de ir se alimentar para evitar os soluços da vampira. O pranto o tocava dolorosamente. Em sua memória, havia um misto de sangue e lamentos em meio a lanças, espadas, armas de fogo e canhões. Para um vampiro que viu a guerra em todas as suas versões, Martan parecia bastante sensível. Bruce conseguia compreender sua aflição e seus traumas. Mesmo um vampiro poderia ter um, em meio à frieza, à impassibilidade com as vítimas que tomava para saciar sua sede de sangue. Algo que o tocasse fazia-o recordar o passado, seus pecados. Um evento capaz de lhe fazer sentir culpa, medo, dor e fragilidade. Quando se está no topo da cadeia alimentar, é difícil descer para se tornar presa ou sentir pena enquanto se tem fome de sangue. Kara o enternecia, era visível; sua dor o sensibilizava.

O vampiro observou pela janela o amante sumir pelas vielas e foi encontrar Kara em seu ateliê. No palacete, Bruce dispunha de um quarto para se dedicar à pintura. Uma de suas manias, algo que o mantinha lúcido, que o trouxera da

melancolia da imortalidade. Kara fitava sua cópia de o Rapaz de Colete Vermelho, um Cézanne. O quadro original fora roubado da Fundação Emil Bührle.

– Ainda acha que roubei o quadro, Kara?

Bruce perguntou, brincalhão, fazendo-a virar-se para ele. Kara se voltou com um sorriso tímido nos lábios. A face estava bem mais pálida que de costume, seus olhos pareciam dois lagos negros.

– Lembre-se: é uma cópia quase “original”, por assim dizer, já que a encomendei ao próprio Cézanne. Com tempo, lhe conto essa história.

– É maravilhoso.

– Sabe o que pensei? Você seria uma boa modelo. Que tal me dar o prazer de também pintá-la uma noite dessas? – Bruce tentava fazer as pazes.

– Acho que já me retrataram o suficiente. Mas, sim, seria um prazer. Você é um grande artista, Bruce. Nunca pensou em expor?

– Pensei, mas Cézanne achou meu traço banal – revelou brincalhão.

Kara gostava de admirar suas telas. O que seus olhos imortais viam assemelhava-se ao fruto do olhar de muitos grandes gênios da pintura. Sua visão imortal e sensível, poderosa, via as cores, as formas e expressões com a fidelidade da própria criação e, quando a colocava em suas telas, dava a ela a vida. Havia profusão de cores e traços delicados, fortes o suficiente para deixar galerias e críticos de arte fascinados.

Nas telas, havia ladrões e prostitutas, fantasmas, lobos e homens-lobos, mulheres seminuas, a morte. Pintou seu amante com exatidão. Martan parecia vivo naquele quadro, completamente de negro. Ele mantinha suas telas em um suporte preso ao teto, o que possibilitava ao espectador andar entre elas, como em uma galeria. A sala era ampla e as portas de vidro estavam abertas para o jardim interno. As cortinas balançavam suavemente, trazendo para dentro a brisa da noite, o odor do jasmineiro e das flores.

Kara, taciturna, andava por aquele mundo de tinta e terebintina silenciosamente, mergulhada em suas dores. Na mesa onde se amontoavam cadernos de desenhos e suas tintas, havia um esboço conhecido. Era a face de Jan Kmam, seu sorriso, seu olhar pensativo, sua face apaixonada.

– Você conseguiria pintar Jan Kmam, Bruce? – perguntou Kara, tocando o desenho com carinho e saudade.

– Sim, em cada traço e linha mais suave e aguda.

Kara se sentiu segura e suficientemente à vontade para perguntar:

– Sei que o ama tanto quanto eu. Então, por que não me ajuda a libertá-lo?

– Às vezes me arrependo de ter lhe confessado isso, Kara. – Bruce foi para perto dela, junto à mesa, e continuou falando. – Eu o amo como jamais amei outro mortal. Mas já passou por sua cabeça que pode se ferir, que pode levar uma surra?

– Sim. Mas nada me fará desistir. Preciso de Jan Kmam ao meu lado, e não dentro daquela maldita Caixa! – argumentou Kara. – Farei o que for preciso, mesmo que me custe uma surra.

Estar em companhia de Bruce e Martan era como um bálsamo para sua alma. Ela se sentia em casa, a solidão diminuía e a tristeza desaparecia. Não queria perder isso jamais. Todavia, a ausência de Jan Kmam era maior. Kara o abraçou e o vampiro retribuiu com carinho.

– Preciso dele, entende?

– Entendo, só não quero que se machuque. Você luta muito bem, mas as últimas lutas são de vida, ou morte; assim, terá de matar ou morrer.

– E Martan?

– Tomou meu lugar de padrinho. É um louco! – brincou o vampiro, tocando a ponta de seu nariz. – Desculpe-me se fui duro... Você é tão jovem para circular dentro desse torneio. Não nos conhece, podemos ser bastante cruéis.

– Você e Martan estarão ao meu lado. Não estarei sozinha. Cruel é ficar sem o meu amor noite após noite.

– Visitá-lo no Jardim não basta?

Kara tentou negar, mas não poderia, não para Bruce, que a conhecia tão bem. Andou pela sala e foi para a sacada. Bruce ficou ao seu lado e esperou que ela falasse e dividisse aquele segredo. Talvez se sentisse mais leve diante dele e de Martan. Notava-a apreensiva sempre que ia ver Jan. Sentia-se culpada por não revelar o que fazia.

– Como descobriu?

– Você estava indo dormir muito bonita.

Bruce brincou e a fez sorrir... gargalhar, exibindo os lindos caninos entre os lábios corados como duas amoras.

– Na verdade, quem vai ao Jardim traz consigo um pouco da energia que lá está represada. Notamos seu olhar mais sombrio, um toque de crueldade e uma estranha presença rodeando-a. Não foi difícil perceber sua palidez excessiva quando retornava. É um grande esforço para sua alma, deve saber disso. Sei que o ama, mas, se quer vencer o torneio, terá de economizar energia.

– No começo, acreditei que eram sonhos. Mas, com o passar do tempo, tornou-se mais real, e eu conseguia vê-lo quando queria – revelou sem receio. – O tempo é pouco; todavia, é tudo que temos para nos manter lúcidos. Seus beijos estão cheios de carinho e amor, mas não me completam, e sei que ele também sente o mesmo. Quando o abraço, sinto-o distante de meu corpo e só anseio por mais. Ele poderia estar dormindo, seria mais fácil do que ficar naquele mundo rodeado de espectros, esperando-me sempre e sempre.

– Somente uns poucos entram naquele mundo, mas o descobrem sem sabor. Eu estava enganado, você vai vencer – disse Bruce, por fim, muito seguro.

– Mas terá de trabalhar muito duro para conseguir essa vitória. É a escolhida do favorito do rei, tem seu nome e sangue a zelar.

– Farei o meu melhor.

– Deve conhecer seus inimigos, mas não de tão perto – aconselhou Bruce, temendo revelar muito. Afinal, os segredos que guardava não eram seus, e sim do rei.

– Ficarei bem.

– Falta um mês até o torneio. Enquanto você treina, eu vou pintar Jan Kmam. Se vencer, dou-lhe o quadro.

– Fechado.

Kara pôde, então, sentir a alegria dominá-la. Havia uma chance, pequena, mas real de vitória e libertação. Vencer significa que, dentro de um ano, Jan Kmam estaria livre, e eles, juntos novamente. Sentia confiança suficiente para vencer. E foi com essa disposição que Kara enfrentou mais um mês de treinamento.

Capítulo 17 - O Torneio

Durante um mês, Kara mergulhou numa rotina intensa de treinamento. Ela não reclamava nem pedia repouso, só pensava em ser mais rápida e melhor. Aprendeu as regras e como agir dentro de cada nível da competição. Treinou com as mesmas armas que encontraria ao longo do torneio. Logo na primeira semana, passaram a treinar num galpão de propriedade de Martan, onde podiam se exercitar durante o dia e a noite. Repetia as regras em voz alta, enquanto lutava com Bruce e Martan sobre tonéis de aço.

O torneio era um evento capaz de reunir vampiros de todos os lugares do mundo e de todas as idades. A grande maioria desejava os favores, outros somente o status de estar ao lado do rei, de acompanhar sua vida; para alguns, mas para alguns era a chance de matá-lo.

Mergulhada na possibilidade de libertar Jan Kmam, Kara não se importava com tantos detalhes, nem mesmo com a ameaça de quebra do Pacto dos vampiros. Os boatos eram negados pelos Poderes e pelo rei, numa cruzada para manter a paz entre as duas espécies.

Romano apareceu à porta de Martan e Bruce, sendo recebido como visita. Kara estava no escritório lendo quando Bruce mentalmente lhe avisou que fosse para seu quarto e lá permanecesse. Lorde Romano não gostaria de conversar em sua presença. Já se conheciam, ao fim da Arena ele a levava até o rei. Mas, de qualquer modo, não possuía idade para estar à sua frente. Duas horas depois, ele partiu, após falarem sobre os ataques de lobisomens e as lutas com mortos de ambos os lados. Até mesmo o rei fora vítima de dois atentados, mas saiu ileso de ambos. Ariel foi o primeiro a assegurar que o torneio aconteceria sem alterações. Kara, que ouvia tudo colada à parede, agradeceu aos céus por isso. Ele estaria

presente, como de costume, na última noite para assistir ao ganhador e premiá-lo. Sua decisão foi algo que trouxe força e confiança aos vampiros. Eles não iriam se esconder nem adiar um evento esperado há mais de cem anos. O clima tenso se desfez em meio aos preparativos. E, por algum tempo, o mundo vampírico pôde pensar em amenidades.

Ainda em Barcelona, Kara descobriu que o último campeão havia sido escolhido cem anos antes de Jan Kmam se tornar favorito do rei. Bastante tempo, portanto. Era hora de escolher um novo campeão, visto que o último havia sido deposto do cargo, e o momento parecia perfeito. O local escolhido para que se montasse o torneio foi Paris, em um circo na Rua Amelot. O prédio redondo e repleto de janelas parecia um pequeno forte e daria ao torneio toda a privacidade e segurança necessária. Dentro, contava com picadeiros e lugares para os espectadores. Sem falar numa tribuna de honra, que seria ocupada pelo rei. Kara, Martan e Bruce chegaram a Paris uma semana antes do torneio, era preciso se ambientar à cidade e ao clima. Ficaram na casa de Bruce, num dos melhores bairros de Paris, o Sexto, próximo à Sorbonne. Kara gostou da ideia e treinou por mais uma semana, tentando se preparar para o desconhecido. Faltava apenas um dia para que as inscrições terminassem.

- Você precisa de um nome – disse Martan, observando-a ler no sofá.
- Que tal Chapeuzinho Vermelho?

Bruce brincou misterioso e Martan acatou, sabendo do que ele falava. Mas ainda precisava de um nome.

- Como se chamava quando era mortal?
- Kara – ela respondeu suavemente para Martan.
- Só? Não havia outro nome?
- Sim... havia, mas por que quer saber?

– Se colocar Kara, eles não permitirão que lute. Contudo, não posso mentir, precisa ser você – explicou Martan, paciente, pronto para sair.

– Kara Maria Ramos – revelou tímida e com a sensação de que aquela mulher jamais existira. Foi muito estranho pronunciar seu nome mortal.

– Perfeito: Maria! – dizendo isso, Martan saiu.

Martan foi sozinho como cabia ao padrinho. Inscreveu-a sob o olhar de uma Sentinela e dois Pacificadores. Ele conhecia as regras. Nenhum inscrito no último dia poderia ser rejeitado, mesmo que não tivesse idade suficiente para participar. Era tarde, Kara já estava inscrita e, quando o livro de inscrições foi fechado, ela era a última, como ele havia planejado. Togo só a notaria no torneio quando fosse tarde demais.

Seriam três noites exaustivas. Martan sabia disso e preparou Kara cuidadosamente. Bruce se perguntou por que ele resolvera fazer daquela vampira uma campeã. Depositava nela suas expectativas e seus desejos. Seria frustrante e doloroso para ele se Kara não vencesse. Ele a fez escolher cuidadosamente suas vítimas por vários dias, ela precisava sorver o sangue de um mortal forte e, de preferência, dado a práticas violentas. Não foi difícil encontrar “voluntários”, e logo Paris estava livre de vários assassinos. Martan a fez trazer à tona uma vampira selvagem e forte. A delicadeza e a mortalidade sumiam debaixo de sua sede de sangue.

À medida que os dias passavam, começou a ficar mais inquieta e nervosa. Foi para Notre-Dame, ficou no alto das torres, fechou os olhos e ouviu seu coração batendo agoniado. Era medo. Fitou as estrelas; elas eram as mesmas que a iluminaram, enquanto estava nos braços de Jan Kmam sobre o telhado do apartamento. Somente ela havia mudado. Saltou da torre sem medo e, quando tocou o chão levemente, ajeitou o casaco e voltou para casa.

Na primeira noite do torneio, era impossível não ficar nervosa. Arrumou-se com esmero e, quando desceu, recebeu um cálice grande de sangue das mãos de Martan. Sorveu-o e se sentiu bem melhor. Vestia-se de modo prático e, ao mesmo tempo, bonito: a calça negra era colada ao corpo para dar liberdade, a camisa branca estava coberta pelo corselet de couro, que deixava seus movimentos livres

e, simultaneamente, protegia seu peito. Estava muito bonita e viva, era o sangue recém-sorvido. Os lábios adquiriram um tom amora, e mesmo Martan se sentiu atraído por sua boca perfeita. Convidou-a para sentar e passou a envolver suas mãos delicadas com tiras de gaze para que não sangrasse ou perdesse força. Kara o observava em silêncio, repassando as regras, os movimentos, pensando nos adversários, controlando sua mente.

Quando estava com as mãos prontas, Bruce apareceu com uma peça de veludo vermelho. O traje era uma espécie de capa com fendas laterais que lhe possibilitavam mover-se, lutar e ainda permanecer incógnita. Não ser reconhecida de imediato lhe daria um pouco de liberdade antes de assumir quem era. Ela carregava o peso de ser a escolhida do favorito do rei, a protegida dos Poderes. Se Ariel ou Togo a descobrissem agora, a tirariam do torneio. Era permitido lutar com o rosto coberto por uma máscara ou capuz, tudo a favorecia. Martan a ajudou a amarrar a capa e puxou o capuz sobre sua face.

– Venha, Kara, me ataque.

Martan e Kara trocaram uma série de golpes rápidos e ágeis, enquanto a capa a acompanhava sem reduzir sua visão do adversário e os movimentos que fazia. Eles ficaram satisfeitos e Kara também.

– Por isso me chamou de Chapeuzinho Vermelho? – perguntou sorrindo, enquanto tocava a capa rubra e macia.

– Claro que sim, venceu um lobo mau. Não se engane, detrás dessa historinha existe um belo homem-lobo e uma Chapeuzinho Vermelho, que de criancinha não tinha nada – disse Bruce, piscando para ela.

Kara sorriu do comentário, eles já estavam de saída. Pegaram um táxi e, minutos depois, já estavam diante do circo. Ela ocultou a face sob o capuz ainda dentro do táxi. Dali em diante, não mais se mostrou. Entraram graças ao visto que Martan recebeu ao inscrevê-la, um pedaço de madeira esculpido com o símbolo da Ordem, duas espadas sobre um pergaminho.

O circo contava com vários picadeiros, o maior deles, o do centro, estava com suas luzes apagadas, certamente só seria usado no último dia do torneio. À frente dele, um menor estava iluminado, ali se dariam as lutas classificatórias. Passaram por vários vampiros, jovens e velhos, alguns conhecidos de Bruce e Martan, que lançaram olhares curiosos sobre a sua pessoa e cumprimentaram ambos. Todos acreditavam que, debaixo da capa vermelha, estava Sarah. Afinal, Kara não existia para o mundo vampírico, não era inscrita no Livro. Não tinha idade para estar entre eles. Martan e Bruce se arriscavam muito.

Martan levou Kara até a entrada da Gaiola, lá ficavam os jovens que pretendiam o título. Os vampiros mais velhos só apareceriam quando a fase classificatória houvesse eliminado parte dos participantes. Antes que Kara entrasse na Gaiola, Martan desejou-lhe uma vitória rápida e indolor. Com um leve beijo em seus lábios, deixou-a. Era a primeira vez que a tocava como amigo. Ela respondeu à carícia e se afastou confiante. O Pacificador abriu a porta, e Kara entrou. Os assentos estavam todos ocupados. Dentro daquela gaiola de ferro era possível sentir o cheiro dos animais que ali estiveram antes deles. As jaulas foram deslocadas para longe da área central do picadeiro. Ficou de pé e evitou fazer contato com os participantes. Sarah estava pouco distante, mas sequer notou sua presença. As luzes piscaram – era o sinal. O Pacificador entrou e classificou todos com selos negros e vermelhos. Minutos depois, as luzes piscaram mais duas vezes. Era hora de lutar. À medida que o Pacificador chamava, as cores duplas se formavam aleatoriamente. Os vencedores das primeiras lutas eram colocados em outra Gaiola. Como se houvessem subido de nível.

Kara foi a última, ela recebeu a arma com a qual lutaria e respirou fundo, concentrando-se. Os primeiros combates se dariam com bastões de madeira com as pontas arredondadas. Não era permitido matar, só vencer. Podia sentir o olhar de todos na plateia sobre si, a capa intrigava e escondia. Fitou seu oponente e o achou forte, sabia mover o bastão com agilidade de um malabarista. Manteve-se calma e esperou o sinal para começar. Parecia querer intimidá-la, enquanto ela permanecia imóvel, o bastão apoiado no chão, a postura ereta, a face escondida sob o capuz.

Era enervante observar sua figura, a plateia deixava isso bastante evidente com as exclamações irônicas que soltava.

- Ei! Chapeuzinho Vermelho, cadê o lobo mau?
- Vá procurar sua vovozinha, Chapeuzinho Vermelho.

Os vampiros mais jovens se comportavam como uma plateia humana, os vampiros mais velhos observavam quietos. Mas aquilo era o torneio, um momento para agirem com paixão e deselegância. Alguns gargalharam, outros vaiaram. Manter-se incógnito tinha seu preço, mas aquilo não abalou Kara, ela só conseguia pensar em vencer apesar de nervosa.

Havia gritos de incentivo para seu rival, que parecia ser um favorito. Quando o sinal foi dado, Kara esperou pelo primeiro movimento e disse num sussurro:

- O tempo é agora.

O vampiro avançou, como previu, com toda sua força. A vampira ergueu o bastão e o girou. O primeiro golpe o desarmou, o segundo o atingiu no queixo e o terceiro nas pernas, jogando-o pesadamente no chão. A plateia pareceu congelar com aquela série de golpes simples e precisos, que fizeram o vampiro maior e mais forte cair e perder.

O Pacificador deu a vitória a Kara e abriu espaço para que ela passasse debaixo de gritos. Ganhou um selo, e agora todos conheciam seu nome de lutadora, Chapeuzinho Vermelho. Dentro da segunda Gaiola, Kara viu todos com nomes e selos novos. Inclusive Sarah, que agora tinha o nome de Lebre. Houve um intervalo de cinco minutos, e logo tudo recomeçou. Kara entrou novamente no tablado e viu a plateia chamar seu nome. Todos queriam desesperadamente um herói. A sua segunda luta foi fácil, Kara venceu sua adversária numa série de golpes breves. Desarmou-a e evitou seus golpes de mão; por fim, a fez correr e, finalmente, aplicou-lhe uma rasteira, detendo-a no chão com a ponta do bastão apontada para sua face. A vampira de cabelos e olhos escuros sabia que havia perdido para uma adversária à altura.

Quando entrou no tablado pela terceira e última vez, ouviu seu nome ser chamado em coro, estava se tornando uma favorita ao título, algo que aumentava a curiosidade a seu respeito. Ela seguia à risca as ordens de Martan: silêncio absoluto e concentração. Entrava na Gaiola e ficava ereta, deixando que a capa se tornasse uma armadura contra os olhares que recebia.

A terceira luta foi sem bastão, era preciso derrubar o adversário com o que eles chamavam de empurrão. Uma técnica de deslocar o ar e fazer o oponente sentir o impacto duas vezes maior que um golpe físico. Martan a ensinara como gastar pouca energia e vencer aquele tipo de combate o mais depressa possível. O vampiro de olhos e cabelos castanhos sorria, exibindo os caninos de modo ameaçador. Fitava seu corpo com atenção, tentando sondar seus pontos fracos. Vestia-se completamente de negro e ostentava uma argola de ouro na orelha. Era um estranho pirata, que se chamava Bertrand. Fechava os punhos e os abria, movendo-se agitado; por fim, respirou fundo e mexeu o pescoço de um lado para o outro, fazendo-o estalar.

O sino tocou, e Kara estendeu as mãos num movimento ondulante, lançando seu golpe um metro à frente de seu corpo. O golpe triplicou ao bater com o do seu adversário e o acertou no tórax, jogando-o ao chão. Ele tocou o peito dolorido então acreditou estar no chão. O vampiro se levantou e a olhou furioso, chegando mesmo a rugir baixo. Sabia que ela havia ganhado o primeiro dos três toques.

Eles esperavam o sino tocar para atacar. Era uma batalha para os sentidos. Precisava sentir o adversário e o momento certo de aplicar o golpe. Quando Bertrand ergueu a mão, Kara se agachou. Evitou seu ataque e estendeu as mãos em direção aos seus pés. O adversário perdeu o rumo e ele foi novamente jogado longe. O vampiro se levantou e tocou o nariz sangrando.

O toque fino do sino se fez ouvir pela última vez. Kara se moveu, deu um passo para o lado, como se abrisse espaço para alguém passar, e ergueu o braço acima de sua cabeça. Um gesto elegante e delicado para liberar um golpe final. O vampiro saltou, tentando cair sobre Kara. Mas fracassou e desabou

desastrosamente aos seus pés. O golpe que ela lançou o pegou no ar e o derrubou. Bertrand cuspiu sangue enquanto a vampira o observou tocar a cabeça. Estava zozinho, mas conseguiu ficar de pé e olhá-la com grande ira.

Kara deu-lhe as costas e andou em direção à saída, os Pacificadores já a esperavam. Bertrand golpeou o ar, tentando acertar Kara, que saltou, evitando o golpe. E caiu no chão de cócoras. A plateia ficou de pé e reagiu indignada com a trapaça. Os Pacificadores entraram na Gaiola e o cercaram. A lâmina apareceu e sua cabeça rolou. Os espectadores vibraram: o que eles queriam mesmo era ver sangue. As regras eram claras e rígidas e ele quebrara a regra da trégua. Kara recuou assustada. O Pacificador a levou de volta para a Gaiola.

Doze competidores haviam restado, eles foram trazidos ao tablado e mostrados ao público. Na noite seguinte, somente seis deles estariam de pé. Por aquela noite, o espetáculo havia chegado ao fim.

Estavam de saída nos corredores quando um vampiro se aproximou. Kara não gostou de suas intenções, ele pretendia puxar seu capuz. Rápida, voltou-se já de adaga em punho. Martan passou à sua frente, ordenando mentalmente que Bruce levasse Kara embora.

– O que deseja, Manolo? – perguntou Martan, ficando para falar com o vampiro, que somente ria da agilidade da competidora.

Bruce segurou Kara pela mão, levou-a para fora do circo e só parou quando estavam dentro de um táxi indo para casa. Estava muito agitada com os acontecimentos da última luta.

– Tem uma campeã nas mãos, Martan. Mas de que sangue ela vem? Quem é seu mestre?

– Isso você só vai descobrir se ela ganhar ou perder. Por enquanto, tudo de que pode saber é seu nome: Chapeuzinho Vermelho.

– Ela é realmente um conto de fadas. Quando chegou, acreditei que havia apadrinhado Sarah. Afinal, soube que a treinou, mas, ao ver Antoine como seu

padrinho, percebi o meu equívoco.

Manolo era um vampiro bastante velho e perigoso. Ele vivera os tempos de Detrich e Afrodite e lamentou a queda do regime de terror e desordem que eles mantinham. Naqueles dias, quando muitas cabeças rolaram sob as ordens de Ariel, a dele fora poupada por ausência de provas contra ele e Seth. Muitos desconfiavam da ligação entre ambos e dos planos que traçaram juntos, visando à queda do rei, mas nada ficou provado. Afinal, o inimigo mais óbvio era Savedra. Hoje, Seth dormia na Caixa. Manolo havia sido esperto o suficiente para sobreviver aos dias negros sem implicações. Beirava os mil anos e fora eternizado com quase 40. Tinha cabelos cinzentos, porte valoroso e olhos aguçados.

– Sarah tem grandes chances de vitória. A prova disso foi ter sido classificada.

– A quem estamos enganando, Martan? Sarah cairá em breve – brincou Manolo, fitando o vampiro à sua frente com frieza.

– Não gosto de previsões. Prefiro a doce e cruel realidade. Vai lutar? Devo me preocupar com minha protegida?

– Não fui talhado para servir aos Poderes. Mas espero que sua aparição ganhe, Sarah deseja um pouco mais que proteger o rei. Só não acredito que Ariel se sinta atraído por ela, sendo herdeira do sangue de Seth. A pobrezinha não sabe o quanto seu mestre está “sujo”. Além disso, soube que o rei só tem olhos para a herdeira de seu favorito. Que, aliás, você protege. Ela é bonita como dizem?

Martan podia sentir a malícia na voz do vampiro, que só desejava uma palavra para espalhar entre a comunidade vampiresca. Mas ele não lhe diria nada, a não ser uma resposta à sua altura.

– Sabe, se eu fosse você, teria cuidado com esses boatos. Jan Kmam, o favorito do rei, é um vampiro muito poderoso, pode estar adormecido, mas, quando despertar, vai querer encontrar tudo como deixou, inclusive sua reputação e a de sua pupila.

As palavras bem colocadas de Martan silenciaram Manolo de modo quase milagroso. Finalmente sorriu e se despediu para se afastar rapidamente. Martan observou sua partida e compreendeu que um jogo perigoso se formava ao redor dos Poderes. Havia conspiradores, e bem próximos. Assim que possível, iria ter com Ariel, a situação fugia do controle. Subitamente, pensou se seria realmente adequado Kara passar o próximo ano em companhia do rei. Era tarde para voltar atrás. Deixaria o destino decidir a rota.

A segunda noite do torneio se mostrou bastante diferente. Dentro do circo, o número de vampiros era maior. Todas as luzes estavam acesas e eles andavam de um lado para outro, conversando animadamente em grupos grandes e pequenos. Falavam ou apenas se comunicavam mentalmente uns com os outros. O picadeiro central estava iluminado. Certamente as lutas se dariam nele. O torneio, afinal, havia se transformado em um grande evento e, para tanto, contava com uma estrutura do seu nível. Enquanto se dirigia à Gaiola, Kara notou que o número de Pacificadores havia aumentado. Havia beleza e roupas elegantes, extravagantes naquele “circo” de olhares vítreos e lábios sedentos de sangue. Os vampiros presentes, em grande parte, eram velhos e poderosos. Próximo a eles, seus pupilos e amantes em um constante jogo de olhares e conversas suaves e baixas. Podiam ser ouvidos sorrisos e sussurros.

Kara compreendeu por que, naquela noite, Martan fez questão de chegar um pouco mais tarde. Ele queria poupá-la de olhares e proteger sua identidade. Ele mais uma vez a levou para a Gaiola e apresentou ao Pacificador a arma que ela usaria. A katana de 60 centímetros de comprimento era robusta e compacta. Na verdade, era uma forma especial de katana, uma *uchigatana*. Ela possibilitaria a Kara segurá-la somente com uma mão, o que a ajudaria durante a luta, quando a vampira teria de dar o melhor de si.

Após passar pela minuciosa averiguação, a espada foi posta sobre a mesa junto com sua identificação. Os Pacificadores queriam evitar envenenamentos, muito comuns em torneios como aquele. De onde estava pôde ver alguns rostos conhecidos, como o de Togo, na tribuna de honra, representando a Ordem. Vestido

ricamente, ele observava tudo e todos à sua volta, enquanto falava com conhecidos e Pacificadores. O olhar oriental não perdia nada. Na tribuna, com ele, outros representantes dos Poderes, como Isadora, Romano, Misha, Valdés e Thiago, observavam a plateia e conversavam.

As luzes piscaram, era hora de começar. Togo abriu o torneio da noite com um discurso sobre lealdade, deveres e direitos. Lembrou aos participantes que ser campeão era muito mais que um título e favores, era doar-se a um rei. A afirmação não preocupou Kara, ela tinha um objetivo: tirar Jan Kmam da Caixa. Pouco importava o que tivesse de fazer, nada nem ninguém a impediria de libertá-lo. O discurso terminou ao som de estalar de línguas. Eles o ovacionavam, mas, como não gostavam de palmas e não havia madeira para que batessem, estalavam suas línguas. O som era sussurrante e inquietante.

Um saco de veludo negro com cordões de ouro foi passado às mãos de Togo. Dentro dele, as tábuas onde estava o nome de todos os competidores. As duplas seriam formadas através de sorteio como desde o princípio. Alguns segundos de ansiedade e espera e...

– Belina e Monique.

Togo sorteou todas as duplas e, assim, as tábuas foram postas sobre uma bandeja e lá ficaram até que houvesse eliminações.

Quando Kara viu os Pacificadores empurrarem cuidadosamente o Barril, ela se lembrou da Arena, mas estava curiosa em ver a Caixa de Tempo. O carrinho pequeno com quatro lados em madeira escura e desenhada com símbolos e inscrições foi posto à frente do tablado. Togo se aproximou e, com uma chave muito antiga, a abriu. Um som metálico de engrenagens se fez ouvir. Como se, dentro dela, algo se libertasse de travas. A tampa superior deslizou para dentro da caixa e empurrou para cima uma pequena plataforma de madeira com desenhos dourados. Hastes de ouro e prata subiram, emoldurando duas esferas per- feitas e translúcidas. O aparelho, chamado de Caixa de Tempo, montava-se diante de todos para encontrar sua utilidade.

As duas esferas, aos se tocarem, uniram-se por um fino tubo. No ponto de encontro, uma cinta de cristal se formou, lacrando a junção das duas peças. À frente de todos, estava uma ampulheta. Não uma comum com areia; aquele aparelho desenvolvido pelos povos do Oriente Médio para medir intervalos de tempo, no mundo vampírico, parecia ter ganhado vida. O líquido em seu interior nem subia nem descia, parecia suspenso dentro das esferas perfeitas.

Os dois competidores foram trazidos diante da ampulheta, ambos tocaram a base para que aquele estranho instrumento calculasse o tempo que eles levariam lutando. O líquido subiu, o tempo da luta foi definido.

– Dez minutos – avisou o Pacificador.

Quando o sino tocou, a luta teve início e o líquido começou a descer lentamente, marcando o tempo.

Kara e os demais vampiros observaram a luta da Gaiola. Foi um combate equilibrado e sangrento de ambos os lados. A plateia vibrava, enquanto as duas vampiras lutavam até a morte. Quase encerrando os dez minutos, a cabeça de Monique rolou no tablado. A ampulheta estava com a parte superior vazia. Aquele aparelho marcava o tempo exato em que um dos vampiros morreria. O intervalo entre as lutas era somente o tempo que os Pacificadores levavam para retirar o corpo do tablado. O padrinho decidia se queria levar o corpo ou entregá-lo ao Barril. A maioria, decepcionada, destinava os “mortos” ao Barril, uns poucos requisitavam o corpo. E assim se seguiu com todas as lutas até chegar a vez de Kara e Mortymer, que formaram a terceira dupla. Ao tocar o tampo de madeira, Kara viu a luta e sua vitória. O perdedor veria sua morte? Fitou a face do seu adversário e o achou muito sério. Quem saberia?

Afastaram-se e receberam suas armas. Intrigada com o tempo que lhe fora dado, Kara se preparou para o pior. Fitou Martan e Bruce a distância. Aquele estranho aparelho a deixara um pouco confusa – talvez fosse essa sua função: confundir, amedrontar.

O sino tocou. A luta começou rápida e violenta. Mortymer avançou, acreditando vencer com força. Kara usou uma técnica para suportar golpes pesados, sem os deter, apenas deixando a espada absorver o impacto na guarda. O vampiro achou estranho que seu golpe atingisse a base da espada, era como se ele houvesse errado. Kara percebeu a guarda baixa e o espaço que se abria na altura dos ombros. Arrancou-lhe um pouco de sangue do peito, enquanto se movia com muita agilidade. Sua estatura pequena a favorecia, assim como a espada. Saltou e se curvou, escapando de golpes fatais enquanto esperava que ele abrisse espaço para que agisse.

A plateia não entendeu quando a vampira andou pelo tablado já com a espada junto ao corpo. O silêncio era total. Os espectadores a olhavam como se temessem que Mortymer a atacasse pelas costas. Ele continuava de pé, paralisado. Com um humor maligno, Kara se voltou e levou a mão aos lábios e lhe soprou um beijo. O deslocamento de ar o tocou. A cabeça correu para um lado e o corpo para o outro, levantando exclamações de surpresa entre os presentes.

Togo olhou Martan e ele ria orgulhoso ao lado de Bruce. Foi o suficiente para que desconfiasse. O nome Chapeuzinho Vermelho foi para o alto da lista com dois mil pontos somente aquela noite, que, somado à sua pontuação da noite anterior beirava os três mil. Aquela vampira era uma das favoritas ao título. Eles precisavam conhecer sua verdadeira face.

O telefone de Togo tocou, era o rei. O circo dispunha de sistema interno de câmeras: bastou fazer uma ligação e as imagens passaram a ser vistas no *Château*. Porque Ariel só compareceria ao torneio no último dia. E foi de seu telão que viu a vitória da vampira.

Depois que todas as lutas terminaram, só havia seis competidores. Seus nomes foram postos dentro do saco de veludo e entregues a Togo. Ele finalizou a segunda noite de torneio. Martan percebeu sua observação silenciosa e, quando os competidores foram liberados, levou Kara para fora. Precisavam ser rápidos ou seriam detidos por Togo. Ele estava muito desconfiado. Assim que finalmente

conseguiram sair dos corredores cheios, pois muitos vampiros queriam tocar Chapeuzinho Vermelho, Bruce já havia conseguido um táxi. Ele saíra antes para garantir que não ficariam parados. Quando, afinal, estavam dentro do táxi, viram um dos Pacificadores olhando-os a distância.

Kara estava agitada com a vitória e sequer percebeu a preocupação de Bruce e Martan. Eles disfarçaram muito bem, não queriam preocupá-la, isso poderia tirar sua concentração.

– O que achou da luta? – perguntou Kara, assim que chegaram ao palacete.

– Foi maravilhosa. Mas deve se manter concentrada, não se distraia com o oponente – avisou Martan, sério.

– Sua brincadeirinha deixou todos os vampiros com vontade de beijá-la. Comporte-se! Vá dormir, amanhã precisa estar bem-disposta – observou Bruce, segurando sua capa.

– Eu vou vencer e, daqui a um ano, estarei com Jan Kmam novamente em meus braços. – Dizendo isso, ela abraçou Bruce, que sorriu.

– Vá dormir, borboleta de aço.

Kara subiu as escadas sorrindo e deixou atrás de si dois vampiros bastante preocupados. A essa altura, Togo já havia avisado ao rei, e logo ele tomaria suas providências. Só restava a eles esperar a noite seguinte.

Como regra do torneio, na terceira noite os vampiros com maior pontuação seriam os últimos a lutar; afinal, eram considerados favoritos. A Caixa de Tempo foi trazida, mas não precisariam mais do Barril porque todas as provas da última noite eliminavam os restos dos perdedores. Seis participantes, até que somente dois competidores restassem para lutar e apenas um sobrevivesse. A prova escolhida era difícil e conhecida por grande parte dos vampiros ali presentes.

A Gaiola fora substituída por um banco antigo de madeira, onde os seis participantes se sentaram.

O picadeiro central jazia iluminado, e a plateia abarrotava todos os assentos; o torneio encontrava seu apogeu. À frente da tribuna de honra, uma mesa exibia os prêmios com os quais seria agraciado o vencedor. Um baú de prata foi oferecido pelo senhor dos lobos em sinal de paz. Um segundo, com moedas de ouro, oferecido pelo rei, e os três favores representados por três selos. Kara os olhava com muita atenção debaixo de sua capa, assim como Sarah ao seu lado. A vampira havia conseguido se manter no torneio, mas, naquela noite, provavelmente seria eliminada. Sua técnica não mudava: ela se lançava para a luta sem observar o adversário, algo bastante perigoso.

– Vejo que está dando o melhor de si, Kara, mas não se engane: eu vou ganhar o torneio. Se lutarmos, não terei piedade mesmo que peça – sentenciou Sarah, muito baixo para somente Kara ouvir.

Kara não respondeu, ela continuaria com suas dúvidas.

O estalar de línguas se fez ouvir quando o rei apareceu no corredor. Durante o caminho para a tribuna, Ariel Simon recebeu cumprimentos e sorrisos das vampiras que estendiam as mãos para tocá-lo. Elas o olhavam com desejo, estava magnífico; vestia um casco de veludo de corte reto, camisa branca, calça jeans negra, sapatos engraxados. Clássico e despojado, os cachos estavam soltos. Quando finalmente chegou à tribuna de honra, já era esperado por uma fila de vampiras, todas com um envelope nas mãos para entregar a Togo, ao seu lado. Então, beijavam o rei. Seis delas fizeram aquele estranho ritual. Kara não o compreendeu bem, mas, ao ouvir o comentário sarcástico de uma das lutadoras, entendeu tudo.

– Pretensiosas. Ariel Simon não aprecia somente beleza, ele gosta de vencedoras.

Sem saber ao certo Kara as achou atiradas e vulgares. As vampiras se ofereciam para ser suas concubinas, um cargo bastante almejado. Uma vaga que Ariel jamais preencheu. Preferia manter amantes que iam e vinham ao sabor de seu desejo. Nos envelopes, herança de sangue, desejos e, certamente, suas qualidades.

Ariel, por fim, entrou no camarote. Foi recebido pelos membros dos Poderes. Logo estariam prontos para começar. Togo avisou ao rei que tudo estava preparado. Ariel ficou de pé e do camarote discursou.

– Hoje, escolheremos um campeão ou campeã – disse, dirigindo-se às vampiras do banco. – O melhor de nossa espécie aqui luta para provar seu valor aos Poderes. Sinto-me lisonjeado por tantos vampiros ainda desejarem o cargo. Caminhar ao meu lado não é seguro, um rei tem muitos inimigos. O vencedor permanecerá junto a mim por um ano, velando por meu sangue, minha vida imortal. Deveres, direitos, favores, perigos, morte, essa é a rotina de um campeão.

– Ariel falava dentro do silêncio de absoluto. – Há séculos não víamos tantos de nossa espécie, mas esta noite veremos o melhor de nosso sangue. Os jovens e os mais velhos mostraram seu valor dentro do picadeiro. O vencedor leva tudo. Desejo-lhes uma boa morte.

Os estalos de língua se fizeram ouvir quando o rei finalizou seu discurso. Os vampiros mais velhos inscritos finalmente apareceram dentro do picadeiro. Seus nomes foram lidos um a um e postos dentro do saco de veludo junto com os classificados. O rei fez o sorteio e, à medida que chamava os nomes, via as duplas se formarem dentro do picadeiro. Quando, finalmente, chamou o nome de Chapeuzinho Vermelho, observou-a com cuidado.

As duplas se formaram aleatoriamente. Somente três das lutas se dariam com vampiros jovens enfrentando os mais velhos. Kara estava entre estas duplas. Ela lutaria com um vampiro de 700 anos, chamado Fernão.

A atmosfera era tensa, as luzes pareciam todas voltadas para o picadeiro central, onde lutavam por suas vidas e seus desejos. Ariel assistiu às primeiras lutas com a face séria e pensativa, vez ou outra trocava uma palavra com os demais vampiros na tribuna de honra, que só conseguiam se divertir. Os mais empolgados eram Misha e Valdés. E já tinham seus favoritos: Valdés torcia por Chapeuzinho Vermelho. Ele contou ao rei o modo especial como a vampira conseguiu vencer

todas as lutas sem ferimentos ou desgaste de energia. Um matador de primeira linha.

– Alguém conhece sua linha de sangue? – perguntou Ariel, atento a Togo.

– Foi inscrita na última hora para obter o favor da dispensa de idade. Não sabemos sua idade real. Ela está apadrinhada por Martan e seu nome é Maria.

– Deve ser uma de suas alunas, soube que ele se ocupa dando aulas a qualquer um que deseje – disse Thiago um tanto sarcástico.

– Pelo menos ele se ocupa na eternidade passando seus conhecimentos... Muitos de nós levam uma vida ociosa, não é mesmo, Thiago? – Isadora não ia perder a chance de insultá-lo um pouco mais.

– Jamais gostei de transpirar, a menos que fosse entre as coxas de uma bela fêmea – respondeu Thiago com um olhar insinuante para suas pernas cobertas pela seda do vestido.

– Sua falta de classe chega a ser ofensiva.

– Acalme-se, Isadora, não pretendo conquistá-la. Deixarei isso com Valdés. Ele, sim, parece completamente apaixonado – disse Thiago, segurando a mão da vampira para a lambar lascivo.

Isadora puxou a mão e viu o vampiro sorrir maligno. Ariel acompanhou a cena e sorriu. Aqueles dois jamais tomariam jeito, viviam entre o amor e a guerra.

– Como consegue aturá-lo, majestade?

– Nós nos perguntamos isso há séculos – disse Ariel risonho, mas com os olhos naquele vulto vestido de vermelho.

Romano e Virna chegaram para completar o camarote. O rei cumprimentou-os e continuou de pé, conversando distraidamente, mas, em toda chance que tinha, observava a arena e os competidores.

– Estranho, mas existe algo de muito familiar naquela criatura – comentou Thiago, jogando-se na cadeira e se servindo de um cálice de sangue. – Veja, o

cabelo é negro como a noite.

Thiago fez o comentário após fitar um cacho teimoso que abrolhou pela capa, fazendo um contraste singular. Kara a distância notou e o arrumou e manteve a cabeça baixa.

– Valdés, e se ela for deformada como o corcunda de *Notre Dame*? O que será de sua paixão? – brincou Thiago.

– Aquiete-se, homem! – pediu Misha, olhando o vampiro com censura.

– Jamais, ela deve ser linda e doce, por isso se esconde, certamente teme que sua aparência não nos convença de sua força.

Valdés fazia especulações, fitando a plateia para encontrar alguns conhecidos. Mas suas palavras só fizeram Ariel pensar um pouco mais; todavia, ele não queria crer que fosse verdade. Dentre os espectadores, eles identificaram Manolo e alguns de seus velhos amigos. Não muito longe, reconheceu Ribas. Então chamou Thiago e o fez fitar o vampiro. Thiago sorveu o cálice de sangue e sua jocosidade sumiu. O clima tenso se fez. Velhos inimigos.

– O que estão olhando, meninos?

Isadora perguntou, aproximando-se deles; afinal, percebera os dois tensos. Ficou entre os dois vampiros e disfarçou o olhar, abraçando Thiago. Ele a envolveu, sentindo a seda do vestido, suas belas formas e a real intenção de sua aproximação. Ela queria ver através de seu olhar, assim não levantaria suspeitas. Ele permitiu, e a vampira viu Ribas e, um pouco mais adiante, Petrus. Satisfeita, beijou a face do vampiro e se afastou. Isadora sentou novamente e percebeu o olhar preocupado do rei. Ele não conseguia ficar sentado, fitando seus súditos com atenção, parecia distante e pensativo. Ariel era um enigma em se tratando de amor. Seu coração era difícil de ser conquistado, mas a vampira que o alcançasse o dominaria.

Martan voltou a ser o tema da conversa e eles sequer perceberam o olhar sombrio que o rei lançou sobre ele ao encontrá-lo ao lado de Bruce na plateia.

Algo fugia ao seu conhecimento, e ele não estava nada satisfeito. Ordenou mentalmente que Togo enviasse um Pacificador à casa de Bruce e procurasse por Kara. Ele queria provas antes de tomar qualquer decisão. Romano notou as ordens do rei e guardou suas perguntas para mais tarde.

A Caixa de Tempo sentenciou os dois primeiros vampiros, lutas curtas. Doze minutos e uma cabeça rolou, um jovem vampiro, cem anos e muitos sonhos perdidos na espada de Aderico.

Aderico era um dos vampiros mais velhos inscritos, ele possuía novecentos anos e, pelos comentários temerosos dos participantes, ele costumava participar somente pelo prazer de matar seus iguais – no fim, declinava do cargo. Tinha um aspecto realmente sinistro, vestia-se de modo simples e despojado. Camisa e calça, mantinha os cabelos castanhos e longos soltos sobre os ombros, onde apoiava a espada. O torneio para ele não passava de uma grande brincadeira, e o rei sabia muito bem disso. Mas, pelas leis, não podia o impedir de combater: ele tinha novecentos anos, e isso o habilitava a lutar onde bem quisesse, mas havia meios e maneiras de puni-lo caso quebrasse as regras do jogo.

Kara o viu lutar com certo receio, a prova era difícil e seus golpes abriam espaço para erros. Ela não se deu por satisfeita, todo guerreiro tinha um ponto fraco em sua defesa. Kara se concentrou e o seguiu durante toda a luta como se com ele lutasse. Somente quando Aderico cortou a cabeça do jovem vampiro ela percebeu a falha e sorriu. Havia um ponto fraco, ele só o exibia quando se acreditava realmente vencedor.

O vampiro sorriu vitorioso para, logo depois, se curvar em direção ao rei, que ergueu o cálice de sangue em sua homenagem. A segunda luta foi surpreendente, Sarah venceu um vampiro de 500 anos com bons movimentos e um salto bem colocado, saiu ilesa e voltou para o banco com um sorriso de vitória que satisfez seu padrinho, Antoine. Ele estava ao lado de Petrus, era um vampiro de aparência jovem e de cabelos escuros, que se vestia de modo informal. Subiu mais mil

pontos, mas ainda estava longe de alcançar a pontuação de Kara, que estava em dez mil.

O Círculo de Fogo foi a prova escolhida para definir as lutas. Dentro do picadeiro, dois cones de luz – um branco e um ultravioleta. A prova consistia em redução do espaço. Enquanto lutavam, a luz ultravioleta tomava a luz branca, aproximando os adversários, forçando a luta a encontrar um fim. Isso durava exatos 15 minutos antes que a luz branca se extinguísse totalmente e a ultravioleta queimasse os dois vampiros.

Kara teve como adversário Justus. Ele tinha 600 anos e um longo histórico de vitórias. A vampira entrou no picadeiro e observou a espada do adversário e sua altura, o espaço que deixava entre as pernas. O sino soou e a luta teve início. Justus avançou com a espada e desferiu dois toques, tentava tirar a arma das mãos de Kara, que o recebeu com um golpe curto e o fez recuar, criando uma espécie de escudo com dois golpes seguidos.

Os presentes vibraram ao ver o escudo absorver o impacto e sumir. Ariel semicerrou os olhos, fascinado com o golpe criado pela vampira. Ela conseguiu criar com seus poderes uma forma de defesa externa. Quem era aquela criatura? Na plateia, gritavam seu nome, enquanto Justus se esforçava para vencer. Valdés e Misha apostaram um pouco mais, as peças de ouro surgiram e Isadora as segurou para garantir a aposta.

Naquele estágio do torneio, era permitido usar, além das lâminas, os poderes que possuíam. As espadas tiniam. Justus tentou, por fim, empurrar Kara para fora do picadeiro e levou uma advertência e vaias. A luta prosseguiu acirrada por mais doze minutos. Faltavam somente três para o final, e nada parecia definido.

Justus tentou atacar sua mente, mas foi repellido. Kara o expulsou e o fez gritar de dor e segurar a cabeça, enquanto lhe saía sangue do nariz. Ariel assistia fascinado e imóvel; as mãos cruzadas apoiando o queixo, os cotovelos nos braços da cadeira, ele havia se sentado. Uma lutadora nata, sem dúvida, com estilo, graça e sutileza nos golpes. Parecia dançar com seu oponente. Isadora notou o olhar do

rei, sua tensão e o quanto ele estava envolvido. Ele não tirava os olhos da lutadora. Pôde ver quando a vampira decidiu acabar com a peleja.

Numa boa sequência de golpes, avançou e girou, enganando Justus. Ela rodopiou no ar e, quando caiu, foi onde imaginou que ele estaria: cravou a espada em seu peito e, num gesto rápido e piedoso, cortou sua cabeça e caminhou elegantemente pelo picadeiro. O corpo caiu e a luz ultravioleta o consumiu. Era muito rápido, o corpo se incendiava e virava cinza. Enquanto isso, a plateia gritava “campeã”.

Togo se comunicou mentalmente com o rei e lhe avisou que o Pacificador não achara Kara no apartamento, ou em qualquer outro lugar. Ariel fitou a figura de capa vermelha com aborrecimento sincero e preocupação. Ela voltou para o banco com mais mil pontos.

Uma hora depois, o rei estava impaciente. Ficar sentado era um grande esforço. Tudo que queria era descobrir a verdade. Esperava ansioso pelo intervalo antes da luta final. Restaram somente três vampiros: Kara, Sarah e Aderico. Pela regra, o vampiro mais velho lutava primeiro com o vampiro com menos pontos. Sarah estava confiante e entrou no picadeiro, pronta para vencer. A luta se desenrolou no ritmo que Aderico geralmente impunha aos seus oponentes, era um truque para sondar suas falhas e aprender seus golpes. Sarah, infelizmente, não notou. Aderico a desarmou e ela usou o toque, enquanto tentava pegar sua espada. Mas seu deslize custou caro: Aderico a atravessou com a lâmina. A vampira gritou. Kara teve pena e, por um momento, pensou em salvá-la, mas era impossível. A vampira gritou novamente, tentando se libertar. Aderico a empurrou ao chão e a viu se arrastar até sua espada, que estava debaixo da luz ultravioleta. Mesmo assim, Sarah a pegou e teve a mão queimada. Um novo grito se fez ouvir. Antoine a fitava com frieza: ela estava condenada.

Aderico arrancou a espada de suas mãos e a vampira usou o toque, mas nada fez diferença. Ele ria enquanto Sarah rastejava, tentando pegar a espada. Por fim, puxou-a pela perna e a dominou, segurando pelos cabelos. Ela pediu piedade e,

quando ele a soltou, caiu de joelhos. Os Pacificadores estavam prontos para retirá-la e esperavam por Aderico, mas ele cortou sua cabeça impiedosamente.

Ariel soltou uma exclamação de aborrecimento baixa ao ver Aderico chutar o corpo da vampira para a luz ultravioleta a fim de que fosse consumido. O velho vampiro se curvou novamente e saiu do picadeiro. A plateia estava dividida entre vaias e vivas.

Martan assim como Bruce lamentaram sua morte. Kara virou a face, não quis ver seu corpo se incendiar. Dela nada restou além de cinzas.

O rei fechou os olhos por um instante e chamou Togo, dizendo-lhe algo mentalmente. Ele assentiu com a cabeça e se preparou. Era a última luta, haveria um intervalo.

– O rei pede sua presença.

Togo anunciou, tirando Kara de seus pensamentos. Ela estava paralisada no banco, concentrando-se.

– Diga ao rei que falarei com ele quando for sua campeã.

Togo a fitou sem nenhuma expressão definida na face e fez sinal para os Pacificadores a cercarem.

– Pode ir andando ou arrastada. Como prefere, Chapeuzinho Vermelho?

Kara obedeceu-lhe, procurando Bruce e Martan com o olhar aflito, mas não os encontrou. Foi conduzida a uma sala próxima ao picadeiro. Assim que entrou, encontrou Martan, Bruce, e o rei à sua esquerda. Os ânimos não estavam bons, dava para notar a tensão na face de Martan.

Temendo por Martan e Bruce, tentou fugir. Se ele não descobrisse sua identidade, não poderia acusá-los de nada. Ariel, mais rápido, empurrou-a para o canto da sala. Bruce se preocupou, sabia que ela iria lutar. Martan o segurou, vendo os Pacificadores alerta: interpor-se entre eles era sair ferido. A porta da sala foi fechada por Togo, que ficou do lado de fora. Kara puxou a faca e a colocou

debaixo de sua garganta. Ele se deteve, olhava-a diabólico, tentando ver sua face ainda oculta pela capa. Foi quando o Pacificador se aproximou de espada em punho para deter Kara. Ariel percebeu e ergueu a mão, jogando-o de encontro à parede.

– Saia! Espere lá fora – disse Ariel ao Pacificador, de modo furioso. Afinal, ele pretendia ferir a vampira, algo que ele jamais permitiria.

Aproveitando sua surpresa, sumiu diante de seus olhos e reapareceu às suas costas. Tirou a faca de sua mão e a deteve, puxando seu braço para trás.

Kara gemeu, Ariel a segurava pelo pulso e, quando a faca caiu no chão, ele puxou a capa e a virou para encarar sua face aborrecida. A troca de olhares foi intensa, ela estava furiosa. Ariel sorria cinicamente, fitando sua retina escura, os lábios entreabertos, o rosto delicado. Divertia-se tendo-a tão perto. Cansado de ver sua fúria, soltou-a. O rei sorria satisfeito, pouco ligando para seu olhar agastado, e buscou assento. Afinal, ele a pegou em uma falta mais do que grave.

Kara recolheu a capa do chão e a segurou junto ao corpo. Martan e Bruce ficaram a seu lado, estavam prontos para receber o castigo merecido. Ariel apenas os olhava intrigados, mas detrás da raiva havia admiração e desejo. A vampira metida no corselet vermelho de veludo era uma visão irresistível. A cintura delicada, o quadril perfeito, os seios pequenos quase pulando do decote quadrado, a sombra da rosa tatuada sobre o seio, as alças largas do corselet pareciam deixar o colo mais belo e sedutor. Tê-la sob suas mãos era convidativo demais.

– Então, você quer ser minha campeã?

– Majestade, eu posso explicar – começou Martan.

– Silêncio!

O rei ordenou enfurecido, mudando de animo como um demônio. Os olhos verdes pareciam duas pedras, os caninos a mostra, a pele pálida como mármore, sobrenatural, a aparecia humana sumindo completamente. Kara teve medo e recuou um passo, o coração aos pulos, os lábios rosados entreabertos. Ele notou seu medo

percebeu que a raiva havia revelado sua face mais sombria. Não queria que ela o visse daquele modo. Mas o modo que se colocou em perigo o enlouqueceu. E a culpa era dos que estavam protegendo-a.

– Você perdeu a custódia de Kara quando a inscreveu no torneio, Martan. E pouco importa o que Radamés diga. Kara é quem vai me responder – disse com o dedo em riste.

– Sim, majestade, eu quero ser sua campeã – disse Kara a contragosto, mas sem nenhum receio, e surpreendeu Ariel. – Como me descobriu?

– Eu a vi lutar. O circo possui circuito interno de câmeras. Deste modo, pude acompanhar o torneio. Afinal, preciso saber quem quer me defender, não é mesmo? – Vendo-a confusa, ele continuou.

Nenhum deles esperava por algo assim. Todavia, estava de capa, como ele descobriria?

– Acreditou que não a reconheceria lutando? Sabe o que passei assistindo àquela luta? – disse Ariel, já de pé a rodeando, muito aborrecido.

– Foi um ótimo combate – afirmou Kara, tentando se manter imune a ele e seu olhar acusador. Sua face já havia readquirido a calma.

Tinha ganas de se afastar, mas ele não permitiria. Resolveu agir como uma lutadora e não deu a mínima para o ar assombrado do rei, que sequer ouvia suas explicações. Para ele, só havia o risco a que se expôs.

– Eu venci em três minutos, o que mais queria? – indagou Kara, cansada de seu mau humor.

– Sim, venceu. Mas deixe-me dizer quem foi que venceu: vermes, lesmas comparadas a Aderico.

Ariel estava furioso, a situação fugira de seu controle. Quando a soube em companhia de Martan, acreditou que a vampira estaria em segurança. Jamais imaginou que ela se meteria em confusão novamente. O torneio era algo muito

sério, estavam sob o olhar de muitos, seu poder ali era pequeno. Caso precisasse salvar sua vida, enfrentaria a crítica de muitos. Kara lutava muito bem, mas vê-la se arriscar se tornara algo impossível. Além do mais, havia prometido a Jan Kmam que a manteria segura. Fitou Bruce com desagrado e descarregou sua ira.

– Mandei que cuidasse dela e o que faz? Deixa-a participar de um torneio de sangue!

– Não tive como impedir, majestade – disse Bruce, calmamente.

– Não os culpe por tomar minhas próprias decisões. Eu queria lutar e estou lutando. Eu vou vencer! – disse Kara, corajosa, soltando a capa para se aproximar dele.

– Você não tem idade para tomar decisões. Martan deveria ter me avisado de suas travessuras e não a ajudar a arriscar-se desse modo.

– Isso não é uma travessura. Eu posso vencer! – Kara, afirmou indignada.

O olhar do rei caiu sobre a rosa tatuada em seu seio. Não aparecia completamente, somente uma pétala mais atrevida. Ele lhe deu as costas e se afastou. Temia perder o controle, ela não o tratava como um rei. Falava com ele como se fosse um vampiro normal. Gostava de tal atitude, demonstrava que ela não o via como rei sempre. Mas precisava exibir sua autoridade ou ela fugiria de seu domínio. Por um momento, lembrou que, certa vez, quando observava Kara às escondidas, ela agira da mesma forma ao falar com Jan Kmam enquanto o enfrentava. A briga doméstica terminou com um beijo de trégua, e fez o rei se retirar imediatamente, não suportava vê-la nos braços de seu favorito.

– Vai desistir do torneio, Kara – ordenou Ariel, muito sério.

– Você não tem o direito de me proibir, eu me classifiquei. Vai quebrar as regras do torneio, majestade?

Seu comportamento só a colocava em risco diante de Ariel. O rei gargalhou, e sua gargalhada a enfureceu um pouco mais.

– Aderico pretende primeiro humilhá-la e depois matá-la. E isso eu não posso permitir. Ele só entra no torneio para cortar cabeças, não tem pretensão alguma de me servir. É um vampiro velho e perigoso. Você o viu lutando... O que espera?

– Vencer, nada mais. Aderico, sim, deveria ser punido, expulso por fazer do torneio o palco de seu ego.

Ariel semicerrou os olhos e achou bem válidas as suas palavras. Seu atrevimento era delicioso, mas ele precisava bancar o rei, e não o vampiro apaixonado. Ela poderia dobrá-lo facilmente se assim o desejasse. Martan e Bruce estavam de olhos atentos neles dois.

– A brincadeira acabou, Kara. Você já se divertiu o bastante. Considere-se fora do torneio, e vocês dois estão sob pena de silêncio a partir de agora. Vá para casa e arrume suas coisas. Vai ficar sob a guarda dos Poderes imediatamente.

Martan e Bruce haviam perdido a voz. Kara os fitou com os olhos arregalados e tristes, tocou suas faces e se preocupou. Eles se resignaram, enquanto Kara só conseguia se sentir culpada pelo castigo que sofriam. Abraçou Bruce e, sem conseguir se conter, soluçou aflita. Os nervos a venciam, ela havia passado por muita tensão: enfrentar Ariel não era o melhor modo de finalizar a noite.

– Me desculpem, é tudo culpa minha. – falou infeliz.

– Saiam.

Martan e Bruce saíram da sala imediatamente, deixando o rei e Kara sozinhos.

– Você já mostrou todo o seu poder. O que mais deseja? – Kara afirmou assim que a porta se fechou.

Ariel não desistiria facilmente e restava pouco tempo para o intervalo acabar. Conhecia o temperamento das mulheres, fossem elas mortais ou vampiras. Kara não era diferente, mas era extremamente mimada e voluntariosa. Fazê-la feliz significava realizar seu maior e menor desejo. O que não era muito para um rei, jamais foi para seu favorito. O único problema era que ela desejava, ardentemente, liberdade para Jan Kmam. Havia meios e modos de realizar seu desejo, claro, todos

condenáveis em sua posição de rei. Por um sorriso seu, valia a pena ir ao inferno, como ele mesmo foi, mas como lhe dar o que desejava e ainda tê-la? Fitava seus olhos escuros, a face manchada de sangue, a boca tão delicada que o atraía. Nesse momento, resolveu falar.

– O que você quer, Kara? Por que não me pediu? Seria mais fácil que arriscar sua vida – cobrou contrariado.

Como ela podia acreditar que ele não lhe satisfaria um desejo? A menos que o pedido não pudesse ser realizado. Olhava seus cachos macios e tudo que queria era tocá-los, levá-los à face e se deliciar com o perfume que sentia a distância.

– Diga-me o que deseja e será feito – ele insistiu, ciente do que viria, mas havia resolvido ouvir e ganhar mais alguns minutos de sua preciosa presença.

– Liberte Jan Kmam do castigo da Caixa, ou deixe-me ficar com ele – a vampira pediu sem medo.

– Então é por isso que arrisca sua vida imortal? – disse indignado.

– Achou que seria para ficar em sua presença? A única coisa que me prende à imortalidade é a existência de Jan Kmam. Sem ele, nada disso faz sentido. – ela foi cruel e verdadeira, e viu o rei esconder sua frustração.

– Não posso permitir tal coisa – disse Ariel simplesmente.

– Não pode, ou não quer, majestade?

– Kara, compreenda, Jan Kmam foi punido, é a lei. Dez anos dentro da Caixa. A Ordem sequer me permite saber onde ele está. Além disso, você não suportaria a sentença a ele atribuída, é jovem demais até para ser castigada como deveria – murmurou Ariel meigo, afinal descobrira que a tocava mais com doçura que com ordens.

– Jan Kmam é somente um vampiro, mas jamais me negou nada. Deu-me seu amor, seu sangue e sua alma.

Kara desabafava. Estava frágil, bastava um olhar para ela e ver sua tristeza. Ariel percebeu sua voz tremer. A sentença de Jan Kmam era a dela, impossível negar a realidade. Fitou-o e, cansada de seu silêncio, explodiu:

– Você é o rei e nada pode me oferecer. Por que desperdiço tempo falando com você? Não tem palavra, é falso e traiçoeiro.

– Meça as palavras, criança – avisou Ariel, suavemente perigoso.

– Vai me punir? Não perca seu tempo tentando me causar mais dor.

– Basta, Kara. Jan Kmam pediu que cuidasse de você. Ele sabia que se sentiria só, desprotegida, ele não queria que sofresse.

– Não é sua maldita proteção que vai me dar o que perdi. Preciso dele ao meu lado, sinto saudade. – confessou secando o rosto.

Kara estava irritada demais para se conter diante de Ariel. Mas, por fim, ela se calou, envergonhada por demonstrar sua fraqueza e solidão. Afinal, ele era o rei.

– Entrar no torneio para salvar Jan Kmam foi uma temeridade. Poderia estar morta – afirmou Ariel, irredutível e impaciente.

– Eu sei lutar e vou vencer. – explicou Kara com firmeza.

Kara estava aborrecida demais, precisava encontrar um modo de convencê-lo. Precisava lutar, vencer e conquistar seu favor.

– Jan Kmam faria o mesmo por mim. Mas quem é você para entender de amor? Só sabe ser rei e cortar cabeças! – disse Kara, enfrentando-o.

– Sei cumprir promessas. Prometi, e vou cuidar de você, enquanto seu mestre dorme. É o que tento fazer, quando você permite. Kara, não percebe que, ao fugir, age como uma vampira sem linhagem? – disse Ariel, segurando-a pelo cotovelo.

– Está tentando me insultar, majestade? – reagiu, puxando o braço.

– Quero que pare de se expor a riscos desnecessários. Jan Kmam não aprovaria que se arriscasse tanto para salvá-lo.

– Não fale assim, é como se ele estivesse morto. Estou farta de ser tratada como viúva. Jamais serei viúva novamente, Jan Kmam é imortal. Pare de agir como se não tivesse um amante. Eu tenho.

– Você não tem nada, minha criança. Eu tirei tudo de você, não foi mesmo?

Kara o esbofeteou com força. Estava a poucos centímetros dele e pôde ver o olhar mudado. Fitou sua face, comprimiu os lábios e recuou, percebendo que ele já esperava e apreciou o contato.

– Não é hora de discutirmos as concessões feitas em nome dos que amamos. – Ariel sabia jogar duro quando queria.

Kara nada mais falou, simplesmente tremeu de ódio. Todo o seu esforço seria jogado no lixo. Os olhos dela ficaram escuros como um abismo e o rei se preocupou com sua lucidez.

– Kara?

Ariel já a detinha pelo pulso, olhando-a preocupado. A vampira o fitou irritada. Ela era realmente forte, contava com o sangue do favorito, mas a saudade era uma doença sem cura e a estava afetando lentamente.

– O que o preocupa? Que seu sangue esteja me matando?

Como ela podia saber? Ariel moveu os lábios e escondeu sua frustração num sorriso misterioso e a soltou.

– Algum dia eu conseguirei esconder algo de sua sagacidade?

– Descobri tarde demais que bebia seu sangue, enquanto me recuperava do ataque do lobisomem. Eu desculpei Bruce por sua preocupação, ele teve medo de que a infecção me dominasse. Hoje, vejo que ele me fortaleceu. Vou vencer o torneio e arrancar de você um pouco mais que um desejo, majestade.

Kara estava cheia de confiança e pronta para convencê-lo de que poderia vencer. Ariel a fitava bem de perto agora. A olhava com seus olhos verdes com muita intensidade.

– O que lhe disseram a meu respeito para que me tema tanto?

– Não tenho medo de você – respondeu Kara de pronto o enfrentando.

– Kara, você teme tantas coisas. Teme gostar de minha companhia, a força de seu coração, o sangue que corre em suas veias que é seu, de Jan Kmam e agora o meu. – falou suavemente e como uma carícia. – Toda essa coragem e força que sustenta... e só para libertá-lo, tê-lo novamente como sua sombra protetora?

Ariel falou num sussurro sensual e perigoso, e suas palavras a feriram. Kara ergueu o queixo de modo inquieto e rebateu como bem sabia.

– E não é para isso que serve o sangue imortal, causar medo? Vejo esse medo em minhas vítimas, em seu olhar, sinto ele em meu coração.

– Precisa se tornar vampira, e acho que sei como fazer isso.

– Já sou uma vampira e é graças ao sangue imortal de Jan Kmam. Foi ele que me trouxe da morte e não você. – Kara contestou, dando um passo em sua direção.

– Sim, foi ele. Sempre ele. – falou pensativo e a confundiu um pouco. – Mas agora o que vejo é somente uma imortal assustada e carente. – Ariel foi duro como precisava ser. – Jan Kmam desejava o melhor para você, por isso deu-me sua tutela. Ele sabia que eu seria o único a compreender quem é Kara Ramos. Mas, se quer tanto lutar, eu permitirei. – disse e olhou dentro do negrume de seus olhos e viu o abismo no qual ele queria pular.

A vampira o olhou surpresa, desconfiada, e resolveu aproveitar sua “benevolência”. Kara não podia acreditar que ele estava permitindo que lutasse. Mas ia usá-la a seu favor.

– Perdoe Martan e Bruce.

– Tudo o que desejar, Kara. Basta me pedir e eu darei. Nunca duvide disso. – afirmou vendo-a entre abrir os lábios surpresa. – Só espero que não me condene à morte. Afinal, se for morta, Jan Kmam, ao despertar, cortará minha cabeça. Ser seu tutor não é tarefa fácil. Veja a confusão em que colocou Martan.

- Quero continuar incógnita.
- Faça como achar melhor. Agora, vai precisar pagar o favor. – ele disse e semicerrou os olhos de modo sensual.
- Como? – perguntou Kara, elevando a voz.
- Quer muitas coisas, mas todas elas têm um preço, Kara. – Ariel agia como um negociante cruel.
- Já tem meus quadros, minha custódia e, em breve, terá minha companhia. Isso não lhe basta, majestade? – perguntou incrédula.
- Não, não basta. Está me pedindo para arriscar a sua vida imortal. Isso não tem preço, mas posso estabelecer um valor para meu sofrimento.

Martan e Bruce do lado de fora da porta sentiram os ânimos restabelecidos e Kara apareceu logo depois, já vestida em sua capa e pronta para lutar.

– Qual foi a tolice que fez dessa vez, Kara? – perguntou Bruce, segurando-a pelo braço de modo preocupado.

– Acabo de me tornar a campeã do rei. Só não sei por quanto tempo.

O Pacificador a levou de volta para o banco, e os dois vampiros seguiram para a arquibancada. Logo atrás dele, vinha o rei com um sorriso vitorioso nos lábios.

Kara respirou fundo e relaxou os músculos, precisava se concentrar. Lutaria em um minuto. Aderico não estava muito longe, ele sorvia um cálice de sangue e a olhava com deboche, certamente já a considerava morta. Era melhor assim, que todos a acreditassem morta. Difícil? Sim, mas não impossível. Aderico possuía dois grandes defeitos, além da falha em sua guarda: a pretensão e o orgulho. Kara saberia usar todos a seu favor. Dirigiu seus pensamentos para Martan e Bruce, pedindo que ambos torcessem por ela. E eles lhe passaram força e coragem.

O intervalo chegou ao fim com o discurso de Ariel.

– O torneio chega ao seu final. Hoje, conheceremos o novo campeão ou campeã do rei. As regras permanecem inalteradas. Durante três dias, tivemos

grandes competidores, boas lutas. Vimos nossos iguais morrerem desejando o lugar de campeão do rei. Uma honra e obrigação junto aos Poderes. Diante de nós, restam somente dois competidores, um vampiro e uma vampira, dois tempos diferentes que se enfrentarão para decidir muito mais que um título. Eles lutarão por suas vidas imortais. Desejo a ambos uma luta limpa e justa. Que a força do sangue prevaleça.

Kara e Aderico estavam lado a lado. Próximo a eles, um Pacificador segurava suas armas. Eles entraram no picadeiro e receberam suas espadas.

A vampira cravou a espada no chão e surpreendeu a plateia, o rei e Aderico. Martan tinha conhecimento dos planos de Kara, eles conversaram sobre diversas estratégias para a luta final, que certamente se daria com um vampiro mais velho. A maioria deles possuía poderes maiores e, com eles, massacrariam os mais novos sem piedade, ou simplesmente prefeririam usar suas espadas.

O sino tocou e Aderico avançou de espada em punho, ele não esperou que ela tivesse mais do que um poder para derrubá-lo sem espada. Ele bateu de frente ao seu escudo e caiu ao chão. Foi vergonhoso. O vampiro levantou zozado e fitou a pequena criatura como um ponto vermelho, enquanto a plateia ria e o rei se perguntava se valeria a pena. Ela continuava de pé, e o vampiro insistiu com a espada. Kara, dessa vez, usou o toque. Aderico foi atingido violentamente na cabeça e nas pernas. E foi novamente jogado ao chão. O rei não podia acreditar no que via, os espectadores vibravam entre a alegria e o susto. Aderico ficou de pé mais uma vez e resolveu entrar no jogo da vampira. Cravou a espada longa no chão e se firmou no solo. Juntou as mãos e lançou o primeiro golpe. Kara o recebeu e devolveu uma técnica difícil, mas que ela conseguiu dominar com precisão. O segredo era não rivalizar, simplesmente receber o golpe e transformá-lo em algo maior. Mas tudo aquilo era uma grande distração, Kara pretendia atacar a mente de Aderico. Quando ele lançou o segundo golpe, ela aproveitou a brecha e invadiu sua mente. Se tentasse como primeiro golpe, ele se fecharia e jamais conseguiria. A vampira o tomava com imagens confusas distorcidas e sussurros. A plateia o viu tocar a cabeça e recuar bufando, ela o atacava com força total.

Kara usou a imagem do Sol nascendo sobre o mar, e o fez gemer de dor. O Sol o envolvia feroz, ele podia ver os raios inundando todos os espaços, cobrindo-o causticante. Ele olhava para os lados assustado, e tudo que via era a luz. Somente quando segurou a cabeça com as duas mãos e gritou de dor conseguiu desfazer o contato. Kara estava um pouco cansada, mas não sangrou como imaginou. Sua mente resistiu bem ao Sol, apesar de temê-lo.

Kara partiu para a segunda fase, retirou a espada do chão e viu Aderico se preparar para lutar. Ele sangrava pelo nariz e cuspiu o chão. Limpou a face com a manga da camisa e se armou, parecia bem mais feroz que antes. Jamais havia sido desmoralizado daquele modo enquanto lutava. Ele foi o primeiro a atacar, Kara o recebeu com movimentos rápidos e começou a dançar com ele, deixando que ele aprendesse seus movimentos como sempre fazia com seus adversários, agora ele precisava de um pouco de confiança. Aderico avançou com mais força, era o sinal. Ele se sentia seguro para matá-la. O tempo corria, faltavam quatro minutos para eles finalizarem a luta. Poderia haver uma prorrogação, mas suas chances seriam mínimas, caso houvesse um período extra. Aderico era mais forte e velho, e usara muito de sua energia com o toque e invadindo sua mente.

A plateia estava paralisada pela tensão. A altura de Aderico, em certos momentos, o prejudicava, pois Kara deslizava pelos espaços vagos habilmente, deixando que ele cortasse com sua espada somente o ar. Furioso, segurou-a pela capa. A vampira gritou e o rei ficou de pé. Isadora segurou seu pulso e o fez se sentar novamente, enquanto os presentes observavam tudo, tensos. Os cabelos cacheados surgiram, mas não a face. Kara reverteu o golpe. Puxou-o sobre si e o jogou ao chão, fazendo-o queimar a perna. Aderico recuou, e o espaço então ficou menor. De pé e sentindo dores, ele a insultou.

– Vadia!

Kara gargalhou e decidiu acabar com a luta. Aderico avançou. Hora de usar sua falha. As espadas se cruzaram e Kara sentiu o aço perfurar seu abdômen. Ariel levou a mão trêmula à face. Martan e Bruce pareciam petrificados. Ela gemeu

baixinho, mas todos puderam ouvir. Inclusive o rei, que sentiu todos os pelos de seu corpo se arrepiarem. Togo podia ver o desespero do rei e se preparou para agir caso ele pedisse. Dois Pacificadores estavam a postos para interromper a luta – ele podia, era o rei.

Aderico a olhava nos olhos. Afinal, ao cravar a espada em seu ventre, segurou-a nos braços de modo sensual. Ele viu sua face bela e sorriu vitorioso, pretendia descer o capuz e revelar a todos quem era a misteriosa vampira enquanto a matava. Por um momento, aquele ferimento lhe trouxe lembranças. Foi muito rápido, mas o suficiente para chocá-la e fazê-la agir. Kara ainda segurava ao lado do corpo a espada, que ergueu e cravou em seu flanco, abrindo parte do peito de Aderico. Ele recuou, tocando a ferida de mãos nuas, a boca cheia de sangue. Kara puxou a espada de Aderico do próprio ventre com força. Então cruzou as duas lâminas, imitando um corte de tesoura para decapitá-lo.

Aderico caiu morto, e a luz o consumiu no último minuto. Todos pareciam hipnotizados e só gritaram quando o sino tocou, finalizando o combate. Kara viu a luz ultravioleta sumir e jogou a espada de Aderico ao chão. Tocou o ventre, que cicatrizava, e o som das línguas e gritos fez a vampira erguer a vista e fixar a plateia à sua volta.

Kara havia conseguido, era a campeã do rei. Ela estava um tanto cansada, mas muito bem. Martan foi o primeiro a chegar e ficar ao seu lado. Afinal, ele era seu padrinho. Não a abraçou como desejava, pois precisavam manter o protocolo. Kara sabia disso e se comportou como a campeã que agora era.

O rei e os membros dos Poderes desceram do camarote e se reuniram próximo à mesa com os prêmios que a aguardavam. O rei a olhava com admiração e orgulho, mais uma vez a vampira mostrara seu poder e sua força.

– Diante de nós está o melhor de nosso sangue. Venceu o mais preparado, atento e inteligente, provando que não é tempo de vida nem maior envergadura o que garante a vitória. Vence o mais sábio e paciente. Resta saber quem ganhou.

Dizendo isso, Ariel se aproximou de Kara, que ficou imóvel. Ele abriu a capa, fazendo-a escorregar por seus ombros para cair no chão, revelando a vampira aos olhos de todos. Novamente, houve estalar de línguas, o que enciumou o rei. A vampira conquistou vários admiradores com sua vitória e beleza. Os Poderes não a rejeitaram, nem poderiam. Ela vencera por seu próprio mérito, mesmo não tendo idade. Romano leu alguns de seus deveres e mostrou seus presentes: o ouro e a prata já lhe pertenciam, podia dispor deles.

Os vampiros a receberam com respeito em seu meio. E passaram a lhe dar presentes como mandava o protocolo, eles pareciam felizes em realizar o ritual.

Isadora foi a primeira a presenteá-la com uma caixa de veludo: dentro, um lindo colar de diamantes. Thiago deu-lhe um saco de veludo cheio moedas de ouro espanholas, enquanto a olhava com ar de mistério. Misha trouxe consigo uma espada russa muito antiga e valiosa. Valdés sorria ao ver que sua favorita havia vencido o torneio. Trouxe consigo uma caixa de prata pura, somente ela valeria uma pequena fortuna e, dentro, dois lindos brincos de ouro, certamente um dos tesouros que herdados de seu povo.

– É uma grande honra estar diante de todos vocês.

– O prazer é nosso. Você é a promessa de que nosso sangue não se perderá. Que ainda existem jovens vampiros fortes o suficiente para nos representar – disse Isadora, percebendo por que o rei sofria ao vê-la lutar.

Kara viu Martan ser cumprimentado, afinal ele a treinara. E chegou, mesmo, a receber um favor do rei. A vampira fitou com frieza o criado trazer a bandeja e o punhal. O rei ia exigir os laços de sangue. Ariel percebeu que ela não gostou, mas não se deteve.

O que haveria ali era uma união, uma espécie de compromisso. Kara, no entanto, desconhecia que, caso houvesse concordância entre as partes, eles poderiam ser amantes com permissão dos Poderes. Martan achou por bem não dizer isso a Kara, visto que ela demonstrou desde o princípio não suportar a pessoa do rei. O seu sacrifício era pelo amante adormecido e ninguém mais. Enquanto Jan

Kmam existisse, Ariel não teria a menor chance de possuir aquela vampira. Um laço de sangue que teria a duração de um ano e duas noites.

Ariel tinha o punhal, e Kara, o cálice. Ele cortou a carne e ela recolheu seu sangue por alguns segundos. Feito isso, ela o bebeu, provando de sua força e alma enquanto o olhava nos olhos. O rei viu seu sangue em maior quantidade tocar a vampira, e ela o ingeria vivo, direto de suas veias e com sua permissão, seu desejo e amor. Suas pupilas dilataram, Kara pôde sentir o coração acelerar, ouviu sussurros, eram as Mais Velhas tomando conhecimento de sua presença na vida do rei. Kara lhe entregou o cálice e recebeu o punhal das mãos de Ariel, então cortou o pulso para que ele recolhesse seu sangue. Quando o cálice estava pronto, ele sorveu seu conteúdo, olhando-a nos olhos: bebia com prazer, trazendo-a para mais perto dele.

Ele se inclinou e cobriu seus lábios num beijo suave e ela teve de retribuir, era o protocolo. Caso fosse um vampiro, ele também o beijaria, já que o amor vampírico não tinha sexo, só aquele que cada vampiro elegia como seu. Estava feito. Por um ano e dois dias, eles poderiam dividir pensamentos, alguns poderes, dores, alegrias e prazeres.

Capítulo 18 - Nem Tudo São Rosas

Kara despertou na noite seguinte ao torneio e vagou pela casa silenciosa. Estava descalça, vestida em seu roupão de seda. Uma sensação estranha a rondava, talvez fosse somente um pressentimento. Foi direto para a sacada. Estava melancólica e preocupada. Ficou imaginando como diria a Jan Kmam que se tornara a campeã do rei. Permaneciam em Paris, ela não poderia retornar à Espanha com Bruce e Martan. Estava, a partir de então, sob as ordens do rei.

Dar a notícia antes não a preocupava tanto como agora. Kara não imaginou que o rei quisesse formalizar os laços. Ele poderia tê-la aceito sem o vínculo de sangue. No fundo, sabia que Ariel fez aquilo para reforçar os laços que já havia, afinal fora seu sangue que a trouxera à vida. Muitas perguntas passavam por sua cabeça. Aquele vínculo poderia ser sentido por Jan Kmam?

– Sim, ele poderia sentir o cheiro do sangue dele em seu corpo. E mesmo estando dentro do Jardim o sentirá pois compartilham a mesma energia.

Martan disse aquilo, surgindo às suas costas. Ele ficou ao seu lado e a olhou com atenção. Compreendia sua preocupação. Jan Kmam era um vampiro genioso e bastante ciumento pelo que podia lembrar. Lutaram juntos algumas vezes e dividiram algumas matanças. Tinha grandes qualidades, dentre elas a lealdade. Kara era realmente uma pérola rara, e ele tentava mantê-la protegida, distante do olhar do rei.

- Não sei bem o que direi a Jan Kmam.
- Diga a verdade. Você arriscou muito por ele.
- Estou com medo – confessou Kara, observando Martan ao seu lado.

– Não existe motivo para temer sua reação. Quando vai entender que, até ele voltar, você é livre?

– Em nosso mundo, não existe liberdade; só leis e regras, Martan.

– Compreendo, mas não diga isso em voz alta. Você agora é a campeã do rei.

Precisa manter as aparências. E, no mais, você fez isso por amor. De que ele pode reclamar? Foi um duelo incrível! Já lhe disse o quanto estou orgulhoso? – Martan comentou, sorrindo.

– Sim, e essa vitória é nossa. Tive um grande professor.

– O professor ajuda, mas o esforço do aluno é o que o faz vencer. Está pronta para partir?

– Sim, não tenho muito que arrumar na mala. É inevitável agora; todavia, é o primeiro passo para o despertar de Jan Kmam. Isso me dá coragem e força para suportar o que virá – concluiu Kara.

– Ariel saberá manter-se distante e, quanto a você, tente não o enfrentar. O jogo agora mudou de fase, vamos ver como consegue se sair em um nível mais alto. Tem dois dias para arrumar suas coisas e ir para o *Château*. Não o deixe esperando. Vai ao Jardim?

– Sim, não o vejo há mais de um mês. Tive receio de que descobrisse minha intenção de lutar no torneio e me impedisse.

– Ele jamais permitiria. Devo avisá-la: com os laços de sangue, Ariel pode descobrir facilmente que foi ao Jardim. Não sei bem qual poderia ser sua reação diante disso, acautele-se – alertou Martan, tocando seu queixo carinhosamente. – Boa sorte, Kara, e lembre-se: você cresceu naquele torneio, não volte para o ponto de onde saiu. Ninguém lhe deu o título, você o conquistou sozinha.

Martan tocou seu ombro e a vampira o abraçou. Ele retribuiu um tanto sem jeito. Havia séculos que não recebia carinho de uma mulher, ainda mais de uma vampira. Kara o amolecia há vários meses com seus sorrisos e brincadeiras, o

modo por vezes cômico de resolver seus impasses. Retribuiu e a deixou com seus pensamentos.

A vampira tomou um banho longo e se arrumou com esmero. Quando se sentiu pronta, fechou a janela, deitou na cama e, ao som da caixinha de música, atravessou o Jardim em busca de Jan Kmam. A estufa estava vazia, mas, como de costume, cheia de rosas e flores. As cores pareciam tão vivas e reais... Perguntava-se como ele conseguia sustentar tudo à sua volta. Kara estava tocando as rosas quando Jan Kmam apareceu às suas costas. Ela correu e o abraçou calorosamente, escondendo o rosto em seu peito, sentindo seu perfume. Por fim, cobriu seus lábios num beijo apaixonado, morno. A resposta não veio; Jan Kmam não a abraçou como de costume, não retribuiu o beijo. Kara se afastou um pouco, estava confusa e manteve as mãos sobre seus ombros. Dentro de sua retina azul só havia aborrecimento.

– Chamei você. Por que não veio? – cobrou aborrecido.

– Estava treinando com Martan e Bruce, eles me ensinaram a lutar com o toque.

Kara fitava a face do vampiro, mas a expressão continuava impregnada de seriedade e mau humor. Afastou-se dele pois ele sequer a tocou.

– Jan, eu preciso lhe contar algo. É uma notícia maravilhosa, acho que vai gostar – começou Kara, tentando contornar a situação.

– Vai me dizer o óbvio? Que se tornou a campeã do rei? É isso? – perguntou com a voz impregnada de asco.

– Jan, deixe-me explicar. – começou com amabilidade.

– Não há explicação para o que fez. – explodiu Jan Kmam.

Um mês de solidão e os laços de sangue com o rei fizeram a tolerância de Jan Kmam tornar-se zero. Mataram sua paciência as falhas de Kara. A calma aparente não durou muito. Jan era a imagem de um vampiro contrariado, ferido.

– Posso e vou explicar o que fiz – insistiu amável, tentando manter a conversa e evitar uma discussão.

– Não perca tempo com explicações! – ele reclamou frio. – Principalmente quando Ariel a prendeu por laços de sangue! Posso sentir o cheiro dele em você, o poder do sangue do rei em suas veias.

O vampiro estava realmente apoquentado. Kara recuou e teve ímpetos de fugir, mas não o fez. Precisava ficar e esclarecer tudo. Mas preferiu manter a calma e não o enfrentar. Isso sempre se mostrou ser o pior.

– Jan, isso de nada vale.

– Achou que eu não sentiria os laços, Kara? Foi tola a esse ponto? – cobrou Jan, abatido demais para ver a verdade.

– Não havia outro modo, ele exigiu os laços de sangue. Lutei por nós dois. Daqui a um ano, você vai estar livre, e é isso o que verdadeiramente importa. Eu apenas acreditei que o rei não exigiria os laços de sangue.

– Como pôde ser tão tola? É claro que ele ia assegurar poderes sobre você.

– Não vejo motivo.

A vampira se fez de desentendida, era preciso para manter Jan Kmam em segurança. Negaria até a morte se fosse necessário. E o viu recuar e deslizar as mãos pelos cabelos. Lembrar-se-ia de sua amante mortal, das ameaças do rei? Sim, Bruce fizera muito mal em lhe revelar toda a verdade, mas era tarde demais: eles estavam jogando o mesmo jogo, só que em fases diferentes.

– Quantas vezes lhe disse que o rei não era de confiança, Kara? Quantas vezes pedi que o evitasse? E agora se tornou sua campeã! Maldito seja...! O que fez? – Jan Kmam expressava profundo aborrecimento com a situação.

– Nós nos amamos. Este é o laço mais forte que conheço. Acredite em mim, está tudo bem – argumentou Kara, tentando fazê-lo ver o lado bom. Fez menção de se aproximar e tocar seu rosto, mas ele a evitou.

– Como posso acreditar em você, ou em sua palavra quando a quebrou várias vezes? Pedi que não se envolvesse nos assuntos do mundo vampírico, que ficasse sob a tutela de Martan. Que se preservasse. Sua palavra de nada vale. Nada! – a voz de Jan estava ríspida.

– Fiz o que me pediu, estudei, desenvolvi meus poderes. Estou viva, eu venci, sou a campeã do rei. – redarguiu Kara.

– Não! Não fez! Você se tornou a guarda-costas do rei e a custa de sua vida – disse, segurando-a pelo braço com força, fazendo-a sentir sua irritação.

– Jan, eu trabalhei muito duro por essa vitória. Se me arrisquei, foi para libertar você – reagiu Kara, era preciso dizer o motivo.

– Tenho meu castigo como certo, jamais lhe pedi que fizesse isso. Eu criei este mundo, escolhi ficar aqui para aplacar a minha ausência e, de algum modo, lhe fazer companhia. Achei que bastasse. – disse amargo.

– Jamais precisaria pedir. Fiz porque o amo e preciso de você ao meu lado – desabafou Kara tentando fazê-lo o objetivo maior.

– Cansou de beijar um fantasma?

– Jan, tente entender. Daqui a um ano nós estaremos juntos. – Kara procurou mais uma vez acalmar os ânimos, mas ele estava irredutível.

– Você é muito tola, Kara. Nunca vai crescer, jamais vai perceber em que mundo está vivendo.

Jan Kmam falava sem fazer o menor gesto de reconciliação. Kara estava à sua frente, e nada do que dizia parecia acalmar sua revolta. Seus motivos e desejos não eram suficientes para aplacar a raiva que ele sentia. Não admitiria que ela permanecesse no cargo, arriscando-se para proteger o rei durante um ano somente para tê-lo livre. Jan deslizou as mãos pelos cabelos e andou pela estufa de modo irrequieto.

– Vai abdicar, Kara. É o único jeito. Basta ir até o rei, quebrar a espada com a qual lutou no torneio e devolver seus presentes. Isso vai bastar para tirar você dessa situação. Fale com Martan, ele saberá como desfazer a confusão em que a colocou. Tenho ímpetos de matá-lo! Com que direito ele ousou tanto? – Jan falava sozinho.

– Não o culpe pelas minhas decisões. Martan me ensinou sobre coisas que você sempre me escondeu. – começou ela decidida. – Não o acuse por tentar ser um bom mestre e me tirar da redoma de vidro que colocou à minha volta. – reclamou Kara, vendo-o acusar um inocente.

Jan Kmam a olhou, afrontado. Sua insolência ele conhecia, mas, dessa vez, ela estava certa, e isso o irritou profundamente. Ele a mantinha isolada e obtusa para protegê-la de seu mundo. Agora, longe do seu controle, via que estava cada vez mais independente. Temia, acima de tudo, perder o controle e seu amor. Como podia lutar contra o passado? Não havia modos ou meios, ele só podia tentar preservá-la, mas ela estava tornando isso impossível. Ela se aproximara novamente do rei. E se o que Bruce lhe disse fosse verdade? E se ela realmente houvesse vivido ao lado quando ele estava adormecido? Isso o estava consumindo lentamente,

– Pode e vai, Kara. Eu não estou pedindo; é uma ordem. Ainda sou seu mestre. – ele foi incisivo. Os olhos azuis estavam escuros e frios.

– Não vai me obrigar a fazer isso. É completamente ridículo, eu venci. Tenho o direito de ser a campeã. Mesmo o amando, não posso ceder à sua vontade.

– Por que quer tanto este título?

– Eu já lhe disse... Tudo o que desejo é libertá-lo desse mundo de espectros.

– Diga-me, Kara. Você veio por conta própria ou teve que pedir permissão ao rei?

– Eu lutei contra tudo e contra todos para conseguir um favor do rei dignamente. Sei que ele me deseja, mas jamais cederei – revelou, cansada daquele jogo de gato e rato. – Eu poderia ter pedido o que quisesse a Ariel, e ele me

concederia com muito prazer, mas, é claro, iria querer algo em troca, não é mesmo?

Jan ergueu a mão. Ia esbofeteá-la, mas Kara o deteve num empurrão.

– Não, mesmo! Consegui o direito de libertá-lo por meus méritos. E é assim que me agradece? Críticas e violência?

Jan Kmam descontou sua raiva contra a estufa e quebrou alguns vasos, tentando controlar sua ira. Kara sentiu as lágrimas invadirem seus olhos e, quando ele se voltou em sua direção, ela quase recuou. O vampiro estava diante dela furioso, enciumado.

– Vá embora!

Os olhos estavam dilatados, os caninos à mostra, parecia um demônio.

– Por que não me escuta? – soluçou Kara.

– Você agiu como uma completa irresponsável. É a sua vida imortal. Faço de tudo para mantê-la viva e você tenta se matar!

– Fiz por você... – gemeu aflita.

– Nada é mais importante que sua vida, não vou perder você novamente, mesmo que isso lhe custe algumas lágrimas, que me odeie. Vá embora, Kara! Só volte aqui quando houver abdicado.

– Você não pode estar falando sério – disse Kara, surpresa e magoada.

– Ouviu-me bem? Só volte quando abdicar do cargo!

– Por que está sendo tão injusto?

Kara cobrou, fazendo com que se voltasse. Ela enfrentou o vampiro e recuou, percebendo sua dor e a face mudada. Uma face que jamais havia visto, o belo rosto ainda estava lá; entretanto, parecia marmóreo. Os caninos prontos a dilacerar, os olhos azuis pareciam negros de tão escuros.

– Em breve, você receberá ordens e as terá de cumprir. Vai ter de arriscar sua vida, matar vampiros em nome do rei, se ele assim o desejar. Você se tornou sua matadora particular – murmurou Jan, infeliz. – Se Ariel quiser, ele pode até mesmo possuir você, porque, quando deu a ele seu sangue, permitiu que ele tivesse também sua carne.

Kara estava chocada demais para reagir agora, não podia crer no que acabara de ouvir. Não podia ser verdade. Jan Kmam viu sua surpresa e a percebeu realmente enganada. Por amor a ele, ela fora longe demais.

– Nem mesmo será traição, visto que você consentiu.

– Meu fracasso é tão grande que sequer consigo inspirar confiança em você? Jamais conseguirei fazê-lo sentir orgulho, não é mesmo? Pode não acreditar em mim, porque não tenho idade, não sou capaz de nada; no entanto, quando decidi lutar, sabia dos riscos. Assumi todos, e eles me pareceram bem pequenos, comparados ao prazer de ter você de volta em minha vida.

A voz dela falhou, tamanha a tristeza que sentia. O coração doía, batia aflito. E suas emoções influenciaram o ambiente a grande roseira. As rosas começaram a soltar pétalas. E Kara continuou:

– Só não estava preparada para sua reação. Acreditei, inocentemente, que estaria tão ansioso quanto eu mesma para que este ano passasse depressa e ficássemos juntos. – Kara soluçou e viu as rosas murchando à volta deles.

– Séculos atrás, houve um campeão. Ele se chamava Fabian. Durante uma missão para o rei, ele se recusou a matar uma vampira, e o rei o acusou de traição. Ele foi sentenciado duramente. Defender o rei é uma tarefa difícil e, às vezes, impossível. Abdique.

–Foi Ariel?

– Não, o rei antes dele. Mas não o acredite diferente de seus antecessores.

– Não posso e não vou desistir. Lutei por três dias, enfrentei meu medo, minhas falhas e venci um vampiro de 900 anos. Não sou uma criatura desprotegida

nem tampouco a vampira volúvel que me julga. – falou rouca de tristeza.

– Tudo mudou, Kara. E você está mudando tão depressa que quase não a reconheço mais. Você só tem 6 anos de vida imortal e age como se tivesse 100.

– O que teme, afinal? Que não precise mais de sua proteção? Que que deixe de crescer? – ela esperou e a resposta não veio. – A resposta é não. Eu não vou abdicar.

Vendo a tristeza e mago no olhar do vampiro que amava ela voltou a falar brandamente ainda tentando acalmar seu ânimo.

– Acredite em mim, deixe-me passar por isso. Logo estaremos juntos de novo e tudo será como antes.

Kara tentou se aproximar, mas ele evitou seu toque mais uma vez e a viu soluçar; entretanto, não teve pena nem a abraçou. Ele nada demonstrou, frustrando e ferindo Kara.

– Parabéns, Kara. Você cresceu, não precisa mais de um mestre. É a campeã do rei. – ele fez uma reverência debochando dela. – Quando decidir voltar a ser minha amante e pupila, basta abdicar.

– Nada fiz de errado, não vou me culpar por vencer e conquistar o lugar de campeã do rei. Matei e venci por você! Isso de nada valeu? – cobrou Kara, ciente de que ele estava com medo de perdê-la.

– Jamais desejei que lutasse por mim. Já se arriscou o suficiente na Arena e repetiu o mesmo erro para se tornar campeã do rei! – rugiu sem pena.

– Acredita que vai me perder, é isso? O que me prende a você é o amor. Sempre foi o amor. Eu jamais o trairia. – Kara percebeu que ele nada mais falaria. – Sinto muito, Jan Kmam, mas não vou abdicar. Você vai ter de conviver com minhas escolhas também. – Kara falava com a voz presa na garganta, fitando o rosto contrariado de Jan.

Não tentou aproximar-se: teve medo de ser repudiada novamente. Jan Kmam não voltou atrás em sua decisão, estava irredutível. A seu ver, Kara precisava compreender que ele desejava a preservar sua vida. Ele a fitou pela última vez, então lhe deu as costas e sumiu.

Kara levou as duas mãos à face e soluçou, aflita. Não podia crer no que havia acontecido. Subitamente, sentiu-se vacilar, parecia sufocar. Algo a rodeava, uma estranha presença. Girou em torno de si mesma e viu as rosas murchando mais e mais. A grande roseira sumia e quando a tocou as pétalas era gotas de sangue. Quanto tempo ficara? Procurou a ampulheta e a viu vazia, seu tempo havia acabado. Tentou despertar e foi sacudida por um estranho tremor, sentiu frio e dor. Seus olhos ficaram negros, vazios. Kara caiu no chão, presa a uma espécie de transe. Jan Kmam sentiu sua agonia e voltou imediatamente, mas era tarde demais. Quando entrou na estufa, viu Kara caída no chão, sumindo. Tentou segurá-la, mas só tocou o solo vazio.

Capítulo 19 - Prece Para Aqueles Que Não Morrem

A vampira despertou na cama fatigada, o coração batia dolorosamente no peito. As lágrimas rolavam por sua face enquanto ela soluçava. Ficou de pé e foi para a janela, abrindo-a como se precisasse de ar. E ali ficou, segurava-se no parapeito.

Por um minuto se perguntou se não havia sido um pesadelo. Fitou a rua ainda ouvindo as queixas e críticas de Jan Kmam, que sempre dissera querer vê-la crescida e forte a ponto de se defender sozinha. Tudo dera errado. Sentia necessidade de se alimentar, então saiu do quarto e rumou até a sala, onde pegou sua espada. Era a campeã do rei, precisava ter cuidado. Bruce percebeu sua tristeza, mas nada comentou. Ela havia chorado mas, não queria chorar nos braços de Bruce. Pretendia fazer isso sozinha, e conhecia um bom lugar.

Andou por Paris pelos telhados, cruzando depressa com mortais. Tudo parecia ficar cada vez mais distante. Ocultou-se em um beco escuro e estreito, algo a seguia. Um Pacificador? Não, não havia uma presença definida, era somente um mortal. Mas como um mortal poderia segui-la? A presença sumiu, certamente compreendeu que a vampira o havia descoberto. Kara se alimentou rapidamente e, em questão de minutos, estava no *Quartier Latin*, onde as ruas eram familiares, os cafés, o cheiro. Observou o prédio e riu melancólica. Por um momento, teve a ilusão de subir e encontrar Jan lendo em sua poltrona, esperando-a como de costume.

Entrou pela passagem secreta no teto e, quando saltou, caiu suavemente dentro da sala. A vampira olhou em volta e se viu onde viveu os cinco melhores anos que sua imortalidade pôde lhe oferecer. O resto era somente um amontoado de noites escuras e amargas. Precisava desesperadamente voltar para um lugar que

conhecesse como lar. Estava desolada, a atitude de Jan Kmam tirou-lhe o chão. Sabia que ficaria aborrecido, mas jamais do modo como o viu.

Tudo estava mergulhando em escuridão e silêncio, a luz da lua entrava suavemente pelas grandes janelas e iluminava o piso sujo com delicadeza. Fitou a mesinha na entrada, o pratinho de prata onde colocavam as chaves, a correspondência, o espelho coberto por um lençol. Seguiu em frente e viu na sala ampla o piano, coberto como a maioria dos móveis. Sem resistir, sentou-se na banqueta e tocou as teclas sem produzir som algum, não queria alertar os vizinhos. Sentada ali, lembrou-se de momentos únicos. Viu-se desarrumando as caixas com suas coisas, arrumando quadros e móveis junto com ele, aprendendo a lutar, dançando junto com Jan Kmam. Havia risos, beijos e um amor que nada nem ninguém poderia destruir, nem o tempo. Um pingo tinto manchou a tecla branca. Kara se afastou do piano e deslizou a mão sobre o rosto, limpando as lágrimas. E, sem perceber, estava apoiada na poltrona onde Kmam costumava ler. Incontáveis vezes ela o puxou dali rumo ao quarto, risonha, para que se amassem. Em muitas ocasiões, jogava-se em seu colo e lá ficava até adormecer, forçando-o a carregá-la para a cama. Imagens que via diante de seus olhos como se fossem fantasmas.

Havia poeira em todos os lugares, e as janelas estavam sujas; seu antigo mundo parecia em ruínas, pensou, enquanto andava pela sala às escuras. Continuou vagando pelo apartamento como um fantasma. Deixou o quarto por último. Fitou a parede e, por um instante, quase pôde ver seu quadro. Mas a parede estava vazia, as telas permaneciam em poder do rei. Tocou o espelho da cama e a fitou com os olhos vagos. Havia sussurros, momentos de amor e prazer. A cama estava descoberta, o colchão à mostra. Tocou as portas do guarda-roupa e o abriu para encontrar algumas peças esquecidas. Dentre elas, uma camisa rasgada de Jan. Pegou-a e a levou ao rosto. O cheiro dele, de seu perfume, ainda estava na seda, esmaecido, mas era seu aroma que desaparecia como todo o resto. Parada ali, perguntou-se por que ele não conseguia perdoá-la. Ela conhecia sua traição, que fingiu ter esquecido para continuar. Jan Kmam não a desculpou por amá-lo com seu coração de vampira.

Caminhou pelo apartamento e, finalmente, sentou-se na poltrona. Lá, agarrada à camisa, chorou sem reservas. Observou os vasos de rosas vazios. Jan sempre comprava rosas para ela quando voltava da rua. Kara perguntava-se se havia tomado a decisão certa, acreditou que sim. Afinal, em um ano, ele estaria livre e poderia decidir se ficaria ao seu lado ou se a deixaria. Por enquanto, viveria em sua prisão sem muros. Temia por sua alma imortal, julgou ter encontrado uma solução que satisfizesse ambos. Ele se acalmaria e perceberia que poderia correr os riscos que assumira junto ao rei.

– Matando as saudades?

Ariel perguntou, aproximando-se silenciosamente. Era estranho que ele fosse o dono de tudo aquilo que conheceu como lar. Kara fitou-o, limpando a face, e se perguntou por que não o havia sentido, já que agora existiam laços mais fortes os unindo. Ele deveria controlá-los bem, ela também aprenderia como fazê-lo. O rei sentou-se no sofá e esperou manter um diálogo. Kara estava cansada, a discussão com Jan Kmam a deixara fatigada.

– Por que não? Em um ano, eu e Jan Kmam estaremos juntos novamente. – a vampira respondeu ativa.

– Não me parece muito feliz. Acreditei que me faria abrir seus pedidos imediatamente.

O rei tentava imaginar seus planos e estava bem distante da realidade. Certamente a ouvira chorando, devia tê-la observado.

– Li as regras, os deveres e saberei esperar para receber meus pedidos.

– Sabe que pode abdicar, não é mesmo?

– Isso não passa por minha cabeça, majestade. Dentro de um ano, Jan Kmam estará livre. Eu deixarei de servi-lo e voltarei para os braços de meu amante e mestre – disse Kara, erguendo a vista para fitá-lo na semiescuridão. Afinal, a única luz vinha da rua.

– Então realmente pretende ocupar o cargo e me proteger?

– Jurei fidelidade, estamos ligados por um ano e dois dias. Não voltarei atrás na palavra dada. Sou diferente dos reis que fazem promessas e as quebram em nome de seus desejos.

– Por um momento acreditei que desistiria.

– Está me perguntando somente para ter o prazer de me ouvir dizer? – perguntou Kara, lembrando-se de seus atos falhos.

– Sim. É pelo prazer de ouvi-la dizer. Esperei muito para tê-la sob meu poder. Compreenda, eu poderia ter lhe poupado o trabalho, o esforço. Bastava pedir, e eu realizaria seu menor desejo. – a lembrou suavemente.

– Sim... E depois me cobraria o favor. Você mente, sempre mentirá para mim... Por quê? – perguntou irritada.

– É o único modo que conheço de fazê-la ficar: mentiras. Mas eu lhe direi a verdade um dia, minha *Rose Blanche*.

Ariel admitiu e cruzou as pernas para observar o rosto nada animado da vampira. A viu estremecer levemente. Kara tinha as pernas dobradas, o corpo recostado na poltrona, que parecia envolvê-la como se fossem os braços de um amante. Ela recostou o rosto no encosto e suspirou. Estava linda como sempre, mas uma tristeza profunda a dominava. O veludo do corselet, as fitas negras em sua camisa atraíam o vampiro. A forma como o tecido fino cobria seus ombros, semelhante a uma capa de transparência e mistério... Se no lugar da calça justa usasse uma saia estaria diante de *Rose Blanch*. Sobre aquele belo e pálido colo repousaria perolas, rubis e diamantes dignos de sua beleza. Nos punhos, a renda fina ocultava as mãos pequenas. Bela e mortal. Ela tocava o anel em seu dedo. O rei lembrou a noite em que Jan a presenteou com ele, o modo que se beijaram apaixonadamente. O modo que ele a envolveu e a beijou.

– Ter sua companhia por um ano é bem mais do que desejei quando ficou sob minha tutela. Sabia que fugiria de mim por não me considerar seu rei.

Kara nada falou. Não era difícil prever suas ações, ela sempre deixou bem claro que o detestava. Só naquele momento Ariel percebeu que havia na vampira as emanções de outro plano. Jan Kmam estava no Jardim e o partilhava com Kara sem o conhecimento dos Poderes. Agora tinha certeza. Aquelas lágrimas lhe diziam muito. Então Jan Kmam não aprovara o gesto de independência e poder de sua pupila? Kara jamais admitiria, mas o rei não precisava de sua confissão. Nada diria, mas saberia como agir, precisava tomar algumas providências. No momento certo, iria lhe dizer a verdade. Vendo sua apatia, continuou falando.

– Sabe, Kara, eu não condeno o amor de vocês. Na verdade, admiro-o, como admiro o que fez por amor. Você é a pupila que todo mestre deseja ter. Bela, leal, forte e corajosa. Imagino que, se Jan pudesse saber, estaria muito feliz. Lutou por ele e venceu, conquistou um lugar privilegiado.

Ariel falou e ela o olhou de modo curioso. Certamente se perguntava se ele desconfiava de seus passeios pelo Jardim.

– Não seria inveja? – inquiriu Kara, arrumando-se na poltrona.

– Sim, eu o invejo por ter seu amor incondicional. O que fez no torneio é a prova de que daria sua vida por ele. Venceu com paixão e beleza. Conquistou muitos admiradores. Valdés não parou de elogiar suas habilidades, e não sou o único apaixonado agora – murmurou, ciente de que a irritava com suas pequenas demonstrações de afeto.

– Vou servi-lo, proteger sua vida como rei dos vampiros. Mas não me acredite incapaz de cortar sua cabeça, caso queira passar dos limites comigo.

Ariel gargalhou e se inclinou para frente, apoiando o cotovelo no braço da poltrona para ficar mais perto da vampira, e sussurrou cinicamente:

– Foi você quem se colocou à minha disposição.

– Conheço o limite dos meus deveres, majestade.

– Kara, saberei respeitá-la como minha campeã, nada acontecerá entre nós sem o seu consentimento e desejo. Entretanto, satisfiz algumas de suas vontades,

gostaria que pagasse sua dívida comigo.

A vampira ficou de pé e andou pela sala ampla. Ariel a observou por longos minutos. Ele veio como um beija-flor atrás de néctar. Durante o torneio, permitiu-lhe lutar, mas estabelecera um preço, um beijo.

– Haverá tempo, majestade. Teremos um ano – disse Kara, tentando fugir de sua obrigação e se encaminhando para a porta.

– Não, Kara. Quando formos para o *Château*, não será mais a escolhida de meu favorito, será a campeã e estará sob minhas ordens e a autoridade dos Poderes. Durante estes últimos dois dias, ainda está livre. Diante de você está o vampiro, não o rei. E, devo admitir, estou ansioso. – confessou de modo suave. – Quero que me pague agora. Quando quer, sabe ser escorregadia, já me deve um favor maior. Seja justa e pague o menor deles.

Dizendo isso, deu um passo à frente. O olhar de esmeralda caiu sobre o lindo tom de rosa dos lábios carnudos da vampira. Sem perceber, ela os mordeu inconscientemente, o que só o deixou mais agitado. Kara pensou em fugir, mas desistiu. Não era o melhor modo de lidar com o assunto. Entretanto, estava confusa e triste, só queria ficar sozinha. Ariel era um vampiro perigoso e não pretendia ficar sem defesas diante dele. Todavia, era o melhor momento: sua tristeza poderia fazê-lo se afastar definitivamente dela. Passaria ao seu coração todo o abatimento que sentia.

– Tudo bem, estou pronta.

Kara, finalmente, permitiu que Ariel se aproximasse. Ele quase acreditou estar sonhando; afinal, havia se acostumado às suas recusas, não sabia lidar com seu novo ânimo. Entretanto, não perderia a chance de tocá-la como desejava. Decidido, caminhou em direção à vampira, que permaneceu imóvel. Ela havia consentido, mas agia como uma boneca sem vida. Ele teria o corpo, não a alma – ela não o beijaria.

O rei reduziu a distância que havia entre eles a zero. Ariel agia como um menino diante de um brinquedo desejado. Kara só conseguia ver seus olhos verdes dominando-a. Ele ouviu seu coração, que se agitou – era medo. Ela arquejou, trêmula, e sentiu vontade de fugir. Lembranças invadiram sua mente. O modo como a atacou anos antes, quando fugiu de Jan Kmam, e, sem que percebesse, ficou à sua mercê. A carne ferida, a sensação de terror, ele sugando seu sangue como se ela fosse uma mortal indefesa. Precisava ser forte e fingir da melhor maneira possível. Ela fechou os olhos e respirou fundo. Por um instante, o rei simplesmente fitou com extremo interesse os lábios, a textura, os olhos escuros da vampira, que pareciam jogá-lo num abismo de desejo. As mãos dele a mantinham junto ao seu corpo forte. Queria tê-la um pouco sua, sem que estivessem em luta aberta. Sentiu seu receio e afrouxou um pouco o abraço. Kara abriu os olhos e os manteve distantes, longe, não o encarava. Mas podia sentir suas formas, as pernas junto às suas, o peito forte esmagando-a. O modo como as mãos dele envolviam seu corpo, numa carícia lenta que subia da cintura para suas costas. O olhar verde sumiu debaixo de suas pálpebras, e ele a envolveu em seus braços de modo apaixonado. Dentro da mente de Kara só havia uma frase: “isso não está certo”. A pele estava arrepiada e quando segurou seus braços sentiu uma estranha eletricidade os envolver.

Minutos antes, Bruce viu Kara entrar no seu antigo prédio. O rei estava dois passos atrás dela, observando-a como sempre. Ele resolveu se afastar; estava cansado de avisá-lo para ficar longe. Kara, agora mais forte e com seu sangue nas veias, poderia sentir sua presença, bastava que se concentrasse. Ali parado, Bruce imaginou o óbvio: ele iria cobrar o favor. Não queria estar perto, ela precisava aprender uma difícil lição: lidar com o amor de um rei.

O vampiro estava parado no alto de um prédio, e o vento sacudia seu casaco, os cachos claros, enquanto seu olhar vagava pelas ruas abaixo de seus pés. Por um instante, lembrou-se de noites perdidas dentro do esquecimento.

Rose Blanche fora a escolhida do rei para enfeitar sua coroa. Ele chegou mesmo a mandar preparar o documento no qual a declararia sua concubina oficial.

Viu o salão cheio de comensais, havia seda e todo o luxo que ele podia comprar em Veneza. A música veio aos seus ouvidos, e Bruce viu Rose dançando com o rei, seus olhares apaixonados, a expressão de censura de Romano e Thiago, os poucos vampiros que testemunharam aquele amor fadado a morrer. A vampira lhes parecia estranha e magnífica. Naqueles dias, não imaginavam que ela era a reencarnação da amada do favorito do rei. Romano teve o prazer de contemplar o que somente os imortais testemunharam: a vida levando e trazendo almas. Kara era a cópia da antiga amante do rei. Mas, ao ver sua ligação com Jan Kmam, tudo fez sentido. O modo como o rei a escondia em Veneza, o afastamento até mesmo de Togo. Um segredo bem guardado por seu melhor amigo, Lorde Bruce.

Ariel viveu noites felizes e conduzia o reino de modo equilibrado e justo. Rose não era uma doença como Norine foi. Ela era o amor que sempre buscara; o único problema é que ela era a alma reencarnada da amante de seu favorito. Ariel estava vivendo uma ilusão perigosa. Houve amor e alegria, mas também houve dor e morte.

Cansado de ver o passado se repetir, Bruce dirigiu seus passos para o sentido contrário. Minutos depois, percebeu-se sendo seguido. A presença não era a de um imortal nem tampouco de um lobisomem; era apenas uma mestiça, uma meio-loba. Entretanto, havia um pouco mais que isso: lobisomens, quatro deles. Precisava se abrigar, pois não teria como lutar contra todos. *Notre-Dame* era a melhor opção naquele momento. Pôde sentir que eles o cercavam e, em pouco tempo, já eram seis. Uma armadilha! Estava debaixo da *Ponte Saint-Michel* quando foi assaltado pela presença de Joyce. Ela pulou à sua frente e ficou sob a mira de sua espada.

– Bruce, Lorde Bruce, não é mesmo?

– Não sei quem é, jovem mestiça, mas é melhor que parta ou comece a lutar. Estamos cercados, e eles não parecem amistosos.

– Sou Joyce, filha de Alan, antigo líder da Ordem de Hermes, venha comigo. Samael pretende matá-lo. Em solo sagrado, teremos alguma chance.

A jovem avisou tarde demais, Samael apareceu diante deles. Saltou de cima da ponte e caiu de cócoras. Quando se levantou, sorria de forma maligna para Bruce, que colocou a jovem atrás de si, provocando o deboche do lobisomem.

– Sempre um cavalheiro, não é mesmo?

– Sim, sempre. Sou um Lorde. O que mais poderia esperar de mim? – Bruce afirmou, fazendo uma mesura. Parecia brincar, observando-se cercado.

– Está linda jovem me dizia que pretende me matar. Talvez ela não saiba que é assim que as grandes paixões terminam, em morte.

– Quando Mênon terminar com ela, eu mesmo cortarei sua língua. Sabe, nunca matei uma mestiça antes. Temos uma dívida, não é mesmo, cadelinha? – Samael revelou sem medo o nome de seu cúmplice e provocou Joyce.

– Bastardo!

– Eu sou um lobisomem, Joyce. Você é algo bem pior, uma maldita mestiça. Sua mãe desceu muito baixo, envolvendo-se com um mortal. Um ladrão de tumbas – murmurou Samael, rindo cruelmente.

Joyce quis avançar empunhando sua espada, mas Bruce a deteve. A troca de olhares foi bastante feroz. Estava diante do assassino de seu pai e tudo o que desejava era cortá-lo em pedaços. O lobisomem, no entanto, só queria provocar uma reação e conseguiu. Detrás dele, surgiram dois lobisomens e três vampiros. Bruce não os reconheceu, mas eram traidores de sua própria espécie, desgarrados certamente.

– Samael, essa briga é nossa, deixe-a partir.

– Não me trate como um imbecil! Eu quero respostas.

Samael, exibindo suas garras, avançou rugindo. O limite era a ponta da espada de Bruce. Sua face se modificou, mas ele se conteve. Não iria se transformar, não agora. Ele queria respostas, estava ferido; durante todo o último ano, ele esperou que o amante voltasse. Bruce o usou e o abandonou. Samael viu o rei sair do

palacete, compreendeu toda a verdade. Ele o procurou em busca de informações, deixou-se possuir e o possuiu com um único intuito: descobrir seus planos. A verdade o magoou, Samael amava-o há séculos e sempre viveu à margem de sua vida. Ordinariamente buscou ser algo de nobre, mas mesmo sua espécie o repudiava, algo que só lhe trouxe mais uma forma de discriminação. Para ele, Bruce sempre seria um referencial de poder e beleza. Um Lorde, uma criatura aceita por sua espécie, jamais um desgarrado como ele. O próprio rei os recebera, séculos atrás, e não os discriminara. Com o tempo, Bruce revelou amar outro vampiro e afastou Samael de sua vida. Mas ele jamais ficou longe o suficiente.

– Quer ouvir a verdade? Finalmente! Eu espero por isso há bastante tempo.

– Fale, maldito. – Samael tinha lágrimas nos olhos escuros. A dor para ele era bem real.

– Procurei-o a pedido do rei, e, saiba, foi doloroso. Queria descobrir o que planejava com o pergaminho, quem eram seus cúmplices.

– Sua lealdade ao rei é assustadora. Mas por que não seria? Primeiro Jan, depois aquela maldita mortal e agora me usa! Achou que conseguiria me deter? É isso?

– Sim, você e seus cúmplices. – confirmou Bruce.

– Ninguém pode me deter. Vocês sequer conseguem me ver, me seguir. Nem mesmo os Caçadores. Eles não são páreo para essa belezinha aqui.

Samael desdenhou vitorioso e puxou das vestes a corrente onde pendia um amuleto em forma de coração traspassado por uma adaga em ouro.

– Por que se destruiu desse modo?

– Cansei de usar a coleira que o senhor dos lobos nos impõe, beber da Ânfora tornou-se insuportável. Por que tenho de dominar minha verdadeira natureza? Comer carne do gado quando posso caçar humanos?

– O mundo não é uma floresta onde possa caçar e matar impunemente. Os mortais não precisam saber quem somos nós. – ponderou Bruce.

– Nós somos mais fortes. Nós nos tornaremos os senhores, e eles, os servos. Os seus comparsas concordavam e pareciam apreciar cada uma de suas palavras de revolta sem pensar nos riscos. Quanto tempo duraria, quantos amaldiçoados gerariam? Samael precisava ser detido. E agora.

– Entregue-se, devolva as duas partes do pergaminho que roubou e morra com dignidade.

– Jamais! – gritou Samael.

Os olhos estavam dilatados; as mãos, estiradas ao lado de seu corpo. Ele sentia a força de sua ira dominar o homem e quase liberar a fera.

– Quando Íris se levantar do abismo negro onde sua espécie a lançou, eu estarei presente com meus iguais e nós, finalmente, teremos vez e voz dentro desse mundo. Não nos acredite em menor número, somos muitos e estamos dentro dos dois mundos, silenciosamente, esperando o melhor momento para aderir à nova ordem. Chega de reis e senhores. – Finalmente Samael revelava seus planos. – Logo os mortais vão compreender que somos deuses, e eles, alimento para nossa fome de carne e sangue. Infelizmente, você não estará vivo para ver que, finalmente, eu triunfarei.

Bruce podia ver os lobisomens à sua volta, Joyce tremia de medo, mas mantinha a espada à frente, pronta para lutar. Parecia ter algum conhecimento e, com sorte, conseguiria se manter viva até que a ajuda chegasse. Teria de fazer o seu melhor.

– Matem-no, deixem somente a mestiça viva.

À sua ordem, Bruce foi atacado. Havia som de garras se chocando contra o aço da espada e rugidos raivosos debaixo da ponte, mas eles eram engolidos pelo barulho da cidade. Joyce afastou os lobisomens a fio de espada e mostrou força e confiança. Feriu dois deles e continuou lutando ao lado de Bruce, mas eles não a

atingiam, apenas tentavam capturá-la. Cansados de suas estocadas e desvios, tomaram a espada de suas mãos. Indefesa, Joyce foi empurrada por Bruce contra a parede.

– Fique atrás de mim!

Joyce recuou, encostou-se junto à parede e, sem alternativa, viu Bruce lutar ferozmente. Cortava braços e pernas, manchando a parede e o chão com o sangue dos lobisomens. Ela virou o rosto e tentou não ver a carnificina. Samael o viu lutar com admiração e revolta. Quando ele terminou com os dois primeiros lobisomens e um vampiro, ele resolveu enfrentá-lo pessoalmente. Mandou que seus iguais se afastassem e avançou de espada em punho. Lutariam como imortais.

– Por um momento, acreditei que não teria coragem para me enfrentar.

Claro, você jamais conseguiu me vencer. – Bruce afirmou satisfeito.

– As coisas mudaram, e você vai perceber bem depressa.

Dizendo isso, Samael avançou sobre Bruce, que o recebeu satisfeito. Entre golpes e saltos, o vampiro lutava, defendendo a própria vida. Incitado demais para se conter, Samael usou as garras para rasgar o casaco do antigo amante. Bruce o observou por um momento e sorriu gaiato.

– Estamos em público, contenha-se.

– Traidor.

A espada de Bruce continuou cortando e empurrando Samael para trás. Ele não conseguiria vencê-lo, nunca conseguiu ser um bom espadachim, era melhor como lobisomem. Tentava atingir o vampiro sem êxito e seu olhar dizia muito. Sem que percebesse, ele abriu a guarda e Bruce cravou a espada em seu peito num abraço mortal. Samael estava em seus braços e todos esperavam o desfecho final. Joyce permanecia paralisada junto à parede e percebeu a tensão entre os lobisomens e vampiros à sua volta.

Não muito longe, um vampiro encapuzado os observava, Joyce tentou ver sua face sem êxito. Parecia pronto para lutar caso Samael fosse morto – e seria logo; então, sinalizou algo para o grupo e esperou.

– Sempre vou amar você.

Samael murmurou e beijou Bruce numa despedida amarga. Bruce sentiu o gosto de seu sangue e recuou. Ia cortar sua cabeça quando foi atacado covardemente. Dois lobisomens caíram sobre seu corpo, enquanto sua carne era esfaqueada. Bruce lançou seus pensamentos para Kara e o rei. Joyce gritou aterrorizada, vendo o sangue do vampiro encher os lábios dos lobisomens.

Quando eles finalmente se afastaram, Samael se aproximou do corpo banhado em sangue. Bruce arquejava sufocando, os ferimentos eram muito profundos para que cicatrizassem.

– Não desejei que fosse desse modo. Queria você ao meu lado. – falou Samael, tocando sua face agonizante com carinho.

– Mate-o agora!

O vampiro encapuzado ordenou, cansado da fragilidade de Samael. Ele ergueu sua espada e fez menção de acabar com a agonia do vampiro, mas não tinha coragem.

– Para trás!

Joyce rugiu, apontando sua espada para a garganta de Samael. Imediatamente, ela foi contida e lutou ferozmente, chutando e gritando. Os lobisomens a colocaram diante do vampiro, que seguramente era o líder. Ele fechou as mãos firmes sobre o corpo de Joyce e, quando ela se contorceu, segurou-a pelo pescoço. Debater-se agora era somente dar ao estranho um motivo para quebrar seu pescoço. Joyce pôde ver seus caninos, os lábios sedosos. Ela empurrava suas mãos, mas o vampiro pretendia sondar sua mente, descobrir onde guardara os pedaços do pergaminho. Resolveu agir como uma loba que era: colocou as garras de fora e o atingiu. Em

resposta, ele apertou sua garganta. Estava prestes a perder os sentidos quando um uivo agudo cruzou a noite.

Era Iago! Joyce teve certeza de sua chegada: conhecia seu uivo. Ele e seus homens chegaram, cortando e matando com ferocidade. O vampiro a soltou no chão e desapareceu dentro da noite, levando consigo Samael, que não se importava com nada, só conseguia fitar o corpo ferido do amante.

Iago pretendia fazê-los em pedaços. Mas limitou-se a recolher Joyce do chão e a protegê-la junto à parede. Homens-lobos, vampiros e lobisomens lutavam com garras e espadas. Joyce se aproximou de Bruce e tocou sua mão, enquanto balbuciava:

– Conte tudo ao rei...

Kara virou o rosto e empurrou Ariel. Ele a deteve delicadamente, tentando fazê-la habituar-se a ele, pelo menos por aquele instante. Havia se alimentado e estava rosada, morna. Ele fitou os pequenos sinais sobre as maçãs do seu rosto. Por fim, aspirou seu perfume e roçou lentamente os lábios nos dela, numa clara provocação, mas adiando o beijo ao máximo. Fitou o decote: os ombros eram perfeitos, o colo liso e pálido, a pétala da rosa rubra da tatuagem atíçando-o, o veludo... Tudo a deixava bem mais pálida e bela. Inclinou a cabeça e a cheirou. O aroma que se desprendia de sua pele era o de uma rosa fresca, orvalhada. Kara esperava se contendo, mas, dentro de seu olhar negro, estava sua revolta. Ariel sabia estar prolongando, aproveitando-se ao máximo da situação. Mas o que importava era tê-la consciente em seus braços. Seu corpo ardia de desejo, estava excitado e Kara, ao perceber seu estado, empurrou-o novamente e com mais força.

– Acalme-se, ou lhe cobrarei juro – murmurou, brincalhão, observando seu rosto contrariado.

– Pediu-me um beijo, não para me tocar desse modo. Não abuse de seu poder de rei, tenho um mestre.

– Ele não pode ver, ouvir ou sentir o que faz enquanto está dormindo, Kara. – ele murmurou, tocando seu rosto com a ponta dos dedos frios. – Ele está dormindo, não é mesmo? – Além disso, eu sei que não gosta de chamá-lo de mestre, ou de sabê-lo seu dono.

Kara o fitou com ódio e se perguntou como ele sabia tanto, mas engoliu seu orgulho e tristeza. Precisava pagar sua dívida e manter seus segredos.

– Acabe logo com isso. Antes que eu vomite! – disse Kara, num murmúrio baixo e contido de ódio.

– Minha excitação a ofende? Por quê? – murmurou Ariel, fazendo-a enfrentar seu olhar magoado.

A proximidade com seu corpo acabava com seu controle. Seus sentidos reagiam às investidas do vampiro. Era incontrolável. O rei viu com admiração e prazer ela ruborizar. Ela tinha os lábios entreabertos, mentia para ele: Kara se sentia atraída por ele e a descoberta o enlouqueceu. A vampira o esmurrou furiosa. O olhar do rei a cobria, desejoso.

– Por que não se comporta como rei? Não vê que faz um papel ridículo?

– Um beijo não é somente o encontro dos lábios. É o encontro de dois corações – disse, vendo-a, aflita, segurar seus braços e o empurrar arrependida.

– Chega dessa palhaçada! Me solta! – reagiu Kara, tentando fugir.

– Não vou quebrar seu coração com mentiras, não vou sufocar você com meus beijos. Você está olhando para alguém que a conhece, alguém que já amou. Deixe-me amar você novamente.

– Eu não sei do que está falando... Apenas acabe logo com isso. – Kara reclamou aflita, o coração agitado, acreditando que poderia livrar-se de suas mãos, mas ele era mais forte.

Ariel não iria perder aquela oportunidade. Usando de força, manteve-a junto de si e cobriu seus lábios com um beijo longo e profundo. Ele a envolvia com muito carinho, prolongando o prazer, apertando-a junto a si de olhos fechados. Queria demonstrar toda a sua paixão, todo o seu amor. Ouvia seu coração batendo aflito, furioso, queria sentir os seios arfantes de encontro ao peito, mas o corselet impedia o contato. A delicadeza dos lábios era exatamente como imaginou, e quando ele os explorou provando, sentiu o sabor, delicadamente doce. Chegou, mesmo, a sentir o gosto do sangue recém-bebido por Kara. Sentiu a carícia selvagem das unhas da vampira sobre seus ombros. Não se importou, prendeu-a junto à parede mais próxima, mantendo o beijo. Kara se moveu e, por um momento, ele acreditou que ela fosse desfalecer em seus braços. Então a segurou. E quando a língua dele tocou a dela, ela retribuiu involuntariamente. Ele sugava, acariciava ouvindo sua respiração e suas mãos delicadas estavam sobre seus ombros fortes agora. E o rei gemeu, tamanho o prazer que sentiu com seu toque suave. O corpo todo clamando pelo dela. Contudo, o beijo não podia durar para sempre. Com muito pesar, afastou os lábios e encostou a testa na sua e aspirou seu perfume. Fitou o olhar negro da vampira. Nele, havia aborrecimento, arrependimento tardio, excitação e prazer. Ainda a segurava com firmeza quando tentou um segundo contato. Kara já esperava por isso e reagiu prontamente. Arranhou sua face e o viu recuar, sangrando e rindo como um moleque.

– Tente o quanto quiser, mas nada poderá arrancar de meu paladar o sabor de seus lábios, ou do meu corpo, seu calor e seu perfume. – Ele tocou o rosto sujo de sangue.

– Maldito! – xingou Kara, enlouquecida de ódio.

– Por um beijo seu eu teria libertado Jan Kmam. Imagine o que não lhe darei quando pagar sua dívida. – disse Ariel.

O rei, então, a viu tremer e apoiar-se na cadeira. Algo estava errado, ele também pôde sentir. Um forte sentimento assaltou ambos, o rei previu o pior:

– Bruce!

Kara pegou sua espada e saltou, alcançando a passagem secreta no teto. O telhado era o melhor caminho, tinha pouco tempo. Ariel a acompanhou e, em seguida, ambos estavam correndo pelos telhados. Bruce não os alertaria se não fosse muito sério, estava em perigo, provavelmente ferido. A vampira usava todos os seus sentidos para localizá-lo, mas subitamente o perdeu. Parou no alto de um dos prédios, e logo o rei estava ao seu lado. Kara vasculhava as imediações com os olhos atentos, com os sentidos. Ariel percebeu que ela já possuía sob seu domínio bem mais que cinco poderes.

– Pode senti-lo? – perguntou aflita.

– Está muito fraco agora, mas venha comigo. Acho que está perto de *Notre-Dame*. Vamos, sou mais rápido. – disse Ariel, saltando.

Ariel ficou às suas costas e a segurou pela cintura. A vampira segurou seu braço e correu junto com ele. Não era hora de discutir, Bruce estava sendo atacado por lobisomens. Ariel saltou, e Kara segurou seu ombro – sequer tocava o chão. O Sena apareceu e, agora, eles estavam mais próximos, ela podia ver ao longe a *Pont au Double* e, mais à frente, a movimentação debaixo da Ponte *Saint-Michel*. Ariel a soltou e ficou diante dela, num gesto protetor. Kara ergueu as sobrancelhas, censurando seu ato, e balançou-se de modo desgostoso. Podiam ouvir som de luta e rosnados vindo da *Île de la Cité*. Ariel os viu saltar, correr debaixo da ponte, vindo ao seu encontro.

– Afaste-se, Kara. Posso resolver isso sozinho.

– Não seja ridículo.

Kara lhe mostrou a espada em punho e sorriu, surpreendendo-o. Caminhou até as escadas. Era um bom lugar para esperar os agressores que, certamente, já os haviam visto. E, antes que Ariel dissesse mais alguma coisa, ela mostrou o lugar vago ao seu lado, convidando-o a lutar junto com ela.

A vampira sorriu quando ele aceitou e viu a sombra do lobisomem cruzar as paredes e os pilares da ponte sobre suas cabeças. A espada brilhou no ar e logo

havia um corpo no chão. Ariel cortou sua cabeça e eles esperaram o próximo adversário. E ele veio na figura de dois vampiros. O combate com espadas começou, Kara notou que mantinham as faces cobertas por máscaras negras. Eram traidores, eles queriam a quebra do Pacto. Quando mais um deles apareceu, o rei compreendeu que alguém os empurrava. Eles estavam matando os fugitivos. Havia gritos mortais, confusão e cheiro de sangue fresco no ar. Kara matou o vampiro e avançou sobre o que lutava com o rei, cortando sua perna. Ariel finalizou o serviço, decepando-lhe a cabeça. Kara ouviu disparos e saltou sobre os degraus, correndo em direção ao som. Mais lobisomens e, lutando com eles, homens armados com espadas e pistolas. Não eram vampiros, nem lobisomens.

– Homens-lobos, Kara. Estão do nosso lado – Ariel explicou, vendo-a confusa com sua natureza.

Eles defendiam alguém, no canto junto à parede. Uma jovem e um vampiro jaziam acuados, enquanto os homens-lobos à sua frente tentavam afastar os lobisomens. Kara reconheceu Bruce de imediato, ele estava caído e sangrando. A vampira, dessa vez, não esperou pelo rei. Saltou e, quando caiu, foi atrás dos lobisomens, traspassou um deles com sua espada e furou o segundo na face com sua adaga. Quando a cabeça do primeiro caiu, o segundo recuou. Então, ela ficou entre dois deles e os cortou ferozmente. Os rugidos viraram ganidos de dor. Os homens-lobos avançaram e a ela se aliaram.

Ariel a desconheceu – Kara parecia outra criatura. Numa mão, a espada; na outra, uma adaga longa. Ele correu em seu auxílio, temendo o pior, depois que ela perdeu a adaga numa patada. Mas que foi logo substituída por uma pistola lançada até a vampira por um jovem homem-lobo. Era Iago, o filho do senhor dos lobos. Kara recebeu a pistola e disparou, acertando a criatura na cabeça, que caiu morta.

Quando o último deles tombou, ela se aproximou de Bruce. Solto a espada e a pistola e o tomou nos braços, pouco se importando com o sangue, que sujava suas mãos e roupa. Ele a olhava com os olhos arregalados de dor. E tentou falar-lhe mentalmente, mas só conseguiu balbuciar:

- Samael. Ele vai libertar Íris. – Bruce arquejava, enfraquecido.
- Bruce? – Kara o chamou, aflita.

O vampiro estava banhado em sangue, o peito rasgado pelas garras e pelos dentes dos lobisomens; o braço, dilacerado. As roupas eram frangalhos, seu organismo lutava contra a infecção bravamente. Ele, por certo, já havia tomado da poção dos Caçadores, pois seu corpo não apodrecia. Mas a carne imortal não cicatrizava. Ela segurou sua mão, tocando seus cabelos completamente desesperada.

- O que fizeram com você? – disse Kara, beijando sua testa.

O rei não estava indiferente à agonia do velho amigo. Ele tinha nas mãos um frasco pequeno, contendo a poção criada pelos Caçadores. Kara e Ariel o ajudaram a sorvê-la, e ela se encheu de esperança. Bruce bebeu o líquido com dificuldade. Talvez fosse tarde demais.

- O coração foi ferido, ele está muito fraco.
- Ariel, por favor, não o deixe morrer – pediu Kara, em desespero.
- Bruce carece de sangue de seus próximos, precisamos de Martan...

Kara, sem esperar por permissão do rei, afastou o punho da camisa fina e cortou o pulso, dando-lhe seu sangue.

- O que está fazendo? – Ariel segurou seu pulso.
- Ele e Martan me deram de seu sangue, vou retribuir o favor.
- É muito jovem para um sacrifício como este.
- Você não pode me impedir. Apenas ajude Bruce a parar quando chegar o momento – murmurou, enfrentando-o com o olhar mudado pelo desespero.

Ariel tentou detê-la, mas ela o empurrou. Temendo uma cena, ele se afastou e, sem alternativas, viu-a se doar a Bruce. Compreendia seu desespero, era forte e suportaria, mas ela perderia muito de suas forças, poderia cair em hibernação e,

pior, mergulhar no passado e ver mais do que precisava. A vampira animou Bruce a beber de seu pulso. Finalmente, quando ele sugou, Kara sentiu sua força, ele a drenava. Ela viu com alegria o poder da cicatrização voltar ao seu organismo. Os cortes fechavam-se lentamente, parando o sangramento. Havia uma chance de sobrevivência. O coração batia forte e Kara estava com os olhos abertos, mas não podia ver Ariel andando agitado de um lado para outro – ela estava mergulhada numa visão.

Conversava com Bruce num salão cheio de vampiros, sacudia um leque negro, tinha o colo coberto de joias. Estava magnífica, mas sua face apresentava-se diferente, era como se fosse outra vampira. Viu-se dançando com Bruce e, logo depois, com o rei. Pareciam estar em um baile. As imagens passavam depressa e logo se percebeu com as roupas rasgadas, sujas, sendo chicoteada. A visão do sol queimando sua pele a fez gritar.

Ariel notou que ela via algo e conteve-se diante de Iago. Bruce parecia ligado a ela e bebia de olhos arregalados. Era somente um vampiro faminto e desesperado por mais sangue. Quando a ouviu chamar seu nome, separou-os de imediato. Bruce perdeu os sentidos. O choque fora grande para ambos.

– Bruce?

Kara chamou o vampiro e, por fim, sacudiu-o, temendo que a morte o levasse. Ariel tentava afastá-la do corpo de Bruce, o Pacificador já se aproximava para levá-lo consigo. O rei a conteve junto a si, mas ela o afastou, aborrecida, e falou em italiano:

- Non mi toccherai mai più. È un mostro.

A visão a atordoara e, como Ariel temia, trouxe o passado de volta às suas lembranças. Kara o empurrou e ele a deixou livre. Com passos trôpegos, ela ficou diante de Iago, enquanto Ariel a observava, receando que caísse ou se ferisse. Joyce, que observava tudo a dois passos de Iago, percebeu a inquietação do rei.

Pareceu reconhecer sua face: ele lhe lançara a pistola para que se defendesse dos lobisomens. Mas não era de hoje que o reconhecia. A vampira vacilou novamente, e ele a segurou, erguendo-a nos braços. Kara fitou seus olhos escuros, sentiu sua pele quente de encontro à sua tão fria. Ela dera muito de si para Bruce, não se preocupara consigo.

– Conheço você. Você vai me salvar – murmurou Kara em claro francês, enquanto tocava a face bonita de Iago sem vergonha alguma.

– Sempre que precisar, bela dama. Acalme-se, seu amigo vai se recuperar, acredite.

Iago murmurou, vendo as lágrimas mancharem a face pálida da vampira. E se percebeu admirando os lábios cheios, os cachos em desordem, os olhos tão negros como os seus. Com espanto, ouviu seu coração batendo lentamente: como um vampiro podia manter seu coração ainda vivo? Kara estava muito fraca. Seu gesto de desprendimento surpreendeu Iago, sem falar no modo como lutava. Era uma vampira excepcional... Como seria seu nome? Questionou, olhando o decote, o desenho que não conseguiu identificar como a rosa.

Kara não conseguia falar ou conciliar os pensamentos. Estava fraca demais. Três Pacificadores haviam aparecido e se apresentado diante do rei. Assim que sentiu o ataque, Ariel os chamara mentalmente e avisara Togo. Havia muito a ser feito, os corpos deveriam ser destruídos e os mortais que foram tocados pelos lobisomens, mortos imediatamente. Bruce foi movido sob o olhar atento de Kara, que estava prestes a perder os sentidos. A lassidão da fome a dominava.

Ariel notou o olhar desejoso de Iago e o ciúme evidente de Joyce, então resolveu se aproximar para tirar Kara de seus braços. Eles se encararam e Iago fingiu não notar o rei também enciumado. A vampira se agarrou a ele, envolveu-o com seus braços e, por um minuto, Ariel se encheu de alegria. Mas, quando Kara sussurrou o nome de Jan Kmam junto ao seu pescoço, ele morreu por dentro. O rei andou em direção ao Pacificador com o coração em pedaços: ela acreditava estar

nos braços de seu amante. Quando ele a passou aos cuidados do Pacificador, Kara já havia perdido os sentidos.

– Leve-a para Chantilly, e Lorde Bruce também. Avise Martan.

O filho do senhor dos lobos ainda fitava a vampira com admiração e interesse quando Ariel resolveu descobrir o que havia acontecido. Ao seu lado, a mestiça líder da Ordem de Hermes.

– Quem é a vampira?

– Minha campeã – revelou Ariel, com extremo prazer.

– Soube do torneio, mas como estava em missão não conhecia o ganhador. Ela é uma excelente esgrimista – elogiou Iago, fascinado.

– Como tudo isso começou? – Ariel mudou de assunto.

– Estávamos próximos de capturar Samael, quando Joyce descobriu que ele pretendia matar Lorde Bruce.

Ariel fitou a filha de Alan com impassibilidade. Já a conhecia de fotografias, os Pacificadores sempre que podiam vigiavam e fotografavam o líder da Ordem de Hermes. Lembrava-se dela ainda criança, adolescente e, finalmente, uma mulher. Eles eram uma pedra no sapato dos vampiros há bastante tempo. Jamais quiseram devolver ou vender o pergaminho que roubaram da tumba de Radamés. Após o assassinato de Alan, ficou claro que eles não podiam se defender sozinhos. A Ouroboros resolveu por bem passar o problema adiante, afinal a herdeira de Alan era meio-loba. Se ela fosse mortal, tudo teria sido bem mais fácil.

Naquele último ano, Joyce permaneceu somente três meses na Alcateia, foi tudo o que ela pôde suportar. O ambiente era bem diferente da vida mortal que estava acostumada a levar. Iago a cercou de cuidados e tentou ensiná-la a lidar com suas habilidades; também deixou suas intenções bastante claras: desejava-a como companheira. Apesar de ser mestiça, trazia em si os atributos para ser uma loba Alpha. A parceira que buscava estava diante de seu olhar, debaixo de seu teto. Joyce o rejeitou e destruiu as esperanças de Iago. Ela simplesmente fugiu dele e

passou a procurar Samael. Tudo o que desejava era vingar seu pai e restaurar a paz dentro da Ordem de Hermes.

Tudo o que sabia é que ela ficou alguns meses dentro da Ouroboros. Quando finalmente partiu, eles já haviam perdido o controle sobre os pedaços do pergaminho. Belizário estava furioso com Joyce, ela havia contrariado suas ordens e reunido os dois últimos pedaços do pergaminho. Ela colocou um plano quase suicida em andamento. Convenceu os dois últimos herdeiros a unir os pedaços restantes e entregá-los em suas mãos. Os pedaços estavam menos divididos que antes, dois deles estavam em poder de Samael e os outros dois, agora, em poder de Joyce.

O que realmente acalmava Ariel era que nem mesmo Joyce sabia do quinto pedaço do pergaminho. Samael estava numa busca que o levaria ao fracasso. Alan morreu sem revelar à sua filha que havia um quinto e último pedaço. Sem ele, era impossível finalizar a leitura. Darden e Ariel haviam sido avisados do acontecido pela Ouroboros, e Belizário estava bastante aborrecido com a jovem guardiã. Iago se comprometeu a achar Joyce e conseguiu. Restava saber quanto tempo a manteria sob seu controle.

Politicamente falando, os homens-lobos estavam diante de uma poderosa arma. Naquele momento, pensou em pressionar Darden pelos pedaços do pergaminho, mas desistiu, pois perderia o aliado e ganharia a inimizade de Iago. Mas o pergaminho não serviria a ninguém, a criatura na visão deixara isso bastante claro, ela estava do lado dos lobisomens. O caos era sua lei, e os mortais pereceriam diante de seu poder e das criaturas que ela libertaria. Joyce jamais revelaria o paradeiro do pergaminho. Ela, certamente, tinha planos para capturar Samael, a isca perfeita seria a quinta parte do pergaminho. Mas onde ele estaria? Ariel observou Joyce e se perguntou se ela não saberia. Afinal, Alan jamais deixou de estudar sobre o pergaminho, a tumba. O rei dos vampiros fitou a loba com atenção e notou o corpo atraente, os cabelos macios e negros, certamente deveriam ter o toque da seda. Sua presença não agredia os sentidos como a de um lobisomem, mas também não era a de uma mortal. Era como sentir Marie, a filha

de Collet. Ariel percebeu que ela se ressentiu da atenção que Iago havia dispensado a Kara – ficara com ciúmes.

– Como o descobriu, Joyce? Os Caçadores o têm caçado há mais de um ano sem sequer chegar perto. E você conseguiu...

– Venho seguindo seus rastros há bastante tempo. Não foi fácil, mas eles estão por toda a cidade. Há dois dias, localizei seu esconderijo em Paris. Uma tumba no cemitério de *Père-Lachaise*. Estava andando livremente pela cidade. Hoje, ele acreditou que conseguiria seu intuito e mostrou uma espécie de amuleto, que certamente vem impedindo que seja localizado pela Ouroboros.

Joyce falava sem medo, vendo os Pacificadores destruírem os corpos dos vampiros e lobisomens. Dois mortais foram imediatamente decapitados e seus restos levados em sacos negros.

– O que era exatamente? Pode descrever?

– Um coração traspassado por uma adaga, nada mais.

– Isso não faz nenhum sentido – revelou Ariel, observando-a.

– Eu o vigiei e ouvi parte de seus planos. Um deles era matar Bruce. Tentei falar com o vampiro nos últimos dias, mas foi impossível. Hoje, segui-o por algum tempo e percebi que ele vigiava a vampira que o ajudou há pouco, mas, quando sentiu os lobisomens se aproximarem, tomou outro rumo, *Notre-Dame*.

– Os lobisomens ainda temem solo sagrado. Só não sei por quanto tempo. O que me intriga é o motivo pelo qual está se arriscando, Joyce.

Ao ouvir seu nome, ela fitou o rei com interesse. Ele usava seu poder de atração sobre a jovem, mas Iago nada percebeu – uma onda de pensamento muito suave até mesmo para um lobo sentir. Ariel queria descobrir onde estava o pergaminho.

– Soube recentemente que uniu os dois últimos pedaços do pergaminho. Colocou-se em uma posição delicada, é a única que sabe onde eles estão agora. O

que viu aqui é a prova de que nada vai detê-los. Por muito pouco, não foi capturada. Passear ao anoitecer é privilégio dos fortes. A tortura é uma arma bastante eficaz, e você não me parece capaz de suportá-la – disse Ariel severo e malicioso.

O rei dos vampiros andava lentamente pelo piso sujo de sangue dos que ali morreram. Ele se abaixou e tocou uma das poças. Havia um odor conhecido, de uma erva antiga. Desconfiava que Bruce fizesse uso da mesma. Disfarçou sua descoberta e continuou avisando a loba.

– Acredita realmente que conseguiu segui-lo? Samael revelou seus planos e quase alcançou seu objetivo, matar seu ex-amante e capturá-la para obter as informações de que necessita. – Ariel não surpreendeu Joyce.

– Concordo, não resta dúvida de que foi uma armadilha – disse Iago, tentando convencer a jovem loba dos riscos que corria ao se expor longe de sua proteção.

– Em seu poder, está a segurança de duas espécies.

– O pergaminho permanece em segurança.

– E onde fica esse lugar, minha criança? – perguntou Ariel.

– Acredito quando Joyce afirma que os pergaminhos estão em segurança. Ela não permitirá que Samael os alcance. – Iago se pronunciou, tentando quebrar a tensão que os rodeava.

– Samael jamais vai tocá-los – disse Joyce com firmeza, enfrentando o olhar de sarcasmo do rei dos vampiros.

– É questão de tempo para Samael alcançar você e forçá-la a dizer onde os escondeu. Minha oferta está de pé há quatro séculos: entregue os pedaços do pergaminho.

– É uma oferta justa. Poderíamos dividi-lo e tanto vampiros como lobos o protegeriam – argumentou Iago.

– Concordo, Iago, e tenho certeza de que Darden também aceitaria a proposta.

– Meu pai morreu defendendo o pergaminho e me fez prometer que faria o mesmo. Não vou entregá-lo em suas mãos nem tampouco nas mãos dos homens-lobos. Conheço suas ofertas e ameaças, li suas cartas ao meu pai durante vários anos e aos meus ancestrais. Jamais lhe entregarei o pergaminho – disse Joyce, enfrentando Ariel em tom combativo.

– Espero que saiba lutar e ficar de boca fechada quando precisar, garota impertinente. Porque, se revelar o paradeiro do pergaminho a Samael, terá um mundo todo contra si.

Ariel estava colado a Joyce. Ela tremeu involuntariamente, e ele a soltou.

Cumprimentou Iago um tanto aborrecido e sumiu pela rua.

Capítulo 20 - Tudo A Seu Tempo

Joyce andava ao lado de Iago a contragosto. Na verdade, estava algemada a ele. Quando entrou no carro, ele a algemou à porta. Era o melhor modo de lidar com ela. Eles não se viam há quase quatro meses, o último encontro fora em Viena e havia sido bastante tenso. Ela seguia as pistas deixadas por Samael – pelo que pôde notar, ele tentava atrair aliados. Buscou a maior parte dos clãs de vampiros e lobisomens e, até mesmo, de homens-lobos. Muitos sequer o receberam, temendo implicações; afinal, conheciam Ariel Simon. Ele era um rei justo, mas bastante cruel com traidores. Alguns, os mais curiosos e até mesmo insatisfeitos, ouviram a proposta do lobisomem e riam das promessas de hegemonia. Mas, quando exibia as duas partes do pergaminho e mostrava seu poder, conseguia seguidores. Os poderes à volta de todas as criaturas imortais giravam em torno de uma máxima: cautela. O que Samael propunha era a revelação não de duas espécies, mas de todo e qualquer ser que vivesse oculto sob a capa da cegueira mortal. Ele revelaria o que vivia oculto nas sombras do ceticismo humano.

Iago tentou levá-la de volta para a Espanha, mas foi impossível convencê-la. Eles lutaram e, após destruírem o quarto do hotel, ela fugiu sem deixar rastros. Iago era um bom farejador, mas Joyce conhecia alguns truques passados a ela pelo pai. Um deles era enganar o nariz de um lobo.

Quando finalmente chegaram à casa de Iago, tudo o que Joyce queria era soltar-se. Ele tirou a algaema de seu pulso e a prendeu no corrimão da escadaria no hall de entrada. Ele sorriu de seu aborrecimento e se afastou, tirou o casaco e começou a falar ao celular na sala próxima. Quieta e muda, observava-o tomar decisões e dar ordens, enquanto andava de um lado para o outro. Ao resolver falar com seu pai, fechou a porta. Esqueceu Iago e fitou a mesinha próxima, depois

tentou alcançar um clipe. Com ele, conseguiria abrir a algema. Todavia, antes que conseguisse alcançá-lo, a porta se abriu, mas Iago não veio ao seu encontro. Permaneceu na sala ainda falando com alguém, dessa vez parecia conversar com Alexia. O clipe estava quase sob seus dedos, o braço doía, mas ela continuava se esticando. Puxava a toalha bordada, porém terminou por jogar tudo no chão, alertando Iago.

Ele apareceu na porta e fitou a bagunça sem nenhuma surpresa: era bem o estilo de Joyce. Desligou o celular sem pressa e começou a recolher os objetos do chão, inclusive o clipe.

– Era isso que queria?

– Será que pode me soltar, estou em má posição e meu braço esta doendo – reclamou, sem lhe dar ouvido.

– Poderia estar livre e ao meu lado, Joyce.

– Isso não tem nada a ver com nós dois. – Joyce começou a falar de modo distante, não queria começar a discutir.

– Tem e muito. O que fiz de tão errado?

– Agiu com um lobo, não como o homem em quem confiava – ela o acusou.

– O que você não aceita é que é tão loba quanto mulher. Se nós estivéssemos juntos, teríamos acabado com Samael. Mas não, você prefere reforçar a crença de todos, provando-se irresponsável e inconsequente.

– Admita de uma vez que sente vergonha de mim. Que sou somente mais uma mestiça!

Joyce o fitou com raiva e puxou o pulso furiosamente, tentando quebrar a algema, tinha força para isso. Mas não aquela algema.

– Não perca seu tempo, a liga da algema foi reforçada, não vai conseguir quebrá-la. – Iago segurou sua face com carinho e sussurrou: – Não tenho vergonha

de você. Sempre será parte humana e parte loba. Aprenda a lidar com isso e a culpa vai passar.

Joyce tinha os olhos dilatados, queria soltar-se e fugir para longe de Iago. A casa não lhe trazia boas lembranças. Iago sabia disso, mas não ia se melindrar com seus tolos escrúpulos. Abraçou-a para receber seus empurrões e socos, mas não se importou; em retribuição, acariciou-lhe os cabelos e os ombros. Ela ofegava. Quando fitou seu rosto, viu os olhos verdes dilatados e os caninos à mostra. Iago sorriu amável e beijou sua testa.

– Deixe a loba comandar – disse Iago.

Joyce escondeu a cabeça em seu ombro e soluçou.

– Às vezes, vejo sua face, escuto seus gritos, mas não consigo parar – disse Joyce muito baixo, a face coberta por lágrimas.

– Não ia conseguir se deter. A fome é muito grande e o lobo fala mais alto, apenas esqueça. Não acontecerá novamente, eu prometo.

Joyce se deixou vencer e chorou sua culpa agarrada a Iago por alguns minutos. Ele soltou a algema. Estava fraca, certamente não comia como uma loba há bastante tempo. Era preciso controlar a fome e a sede com carne e sangue animal ou sua natureza sairia do controle.

– Façamos um acordo. Vamos unir nossas forças e matar Samael e seus cúmplices. Afinal, você já deve ter um plano.

Sua paciência tinha limite. Joyce pensou a respeito e lembrou-se do vampiro misterioso que acompanhava Samael. O modo como tentou invadir sua mente. Fitou Iago e percebeu seu olhar intrigado.

– Perdi-o novamente – disse Joyce.

– De qualquer modo, agora eles estão mais fracos, vão se recolher. Hoje foi a última noite de lua cheia. Não percebeu? Como passou a primeira noite? – Iago a segurou pelos ombros e fitou seus olhos.

- Consegui um lugar seguro e me tranquei. Sei me virar sozinha.
 - Pare de se punir desse modo, age como se fosse um monstro. Bastava beber do sangue da Ânfora.
 - Não quero me submeter a isso – argumentou Joyce, secando o rosto com as costas da mão.
 - Por que teme sua própria natureza? Pare de fugir de si mesma.
 - Deixe-me em paz, Iago. Chega dessa baboseira. Quando a Lua fica cheia, eu sei o que acontece, o que sinto! A fome, a sede de sangue. Alexia me disse que muitos não conseguem voltar. Que se tornam lobos para sempre. Longe da Ânfora, sou metade humana; depois que dela beber, nada restará, tenho certeza.
 - Alexia fala demais. Quando tudo isso acabar, faremos o ritual juntos, está bem? – disse Iago segurando sua mão, ao mesmo tempo que tentava lhe passar confiança.
 - Você não pode beber da Ânfora? – perguntou Joyce, percebendo que era um oferecimento sincero.
 - Uma vez a cada cem anos eu posso. Agora chega, precisamos descansar e comer. Teremos uma boa chance de seguir os rastros agora. Podemos fazer isso juntos se quiser.
- Joyce fechou os olhos, era a segunda vez que ouvia alguém lhe propor tal coisa. Sem desejar lhe dar explicações, ela mudou o assunto.
- Samael está sofrendo com o que fez ao ex-amante, ficará descuidado.
 - O mais provável é que tente saber de seu estado. Talvez o procure para finalizar o que começou. – disse Iago, já arquitetando um plano.
 - Se ele sobreviver.
 - Sim, ele vai. O sangue da vampira e a poção dos Caçadores aumentarão suas chances de cura. Mande um de meus homens levar mais da poção. Temos de

nos manter unidos, só assim o Pacto sobreviverá. Além disso, Bruce provava do sangue de Samael, o que amplia sua resistência.

– Então foi por esse motivo que outros lobisomens o atacaram?

– Sim, Bruce se tornou imune à mordida de Samael.

– Iago, é verdade que o sangue de um lobisomem é um afrodisíaco?

– Sim, para um vampiro, o nosso sangue tem efeito afrodisíaco. Algo que faz seu corpo temporariamente reviver os prazeres sexuais que possuía enquanto mortal.

– Por quanto tempo?

– Não sou um especialista no assunto, mas, pelo que sei, o efeito pode variar de acordo com a periodicidade com que o sangue é ingerido.

– Então é por isso que a união entre lobos e vampiros é tão malvista?

– Dê-me sua mão – pediu Iago.

Joyce estendeu a mão e ele a colocou sobre seu peito. Ela sentiu seu calor e pôde ouvir seu coração batendo forte. Deslizou a língua sobre os lábios e percebeu que, de um modo estranho, o desejava. Iago notou, mas nada fez; sabia que, se o fizesse, ela partiria. O melhor era tentar conquistar novamente sua confiança.

– Nossos corações batem vivos e o nosso sangue é quente. Nós nos reproduzimos e nossas fêmeas dão à luz crianças, que crescem para se tornar parte desse mundo. Elas conhecem sua natureza e a assumem dentro de nossas leis. Evitamos caçar os mortais e nos alimentar de seu sangue e sua carne. – Iago falava, segurando a mão de Joyce entre as suas. – Os vampiros estão mortos, seus corações não batem, a menos que estejam se alimentando ou dentro de alguma emoção. Eles não geram vida, exceto por contaminação. São movidos por sua sede de sangue e desejo. Fortes, belos, cultos e selvagens, mas mortos. A única coisa que as duas espécies têm em comum é a imortalidade.

– Compreendo.

– Há mais uma coisa. Quando um vampiro bebe em demasiado o sangue de um lobo, ele pode provocar mudanças e loucura – Iago não entendeu o motivo das perguntas de Joyce, mas nada lhe escondeu. – Você vai ficar dessa vez?

Iago apertava delicadamente seus dedos, almejava ardentemente que ela o aceitasse de volta em sua vida. Passou a nutrir por ela um grande desejo e, por que não dizer, amor.

– Sim, vou. Mas é só isso, não espere nada mais.

Dizendo isso, ela soltou sua mão e subiu as escadas rumo ao seu quarto, não era a primeira vez que esteve naquela casa e o rejeitava.

Iago tentou seduzi-la várias vezes sem êxito, tudo o que tentou só a fazia repudiá-lo um pouco mais. Se o aceitasse como amante, teria de viver na Alcateia, gerar os tão sonhados herdeiros que Darden desejava. Deixar o comando da Ordem de Hermes. Os obstáculos eram muitos e lhe pareceram impossíveis de ser vencidos. Darden deu-lhe um conselho: quando a caça foge, o caçador deve observar seus rastros.

Quando fez um mês que vivia dentro da Alcateia, Iago notou as mudanças: logo Joyce se libertaria completamente. Conversou com Darden e ele o aconselhou a sair de lá com sua jovem pretendente, era mais seguro. Afinal, não sabiam como ela se comportaria.

Iago a levou para uma temporada em Paris. A casa daria a ela liberdade e segurança naquele momento tão delicado. O único problema é que ela não sabia o que estava por vir. Iago e Joyce fizeram alguns passeios juntos, foram ao teatro, ao cinema, até mesmo saíram para dançar. A jovem começou a confiar no homem. Em breve, a lua estaria cheia e a mestiça enfrentaria sua natureza. Estava em tempo, ela precisava comer carne crua e, quem sabe, beber um pouco de sangue animal. Até agora seu corpo não havia sentido necessidade, mas em breve a fome a dominaria.

Na verdade, ela achava tudo detestável, porém tentava compreender. As mudanças em seu organismo chegaram lentamente sem que ela percebesse, mas o

jovem lobo estava bastante atento. Joyce estava mais ativa, falava mais, até porque era muito quieta. Para conter sua energia, Iago sugeriu que eles treinassem juntos. Ela gostou da ideia. Enquanto se moviam, notou a jovem observando-o algumas vezes com bastante desejo. Entretanto, quando tentava se aproximar, ela fugia – estava com medo das sensações que a assaltavam ultimamente. Despertava no meio da noite sem sono e com muita sede. Numa dessas noites, desceu para beber água e encontrou Iago na cozinha, comendo um pedaço de fígado cru. Num cálice escuro, havia sangue de boi. Pela primeira vez, não sentiu nojo; na verdade, desejou provar. Sentou-se à mesa e o observou. Iago sabia o que se passava. Ela precisava se fortalecer, sua verdadeira força e sua natureza precisavam surgir. Mas, para isso, era necessário deixar a loba despontar plenamente.

– Vamos, prove um pedaço. Você vai gostar.

– Parece tão suculento.

– E é, prove – Iago cortou um pedaço e o levou em direção aos seus lábios. Joyce deslizou a língua sobre os lábios e abocanhou o pedaço de fígado.

Como imaginou, estava realmente suculento e lhe agradou muito. Iago comeu um pedaço e deu mais um a ela, que o aceitou risonha. Olhou o cálice e viu o líquido vermelho quase a convidando. Ele sorveu um gole e não lhe ofereceu; na verdade, ela havia dado um grande passo.

– Vai perceber que não precisa comer e beber sempre, mas é necessário ao nosso organismo, pelo menos uma semana de cada mês, ingerir um pouco de sangue e carne, compreende?

– Sim. Jamais desejei provar antes. Na verdade, comia mais legumes que carne, temos a crença de que ela nos faz envelhecer. E você é imortal.

– Nosso organismo jamais será o de um mortal. Nossa força vem daquilo que caçamos e comemos. Somos lobos, entende? A lua e nossos instintos nos governam. Agora, coma mais um pouco. Vai lhe fazer bem, se sentirá mais forte e ágil.

Joyce comeu e o observou sorver o sangue no cálice com prazer. Vendo seu desejo sufocado pelo medo de parecer um animal, Iago despejou o último gole de sangue sobre o pedaço de fígado que ela comia.

– Eu não posso... – confessou, enojada.

– Pode sim, basta provar, ande. É como comer pudim com calda de morango – disse, amável, piscando para ela.

Iago pegou um dos pedaços com os dedos e o sugou ávido; por fim, mastigou-o diante de seus olhos verdes e dilatados. Ela estava pronta, só os escrúpulos humanos a detinham. Mas ele ia fazê-la perdê-los um a um. Lambeu os dedos e pegou mais um pedaço. Dessa vez, levou-o até os lábios de Joyce. Ela provou da estranha iguaria com receio, mas aprovou o sabor e, sem saber ao certo como, puxou o prato e comeu tudo sob o olhar atento de Iago. Joyce era magnífica, os olhos verdes ficavam mais encantadores quando dilatados, a pele alva era um contraste sedutor com os cabelos negros e sedosos. Fitava os seios sob a camisola de seda, enquanto a jovem comia distraída.

Quando ela terminou, estava corada e viva; nos lábios, um pouco de sangue. Os lábios rosados, aliás, tornavam-se uma tentação para Iago, mas ele se conteve, levou o prato para a pia. Beijou-lhe a testa e saiu da cozinha. Um tanto confusa, Joyce seguiu para seu quarto e, estranhamente, dormiu muito bem. Aquilo foi só o começo.

Na noite seguinte, ela desceu e se serviu sozinha. O jovem lobo acompanhou o seu progresso com alegria, ela se libertava aos poucos. Faltavam somente dois dias para a lua cheia e Joyce não conseguia dormir. Via TV até tarde e, por fim, descia para a cozinha em busca de carne e sangue; afinal, sua fome aumentara consideravelmente e ela vencía seus medos e tabus, alimentando-se como uma loba.

Iago a vigiava bem de perto, esperando o momento certo para agir. E ele veio. Eram quase duas da manhã quando Joyce saltou pela janela. Iago entrou no quarto e a viu correr pelo jardim e, num pulo leve, digno de sua natureza, saltou o portão.

Ainda estava na forma humana, mas o que se tornaria? Iago pegou sua espada e a seguiu. Vestia somente sua camisola fina de seda cor de champanhe. Estava descalça e com os cabelos soltos. Viviam no bairro *Passy Eiffel* e, pela direção que ela tomou, parecia dirigir-se ao Bosque de Bolonha, que ocupava o lugar da antiga floresta de *Rouvray*. Lá se sentiria segura para mudar. Iago atravessou a rua e entrou no bosque. Observou as árvores com sua visão de lobo e pôde ver as emanções de calor que ela deixou por onde passou, assim como seus feromônios. Quando a perdeu de vista, usou a audição. Ouvia seus passos ligeiros, a respiração alterada, o coração agitado. Seguiu Joyce silenciosamente, não queria interromper um momento único em sua vida. Além disso, ela poderia ficar agressiva. Escondia-se dela no alto das árvores e pôde ver quando ela parou e, por um momento, fitou o céu. A lua grandiosa tocou-a numa carícia prateada. Seu corpo estava repleto de sensações e novos sentidos. Não se importava em estar descalça, ou com os pés sujos de terra. Joyce se conectava com o mundo à sua volta: deslizou as mãos pelo corpo e uivou para a lua, libertando-se da casca humana. O corpo banhado pela luz da lua mudou. Joyce se transformou numa loba cinzenta. Iago via tudo fascinado e feliz – ela havia conseguido. Corria pelo bosque em grande alegria, farejando, correndo entre as árvores. Mas algo alertou seu instinto de caçadora: ela devia estar faminta, e os passos e as vozes que ouviu a fizeram correr em sua direção.

– Hoje não, lobinha. É cedo ainda. – disse Iago.

E o herdeiro do senhor dos lobos correu atrás dela, mas não houve como impedir o que se seguiu. Foi muito rápido, a loba encontrou suas presas sobre um dos bancos do bosque. A mulher encontrava-se seminua e o homem, certamente seu cliente, estava com as calças abaixadas. Por um minuto, continuaram o que faziam, mas, ao ouvir o rugido do lobo, a prostituta gritou apavorada. Ela exibia os caninos e não hesitou: saltou sobre o banco e atacou a mulher, que ainda tentou empurrá-la, mas, a essa altura, sua garganta já havia sido dilacerada. O homem caiu no choque dos corpos e passou a rastejar pelo chão, enquanto tentava alcançar sua mochila. A arma apareceu em suas mãos trêmulas e o alvo era a cabeça da loba. Iago caiu sobre ele e o matou, quebrando-lhe o pescoço. A loba ouviu o som e

recuou do corpo que devorava. Ela fitou Iago e o reconheceu como um de sua espécie e se aproximou, segura, permitindo que ele a tocasse. Iago acariciou seu pelo sedoso, olhou dentro de seus olhos verdes e sorriu, encantado com sua beleza.

Ficou ao seu lado poucos minutos e se afastou. Sumiu dentro do bosque. Iago fitou os corpos e pegou seu celular. Chamou dois de seus homens, era preciso limpar a sujeira. A manhã não tardava a chegar. O jovem homem-lobo andou por entre as árvores e encontrou a loba deitada entre os arbustos, lambia as patas e parecia muito calma. Ela o fitou, seus olhares se encontraram, Iago viu o brilho prateado da lua envolvê-la. A loba sumia, dando lugar à mulher, a febre havia passado. Joyce reapareceu e estava encolhida na terra úmida, adormecida. A camisola estava rasgada e suja com o sangue de sua vítima; seus pés estavam feridos, mas logo cicatrizariam. Ela agora podia se regenerar mais rapidamente. Após sete luas cheias, a líder da Ordem de Hermes se tornaria imortal.

Iago a tomou nos braços carinhosamente e saiu do bosque. A lua ainda iluminava o céu, mas o apogeu havia passado. Enquanto caminhava para casa, sentiu as mãos delicadas de Joyce o envolvendo. Apertou-a junto ao peito e beijou seus cabelos úmidos do orvalho da noite, ela estava com frio. Quando entrou em casa, ela já estava acordada; então, subiu as escadas e, dentro do seu quarto, depositou-a no chão. Joyce estava confusa, olhava tudo à sua volta, era comum um pouco de desorientação.

Cuidadoso, Iago fechou a janela e tirou as cobertas da cama. Segurou-a pelos ombros e a levou para o leito, ela precisava dormir. Joyce tocou seu rosto bonito e pareceu, pela primeira vez, reconhecer os sentimentos que ele nutria por ela. A mestiça sorriu ao constatar o calor de seu corpo, sentia seu cheiro de homem, a atração de seu corpo pelo dela. A jovem o beijou, faminta. Iago retribuiu e, por um instante, tentou se afastar, mas ela não estava em si, a loba ainda agia plena. Deixou-a no leito e se afastou no limite da resistência, desejava-a ardentemente. Deu-lhe as costas e tentou não ouvir seu coração, o cheiro que vinha dela convidando-o à cópula.

– Fique – gemeu Joyce.

Iago se voltou e a encontrou nua, a camisola estava aos seus pés. Sua nudez o atraía como a rosa a um beija-flor. Os quadris cheios e redondos eram magníficos, o ventre liso levava o olhar aos pelos negros em um desenho harmônico. Os seios rosados pareciam espiá-lo, empinados como dois lindos picos. As pernas eram fortes e lisas. O olhar estava dentro do seu num convite que não podia ser recusado. Iago deu dois passos e a tomou nos braços. Seu corpo delicado ficou debaixo de suas carícias. Ele se despiu com a ajuda de Joyce, que o olhava morna e lânguida. Quando o viu nu, abraçou-o e beijou-o, tocando seus cabelos, o pescoço. Ela lambeu seus lábios e Iago a levou para o leito. Habilidoso, Iago soube lidar com seus desejos e, entre beijos e carícias, descobriu ser o primeiro. Ela o arranhou e gemeu, enquanto ele a possuía com extremo carinho. Quando o gozo os assaltou, Joyce o beijou e murmurou seu nome, aceitando-o como amante. Amaram-se por toda a madrugada e, quando o sol banhou seus corpos nus, Iago fechou as cortinas para que dormissem abraçados no leito.

Joyce acordou quase duas da tarde. Sentia-se maravilhosamente bem e disposta. Moveu-se entre os lençóis e só então percebeu que estava sobre o corpo morno de alguém. Sentou-se no leito e fitou o corpo do amante, que estava deitado de bruços. Reconheceu os cabelos negros e as feições de Iago. Puxou o lençol sobre a sua nudez e tocou a cabeça um tanto confusa. Olhou o quarto à sua volta e passou a se lembrar dos acontecimentos. Eles vinham em flashes. Lembrou-se do bosque, de correr; viu Iago e, por fim, o ataque.

– Joyce?

Iago acordou com seus soluços e, quando se voltou, ela já havia entrado no banheiro. Temendo pelo pior, bateu à porta. Ouvia seu choro com preocupação. Lá dentro, ela passou a quebrar tudo. Procurava algo e, no momento em que achou, tudo ficou quieto.

– Joyce, abra a porta! – ordenou, esmurrando a madeira.

– Vá embora! Eu sou um monstro. – gritou, aos prantos.

Joyce tinha um caco de vidro nas mãos. Iago arrombou a porta e entrou, tentando detê-la, mas já havia sangue correndo. Ela conseguiu se ferir, cortando um dos pulsos. Ele a segurava, temendo machucá-la, enquanto ela se debatia. Finalmente desmaiou, então ele examinou o corte e, com uma lambida, conteve o sangramento. Iago sabia o que fazer. Encheu a banheira com água morna e a banhou, lavando seu corpo delicado com uma esponja. Logo depois, colocou-a no leito limpo, vestida em um roupão. Deitou ao seu lado e lá ficou esperando que despertasse. Por um momento, cochilou, mas despertou com Joyce movendo-se junto a ele. Ela tocou seus braços fortes, que a envolviam com delicadeza, porém não iam se mover.

– Acalme-se, por favor, vai ficar tudo bem.

– O que aconteceu? – perguntou, fitando o pulso que agora só exibia um risco vermelho na pele.

– Você se tornou loba e mulher, sua natureza se revelou na noite passada. Ele se sentou no leito, acompanhando-a.

– Matei uma pessoa. – Joyce se calou envergonhada, havia culpa.

– Sim, eu não consegui impedi-la. Acredite-me, a maioria mata na primeira noite, embora exista a escolha de não matar. Você agiu como uma loba, mas não acontecerá novamente.

Iago observou a jovem com carinho, ela estava encantadora, os cabelos em desalinho. O corpo envolto no seu roupão dois ou três números maior que ela. A face corada, mas tristonha. Os olhos pareciam dois cristais límpidos. Era bela demais para que não se apaixonasse por ela. Fora o primeiro e, certamente, lutaria para ser o único em sua vida de agora em diante.

Joyce afastou o cabelo do rosto e continuou fazendo perguntas para Iago.

– Aconteceu algo entre nós?

– Sim, fizemos amor. Você não lembra?

– Sim, eu me lembro – assentiu num murmúrio baixo e envergonhado.

– Está arrependida? – perguntou Iago, pronto a enfrentar sua decepção.

– Não se trata de arrependimento. Só queria estar em mim mesma quando acontecesse. Lembro-me de tudo, mas é como se não fosse eu, compreende? – ela gemeu confusa, sem perceber que o magoava.

– A mulher que possuí era você. Estava lúcida e dona de suas vontades e seus desejos, sabia muito bem o que queria. Bem diferente da mulher que despertou nos meus braços – disse Iago, arrependido e aborrecido. – Acredite-me, eu tentei partir, mas você me convenceu a ficar.

Joyce cobriu o rosto com as mãos e tentou manter a calma. O modo como fora criada, os conceitos mortais de amor e entrega a faziam sentir mais culpa e vergonha. A maneira como se comportara na cama com Iago. Quem era a mulher que ele possuía?

– Eu a amo, quero que fique ao meu lado, será minha companheira, Joyce. Encontrei o que buscava, a fêmea perfeita.

Joyce fez menção de se levantar e fugir ao ouvir a palavra fêmea, mas Iago a deteve.

– Deixe-me mostrar a mulher com a qual fiz amor noite passada.

Dizendo isso, segurou-a e beijou-a, apaixonado. Ela lutou apenas por alguns minutos, mas, no fim, deixou que ele a beijasse. Aos poucos, as carícias se intensificaram, e logo faziam amor novamente. Joyce o tocou e acariciou como se quisesse descobrir algo. Mas nada encontrou além de prazer e desejo, que ele sabia como ninguém lhe oferecer. Banharam-se juntos, enquanto Iago fazia planos e jurava amá-la. Joyce correspondeu com desejo e paixão, mas parecia distante. Iago percebeu sua tristeza e acreditou que, em breve, a jovem guardiã se sentiria melhor e se habituaria às mudanças, até porque foram muitas. Ela precisava de tempo, e ele daria o quanto fosse preciso.

Iago pretendia voltar para a Alcateia da Espanha ainda aquela semana e contar as boas-novas ao seu pai. Para tanto, precisava falar com o líder local. Foi sozinho. Joyce ficaria em casa; afinal, ela também tinha planos: arrumou suas coisas e partiu, pois não conseguiria manter a vida que ele desejava. Sentia tudo muito recente dentro de si, precisava de tempo e da ajuda de um amigo: Belizário.

Ele possuía uma casa no campo, próximo a Florença. Foi lá que Joyce ficou. Quando não estava cuidando dos assuntos da Ouroboros, ele fabricava vinhos. Caminhavam juntos, conversavam sobre a natureza dos lobisomens, dos homens-lobos e, até mesmo, vampiros. Belizário tinha pleno conhecimento de todas as espécies.

Aos poucos, voltaram a ser amigos e ficaram próximos novamente – ela o desculpara por tê-la entregue à Alcateia. Duas semanas depois, o clima entre eles conspirava para o amor. Ele tentou evitá-la por três dias, dizendo-se ocupado, e terminou por precipitar a entrega de ambos. Tornaram-se amantes e, nos braços de Belizário, Joyce foi somente mulher, sua natureza de loba parecia enterrada dentro de sua alma. Entregou-se a ele de modo consciente, tocou-o e amou-o, desfrutando de cada gesto e carícia. Havia carinho, prazer e amor. Com o apoio daquele homem, um tanto misterioso e sensual, conseguiu entender sua natureza de loba e mortal. Belizário a tratava como igual e, logo que pôde, a ensinou a lutar com lobisomens, vampiros e homens-lobos.

Durante três meses, Joyce viveu com alguém que compreendia sua natureza e seu coração. Não foi difícil amar Belizário: ele era protetor, gentil e um amante sempre pronto a ensinar, jamais a dominar. Ao seu lado, ela não se transformava em loba. Os ciclos da lua passaram e ela continuou humana. Sem conhecer bem sua natureza, acreditou que, por certo, não seria sempre que mudaria; por fim, procurou Belizário e o questionou.

Estavam no jardim, Belizário resolveu que era um bom momento para convencê-la a ir para Alcateia beber da Ânfora. Em breve, haveria um ritual e ela poderia participar e tornar-se imortal. Ele temia por sua vida e imortalidade.

– Você precisa beber do sangue da Ânfora. Sua natureza ainda não se definiu completamente, matou e provou de sangue humano.

– Como sabe? – perguntou tristemente, já temendo punição.

– Nós, da Ouroboros, sabemos de tudo. Mas, por favor, acalme-se. Darden se responsabilizou pelo incidente e os corpos jamais foram achados – disse Belizário, tocando a ponta do nariz da jovem sentada junto a ele com ar pensativo.

– Às vezes me sinto dentro de um pesadelo, só gostaria que tudo fosse como antes, quando eu era normal e feliz.

– Não está feliz ao meu lado? – perguntou Belizário, brincalhão.

– Sim, estou, mas nós dois sabemos que isso é somente mais uma ilusão. A todo instante fico esperando que me mande embora, ou que seja obrigado a me deixar. Belizário, você é o líder da Ouroboros. O que faz comigo em sua cama?

– Eu a amo.

Belizário agarrava-se a uma ilusão. Parecia disposto a esquecer quem era em nome do amor que sentia por aquela jovem. Mas, no fundo, sabia que era uma questão de tempo, havia uma chance pequena e ele pretendia usá-la a seu favor.

– Isso não pode durar, como tudo em minha vida. Minha mãe, meu pai, minha natureza de mortal. Tudo foi arrancado de mim, e logo você também o será, meu querido.

– Aqui não sou o líder da Ouroboros; sou apenas Belizário, o imortal. Eles não podem interferir – murmurou junto aos seus lábios para beijá-los suavemente.

– Não se trate de forma tão dura. Você, minha Chantal, foi a alegria de Maxine, ela jamais engravidou de um lobo, mas Alan conseguiu dar a ela o que mais desejava: você.

– Às vezes, ela nos visitava, deixava presentes às escondidas. Ficava pouco conosco, mas, sempre que vinha, me fazia muito feliz. Só agora entendo que ela fugia para me ver – ao falar, Joyce estava nos braços de Belizário.

– Sim. Ela a amou muito.

– Não me respondeu ainda. Por que não mudei na última lua?

A jovem loba tocou a face do homem à sua frente e buscava a uma resposta.

– Minha imortalidade inibe seus dons. O meu poder não permite que mude na minha frente. Não posso fazer um lobisomem voltar à forma humana, mas posso impedir que mudem na minha presença.

– Então, ao seu lado, eu sempre seria mortal?

– Sim – disse Belizário, tristemente.

– É maravilhoso! – concluiu Joyce, segurando seus ombros com carinho.

– Não, não é, Joyce. Logo envelheceria e morreria, não posso lhe pedir tanto. Hoje, amanhã, mais uns anos, e teria de partir para recuperar sua força e imortalidade. Viver ao meu lado é escolher envelhecer e morrer como um simples mortal. Seja você vampira, loba ou até mesmo... – Belizário se calou.

– Mestiça. Não tenha medo de dizer o que sou.

Joyce sabia que sua inocência de mortal desaparecera. Todavia, ainda não era completamente loba; ela precisava tomar do sangue da Ânfora para abdicar totalmente de sua mortalidade. Nem loba nem lobisomem, Joyce precisava decidir, e depressa. Mais três luas e seria imortal e loba, bebendo ou não da Ânfora.

– Estamos vivendo uma ilusão.

– O que estamos vivendo é bem real, Joyce. Sei que teme beber da Ânfora. Se quiser, ficarei ao seu lado. Pode fazer isso dentro da Ouroboros – Belizário garantiu, segurando suas mãos.

Joyce fitou o céu e fechou os olhos nervosamente. Logo a lua estaria cheia, em uma semana, os lobisomens poderiam beber da Ânfora e conter sua natureza. Evitar a mudança e seus efeitos. Mas por que não ficar e amar Belizário como mortal? Por que não esperar que a morte a levasse dia após dia na sentença simples, mas certa, que todo humano conhecia? Foi magnífico não sentir a angústia

da transformação, não se sentir ardendo viva, a dor de mudar para virar uma bela criatura, porém animal. Considerava-se com sorte de virar somente uma loba, não uma besta como os lobisomens. Mas o que desejava mesmo era ficar ao seu lado e esquecer o mundo.

– Duvida que ficaria ao seu lado? – perguntou Belizário, sem se ofender com suas dúvidas.

– Não duvido de sua coragem nem do amor que demonstra sentir por mim. Sei que logo alguém baterá à porta e eu terei de acordar desse sonho.

– Sei disso tanto quanto você, mas temos uma chance. No entanto, você terá de beber da Ânfora. Se fizer isso, posso enfrentar a Cúpula e poderá ficar ao meu lado.

– Não quero que se arrisque por minha causa. Além disso, o que vão dizer? Que se corrompeu, que está favorecendo os lobos?

– Nossa relação nada tem a ver com política.

– O amor que sentimos só vive aqui. Além de seus vinhedos, somos inimigos.

– Isso iria acontecer mais cedo ou mais tarde, falar de posição e espécies. Eu não ligo, jamais liguei. Agora, estou pronto – disse, beijando levemente seus lábios. – Na verdade, só temos de temer a reação de Iago. Ele a cortejou e você aceitou.

– Eu não fazia ideia do que estava fazendo, reagi instintivamente. Foi tudo um grande engano, havia acabado de mudar, não estava lúcida. – Joyce falou confusa.

– Não vamos nos preocupar com isso agora.

– Ainda não me disse como se tornou imortal – quis saber Joyce, envolvendo-o em seus braços e cheirando seu pescoço, enquanto o fazia sorrir.

– Não há muito para ser dito. Séculos atrás, eu praticava magia e descobri como me tornar imortal. Ganhei força, beleza eterna e saúde. Desde então, vivo entre os dois mundos.

- E é só isso? Imortal?
- Sim, nada além de um imortal – disse Belizário, sério.
- Precisa de sangue ou algo assim?
- Não preciso de nada além de paciência para suportar minha imortalidade e de seus beijos, minha querida.

Belizário afirmou, fitando o rosto da mulher que amava profundamente. Ergueu-a nos braços e a ouviu gargalhar. Eles estavam realmente apaixonados. Joyce não amava Iago, apenas o achava atraente; desde o começo entre eles houve uma estranha atração. Mas nada comparado ao que ela sentia nos braços de Belizário.

A alegria do casal chegou ao fim quando Laertes apareceu com uma carta da Cúpula e ordens para prendê-la. A carta convocava Belizário a explicar sua relação com a mestiça e exigia que a mesma fosse contida e submetida ao sangue da Ânfora imediatamente. Também haviam graves acusações contra ela. A Ouroboros descobriu que, em segredo, Joyce conseguira convencer os portadores dos dois últimos pedaços do pergaminho a entregá-los em suas mãos. Ela, agora, era detentora dos últimos fragmentos e ninguém sabia onde os mesmos estavam. As acusações eram muito sérias. Joyce estava no quarto e ouviu Laertes conversar com o amigo, pedindo-lhe que obedecesse às instruções senão teria de usar força com ambos. A Cúpula estava se sentindo traída e disposta a expulsá-lo caso não se afastasse da mestiça.

Joyce pegou suas poucas coisas e fez o que já estava se tornando um hábito: fugiu. Amava-o e, agora, sabia o quanto. Em nenhum momento Belizário aceitou as exigências da Cúpula nem tampouco a ordem para que a prendessem. Estava se colocando em risco por causa dela. Os ânimos se exaltavam. Fitou a corrente de ouro em volta do pescoço e pensou em deixar, mas não conseguiu. Segurou o círculo de ouro e prata entre os dedos e partiu. Ele havia lhe dado a joia quando se tornaram amantes, dizendo-lhe que era o símbolo da imortalidade. Sorte dele não ser um monstro; era somente imortal.

Quando ele a buscou no quarto; percebeu que havia fugido. O líder da Ouroboros compreendeu, ela ouvira tudo. Como pôde esquecer-se de sua audição aguçada? Ele a procurou por vários dias pela cidade, mas nada encontrou. Joyce cobria muito bem seus rastros. A Cúpula não o puniu; na verdade, seus integrantes temiam perdê-lo para quem quer que fosse, e resolveram ceder ao seu pedido de dar mais tempo à mestiça para beber da Ânfora.

Joyce se escondeu nos esgotos da cidade e esperou que a lua mudasse, era inevitável. Providenciou carne fresca e sangue de boi e, por fim, se acorrentou; quando se transformou, não buscou matar, satisfez-se com o que encontrou à sua disposição. Na manhã seguinte, acordou nua sobre a manta. Tocou o pescoço e o sentiu dolorido e ferido – a coleira ficara muito apertada. Vestiu-se e enrolou um lenço em volta do pescoço. Precisava partir e pôr seus planos em prática. Foi nesse momento que percebeu a carta de Belizário entre suas coisas. De algum modo, ele conseguira encontrá-la e lhe deixou palavras doces e também duras, além de um pouco mais de dor. Ela chorou por vários minutos. Finalmente, secou as lágrimas e saiu para encontrar a noite e prosseguir em sua missão: matar Samael.

Um mês depois de fugir de Belizário, foi para Viena. Estava no encalço de Samael quando teve de enfrentar a revolta de Iago. Evitava-o friamente e, durante a briga na capital austríaca, deixou claro que não queria ser sua amante. Algo que ele não aceitaria facilmente. Não agora que a tinha novamente sob seu poder.

Capítulo 21 - Kara, A Campeã do Rei

Kara despertou suavemente no leito macio sentindo a carícia do lençol de seda sobre a pele nua. Segurou o tecido sobre o busto e sentou-se na cama. Imediatamente, um cálice de sangue morno foi posto diante de seus olhos. Aceitou e viu Ariel andando em volta, enquanto fitava seu rosto pálido com preocupação. Mas também com desejo contido, ela era linda demais ao despertar, os cachos em desalinho, um tanto confusa. E enquanto sorvia o sangue parecia muito doce e faminta.

Kara sorvia o sangue e lembrava-se dos últimos acontecimentos, então resolveu agir com cautela. Quando terminou, estendeu o cálice em direção ao rei pedindo mais, ele voltou a preenchê-lo. A vampira estava faminta, mas aquilo era um paliativo, precisava de um pouco mais. Fitou as paredes do quarto e o luxo da decoração, foi fácil imaginar onde estava. Diante do leito, havia uma tapeçaria antiga, era um grifo bordado em fios de ouro. Aquele, certamente, era o quarto de Ariel Simon. Segurou o lençol junto ao corpo nu. As roupas jaziam sobre a poltrona, a camisa e o corselet estavam sujos de sangue. Ele realmente acreditava que a manteria na sua cama. Tolo! Não agora, que ela sabia um pouco mais sobre o passado que dividiram juntos.

– Sente-se bem? – Ariel estava preocupado, afinal ela havia acordado e nada falara.

– Sim, estou ótima, mas como está Bruce?

– Dormindo e se recuperando lentamente. Martan e eu acreditamos que é melhor mantê-lo em suspensão. Sentirá menos dores e vai se recuperar com mais rapidez.

A vampira ficou em silêncio, pensava em Jan Kmam. Sempre o primeiro pensamento ao acordar e antes de dormir. O coração doeu saudoso, a briga recente não saía de sua mente. Precisava ir ao Jardim. O rei percebeu o olhar dela se tornar melancólico, escuro com um abismo. Não precisava sondar sua mente para saber que ela pensava no amante. Lembrou-se do modo como ela o abraçou de sua alegria inocente e, finalmente, da raiva que sentiu ao ouvi-la chamando por Jan Kmam. Teve ímpetos de afastá-la para sempre. Mas como quebrar laços imortais?

– No que está pensando? – perguntou Ariel, suave e convincente.

– Você pode controlar muitas coisas, Ariel, mas meus pensamentos e minhas lembranças estão fora de seu alcance. Contenta-se com minha presença.

O rei nada falou, apenas evocou o momento em que chegou ao *Château*, ainda preocupado com seu estado. Ele deu ordens e falou com Martan sobre o que fazer com Bruce. Era preciso agir rápido. Então, desceram ao porão e providenciaram uma cova, onde o vampiro foi depositado completamente nu. Os ferimentos eram profundos, porém no leito da terra se restabeleceria mais depressa e não sentiria dor. Daí em diante, foi para perto de Kara. Martan estava ao seu lado quando eles a despiram, limparam seu corpo do sangue dos lobisomens que matou e a depositaram no leito do rei. Estava muito fraca, seu coração batia lentamente. Precisava dormir e permitir que as células sanguíneas se reproduzissem novamente.

– Por que permitiu, majestade? – quis saber Martan, perturbado com seu estado, era muito jovem para se doar de tal modo a um vampiro mais velho.

– Eu não permiti, ela passou à minha frente e o salvou quase à custa de sua própria vida. – explicou Ariel.

– Kara poderia não ter sobrevivido. – comentou pensativo.

– Mas sobreviveu, e isso só mostra o quanto é poderosa.

– Se ela despertar sedenta, eu estarei pronto a alimentá-la, majestade. Martan se ofereceu, notando o olhar penalizado do rei para a vampira. Deixou-o no quarto

e partiu, precisava ficar sozinho e pensar. Era preciso conter Samael e seus aliados. Ariel vigiou o sono da vampira por dois dias, saía somente por uma hora e voltava. Togo observou o comportamento do rei com preocupação. Resolveu somente os assuntos de urgência e deixou claro que não queria ser interrompido. Simplesmente sentou e esperou que ela despertasse.

Os criados lhe traziam sangue e saíam. Kara dormia, recuperando-se do sacrifício. Às vezes, ela murmurava, chamava por Jan Kmam e novamente mergulhava na escuridão. O rei permanecia sentado na poltrona, observando-a dormir, enquanto aguardava suas forças voltarem. Quando a manhã chegava, despia-se e deitava no leito para envolvê-la em seus braços, deixando que ela absorvesse sua força. Não a desrespeitou, somente deu-lhe sua energia, pois um vampiro não doava só sangue. Tê-la sob sua proteção era maravilhoso e doloroso. Seu corpo era delicado, e a pele, extremamente macia e aveludada. Na verdade, nunca fora diferente. Deixava o rosto perder-se em seus cachos sedosos e fragrantes; e, quando a noite apontava, saía do leito com dificuldade, porque nele jazia o perfume de ambos, seu calor suave. Falava baixinho ao seu ouvido como se conversasse com ela, mas sem obter resposta alguma. Duas vezes a viu chorar, talvez sonhasse com algo ruim. Nesses momentos, abraçava-a, mas ela só chamava por Jan. Ariel suportava tudo em silêncio. Assim que ela mostrou os primeiros sinais de que despertaria, ele saiu do leito. Quando retornou, ela só dormia suavemente até que, por fim, despertou. O rei a observava em silêncio, como um leão o fazia com a corça.

– Por que Samael atacou Bruce, majestade? – indagou Kara.

– Me chame de Ariel, estamos sozinhos. E é uma longa história, Kara. E eu gostaria que não se envolvesse.

– Estou envolvida, não adianta negar. Sequer o conheço, e ele mandou me matar, Ariel. Eles eram amantes e isso pesa, não é mesmo? – disse ela, vendo-o se controlar.

Kara o olhou suavemente, entregando-lhe o cálice de sangue, e se moveu na cama para sentir os olhos do rei seguindo cada movimento seu. Ariel conhecia seu corpo, mas vê-la seminua e desperta à sua frente estava sendo uma tortura para ele. Desejava tocar seus ombros, trazê-la para si, devorar seus lábios. Prendê-la no leito por mil noites, e ainda seria pouco para matar o desejo que sentia.

– Sim. O que mais Bruce lhe contou? – quis saber Kara.

O rei falou, dando-lhe as costas, tenso, mas precisava saber até onde Bruce havia falado. Sempre foram tão amigos, e a amizade deles parecia ter renascido. O que o rei não desconfiava é que a vampira se lembrava de Bruce e de muito mais. Kara percebeu o deslize, afinal Bruce nada lhe revelara. Precisava mudar o foco, levantou-se da cama, enrolada no lençol, chamando sua atenção, e examinou as roupas limpas que estavam sobre a poltrona: uma camisa branca, uma calça preta e suas botinhas.

– Bruce e eu somos amigos, temos nossos segredos. Samael me atacou porque acredita que ocuparia o trono. Mas por que atacaria Bruce? Conte-me, por favor. Kara pediu, ficando à sua frente por alguns minutos até buscar a poltrona e sentar-se, ainda segurando o lençol em volta do corpo. A vampira agia com tranquilidade, sabia o que causava no rei, então fazia aquilo de propósito. Podia perceber o quanto o fascinava e decidiu que usaria tal poder a seu favor. Vingança era algo que povoava sua mente, e estava decidida a matar Samael, o que pretendia fazer o mais rápido possível.

– Bruce esteve com Samael em busca de respostas. Na verdade, no dia em que você foi atacada, ele retornava dos braços do ex-amante. Samael descobriu e resolveu matá-lo. E quase a levou junto – disse Ariel, num murmúrio baixo.

– Por que Bruce não o matou? Teve Samael em suas mãos...

– Não é tão simples. Bruce estava em busca de respostas e não cabia a ele executar Samael. Homens-lobos e vampiros o estão caçando, isso significa que ele será executado à moda antiga. Samael conseguiu driblar nossos melhores

vampiros, até mesmo a Ouroboros o perdeu de vista, os homens-lobos parecem cegos. Quando você foi atacada, eu mesmo tentei encontrá-lo sem êxito.

Ariel falava bastante atento às dobras do lençol, às pernas de Kara, que o tecido deixava entrever sem pudor. O modo como suas mãos o seguravam junto ao corpo. Os ombros nus, a curva delicada dos seios. Em nenhum momento ele notou que era proposital. Apenas tentava aproveitar a liberdade conseguida.

– O que ele fez com Bruce não pode ficar impune, algo precisa ser feito.

Kara puxou o lençol e Ariel suspirou hipnotizado. Kara acreditou que seria difícil, mas foi bastante fácil.

– Preciso ir para casa pegar minhas coisas, amanhã é o meu primeiro dia no cargo de campeã.

– Na verdade, é hoje. Você dormiu durante dois dias. Dar seu sangue para Bruce levou suas forças. Eu mandei que pegassem seus pertences. Kara, gostaria de lhe pedir que não se arrisque desse modo outra vez, é muito perigoso. A morte poderia tê-la levado.

– Ele salvou minha vida mais de uma vez. Foi meu mestre por algum tempo. Bruce é um grande amigo, não poderia permitir que ele morresse.

Kara argumentou e, em seguida, ficou de pé, segurando o punho do rei, enquanto lhe falava calmamente. Ariel observou, com certo espanto, a aproximação da vampira e, delicadamente, de maneira tímida, tocou sua mão em concordância.

– Não estava indiferente à agonia de Bruce. Nós nos conhecemos há mais tempo do que possa lembrar. Ele guarda meus segredos e pecados mais obscuros.

– Posso vê-lo? – pediu ela, afastando-se devagar.

– Amanhã, quando abrirmos sua cova, sim.

– Vocês o enterraram? – perguntou Kara, surpresa e as dobras do lençol cederam um pouco mais.

– Sim, Kara, mas acalme-se: ele pode respirar debaixo da terra. Você nunca tentou? – falou observando a curva do ombro e o pescoço.

– Não – disse, sorrindo timidamente.

– Lembre-me de lhe ensinar esse truque. Ele é muito valioso quando se está fugindo ou se escondendo de uma turba de mortais. Só não funciona com lobisomens, eles têm um ótimo faro. Sabem cavar e expor o vampiro ao sol. Bem, vou deixá-la para que se vista. Estaremos na sala de música.

– Nós?

– Deixe-me ambientá-la. Estar em Chantilly é como estar na corte, recebo constantemente vampiros, eles por vezes ficam e vão. Togo vai chamá-la à sua presença em breve para citar as regras. Siga-as quando estivermos com ele, a sós fique à vontade comigo, por favor. – dizendo isso, cruzou a porta.

– Majestade... Ariel?

– Sim, Kara? – perguntou o rei, escondendo seu contentamento. Kara havia baixado as armas, os muros.

– Por que estou em seus aposentos?

– Mandeï redecorar o quarto que seria seu e ele não ficou pronto a tempo. Nenhum outro me pareceu bom o suficiente. – revelou cheio de si.

– E agora?

Parado no corredor, Ariel fitou a vampira com prazer. Ela estava tentadora demais. A cabeça levemente inclinada, o corpo meio escondido, as pernas lisas e alvas à mostra. Os pés delicados descalços. Tinha vontade de beijá-los e colocar neles anéis de ouro como faziam as indianas. Ela ficaria linda num *sari*. Ele piscou e respondeu:

– Ficou pronto, é na porta ao lado.

Ariel sumiu pelo corredor, e Kara fechou a porta. Seu desejo era gargalhar de prazer e contentamento, mas não poderia fazê-lo sem alertá-lo. Em vez disso,

jogou-se sobre a cama e fitou a tapeçaria com os olhos semicerrados. A vampira começara a jogar e se saíra muito bem na primeira fase. Ela descobriu que tinha poder e decidiu usá-lo em favor de seus planos.

Tomou uma ducha rápida no banheiro luxuoso do rei e ficou imaginando como seria relaxar em sua grande banheira. Vestiu-se e dirigiu-se para o quarto ao lado. A primeira coisa que sentiu foi a doce fragrância das rosas brancas no vaso de porcelana vermelho com detalhes chineses em ouro. A decoração era bem parecida com a do quarto do rei, a mobília era clássica e, certamente, original. O leito era grande e macio, e seus objetos estavam dispostos no quarto pelos armários, penteadeira e banheiro. Ele providenciara tudo. Algo a intrigou: por que Ariel não a deixara dormir em seus aposentos? Teria ele ousado deitar-se no leito ao seu lado? Ela nunca saberia. O certo é que o quarto tinha porta e chave – enquanto estivesse no *Château*, sua porta ficaria trancada.

Pouco depois, um criado apareceu na entrada do quarto e avisou que o líder da Ordem dos Pacificadores, Togo, desejava lhe falar na biblioteca. Kara seguiu pelo corredor e só então se deu conta de que estava no *Château Coucher du Soleil* pela segunda vez. Encontrava-se com dois anos de imortalidade quando Jan a levou para uma visita. Claro, Ariel estava na Espanha na ocasião. Viu alguns dos salões, o quarto que Jan Kmam ocupava quando ali ficava. A visita a deixara fascinada: estava num lugar que sempre imaginou. Ele não se mostrou muito diferente do descrito por Jan Kmam.

A cidade de Chantilly ficava a entre floresta no Oise, há 40 quilômetros de Paris. Tinha cerca de 12 mil habitantes. A história do *Château du Soleil*, de propriedade de Ariel, misturava-se à do Château de Chantilly, propriedade da poderosa família Montmorency. Eles tiveram o domínio de Chantilly do século XV ao século XVII. O que muitos não sabiam era como ele cedeu parte das terras ao sul para Ariel Simon construir seu pequeno Château. Jan apenas comentou que ele salvara a vida de Anne Montmorency; daí em diante, só conheceu vitórias. E, durante dois séculos, sua família teve os favores dos reis. Somente em 1632, a família teve seus bens confiscados, quando Henrique II de Montmorency foi

executado em Toulouse. O *Château Coucher du Soleil* não foi tocado nem tampouco tirado das mãos de Ariel. Onze anos depois, Isadora afirmou em carta para Jan Kmam ter visto a última das irmãs de Henrique II de Montmorency, Charlotte, visitar Ariel às escondidas. Ela foi buscar o apoio do amigo de sua família. Claro, ela acreditava que ele era um descendente do grande amigo de Anne de Montmorency. Charlotte ficou toda a noite em companhia do rei, ela tinha seus atributos. Pouco depois, Ana de Áustria recebeu uma carta de um velho amigo e conselheiro, um homem enigmático de olhos verdes e cabelos ruivos. Ela se lembrava dele com extremo prazer. O domínio das terras foi restituído a Charlotte e seu esposo Henrique II de *Bourbon-Condé*, que vinha de um ramo da família Bourbon. Era desse modo que o *Château Coucher du Soleil* se mantinha intacto e à sombra do *Château* de Chantilly, que remontava a uma antiga fortificação medieval, construída sobre um terreno pantanoso do vale do Rio Nonette.

Kara andava pelos corredores longos e com o teto alto, admirando a beleza daquela construção secular. Era um privilégio poder andar naquele ambiente. Tirando a presença de Ariel, tudo ficaria melhor. Enfim, o ambiente refletia o bom gosto do seu dono, era inegável. Havia pelas paredes, quadros e obras de arte. Estatuetas distribuídas harmoniosamente. O criado, vendo-a confusa com os corredores e portas, explicou alguns dos caminhos e, até mesmo, avisou-a de que a ala sul estava fechada. Luxo e riqueza ostentados como estilo e sofisticação. Havia afrescos e lustres de cristal. Ficou completamente seduzida pela beleza do lugar. Assim que chegou à porta de duas folhas, o criado a introduziu na biblioteca.

O recinto era enorme, havia livros e mais livros distribuídos em dois andares. A escada que levava ao segundo piso possuía o corrimão de metal desenhado. Alguns livros eram raros, outros raríssimos. Kara andou pelo piso e viu as estantes de madeira repletas de volumes com capa de couro; muitas delas tinham portas de vidro. Logo à frente, Togo. Ele esperou que ela se aproximasse e mostrou uma cadeira em que ela deveria sentar. Kara sentou na poltrona de couro e o observou sem medo. As coisas agora eram bem diferentes. Mantinha a postura ativa, mas educada. Eles eram iguais, o líder dos Pacificadores não podia mais humilhá-la ou

tocá-la; se o fizesse, arriscava-se a pagar com sua vida. Togo mantinha a cabeleira trançada, e a vampira percebeu a mecha de fios brancos em sua fronte. Perguntou-se como os cabelos de Togo ficaram brancos.

– Quando o rei voltava da morte, eu doeí parte de minha energia para ele. Em troca, fiquei mais charmoso.

Togo fez o comentário, percebendo o olhar de Kara sobre seus cabelos. Ela sorriu involuntariamente. Eles ficaram em silêncio, e Togo voltou a falar.

– O rei a recebe em sua casa a partir de hoje por um ano e dois dias. Ele andou pela biblioteca e prosseguiu cuidadoso.

– Os atos que cometeu no passado falam por si só. Foi inocentada por seu mestre e nada mais pesa sobre sua cabeça. Agora, está servindo a um rei, não a seu mestre. Ariel Simon é um vampiro, mas acima de tudo é um rei. O que fizer a ele fará aos Poderes. Como campeã, servirá aos Poderes e ao rei. Tenho algumas tarefas imediatas para que realize. Nada que sua espada não possa resolver.

Subitamente, as palavras de Jan Kmam vieram à sua mente. Ela seria a assassina deles. Era o preço por sua liberdade, e ela pagaria. Estava a serviço dos Poderes agora.

– Mas, antes, as regras. Está livre para sair e voltar no intervalo de tempo de cinco noites. Se passar desse prazo, significa deserção, a menos que esteja em missão. Deve sempre ter em mente a quem serve.

Togo foi até a mesa próxima e trouxe consigo uma pequena caixa nas mãos. Dentro dela, um pergaminho escrito à mão.

– Aqui estão os seus direitos e deveres. Leia com atenção e eles poderão salvar seu pescoço, caso necessite. Criados, carros, casa e dinheiro estão à sua disposição. Fique à vontade para dispor de alguns deles, apenas os traga de volta quando terminar. Tem livre acesso à casa e a alguns pergaminhos que estão nessa biblioteca.

Dizendo isso, voltou a atenção para os pergaminhos e livros à sua volta. Kara acompanhou seu olhar e percebeu que ele estava um tanto surpreso. Voltou a andar e, quando falou novamente, o tom foi mais direto.

– O rei deve ter deixado claras as suas intenções.

– Do que está falando? – perguntou ela, percebendo que ele aguardava seu questionamento.

– O rei nutre por sua pessoa grande apreço. Espero que saiba se manter longe desse afeto e evitar problemas.

– O apreço não é correspondido. Sou a campeã do rei, não sua concubina, tenho um mestre e o amo.

– Compreendo que buscou o cargo pelos favores. As chances de renunciar já se foram, mas sempre há alternativas, elas estão em suas mãos – disse, fitando a caixinha nas mãos de Kara.

– Hoje é a primeira noite. Saberei viver as demais com sabedoria e prudência até que a última chegue.

– Desde o princípio você demonstrou não apreciar a presença do rei. Fugiu de sua custódia, notei que o evita. Devo me preocupar, Kara?

– Minha opinião sobre a figura do rei em nada vai limitar meus deveres. Eu o defenderei com a minha vida como jurei fazê-lo.

– Se não o aprecia, como vai defendê-lo?

– Com minha espada e coragem. Jurei lealdade e ele a terá, darei minha vida para protegê-lo. – disse sem temor de contestação.

Como líder da Ordem, Togo tinha deveres, e um deles era preservar o rei acima de tudo e de todos. A nova Kara surpreendeu o vampiro, ela não chorou nem tampouco o interrompeu. Encontrou-a bastante forte e decidida. Togo fitou a vampira com antipatia; afinal, ela não lhe deu as respostas que desejava. Kara percebeu sua observação gelada, certamente se perguntando quanto tempo duraria

no cargo. Kara se lembrou da forma como fora tratada quando Jan Kmam se tornou rei. Togo pessoalmente foi lhe dizer as regras e sua posição diante do rei, a única diferença é que, agora, ele precisava respeitá-la como a campeã. Togo a vigiaria bem de perto, mas Kara, no fundo, sentia-se pronta para lidar com todos eles.

– O rei não deve ser incomodado, só vá à sua presença se chamada. Trate-o por alteza ou majestade, e evite tocá-lo. Acredito que os acontecimentos que antecederam a Arena a ensinaram a portar-se diante de um rei e de seus Lordes. Os vampiros com os quais vai conviver a partir de hoje, em sua maioria, são bastante velhos e não têm paciência em lidar com vestígios humanos que ainda possa exhibir. Martan se arriscou muito, colocando-a onde está.

– Não se preocupe, não vou chorar novamente em sua presença – respondeu Kara, e viu Togo olhá-la com impaciência.

– Desobediência gera punição. Espero não ser obrigado a desagradar o meu rei, tendo de castigá-la. – foi um aviso frio.

Togo estava parado diante da vampira, passando-lhe as instruções.

– Este celular é seu agora, nele estão os números de que necessita. Pode se retirar.

– Não sou bem-vinda, não é mesmo? – perguntou Kara, percebendo que ele lhe falava com pressa, parecia incomodá-lo com sua presença.

– A questão não é sua presença, e sim nossa promessa e responsabilidade. Demos a palavra ao favorito do rei. Isso tem peso em nosso mundo.

– Ele não é mais o favorito do rei.

Kara argumentou firme. Lamentou que ele houvesse abdicado em favor de sua vida, mas, no fundo, sentia-se aliviada por ele ser somente Jan Kmam, e nada mais. Ocupava agora o lugar de campeã do rei, mas, assim que ele fosse libertado da Caixa, Kara pretendia abdicar.

– Jan Kmam sempre será o mais belo e o melhor favorito que o rei possui. Não existirá outro, compreende?

– Não, eu não compreendo. Jan devolveu o seu cargo ao rei – disse ela, observando o ar inexpressivo do líder da Ordem dos Pacificadores.

– Ele teria de simplesmente morrer para abdicar do cargo. Sua herança e seu poder são sanguíneos, assim como os que você carrega, Kara. Se servir de elogio, saiba que, vencendo, você somente demonstrou sua herança.

– Tentarei não trazer aborrecimentos a quem quer que seja.

– Ocupe-se, isso deve bastar. Faça de sua existência algo produtivo e enriquecedor.

– Poderia me ensinar alguma coisa? – pediu Kara, sincera.

Togo a olhou com respeito e, pela primeira vez, com algum interesse. Moveu-se pela sala, provavelmente pensando se deveria ou não atender a seu pedido. Por fim, ele respondeu à indagação, tendo as mãos detrás das costas e olhando-a com bastante atenção.

– Meu tempo é bastante escasso e precioso. Mas, por respeito a Jan Kmam, posso abrir uma exceção e lhe ensinar a usar uma katana. Há alguns anos, ele me pediu tal favor, aceitei de pronto; todavia, ele mudou de ideia.

– E sabe por quê? – quis saber Kara, mais do que curiosa.

– Jan Kmam é um vampiro com quatro séculos, suas inquietações e seus desejos são um mistério, mas desconfio que um dos motivos fosse ciúme. Claro, havia outros, os quais não lhe dizem respeito.

– Ele é meu amante e mestre. Nada mais justo que soubesse o que lhe perturbava.

– Se colocasse a palavra “mestre” primeiro, saberia que amante viria muito depois. Cresça e apareça, Kara. Agora saia. O rei a aguarda na sala de música, e você já está atrasada.

As regras da casa foram compreendidas e acatadas. Ela voltou para seu quarto e guardou a pequena caixa que recebeu em segurança. Assim que saiu ao corredor, encontrou o criado, que já a esperava. Ele a guiou até a sala de música. No corredor, pôde ouvir o som do piano. Quando a porta se abriu, ficou diante de uma das salas mais bonitas que já havia visto.

Entrou silenciosamente no ambiente e se deparou com móveis clássicos, elegantes. Em duas das paredes, havia espelhos que davam a ideia de mais espaço ao ambiente. As cadeiras em seda e damasco bordado eram encantadoras. O lustre de cristal estava aceso; sua cor e sua luminosidade lembravam o tom suave de várias velas. Fitou os quadros com paisagens e personagens desconhecidos, mas vestidos elegantemente, com expressões superiores e até mesmo entediadas, rodeados por objetos caros e instrumentos musicais, ou cães.

As cortinas estavam recolhidas e deixavam a brisa da noite invadir a grande sala. O tapete era enorme e, certamente, persa, bem ao gosto de Ariel. Ele tocava com agilidade e graça uma Tarantella, de Chopin. Um casal dançava diante do piano. Eram Isadora e Lorde Thiago. Apesar de vestidos como qualquer mortal do século, bailavam ao prazer da música e sorriam felizes, enquanto os demais observavam, divertindo-se com seus trejeitos afetados. Kara avistou Romano próximo ao piano, observando a cena com um riso suave na face esmaecida. Na mão pálida e forte, um cálice com sangue. Valdés e Misha estavam sentados junto a uma mesa de mogno polido, jogando com cartas bastante antigas. Vez ou outra, erguiam a vista para o casal, sorrindo.

Kara voltou seus olhos para o lado oposto da sala e reconheceu Marie de imediato. Era a jovem bruxa que lhe passara o pergaminho que inocentou Otávio de seus crimes durante a Arena. Olhar sua face trouxe-lhe lembranças – tudo parecia tão distante agora.

Jan Kmam era o rei, havia estado há pouco em seus braços. Quando o hotel foi sacudido por uma explosão, Graco e Savedra entraram no quarto, prontos a levá-la prisioneira novamente, mas não conseguiram. Ela se libertou do implante e

desapareceu pela janela, deixando ambos frustrados. Kara estava muito longe de seu alcance, foi tomada por uma força estranha e poderosa que a guiou diretamente para Marie e Egon Mckenna. O casal estava no Brasil há alguns dias somente, esperando o momento certo. Marie teve uma visão com sua mãe, Collet, na qual pediu à filha que protegesse seu benfeitor, não permitindo que ele fosse executado. Egon Mckenna sabia que era o momento para se redimir de seus crimes perante os Poderes. Não havia melhor portador que a criação do favorito do rei. Marie a levou para seu hotel, onde a protegeu por aquela manhã antes da Arena. Sem reservas, ela revelou parte de seu passado e da história de Egon. Contou o suficiente para que percebesse a importância do pergaminho, que, longe do Livro, era somente uma folha antiga em branco, mas, quando posto de volta no seu lugar de origem, revelaria a verdade. Marie mostrou a Kara o diário de sua mãe. Um livreto de capa de couro surrada, com folhas amareladas, pedaços de ervas grudados. Fitas, uma mecha de cabelo ruivo. Certamente do rei, seu grande amor.

Kara observou suas roupas e não a encontrou diferente do dia em que a viu pela primeira vez. Ela gostava de cores escuras como os vampiros, mas mantinha o estilo que uma bruxa usaria. Vestidos com decotes quadrados ou redondos, como o que usava agora em veludo bordô, meias negras e sapatos com fivelas delicadas. O cabelo estava preso com presilhas e despencava sobre seus ombros em mechas onduladas. Ela entrou em sua mente e a cumprimentou antes de qualquer um na sala. Fez isso com delicadeza, enquanto brincava com o amuleto de sua tia e sua mãe. Certamente, Ariel havia devolvido a ela a corrente de prata com a bola de cristal verde facetada.

Do seu lado, estava Isadora, que encontrou Marie ainda um bebê, chorando dentro do caixão de Otávio. Falava com Virna, a líder do Conselho. Martan olhava tudo com amabilidade. Era o único pouco animado, certamente ainda preocupado com a recuperação de Bruce.

Ariel sorria suavemente e fitava o casal dançando. Eles pareciam querer se animar a todo custo. Talvez libertar-se da insegurança de se verem caçados e covardemente atacados como Bruce fora. Kara percebeu que o rei não lia nenhuma

partitura, mas tocava com perfeição. Os dedos corriam ágeis sobre as teclas do Irmiler. Kara ficou muito quieta para não chamar a atenção de ninguém; afinal, o momento era de total descontração, algo raro, algo que ela jamais vira. Pelo que conhecia deles, logo teriam de enfrentar algum desafio. Era de bom tom para um vampiro se divertir antes de enfrentar os grandes e pequenos problemas. A música chegou ao fim e todos aplaudiram, risonhos. Sim, aplaudiram como mortais. O casal se curvou de modo teatral, e os presentes olharam Kara, junto à porta.

Ariel saiu do piano calmamente e recebeu a vampira. Ele, segurando-lhe a mão, levou-a para o centro da sala e a mostrou a todos.

– Hoje, aceitamos em nosso meio como campeã do rei, Kara. Seja bem-vinda.
– Ariel beijou suas mãos suavemente.

Os vampiros da sala a observavam atentos, enquanto batiam com o punho nos braços das cadeiras. Ela se limitou somente a aceitar o cumprimento, mas viu o olhar desejoso do rei. Martan se aproximou, curvou-se ligeiramente e a tirou do lado do rei, levando-a até uma das cadeiras, numa atitude quase protetora. Ariel se perguntou quantos guardiões Jan Kmam havia conseguido para afastá-la de sua pessoa.

– Soube, pelos Pacificadores, que lutou de maneira quase suicida para salvar a vida de Bruce. Comentou Romano assim que se sentou, a poucos metros da vampira.

Kara havia se tornado o centro das atenções. Até mesmo Valdés e Misha juntaram-se ao grupo. Ela os observava, mantendo a postura, e tentava ser o mais segura possível. Pareciam ansiosos em ouvir o que ela tinha a dizer.

– Tentei defendê-lo, apesar de ter chegado muito tarde. Não poderia deixar Bruce morrer. Ele me salvou a vida.

– Na verdade, um Caçador. Soubemos que conta com a admiração deles – disse Romano, observando a vampira e depois lançando um olhar em direção ao rei.

– Espero não decepcioná-los – disse Kara, timidamente.

Virna, que parecia ter antipatizado com Kara gratuitamente, semicerrou os olhos quase num deboche pela sua simplicidade. O que ela sentia realmente era ciúme. O modo como Romano fitava a jovem vampira a confundia. Não conseguia decifrar o que havia em seu olhar: admiração, desejo, curiosidade... Além disso, ele havia fechado sua mente para ela quando dedicou sua atenção a Kara. Isso a encheu de desconfiança.

– Bruce é muito querido entre nós. Temos de lhe agradecer por nos substituir em atos de coragem – disse Micha, sorvendo o sangue em seu cálice.

Os olhos do russo estavam sobre Kara fazendo uma avaliação. Era muito alto e bonito. Valdés também não estava indiferente à presença da vampira, ele a fitava com certo carinho e admiração. Ela granjeava simpatia espontaneamente de seres frios por natureza. Radamés, se presente, diria que tal reação era digna somente de uma deusa pagã. O gesto desprendido dela os tocara. Os cabelos negros e lisos estavam presos num rabo de cavalo. Vestia jeans e camiseta, botas de couro e seu cinto de fivela de ouro, onde exibia o Sol asteca.

– Além disso, perderíamos um bom parceiro de baralho. Martan é muito sério quando começa a perder ou a ganhar – comentou Misha, gaiato, e piscou para a vampira. Ele tentava fazer o companheiro de Bruce se animar.

– Bruce não é bom jogador, sempre perde – disse Kara, lembrando-se de como ele era ruim com as cartas.

– Por isso gostamos de jogar com ele – murmurou Valdés, exibindo os caninos alvos num riso moleque.

– Os Pacificadores estão impressionados com suas habilidades.

– Treinei muito para o torneio, isso me ajudou bastante – justificou Kara.

Martan olhou a vampira com carinho e quase sorriu de sua inocente resposta à pergunta capciosa de Virna.

– Você foi uma das primeiras vítimas das emboscadas de Samael. Na verdade, o que mais desejamos é jogar boliche com a cabeça dele – declarou Misha, muito sério.

Ariel havia voltado para o piano e tocava uma melodia qualquer, mas estava atento à conversa que eles desenvolviam com a vampira. Na realidade, todos pareciam esperar alguém.

Romano observava Kara cuidadosamente, não era a primeira vez que a tinha debaixo de seu olhar, mas agora podia examinar seus olhos escuros, a força de sua presença, os ossos fortes, a face bonita. A força que emanava de sua presença. Virna, não muito distante, via a observação demorada do seu amante sobre a campeã do rei com aborrecimento.

– Acho que você tem o que os mortais chamam de sorte. É isso, sorte. Sobreviver a um ataque de três lobisomens e vencer o torneio.

Virna demonstrou seu aborrecimento com suavidade e malícia, enquanto Romano a fitava com surpresa disfarçada.

– Sorte? Não creio. Tenho como mestre o favorito do rei, tive como tutor um dos melhores mestres em armas que conheço, Martan. Acho que sorte não tem nada a ver com isso. – comentou sentindo a acidez da vampira.

– De fato, Sarah está morta – continuou Virna.

– Kara é uma excelente aluna, tive poucos com sua determinação e persistência. Realmente, sorte não tem nada a ver com isso. – Martan completou, percebendo que Kara respondera à altura sem se intimidar com a outra. Decerto, havia notado o ciúme de Virna, que não tinha por que se preocupar nem tampouco hostilizar. Romano buscava descobrir o quanto ela era poderosa, e não a seduzir.

Kara se levantou, sob o olhar atento de Misha. Estava farta de ser observada por todos como um pássaro raro.

Ariel sorriu consigo e brincou com as teclas; em seguida, começou a tocar a Sonata n. 11 in A major, Alla Turca. A vampira se refugiou na sacada e Martan a

seguuiu.

– Nossos corações estão mortos, perdemos alguns dos sentimentos que os humanos cultivam dentro de sua natureza, mas eu ainda posso sentir amor, carinho e gratidão. – Martan a tomou num abraço apertado e emocionado. – O que fez por Bruce jamais esquecerei.

– Não suportaria sua morte. Além disso, ele faria o mesmo por mim.

Kara retribuiu ao abraço carinhosamente. O vampiro se afastou e ficou próximo à murada, observando a noite e, ao longe, a entrada de carros.

– Samael precisa ser capturado. Por que ninguém faz nada? – questionou Kara, ficando ao seu lado.

– Precisamos vê-lo, sentir sua presença, achar seus rastros, Kara. E isso ninguém está conseguindo. Logo ele vai enfrentar minha ira – revelou o vampiro, contendo sua revolta.

– O cheiro dele estava em Bruce, debaixo daquela ponte. Como não sentiram?

– Pode sentir seu cheiro? Como? Eu recebi Bruce quando ele chegou ferido e nada senti. Impossível.

– Conheço o cheiro dele desde que fui atacada. Ele me seguiu pela rua, enquanto acreditava ser Bruce. Quando os lobisomens surgiram, pude identificar todos e senti sua presença, senti seu cheiro e jamais o esqueci.

Guarde essa informação por enquanto. Não estamos em segurança. Muitos falam de traição e não quero que sofra outra emboscada. Jan Kmam me visitou em sonho e me censurou duramente. Está furioso, não me perdoou por tê-la ajudado a ser a campeã do rei – disse Martan mentalmente para Kara.

– Vou falar com ele hoje novamente, tentar fazê-lo compreender.

– Não perca seu tempo, Jan disse que não quer vê-la até que renuncie. – disse e tocou seu braço delicadamente. – É perigoso ir ao Jardim seu a proteção de seu mestre.

- Sei como entrar e sair, ele precisa entender meus motivos.
- Apenas tenha paciência daqui a um ano, ele estará livre.
- Eu...
- Vamos, Togo chegou. – disse interrompendo-a delicadamente.

A reunião começou com uma confirmação bastante grave: vampiros e lobisomens, aliados a Samael, estavam fazendo incubadoras. Eles atraíam jovens mortais para transformá-los, fazer deles seus soldados. Um confronto se avizinhava claramente. Nos últimos meses, vários conflitos e ataques se deram – sem que pudessem ser evitados – entre lobisomens e vampiros; até mesmo alguns homens-lobos se envolveram em lutas. Os sobreviventes foram postos sob custódia e alguns punidos duramente por ameaçarem o Pacto. Após o ataque sofrido por Kara e finalmente Bruce, um Lorde, tudo se complicara.

Ariel, como rei, foi obrigado a lançar um alerta aos homens-lobos. Uma carta de advertência, um protocolo que Ariel e Darden conheciam muito bem. Para a Alcateia e a Trindade, uma ofensa que deveria ser respondida à altura, ou seja, com luta. Darden recebeu o aviso com serenidade e respondeu a ele como um rei faria, sabiamente. Afirmou que os ataques seriam investigados e que lutaria pela manutenção do Pacto até o fim.

Ariel observou as poucas fotos conseguidas do local onde os lobisomens mantinham como reféns alguns mortais. A maioria já estava infectada. A pasta foi passada a todos na mesa e, quando finalmente chegou às mãos de Kara, ela viu o endereço e um resumo rápido dos acontecimentos. Os lobisomens estavam atacando em *Seine-Saint-Denis*, na periferia norte de Paris.

Os demais vampiros à mesa falavam de um confronto de vampiros e homens-lobos na noite passada. Eles atacavam um grupo de turistas e nenhum ficou vivo para contar o que havia acontecido. Incidentes que o senhor dos lobos e Ariel estavam encobrindo do melhor modo possível, mas tais fatos não podiam prosseguir.

Kara continuava lendo um tanto enojada: os reféns eram mantidos em gaiolas até que se transformassem; daí em diante, eles permaneciam no bando, reféns agora de sua vontade e natureza animal. Aqueles que não cediam ao apelo da imortalidade eram imediatamente mortos. Eles precisavam matar todos os lobisomens e os mortais infectados.

– Os Pacificadores precisam de apoio. Os Lordes se habilitam? – perguntou Togo, observando Misha e Valdés sorrirem vitoriosos. Aqueles dois matavam e morriam por uma boa aventura, literalmente falando.

– Aceito o comando. Comigo, Valdés?

– Uma pergunta desnecessária, mas o perdoo – brincou Valdés, risonho.

– A campeã nos acompanha? Vamos agitar um pouco.

– Aceito, Lorde Misha.

A vampira falou determinada a impedir que ele a excluísse daquela aventura. Seria sua primeira missão. Togo a olhou com admiração e, por uma fração de segundo, acreditou realmente que Kara estava decidida a crescer. Ele ignorou a ordem mental que o rei lhe deu de mantê-la sob sua custódia.

– Não acho necessário que minha campeã se envolva – disse Ariel, tentando evitar que Kara se expusesse a riscos.

– Será um bom exercício para todos. Para garantir que seja divertido, levem Will e Juan.

Togo sugeriu, fitando o rei com ar conciliador. Aquilo o acalmaria, confiava plenamente naqueles dois mercenários.

– Gostaria de acompanhá-los, senhores. Estou buscando os rastros de Samael há algum tempo, acho que é um bom lugar.

Marie se ofereceu e ignorou o olhar que Valdés lançou em sua direção, um misto de preocupação e aborrecimento.

Ariel concordou calmamente, enquanto fitava o contentamento de Kara. Ela parecia destemida e decidida a manter o cargo. No começo, acreditou que suportaria vê-la ao seu lado como campeã; agora, temia perdê-la. Vê-la fraca no leito após de ser atacada por lobisomens e depois ceder seu sangue para Bruce foi demais para suportar, temia que se machucasse outra vez. Frustrado, engoliu seu aborrecimento e temores e os viu se prepararem para sair. De qualquer modo, ela estava segura. Misha e Valdés cuidariam dela. Resolver acreditar nas palavras de Radamés e a deixar crescer. Estava se transformando em uma cópia ruim de Jan Kmam.

– Bem, senhores, conhecem o caminho da sala de armas e do arsenal – Togo, liberando-os finalmente após algumas perguntas.

– Os demais fiquem, preciso de todos vocês.

Ariel disse permanecendo de pé junto à cabeceira da mesa, enquanto via Kara se despedir de Martan com um sussurro junto à sua orelha. Algo estava acontecendo, mas certamente eles não lhe diriam. E isso o magoou, queria ser alguém em quem ela confiasse, mas pelo visto isso estava longe de acontecer. Restava-lhe apenas a lembrança de tê-la em seus braços, o sabor de sua boca, o aroma de rosa que seu corpo exalava, o toque de sua pele e cachos sedosos.

Valdés estendeu a mão em sua direção e Kara aceitou. Seguiram pelos corredores e logo chegaram à sala de armas. Lá, à sua espera, os vampiros Juan e William, Misha os chamara mentalmente. Eles serviam ao rei no *Château*.

Ficaram diante da mesa de mapas e começaram a esboçar um plano de ataque. Eles precisavam agir imediatamente. Misha era um bom estrategista e sabia que precisava levá-los e trazê-los vivos, se possível. Todos ali tinham talentos. Kara soube por Valdés que Will e Juan tinham a mesma história: enquanto mortais, ambos eram foragidos dos Estados Unidos, ladrões de banco. Viviam no México e, em pouco tempo, se juntaram a Pancho Villa, quando ele recebeu o comando da cavalaria com mais de quarenta mil homens para derrubar o regime de Huerta. Sobreviveram e, quando Pancho virou revolucionário por se desentender com o

novo governante, eles continuaram seguindo-o. Só saíram de seu exército quando foram atacados em Chihuahua. Entraram num bordel em busca de divertimento, e uma das prostitutas os transformou em vampiros. Will era um tanto paternal com Juan; afinal, o vampiro tinha a aparência de um jovem de 18 anos. Sua juventude encantava muitos. Ele tinha lindos cabelos negros, olhos claros e quase traquinas, um vampiro silencioso, tímido. Somente quando ficava sério deixava transparecer a idade que realmente possuía. Will era um homem feito quando morreu. Cabelos e olhos castanhos, bastante falante, um especialista em explosivos e armas de fogo. Eles não tinham mestres, mas foram acolhidos pelo mundo vampiro há cinquenta anos. Conheciam as regras, as leis e gostavam de lutar, viver aventuras; por isso, Misha e Valdés lutavam ao lado deles, tinham o espírito livre e aventureiro. O rei os mantinha sempre por perto; apesar de serem jovens, haviam sido aceitos pelo Livro – eram órfãos.

Um plano foi traçado sobre o mapa do local. Marie, atenta a detalhes, mostrou com seu pêndulo de cristal dois pontos vulneráveis no galpão e caminhos de fuga para eles, caso precisassem. Misha gostou das sugestões, era do tipo precavido, gostava de um plano “B”. Will já conhecia o arsenal do rei e, assim que Misha enrolou o mapa dando o plano como finalizado, foi escolher suas armas. Na verdade, era somente uma porta que dava para outra sala menor, repleta com estantes que abrigavam o arsenal do rei. Ali dentro, havia de tudo: de facas a explosivos. Ele pegou algumas armas e uma espada curta de estilo militar. Juan nada pegou, só guardou na mochila as armas que Will escolheu para si.

– Tomaram a poção?

Valdés perguntou-lhes para receber afirmações positivas de todos. Lutar contra lobisomens conferia a eles o privilégio de beber a poção. A Ouroboros passara algumas doses da bebida ao rei, visto que um vampiro não podia infectar um lobisomem.

– Juan? Não vai levar uma espada?

Kara perguntou, preocupada com o vampiro. Juan balançou a cabeça negativamente e sorriu de forma tímida, afastando-se sem nada falar. Will se aproximou e resolveu esclarecer a situação; afinal, a vampira não conhecia os métodos de Juan.

- Ele não precisa de espada; é especialista em armadilhas para lobisomens – disse Valdés, compreendendo a preocupação da vampira.
- Como ele conseguirá colocar essas armadilhas? Eles estão no prédio.
- Juan tem um dom especial, só é visto quando quer.

Durante toda a reunião, ele se manteve quieto, apenas observava tudo com atenção e brincava com uma moeda antiga e furada, parecia um dólar de prata, presa a um fio também de prata.

- Vamos, nos encontramos no local marcado, *adiós señoritas*.

Dizendo isso, Will segurou Juan pelos ombros e sumiram rapidamente da sala como dois espíritos brincalhões. Kara resolveu usar as pistolas com que Martan a havia presenteado. Seria um bom momento para testá-las; quando viu as balas de prata, teve certeza de que as usaria. Dispunham de algumas ampolas de Seiva, no caso de encontrarem vampiros. Kara gostou de ter a companhia de Marie. Certamente ela já sabia da missão quando se vestiu aquela noite – Kara notou o colete de seda roxo. Ele parecia bastante forte e lhe protegia o peito e os ombros. Gostou do modelo de suas botinhas, bem parecidas com as suas. Marie levava consigo apenas uma bolsa de couro, que usava a tiracolo.

Quando Misha e Valdés estavam prontos, desceram para a garagem. Kara se espantou com o espaço e a quantidade de motos e carros. Havia um microônibus e uma limusine negra. Um jovem mortal apareceu e, quando a viu, curvou-se. Uma Sentinela, a tatuagem com o selo da Ordem estava em seu pulso esquerdo, o que dizia que ele era de total confiança.

- Não faça isso, por favor – pediu Kara, assustada com seu gesto.

– É uma honra, é a campeã do rei. Meu nome é Billy, estou a seu dispor – disse, entusiasmado.

– Muito prazer. Sou Kara.

– É realmente muito jovem, como dizem. Ainda se apresenta como mortal.

Misha e Valdés se entreolharam e sorriam da inocência da vampira, assim como Marie. Mas nada disseram para condená-la, com o tempo, ela aprenderia a se portar diante de uma Sentinela. Eles sabiam que ela era uma exceção.

– E como se apresentam os vampiros mais velhos? – ficou curiosa em saber o que fazia de errado, afinal não queria ser diferente.

– A maioria não fala com uma Sentinela, somos invisíveis – disse, temendo os dois vampiros que com ela estavam.

– Estou vendo você muito bem.

A vampira brincou, percebendo o modo encantado como a Sentinela a fitava. Seguiu-a pela garagem, enquanto Kara escolhia uma moto como os demais. Billy falou de algumas delas rapidamente e ligou-as para que ela ouvisse o motor. Tinha todas as chaves e conhecia todos os veículos daquela garagem. Era um rapaz muito inteligente. Falou de alguns vampiros e dos carros que cada um gostava de usar quando pensava em agir como um mortal. Na verdade, muitos vampiros achavam carros limitantes, outros gostavam da velocidade.

– Este é o Porsche 911 do rei. Ele o comprou assim que saiu, fez poucas modificações. Ele o adora; sempre que sai com ele, está muito feliz. Coisa muito rara, sabe. Geralmente, sai com o seu motorista, Filipe. Mas, no geral, gosta de rodar com essa belezinha, uma Harley-Davidson, modelo 745 WLA. Ela é uma das primeiras que o governo americano encomendou. O rei a comprou a peso de ouro.

Billy falava orgulhoso. Tinha uma flanela no bolso e, sempre que se referia a um dos veículos, limpava-o. Claro, eles estavam limpíssimos.

– Preciso de uma moto forte, algo que aguente rodar – brincou Kara, tentando esconder suas verdadeiras intenções, que iam bem além da aventura daquela noite.

–Venha comigo – pediu Billy.

Foram para o fundo do recinto, onde ele pegou uma chave e abriu uma segunda parte da garagem.

– Seu mestre deixou uma de suas motos aqui. Ele a comprou um ano antes de ser condenado à Caixa. Pelo que soube, era para dar de presente à sua pupila, mas o estranho é que nunca veio pegar a moto. Acho que vai gostar. Sempre que Jan Kmam vinha a Chantilly, dava umas voltas com ela. Ao ouvir isso, o jovem puxou a capa que cobria a moto.

Era uma GSX-R na cor preta, uma moto rápida e leve. Billy lhe deu as chaves e a viu sorrir emocionada. Marie, assim como os demais, escolheu uma moto e Misha acelerou. Todos já estavam prontos para partir.

As motos corriam ligeiras pela estrada rumo a Paris. O galpão ficava na periferia em *Seine-Saint-Denis*. Kara conhecia bem o caminho, o bairro, ela costumava caçar nas vizinhanças. Assim que deixaram a estrada que os trouxe de Chantilly, as ruas tornaram-se mais movimentadas. Quando Kara parou no sinal, reparou nas pessoas que iam e vinham dentro de seus carros, na faixa de pedestres, alheias às intrigas imortais que aconteciam à sua volta. A noite estava mais fria, possivelmente choveria. Misha e Valdés seguiram em frente antes que o sinal fechasse.

Marie e Kara foram as últimas a chegar, a chuva pegou-as no meio do caminho. Misha havia arrombado uma loja de roupas. Ficariam ali até dar início ao ataque. Esconderam as motos e esperaram as ordens de Misha. De onde estavam podiam ver o galpão que os lobisomens estavam usando como esconderijo, era quase um depósito de aluguel. A rua estava deserta e úmida, ainda chuviscava um pouco. Marie olhou a loja e andou pelo corredor, estava na hora de começar a trabalhar. Puxou da bolsa de couro o pêndulo de cristal e caminhou pelo lugar, observando a pedra que se movia, como se fosse puxada por algo ou alguém. Indo

de um lado a outro. Uma energia tão forte que a ponta do cristal estava completamente apontada para o galpão.

– Misha, é provável que encontremos Samael esta noite.

– Tem certeza disso, Marie? Não consigo sentir o cheiro dele – disse Misha, apreensivo.

– Também não sinto. É como se ele não existisse.

Valdés fez o comentário fitando Will, que também balançou a cabeça negativamente. Juan respondeu de forma similar, e Kara seguiu o gesto, lembrando-se da recomendação de Martan. A campeã do rei fitou o galpão, aspirando o ar em volta disfarçadamente, e acreditou, por um momento, que Marie estivesse certa: o cheiro do lobisomem estava no ar, todavia muito fraco. Ficou quieta, afinal pretendia cortar a cabeça da criatura pessoalmente. O mais estranho era que o odiava, mas sequer conhecia sua face. Isso pouco importava, ele encontraria seu fim.

– O cristal não pode mentir, ele está próximo – disse Marie, guardando a pedra dentro da bolsa.

Samael era somente um lobisomem. Estaria ele lidando com magia? Talvez fosse essa a resposta, ele vinha usando magia e, assim, tapeando a Ouroboros, os vampiros e todo o resto.

Will e Juan desapareceram no beco lateral à loja e escalaram a parede para desaparecer no telhado. Misha falou mentalmente com Kara, que era a próxima. Ela obedeceu ao comando do vampiro e saltou para alcançar o telhado. Caminhou com a leveza que sua natureza imortal lhe permitia e fitou o galpão dentro da escuridão, vendo dois pontos de entrada como descrito no mapa feito pelas Sentinelas. Assim que verificou tudo, avisou Misha de que poderia seguir com o plano. A claraboia e as janelas estavam realmente desprotegidas. Eles não contavam com um ataque, sentiam-se completamente invisíveis. Dentro, alguns homens e duas mulheres ainda na forma humana conversavam. No piso inferior, os

mortais jaziam presos. Os pedidos de ajuda, comida e água não eram ouvidos. Eram abafados pelos alicerces, mas, para a audição de um vampiro, o som era mais do que alto e nítido. Sem contar o cheiro de sangue e medo – eles estavam sendo tratados como animais.

Will andava pelo telhado como uma sombra, pondo explosivos pequenos. O plano era matar todos e queimar o local para não deixar provas. Kara viu um vulto se movendo no segundo piso: era Juan. Ele andava nas vigas dentro do prédio. Movia-se muito rápido, tanto que foi difícil para Kara ver ao certo o que fazia. Mas, quando o corpo de um vampiro despencou sem a cabeça e ele girou o fio preso à moeda, ela entendeu. Ele estava matando os vigias.

O prédio estava desprotegido, todos os vigias foram eliminados. Um minuto depois, os vampiros alojavam-se no telhado do prédio vizinho ao galpão.

– Eles podem nos sentir? – perguntou Kara, falando mentalmente.

– A poção nos deixa quase imperceptíveis, mas é temporário. No seu caso, Kara, vai demorar mais um pouco, você tomou uma grande dose após o ataque – revelou Misha, observando tudo ao redor.

– Sim – revelou Kara, com honestidade.

– Há seis deles no andar de cima e cinco no térreo. Nas celas, contei dez mortais, todos infectados. Cinco deles já se transformaram, o resto é só uma questão de horas.

– Por que motivos manteriam tantos lobisomens reunidos num mesmo local? Kara questionou o fato, chamando a atenção de Misha, que a fitou com interesse e começou a pensar a respeito. Ela voltou a olhar o prédio de dois pisos e sentiu os lobisomens, o cheiro. Sem que pudesse evitar, percebeu-se nauseada, algo involuntário.

– É, eles têm um cheiro bizarro quando são jovens. Com o tempo, fica quase imperceptível. Concentre-se que a náusea passa. Vomitar sangue deixa rastros – ensinou Misha, atento. Atenção redobrada! Isso não parece uma simples

incubadora, algo mais se esconde nesse galpão. Lembrem-se: sem prisioneiros – disse ele, mentalmente, contemplando os lobisomens com desprezo.

O vampiro fitou a campeã do rei. Ela segurava sua espada junto ao corpo numa postura equilibrada. O modo como combatera no torneio foi admirável para uma vampira tão jovem. Os cabelos voavam livres, jogando no ar o cheiro de rosas. Misha achou-a deliciosa, aquela vampira realmente tinha algo de diferente, talvez o sabor de sua pele e sangue, a fragilidade aparente. O coração que ela controlava com sabedoria para que não batesse junto de seus iguais. Lembrou-se das ordens do rei e se afastou: melhor não cair dentro de seu olhar, ela era muito doce.

Juan se aproximou de Misha e abriu a mão para exhibir ao líder o fruto de sua caçada. Sobre a palma, mostrou pares de caninos ainda sanguinolentos. Kara ergueu a sobrancelha e viu Juan sorrir de sua surpresa. O vampirinho era realmente estranho, além do normal.

– Bom trabalho, Juan. Prontos?

Ao comando de Misha, todos saltaram sobre o telhado do galpão. Nenhum som foi ouvido, eles agiam silenciosamente. Da claraboia, podiam ver uma das celas. Nela, dois lobisomens transformados. O galpão armazenava equipamentos de luz, figurinos e grandes peças de cenários.

Marc, o líder, deu o alarme depois de farejar o ar à sua volta. Sentiu o cheiro dos vampiros. Fazia algum tempo que havia fugido de Barcelona e feito um posto em Paris. A missão era a mesma: recrutar adeptos, os que não se deixavam seduzir pelas promessas de imortalidade eram contaminados contra sua vontade. O seu grito de alerta fez os demais lobisomens se transformarem.

– Transformem-se, somos observados por vampiros!

Francine não estava ao lado de Marc como de costume. Mênon, temendo perdê-la, resolveu afastá-la de perigos, algo que Marc aprovou, pois temia pela vida da irmã. Ela havia ficado em Barcelona no esconderijo de Mênon e Samael.

As duas lobas no galpão eram lindíssimas, certamente serviam de isca para atrair os mortais nos bares.

Misha sorriu e atravessou o vidro da claraboia; caiu no chão e começou a lutar. Matou um dos lobisomens ainda em transformação. A essa altura, o líder estava transformado e avançou sobre ele, rugindo e babando. Seria um luta e tanto.

Kara não seguiu Misha como Valdés, ela precisava assumir sua posição no segundo piso. Correu pelo telhado e saltou no vazio para graciosamente se lançar pelo vidro da janela de arma em punho. Os lobisomens avançaram e ela os recebeu com tiros. Sobre o coração ou na cabeça, as balas de prata eram sempre definitivas. Viu Will e Juan passarem por ela e se jogarem sobre um dos lobisomens no último andar.

Marie ficou no telhado, observando a luta. Tentava localizar Samael. Tinha ordens do rei para matá-lo assim que o encontrasse. Valdés usava pistola e espada, num dueto mortal. Juan, ao lado de Will, cortava cabeças de modo singular. Ele lançava o fio de prata sobre a garganta dos lobisomens e, quando a laçada se fechava, ele o puxava. A prata os queimava, decapitando-os.

Kara andou pelo corredor chutando portas, era preciso eliminar todos, ninguém poderia sair vivo. Achou duas mulheres algemadas à cama, estavam seminuas e, infelizmente, marcadas pelas garras do lobo. Kara atirou em ambas na cabeça, era questão de tempo para que se transformassem. Havia no ar um cheiro conhecido, Kara o reconheceu, sentira no ar durante o ataque a Bruce. Parecia uma erva, algo que era queimado. Encontrou sobre uma das mesas um pó escuro e resolveu levar um pouco consigo para tentar descobrir sua origem.

Misha e Valdés lutavam juntos, tentando vencer o líder dos lobisomens ali reunidos. Era muito forte e, mesmo ferido, revelava-se um oponente à altura. Temendo seu fim, dois lobisomens o empurraram pela janela e protegeram sua fuga. Sua morte certamente seria prejudicial aos revoltosos, que preferiram ficar e dar suas vidas pela dele. Isso não passou despercebido a Misha.

Marie entrou pela claraboia e, guiada por seu cristal, seguiu os sinais deixados por Samael. Estava no corredor ainda buscando o rastro quando um vampiro saltou sobre ela. Ela o empurrou, queria afastá-lo para usar seus poderes. Tentou alcançar sua faca, foi nesse momento que o vampiro viu a marca em seu pulso e recuou com medo. Ele a libertou e se afastou. Foi seu primeiro e único erro: incendiá-lo tão perto de si era suicídio, mas longe deu resultado.

– Ignis!

O vampiro tocou o corpo e se viu coberto de chamas. Dentro do fogo ainda pôde sentir o aço da espada de Kara traspassá-lo e, por fim, separar sua cabeça do tronco. Kara viu que ela havia incendiado o vampiro e olhou-a com respeito. Era um poder e tanto, sentiu-se bastante vulnerável em sua presença.

– Quero morrer sua amiga – brincou Kara, observando as cinzas do vampiro.

– Digo o mesmo. Luta muito bem, Kara – afirmou Marie.

– Encontrou Samael?

– Não, mas continuo sentindo sua presença.

– Ele não está aqui, Marie. Algo está muito errado, desconfio de uma armadilha. Marie fitou-a com curiosidade, e as duas desceram para ajudar Will, que estava no andar de baixo, lutando com dois lobisomens. Marie incendiou um deles para que o vampiro cortasse sua cabeça. Kara pegou o segundo e o abriu de cima a baixo num golpe ligeiro. Deixá-los chegar perto era suicídio. Juan recolhia amostras de sangue dos corpos que já haviam voltado à forma humana, e Kara não teve ânimo de perguntar por que faria tal coisa.

Precisavam agir rápido. O fogo provocado por Will se espalhava ligeiro pelo andar superior e, em breve, o local estaria cheio de mortais. Marie e Kara, guiadas por seus instintos, seguiam juntas, tentando localizar Samael. O cheiro estava cada vez mais nítido em suas narinas. Passaram pelas jaulas onde os mortais estavam, tentando não ouvir seus pedidos de ajuda. Eles estendiam as mãos e os braços, implorando socorro, sem saber que já estavam condenados. Atrás deles, duas jaulas

mantinham dois lobisomens recém-transformados. Eles, agora, se jogavam sobre as grades de maneira agressiva, o som da luta e o fogo que se alastrava os perturbavam. Will logo cuidaria de ambos.

O cheiro estava cada vez mais forte, e elas foram guiadas para o espaço detrás das jaulas. A sala escura fez Kara estancar: conseguia ver bem, seus sentidos vampíricos a favoreciam, mas nunca suportara a escuridão. Nela, ouvia sons e sussurros, e não conseguia identificar de quem eram nem de onde vinham.

Como agora. Marie, um passo à frente, obrigou-a a segui-la. E, quando a bruxa gritou, ela a segurou pela cintura de imediato.

As duas foram arrastadas pelo chão, rumo ao centro da sala. Kara tentava agarrar-se em algo, mas não havia nada. Subitamente, sentiu Marie erguer-se do piso e alguma coisa ou alguém a empurrou com violência contra o solo. A vampira gemeu de dor e viu as luzes se acenderem.

Com a espada em punho, Kara observou a sala vazia: no centro, o corpo de Marie flutuava no ar! Ela percebeu símbolos e riscos de carvão e giz no chão. Certamente eles manteriam Marie suspensa e inconsciente. Pronta a libertá-la, Kara se aproximou, evitou cruzar as linhas e observou a jovem. Seus olhos estavam negros, ela parecia flutuar dentro d'água. Seus cabelos flutuavam, assim como as vestes, como se estivesse fora do tempo e espaço. Will e Juan apareceram na sala e não tiveram ação diferente da vampira. Quando Kara se aproximou um pouco mais dos desenhos, o amuleto que trazia consigo brilhou, então ela recuou. Compreendeu que ele a avisava do perigo que corria. Ergueu a espada e apontou para o círculo. O choque foi forte, e a vampira, jogada longe. Era realmente uma armadilha, e o alvo era Marie. No chão, com sangue na boca, sentiu uma presença imortal. Kara ergueu a cabeça e viu um vampiro.

Os dois vampiros, que já faziam menção de se aproximar em seu auxílio, correram em sua defesa. O vampiro renegado fitou Kara de modo diabólico e ergueu a mão. Ele lançou os dois contra a parede dos fundos da sala e os conteve com dor. Depois, invadiu suas mentes, jogando-os no chão.

Kara tentou alcançar sua adaga, enquanto a mente daquele vampiro os atacava. A campeã do rei não se deixou abater e lançou a adaga de mau jeito, atingindo-lhe a face. A máscara que ele usava caiu, e Kara virou o rosto com repúdio e horror diante do que viu. A ferida era enegrecida, a carne fora devorada, certamente pela Seiva. Recuou, livre de suas garras, e rastejou para perto de sua espada. A pancada libertou Will e Juan, que se recuperavam de seu controle mental.

– Mênnon!

– Como sabe meu nome?

O vampiro perguntou calmamente, recolocando a máscara sobre a face marcada, após a recolher do chão.

– Não se lembra de mim? – indagou Kara, vitoriosa, observando que ele puxava pela memória.

O renegado finalmente semicerrou os olhos e pareceu lembrar-se da primeira vez que a vira. Anos antes, a vampira deparara-se com ele e um estranho imortal, que agora compreendia ser Samael, conversando num beco. Eles tramavam o roubo de um pergaminho. Sabia-o imortal, mas jamais supôs que ele fosse um lobisomem. Eles desejavam destruir o Pacto.

– Lembro-me de você e também da interrupção de Bruce, que lhe salvou a vida. Como ousa me enfrentar?

– Sou a campeã do rei e ordeno que solte Marie agora!

Mênnon gargalhou em meio ao som de gritos e rosnados próximos. Ele a fitou e, por um instante, esperou que ela recuasse, mas Kara não o fez; pelo contrário, puxou sua espada e se preparou para cortar sua cabeça. Will e Juan, livres de sua pressão, aguardavam o momento certo para atacá-lo. E já haviam alertado Misha e Valdés sobre sua presença. Era questão de minutos para que ficasse cercado.

O vampiro andou um passo em sua direção, a mirou com seus olhos cinzentos e a fez gritar de dor. A vampira tentou recuar, libertar-se, mas ele invadiu sua mente com agressividade. Ela soltou a espada e caiu no chão em dores. Will e Juan

novamente tentaram avançar e foram repudiados, mas dessa vez ele não invadiu suas mentes, simplesmente criou uma parede invisível na qual eles esbarravam sem conseguir atravessar, mesmo a fio de espada. Quando Misha e Valdés chegaram à sala, viram a situação completamente fora de controle. Não conseguiam alcançar nem Marie nem Kara.

Kara tentava fechar sua mente, mas foi em vão: Mênon quebrou suas barreiras e a invadiu. Buscava uma única informação, os pergaminhos, ele queria ter certeza de sua busca. Enquanto ele vasculhava suas lembranças, Kara viu a face de Samael. E um Templo no interior da Esfinge. A campeã do rei sentiu o coração doer, oprimido sob a mão do vampiro, que havia se aproximado. Ele parecia disposto a arrancá-lo, ou esmagá-lo dentro de seu peito. Mas quem reagiu melhor foi seu amuleto. Mênon gemeu de dor e a soltou no chão.

– Maldita! Logo cuidarei de você. Quando estivermos completamente livres, oferecerei seu coração a Íris.

– Kara, afaste-se dele! – ordenou Misha, temendo por sua vida.

Kara fitou os vampiros tentando atravessar a barreira sem sucesso e compreendeu que ela deveria salvar Marie e a si mesma. Kara avançou, e Mênon tentou empurrá-la com a força da magia, mas nada aconteceu; o vampiro renegado não exercia mais poder sobre ela. A espada cortou-o ao meio, mas nada mudou: foi como atravessar o ar ou um fantasma.

– Tola! Acredita que essa lâmina impura pode me ferir? – berrou ele, andando em sua direção.

O amuleto de Kara empurrou-o para trás, era um escudo poderoso. Mênon gritou de ódio por não poder tocá-la novamente.

– Ninguém pode me impedir de nada. A mudança já começou e só terá fim quando os reis caírem aos pés de Íris e seus filhos.

Mênon falava com muito rancor e desfez a barreira invisível que os continha para deixar os vampiros se aproximarem. Eles estavam prontos para cortar sua

cabeça. Mas nenhum deles conseguiu tocá-lo: mal desferiam golpes, eram lançados para trás com violência. Valdés atirou contra a barreira, enquanto fitava Marie flutuando com certo desespero. Mênnon se exibia e ria dos seus oponentes no chão sofrendo. E os olhou com aborrecimento, como se lidasse com insetos. Divertia-se os massacrando.

Marie continuava paralisada sobre os símbolos, o corpo tremia levemente. Ela não podia fugir do estranho transe, mas parecia lutar em silêncio. Mênnon não se importava com os golpes de Kara, que insistia em cortá-lo como pudesse. Ele andou até o círculo traçado no chão e a viu recuar; o círculo a repudiava agora. Finalmente, quando ele ficou no centro, segurou o corpo de Marie nos braços e sumiu, levando-a junto.

Tudo fora preparado para que Marie seguisse as pistas, uma armadilha perfeita. Misha se aproximou de Kara e perguntou se ela estava bem, uma vez que sangrava pelo nariz.

A presença do vampiro parecia ter afetado seu corpo. No calor da luta, sequer percebeu. Mas não havia muito tempo para refletirem sobre tudo o que acontecera. O galpão ardia em chamas e, muito longe, eles podiam ouvir o corpo de bombeiros; bem mais perto, o grito dos mortais.

– Valdés, acabe com os dois últimos lobisomens. – disse Misha o tirando de seus pensamentos, ele tinha nas mãos o pendulo que Marie havia usado.

– Imediatamente. – disse colocando o cordão com o cristal em volta do pescoço.

– Will e Juan, certifiquem-se de que nenhum deles saia vivo. Kara, mate todos os mortais.

Kara viu Valdés e Will sumirem pela porta, mas não se movia. Não queria matá-los. Podia sentir o olhar frio de Misha sobre si. Vendo sua expressão hesitante, o vampiro ordenou.

– Agora!

A vampira, sem escolha, finalmente se moveu; precisava cumprir as ordens. Foi para a frente da jaula e fitou os mortais em desespero, dois deles se transformavam e já começavam a matar os outros ainda não transformados. Os disparos foram piedosos, mas como esquecer suas faces, os gritos, o modo como corriam para o fundo da jaula, tentando fugir do massacre iminente? Quando o último deles caiu morto, Kara viu o sangue surgir numa onda rubra por baixo das grades. Ela recuou e sentiu as lágrimas invadirem seus olhos. Will percebeu que ela chorava, mas nada disse. A vampira secou as lágrimas e saiu do galpão, seguindo os demais. Enquanto pegavam suas motos, viram o galpão ruir, apagando pistas e levando os corpos dos lobisomens consigo. Misha não repreendeu Kara. Assim que chegou à loja, ele ligou para Ariel e lhe avisou do resultado da missão. Valdés destruiu a moto que Marie dirigira e se preparou para partir. Mas, ao passar por Kara, tocou seu ombro, passando-lhe força: percebeu sua tristeza.

Voltaram para o *Château* com o sabor da derrota na boca. Parte da missão fora cumprida, mas a ausência de Marie pesou na avaliação final. Assim que chegaram à garagem, a maioria buscou abrigo – faltava somente uma hora para o dia nascer.

Kara foi para seu quarto, mas não conseguiu deitar-se, andava de um lado para o outro. E, cansada de se debater com seus pensamentos, tomou uma decisão: Seguia pelos corredores do Château – tinha rumo certo e não voltaria atrás. Passou pelo corredor repleto de janelas altas, vendo a luz do dia chegar lentamente. Apressou-se, os Pacificadores a deixaram passar sem detê-la, ela sequer notou. As câmaras subterrâneas eram exatamente como Jan Kmam havia descrito, o corredor, as cortinas pesadas e, por fim, a porta do quarto do rei. Por um momento ainda hesitou, pensando nas regras, no olhar de censura de Togo, mas decidiu entrar.

A antecâmara estava vazia, mas ali estava a presença de seu rei. Cadeiras de damasco cobertas com almofadas de veludo e seda, lindos tapetes orientais em tons profundos de vermelho e negro. No centro da sala, havia uma mesa grande de madeira com tampo oval. Sobre ela, livros e pergaminhos. Ela olhou dois deles e viu algo que lhe chamou a atenção num pergaminho escrito em latim, com uma parte em egípcio. A gravura exibia uma criatura meio vampira, meio fantasma,

mutilando o corpo de outro vampiro. Em sua mão, o coração de seu igual. A cena era atemorizante. Kara se afastou da mesa e andou pelo aposento. E viu duas arcas antigas.

Sobre uma delas, Ange, a gata do rei, confortavelmente deitada em uma almofada de seda. Assim que chegou ao Château, fora avisada sobre o animal. Mas somente agora a via e entendia o porquê de não tê-la encontrado antes: ela vivia na câmara do rei e reinava absoluta. E não deveria ser tratada como alimento: era imortal, pois sem querer lambeu o sangue do rei. A gata de pelo negro e lustroso fitou-a com seus olhos verdes e lambeu a pata. Preparava-se para dormir. No pescoço, ela exibia uma pulseira de ouro. Kara a acariciou e ela pareceu gostar; por fim, afastou-se e a deixou dormir.

Um cofre não muito longe. A televisão estava ligada sem som; sobre a mesa próxima a ela, um par de pistolas carregadas com balas de prata. Seus celulares e jogos. Kara andava por um mundo bastante particular. Havia livros de poemas, desenhos e roupas jogadas pelo chão. Ariel era um tanto quanto bagunceiro.

Duas paredes de pedra estavam cobertas com cortinas de veludo vermelho, sendo uma próxima ao leito. A segunda parecia resguardar uma espécie de altar, não por trazer em si imagens sacras, não. Na verdade, era apenas uma mesa pequena encostada à parede, meio que escondida, que sustentava sobre si um vaso de porcelana cheio de rosas brancas. Junto ao vaso, um leque de seda e renda que Kara não ousou tocar. Ao seu lado, o violino e umas partituras bastante antigas.

O dossel do leito era espesso e, se fechado, isolava a cama do resto da sala. Onde ele estaria? Kara se perguntou, temendo estar invadindo, mas, ao sentir o cheiro de sua lavanda, compreendeu que ele estava no banho. A alguns poucos passos do leito, havia uma segunda câmara onde era o banheiro.

Kara entrou e viu o piso limpo, o espelho de moldura, o armário, a banheira. Ariel estava mergulhado na água morna, a espuma sumia aos poucos. Próximo a ele, uma poltrona; do lado oposto, sua espada. Parecia cochilar com a cabeça apoiada numa toalha macia. Os cabelos ruivos molhados, penteados para trás.

Silenciosa, a vampira sentou-se na cadeira próxima à banheira e o fitou. Era algo impróprio, segundo Togo, mas, na verdade, sentiu curiosidade. Os cabelos úmidos pareceram mais escuros. A face estava relaxada, dando a ele um ar menos frio. Tinha as mãos apoiadas na borda, os braços fortes exibiam pelos claros. O anel de rubi brilhava sanguíneo na mão forte, as unhas eram levemente grandes. O corpo sob a água era robusto e másculo, o peito era liso, forte e largo. A cintura, bem torneada; as pernas, grossas e firmes estavam levemente flexionadas. Estava completamente imóvel.

– O que deseja, Kara?

A vampira não se assustou, sabia que ele certamente já havia sentido sua presença na câmara. Ele ainda mantinha os olhos fechados como se quisesse apenas ficar imóvel, aproveitando a água morna.

– Quero entender por que tive de matar dez inocentes.

Ariel abriu os olhos e a examinou: ela estava suja de sangue, com a roupa rasgada. Ainda trazia na cintura duas pistolas, cheirava a sangue e pólvora. Em seu íntimo, tristeza e culpa. O rei estendeu a mão e pegou a toalha, erguendo-se da água. Kara não se preocupou nem tampouco fugiu, tinha os olhos baixos, a mão apoiada na testa. O rei ficou à sua frente, já vestido no roupão de seda negra, e tocou seu ombro. Ela ergueu a vista e o fitou aborrecida.

– O que foi, Kara? Não gostou de sua primeira missão? Fez questão de ir, de se arriscar... Do que foi que você não gostou na matança? – perguntou o rei, sarcástico.

– Não quero e não vou matar mortais indefesos. – rebateu Kara, bastante séria.

– Você foi convidada a ir, poderia ter se recusado. Se não tem estômago forte, não participe.

Ariel percebeu que ela estava com cara de poucos amigos, mas, mesmo assim, continuou provocando. Ele queria a fazer desistir, precisava de tempo.

– O que foi? Ataque de escrúpulos? Culpa? Por que razão, Kara? Você mata todas as noites... – quis saber o rei, sinceramente.

– Ariel, eles estavam presos numa jaula, esperando a morte. Não tiveram chance.

Kara tentava inutilmente fazê-lo se compadecer, sentir algo que não fosse indiferença. Mas o rei estava indiferente. Para Kara, ele era muito velho, talvez não sentisse mais nada que desejo e sede de sangue.

– Um mortal não tem chance contra um vampiro. Além disso, não eram mais simples mortais, eles estavam infectados.

– Como pode permitir que Samael continue livre, matando desse modo?

– Eu não sou Deus, Kara! Sou apenas o rei dos vampiros. Samael está sendo caçado há meses sem sucesso. Anseio pela cabeça dele tanto quanto você.

– Incompetentes. É isso que vocês são – disse ela fria, reclamando sem se importar com a cara de surpresa de Ariel. – Dava para saber que ele nunca pisou naquele galpão.

– Agora basta, criança insolente! Pula de uma acusação para outra como se isso fosse um julgamento. Por que não os avisou?

– Não me escutariam.

– Isso é o que você pensa? Que não tem voz nem vez em nosso mundo? – Ariel achou-a frágil e tola, como não poderia ser diante dele.

Kara nada falou, estava cansada e não suportava mais ser repreendida naquela noite, principalmente por ele.

– Estou sem paciência para tolerar críticas, mesmo as suas, majestade – disse, com sinceridade.

Ariel fitou sua face e percebeu sua impaciência e tristeza. Mas o que realmente a incomodava era a ausência do amante – certamente queria correr para seus braços e lamentar a noite. Talvez por isso ela tenha vindo ao seu encontro, era o vampiro

mais próximo. Bruce estava doente, Martan já deveria ter se recolhido; ele foi a última opção. Aquilo o aborreceu, mas não a ponto de rejeitar a sua companhia.

– A noite não está sendo nada fácil para nenhum de nós. Uma hora atrás tive de enfrentar a cólera de Mackenna. Ele sentiu a dor de Marie, e imagine quem levou a culpa, Kara? Eu! Aquele vampiro me odeia. Pode compreender isso?

– Sim, e não é o único – retrucou Kara, seca.

– Sei que me detesta, Kara, então não torne a noite pior. Agora me diga: como pode saber que Samael não estava lá? – quis saber Ariel, em tom de ordem.

– O cheiro era do sangue dele, não de sua presença – respondeu Kara, aborrecida; afinal, fora repreendida.

– Como consegue sentir o cheiro dele? – indagou Ariel, observando-a com muita atenção. Qualquer informação era valiosa demais para que passasse despercebida.

– Isso não vem ao caso. Mênon levou Marie, ele acredita que ela sabe onde estão os pedaços dos pergaminhos. Quando ele me atacou, vasculhou minha mente em busca deles. Mas ela não é da Ordem de Hermes – conjecturou Kara, com veracidade, mas parecia disfarçar seu segredo.

– Não fuja do assunto, como consegue? – Ariel também buscava uma resposta.

– Quando fui atacada em Barcelona, pude sentir seu cheiro e dos outros lobisomens que me rodeavam. Não sei ao certo como consigo, só está lá nos meus sentidos. Talvez porque já o tenha visto antes – disse, sentindo-se pressionada.

– Antes do ataque? – perguntou Ariel.

Ariel agora realmente estava curioso. Como ela poderia se lembrar de Samael, dos tempos de Veneza, quando ele circulava ao lado de Bruce? Manteve a frieza e esperou por mais daquela vampira.

– Sim, foi há muito tempo, antes dos eventos da Arena – contou Kara ao rei, a contragosto, o que viu e ouviu.

– Quando, Kara?

– Não sei ao certo, mas foi antes de ir ao Brasil escrever meu manuscrito.

– Contou isso a mais alguém, seu mestre, por exemplo? – perguntou Ariel, já imaginando sua resposta.

– Não. – confessou Kara num sussurro envergonhado.

– O que viu e ouviu foram revelações muito sérias. Poderíamos ter evitado muitas mortes, inclusive o ataque que você e Bruce sofreram, se houvesse alertado Jan Kmam. Pode compreender isso, Kara? – cobrou ele como rei.

– Era mais jovem, não fazia ideia do que diziam. Hoje, tudo faz sentido; antes, não – admitiu inocente, vendo o rei condená-la e não aceitar suas explicações.

Kara ficou envergonhada diante da reprimenda do rei e se fechou. Jamais parou para pensar; na verdade, havia enterrado aquele incidente em sua mente há vários anos. Somente ao ver Mênon ligou os fatos. Ariel realmente se preocupou e estava com razão, muito teria sido evitado. Mas, ao mesmo tempo, ele pareceu achar a informação valiosa.

– Sinto muito, não acreditei que fosse tão importante. – foi sincera.

– Felizmente, sua ignorância tem sido remediada. Jan Kmam a protegeu demais e isso a prejudica.

– Não é justo acusar um inocente quando ele não está presente para se defender!

– Principalmente quando ele conta com uma defensora tão apaixonada, não é mesmo? – o desdém do rei a fez se afastar.

– Minhas desculpas não bastam? – perguntou Kara, preocupada.

– Sim, bastam. De qualquer modo, a operação alcançou seu objetivo. Infelizmente, o sequestro de Marie foi um desastre e só não foi pior porque você saiu ilesa, mesmo tendo enfrentado Mênon. – murmurou, num suspiro cansado.

– Marie foi raptada e tudo o que consegue pensar é em minha segurança? Quantos eu terei de matar para provar que sei me defender?

– Mesmo que lute com um exército inteiro, ainda assim nada provaria.

– Saiba que sou capaz, embora você não avalie o quanto. Lutei ao lado de vampiros corajosos e leais. Mas não vou matar inocentes.

O rei semicerrou os olhos e suspirou fatigado. O estado de ânimo da vampira estava alterado, matar os mortais a abalara como ele esperava. Misha cumpriu suas ordens à risca e deu a ele a chance que desejava.

– Kara, a morte foi o melhor fim para eles, acredite-me: eles não eram mais mortais nem tampouco inocentes. Era questão de horas para que tivesse de enfrentá-los como lobisomens. Compreenda, eles não podem se reproduzir indiscriminadamente. Não têm controle como nós. Um homem-lobo é um ser a ser respeitado, mas um lobisomem é uma besta-fera e, se não bebeu da Ânfora, sequer sabe o que praticou na manhã seguinte.

– Quantos desses lugares já descobriram?

– Muitos desde a visão. Antes, estavam contidos. A maioria das insurreições dos lobisomens começa com uma incubadora. Eles prometem imortalidade, força, poder e, logo depois, temos um ataque de lobo e coisas do gênero. Darden, o senhor dos lobos, os tem mantido sob controle com leis bastante semelhantes às nossas.

– Então eles também possuem um rei?

– Sim. Eles são organizados e, até certo ponto, civilizados. Não matam mortais, se quer saber, mas bebem sangue como nós. Não com tanta frequência, mas bebem. O jovem que viu lutando para defender a mestiça, chamada Joyce, é filho de Darden, seu herdeiro de sangue. Ele se chama Iago.

– Ele é um jovem muito bonito, luta muito bem – o elogiou Kara, e viu Ariel erguer a sobrancelha.

– Sim. Iago é a esperança de Darden. Afinal, ele se sente velho e cansado. A Ouroboros espera que isso aconteça muito em breve.

– Os Caçadores?

– A Ouroboros controla os Caçadores, eles são sua força militar, seu comandante se chama Laertes. Sua autoridade só fica abaixo das ordens de Belizário e da Cúpula dos Doze. Eles estão sempre por aí, vigiando nossa espécie – Ariel falava, vendo o olhar ávido por informações de Kara.

– Eles nos vigiam? – quis saber, seguindo-o para fora do banheiro.

– Quase sempre, mas não tão de perto quanto sua Sentinela ou o Pacificador.

– Não existe liberdade?

– Quase nenhuma além daquela que criamos dentro de nós mesmos – respondeu Ariel, percebendo que ela se frustrava ao saber da vigilância.

Kara não suportou ouvir aquilo; saber-se vigiada a aborrecia profundamente. Afastou-se dele e sentou na cadeira mais próxima que achou. Ele se preocupou com sua consternação. O relato de Misha sobre Mênon o preocupou. Kara o enfrentou diretamente, repudiou-o. Mas ela parecia bem, só um pouco pálida e cansada.

– Olhe à sua volta e verá tudo de que eu preciso. Há séculos vejo essas paredes, as cortinas mudam, as rosas dos vasos, os livros. Togo, às vezes, muda os móveis, mas mantêm o estilo, sabe que me chocaria mudar radicalmente o mundo que me rodeia. Tudo muda, meios que uso para me comunicar, os carros. Mas aqui dentro eu jamais mudei, sou o mesmo vampiro há dois mil anos.

Ariel se encostou à parede junto à porta, observando-a, e percebeu que suas palavras a tocaram. Kara olhou à sua volta e constatou que ele estava tão preso quanto ela mesma. A revelação a agitou um pouco mais. Ela teria comido? Pela cor

de sua pele, não; estava somente com o pouco sangue que lhe servira assim que despertou em seu leito. Como podia ser tão descuidada? Serviu-se de um cálice de sangue e deu outro à vampira. Ela o cheirou antes de sorver o líquido e o fitou desconfiada.

– Já tem sangue meu o suficiente correndo em suas veias, Kara. É apenas sangue humano. Beba, você parece faminta.

Kara bebeu, e do segundo cálice ela mesma foi atrás. O rei gostou de ver que ela não tinha melindres em sorver sangue humano. Pareceu ficar mais calma e corada. Bocejou, enquanto o rei a observava com carinho. Estava com sono e cansada. Ariel moveu-se pela câmara de modo que ela percebesse que ele se preparava para dormir: puxou as cobertas do leito, desligou a TV.

– Preciso ir para meu quarto, já quebrei mais regras do que Togo possa suportar – disse ela, deixando o cálice sobre a mesa.

– Então Togo já lhe passou as regras?

– Sim, todas. E já quebrei umas três ou quatro vindo aqui. Ele não gosta de minha presença. Mas é mais suave que Otávio. De qualquer modo, não quero problemas com ele. A chave, por favor – pediu Kara, movendo o trinco da porta.

– A porta se tranca automaticamente, é um sistema de segurança que mandei instalar para minha proteção durante o tempo em que durmo. Ela só abrirá ao anoitecer.

Ariel mentiu com tranquilidade, vendo a vampira parada junto à porta. Ela não estava com medo, só aborrecida.

– Merda! O que dirão agora?

– Preocupada com o falatório? – quis saber afofando os travesseiros.

– Sim, não quero que pensem ou falem mentiras a meu respeito.

– O que andou ouvindo, Kara?

– Coisas bastante cruéis – revelou, sem medo.

– Jan Kmam está dormindo, não é mesmo? Ele nada verá. Como dizem mesmo... Ah! O que os olhos não veem o coração não sente – Ariel a provocou, cínico; afinal, sabia que ele habitava o Jardim. – Então, por que se preocupar? De qualquer modo, é dia lá fora, tome um banho e se deite, a cama é grande.

– Não mesmo, prefiro o chão – disse Kara, olhando-o com aborrecimento enquanto ainda tentava abrir a porta.

– Por favor, não quebre o trinco. – pediu o rei, vendo-a insistir.

Kara, por fim, percebeu que realmente a porta estava trancada por um sistema eletrônico, não havia chave. Era verdade, então: teria de dormir na companhia do rei. Suspirou aborrecida e foi para o banheiro em passo de guerra. Ariel sorria, despreocupado e vitorioso.

Kara tomou um banho rápido e se livrou do cheiro de sangue dos lobisomens que matou. O corpo relaxou, subitamente se sentiu cansada. Enrolada na toalha, foi até o armário no banheiro e pegou um dos muitos roupões que haviam guardados. Ariel certamente não se importaria. Penteou os cachos e apareceu no quarto. O vampiro estava no leito lendo um livro e sorvendo um cálice de sangue. Assim que a viu, ergueu a vista do livro e a olhou demoradamente. Kara percebeu, mas nada falou; apenas tomou mais um cálice de sangue. O roupão vermelho era de seda e a deixava encantadora aos seus olhos desejosos.

– Pronta?

– Sim – disse Kara, já de posse de um dos travesseiros e cobertas.

– Vou apagar as luzes.

– Todas?

– Sim, Kara. Vamos dormir. Por que deveria manter as luzes acesas?

– Poderia deixar o abajur ligado, por favor? – perguntou, jogando os travesseiros no chão.

– Se você deitar no leito, sim. É ridículo, Kara! Dentro de segundos, estaremos apagados, nada veremos ou faremos. Divida o leito com travesseiros se não quer ficar perto de mim, mas não seja ridícula dormindo no chão.

Ariel deixou o abajur próximo ao leito ligado e deu à vampira a segurança de que precisava. Ele conhecia seu medo de escuro muito bem. Ela, a contragosto, foi para o leito, mas não o dividiu com os travesseiros, a cama era enorme. Apenas deitou e puxou os lençóis, já bocejando.

– Boa noite, Kara – disse Ariel, ajeitando-se no leito enquanto a observava. Kara deitou e lhe deu as costas; finalmente agarrou o travesseiro e o trouxe próximo ao peito. Nos últimos minutos de consciência, pensou em Jan Kmam, o coração sofria de saudade, queria vê-lo ardentemente e, por um minuto, lançou seus pensamentos para ele, mas só encontrava o vazio. Jan parecia mais distante que nunca. Finalmente, fechou os olhos, pronta para dormir. E por fim murmurou:

– Boa noite, majestade.

Capítulo 22 - Longe dos Olhos

Há alguns anos, quando tocou no Livro com sua permissão e a do Rei Ariel Simon, Jan Kmam viu o Templo da Esfinge. Seus sentidos conheciam seus corredores e ele se tornou mais real após as revelações de Otávio quando assumiu o lugar de Ariel, por ocasião de sua morte. No entanto, andar por seus corredores era uma experiência nova. Um dos vampiros do Templo havia trazido sua alma até ali, mas quem o chamava? Jamais esperou ser tocado por um deles após deixar de ser o rei dos vampiros.

No fim do corredor, havia cheiro de incenso de almíscar sendo queimado, e o aroma doce de vinho e sangue deu-lhe uma ideia vaga de quem teria trazido sua alma até ali. Parou diante da porta da câmara de Ordália e, por um instante, ainda viu seu dorso nu. Uma jovem vampira – e certamente sua criada – a vestia.

Jan percebeu que ela o receberia com seu corpo físico, e não como espectro. Ela já havia sentido a presença de Kmam e o convidou a entrar, mandando a criada sair. A vampira se afastou com a vista baixa e não ousou olhar para o vampiro ao passar por ele, ainda parado do lado de fora da porta.

– Por que não entra? Sempre será bem-vindo à minha presença – disse a vampira.

E permaneceu ainda de pé, diante do espelho de bronze polido, observando a face, os cabelos longos, o corpo perfeito. Como sempre, estava lindíssima. Jan Kmam percebeu que ela estava sozinha, sem contar com a presença de suas iguais. No seu estado, não sentia os efeitos de sua presença: ela não lhe faria mal algum. Vestia uma túnica finíssima, adornada por joias e cordões de seda. Os pés delicados estavam calçados em uma rasteira de cordões de ouro e, quando se levantou, Jan notou a beleza de seu corpo o atrair. Os seios eram redondos e levemente

empinados; o quadril, generoso, e a boca, encantadora. Ela percebeu o efeito de sua beleza sobre ele e gostou de saber que era desejada pelo vampiro que assumiu o lugar de Ariel. Sua honradez e lealdade a seduziam, Jan Kmam era fiel e jamais, enquanto ocupou o lugar de seu rei, desejou verdadeiramente seu posto. Ele só queria voltar para os braços de sua pupila e amante, Kara. Ordália sentiu nos seus beijos uma doçura tentadora, uma melancolia e prazer digno somente do coração de um amante terno. Era lindíssimo nu, o corpo de um deus, seus cabelos claros, os olhos azuis. As mãos fortes e macias que souberam tocá-la com delicadeza e força.

– Sabe o quanto é privilegiado? – indagou Ordália.

A vampira falou aquilo, tentando não deixar transparecer o quanto estava ansiosa por um toque, uma carícia que fosse. Havia discutido com Ariel, algo bastante raro. O rei buscou respostas sobre o pergaminho, mas ela e as demais vampiras se recusaram a responder. Ariel ordenou que falassem e elas se negaram; ele ficou bastante aborrecido e, como já pairava o fantasma do ciúme, brigar foi realmente fácil. Na troca de acusações, Ordália ameaçou Kara, algo que Ariel não suportou, então mostrou seu poder sobre ela. Suas palavras foram cruéis.

– Kara será uma rainha magnífica. Logo, o Templo será somente uma lembrança na vida do Livro, um local para que ele repouse. Você e as demais vampiras sentirão saudade de possuir um rei.

– Não ousaria! – exclamou Ordália, junto com suas iguais.

– A profecia do Livro se cumpre lentamente, e eu farei de tudo para que Kara encontre seu lugar ao meu lado no trono.

– Eu a matarei antes – afirmou Ordália, disposta a fazê-lo.

– Não se arrisque por tão pouco, Ordália. Você ainda tem uma alma para perder. Lembre-se de que Afrodite tinha muito poder e nenhuma razão.

Ariel deu-lhe as costas sem medo, seus poderes estavam maiores e o protegiam de qualquer investida dos Mais Velhos. Isso os estava consumindo, ele sabia, mas não agiu como um déspota. Ordália tinha consciência de que havia

perdido sua atenção, o Livro os alimentava sem que precisasse estar em sua cama. Ela gostava de controle e parecia ter perdido o mesmo sobre o rei. Queria-o de volta a todo custo, e de preferência que aquela maldita intrusa encontrasse a morte o quanto antes. Ordália era perigosa e pouco paciente. Por um tempo, acreditou que logo Ariel voltaria como de costume para seduzi-la e conseguir as respostas que desejava, mas isso não aconteceu. Ariel as estava ignorando, e com bastante facilidade. Mas ela era fêmea além de vampira, e daria vazão ao seu ódio e seu desejo de posse através de uma doce vingança. Não lhe custou nada trazer Jan Kmam do Jardim à sua presença.

– Sim, Ordália, estar em sua presença é um privilégio para poucos. Mas a que devo tamanha honra?

–Sentiu saudades minhas? – perguntou a vampira, ficando à sua frente, de modo que seus seios tocaram o peito do vampiro.

Ergueu o queixo e lançou um olhar sensual e quase hipnótico sobre ele, mas não o tocou, embora estivesse óbvio o que desejava. Jan Kmam a envolveu em seus braços de modo carinhoso, imaginando o motivo para estar em sua presença. Todavia, por um momento se preocupou: onde estaria Derek? Ele permitiria sua presença ali? Ordália o envolveu com seus braços macios e delicados e beijou seus lábios.

– Sua visita não é segredo para os demais, posso possuir qualquer vampiro ou mortal que deseje em sonho ou que esteja no Jardim. Não o trouxe aqui para quebrar regras, e sim para o meu prazer. Os mortais dizem: só para matar saudades – sussurrou a vampira indo ao encontro dos lábios do vampiro.

Ordália insistia em trazer lembranças que ele havia deixado para trás, como os eventos da Arena. Após deixar Otávio em companhia de Asti, Jan Kmam sabia que deveria aproximar-se do Livro. Entrou na câmara destinada a ele nas galerias debaixo da cidade de São Luís e agradeceu por haver uma espessa cortina na porta. Queria ficar sozinho, pensar em Kara, acalmar a mente agitada com o mar de revelações que ouvira de Otávio sobre Ariel e ele mesmo.

Olhou o leito e suspirou cansado, era inevitável, sabia disso, havia deveres dos quais não poderia fugir ou recuar... Todos os seus pertences ali estavam, mas algo chamou sua atenção. Por um minuto, quase sorriu. Tocou a caixinha de música com carinho e deu corda. O casal começou a dançar sobre a cúpula rachada. Jan Kmam tocou aquela ruptura e percebeu que o mundo deles havia se partido como o vidro da cúpula. Fechou os olhos e deixou que a imagem de Kara invadissem sua mente, foi tudo o que lhe restou: lembranças. A forma como costumavam dormir, se amar e até brigar. A música parou e uma voz se fez ouvir na câmara.

– Devo me retirar, majestade?

– Não.

Jan Kmam respondeu fleumático e guardou a caixinha de música. Desde que entrou na câmara, ele percebeu a mortal sobre o leito, esperando-o. Sabia que deveria alimentar o Livro antes da Arena para que ele recebesse os que ali morreriam. Mas desejou ficar a sós com o que lhe restava da vampira amada.

A jovem era linda e possuía belos cabelos castanhos, vestia um traje fino e negro sobre o corpo nu. Uma joia digna de um rei, um convite irrecusável para um vampiro faminto. Jan Kmam estava atormentado por sensações esquecidas, e a saudade de Kara pareceu dar forma ao desejo. Motivava-lhe o corpo, trazendo sensações quase esquecidas ao corpo de homem-vampiro.

Ele tocou seus cachos e desejou que fossem negros, e que seus olhos claros tivessem o negrume do olhar de Kara. Mas nada nela lembrava sua amada.

Beijou-a faminto e puxou a veste com rudeza. A mortal o aceitou e tirou sua camisa, tentando tocar seu peito alvacentos. Pouco depois, já estavam sobre o leito. O vampiro a acariciava, esperando o momento certo. Ouvia-a gemer e, quando ela sussurrou em egípcio, ele compreendeu que Ordália e as vampiras do Templo estavam presentes no corpo da mortal.

Tudo aconteceu como que dentro de um mar de ilusão, sons e prazer. Ordália estava sob seu corpo e ele podia sentir suas pernas alvas envolvendo-o, os cabelos

loiros misturando-se aos seus. Era exigente e fez do ato algo muito prazeroso. A mordida só veio quando ela permitiu e misturou dois mundos, dois prazeres, levando-os ao êxtase. Ela murmurou seu contentamento junto ao ouvido do rei, deslizando as mãos por suas costas largas, enquanto lhe fazia promessas de poder e prazer. Quando ela partiu, deixando o corpo da mortal, Jan Kmam soltou a mulher sobre os lençóis delicadamente e se afastou. Saiu da cama com a certeza de que havia alimentado as vampiras, seu corpo, mas jamais sua alma imortal. Fora apenas sexo e nada mais.

Vestiu-se, fitando a mortal dormir profundamente, e entrou em seu caixão. Antes de fechar a tampa, teve a certeza: havia traído Kara mais uma vez.

– Não posso me iludir desejando uma deusa, Ordália – disse Jan, voltando à realidade. – Mas saiba que foi uma experiência deliciosa possuí-la antes de entrar na Arena; e, se houvesse encontrado a morte em definitivo, teria ido pleno.

Jan soube habilmente livrar-se da pergunta da vampira, ele tentava, com suavidade, dissuadi-la da ideia de levá-lo ao seu leito. Não tinha ânimo, a saudade o torturava, a briga com Kara o atormentava. Mas ele manteve a voz calma e sedutora para aquela vampira tão poderosa.

– Sua fidelidade ao seu rei e à vampira que ama é incontestável. Ela foi a única coisa que me impediu de desfrutar completamente dos prazeres que me ofereceu como homem. Por muito pouco não senti o sabor da boca de Kara na minha. Você a ama demais, e isso é muito perigoso.

Ela debochava de seus sentimentos, enquanto acariciava seus cabelos soltos e loiros com carinho. O olhar era frio e desejoso.

– Assumiu seus crimes, foi sentenciado à Caixa por dez anos. Mesmo tendo salvado os Poderes, abdicou da inconsciência para vagar no Jardim e assim proteger sua pupila, conseguiu um tutor de que ela gostasse e que contava até mesmo com o respeito de Radamés.

Ordália numerava seus feitos longe de seus braços, pois percebera seu desinteresse, o coração de vampiro sangrava dolorosamente. Claro que ela tinha conhecimento da briga e dos motivos. Ariel se unira a Kara, e isso a incomodou. Ordália amava Ariel há séculos e não admitia rivais. Ele poderia ter quantas amantes quisesse, mas jamais se apaixonar. Desde que a visão o acometera, ela e as outras vampiras vinham se mantendo distantes dele, quase que se colocando dentro do esquecimento. O rei sequer percebeu que elas o haviam afastado do Templo porque temiam suas perguntas. Mas, ao mesmo tempo, ela o sentia distante de sua mente e isso a inquietava, não ao Livro.

– É muito poderosa, Ordália, nada posso esconder de sua sagacidade. Mas, compreenda, minha escolhida e o rei merecem tais feitos – disse Jan, cada vez mais preocupado com o rumo da conversa.

– O rei o admira e inveja.

– Sou apenas seu favorito, o que poderia ter para ser invejado?

– Amor.

– Ariel é o rei dos vampiros, ele pode ter o que desejar. Além disso, possui deusas – afirmou Jan, aproximando-se para tocar seus cabelos loiros e macios.

– E, mesmo assim, Ariel deseja sua amante.

A revelação não surpreendeu Jan Kmam, ele conhecia o desejo do rei e, graças a Bruce, um pouco de seu passado. Ordália nada de novo revelava, o único mistério ali eram suas intenções. Por um momento, temeu pela vida de Kara. Ordália era uma criatura perigosa e ciumenta.

– Ele pode ter a vampira que desejar, mas sua alma pertence ao Livro. O laço que os une é único, Ordália. Por que ele trocaria você por uma simples vampira? – Jan tentava acalmar aquela vampira ciumenta e já podia imaginar quem seria o alvo de seu ciúme.

– Então ele pode possuir Kara? É isso, você permitiu? – Ela ergueu a voz sem querer.

– Sim. Se assim ele quiser, e ela o desejar. – confirmou Jan.

– Não existem mais laços de sangue os unindo, é verdade. – Ordália refletiu em voz alta, levando-o para a frente de seu espelho. – Ela agora é a campeã, Ariel a prendeu por um laço de sangue que me custa a crer que um dia seja quebrado. Claro, isso jamais vai o impedir de vir até mim quando o chamar ou ele assim desejar, mas... e quando a você? Que poder tem sobre ela agora?

Ordália ergueu a mão e o espelho se transformou numa cortina líquida. Jan Kmam olhou-o com interesse e, aos poucos, a imagem tomou forma diante de seus olhos extremamente azuis. Jan reconheceu as paredes de pedra, a vampira lhe mostrava o interior da câmara do rei, abaixo do Château. As cortinas estavam fechadas, mas logo o casal ficou visível. Os cachos negros definitivamente eram os de Kara, sobre o peito de Ariel. Ele a envolvia em seus braços de modo amante, ela e ele estavam nus, os seios tocavam seu peito forte. Suas pernas estavam entrelaçadas. O lençol de seda negra os envolvia parcialmente. A mão delicada da vampira estava sobre a do rei, sua aliança e o anel de rubi quase se tocavam, os dedos num enlace cruel. Jan percebeu a semiescuridão, exatamente como ela costumava dormir.

O vampiro estava imóvel diante da imagem. Por um momento, entreabriu os lábios como se fosse dizer algo. Então esticou os dedos em direção ao espelho, e a visão se desfez.

Seria uma ilusão, o futuro? Fechou os olhos e, quando os abriu novamente, sua pupila estava dilatada, tamanha sua ira e revolta – o ciúme o consumia vivo. Ordália sorriu, havia conseguido o que desejava.

– Fico feliz em saber que é fiel ao rei, mesmo sabendo que ele possuiu sua amante. Fico me perguntando como ela vai usar os favores que conquistou agora que se tornou concubina do rei.

– Por que me trouxe aqui, Ordália?

Jan Kmam mantinha a calma e sua voz estava suave. Mas os comentários da vampira começavam a cansá-lo profundamente.

– Talvez tenha de ficar realmente dez anos no Jardim.

– Quando entrei na Caixa, não esperava por menos. Kara é a campeã do rei e vai saber usar seus presentes com sabedoria e de acordo com seus desejos. Mas o que a preocupa, Ordália? – insistiu Jan, ciente de que a vampira escondia algo dele.

– Ariel tem estado ocupado e sequer pensa em nós ultimamente. Claro, o Pacto está ameaçado, nossos inimigos nos rondam, mas, mesmo assim, ele encontra tempo para se dedicar à sua nova amante – Ordália disse, suave como uma serpente. – Achei justo que nós roubássemos um pouco de sua atenção. É o vampiro que o substituiu, não ficaríamos em desvantagem.

– Por um momento, quase acreditei que houvesse sentido minha falta, mas, pelo que vejo, só deseja fazer ciúmes ao rei.

– Ciúmes? Não, nós jamais sentimos isso; o que pressentimos é desejo. Ariel arde de desejo por essa vampira. Temo pela sua lucidez, por seu lugar em nosso mundo. Desde que voltou do mundo dos mortos, ele mudou, sinto-o mais forte e belo. Como se houvesse renascido realmente. Eu já o vi queimar de desejo antes por outras, mas elas sempre morreram. Ordália disse misteriosa, rodeando Jan Kmam como se tivesse alguma participação na queda das amantes de Ariel. O que não era nada difícil para ela conseguir.

– Você seria um grande rei, e eu posso me habituar com sua presença, assim como minhas irmãs. É tão belo quanto Ariel, já provei das delícias e dos prazeres de seu corpo.

Ordália estava às suas costas e o abraçou, suas mãos o envolviam numa carícia tentadora. Subitamente, ele se sentiu rodeado pelas vampiras, que sussurravam aos seus ouvidos, desejosas e famintas. Jan Kmam se deixou envolver, ela ficou à sua frente e o beijou, arrancando sangue de sua boca. Ele podia vê-las todas, uma a

uma, na face de Ordália, seduzindo-o e induzindo-o. Cansado daquele jogo, afastou-a delicadamente.

A vampira olhou-o frustrada e as outras se afastaram. Agora o sabiam muito pouco disposto a se entregar aos seus prazeres. Dentro de seu peito, só havia tristeza e dor. Seus beijos estavam amargos.

– Não quero ser rei, jamais o desejei. Tampouco tenho talento para ser amante de deusas – disse, tocando seu rosto de mármore com a ponta dos dedos. – Desculpe-me, mas amo uma rosa rubra de sangue. Ela embriaga todos os que se aproximam; no entanto, em troca, lhes devolve dor e morte.

– Cuide para que sua rosa fique longe da coroa. Caso contrário, nós a ceifaremos.

Ordália se aproximou do vampiro e tocou seu rosto; depois, roubou-lhe um beijo. Jan a envolveu nos braços e retribuiu, ardente, apertando-a junto a si num beijo faminto e mordido. Ordália gemeu e, por um segundo, amoleceu em seus braços. Foi nesse momento que ele afastou a boca da sua e murmurou junto ao seu ouvido:

– Se a tocar, terá de me enfrentar.

– Saia! Saia antes que eu despedace sua alma.

Jan Kmam fez uma reverência cavalheiresca e saiu de sua câmara sem medo algum. Afinal, sabia que eles poderiam lutar de igual para igual. A vampira tinha consciência disso e resolveu agir como uma mulher ofendida.

Capítulo 23 - Entre Reis e Rosas

A noite cobriu Paris, empurrando o sol suavemente no horizonte, mas não antes de roubar dele um último beijo cálido de adeus. A câmara do rei estava silenciosa, morna, ele havia acendido o fogo na lareira, a luz vinha somente das chamas. As cortinas do dossel estavam fechadas, mantendo o casal oculto, protegido. No ar, havia o aroma suave do perfume de Kara e do rei numa mistura de rosas e lavanda masculina. Ariel já estava desperto há algum tempo e, durante esse período, desfrutava da companhia silenciosa de Kara, que dormia profundamente.

Algo que não impediu o vampiro de cheirar seus cabelos e despi-la do seu roupão assim que a percebeu adormecida. Ele estava cansado de evitar o inevitável. Trouxe-a para perto de seu corpo e dormiram nus, nos braços um do outro. Era diferente de tê-la inconsciente, se recuperando de ferimentos, ou fraqueza. Kara o abraçou durante a manhã e ele somente a ajeitou junto a seu peito. Um calor tênue envolvia seus corpos próximos. A cabeleira vermelha se misturava aos cachos negros da vampira. E o rei dormiu como se estivesse no paraíso.

A consciência veio lentamente, e ela sentiu um corpo próximo ao seu. Havia braços, o peito, pernas e o quadril. Mãos fortes envolvendo sua cintura nua. Ao erguer a vista, encontrou o pescoço de Ariel. Então, a raiva tomou conta de seu ser. Mas, ao pensar em se erguer da cama, foi detida onde estava.

– Despertar ao seu lado vale mil anos de vida imortal.

Ariel sussurrou junto aos lábios da vampira, que o olhava na penumbra com prevenção. A situação exigia muito cuidado. O rei estava sobre seu corpo, ambos estavam nus e ele não parecia disposto a deixá-la sair do leito, não agora

exatamente. Ele era mais forte e ela estava em desvantagem, mas permanecia decidida: não ia permitir que a possuísse de nenhum modo dessa vez.

– Costuma ser tão dramático? E por que estamos nus? – cobrou Kara, séria, virando o rosto e evitando o beijo que a tocou no pescoço.

– Queria sentir o toque de sua pele na minha. Não é a primeira vez que dividimos o leito, por que tamanho pudor? – revelou o rei, num murmúrio suave, roçando a boca em sua pele, ao mesmo tempo que lançava um olhar morno sobre os seios da vampira. – Queria, de certo modo, dar-lhe o mesmo direito.

– Quando deitei na sua cama...

– Deu-me o direito de tocá-la – completou Ariel, bastante atrevido, ainda detendo-a no leito com carinho.

– Disse que nada faríamos e nada faremos.

– Por que não? Por que não sou seu mestre?

– Exatamente – disse Kara, fitando seus olhos feitos de jade.

– Jan Kmam está dormindo.

– Tal fato não é o suficiente para me deixar à vontade com tal situação.

– Na noite passada, quando acordou, parecia bastante à vontade em minha presença, e só usava um lençol.

– Ficar nua em sua presença é uma coisa, deixar-me possuir por vossa majestade é outra bem diferente.

– Não se sente à vontade por que sou o rei, é isso?

Kara tocou seu rosto com carinho, e Ariel fechou os olhos em deleite, mas, quando finalmente aproximou sua face do rosto do rei, insinuando um beijo, ela sussurrou junto ao seu ouvido, enchendo-o de esperanças:

– Quando estiver me possuindo, como quer que o chame? Ariel ou Jan Kmam?

O rei semicerrou os olhos. Por fim, virou a face endurecida pela raiva e se afastou de seu corpo. Recostado nos travesseiros, continuou somente observando a vampira. Ela o ferira somente para afastá-lo de si. Ao invés de desistir, ele preferiu ficar e observar seus cabelos em desalinho, o modo delicado como se cobria com o lençol. Percebeu que ela mudou de atitude, ora o atiçava, ora simplesmente o feria. Kara amadurecia lentamente, tornando-se uma vampira encantadora e cada vez mais atraente aos seus olhos.

– O que falta para se entregar a mim, Kara? Quantas desculpas mais vai me dar? Seu sangue corre em minhas veias, seu cheiro está em meu corpo, sei que me deseja também – ele disse, altivo, para ver a vampira fechar os olhos de modo aborrecido.

– Sinto muito, eu o abracei enquanto dormia... Pensei que fosse Jan Kmam.

Kara começou cruel, saindo do leito ao se lembrar dos seus atos. Pegou o roupão que estava caído no chão e o vestiu.

– Pare de me insultar, por favor – disse Ariel, contendo sua raiva.

– É a verdade. Sinto muito, Ariel. Aconteceu alguma coisa entre nós? – perguntou Kara, confusa. Tentava lembrar como ele a despiu, procurando afastá-lo de si mais um pouco.

– Nunca fizemos nada, apesar de sermos livres para fazê-lo. É a única vampira que já dormiu em minha cama por mais de uma vez sem que a tocasse como merece.

Ao dizer isto, o rei saiu do leito sem nenhum pudor com sua nudez, afinal ele era magnífico em cada forma e músculo. Ele ficou à sua frente e percebeu que ela desviou a vista, não envergonhada, mas simplesmente evitando olhá-lo. Kara, que estava realmente cansada de sua insistência e suas cobranças, deu-lhe as costas e se apoiou na coluna da cama. Ariel aproximou-se e colocou as mãos sobre sua

cintura. A seda do roupão era uma barreira fina para evitar seu corpo bonito e forte. O coração da vampira acelerou, nada mais natural diante de sua proximidade tão incisiva. Seria medo ou excitação? O rosto dele tocou o dela de modo carinhoso e Kara pôde sentir cada músculo de seu corpo, assim como sua virilidade ansiosa. Ela sobrepôs suas mãos às dele e tentou fazê-lo afastar-se, mas era impossível.

– Ariel, me desculpe, mas isso não é possível. Eu não posso. – A voz da vampira tremeu. Ela não virou o rosto, temendo o encontro de seus lábios.

– Não se desculpe. Não é a primeira vez que desejo uma mulher comprometida. E isso não me envergonha, o que me enfurece é nunca estar à altura de Jan Kmam, mesmo sendo seu rei – revelou, quase indignado.

A essa altura, suas mãos estavam sobre as tiras do roupão, porém os dedos fecharam mais o nó sobre a cintura, quando, na verdade, desejava abri-lo e tomar a vampira como sua. Ele se controlava, mas o desejo só crescia.

– Permita-me desfrutar deste contato mais vezes – pediu Ariel, num murmúrio baixo e sensual, roçando a face no rosto delicado de Kara.

– Você me disse que tudo tem um preço, lembra-se?

– Sim, é verdade. Você não me deixa mentir ou esquecer. O que seria? – quis saber cuidadoso, apoiando o queixo em seu ombro.

– Liberte-me da promessa que fiz durante a Arena – revelou Kara, sabendo que exigia muito dele.

– Jamais, minha querida Salomé. Não sou Herodes, sabia? – debochou, num murmúrio risonho, beijando seu pescoço; afinal, ela ofendia sua inteligência.

– Solte-me, por favor – pediu, tentando afastá-lo.

Ariel, por fim, soltou-a e se afastou calmamente. Pegou seu roupão e vestiu com aparente tranquilidade. Kara sumiu rumo ao banheiro e lá se vestiu de maneira apressada. Estava pronta para sair de sua câmara, a porta se abriu e, quando cruzou a porta, ouviu-o dizer:

– Posso e sei esperar, minha querida.

No corredor, Kara cruzou com Togo e Misha. Ergueu a cabeça e passou por eles como se nada tivesse acontecido. Não parou, mesmo percebendo que Togo estacou no meio do corredor e a observou com uma expressão interrogativa. Se detivesse seus passos, seria questionada, ainda estava com as roupas da noite anterior. Ela não parou até chegar aos seus aposentos. Trancou a porta e recostou-se nela, parecia fugir do diabo. Cobriu o rosto com as mãos e, por um minuto, sentiu o peito oprimido. Havia uma estranha tensão no ar. Foi para o banheiro e tomou um longo banho, podia sentir em suas roupas e no corpo o cheiro de Ariel. Arrumou-se e tomou uma decisão: iria até Jan Kmam.

Capítulo 24 - As Consequências

Cansada de ir e vir dentro da cela, ou melhor, da masmorra, afinal estava em uma construção medieval feita de rocha, Joyce sentou no catre. As paredes eram frias, a luz que vinha da única abertura no espaço retangular era muito pequena para passar por ela e alta demais para que a alcançasse, mesmo saltando. Tentou duas vezes e só conseguiu arranhar a pedra com suas unhas. Sem ajuda, nunca obteria êxito. Sentada nas sombras, tocou o ombro ferido: cicatrizava lentamente, mas ainda doía um pouco. O ferimento fora obra de Samael e Mênon, que agiram juntos para capturá-la.

Quatro noites depois do ataque sofrido por Lorde Bruce, Iago ainda insistia em permanecer em Paris. Esperava Alexia, que veio em companhia de Heitor. Parecia ter notícias sobre o paradeiro de Samael. Joyce os ouviu conversando na sala, mas não desceu; não estava com ânimo para lidar com Alexia nem, muito menos, com o embaixador do mundo dos vampiros. Eles sabiam muito pouco, a única informação concreta que possuíam era sobre o ataque que os vampiros fizeram a uma “estufa”. Mas, quando o nome de Belizário apareceu na conversa, ela aguçou sua audição. No entanto, por algum motivo, as vozes sumiram. Era óbvio que falavam mentalmente. Dez minutos depois, Alexia e Heitor partiram. A porta bateu com força e Iago subiu as escadas. Joyce o esperou diante da janela do quarto, ela espreitava a loba e o vampiro partirem. Alexia percebeu que estava sendo observada; voltou-se para a janela e acenou. Heitor as viu e percebeu a animosidade entre elas; em seguida, abriu a porta do carro para Alexia entrasse. Um minuto depois, eles haviam partido.

- Quando ia me contar?
- Contar o quê?

– Que traiu sua espécie e se deitou com o líder da Ouroboros...

– Sou uma mestiça, não esqueça isso. Mas estou decidida a ser somente humana, afinal eu tenho uma escolha. Uma escolha que nenhum de vocês me ofereceu, mesmo sabendo que ela existia.

Joyce revelou magoada e viu Iago preocupado. Então era verdade: ele sabia, mas nada lhe dissera, mesmo sabendo o quanto odiava ser metade loba. Ele não ousara lhe dar a escolha com medo de perdê-la, o amor que sentia o fez egoísta. Afinal, ele não poderia se unir a uma mortal; a uma mestiça, sim; a uma mortal, jamais. A Alcateia o expulsaria se insistisse.

– O ritual não é visto como uma opção viável, por ser extremamente doloroso e custar a vida daqueles que ousaram submeter-se a ele. Você jamais deixaria de ser metade loba, só seria arrancada de você a capacidade de mudar e lhe seria negada a imortalidade, quem sabe sua própria alma.

– O ritual é uma opção. Por que não me disse, Iago? – Joyce queria ouvir de seus lábios, afinal ele jurou amá-la.

– É uma ilusão criada pela Ouroboros para conter a natureza selvagem que habita nosso ser. Tal ritual foi banido há muitos séculos. Belizário jamais deveria ter lhe sugerido tal gesto. Poderá morrer, na melhor das hipóteses; na pior, poderá ficar louca e sequer é garantido que não se transforme mais em lobo.

– A escolha era minha, não sua.

– É preciso que mude para que seja a amante de Belizário. Ele não aceita o que você é.

Joyce, enfurecida demais, esbofeteou Iago. Ele recebeu o tapa como uma carícia. Ela não poderia magoá-lo mais do que já estava. Sabê-la de outro levou muito de sua alegria. Iago acreditou que ela o amava e desejava. Mas, no momento, só conseguia senti-la confusa. Fitou-a ressentido e se afastou.

– O que disse em Viena é verdade. Não vou ficar ao seu lado, Iago.

– Por que você simplesmente não aceita o que é, Joyce? O que há de errado em ser imortal? Será que não percebe que nossa espécie é o que há de mais lógico dentro da natureza, nós somos parte da natureza: homem e lobo.

– Jamais fui uma loba, sempre fui humana.

– Não possuí a mortal. Em meus braços, era uma loba. É ela que a faz ser a melhor. Esconde-se sob a capa da fragilidade humana, quando pode ser a guerreira perfeita como loba. O que teme verdadeiramente é sua selvageria, mas, acredite-me, não vencerá a loba que existe dentro de você, ela vai sobreviver.

– Deixe-me em paz! Saia!

Iago a viu chorando e resolveu deixá-la sozinha. Saiu batendo a porta, inconformado. Como, depois de tanto tempo buscando o amor, poderia encontrá-lo e ele não lhe pertencer? Joyce era a mulher que amava, sentia seu coração reclamar sua presença, desejava-a; tudo o que queria era novamente tê-la em seus braços. Alexia talvez estivesse certa: ele a havia perdido para sempre. Ela contou ao irmão, de modo cuidadoso, sobre a visita de Belizário. O líder da Ouroboros procurou Darden para apresentar suas desculpas formalmente por se envolver com a escolhida de seu herdeiro. Revelou amá-la e que estava disposto a abdicar de seu amor em favor de Iago e da segurança da jovem loba, visto que a Cúpula a tinha agora como inimiga. O senhor dos lobos ouviu e tentou compreender como o tempo apreciava brincar com o coração até mesmo de um imortal. Ele conhecia o segredo da imortalidade de Belizário, possivelmente o único ainda vivo.

Darden aceitou suas desculpas, garantindo que tudo seria feito para que o jovem casal encontrasse o equilíbrio que lhe faltava. Quando Belizário partiu, o senhor dos lobos teve certeza de que não importava a espécie: o amor as unia irremediavelmente.

Iago foi para a sala e lá ficou, tentando acalmar-se. Seu desejo maior era bater-se com Belizário, pois ele havia possuído sua escolhida. Joyce não fazia ideia de que, quando foi aceita pela Alcateia, ela o aceitou, uivando junto com ele. Entretanto, Belizário sabia. Ele devia ter se refreado.

O herdeiro de Darden estava junto à lareira quando a ouviu gritar. Voou sobre os degraus da escada e abriu a porta de seu quarto com um chute. Havia sangue no chão e Joyce jazia caída, traspassada por uma espécie de seta de metal. Mênnon apareceu na janela e, quando Iago rosnou pronto a lutar, somente ergueu a mão e o fez cruzar a porta e despencar escada abaixo. Joyce, a essa altura, sentia os efeitos da droga no dardo e sequer conseguia ficar de pé. Mênnon a recolheu e a jogou pela janela. Samael a aparou nos braços e sumiu dentro da noite para ser seguido por Mênnon.

Despertou dentro da masmorra sozinha. Tocou o ombro ferido e se viu livre do dardo metálico. Na boca, o gosto da droga. Tentou de todas as formas abrir as grades da cela, alcançar a janela, mas nada surtiu efeito. Eles, com certeza, pretendiam torturá-la em busca dos pergaminhos. Subitamente, as palavras do rei dos vampiros vieram à sua mente. Teria de ser forte. Sentada nas sombras, ouviu movimento no corredor. Os ruídos pareciam os passos de Mênnon, o estranho que, por muito pouco, não fritou seu cérebro durante o ataque contra Lorde Bruce.

A porta se abriu e logo um dos guardas, lobisomens recrutados por Samael, abriu a cela. Ele tinha na mão uma arma, certamente carregada com balas de prata, apontada em direção a Joyce. Decerto, temia que ela atacasse Mênnon, enquanto o vampiro entrava na cela. Mênnon trazia nos braços uma mulher desacordada, depois a colocou sobre o catre e lançou um olhar maligno sobre a mestiça.

– Logo conversaremos, Joyce. Espero que não seja tão teimosa quanto Marie. Veja só o estado dela, sofrendo, sangrando... e para quê? Defender o rei dos vampiros...

– Não espere menos do que isso de mim – disse Joyce, saindo das sombras.

– Quem vai defender? O senhor dos lobos ou a Ouroboros? – perguntou Mênnon, cinicamente, saindo da cela.

Novamente sozinha, Joyce se perguntou se ele sabia de seu relacionamento com Belizário e lhe pareceu que sim. Fitou a mulher desacordada. Ela tinha sangue saindo do nariz e parecia muito pálida. Mênnon, com certeza, a estava torturando,

mas há quanto tempo? Subitamente, percebeu que não sabia quanto tempo havia dormido. Seria a mesma noite? Tinha perdido a noção do tempo.

A jovem mulher tossiu, despertando. Tocou a cabeça e parecia sentir dor e talvez tontura pelo modo como se segurou no catre. Ela virou o rosto assim que sentiu a presença de Joyce e a observou atenta. Percebeu sua natureza singular e não foi difícil imaginar de quem se tratava. Era a líder da Ordem de Hermes. Fechou os olhos e temeu por suas vidas, pelo segredo que guardavam. Juntas, elas se fragilizariam diante de Mênon. Eles estavam perto de conseguir o que desejavam.

– Quem é você?

– Eu me chamo Marie. Você é a líder da Ordem de Hermes, não é mesmo?

– Sim. Como sabe?

– Fomos avisados pelos lobos que a líder da Ordem de Hermes havia reunido os últimos pedaços do pergaminho, visando capturar Samael. Este é seu plano?

– Eles não vão descobrir onde estão os demais pedaços. Não revelarei nada a eles – afirmou Joyce, tentando passar confiança para a estranha.

– Já foi torturada antes?

– Não.

– Desejo-lhe boa sorte – Marie debochou aborrecida.

– O que faz aqui?

Joyce fez a pergunta, vendo Marie limpar o nariz sujo e arrumar o colete e a saia. Enquanto falava, amarrou o cadarço de seu borzeguim.

– Mênon está me torturando. Ele quer a localização do pergaminho de Íris . –

Marie disse cansada, mas resistindo às dores que sentia no corpo e na cabeça.

– Então é esse o nome do pergaminho?

– Sim. Não sabia?

– Nenhum dos mortais que leu o pergaminho sobreviveu, e os que ouviram a leitura pouco souberam dizer sobre o que ouviram. Na verdade, protegemos pedaços de um grande mistério. Mas por que esta criatura, Mênon, acredita que você guarda o pergaminho?

– É... as coisas se complicaram realmente – disse Marie, percebendo sua ignorância sobre a real situação.

– Por favor, seja clara.

– Logo você revelará a ele onde os pedaços restantes estão, querendo ou não.

– Jamais! – disse Joyce, sentindo-se ofendida.

– Vai ser difícil mantê-los seguros com nós duas juntas sob o poder de Mênon. Não sei se percebeu, mas Mênon lida com magia. Daqui a duas noites, a lua vai estar cheia, você vai mudar, seu organismo vai estar mais frágil. Sem falar que ele vai poder se alimentar, e não duvido nada de que ele faça isso com nosso sangue. – Marie revelou, percebendo o espanto da jovem. Ela tinha muito que aprender.

– Sozinha, eu tinha uma chance de defender o pergaminho, pelo menos a parte que preservo. Esperava por ajuda, mas estou aqui há duas noites e ninguém veio me salvar. O que significa que as defesas de Samael ainda estão de pé. Nós estamos sozinhas e vamos ter que lutar por nossas vidas quando o momento chegar.

– Isso, porventura, é um truque para que eu fale onde está o pergaminho? Desista, jamais direi – disse Joyce, encarando Marie como inimiga.

– Não sou sua inimiga e não estou aliada à laia traidora. Cada uma de nós tem sua própria cruz para carregar. Não vai demorar muito agora. Resta saber o que faremos para fugir depois que ele não precisar mais de nós duas.

– O pergaminho foi dividido em quatro partes iguais. Não existe uma quinta parte.

– Cinco – afirmou Marie, séria.

– Impossível.

– Junte as quatro partes e o pergaminho ainda pode exaurir todo aquele que tentar lê-lo, menos o seu escolhido. Mas, para despertar Íris e seus irmãos, é preciso o selo.

– Isso jamais foi revelado. Meu pai, o antigo guardião, nunca revelou nada sobre um selo.

Joyce permanecia parada diante do catre onde Marie continuava sentada, estava visivelmente fatigada. Sua mente deveria ter sido submetida à forte pressão. Ela seguia resistindo bem, mas até quando aguentaria?

– Ele não poderia saber nem os outros guardiões. Foi apagado deles e de suas mentes.

– Por quem?

– Uma bruxa chamada Dalila. Sei que conhece como a tumba foi violada, mas sabe o que aconteceu depois que a tumba foi novamente lacrada?

Marie perguntou fitando Joyce, que buscou assento ao seu lado. Elas falavam o mais baixo que podiam, temendo estar sendo vigiadas. Mas o que diziam já era de conhecimento de Mênon.

– Cada um deles seguiu um caminho diferente, jurando jamais unir novamente o pergaminho.

– Primeiro, eles dividiram as joias e o ouro. Quando a sacola estava vazia, o pergaminho foi visto e tratado, a princípio, como lixo. Eles quase o queimaram, mas, ao verem o lacre de ouro, se detiveram. Abriram o lacre e ele passou de mão em mão. O primeiro que tentou lê-lo, por conhecer um pouco de egípcio, foi consumido. Enquanto segurava o pergaminho e falava as palavras que entendia, seu corpo secava: agarrado ao papiro, ele literalmente virou pó. Os demais ficaram apavorados e resolveram queimar o pergaminho, lançando-o ao fogo.

Imediatamente, eles foram rodeados por sussurros e vozes. Então um deles, à custa da própria mão, retirou o pergaminho do fogo completamente intacto. Eles estavam presos ao papiro e, sempre que tentavam destruí-lo ou abandoná-lo, ele regressava para as mãos de um deles, fazendo com que se reunissem novamente, mas não sem matar aquele que tentou destruí-lo. Foi nesse momento que Dalila os encontrou. Ela sonhou com a violação da tumba e, desde então, os procurava. A bruxa usou seus poderes e conseguiu mostrar-lhes que o pergaminho continha uma maldição e que jamais deveria ser lido, ou traria as trevas ao nosso mundo na figura de quatro personagens: Íris e seus irmãos. O que começou com sete homens terminou com apenas quatro. Os demais morreram tentando ler ou destruir o pedaço de papiro. Resolvidos a se libertar do pergaminho, eles seguiram as indicações de Dalila e, juntos, conseguiram rasgá-lo em quatro partes sem que nenhum deles fosse consumido. O selo flutuou no ar e Dalila o guardou. Assim, o poder daquele estranho objeto foi contido em parte. Naquela noite, a Ordem de Hermes foi idealizada, assim como suas leis e regras. Ela os avisou que os pedaços lhe trariam sorte e riquezas, mas que também cobrariam um preço. Nenhum deles se importou. Temendo que eles ficassem ambiciosos, Dalila preparou um encantamento e os fez esquecer o selo do pergaminho. Deste modo, eles poderiam morrer jurando que o pergaminho foi dividido em quatro partes.

– Qual a ligação dela com a tumba? Afinal, ela é uma bruxa.

– Radamés, o vampiro que repousava naquela tumba e protegia o pergaminho, sabendo que não poderia mais protegê-lo, buscou uma alma que pudesse tocar e encontrou Dalila. Ela conseguiria, temporariamente, resguardar o velho documento.

– Não respondeu à minha pergunta ainda. Afinal, o que ligou Radamés a Dalila?

– Dalila conviveu com o rei dos vampiros e saberia como agir para preservar o Pacto, tendo em vista que o pergaminho era uma ameaça direta ao Pacto feito

entre as duas espécies. Além disso, ela era a única que teria vigor e autoridade suficientes para controlar a força do pergaminho sem que ele a exaurisse.

Marie ficou de pé e fitou as grades da cela de modo inconformado. Viu o pó escuro no chão que neutralizava seus poderes; estava sem sua bolsa, sem sua adaga. Elas precisavam pensar numa forma de evitar que aquelas criaturas ficassem de posse do pergaminho. Marie fitou Joyce e teve uma ideia temerária.

– Você tem alguma arma?

– Estava desarmada quando me capturaram.

– É... então vai ter de me matar quando chegar o momento.

– Por que faria isso? – disse Joyce, confusa, achando sua reação muito estranha.

– Morta, não revelarei a localização do selo. Caso você não resista à tortura, eles pegarão os quatro pedaços, mas de nada servirão. Compreende agora?

– Não vou matá-la. Se quiser acabar com sua vida, faça sozinha.

– Não conto com meios para fazer isso. É preciso pensar no coletivo. Eu não tenho como matá-la, não sou vampira nem loba. Você pode matar-me facilmente.

– Sou uma mestiça – disse Joyce, acreditando que fazia alguma diferença.

– É uma loba, e bastante forte. Minha espécie conhece a sua muito bem, algumas vezes nos aliamos em nome da paz das florestas, da segurança dos homens. Sou uma bruxa. E geralmente gostamos de lobos, desfazemos as armadilhas dos caçadores. Respeitamos seus territórios de caça – explicou Marie.

– Eu não sou uma besta assassina – disse Joyce, ofendida com sua sugestão e já se afastando de Marie.

– Mênon protegeu a cela com magia, não posso abri-la nem tampouco sair dela. Já tentei me comunicar com todos os vampiros que conheço sem êxito. Você já conseguiu se comunicar com alguém? – Marie tentava explicar a situação.

– Não. É como se estivesse dentro de uma caixa e só ouvisse minha própria mente – admitiu Joyce, pois tentou avisar Belizário, mas não conseguiu atravessar as paredes da cela. – Conto que Iago venha salvar-me, afinal ele viu meu rapto. Alguém sabe que foi raptada?

– Sim, mas duvido que consigam localizar Samael e Mênon. Minha última esperança é a campeã do rei, ela foi a única a perceber que ele não estava no galpão.

– Eu a vi lutar. Estava presente quando Lorde Bruce foi atacado. Naquela noite, eles falharam duplamente, graças a Bruce e a Kara. Iago e seus homens apareceram e evitaram que eu fosse levada – contou-lhe Joyce.

– Faz algum sentido. Passado algum tempo, fui capturada.

Marie narrou a Joyce o ataque à incubadora e como foi enganada pela falsa pista de que Samael estivesse no galpão. Por fim, sentaram-se no catre e esperaram sem ter muitas opções.

– Não sei por quanto tempo mais vou suportar. Mênon é muito poderoso e começo a fraquejar. Quando ele voltar, vai levar nós duas. Caso perceba que vou revelar algo, mate-me, entendeu?

– Dá para ser mais positiva? Vão nos localizar. Se, pelo menos, pudéssemos mostrar onde estamos para alguém...

– Tem razão – disse Marie, fitando o cadarço de sua bota que tinha entre os dedos já há algum tempo.

– O que vamos fazer agora? – perguntou Joyce.

– Resistir até onde conseguirmos e brincar de telefone sem fio.

Marie e Joyce foram para o fundo da cela, evitando ser vistas. Marie decidiu tentar um último feitiço antes que ficasse completamente exaurida. Com a ajuda da energia de Joyce, talvez tivesse uma chance de tocar a mente de Kara. Nas sombras, ficaram frente a frente, segurando as pontas do cadarço de algodão. Marie

se concentrou e, quando o fio virou uma linha de luz branca, ela chamou a vampira num sussurro baixo e enviou a imagem da cela onde estavam, pedindo ajuda. Aos poucos, o fio de algodão se apagou e, por fim, pegou fogo. Mas a mensagem havia sido enviada. Marie sentou-se, e Joyce percebeu que ela precisava descansar.

– Quem é Mênon, você sabe? – quis saber Joyce.

– Antes de Ariel Simon ser o rei dos vampiros, uma vampira chamada Afrodite controlava Detrich, o rei. Durante seu reinado, alguns poderes foram suprimidos e a vampira, então muito poderosa, passou a controlar o Livro. Isso foi depois de ela assassinar Radamés. Seu poder sobre o Livro não era infalível, ele exigia muito dela. Temendo ser exaurida, Afrodite resolveu que era preciso controlar a fonte do poder ou simplesmente fazer surgir outro. Ela tentou várias vezes conter sua força, mas sem êxito. O Livro permitia que ela o tocasse, mas a limitava a certas páginas. Durante um desses ataques, ela leu, pela primeira vez, o nome de Íris na página dos condenados. Era citada como aquela que jamais deveria despertar: Íris, a filha da noite e amante do sol. Sua execução não foi citada nem, muito menos, como ela foi feita. Íris viveu durante o reinado de Elkabar. Isso, para os padrões de história humana, corresponde à época de Amósis, fundador da 18ª dinastia no Egito.

– Mais de mil anos.

– Acredito que sim.

– Mas o que aconteceu?

– Afrodite acreditou ter encontrado uma aliada forte suficiente para derrubar os Poderes e tornar-se rainha. Entenda: a vampira só ansiava por poder e mais poder. Ela buscou o nome de Íris nos pergaminhos das sentenças, mas nada encontrou. Nem mesmo Detrich sabia de tal execução. Não havia um túmulo, nem como ela foi mantida. Então voltou ao Livro e, ao tentar ler mais sobre a vampira, foi repelida.

Marie parou de falar, precisava ter cuidado. Afinal, ela conhecia os fatos graças à revelação de Dalila sobre a existência dos Mais Velhos e do Templo da Esfinge. Mas não cabia a ela revelar tais fatos a Joyce.

– Afrodite buscou o conselho de Mênon. Um vampiro perigoso e evitado pela maioria, passava dos 800 anos e não apreciava as leis. Encontrá-lo foi difícil, não era nada amistoso. Falava-se muito e secretamente a seu respeito: ele praticava magia negra e, até mesmo, fazia sacrifício de mortais e imortais. Aqueles que procuravam seus serviços tinham de ter certeza do que desejavam. Mênon era ambicioso, e tocar o Livro, para ele, seria o mesmo que tocar a pedra filosofal. Afrodite foi recebida com deferência por ele, que não era tolo e conhecia a extensão de seu poder – ela poderia colocá-lo diante do Livro. Ela foi direta, pretendia controlar o Livro, mas precisava saber mais sobre Íris. Mênon conhecia os meios, mas achou arriscado; afinal, o Livro se defendia, muitos morreram aos seus pés por tocá-lo sem permissão. Mas confiou em sua magia e aceitou a oferta de Afrodite.

– Na Alcateia, ouvi boatos sobre esse Livro. Dizem que o objeto na qual estão escritas as leis do mundo vampírico, e é uma porta para um mundo além do nosso, onde habitam os primeiros vampiros do mundo.

– Eles estavam certos. Tais criaturas existem e são realmente perigosas e muito cruéis. Nenhum vampiro desejaria enfrentá-las. Afrodite abriu o Livro e Mênon o tocou com sua permissão. O vampiro descobriu quem era Íris, sua história e, até mesmo, o motivo de sua sentença. Por algum motivo desconhecido, talvez, seus poderes dentro da magia permitiram a ele ver além do que estava escrito. Sua invasão foi descoberta e ele foi atacado diante dos olhos de Afrodite para que ela compreendesse que jamais os dominaria.

– Então os tais seres o puniram?

– Provavelmente, sim.

– O que aconteceu depois? Afinal, ele ainda vive, se é que vive – disse Joyce, pois já havia percebido que ele não era mais parte desse mundo.

– O corpo foi preservado num sarcófago, e sua alma jogada no que eles chamam de vazio. E, para que o segredo de Íris fosse preservado, seu corpo foi lançado no mesmo lugar em que o dela ainda repousa.

– Então, ele e Afrodite sabem onde o corpo dela repousa?

– Não. Quando ele se percebeu em perigo, tentou atacar o Livro e teve a face queimada pela Seiva, e finalmente foi engolido. Afrodite nada pôde fazer além de assistir ao episódio. Ela conhecia os seres, os riscos de tentar descobrir seus segredos. Conheço o fim da história porque Dalila viu a morte de Mênon numa visão, afinal havia laços entre eles.

– Como o selo foi parar em suas mãos?

– Dalila foi minha mestra. Quando minha mãe morreu, fui entregue a ela para que me criasse. Quando Mênon despertou, ela sentiu que deveria passar a responsabilidade para outra pessoa, de modo a proteger o pergaminho. Seu segredo foi comprometido por uma das amantes do rei. Então, quando me tornei imortal, recebi o selo.

– Sua mãe adotiva conhecia Mênon? – perguntou Joyce.

– Sim, eles foram amantes por algum tempo. No fim, Dalila descobriu que ele só almejava seus poderes e segredos. Eles lutaram, Mênon perdeu. Daí em diante, afundou-se na magia negra, e tudo o que fazia era mergulhar mais fundo em crimes. Detrich não punia ninguém. Cem anos depois, Afrodite perdeu a cabeça e Ariel assumiu o trono.

– Então Mênon é o único que sabe como trazer Íris à vida. O que não compreendo é por que ele deseja trazê-la de volta? E o pior: por que manter um pergaminho, dando a possibilidade a ela de despertar e trazer a destruição? Isso não faz sentido.

– Apenas Mênon, Afrodite e os seres que o dilaceraram sabem o motivo.

– Ela era inocente. Somente isso justificaria...

Joyce fez uma pausa, seus olhos brilhavam, sua mente havia encontrado a resposta. Era tão claro, Marie lhe deu os pedaços que faltavam, as respostas que seu pai buscou por toda a vida.

– É isso! O pergaminho nada mais é que uma página do Livro dos Vampiros. Por isso ele consome todos os que o tentam ler. Quem escreve no Livro? – perguntou Joyce, observando o rosto pálido de Marie.

– Ninguém. Ele cria páginas de acordo com os acontecimentos do mundo vampírico. A cada cem anos, ele aceita que os vampiros escrevam seus nomes nele.

– Seja lá o que houve nesse outro mundo governado por essas criaturas, o Livro viu e escreveu uma página inteira de acusações e revelações. Alguém poderoso arrancou a página e, assim, ela foi transformada em um pergaminho e entregue para Radamés?

– Entenda Joyce, Radamés já havia sido assassinado por Afrodite, quando Mênon tocou o Livro. O pergaminho desapareceu do Templo e apareceu na tumba de Radamés.

– Compreendo. Mas como, e quando Mênon saiu do vazio?

– Através de Seth, o antigo favorito do rei. Ele cometeu uma série de crimes imperdoáveis e foi punido duramente, cem anos dentro da Caixa. – Marie viu Joyce semicerrar os olhos. – Ele acreditava que estava acima da lei por ser o vampiro que mais perto chegou do rei. Ariel o fez compreender do modo mais difícil, que nem ele, nem ninguém, estava acima das leis. Como vingança, antes de ser condenado, ele libertou Mênon, mas todos acreditavam que isso era mentira até que ele reapareceu.

– Mas Mênon pretende vingar-se de quem? E por que Seth o despertaria? Afrodite está morta; além disso, ele fez uma escolha. – ponderou Joyce.

– Juntos, praticaram diversos crimes. Mênon busca vingança contra os seres que dilaceraram sua alma, separando-a do corpo que possuía. E Seth destruir Ariel. Para isso, a destruição que supostamente Íris trará satisfaria ambos. Talvez deseje

ter novamente um corpo, visto que ele não passa de um fantasma muito poderoso – explicou Marie.

– Eu o toquei, é bem real.

– Sim, bem real, mas não o suficiente para que possamos exterminá-lo. Despertando Íris, ele vai libertar um espírito vampiresco sedento de sangue e vingança. Estranho, ele se tornou o guardião do sono de Íris. É tudo o que sei sobre Mênon. Não é muito, mas é o suficiente para que o impeçamos de conseguir o que deseja.

– Agora compreendo por que Radamés levou o pergaminho para sua tumba.

– Sim. Ele acreditou que, enterrado, traria menos problemas.

– Meu pai sempre quis saber por que tal pergaminho foi concebido, pena ter morrido sem saber sua verdadeira origem – lamentou Joyce.

– Nós somos guardiões de uma história de poder e vingança. Mas gostaria de saber quem é realmente Íris – disse Marie, num murmúrio baixo.

Joyce percebeu-a muito cansada e resolveu ir para o outro catre, permitindo que a bruxa pudesse descansar. Marie adormeceu quase que imediatamente e Joyce ficou desperta, montando guarda.

Não muito longe, no piso superior da construção medieval abandonada, Mênon fitava as chamas na velha lareira, agora nada mais que um buraco na parede de pedra sólida, e tocou o rosto marcado. Era estranho, mas algumas vezes ainda podia sentir dor, como se a Seiva o tocasse novamente. Na verdade, a sensação dolorosa e causticante ficara para sempre em sua mente. A máscara cobria as marcas, mas não conseguia apagar a sensação da carne ferida de seus sentidos. Ali, sozinho, observando as chamas, lembrou-se da face de Ordália e de suas “irmãs”. O modo como os sussurros se transformaram em dor e tortura, e, por fim, a inconsciência.

– A bruxa está lhe dando muito trabalho, Mênon? Se quiser, eu posso descobrir o lugar onde ela guardou o selo. Quem sabe não esteja debaixo de sua

saia... Posso verificar?

– Vejo que já se recuperou de seu velho amor. Quando encontrarmos Lorde Bruce, e isso será breve, espero que não hesite novamente – alfinetou Mênon, sem pena; na verdade, cutucou sua antiga ferida.

– Sou adepto de muitos prazeres e esqueço os antigos amores com facilidade.

– É bom vê-lo em tão bom ânimo. Por enquanto, não questione meus métodos. Daqui a dois dias, a lua estará cheia sobre nossas cabeças. Saberei onde estão os demais pedaços do pergaminho e poderei me alimentar e a Íris. Quando a lua negra cobrir o céu, Íris poderá despertar. Agora, me diga: descobriu o que eu queria?

– Não há nada para ser descoberto. Kara é apenas a ex-pupila de Jan Kmam e atual amante do rei, segundo boatos. Estranho, a história se repete – disse Samael, erguendo as sobrancelhas de modo pensativo.

– Impossível. Os Caçadores não a teriam deixado viva a troco de nada. Há algo mais, isso eu mesmo senti quando ela me enfrentou. Algo de muito conhecido e letal vive naquela vampira, sem falar que seu coração ainda bate – Mênon disse e sorriu, de forma enigmática e maldosa.

– Se não está satisfeito, descubra você mesmo! Eu estou farto. Quando teremos um pouco de luxo? Tudo o que fazemos é nos esconder em lugares abandonados, decadentes. Estou realmente farto! – disse Samael, jogando-se sobre a velha poltrona.

– Em breve, terá a mansão do senhor dos lobos ou o Château do rei dos vampiros, você poderá escolher.

– Assim espero. Ah! Ia me esquecendo: Petrus e Ribas localizaram a Caixa onde Jan Kmam, o atual favorito do rei, dorme sob sentença.

– Parabéns, Samael! Em pouco tempo, poderemos libertar Seth.

Capítulo 25 - Perto do Coração

Kara chegou ao Jardim e percebeu que não conseguiu, como das outras vezes, despertar dentro da estufa. Achou estranho, afinal sentia-se muito bem. Após o ataque dos lobisomens, teve alguma dificuldade de chegar ao Jardim, mas por que agora? Atribuiu isso à confusão que sentia: estar perto de Ariel a confundia.

Bruce estava certo, ele não era tão fácil de lidar como imaginara. Mas, até agora, estava conseguindo se sair muito bem. Enquanto se arrumava para ir ao encontro de Jan Kmam, tentou pensar no que lhe diria. Não queria pedir desculpas por se tornar a campeã do rei, fizera isso por ele. Fitou seu reflexo no espelho e sentiu novamente algo se fechando sobre seu coração. Durante toda a manhã, enquanto dormia na cama do rei, foi assaltada por pesadelos. Entre o sono e a realidade, sentiu-o segurar sua mão e consolá-la quando soluçou de medo. Perguntou-se se o amuleto a ela presenteado por Radamés estaria perdendo sua força.

Respirou fundo e seguiu em frente; por um instante, sentiu-se vigiada. Voltou-se para trás e nada viu além dos vampiros que por ali habitavam e não se importavam com os demais. Por algum motivo, sentia-se ameaçada. Apressou o passo e, quando entrou na estufa, encontrou Jan Kmam de pé, recostado na mesa onde colocava os vasos de rosas e plantas. Ela fitou suas roupas e percebeu a calça negra, a camisa com a qual ele despertara anos atrás, as mesmas botas, o cabelo estava solto. Tinha os braços cruzados sobre o peito e a vista baixa. Mas, ao sentir sua presença, ele ergueu a vista.

– Estava esperando você.

Kara ouviu com alívio suas palavras e caminhou até ele. E esperou nervosa, pois não sabia qual seria sua atitude: afinal, ele a avisou para que não voltasse até

abdicar do cargo de campeã do rei. Ela estendeu a mão e segurou a dele. O favorito do rei beijou sua mão de olhos fechados e a puxou contra o peito, apertando-a junto a si. O abraço foi terno, apaixonado. Ele mantinha os olhos fechados e a envolveu pelos ombros, beijando sua testa. As mãos tocavam seu corpo com carinho, desciam das espáduas até a cintura, intensificando a sensação de tê-la entre os braços. Por fim, escondeu o rosto em seus cabelos e os aspirou como se cheirasse um buquê de rosas.

Kara desconfiou de que algo estivesse errado e tentou falar-lhe, mas ele não permitiu. Cobriu sua boca com os dedos e a fitou por incontáveis minutos, enquanto ela lhe sorria com o olhar, segurando forte sua mão. Jan percebeu-a confusa. Podia sentir em seu coração o peso de suas decisões, dos seus atos. Não lhe faria perguntas, havia decidido isso há algum tempo. De que adiantariam suas desculpas? Não precisava tocar sua mente para saber que ela esteve com o rei e que Ordália havia lhe mostrado a verdade, o presente, e não o futuro. Kara ficou muda diante de seu gesto, apenas esperando seus movimentos e olhando sua face amada.

– Sempre vou amar você.

Jan Kmam murmurou junto aos seus lábios, mirando dentro dos seus olhos escuros e, por fim, a beijou. Não o beijo rotineiro de todas as noites quando despertavam juntos. Nem tampouco do tipo que distribuía quando ela chegava ou saía. O beijo foi cheio de saudade e amor. Havia fome e desejo por algo de que jamais se alimentaria completamente. De algum modo, ela pôde sentir a diferença e agarrou-se aos seus ombros, retribuindo com amor e paixão, talvez até esperança de que o sentimento estivesse enganado. Ele parecia se despedir, estava triste e seu coração bateu; ela podia senti-lo sob seus dedos. Não se podia repetir um beijo, nenhum era igual ao outro. Mas Kara conseguiu beijá-lo de um modo que o fez lembrar-se de como ela o havia tocado quando finalmente decidira matá-la anos atrás. Havia em sua boca o mesmo sabor e a mesma urgência, a entrega desesperada. No último instante, ela o tomou em seus braços e o beijou para despedir-se e levá-lo consigo. Sem que soubesse o motivo, a vampira tentava desesperadamente fazê-lo mudar de opinião. Todavia, a reação de Jan não foi

diferente: afastou-a e, ainda segurando seus ombros, fitou sua face. Os cabelos estavam em desalinho, havia sangue nos lábios, ele a machucara sem perceber.

– Por que às vezes você age como uma maldita bruxa? – cobrou, muito sério, escondendo sua irritação.

– Jan, do que está falando?

O vampiro a soltou e se afastou, frio. Kara percebeu que a estufa sumia ao seu redor, os pássaros, as flores, tudo! Girou em torno de si mesma e se viu, por fim, no Jardim. Os dois agora estavam debaixo de um caramanchão coberto de rosas vermelhas. Então foi ali que Jan fez seu mundo?

– Onde está a estufa?

– Não existe mais. Acabou, Kara – disse Jan, com uma estranha e soturna expressão na face.

– O que aconteceu? O rei nos descobriu?

Jan Kmam deslizou a mão pelos cabelos lisos de modo impaciente e riu amargo. Como pôde acreditar que o enganavam às escondidas no Jardim? Era como se suas palavras só pudessem ofendê-lo um pouco mais.

– Acreditei que viesse me ver, depois do que aconteceu. Então, não ousei chamá-la, achei impróprio em minha posição de seu ex-amante. Conheço Ariel, sei o quanto é ciumento como eu fui. – disse Jan, olhando Kara com tranquilidade.

– Que disparate é esse? – perguntou, confusa irritada.

– Não se ocupe em negar, posso compreender. A solidão pesou e, com a quebra dos laços, minha presença se tornou inexistente. Desse modo, ficou mais fácil para o rei seduzi-la e, finalmente, possuí-la.

– Eu não fui possuída por ninguém, muito menos pelo rei.

Jan a olhou e continuou se mantendo indiferente às suas palavras e longe de seu toque. Havia recuado duas vezes de sua tentativa de tocá-lo. Era como falar

para um estranho, alguém que não conhecia. Chegou mesmo a andar pela estufa e voltar a fitá-la num suspiro cansado e entediado.

– Ariel jamais vai me tocar, enquanto você viver em meu coração – explicou Kara, sem perceber o quanto suas palavras o magoavam.

– Não ouvirei suas mentiras e desculpas!

Jan Kmam perdeu a paciência e falou mais alto do que pretendia. Kara recuou, assustada e nervosa com o desfecho de mais uma briga entre eles. O vampiro havia planejado aquela conversa cuidadosamente e a manteria.

– Você cresceu como vampira, tornou-se a campeã do rei. Talvez você não saiba e jamais aceite, mas nos é permitido ter amantes, escravos de sangue.

O vampiro parecia testar suas lembranças. Por um momento, desconfiou de que ela realmente fosse a vampira que amara. Havia mudado tanto. Fitou-a, lembrando-se de sua fuga, do modo como reagiu quando o descobriu com uma mortal.

– Mas deitar-se com o rei vai além dessa perspectiva. Fazê-lo é se tornar sua amante, o que a torna intocável para qualquer outro vampiro, mesmo que este seja seu mestre – explicou Jan Kmam.

Algo estava muito errado. Teria ele descoberto que ela jamais esquecera sua traição? Não, isso não justificaria dizer que ela dormiu com o rei. Kara se lembrou de sua amante mortal, sua beleza loira, o modo como ele a tocava. Havia empurrado tais lembranças para muito fundo na alma, pois elas a feriam. Ela fechou o seu coração e mentalmente prometeu a si que nada falaria. Muito estava em jogo.

– Gostaria de saber sobre o que fala. Eu não dormi com Ariel, ele jamais me tocou como sua amante. Quem lhe disse tais mentiras?

– Apesar de muito jovem, tornou-se completamente independente. No mais, eu dei permissão para que ele a possuísse caso desejasse. Só não esperei que você fosse ceder e tão depressa. Estava enganado.

O vampiro revelou, olhando-a com desinteresse, sem ouvir suas palavras. Elas só pioravam a raiva e revolta que sentia, quebravam seu coração e o faziam enfurecer.

– Como pôde fazer isso? Quando lhe deu o direito de me tocar? – Kara perguntou sem saber se o acusava ou reclamava – de qualquer modo, não houve uma traição.

– Eu confiava plenamente em seu amor, Kara. Foi antes de entrar na Caixa. Ariel me desafiou. Afirmou que, fragilizada por minha ausência, você acabaria em sua cama. Ofendido, apostei com ele que você não cederia aos seus caprichos mesmo que eu permitisse que ele a seduzisse como bem quisesse – disse Jan Kmam, com um sorriso amargo.

– Você não tinha o direito de fazer isso. Você deu a ele muito poder e me deixou desprotegida – disse Kara, magoada, compreendendo por que Ariel estava tão ousado.

– Tinha e dei a ele a chance que tanto queria. Desprotegida? O amor que sente por mim não foi suficiente, Kara? – questionou, severo.

Kara o esbofeteou e com razão. Ele fechou os olhos e suspirou fundo.

– Não seja hipócrita, você, a Assembleia inteira e eu, mesmo cego, sabíamos que Ariel a desejava. Engoli meu orgulho, sabendo-a inocente, e fiz tudo para poupá-la da morte certa, mesmo que isso custasse minha cabeça. Foi no Jardim que prometeu entregar-se a ele em troca da minha vida? Ele foi tão baixo a esse ponto?

– Prometi dar-lhe meu sangue, curá-lo, mas isso não foi necessário. Você sabe disso!

Kara engoliu em seco e sentiu o coração bater doído no peito. Jan a olhava enojado e era óbvio que se continha para não tocá-la com raiva. O que o detinha?

– Jan, Ariel não me tocou. Por que está fazendo isso? Eu o amo. Está me testando?

- Você falhou, Kara. Rendeu-se ao rei.
- Isso é mentira! Ele não me tocou.
- Pare de mentir! Está ouvindo?

Jan Kmam segurou Kara pelos ombros com força e a olhou nos olhos. Ela pôde ver sua pupila dilatada, os caninos à mostra. Parecia querer esmagá-la, moveu os lábios e, por um momento, quase fraquejou, mas, antes que isso acontecesse, fechou os olhos com força e a soltou num gesto brusco, voltando a falar de modo cruel.

– Achou que poderia se deitar com ele e mentir para mim eternamente? Acreditou que nada veria porque estou nesse maldito Jardim? Enganou-se, Kara. Você pode estar longe de meus olhos, mas vive em meu coração, e cada gesto seu me corta como uma espada nua! O que prometeu a ele?

A voz de Jan Kmam soou muito estranha aos ouvidos de Kara. Afinal, ela estava acostumada somente com suas palavras doces, os sussurros, as carícias. Ele falava seriamente e não parecia disposto a ouvir suas desculpas.

– Jan, eu não o traí. Nada fiz de errado! – disse, com as mãos unidas e trêmulas.

Jan Kmam fez uma expressão de deboche e impaciência.

– Responda à minha pergunta! – exigiu, no limite, fazendo-a pular assustada.

Como dizer a verdade? Teria forças para enfrentá-lo? Não, não agora, que ele acreditava em uma mentira. Como ela poderia revelar tudo sem perdê-lo, ou colocar sua vida em perigo? Nunca mais. Havia prometido a si mesma que nunca mais colocaria sua vida imortal em risco.

Ela ensaiou ir embora, mas Jan Kmam a deteve pelo braço num gesto rude. E a obrigou a fitá-lo nos olhos, enfrentar sua desconfiança olho no olho. Ele não sabia, mas estava pronta a fazer qualquer coisa para mantê-lo vivo, mesmo que isso significasse perder seu amor.

– Tornou-se a amante do rei, Kara?

– Não.

Ela afirmou tocando seu rosto, abraçando-o, tocando seu peito, mas ele a impediu, segurando seus pulsos de maneira impiedosa. Suas palavras e desculpas não conseguiam conter sua raiva, o ciúme que o devorava vivo.

– Jan, você está me machucando. Não mereço sua desconfiança – revelou Kara, sentindo a ira que o dominava, enquanto tentava puxar o braço. – Jamais lhe dei motivos.

– Isso é uma carícia comparado ao que você merece! Mas está certa – murmurou, ensimesmado. – Merece é a coroa, Ariel como seu consorte, em sua cama!

Dizendo isso, soltou-a com rispidez e desprezo, pois subitamente temeu cometer um ato extremo de rudeza contra ela e, se fizesse isso, jamais se perdoaria. Afastou-se, ficando diante dela, de punhos fechados junto ao corpo.

– Palavra que eu costumava vigiar seu sono quando despertava, e achá-la cada noite mais bela. Todavia, jamais havia visto você tão majestosa quanto estava na cama do rei. Sua nudez, seus corpos juntos. Uma cena admirável e cruel.

– Jan, eu posso explicar. Não aconteceu nada. Fiquei presa em sua câmara e tive de dormir em sua cama.

Por um instante, ela acreditou que Jan Kmam fosse rir, tamanha a incredulidade diante de sua inocente explicação.

– Chega! Não vê que está sendo ridícula? Estavam nus, exaustos, abraçados como amantes que são! Maldita!

Kara tinha o rosto banhando em lágrimas, e, ao tentar tocar em Jan, ele recuou.

– Estou aqui, eu não mudei nem o traí!

– Mentira, você mudou, tornou-se agressiva, distante. Tornou-se campeã do rei e me usou como desculpa. Basta um gesto, uma pergunta para que lute comigo.

– Jan, eu o amo. Tento ser a pupila, mesmo quando só desejo ser sua mulher.

– Dentre todas as coisas que pudesse fazer para me ferir, magoar, jamais pensei que pudesse ser capaz de me trair. Sempre acreditei em nosso amor, em suas juras, no modo como me tocava... – por fim, ele conseguiu dizer.

– Eu não traí você! – Kara soluçou aflita.

– Não existe volta, Kara. De qualquer modo, não importa mais, acabou.

– Jan, por favor, me escute, só dormimos na mesma cama. Ele não me tomou como sua amante. Quando eu despertei, discutimos – murmurou Kara, num fio de voz.

Continuou negando pateticamente, segurando seus ombros, mas contra a imagem que Jan Kmam viu não havia argumento.

– Poupe-me de suas intimidades com o rei.

– Tente entender...

– Cale-se! Cale-se ou a matarei, Kara. Não faz ideia do quanto me contenho.

Jan Kmam implorou engasgado, continha suas lágrimas e a empurrou de forma áspera.

– Por que mente e insiste em negar? Eu os vi!

– Como, quando?

– O que importa? Ordália é a única que não pode ser questionada quanto à verdade do que vimos. Agora entendo sua dor e seu ciúme.

– Ordália? O que ela fez? – Kara cobrou, cega de raiva.

– Abriu meus olhos quanto à sua pessoa.

– Você precisa acreditar em minha palavra, por favor. Não aconteceu nada!

– Essa é a última vez que nos vemos. Não mais estarei no Jardim, resolvi terminar minha pena dentro da Caixa. Não se ocupe em me libertar daqui um ano,

ou a matarei e ao rei. Está livre para permanecer ao lado de Ariel. De certo modo, acho que tudo caminhou para este final, Otávio avisou-me sobre você e jamais quis ouvir. Hoje, percebo o quanto fui tolo. Cedo ou tarde aconteceria. Ele estava certo de que se tornaria rainha quando completasse 100 anos. É melhor perdê-la agora.

– Pouco importa o que viu, não é verdade, eu o amo.

Kara o abraçou, agarrou-se ao seu corpo e escondeu a face em seu ombro e soluçou aflita Jan não a tocava, mantinha os braços ao lado do corpo e, em dado momento, contraiu a mandíbula, furioso. O toque da vampira o feria. Como podia ser tão dissimulada e falsa? Se não tivesse visto, poderia jurar que ela dizia a verdade. Quando ela ergueu a vista e continuou sua defesa, Jan Kmam virou o rosto, evitando seus olhos suplicantes. Tudo o que queria era se afastar dela e de suas mentiras.

– Afaste-se! Não aguento mais ouvi-la mentir!

– Eu nada fiz. Acredite em mim, meu amor.

A vampira não o comovia. Então, corajosa, pegou a mão de Jan e as colocou sobre seu peito. Ele a fitou, semicerrando os olhos escuros de ódio. Kmam pôde sentir seu coração batendo e a desejou, mesmo com toda a raiva e a mágoa que sentia. Se pudesse, ele a tomaria em seus braços e a faria sua.

– Ele continua vivo por você. Ele bate por você.

– Não quero que me toque! Afaste-se, não quero ser rude – disse Jan Kmam, ignorando suas palavras.

Kara recuou, levando as mãos à face, e ficou em silêncio. Não havia mais o que dizer.

– Adeus, Kara.

Jan Kmam deu-lhe as costas e seguiu em frente. Kara sentiu-se sufocar pelo pranto enquanto o via desaparecer dentro do Jardim. Ela perdeu a voz, foi traspassada por uma dor lancinante e tocou o coração. Ele estava contraído,

tamanha a dor que sentia. Os soluços sacudiam seu corpo, ela abraçou a si mesma e se balançou, quase perdendo a razão. No alpendre, as rosas sentiram sua dor e se desfizeram numa chuva de pétalas rubras, que caíram sobre Kara como se fossem pingos de sangue. Sua dor estava afetando o Jardim.

– Jan!

Kara ergueu-se do banco e fitou o caminho que Jan Kmam havia tomado. Começou com passos e, por fim, corria. O Jardim não tinha fim, era como se repetisse os mesmos bancos, flores e rosas. Desesperada, girou em torno de si mesma e gritou, caindo de joelhos no chão. Kara chorou por incontáveis minutos em sua dor, os soluços se fizeram ouvir por todo o Jardim, chamando a atenção dos espíritos que ali habitavam.

Os vampiros se aproximaram para observá-la com interesse, mas nenhum deles ousou tocá-la: sua dor poderia destruí-los facilmente. Apenas olhavam com indiferença. Dentre eles, o espírito de uma vampira extremamente bela. Mas ela já estava ali esperando pelo desfecho final e pronta para agir.

A vampira se vestia como uma egípcia e tinha os cabelos negros e lisos, os olhos pintados de modo exótico. Estava envolta num véu negro, bordado com fios de ouro. As sandálias eram de couro e usava peças de ouro. Ela se abaixou junto à vampira e a tocou.

Kara assustou-se, ergueu a vista e fitou a vampira. Havia um corpo, mas esse não era como o seu ou o de Jan Kmam, era transparente, todavia não escondia a bela vampira que foi um dia.

– Você precisa ir embora, está há muito tempo dentro do Jardim, seu corpo pode morrer, ou ser atacado.

– Quem é você?

– Uma amiga, mas você pode me chamar de Acidália.

Confusa e ferida como estava, Kara não ligou o nome à vampira, sequer desconfiou estar diante de Afrodite, que usava um dos muitos nomes usados para

denominar a deusa do amor e da beleza, a mesma criatura que destruiu Radamés, que almejou o trono, a mestra de Ariel e Otávio.

- Não vou partir até encontrar Jan Kmam – Kara resistia à verdade.
 - Infelizmente, você foi vítima da inveja de Ordália.
 - Como ele podia ver além do Jardim?
 - Ordália pode tudo e aqui ela controla muitos. Não sei qual foi seu erro, mas ela o mostrou ao seu amado.
 - Como sabe?
 - Aqui nos vemos tudo, mas não interferimos. Vi-o chegar e criar a estufa, um pouco depois você veio. Conheço o amor que aqui viveu com ele. Ele não voltará, sua alma retornou ao lugar onde repousa seu corpo. Peço que vá embora, está em perigo.
 - Ele acha que o trai com o rei. É mentira.
 - Ele voltou para seu túmulo, mas está bem, só com o coração quebrado. Vá até ele e conte-lhe a verdade. Agora vá embora, seu tempo está acabando.
- Afrodite revelou, fitando o rosto triste da vampira indefesa diante de seus planos.
- Não sei onde ele repousa adormecido. Jan foi sentenciado à Caixa. Pode ver onde ele repousa? – perguntou Kara, esperançosa.
 - Sim, posso. A Caixa está em Paris – mentiu Afrodite.
 - Ajude-me a encontrá-lo, ele não pode dormir acreditando em mentiras.
 - Eu não posso deixar o Jardim, meu espírito se destruiria. Aceite, Kara. Ao fim de sua pena, você poderá lhe dizer a verdade – disse, misteriosa e triste.
 - Não, não o deixarei enlouquecer com essa mentira dentro da Caixa. Venha comigo.
 - Desculpe-me, Kara, eu estaria me sentenciando à morte.

- Isso não pode ficar assim. Ordália me atacou, o que lhe fiz?
- Tirou dela a atenção do rei. Ele deve estar realmente apaixonado por você para ela ter feito isso – disse Afrodite, olhando-a com serenidade.
- Não o desejo, ela pode fazer bom proveito. Deve haver um modo... Por favor, Acidália, ajude-me, sou inocente.
- Existe um modo, Kara. Mas ele é proibido a nós duas. Vá embora agora – disse Afrodite, fingindo preocupação e se afastou.
- Fale – pediu Kara, segurando a mão espectral da vampira.
- Teria de me permitir tocar seu corpo. Estar com você.
- O que significaria?
- Dividir seu corpo comigo por breves momentos. Mas depois terá de me trazer de volta, ou minha alma será destruída – explicou Afrodite.
- Prometo trazê-la de volta ao Jardim.
- Então eu irei.

Kara aceitou o contato com o espírito de Afrodite sem saber quem libertava. Sequer sabia o que havia permitido e quais seriam as consequências de seu ato impensado. Por amor, mais uma vez Kara cruzou a linha que separava o certo do errado. Afrodite segurou sua mão e, por fim, a abraçou. Kara a envolveu nos braços e logo eram somente uma. Não houve dor ou desconforto, somente a sensação de estar com alguém bem perto de si, junto ao seu ombro. O espírito da vampira havia conseguido o que desejava: um hospedeiro. Kara caminhou para fora do Jardim, mas quem despertou em seu quarto, em Chantilly, foi Afrodite. Ela sentou na cama e tocou a cabeça, estava tonta, enjoada; por fim, correu para o banheiro e vomitou. Foi para a pia e lavou o rosto para se observar no espelho. Ela sorriu e roçou a mão sobre sua face nova. E era tão agradável poder tocar novamente! Kara era bonita, forte, ela sabia que havia encontrado o corpo perfeito, e deslizou a mão pelo busto, pela cintura, pelo quadril.

Foi para o quarto e olhou o luxo, as roupas da vampira, seus objetos queridos com certo desprezo. Por fim, sentiu-se tonta, era hora de deixar Kara voltar. Afinal, ainda não tinha força suficiente para dominar sua alma completamente, mas, em breve, seria apenas ela dentro de seu corpo. Afrodite riu e deitou na cama. Kara precisava acreditar que nada acontecera e esquecer que com ela fez um acordo.

Kara despertou de um salto e tocou o peito oprimido. Ainda deitada, lembrou-se da briga com Jan Kmam e o seu coração doeu em agonia. Como provaria sua inocência? Agarrou o travesseiro e chorou aflita. Foi nesse momento que viu alguém no quarto, era Marie! Sentou-se de um salto e viu o espectro de Marie chamando-a, mostrando a cela escura, pouco depois o lugar ermo, a velha construção medieval. Ela não estava só, havia uma jovem com ela. Era a mesma que viu ao lado de Bruce durante o ataque. A visão não durou muito, mas foi o suficiente para que a vampira entendesse o pedido de socorro. Sem perda de tempo, ela organizou sua mochila, guardou as pistolas e colocou tudo escondido dentro do guarda-roupa. Partiria imediatamente, estava decidida. Não ficaria mais nenhum minuto sob o teto do rei. Mas, antes de partir, precisava ver Bruce, sabê-lo melhor.

Afrodite, livremente, permanecia ao lado da vampira, observando seus movimentos. Por enquanto, ficaria nas sombras; afinal, sabia de sua convivência estreita com Radamés. Se ele sentisse sua presença, a destruiria imediatamente. Era cedo para se mostrar a quem quer que fosse, precisava de tempo para se fortalecer, e Kara lhe daria isso. No momento, era interessante que a vampira matasse Mênon e Samael. Não estava nem um pouco interessada que Íris despertasse. Até porque, em breve, ela seria a rainha dos vampiros.

Capítulo 26 - Lorde Bruce

Kara entrou no quarto de Bruce após uma leve batida na porta. Martan estava sentado na cama e segurava a mão do vampiro com carinho. Assim que ele a viu, sorriu e estendeu a mão em sua direção. Kara se aproximou sem reservas e o abraçou forte. Vê-lo vivo e bem significava muito para ela; ele e Martan haviam se tornado seus únicos amigos. Às vezes, pensava em Vitor, mas compreendia que ele foi viver sua nova vida, a que lhe restou após se transformar em vampiro. Entretanto, sentiu o peso de sua ausência, e ela só foi compensada com a presença de Bruce.

O vampiro retribuiu o abraço com carinho e, por fim, puxou-a para que se deitasse na cama com ele. Martan se afastou um pouco e os deixou juntos. Acomodou-se na poltrona próxima e os fitou com um ar risonho. Sabia que poderia ficar, eles não tinham segredos um com o outro.

– Quando foi que se lembrou de tudo? – perguntou Bruce, tocando seus cabelos com carinho.

– Eu nunca esqueci nada, Bruce. Ariel não conseguiu apagar minhas lembranças. Por algum motivo que desconheço, o poder dele falhou – respondeu Kara, fitando a face do amigo querido com alívio.

– Estamos muito sentimentais. Odeio isso. É tudo culpa sua e do seu coração, Kara. – Bruce se queixou, fingindo-se aborrecido.

O vampiro estava pálido e magro e, pelo menos por um mês, não poderia se meter em confusões. Os cortes estavam fechados e cicatrizando internamente. Graças ao sangue de Kara não foram necessárias bandagens, a pele se restaurou, mas ele estava muito fraco. Ele foi desenterrado assim que a noite chegou e

alimentado como devia ser, pelo sangue dos mais próximos. Martan matou duas vezes e o deixou sorver o sangue de suas veias num ato de amor e doação. Banhado e limpo, foi movido para o quarto.

– Ariel não deveria ter permitido que me alimentasse naquele estado. Poderia tê-la exaurido. Você o amarrou, foi?

– Empurrei-o – disse Kara, sorrindo de modo triste.

– Martan me contou as novidades, teve sua primeira missão, está se comportando à altura do que esperam de você, mas lembre-se: há um lindo vampiro de olhos azuis esperando por você, não se arrisque demais. – Bruce sentiu a vampira ficar tensa em seus braços. – O que aconteceu?

– Eu acho que o perdi para sempre.

Kara contou o modo como foi recebida no Jardim por Jan Kmam após ter se tornado a campeã do rei e o que aconteceu quando resolveu voltar. Bruce se preocupou e olhou Martan com uma expressão misteriosa, que Kara não percebeu. Dividiram um pensamento silencioso e tiveram certeza de que eles estavam se distanciando. O amor que dividiam estava em perigo. Ele apertou Kara em seus braços e lhe passou força, afirmando que encontrariam um modo de dizer a verdade a Jan Kmam.

– Só não compreendo por que não revelou saber de sua traição anos atrás. Isso teria dado a você um bom argumento de defesa.

– Não quero falar de Alma – disse Kara.

A vampira fitou Martan, perguntando-se o que Bruce teria dito a ele. O favor que ele prestava a Jan Kmam sempre pesou sobre seus ombros.

– Como conseguiu fingir todo esse tempo, Kara?

– Não foi difícil, às vezes eu realmente esquecia. Cresci muito naquelas noites, aprendi muito sobre ódio e revolta. Sobre poder e reis. Ainda protege Alma?

– Kara falou e percebeu o olhar interrogativo de Martan.

– Sim, ainda. É, eu não contei a você. Acho que é um bom momento – revelou Bruce, fitando Martan.

Kara tomou a frente de Bruce e revelou sobre o incidente. O modo como o rei se comportou com ambos. E, por fim, a difícil responsabilidade que ficou a cargo de Bruce. Algo que perdurava por quase dois anos. Martan compreendeu seu gesto, mas não sem a nota de uma conclusão fria e verdadeira.

– Vejo que temos missões bem parecidas. Jan Kmam nos fez guardiões de suas amantes.

– Martan, Bruce... eu sinto muito.

Kara começou tentando se desculpar por provocar um atrito entre os dois.

– Não se ressinta, conviver com você, Kara, me deu algo que há muito eu não sentia: vida. É por isso que seu coração bate, ainda está viva. Devo agradecer a ele por ter o privilégio de conviver com uma criatura tão singular. Qualquer outra vampira teria caçado a mortal e a feito em pedaços – argumentou Martan, nem um pouco aborrecido.

– Eu a incentivei a fazer isso. Mas ela se negou, teria me poupado muito trabalho – disse Bruce, ainda frustrado.

– Pensei nisso, mas não achei necessário. Bruce soube colocá-la na linha. Além do mais, ela é punida diariamente com a ausência de Jan Kmam em sua vida. Eu sei o quanto isso é doloroso.

– Deveria ter se defendido, a verdade precisava ser dita a ele, Kara – opinou Martan, observando Bruce, que também pensava o mesmo.

– Se houvesse feito isso, estaria admitindo que o traí, e isso não é verdade. Por outro lado, não poderia falar onde fiquei. As consequências seriam desastrosas. Eu não traí Jan Kmam com o rei.

Ariel entrou no quarto sem bater e percebeu o clima pesado. Fechou a porta atrás de si e buscou assento. Sentado elegantemente, observou Kara no leito com Bruce e sentiu ciúmes da intimidade. Era para os braços de Bruce que sua campeã corria quando brigavam, ou se ficava alegre ou triste. Bruce, sempre Bruce. Ele podia enxugar suas lágrimas, colher seus sorrisos, enquanto ele só ficava com as respostas duras e a frustração de não poder ser seu amante novamente.

A vampira não se sentiu envergonhada de estar no leito com Bruce. Simplesmente fechou os olhos e se conteve para não o insultar. Afinal, graças a ele, Jan Kmam acreditava que ela o havia traído. Bruce a apertou forte e pediu que não o enfrentasse, a situação era muito delicada. Que esperasse. Ela prometeu obedecer-lhe, uma vez que poderia haver punição para ambos.

Bruce o fitou com aborrecimento: que direitos tinha ele de mantê-la em seu quarto, provocando tamanho desastre? O silêncio tornou-se constrangedor e Ariel sentiu-se intruso em sua própria casa, algo de que não gostou nem um pouco.

– Devo crer que falavam de minha pessoa – comentou Ariel, buscando o olhar da vampira.

– Não se dê tanto valor, majestade; não é o centro do universo – disse Kara, erguendo-se do leito. – Preciso ir agora, meu amigo.

Martan observou com interesse o olhar do rei sobre a vampira. Kara beijou Bruce levemente nos lábios, ainda segurando sua mão. Assim que se afastou, passou por Ariel sem lhe dirigir o olhar, algo que pareceu irritá-lo bastante. O ciúme era evidente, ela gostava de todos menos dele. Martan conteve-se e esperou imóvel, enquanto ela o abraçava. Parecia despedir-se, o que ela estaria tramando? Finalizado o ato, ela deixou o quarto.

Kara saiu pelo corredor luxuoso, contendo as lágrimas, as palavras de Jan Kmam não saíam de sua mente.

– Kara, espere. Precisamos falar.

Sem alternativa, a vampira esperou, parando no meio do corredor até que o rei ficasse ao seu lado. Muda, Kara o seguiu até a sala de música. Ele notou sua tristeza, a dor, os olhos inchados. Ariel lhe deu passagem e ela entrou no recinto. Kara andou sobre o tapete oriental e fitou a sacada.

– O que aconteceu? Você não me parece bem, andou chorando?

– Você já amou?

– Sim, três vezes em dois mil anos – respondeu Ariel, sincero, percebendo que ela estava disposta a falar.

– Não conheço sua história, não sei como viveu. Jan Kmam nunca disse muito a seu respeito, e Otávio, menos ainda. Mas isso jamais me impediu de pensar que era um vampiro poderoso e que lhe devia algum respeito. Respeito este que vinha perdendo até esta noite, quando o perdi completamente. Não tenho dois mil anos, não sou rainha, jamais serei.

Ariel tentou falar, mas Kara o deteve com um gesto.

– Tornei-me vampira porque Jan Kmam, em seu amor desmedido, decidiu que não me perderia novamente para a morte. Enquanto mortal, não era uma figura excepcional, mas, já vampira, tentei fazer meu melhor. No princípio, eu fazia por Jan Kmam, pelo amor que sentia por ele. Então, compreendi que deveria ser vampira de verdade, porque essa seria minha vida de agora em diante e que eu existia além dele. Atualmente, sou sua campeã, acho que isso foi um crescimento. Claro, eu o fiz para conseguir libertá-lo da Caixa, mas eu cresci. Contudo, manter-me viva tornou-se a espera de revê-lo e ficar novamente ao seu lado. Hoje, sei por que resolveu dormir por 125 anos. Estar desperto é mais doloroso quando se espera alguém que se ama. – Kara buscou assento e continuou.

– Majestade, eu perdi o vampiro que amo por sua causa.

– Kara, eu não faço ideia do que está falando...

– Conheço os vampiros do Templo e sua ligação com Ordália e as demais vampiras, e isso é tudo. Radamés me levou até elas durante a Arena. O fato é que

seu interesse por minha pessoa trouxe a Ordália aborrecimento e ciúmes. Acredito que vai desejar me punir e a Jan Kmam, afinal estávamos nos vendo às escondidas no Jardim. – Ela falava e o olhava nos olhos.

– Eu já sabia. Pude sentir à sua volta as emanções de energias que só lá existem – disse o rei, num suspiro de conformação.

– Por que não nos puniu?

Kara sentiu-se empalidecer, invadida por uma onda de terror. Compreendia agora seus motivos. Ele os separara para punir seus encontros furtivos.

– Não achei necessário. Jan Kmam é capaz de defendê-la, mesmo sentenciado. Somente os mais fortes chegam ao Jardim, ele foi para lá para não sucumbir à dor de não tê-la próximo a ele. Eu teria feito o mesmo. Mas o que está acontecendo?

Ariel argumentou, parecendo realmente sincero. A vampira tentou acreditar e esperou por um pouco mais.

– Ordália levou, de algum modo, até Jan Kmam a imagem de nós dois juntos no leito – sua voz tremeu de dor e raiva. – Ele deixou o Jardim com a certeza de que sou sua concubina. Deixou bem claro que não mais sou sua pupila e amante.

Chegou mesmo a ameaçar-me e a você de morte, caso o procuremos quando sua sentença chegar ao fim. – A voz de Kara estava carregada de amargura.

Ariel levou a mão aos cabelos cacheados e suspirou aborrecido. Ele a desejava como sua amante, mas jamais quis que fosse daquele modo. À custa de seu sofrimento e determinado por uma ilusão. Magoada como estava, Kara agora se encontrava completamente intocável.

– Seu desejo absurdo e irrealizável me privou de meu mestre e amante! – reagiu Kara, com todas as suas forças.

– Porventura ele lhe disse que me deu permissão para cortejá-la? O que ele esperava de minha pessoa? Que não o fizesse?

– Ele me revelou tal permissão tardiamente, mas eu não consenti e não sou um objeto que passe de uma mão para outra. – cobrou, ofendida.

– Os laços de sangue foram quebrados e estaria à mercê de qualquer vampiro que desejasse tê-la como pupila. Mesmo sob a proteção dos Poderes, nem mesmo eu poderia impedir que fosse pretendida. Então, pedi permissão e ele a deu.

– Você joga muito bem, Ariel.

– Não é um jogo, Kara – murmurou, pensativo.

– Sempre foi um maldito jogo! Você impediu que refizéssemos os laços de sangue para conseguir essa maldita permissão. Você nos encurralou, e Jan, temendo o pior, permitiu que me seduzisse para me proteger – disse Kara esforçando-se: a amargura era grande demais.

– Não permiti que fizessem os laços de sangue diante do Conselho porque ficaria clara a sua realeza. Teria de ser submetida a um teste que só fará quando completar 100 anos de vida imortal. Tive medo de que não suportasse, não queria matá-la invadindo sua mente, impondo meus poderes a você.

Ariel, finalmente, expunha os verdadeiros motivos de sua decisão. Estava obviamente tocado pela situação. Cansado de permanecer sentado, foi para a sacada, obrigando Kara a segui-lo, pronta a ouvir mais.

– Esse foi meu primeiro motivo, o segundo era o mais óbvio. Se conseguisse sobreviver, teria de permanecer ao meu lado como rainha. Há séculos, o mundo vampiro anseia por um casal da mesma espécie reinando juntos. Todavia, imagine sentenciar à Caixa, por dez anos, o vampiro que o salvou de uma morte, que assumiu seu lugar e não hesitou em devolvê-lo quando solicitado! O meu favorito, o único imortal que tenho como amigo e irmão.

A vampira fitou a noite à sua volta e suspirou aflita. Sentia-se duplamente culpada agora. Ficou muda, tentando compreender por que tudo havia mudado.

– Estaria sentenciando a dez anos de silêncio e solidão o vampiro que acabou de perder sua amante para o rei. Pode compreender?

– Sim, agora eu posso – disse Kara, por fim, sentindo as lágrimas escorregarem por sua face.

– Você se tornou o motivo de nossa discórdia e sequer sabe há quanto tempo. Amá-la me custa parte de meu coração e minha alma. Pode custar a amizade de meu favorito e de meu irmão, mas isso não me deterá, Kara.

– Liberte-me da promessa que fiz e isso terá um fim.

– Sua realeza é tão grande quanto a minha, Kara. Não a libertarei de sua promessa, ela não significa nada – Ariel a olhou nos olhos e voltou à carga. – Quando se apresentar ao Conselho, em cem anos, fará o teste e será minha rainha. Sua promessa será paga de um jeito ou de outro.

– Esta é uma túnica que jamais vestirei. Não sabe?

– Sou rei há muitos séculos e, às vezes, ordeno quando quero suplicar. Principalmente diante de alguém tão similar a mim.

– Somente o tempo dirá, Ariel – disse a vampira misteriosa.

– Não se alie ao tempo, ele é meu maior amigo, Kara. O Livro vai exigir a confirmação de seus poderes. Aí não terá como fugir de mim por mais tempo. –

O rei a sentenciou, cruel.

– Se é deste modo, não me inscreverei no Livro – resolveu Kara, com simplicidade.

– Não ousaria tanto! Tente não abusar de minha paciência – disse Ariel, voltando à sala com passos firmes.

– Não tenho mais mestre, posso sumir e nenhum dos dois jamais voltará a me ver. Isso me parece bastante lógico, visto que jogaram às minhas costas com minha vida e meus sentimentos. Está na hora de ambos aprenderem uma boa lição – disse Kara, cínica e bem segura de suas decisões.

– Jan Kmam jamais lhe permitiria tal capricho. Nem eu! Caçarei você pelo mundo todo, está ouvindo? – ameaçou aborrecido. – Radamés a alimentou não foi?

Aquele maldito! É tudo culpa dele.

Ariel insultou um inocente em sua ira e quebrou a primeira coisa que achou pela frente, um vaso chinês. O vaso se espatifou no chão, enquanto ela o olhava calmamente. Afinal, preparava um pouco mais para ele.

– Agora que compreendo melhor os fatos, eu estou pronta, Ariel. Não mais precisará suplicar.

A vampira o olhou nos olhos e abriu o corselet. Ariel ficou imóvel, mais do que surpreso. A raiva sumiu e deu lugar à surpresa. Fitou a porta e lembrou-se de tê-la fechado, o fato é que não queria que ninguém a visse nua. Era rara demais para que permitisse tanto. A vampira estava realmente decidida, chegou mesmo a jogar sobre ele sua camisa branca, desfez-se das botas e ficou completamente nua em sua presença.

Kara deu um passo à frente e os cachos escorregaram pelos ombros e seios. Estava frente a frente com ele. Pegou a mão do rei e a colocou sobre seu seio. O anel de rubi brilhou e os dedos se moveram sobre a maciez do mamilo. O rei a apertou num abraço firme, poderoso, seu corpo estava em alerta e ele a beijou faminto. Quando os lábios se separaram, ele olhou dentro de seus olhos por breves segundos. A vampira realmente estava decidida e com certeza se deixaria possuir por ele. Mas algo em seu beijo o incomodou.

Ariel tirou o casaco e cobriu a nudez da vampira. Ele estava rejeitando sua oferta.

– O que está fazendo?

– Isso não está certo!

– Você achou fácil me seduzir, é isso? – perguntou Kara, frustrada, buscando compreender o que se passava.

– Seduzir você não é tarefa fácil, mas eu continuo tentando todas as noites. E acho, às vezes, que jamais conseguirei, mas não a quero deste modo, oferecendo-se como uma meretriz, uma vampira desesperada.

– Canalha! – disse Kara, para em seguida esbofeteá-lo com força.

O rei tocou o rosto e semicerrou os olhos. E respirou fundo a olhando de modo ameaçador, enquanto um rosar baixo subia do peito aos lábios cheios.

– Sim, canalha por amar a amante de meu favorito. – disse rouco. – Eu a desejo e, até onde sei, isso não é crime. Quando a tiver em minha cama, será porque você deseja isso tanto quanto eu. Não será para ferir a si mesma, porque acredita ser um problema na vida de Jan Kmam, ou para enlouquecer Ordália de ciúmes. Quando fizermos amor, vai ser porque você também deseja.

– Você encerrou Jan Kmam dentro daquela Caixa para me possuir! Pois bem, teve sua chance. E agora me rejeita? Isso não faz sentido – disse ela, segurando o casaco sobre os ombros.

– Não é verdade, eu só agi como rei. Se tivesse agido de acordo com meus desejos, ele estaria morto, e você, em minha cama. – disse apontando o dedo para baixo a cada palavra de modo altivo. – Você o salvou e me impediu de agir conforme meus desejos.

Ariel queria assustá-la para que fosse embora, pois ele estava no seu limite. Sua entrega o perturbara, e muito. Podia sentir o sabor de sua boca, a suavidade de sua pele, o modo como o beijara, entregando-se completamente.

– Não seria um rei, seria um maldito tirano covarde! – sentenciou Kara.

– Estou agindo mais como homem que como vampiro. Estou passando por cima de meu desejo para ter seu amor. Isso não será um sacrifício. E digo-lhe: se não estivesse preso a promessas, diria a você duas, ou três verdades libertadoras sobre Jan Kmam. – disse, decerto se referindo à traição do seu favorito. – Vista-se e saia!

O rei ordenou, dando-lhe as costas para que ela se pusesse decente novamente, tirando o desejo diante dele. O casaco a vestia, mas ainda a deixou mais sexy que antes. Os cabelos despencando sobre o veludo, as pernas a mostra, os pés descalços. Tentadora demais! – Tinha os punhos fechado junto do corpo e tentava

controlar o desejo que sentia, olhou para baixo e viu sua ereção dolorosamente contida e xingou entredentes.

– Nada o impediu de viver este momento. Não haverá outra chance, vai se arrepender de não ter aproveitado essa oportunidade. – resmungava o ameaçando.

– Kara, eu não vou precisar cobrar sua promessa – disse Ariel, confiante, olhando-a se vestir por sobre o ombro.

– Foi burrice me rejeitar, majestade.

– Não sei por que tanto estardalhaço, o próprio Jan Kmam deixou por escrito que era livre para viver durante estes dez anos. É livre, não existirá traição – explicou Ariel, vendo-a já vestida.

– Leu a minha carta? Como pode? Era particular. – Kara estava indignada.

– Sim, eu li esta maldita carta que você lê e rele como se fosse uma oração! Tenho direitos que sequer imagina sobre você e sua imortalidade. Agora, vá embora! – ordenou feroz, vendo que a assustara com seu grito.

Ariel abriu a porta e esperou que ela saísse. Assim que Kara cruzou a porta, ele a bateu com força, e se encostou na porta trancando antes que mudasse de ideia. A vampira ainda pensou em esmurrar a porta, mas desistiu e seguiu pelo corredor, sentindo-se incomodada com as sensações trazidas pelos beijos de Ariel. Pegou sua mochila e, antes de descer para a garagem, passou pelo arsenal e pegou, dentre outras coisas, balas de prata e três ampolas da poção dos Caçadores. Saiu às escondidas e, em poucos minutos, já estava na garagem. Subiu na moto e só parou quando chegou a Paris. Tinha rumo certo: Espanha.

Capítulo 27 - Jan Kmam

Roma, Itália – Via Appia Antica, Catacumbas de São Sebastião

Petrus conhecia bem as Catacumbas de São Sebastião: séculos atrás, quando não haviam se tornado ponto turístico, era um bom lugar para se esconder da luz do sol e levar vítimas. Quatro andares de túneis repletos de corpos. O vampiro tocou a rocha vulcânica e seguiu em frente, estava no último nível. Havia luz elétrica e poucas indicações de saída, mas não se preocupou, ele os conhecia bem. Além dos corredores, geralmente frequentados pelos turistas e funcionários encarregados de manter o local protegido de vândalos, existia uma saída e mais catacumbas ainda não descobertas pelos italianos. Ribas deveria estar logo atrás, pois ficara providenciando transporte para a Caixa. Não iam precisar de pá, talvez só de um pé de cabra. As indicações do Pacificador foram bastante precisas – e como não seriam depois de dez dias de fome e tortura? Capturá-lo fora o mais difícil, era bastante forte, mas o dardo tranquilizante agira de forma bem eficaz.

Os Pacificadores se dividiam por grupos de soldados e guardadores. Não havia diferenças entre eles, nada que pudesse distingui-los, além da tatuagem que usavam no pulso. Os guardadores tinham no pulso as duas espadas, símbolo da Ordem, só que sobre um pergaminho. Era deles a missão de proteger, prender e vigiar o sono dos sentenciados. Eles o estavam seguindo há bastante tempo. Perderam-no de vista no Brasil quando removeu a Caixa das galerias. Aparentemente, ela ficou cerca de dois meses em Paris e, por algum motivo, talvez ele tenha percebido a vigilância, então resolveu movê-la para a Itália. Ele se instalou na cidade e, certamente, ficaria por uma década vigiando o sono do

sentenciado. Nos primeiros anos, permaneceria em Roma; depois, poderia sair e vigiá-lo a distância. Não foi tarefa fácil encontrá-lo, mas Seth, seu mestre, sabia onde o achar, seus passos pelo mundo dos vivos. Cercaram-no na Via Appia Antica, alimentando-se de uma mortal. Após demonstrar uma resistência absurda, o guardador revelou a localização da Caixa. Mas suas últimas palavras trouxeram a Petrus inquietação.

– Nós nunca falhamos.

Petrus cortou sua cabeça com a certeza de que tais palavras foram proferidas em tom de cinismo e vitória. Na noite seguinte – afinal, já era de manhã quando o matara –, orientado por suas indicações, buscava a Caixa. Os olhos negros e sagazes do vampiro vislumbraram o salão do mausoléu. Era fácil se perder em 12 quilômetros de túneis. Ouviu movimento atrás de si, e viu Ribas. Pelo cheiro de sangue, havia parado para comer. Parecia sempre estar faminto, um abuso! Petrus vagou pelo mausoléu, lendo os nomes cravados nas pedras e nas paredes. A Caixa estava bem escondida. A frieza do lugar começava a incomodá-lo, sem falar do cheiro de mofo e ossos. Parou diante de um dos cubículos e fitou os símbolos gravados na rocha com um pequeno pássaro: era ali mesmo. Um empurrão e a pedra cedeu, dando passagem a uma câmara secreta e, adiante, a um túmulo alto, feito de rocha e coberto por uma pesada tampa.

– Achei que não ia chegar nunca – reclamou Petrus, mirando seu comparsa.

– Perdi-me no terceiro piso, sabe que detesto esse lugar. Odeio o cheiro, a sujeira, esse maldito fedor de carne podre.

– Acalme-se, não vamos morar aqui. Ajude-me com a tampa.

Petrus pediu e, em pouco tempo, haviam afastado a tampa. A Caixa ficou visível dentro do túmulo, e eles sorriram vitoriosos ao verem o símbolo da Ordem gravado no metal. Eles cometiam um crime punível com a morte, que sequer era julgado pelo Livro – a Ordem poderia executá-los imediatamente. Ribas olhou as ossadas intactas e ainda ostentando joias, então roubou um dos corpos. Um anel de

ouro o agradou, que o colocou no dedo, sorrindo, sob o olhar de desagrado de Petrus.

– Vamos, ajude-me.

Eles levantaram a Caixa e, por fim, colocaram-na no chão. Ela pesava um bocado, tanto que a arrastaram para fora do que seria um quinto piso das catacumbas e fecharam a passagem.

– Você matou quem lá em cima? – perguntou Petrus, limpando o casaco de couro.

– O vigia – confessou Ribas, risonho, mas, ao sentir as mãos de Petrus sobre si, fechou os olhos.

– Maldito infeliz, eu lhe avisei que não era para deixar rastros.

Eles formavam uma dupla estranha. Apesar de terem o sangue de Seth, o antigo favorito do rei, não demonstravam muita inteligência ou dignidade, haja vista que já passavam dos 100 anos e o serviam como dois lacaios. Petrus, apesar de aparentar alguma liderança e mais raciocínio, servia a Seth sem questionar seus motivos, parecendo movido por algo maior. Aqueles dois não aparentavam ser irmãos, mas se tratavam como amigos. Ribas era jovem e um tanto desajeitado, os cabelos castanhos e lisos deslizavam pela testa larga. O olhar era doce e até angelical, mas os lábios carnudos só prometiam a morte. Petrus era mais velho, e talvez isso justificasse seu comando sobre Ribas; tinha cabelos encaracolados, olhos sagazes e lábios finos. Era alto, de físico proporcional.

– Ele me viu e fez perguntas, eu respondi a algumas.

– Idiota. O que fez com o corpo?

– Coloquei-o junto com um dos Papas, ele era bastante católico.

Petrus resolveu esquecer o assunto, até porque ele havia se livrado do corpo. Os dois precisavam sair dali e depressa, Petrus temia um ataque dos Pacificadores. Quando chegou do lado de fora, observou o carro mortuário com aborrecimento.

Era muito chamativo, porém, sem alternativas, teve de aceitar o meio de transporte escolhido por Ribas. Ele havia pedido um furgão, e o outro sequer conseguia roubar um carro! De qualquer maneira, a Caixa estava em seu poder. Petrus resolveu falar com Kara antes de entregar o corpo de Jan Kmam a Mênnon. Afinal, podia conseguir o que desejava dos dois lados.

Capítulo 28 - Busca e Salvamento

Kara parou junto à bomba de gasolina e abasteceu a moto. Sorriu e se lembrou do luxo de alguns postos no Brasil. Frentista, loja de conveniência, borracharia. Em Paris, as bombas com gasolina eram quase invisíveis e ficavam espalhadas pela cidade. Um pouco à frente, comprou um mapa. Pelos cálculos que fez e pela rota que traçou, levaria 11 horas dirigindo para chegar à Espanha. As estradas eram boas e havia hotéis e pousadas onde poderia se esconder quando a manhã chegasse. Era o único modo, não sabia ao certo onde era a velha construção em que Marie estava, mas sentiu que poderia encontrá-la, bastava se concentrar. Estava pronta para sair quando Will e Juan sentaram-se à mesa que ela ocupava. Juan tinha no ombro sua mochila e, ao vê-la, sorriu. Perguntou, chamando o garçom para que lhe trouxesse um cálice de vinho. Kara fingiu sorver o seu. Por essa, ela não esperava: companhia.

– Vai viajar?

– Sim... E vocês? O que fazem por aqui? – Kara disse e tentou alcançar sua mochila, mas Juan não lhe deu ouvidos e se afastou, evitando que ela o tocasse.

– Vi quando você entrou no arsenal, ficamos curiosos. Além disso, não está acontecendo nada em Paris. Queremos um pouco de ação e acreditamos que esteja indo ao encontro dela – afirmou Will assim que o garçom se afastou.

Will completou o cálice de vinho com sangue e viu o desagrado de Kara. Ofereceu-lhe um gole, mas ela rejeitou.

– Estão enganados. – Ela tentou negar já com as chaves da moto entre os dedos.

– Então, por que pegou tanta munição? – perguntou Juan, saindo de seu mutismo e olhando o interior de sua mochila.

– Estou indo procurar Marie.

A vampira tirou a mochila de seu poder e se preparou para partir, deixando o dinheiro da conta sob o cálice de vinho

– Sabe onde ela está? Você tem consciência de que não vai conseguir enfrentar Mênon sozinha? – perguntou Will, preocupado, seguindo-a pela rua junto com Juan.

– Sou a campeã do rei, sei me cuidar.

– Que tal companhia?

Juan e Will se ofereciam, ansiosos por ação e preocupados com o rumo dos acontecimentos. Juan brincava com sua moeda e observava as pessoas que por eles cruzavam. Nos olhos, o brilho assassino, e nos lábios, um sorriso meigo. Ele andava próximo à vampira, mas atento aos seus movimentos.

– Não sei muito mais que vocês dois. Estou apenas seguindo meu nariz. Se quiserem vir junto, não vou impedi-los, ajuda é sempre bem-vinda, mas devo avisá-los: não existe um plano de fuga.

– Não deveríamos avisar o rei? – soltou Will, surpreendendo Kara.

– As chances de salvar Marie iriam diminuir consideravelmente. Se quiser, fique e conte ao rei. Eu tenho pouco tempo. Além disso, não quero a guarda nacional atrás de meus passos. Contaram para alguém que entrei no arsenal?

– Ninguém nos viu sair. Estão ocupados recebendo Iago e Alexia, os herdeiros do senhor dos lobos. Vieram avisar que Joyce, a líder da Ordem de Hermes, foi raptada por Mênon e Samael – afirmou Will, indo para perto de sua moto.

– O Pacto está por um fio – disse Kara, pensativa e já sobre a moto, ajustando o capacete e os óculos escuros.

– Estamos logo atrás de você – disse Will, sorrindo satisfeito.

Kara dirigiu por toda a noite, sendo seguida por Will e Juan. Quando faltavam somente duas horas para o amanhecer, Will passou à sua frente e lhe deu sinal de luz para que parasse. A pousada era simples e barata, mas os quartos eram seguros e as portas, bastante fortes. Pagaram em dinheiro e avisaram que dormiriam o dia todo, pois gostavam de viajar ao anoitecer.

Kara entrou no quarto e trancou a porta, encostou a cômoda à sua frente e cobriu a janela com a manta da cama. Foi para o banheiro e examinou a banheira; teve sorte, ela era grande e serviria muito bem. O edredom foi transformado em colchão, só que, assim que se deitou dentro da banheira, viu Radamés. Ele se sentou na beirada da banheira e a observou com curiosidade.

– Parabéns, sua brincadeirinha conseguiu assustar um vampiro de dois mil anos!

– Não foi brincadeira, ia pagar minha dívida.

– Um momento estranho para pagar dívida. Logo quando discutiu com seu amante...

– Não existe um bom momento para fazê-lo, acredite-me. O que quer, afinal?

– Ele vai ficar acordado pelo menos por duas noites, graças à sua provocação.

– Acredito que isso o deixará mais alerta. As coisas estão acontecendo debaixo de seu nariz, e ele não percebe. – Kara falou e surpreendeu Radamés, que a notou um tanto cruel.

– Mênnon e Samael estão em vantagem, pelo menos por enquanto. Logo ficarão nus aos nossos olhos e poderão ser caçados.

– Por que Ordália me atacou? O que fez a ela e às demais?

– Nada. O fato é que ela se cansou de sentir a ausência de Ariel, e o ciúme falou mais alto. Agora, escute com atenção: Mênnon está se sentindo seguro. Antes de lutar com ele, deixe que se alimente, entendeu?

– Como vou saber quando ele comeu?

– Você saberá, acredite-me. Durma bem.

Radamés não deteria Kara em seus planos. Na verdade, contava que ela realmente salvasse Marie e Joyce. Ele notou seu estado de inquietação, mas acreditou que fosse graças à briga com o amante e com o rei. Não desconfiou de que Afrodite estivesse perto de Kara e livre do mundo dos espíritos, vivendo no Jardim. O amuleto não pôde protegê-la, uma vez que ela consentiu a aproximação. De qualquer modo, Kara estava concentrada na busca e no salvamento de Marie, sem saber que, em breve, teria de se preparar para uma grande perda.

Quando Will e Juan desceram dos seus quartos, encontraram Kara pronta, já pagando sua conta. A dona da pousada a olhava e sorria com admiração e certa desconfiança, sua beleza e olhar a seduziam. Kara nada fazia, mas a mulher a achou realmente bela e estranha. Afastou-se do balcão e saiu para a noite mais aliviada, subiu na moto e os esperou. Poucos minutos depois, já corria pela estrada rumo a Loarre. Deixaram as motos na cidade e seguiram a pé, precisavam vencer a colina.

A noite estava clara e fria. Kara fechou o casaco e observou o terreno acidentado, a vegetação feita de árvores baixas e arbustos, que se misturavam às rochas calcárias. No alto da colina, Kara viu a velha construção medieval caindo aos pedaços e teve certeza de que era a mesma que Marie lhe mostrara dentro da visão. As torres, o muro em declive. Estava na região de Huesca, Aragão para ser mais preciso. Will e Juan a seguiam silenciosamente. Junto à muralha, não ouviram movimento. Mênnon estava realmente se sentindo seguro. Havia ali somente quatro lobisomens e dois vampiros, um deles Will identificou e disse seu nome: Manolo. Kara o olhou e o reconheceu de imediato: ele estava no circo durante o torneio para a escolha do campeão do rei. Chegou a tentar uma aproximação, mas foi impedido por Martan. Ele esperava Mênnon numa das salas. Com ele, estava Samael.

Era bom demais para ser verdade, e Will e Juan estavam em júbilo quanto à possibilidade de matar Samael – a perspectiva era ótima. A poção os estava encobrindo bem, os adversários não notaram sua presença. Will pegou o celular e

avisou Misha por meio de mensagem, logo teriam companhia. Por enquanto, teriam de lutar sozinhos e fazer o seu melhor. Kara entrou pela janela e se esgueirou pelos corredores até chegar à masmorra. Não havia vigilância e ela estava vazia. Também não se sentia cheiro de sangue ou morte. Havia uma chance de elas ainda estarem vivas. Juan e Will esperavam o sinal de Kara para começar a matar. Derramar uma gota de sangue naquele momento significaria dar o alarme. O que eles não esperavam era que as coisas se complicassem.

Da muralha ao norte, Juan os viu chegando: vampiros e lobisomens, vários deles. Algo grande estava por acontecer. Imediatamente, ele avisou Kara e Will, que se sentiram frustrados. A câmara onde Manolo estava ficou cheia de lobisomens e vampiros, uma reunião e tanto. Kara se afastou cuidadosamente e começou a ouvir um som conhecido, era a voz de Marie. Seguiu pelos corredores de pedra pouco iluminados e desceu a escada guiada pelo som de sua voz, a espada numa mão e a pistola na outra. Ouvindo passos no corredor, saltou e se escondeu nas vigas. Percebeu quando a poeira da madeira flutuou no ar. Mas Mênon não notou, estava ocupado demais bebendo do sangue de Marie, que havia parado de se debater e, agora, só gemia sem forças.

A câmara estava preparada para uma espécie de ritual. Uma pequena mesa acolhia alguns objetos, dentre eles um punhal e um pergaminho feito de pele de animal, que jazia aberto sobre a mesa. O lugar contava com a iluminação das velas e de uma pira. Ao seu lado, um cântaro de prata com sangue e a tinta que ele usou para fazer as inscrições no chão. No ar, pairava um cheiro forte de uma erva enjoativa, quase intoxicante. Kara piscou e, por um instante, sentiu-se tonta, ouvia estranhos sussurros. Mênon afastou a boca do pescoço de Marie, e Kara viu o sangue cobrindo os lábios, escorrendo... Ele se fartava.

Por alguns minutos, pareceu sentir a vigilância, a presença de alguém, mas a sede de sangue falou mais alto e ele voltou a sugar a garganta de Marie, que gemeu de dor. Ele parecia mais real agora. Radamés estava certo, talvez naquele instante conseguisse feri-lo. Joyce estava caída no chão não muito longe, tinha o pescoço mordido e seu sangue escorria livremente. Ainda estava viva, o coração batia forte,

estava somente desacordada por outro motivo. Talvez um golpe na cabeça, pois havia sangue em sua testa. O vampiro soltou Marie sobre o círculo sem nenhum cuidado, e Kara percebeu que ela ainda estava com os olhos abertos. Por um momento, olharam-se e ela apagou.

Acreditando-se sozinho, Mênon puxou as duas para dentro do círculo e arrumou seus corpos juntos, fazendo com que dessem as mãos entre si; ele trabalhava em silêncio. Quando se afastou, pegou o punhal da mesa e foi para perto delas. Kara se preparou para agir. Ele não as molestou mais, apenas cortou o próprio pulso e lançou sobre elas algumas gotas. Nesse momento, Kara olhou pela janela e viu a lua cheia.

Mênon pegou o pergaminho e começou a ler, lançando ao fogo alguns pós e dois ramos da erva com o estranho odor. Sua voz se elevou, e Kara viu Marie e Joyce flutuaram no ar sobre o círculo. Não sabia em que língua ele falava, mas era algo muito sinistro. Kara percebeu a câmara se encher de uma luz esverdeada, que vinha do círculo no chão. Joyce foi a primeira a se sacudir no ar, o corpo tremia em espasmos, seus olhos reviravam e ela fazia um grande esforço para se manter em silêncio. Mênon se aproximou e, sorrindo de seus esforços, ordenou:

– Não resista tanto, apenas mostre-me onde guardou os pedaços do pergaminho.

A jovem gritou de dor, enquanto o vampiro a fitava com admiração e nenhuma pena das dores que sentia.

– Basta falar e a dor cessará, acredite-me, será melhor. Continuar resistindo poderá aniquilar sua mente – avisou ele, vendo-a sangrar pelo nariz.

Sem conseguir suportar mais a dor, Joyce falou a localização. Não como falaria habitualmente, era como se uma força invisível arrancasse dela as palavras. Quando havia dito a localização, desmaiou, mas continuou suspensa no ar, flutuando sem peso.

– Marie, não acho que suporte muito mais. Por que não me diz logo onde está o selo? – Ele se manifestou com um prazer indisfarçável na voz.

– Seu corpo foi despedaçado, e sua alma, lançada no limbo. Dele nada sobrou! Maldito seja todo aquele que tocar no Livro sem sua permissão! Morte ao traidor!

Marie ainda achou forças para trazer até ele sua sentença. Era como se falasse por Ordália e suas irmãs. Sua face mudou e Mênnon recuou com medo, vendo o rosto bonito da vampira apoderar-se de Marie. Eram elas que lhe davam força a prosseguir protegendo o pergaminho. Kara compreendeu que ela devia protegê-lo de algum modo.

– Bruxa maldita! Fale! – gritou Mênnon.

Marie gargalhou, seus cabelos flutuavam no ar e sua aparência era realmente assustadora, os olhos negros, o rosto movendo-se, enquanto tomava a forma das vampiras do Templo. Resistia e, mesmo sentindo muita dor, sorria de modo maligno da raiva de Mênnon. Seu corpo se contorceu, ela parecia mergulhada em água. Kara, ainda oculta no teto, fitou-a com admiração e até medo. Buscava forças para resistir ao vampiro e parecia conseguir: afinal, ela era imortal.

– Devíamos tê-lo entregue ao Livro para que ele devorasse sua carne e seus ossos. Hoje, tenta despertar Íris, buscando uma vingança que não lhe pertence. O que ganhará? Um corpo? – A voz de Marie era a das Mais Velhas.

– Ela nada me prometeu além de suas cabeças.

– Isso ela jamais terá.

– Não pode segurar a areia entre os dedos. Nem você nem Radamés. Logo seu crime vai ser revelado, e todos os que forem contra Íris morrerão. Marie vai revelar onde está o selo.

– Não! Antes eu a matarei!

Kara percebeu que precisava intervir imediatamente. Mênnon pretendia aumentar a carga de sofrimento, tanto que foi até a mesa e abriu outro pergaminho, enquanto Ordália pretendia aniquilar o corpo de Marie para proteger seus segredos. Kara saltou silenciosamente e percebeu a ira dentro dos olhos de Ordália ainda no corpo de Marie. Mas não a revelou, simplesmente a fitou com muito ódio. Naquele momento, a vampira acreditou que ela a odiasse graças ao rei. O que ela não sabia é que Ordália viu Afrodite ao seu lado.

– Pouco importa o quanto tente, só encontrará a morte novamente, cobra egípcia – disse Ordália e alertou Mênnon.

Quando ele se voltou, deparou-se com a ponta da espada de Kara. A vampira não hesitou e cravou-a em seu peito. O aço frio entrou em sua carne e o fez abrir a boca e os olhos, desmedidamente, de tanta dor. Kara recuou, vendo sua face esticar-se, parecia borracha. Ela ainda segurava o cabo da espada, mas o estrago já estava feito e ele sangrava. Marie e Joyce despencaram no chão, ambas desacordadas. Kara puxou a lâmina do peito do vampiro e avançou. Pretendia cortar sua cabeça, o golpe cortou o ar, mas Samael apareceu pela porta e puxou Mênnon.

Temendo pela vida de Joyce e Marie, a vampira fechou a porta e voltou sua atenção para Will, que apareceu pela janela. Ouvira seu chamado.

– O que faremos?

A porta começou a ser esmurrada, a madeira, mesmo sólida, não iria aguentar muito tempo. Os rugidos de Samael se faziam ouvir alto e o alarme foi dado. Vampiros e lobisomens estavam em alerta, prontos a lutar. Mênnon, recostado à parede, tocava a carne ferida, foi o preço por se alimentar. Mas pouco importava, Íris havia se alimentado e seu espírito agora estava desperto e pronto para ser libertado. Como mandava o pergaminho.

– Marie, precisa sair daqui agora, ela nada revelou e corre perigo de vida. Leve-a agora, Will – pediu Kara, vendo a madeira ceder aos murros do lobisomem.

O vampiro recolheu a bruxa nos braços, mas, antes de cruzar a janela, voltou-se para Kara, preocupado, afinal, ela e Joyce ficavam para trás.

– E quanto a você e à mestiça?

– Estarei logo atrás de você – disse a vampira, confiante.

Seu desejo era ficar e lutar, cortar a cabeça de Samael, mas não com Joyce correndo perigo. Will saltou pela janela com Marie sobre o ombro, ela ainda estava desacordada. Joyce abriu os olhos e tentou ficar de pé para ajudar a vampira, estavam prontas para pular quando foram detidas. A porta cedeu e Samael entrou na câmara. Agarrou Kara pelos cabelos e a puxou de volta. Na confusão formada entre empurrões, Joyce foi arremessada e ficou pendurada do lado de fora da janela, gritando. Kara lutava atracada com Samael, que tentava morder seu ombro. Sua face estava mudada e os caninos surgiram, proeminentes e afiados. Ela fechou o punho e o socou várias vezes na face. Ele não esperava e, sem querer, abriu espaço para Kara chutá-lo para longe e tentar salvar Joyce, ainda pendurada na janela.

Joyce gritou ao despencar, não conseguiu se segurar. Kara chegou tarde e só a viu despencar no vazio. Mas, antes que tocasse o solo, Juan a aparou no ar. Kara viu com alívio a jovem em segurança. Descuidou-se e recebeu uma estocada nas costas e um duro golpe na cabeça. A vista escureceu e tudo apagou à sua volta.

Kara acordou minutos depois, atingida por um jato de água fria na face. Olhou por entre os cachos úmidos e se viu rodeada por lobisomens e vampiros. Estava na câmara onde Manolo permanecia junto com os demais traidores. Debateu-se de imediato, mas se encontrou amarrada numa espécie de grade de ferro. Pés e punhos atados firmemente por tiras de couro. Tentou soltar-se e sentiu a grade tremer, enquanto os espectadores riam de seus esforços. Olhou suas faces e tentou memorizar todas, para entregá-los à justiça dos vampiros. Próximo a ela, Samael e Mênon sorriam vitoriosos, ele parecia refeito do golpe de sua espada.

– A campeã do rei, quanta honra! – desdenhou Manolo, vendo-a lutar para se soltar.

Os vampiros jovens e mais velhos sorriam, olhando-a sem medo algum. Uns até bem próximos a ela arriscaram tocar seus cachos. Faces pálidas e coradas de lobisomens e, mesmo, alguns homens-lobos. Kara gritou enfurecida e balançou a grade furiosamente.

- Ordeno que me soltem imediatamente!
- Que doçura! Ela ordena que a soltemos – disse um dos lobisomens, jocoso.
- Dizem que ela é amante de Ariel.
- Ratos! Traidores!

Eles riam e falavam abertamente do rei e dos Poderes entre desdém e críticas ofensivas e duras ao governo de Ariel e de Darden, enquanto ela tentava quebrar as correias. Mas só machucava os pulsos.

– Puxe o quanto quiser, as correias não vão se partir. São feitas de couro de canguru; no máximo, você fica sem as mãos – avisou Samael, rindo dela.

– Soltem-me! Tenham coragem de me enfrentar.

– Ela acha que é a rainha? – um jovem lobisomem saltou, olhando-a com interesse.

– Como ela se chama mesmo? – perguntou Nigel, vindo à frente olhar a vampira como se ela fosse um espécime raro.

– O nome dela é Kara. E, sim, ela poderia assumir a coroa. Tem poder para tanto. Olhem bem para ela e poderão ver o sangue do rei e de seu favorito beneficiando sua herdeira. E é assim que vivemos, à disposição da herança sanguínea de seus “filhos”! – respondeu Manolo, em tom amargo e cheio de revolta.

– Ela me lembra a saudosa Afrodite que a todos seduzia e governava através de Detrich. Vejo que essa daí frequenta a cama dos dois. Seria herança sanguínea? – Um vampiro de olhos escuros confrontou-a.

– Afrodite só não dormia com os fracos porque deles nada desejava, Ector – disse Kara, de modo singular, e fez o vampiro fitá-la curioso.

– Íris vai mudar tudo isso, nós teremos liberdade. Chega de viver nas sombras e comendo em açougues. Bebendo da Ânfora como cordeirinhos!

As gargalhadas e os comentários maldosos ecoavam pela câmara aos bocados, enquanto Kara os olhava, enfurecida e confiante. Mênnon puxou um punhal e todos o observaram cravá-lo no peito da vampira, que gritou de dor. Foi bem perto do coração. Ela aguentou firme e esperou que ele puxasse o punhal. Ela sangrou, mas não tanto quanto Mênnon esperava, rapidamente a ferida, mesmo profunda, cicatrizou. Samael lambeu sua face cinicamente, e ela, em resposta, cuspiu-lhe no rosto. A cusparada sanguinolenta o enojou, e Kara sorriu para ser esbofetada pelo lobisomem.

– Calma, Samael. Acho que ela quer fazer só amizade – Manolo debochou.

– Laia traidora! Parasitas impuros!

Kara começou a falar, mas não era ela quem falava: era Afrodite. Sentindo Kara em perigo, ela resolveu se manifestar e ajudar seu hospedeiro. Olhou por seus olhos e reconheceu grande parte dos vampiros e lobisomens, somente os mais jovens escaparam da lista de nomes que ela citou sem medo. Ela os espantou e muito. Mênnon a fitou com interesse e evitou tocá-la, mas tentou ver além da superfície. Afrodite estava bem protegida sob o corpo da vampira.

– Pobres coitados, vocês acreditam realmente que Íris vai deixá-los vivos? – gargalhou a vampira e sua voz mudava. – Ela vai comer o coração de cada um para provar ser capaz de dominar todos, seja homem, seja vampiro ou lobisomem.

– Quem é você, pequeno demônio? – perguntou Mênnon.

– Um demônio bem mais velho que você, bruxo de araque! Vejo que conseguiu carne para os ossos... Onde o obteve? No açougue? – ela perguntou, vendo que Mênnon envergava um corpo físico agora, não mais uma ilusão.

A vampira espantou muitos dos presentes e, quando se cansou de insultar Mênon, voltou-se para um jovem lobo à sua direita. Fitou-o. Era Nigel. Aspirou o cheiro à sua volta, agindo como um animal. A essa altura, seus olhos estavam escuros e diabolicamente misteriosos.

– Ah! Um membro da Alcateia... Ou seria da Trindade. Vocês ainda roubam sangue da relíquia? – comentou maliciosa estreitando os olhos. – Que doce morte será a sua, Nigel! Sua mãe sabe onde está?

– Calem esta criatura! – pediu Nigel, espantado.

Os vampiros a achavam cada vez mais perigosa e demoníaca, chegando mesmo a temer que ela se soltasse. Samael a olhava como se jamais a tivesse visto e, por um momento, quase recuou, mas Mênon o segurou.

– Estão com medo de mim? Esperem estar diante de Íris. O escolhido terá de perecer aos pés de Íris.

– Cale-se! – ordenou Mênon, e a segurou pela garganta, apertando-a.

Ela o olhava de modo maligno e não dava a mínima para suas ordens, estava muito segura. Nesse meio tempo, a ajuda havia chegado. Eles colocaram os lobisomens para perseguir Will e Juan, mas nada conseguiram além de se encontrar com o reforço dos defensores do Pacto. O som de tiros foi ouvido e houve alvoroço dentro da câmara. Estavam sendo atacados! E muitos ali queriam permanecer incógnitos, como Manolo, que sempre serviu aos interesses escusos de Seth, mas jamais se deixou implicar. Era Iago e, com ele, Misha e outros vampiros. A situação era alarmante. Os que ali conheciam o vampiro não ousaram ficar, sabiam de seu apreço por matar lobisomens. Somente alguns deles se dispuseram a lutar junto com Samael, que se lançou à luta com confiança, enquanto o resto fugia, evitando ter suas identidades reveladas, ou serem mortos. Diante do som dos tiros e da luta, não pretendiam deixar ninguém vivo. Pelos corredores e no pátio, vampiros e lobisomens lutavam com ferocidade. Ver Samael encheu-os de coragem para lutar e tentar capturá-lo vivo. Matá-lo era um direito de todos. Sem querer,

Kara conseguiu destruir o esconderijo de Samael e revelar muitos inimigos. Ela riu desafiadora.

– Vou acabar com sua alegria maldita.

Mênon tomou da espada e se aproximou da vampira. Pretendia cortar sua cabeça, enquanto ela ria. A lâmina deslizou no ar e atingiu outras. Valdés empurrou Mênon e avançou combatendo, afastando o vampiro da campeã, afinal, ele insistia em feri-la a todo custo.

Kara perdeu os sentidos, ou melhor, Afrodite a deixou. Valdés conseguiu empurrá-lo pelo corredor e, antes que cortasse sua cabeça, ele desapareceu, frustrando o vampiro. Iago avançou pelo mesmo caminho e se aproximou da campeã do rei, já cortando as tiras de couro.

– Afaste-se – disse Valdés, fazendo o homem-lobo recuar.

– Estava apenas soltando-lhe as amarras – explicou Iago.

Valdés a tomou nos braços e a carregou porta afora. Iago seguiu o vampiro mal-humorado e viu os corredores tomados por seus homens e demais vampiros. Haviam conseguido capturar alguns deles. Iago estancou ao ver Nigel detido no chão, de joelhos. Nunca se deram bem, mas jamais desejou sua morte. Misha observou Kara voltar a si lentamente e os observar satisfeita.

– Bom trabalho, campeã.

– Samael e Mênon? – perguntou Kara de imediato.

– Eles levaram uma boa surra. Infelizmente Mênon sumiu no ar levando Samael com ele. E, antes que pergunte, Joyce e Marie estão bem, só precisam de repouso. Graças a você, elas estão vivas. – revelou Misha.

– Não temos motivos para comemoração. Mênon arrancou de Joyce a localização dos dois últimos pedaços do pergaminho. Marie conseguiu não dizer nada. Pelo que entendi, sem a parte que ela protege, eles não levantam nem poeira do chão. – disse Valdés.

– Podemos tentar chegar antes deles e recuperar os pedaços. Com isso, ganhamos mais tempo. – Iago organizou-se e chamou dois de seus homens para tentar.

– Não perca seu tempo, a essa altura eles já estão com os pedaços.

– Sim, Mênon aparece e desaparece quando bem quer – disse Valdés, frustrado. Afinal, ia cortar sua cabeça quando ele sumiu.

– Marie deve ser protegida, ele vai tentar de tudo para conseguir o selo que ela protege.

– Será nossa chance de cortar sua cabeça. Por algum motivo, agora ele pode ser ferido e até mesmo sangrar. Enquanto lutávamos, por duas vezes o feri.

Valdés falou, segurando o cabo da espada em sua cintura, a capa a cobria parcialmente. Ele ansiava por finalizar o combate com o vampiro. Deslizou a mãos pelos cabelos muito negros, fitou Iago, que observava os prisioneiros, e, finalmente, se aproximou de Nigel.

– Satisfeito? – perguntou Nigel, mostrando-lhe as correntes.

– Sua vergonha não me enche de prazer como acredita. É meu primo, sua situação só traz vergonha à Alcateia e ao nosso sangue.

– Você jamais foi do meu sangue! É um bastardo que Darden tomou como herdeiro quando deveria ter coroado a mim como seu sucessor.

A conversa acontecia entre o corredor e a câmara superior. Misha, Valdés e Kara ouviam, mesmo sem querer, aquela conversa familiar e amarga para Iago.

– Veja só no que se transformou! Criado de sanguessugas. Dizem que isso é papel para os lobisomens, não para um homem-lobo.

Nigel viu Kara erguer a vista, afrontada com seus insultos, e voltou à carga com força. Queria provocá-los, era tudo o que lhe restava.

– Criado da vadia que se intitula campeã do rei. E por que devo me envergonhar quando sua irmãzinha se deita com Heitor debaixo das barbas de

Darden? Isso nos envergonha muito mais que minha traição – ele estava enfurecido e com as garras de fora.

– Não arraste mais ninguém consigo, Nigel. Você vai morrer sozinho por sua traição ao Pacto.

– Isso é o que você pensa! A essa altura, Alexia e Heitor já encontraram seu fim – revelou Nigel

– Do que fala?

Iago voou sobre a garganta de Nigel e a apertou sem que ele revelasse o que se passava. Foi preciso separá-los para que Iago não o matasse. Kara o empurrou para longe e viu o homem-lobo sorrir maquiavélico. Iago pegou o celular e tentou sem sucesso falar com a irmã. Estava desligado.

Kara segurou sua mão sobre o celular e Iago a olhou confuso, enquanto ela se apoderava de sua adaga. Num movimento ligeiro, a vampira cravou a adaga no peito de Nigel, que caiu ao chão, imóvel. Ela conhecia sua natureza e sabia que, se um lobo era esfaqueado muito próximo ao coração, ficava indefeso. Os vampiros e lobisomens na sala a olharam com admiração e surpresa. Ela agia como uma guerreira cruel, mas por um bom motivo.

– Está doendo? – perguntou junto ao ouvido de Nigel.

Nigel tossiu sangue e Kara virou o rosto, fingindo-se enojada, para em seguida olhá-lo com deboche. Todos esperavam quietos, sem ligar a mínima para sua técnica nada convencional.

–Vê essa mancha, eu também fui esfaqueada. Odeio facas, sabe. Odeio. E você?

Nigel se debateu e ela apertou sua garganta, enquanto ele exibia as presas e garras. Kara sorriu e se segurou sem dar a mínima. Na verdade, ela puxou do bolso uma moeda e brincou com ela diante de seus olhos. Era de prata.

– Se der cara, você fala; se der coroa, eu o solto e puxo a faca. O que me diz?

Ela lançou a moeda e a aparou no ar. E, para saber o resultado, colocou-a em sua testa, queimando-o.

– Vadia! – gritou Nigel, animalesco, corcoveando o corpo para tentar livrar-se dela, que já estava sobre seu corpo.

– Deve saber que seu coração não vai aguentar muito tempo com esta faca cravada nele. – Kara segurou sua cabeleira e o forçou a enfrentar sua face de vampira também.

Nigel revelou o plano dos traidores para que o Pacto fosse quebrado antes do despertar de Íris. Era cruel e detestável, e talvez fosse tarde demais para quem quer que fosse o impedir de se realizar. Misha alertou Togo e os Pacificadores, mas ninguém conseguia localizar Alexia ou Heitor. Iago, há muito, saltara pela janela, sumindo do pátio sobre uma das motos. Desceu a colina aos saltos com rumo certo: Paris.

Capítulo 29 - O Pacto dos Vampiros

Kara chegou a Paris na noite seguinte e percebeu o clima tenso. Nos corredores havia vários vampiros, e, a grande maioria, para ela, desconhecidos. Misha a apresentou a alguns deles. Pareciam esperar por algo muito importante, talvez um pronunciamento do rei. Togo estava vestido a caráter e a informou de que o rei precisava lhe falar. A maioria dos vampiros que conhecia estava presente no pequeno salão e conversava em tom baixo. Ariel estava sozinho no escritório, uma sala antes da biblioteca. Os Pacificadores não a impediram de entrar. Ele estava de pé diante da janela, olhando a noite. O portão de entrada, ao longe, abria-se para mais um carro entrar. Ariel estava com os cabelos presos e vestia um terno completo e negro. Havia, na gravata, um broche de ouro.

- Entre e feche a porta – pediu o rei.
- O que está acontecendo? O Château está cheio.

Kara, fechando a porta, aproximou-se de Ariel ainda na janela. Assim como ele, a vampira viu mais um carro chegar. Vampiros e mais vampiros. Certamente o rei faria algum pronunciamento. Algo muito sério havia acontecido.

- Togo lhe contou alguma coisa? – perguntou Ariel.
- Não. Cheguei faz apenas uma hora e subi para me trocar. Quem são todos eles?
- Alguns deles representam o meu poder longe de Paris e estão aqui para refazer os votos de lealdade aos Poderes e à minha pessoa. Agora que o Pacto foi quebrado é preciso ter uma posição diante das duas espécies.
- O Pacto foi quebrado pelas duas espécies? Como? – quis saber Kara.

– Sim. Tudo se tornou insustentável.

Ariel se afastou da janela e a convidou a sentar-se na poltrona, em frente à escrivaninha francesa. Kara tentou compreender o que mudaria, quais os riscos que correriam.

– Qual foi o motivo? Joyce não tinha como proteger os pedaços do pergaminho. –achou Kara.

– Não foi por isso. Jamais quebraríamos o Pacto pelo pergaminho. A criatura que ele promete despertar nos faria lutar.

Ariel a olhou com carinho. Havia muito a ser dito e se perguntou qual seria sua reação diante das notícias que lhe daria.

– Como deve saber, Kara, Heitor e Alexia foram alvos de uma emboscada e não sobreviveram, apesar dos esforços das duas espécies. Alexia foi drenada até a morte e teve a cabeça cortada. Heitor, nosso embaixador, feito em pedaços pelos lobisomens.

Ariel ficou em silêncio e fechou os olhos, sentindo-se amargo. Ele e Togo foram até a casa, a pedido da Ouroboros. Ver o casal morto o chocara profundamente. Estavam na residência que geralmente ocupavam em Paris. Os corpos se encontravam no quarto onde, com certeza, foram surpreendidos. Tudo estava revirado, evidenciando que os dois lutaram bastante, mas foram vencidos por número, sem dúvida. Alexia teve o corpo mordido nos pulsos, na garganta, nas pernas. Fora drenada até a morte. Heitor lutou muito, mas foi dilacerado, feito em pedaços por lobisomens. Havia um recado escrito com sangue na parede: Os Verdadeiros traidores.

Togo providenciou para que o corpo de Heitor fosse levado para o Château, onde seria cremado. Tudo foi organizado e limpo pelas duas espécies sob o olhar da Ouroboros. Darden teve de ser muito forte e lidar com a sua dor e a de Iago. Quando ele chegou à casa de Alexia e Heitor, os Caçadores haviam conseguido capturar dois dos assassinos. Foi impossível segurar Iago, impedir que visse a irmã

morta tão brutalmente. A dor o fez transformar-se e atacar os prisioneiros, completamente enlouquecido. Os Caçadores o contiveram e avisaram Belizário.

– Os culpados logo serão executados. Na verdade, esta noite, junto com os traidores que estavam na Espanha. Os nomes que nos deu foram entregues aos Pacificadores e à Ouroboros. Logo, todos eles serão executados.

– O que acontece agora? – perguntou Kara, percebendo sua preocupação.

– Darden, assim como eu, não pode manter o Pacto. Se mantivermos o Pacto, corremos o risco de perder nossas cabeças.

– Isso é loucura, foram os traidores que os assassinaram. Você é o rei dos vampiros, jamais vai deixar de ser. É loucura!

– Kara, escute-me. Darden e eu temos mantido ao longo de dois mil anos os dois lados protegidos em paz. Somos amigos, compreendemos nossas espécies. No entanto, muitos vampiros e homens-lobos preferem viver em constante guerra. Quando Radamés estabeleceu o Pacto, eu sequer era rei, mas jurei mantê-lo até o limite do possível. Quando fui atacado meses atrás, ocultei o incidente porque ele, por si só, já exigia a quebra do Pacto. Depois, eles atacaram você, Iago, que escapou ileso, pouco depois Bruce e Joyce. Nós dois temos tolerado grande pressão e acreditado na palavra um do outro. Afinal, poderíamos estar em guerra há muito tempo se não existisse entre nós uma confiança mútua. E, felizmente, ela existe.

– Majestade...

– Apenas me escute, Kara, por favor. Ainda tem mais...

A notícia não era nada boa, e o rei compreendia que ela poderia tirar a vampira do sério. Se tudo estivesse correndo como planejado, Bruce a estava esperando do lado de fora da porta. Ele tomou o cuidado de se preparar para a ocasião. Temia perdê-la de vista. Na dor e na perda de alguém querido, não só vampiros tomavam medidas extremas. Kara pareceu notar que ele estava tenso. O que seria, afinal?

– O que houve com a filha de Darden foi imperdoável. Ela era fêmea e sua herdeira. O peso disso jamais será aliviado. Sua morte foi humilhante, assim como

a de Heitor. Durante quase dois mil anos, ele jamais foi emboscado, e hoje está morto, esfaqueado por lobisomens. A afronta é imperdoável para ambos os lados. Sabemos que somos inocentes, mas isso não isenta nossa espécie de culpa e vergonha.

– Nem a dele – disse Kara, fitando-o parado, agora diante de sua poltrona.

– Eles querem mais. Darden recebeu uma carta com ameaças à Alcateia feita por vampiros. Nossa liberdade acabou, precisamos nos mover para outros lugares e evitar ataques. Darden já o fez. Ele moveu grande parte dos antigos lobos, temendo um ataque. Os nossos corredores estão cheios e os Pacificadores alerta, pois há uma guerra. Não existem mais territórios, o que vale agora são presas e garras. Sair se tornou um risco de vida a qualquer mortal. A Ouroboros avisou aos dois lados que punirá com morte imediata os que forem pegos em luta. No século em que estamos, não podemos nos dar o direito de aparecer diante da curiosidade humana. Nossos poderes em mãos erradas significariam o caos.

– Nada pode ser feito? – perguntou Kara.

– Não enquanto Mênon e Samael não forem capturados e mortos. Agora, quero que me escute com atenção e muita calma. Vamos fazer algumas mudanças, quebrar nossa rotina para nos manter vivos.

– Vai deixar o Château?

– Durante algum tempo, sim. É preciso, não posso me arriscar tanto – explicou Ariel.

– É burrice, o Château é uma fortaleza. Jan me disse que aqui está sempre seguro.

– Kara, se for atacado aqui, levantarei suspeitas. Tenho vizinhos apesar da distância. Mas não vamos discutir isso agora. Preciso lhe revelar algo muito importante. Um dos nossos Pacificadores foi torturado e assassinado na Itália. Ele era um guardador, suponho que não saiba o que significa.

Ariel parecia adiar uma revelação muito importante, e isso começou a angustiar a vampira. Pensou em levantar, mas desistiu: o rei a deteve.

– Ele guardava a Caixa onde Jan Kmam estava adormecido. – revelou o rei.

– O que aconteceu? – perguntou Kara depois de um minuto de silêncio. Ela esperava por tudo, menos isso.

– A Caixa foi roubada – explicou Ariel, atento à sua reação.

– Como assim roubada? Onde está a Caixa? – sua voz tremeu.

– Nós não sabemos.

Ariel respondeu-lhe, imaginando o que se passava por sua mente. Mas foi fácil perceber por sua decepção e tristeza.

– Como não sabem? Vocês prometeram cuidar dele, disseram que ninguém saberia sua localização, que ninguém o tocaria.

Kara cobrou, indignada demais para se conter. Aliás, no ponto em que estava, ninguém a conteria. Sentia-se furiosa, o coração batia agoniado no peito. Subitamente, lembrou-se da briga, o modo como Jan Kmam lhe dera as costas e partira. O último beijo que trocaram.

– A situação é nova. Isso jamais havia acontecido em dois mil anos. Os Pacificadores estão atrás de pistas de sua localização.

– Onde ele estava adormecido?

A vampira não ouvia as explicações do rei, apenas buscava uma saída. Afinal, havia sido praticamente expulsa de São Luís a fim de deixar a Caixa em segurança. Poderia ter ficado ao seu lado, protegendo seu sono, evitando o seu roubo.

– A Caixa estava guardada na Itália, nas Catacumbas de São Sebastião. Conhece?

– Já ouvi falar.

– Como vê, não teria adiantado permanecer em São Luís. Quero que se acalme, logo o encontraremos.

Ariel tentou passar uma confiança que não sentia. Não havia uma pista a seguir, os ladrões não deixaram vestígios. Poderiam ter sido lobos ou vampiros. O certo é que aquilo significava uma tentativa de destruir o vampiro que mais próximo estava do trono. Tentaram com Kara, com o próprio rei e, agora, com o seu favorito. Havia um grande peso em seu coração. Jan poderia já estar morto, bastaria aos seus captores abrir a Caixa e deixá-la à luz do dia. Ele despertaria em meio às chamas e não teria como se defender. Fechou os olhos e tentou tirar da mente as terríveis imagens que, com certeza, estariam naquele momento povoando a mente de Kara.

– Pouco importa! Você e a Ordem falharam, e Jan está em perigo! – Kara avançou sobre Ariel, furiosa.

Os punhos fechado do lado do corpo, a raiva estampada na face. Por fim tocou a cabeça e andou confusa pela sala.

– Kara, acalme-se – pediu Ariel, temendo por sua lucidez.

– A culpa é sua! Se ele não houvesse sido punido, estaria livre! Se algo de mal acontecer a Jan Kmam, jamais o perdoarei. Está ouvindo, Ariel?

A vampira avançou e segurava seu terno e, ao sentir suas mãos sobre as suas, empurrou-o sem conseguir se conter. Ele nada fez apenas aguardou suas reações. Ficou parada no meio da sala, somente imaginando o pior. Cenas aterradoras a dominaram, e isso a afetou. Imóvel, no centro do escritório real, ela parecia arquejar. Caiu sentada no chão e Ariel correu em seu auxílio. Ela o repeliu novamente, desesperada.

– Eles vão matá-lo do mesmo modo que mataram Heitor e Alexia. Meu Deus, não permita. – Kara murmurava, enquanto soluçava agoniada, revoltada.

– Kara?

Bruce adentrou a sala e a recolheu nos braços. Não aguentou esperar que saísse; assim que ouviu o primeiro soluço, entrou. Ele, da mesma forma que a vampira, estava arrasado com a ideia de que Jan Kmam pudesse ter sido destruído. Dentro de seu coração de vampiro, tentava conservar a esperança de que ele estivesse vivo, mas, ao ver o desespero de Kara, sentiu muito medo.

– Não foi Samael, ele teria se vangloriado. Quem poderia roubar seu corpo? Kara fazia conjecturas em voz baixa e, aterrorizada, agarrava-se a Bruce.

Estava muito longe da sala e de Ariel, que a olhava mais do que preocupado.

– Vamos achá-lo, vai ficar tudo bem. – disse Bruce.

Então ergueu Kara nos braços e Ariel abriu uma porta lateral para que saíssem em segredo; não queria que os demais vampiros a vissem tão frágil. Bruce a levou através do corredor secreto e tomou o rumo da ala sul do Château, onde sabia não ter ninguém. Ariel a mantinha fechada há séculos, após um incêndio; ele a recuperara em 1900 e não mais a abria para ser utilizada. Era um pedaço de seu coração que mantinha ali guardado. Kara andou pelo espaço, observando as belas paredes, os objetos antigos, os lençóis que cobriam móveis. Parecia andar no velho casarão. Sentou na beirada de uma das grandes janelas e fitou a noite. Dentro de seu coração, somente dor e desespero.

– O que faremos, Bruce?

– Ariel colocou pelo menos 20 Pacificadores atrás de pistas. Precisamos esperar.

– Como podem ter descoberto seu local de repouso? – perguntou Kara, aflita.

– Pelo que soube, eles conseguiram de modo admirável espreitar o transporte da Caixa e os passos do Pacificadores que ficou encarregado de vigiá-lo. Depois o sequestraram e, com muita tortura, conseguiram a localização da Caixa.

– Se, pelo menos, ainda estivesse ligada a ele, poderia sentir se ainda permanece vivo. – ela lamentou e soluçou.

– Vamos acreditar no melhor, Kara. – Bruce a abraçou carinhosamente.

– Sei que ele está vivo. Mesmo sem os laços de sangue, sei que não está morto. Deve ainda estar furioso comigo; contudo, vivo.

Kara deixou a ala sul e, por fim, o Château. Tinha rumo certo: Paris. Precisava se afastar de tudo. Bruce a prevenira sobre as execuções. Ela precisava estar de volta ao Château antes do amanhecer para com os demais jurar lealdade aos Poderes. A cerimônia era muito importante, e seu cargo exigia sua presença próxima ao rei. Não aparecer era se declarar uma traidora.

– Voltarei a tempo de jurar. – A vampira tentou brincar, mas só conseguiu demonstrar o quanto estava triste.

Pegou a moto na garagem e não viu a jovem Sentinela. Acelerou e saiu a toda no veículo, a velocidade parecia diminuir sua dor. O rosto de Jan Kmam estava dentro de sua mente, sua voz, o sorriso. Precisava dele... Como viver sem sua presença? Por mais que tentasse, só conseguia pensar no pior. O coração batia angustiado. Quando chegou a Paris, evitou o apartamento, não suportaria entrar. Estacionou a moto e resolveu andar.

Caminhava em frente à *Notre-Dame* quando sentiu a presença de dois vampiros bem perto dela. Felizmente eram vampiros, não estava com ânimo para lutar com lobisomens. Ao sair do Château, esquecera-se de trazer suas pistolas. Eles agora estavam sem a proteção do Pacto. Ela poderia ser atacada, mesmo que o lobisomem não fosse do grupo de Samael. Segurou o cabo da espada e continuou andando normalmente. Foi quando o vampiro resolveu falar.

– Precisamos conversar, Kara. Afinal, eu tenho algo muito valioso em meu poder.

Por um momento, Kara não acreditou no que ouvia. Manteve o controle e voltou-se para ver a face do sequestrador de Jan Kmam. Não o conhecia, fitou sua face pálida, os olhos escuros, os cabelos curtos e encaracolados. Seu comparsa estava um pouco atrás, dando cobertura. Mas a vampira já o tinha visto, era

bastante desajeitado e incapaz de se manter oculto da visão de um vampiro. Conseguia enganar um mortal, jamais um vampiro. Ambos altos e fortes, até mesmo bonitos, mas fora da lei do mundo vampírico. O que pretendiam com aquele roubo? Avaliou-o com pouco interesse e não fez perguntas. Precisava se manter fria. Ansiedade, naquele momento, poderia significar a morte de Jan Kmam.

– Não vai me perguntar o que é?

– Acho que pode me dizer sem que eu pergunte, não é mesmo, Petrus?

A vampira disse seu nome para provar que seus poderes eram superiores aos dele e mostrar que não o temia. A estratégia pareceu surtir algum efeito, pois ele a olhou com surpresa – talvez a julgasse pela idade, não pela capacidade. Esse era seu erro, Kara sempre fora precoce. Petrus precisava saber que estava lidando com a campeã do rei, não com uma vampira qualquer. Dali, ele só sairia morto, mas não antes de lhe dizer onde estava Jan Kmam.

– Vejo que faz jus ao título adquirido. Muitos comentam que é só a amante do rei. Mas lhe peço: se não estiver interessada na Caixa que guarda o corpo adormecido do favorito do rei, avise-me. Tenho uma fila de compradores bastante ávidos – Petrus ia jogar baixo, havia recobrado sua segurança. O susto inicial passara.

– Quanto quer por ele? – perguntou Kara.

– Ouro, prata... O que são além de metal diante de algo único como o amor e o sentimento? Nada. Eu não quero seu dinheiro, quero o mesmo que você. Meu mestre de volta a salvo.

– Qual o seu preço? – insistiu Kara.

– Sabe, nós temos alguns negócios inacabados. Uma dívida de sangue.

– Eu não o conheço e nada lhe devo. Fale o que quer ou vou arrancar de você. Que tal viver eternamente sem língua?

Kara o ameaçou, mostrando-lhe a adaga oculta na cintura e tentou sondar sua mente, descobrir de onde vinha, mas ele se fechou. Tudo o que percebeu era que ele tinha, talvez, uns 300 anos. Um vampiro mais velho. Vestia um terno negro e elegante, e exibia um anel de prata sem pedras. O anel lhe pareceu um tanto familiar. Mas nada que reconhecesse de imediato. Tinha uma preocupação maior na cabeça naquele momento: a segurança de Jan Kmam.

– Deve nos achar idiotas, mas, garanto, somos muito bons no que fazemos. Prova disso termos localizado a Caixa de um condenado pelos Poderes. Eu andei pensando que, se não conseguir o que desejo, vou lançar a caixa ao mar ou talvez a deixe aberta ao amanhecer em algum lugar... O que acha?

– Vocês não passam de ladrões de tumbas.

– Mercadores. É mais delicado.

– Você invadiu meu território, roubou a Caixa de meu mestre e chama isso de negócios? Sequestro, isso sim! E está me cansando. Fale o que deseja em troca da Caixa.

– Primeiro, queríamos chamar a atenção dos Poderes, mostrar que eles não são infalíveis como pensam. O Pacto caiu e estamos livres finalmente, vampiros como eu e Ribas – disse, mostrando seu cúmplice, que resolveu aproximar-se deles dois. – podemos agora ir de um lado a outro e, em breve, quando Íris despertar, haverá novas regras e leis.

– Espero que consigam viver sob o peso delas. – confessou Kara.

Petrus a fitou impenetrável. Ele queria tocar Kara de algum modo, feri-la, mas só conseguia deixá-la entediada e furiosa com seu discurso de “rebelde”.

– Da próxima vez que quiser chamar a atenção, ateie fogo em si mesmo. Tenho certeza de que eles notarão. Até mesmo eu farei um esforço. Agora, diga: o que quer pela Caixa? – Kara debochou de seu convencimento e exigiu uma resposta.

– Suas brincadeiras e ofensas não a levarão até seu amante.

– O que desejam, afinal?

– Antes de Jan Kmam, havia outro favorito, e bem mais poderoso que ele. Seu nome é Seth. Tem até amanhã à noite para trazer a Caixa dele até nós. É uma troca simples.

– Seth, o traidor?

Kara indagou, realmente desejando uma confirmação, e alfinetou Petrus. Lembrou-se das revelações de Bruce sobre o vampiro. Afinal, ela treinara junto com Sarah, sua pupila. Mas quem eram aqueles dois? O certo é que um deles, por ser mais velho, lutasse pelo direito de libertar Seth. Não ela, que era tão jovem. A situação era por demais intrigante.

– É muito nova e não deve saber quem está chamando de traidor. Mas, quando ele despertar, vai descobrir algumas verdades. Ele vai adorar vê-la.

O olhar do vampiro se encheu de um brilho convencido e entusiasmado.

– Quero provas de que realmente está com a Caixa.

– O mundo vampírico inteiro sabe que a Caixa foi roubada – argumentou Petrus, não acreditando em sua pergunta.

– Sim, mas não sabe por quem ela foi roubada. Você e seu amigo pateta ainda não provaram nada.

A vampira falou sem receio; afinal, viu quando o segundo vampiro, num salto, caiu desajeitadamente. Foi quando começou a se perguntar se estava diante dos vampiros que realmente roubaram a Caixa. Eles pareciam estranhos.

– Mênnon e Samael não duvidaram que conseguiríamos. Mas, tudo bem. Não me custa provar.

– Por que está dizendo isso? O que eles querem com Jan Kmam? – perguntou Kara.

– Não se faça de desentendida, eu sou um negociante. Se não puder me dar o que quero, outro dará. Mas, se deseja tanto uma prova, tome! – Petrus se

aproximou e estendeu a mão em direção à vampira.

Kara recebeu o anel de ouro e viu o “V”. Era o seu anel de favorito. Segurou-o firme e teve de acreditar. Ela o devolveu a contragosto e ouviu as instruções do vampiro com atenção. Eles partiram, e Kara compreendeu o que precisava fazer para salvar Jan Kmam. Ver o anel de favorito trouxe-lhe uma estranha sensação de perda e saudade. Quantas vezes não o vira em sua mão, quando acariciava seu rosto ou segurava seu queixo... Sorriu tristemente e secou a lágrima de saudade e medo. Havia uma esperança e ela ia conseguir salvá-lo. E nada nem ninguém a impediria. Uma hora depois, chegou ao Château. Seguiu pelo corredor vazio e o criado abriu a porta para que entrasse no salão. Entrou discretamente e foi para o lado de Bruce e Martan. Afastou a imagem de Petrus e Ribas, não queria que eles soubessem. Precisava ter cuidado ou colocaria tudo a perder. Ela ficou ao seu lado e apertou seus dedos discretamente, ele retribuiu e lhe mostrou com os olhos o Livro. Kara, sem perceber, deu um passo à frente e sorriu. Bruce notou sua fascinação pelo segundo Poder. Por um instante, o vampiro se perguntou se seria prudente ela jurar. Não era inscrita, estava sem a presença de seu mestre. Não era sábio deixar que ela se aproximasse dele. Ordália poderia fazer alguma gracinha, ou simplesmente sua realeza se revelar. Bruce tocou a mente do rei e o alertou. O olhar escuro estava seduzido pelo objeto. Kara observava o carrinho no qual ele se apoiava, as folhas, a cor, a grossura da capa. Gostaria de poder estar mais perto, mas era impossível. Havia quatro Pacificadores e, diante deles, os Zeladores.

O rei recebia alguns rolos de pergaminho, a fila diante do trono, – uma linda cadeira de veludo – diminuía, e, na bandeja de prata, cresciam os pedidos. Ele parecia já haver se pronunciado sobre a quebra do Pacto. Togo e os demais líderes dos Poderes estavam próximos ao rei. Virna, ao lado de Romano, lançou sobre Kara um olhar nada meigo e virou o rosto. A fila chegou ao fim e Togo se aproximou do rei, falando-lhe em tom baixo. Algo estava prestes a acontecer. O rei ficou de pé e esperou. Um emissário aproximou-se do rei e lhe estendeu às mãos um pergaminho. Ariel o retirou da embalagem ricamente adornada e expôs o pergaminho aos olhos de todos no salão.

– Do que se trata? – perguntou Kara baixinho a Bruce.

– É a promessa de paz que nossa espécie fez junto à dos lobos. Eles a estão devolvendo em sinal da quebra do Pacto. Ariel mandou que enviasse a cópia que tínhamos do mesmo pergaminho ao senhor dos lobos. A essa altura, ele já deve tê-la rasgado como o rei o fará agora.

Ariel Simon segurou o pergaminho e quebrou o selo de resina vermelha, que se partiu e caiu ao chão. Logo a seguir, o rolo se abriu. Ariel o rasgou em duas partes. Era um gesto simbólico, mas que gerou alegria, tristeza e, até mesmo, reserva de alguns vampiros ali presentes. Togo trouxe uma bandeja e Ariel depositou sobre ela os pedaços do pergaminho escrito há dois mil anos. O Livro imediatamente passou suas páginas e só parou quando encontrou aquela em que estavam escritos os nomes de Darden e de Ariel. Muitos acreditavam que ele apagaria o nome de Darden, mas ele não o fez: simplesmente abriu uma linha.

– O Livro abriu uma linha abaixo dos termos do Pacto.

Nebit comunicou ao rei e aos presentes com alívio e alegria contida. Uma guerra entre lobos e vampiros não seria boa para nenhum dos lados. Eles torciam pelo Pacto.

– Um sinal de que a paz será restituída em breve. Algo que aconselho a cada um dos inscritos no Livro buscar todas as noites: paz. Um inimigo mais perigoso e poderoso nos tem sob seu olhar nada gentil, a Ouroboros.

Ariel Simon observava os vampiros presentes e sabia que muitos ali desejavam secretamente que o Pacto jamais fosse restabelecido.

– A Ouroboros não perdoará nenhum deslize, aconselho cautela. Posso intervir e pedir por aqueles que forem pegos em luta aberta com lobisomens. Mas não poderei poupá-los das leis e punições. É o momento de nos mostrarmos civilizados. Afinal, somos os vampiros, e não os cães.

As gargalhadas ecoaram no salão como Ariel previu, quebrando o clima tenso. Medidas seriam tomadas para evitar mortes e lutas. Os Pacificadores estariam em

maior número nas ruas com maior quantidade de vampiros. O Livro passou as páginas e, quando parou, mostrou-se pronto para receber os votos de lealdade. Bruce deu o sinal, e Kara caminhou entre os vampiros e se aproximou do rei. Ficou ao lado de Misha e dos demais vampiros que representavam os Poderes. Kara havia lido o juramento nas horas livres em seu “manual de campeã”.

O rei deu sinal a Togo e ele executou as ordens. Os Zeladores se posicionaram diante do Livro e o tocaram. Leram os votos e os vampiros na sala os seguiram. Kara sentiu-se bem por saber o que fazer, foi um momento de união. Ela sequer tinha noção de que fora uma saída estratégica para impedir que tocasse o Livro. O juramento não iria mudar a atitude de muitos naquela sala que odiavam os lobos. No máximo, haveria um ou dois mortos, fulminados por sua deslealdade. O segundo Poder era capaz de sentir e matar imediatamente um traí- dor. Fitou-a discretamente e ficou muito feliz em perceber que ela sabia unir-se ao segundo Poder, sem ter conhecimento de que agora contava com sua proteção. Terminado o juramento, o telão foi descoberto e todos passaram a observá-lo. A imagem apareceu e exibiu os traidores capturados. Lobisomens e vampiros jaziam amarrados diante do cepo. Kara fitou a tela e fez menção de sair, mas Bruce a impediu a distância, e Misha a deteve discretamente. Os Pacificadores estavam prontos e, ao comando do rei, as execuções começaram: cinco cabeças rolaram sob o olhar atento e satisfeito de muitos. Inclusive a de Nigel. Seus restos seriam enviados para a Alcateia em sinal de respeito e, certamente, aceitos de forma pacífica. Darden não havia declarado guerra, ele fora apenas obrigado a quebrar o Pacto que o colocara no comando das vidas de muitos. Bruce foi para o lado de Kara e a avisou de que Togo precisava falar-lhe.

– A Ordem dos Pacificadores pede desculpas por sua dor. Estamos buscando os responsáveis pelo roubo da Caixa. É um incidente lamentável – disse Togo, ficando diante da vampira num ritual de desculpas.

– Suas desculpas são aceitas, compreendo que nada puderam fazer para evitar tal incidente – disse Kara e recebeu o rolo de pergaminho de suas mãos sem entender o que significava.

Quando Togo se afastou um tanto aliviado, Misha e Bruce lhe explicaram que era uma reserva em ouro que a Ordem lhe pagava pelo desaparecimento de Jan Kmam. Eles eram os responsáveis por sua vida e, caso o vampiro não aparecesse ou fosse dado como morto, ainda lhe pagariam mais.

– Não posso aceitar – sentenciou a vampira.

– Deve. Se devolver, vai mostrar que não aceita suas desculpas, e Togo será punido duramente pelo rei na frente dos Poderes – disse Bruce muito baixo para que somente ela ouvisse.

– Apenas guarde e vamos esperar que eles consigam achar a Caixa – afirmou Misha, falou ficando à sua frente, de modo a evitar que Togo percebesse algo.

– Eu não fazia ideia. Obrigada.

Ariel fez menção de aproximar-se e juntar-se ao pequeno grupo. Kara percebeu e resolveu partir, era perigoso ficar perto dele com o que sabia. Despediu-se de todos e saiu como os demais vampiros, que deixavam o salão. Ela sentiu o olhar do rei sobre suas costas e, ao olhar para trás, viu que ele falava com Bruce em particular. Precisava proteger Jan Kmam. Se falasse, eles tornariam a troca impossível e colocariam sua vida em perigo. Foi ao seu quarto e lá ficou por quase duas horas. Assim que sentiu o corredor livre, esgueirou-se até a ala sul e, de lá, até a garagem. Estava fechada. A maioria dos vampiros havia se recolhido e as portas já estavam fechadas assim como os portões de entrada do Château. A vigilância fora reforçada; afinal, ali morava o rei dos vampiros. As luzes estavam apagadas, a única ligada era a da oficina.

– Billy? – Kara chamou a jovem Sentinela num sussurro.

– Aqui atrás, campeã – ele revelou sem medo.

A jovem Sentinela estava debaixo de um dos carros do rei, retirando algumas peças defeituosas, o carro parecia bastante danificado. Billy se colocou de pé e limpou as mãos na flanela meio amarela, meio preta de graxa, sorrindo.

– Preciso de um favor. – disse Kara.

- Basta pedir.
- Preciso de uma Caixa.

A vampira sentou sobre uma pilha de pneus novos e calmamente revelou ao jovem a situação, enquanto ele a olhava confuso e preocupado. Ele era o único que poderia ajudá-la.

Capítulo 30 -As Pequenas e Grandes Escolhas

Joyce sabia que havia cometido um erro, mas, de certo modo, estava mais calma por saber do selo. Ela levou um dia para se recuperar, a ferida no pescoço cicatrizava lentamente. Estava hospedada na Ouroboros. Quando Iago partiu da Espanha, tentando salvar Alexia, os Caçadores chegaram, e com eles Belizário. Joyce estava inconsciente, e eles se responsabilizaram por sua vida.

A jovem mestiça despertou num quarto pequeno de parede branca. Era uma das escolas onde os Caçadores eram treinados. Uma jovem fardada de negro trouxe comida e roupas limpas. Ela reconheceu suas peças de roupa e compreendeu que Belizário as havia guardado – ela as deixara em sua casa durante a fuga. Quando estava pronta, saiu pela porta e foi levada pela mesma jovem que a serviu. Andou pelos corredores, vendo os jovens treinando em vários locais. Espada e luta corporal, bastão. Ali deviam estar instalados pelo menos 30 jovens. Nada muito grande, apenas o suficiente. Afinal, a média de formandos era mínima. Às vezes, de um grupo de 30, somente três conseguiam se tornar Caçadores. Os que não eram aceitos tornavam-se soldados da cúpula e podiam viver no mundo exterior. Quando necessários, eram recrutados. Os Caçadores ficavam a serviço da Ouroboros e somente a ela serviam. Enquanto andava pelos corredores, notou que nenhum dos alunos ousou sair de sua rotina rígida para lançar um olhar que fosse. Eram mortais e precisavam ser os melhores para lutar com criaturas imortais e mortais. No fim do corredor, a escada a levou para o piso superior. Lá, a sala de Belizário.

Belizário esperou que ela entrasse e mostrou a cadeira para que Joyce sentasse. Seus olhares se encontraram, e nenhum dos dois desviou a vista. Ela o olhou e sentiu vergonha, havia fugido e traído sua confiança.

– Recebi uma mensagem de Darden e quero que a leia antes de tomar qualquer decisão – disse Belizário.

Recebeu a carta nas mãos e, ao ler, percebeu o quanto a situação era grave. Iago havia se transformado e, desde então, jazia contido na Alcateia. A dor pela perda da irmã o consumia. Ele parecia ter escolhido permanecer como lobisomem. Algo que não podia perdurar por mais duas noites, caso contrário ele não voltaria mais ao estado humano e teria de ser sacrificado pelos próprios homens-lobos, o que daria um fim à Alcateia. Alexia estava morta, assim como Nigel, que fora executado pelo mundo vampírico por traição e pela participação na morte de sua prima. – foi ele quem revelou onde ela fora assassinada com seu amante. Darden estava velho e estéril. Sua última esperança era o filho, que havia resolvido entregar-se ao seu lado de fera.

– Eu sinto muito.

– Eu também, não deveria ter confiado em sua espécie. – disse Belizário.

Depois a olhou e foi frio como precisava ser. Havia dado sua palavra a Darden que não a reclamaria. Joyce precisava ficar com Iago. Se ela não conseguisse trazê-lo de volta à humanidade, nada mais conseguiria. Percebeu o modo triste e arrependido com que ela o fitava. Mas deu-lhe as costas e continuou.

– Samael já está com os demais pedaços do pergaminho. Felizmente, ele não conseguirá despertar Íris sem o selo. Marie, a bruxa, não faz parte de nenhum dos lados e conta com a proteção do rei dos vampiros. Samael, antes de tocá-la, perderá a cabeça.

– Acreditei que poderia matá-lo e acabar com essa loucura, recuperando os demais pedaços do pergaminho. Belizário, por favor, me perdoe. – pediu Joyce.

– Não há nada para ser perdoado. Tomou uma decisão, viva com ela.

– Não me trate desse modo. – rogou Joyce.

– Como quer ser tratada? A mestiça, a amante de Iago, a mortal?

– Belizário...

– Você tem poucas luas para decidir o que realmente quer ser. Aconselho que se apresse, torço para que beba da Ânfora e encontre seu lugar ao lado de Iago dentro da Alcateia. Eles, sim, precisam de você.

– Eu não amo Iago.

– Mas ele a ama e está se entregando à selvageria porque você o recusou. Darden está suplicando, Joyce. Sabe o que significa isso para o senhor dos lobos? – Ele falava e a encarava friamente. – Darden está à beira da destruição, velho e doente. Sem Iago e Alexia ao seu lado, ele vai virar um alvo fácil. Logo começarão as disputas por poder e a cabeça dele vai rolar. Nós vamos assistir a tudo, é claro. Quando o novo senhor dos lobos assumir, nós vamos visitá-lo e ditaremos as regras. Se ele as aceitar, a Alcateia se mantém; se não, nós os exterminaremos.

A jovem ouvia as palavras duras de Belizário, enquanto as lágrimas escorriam por sua face. A realidade era cruel e odiosa, mas verdadeira. Ela viveu na Alcatéia e viu mulheres e crianças. Moravam geralmente em condôminos fechados e controlados por homens-lobos. Um mundo só deles e repleto de regras controladas por Darden e pela Trindade.

– Darden conseguia controlar tudo e todos. Havia paz e se mantinham incógnitos. Sem ele, acredito que isso é impossível. Lá fora, agora reina a guerra silenciosa, o Pacto foi quebrado e logo teremos os primeiros confrontos. Afinal, vampiros e lobos não se cheiram. Claro, existem exceções, mas elas não são suficientes para mantê-los em paz. E com Mênon e Samael promovendo a discórdia e prometendo um reino novo, tudo vai pelo ralo. Espero que possamos controlá-los, senão, muito em breve, nós também vamos desaparecer.

Joyce ouvia a fala de Belizário e chorava silenciosamente. Por alguns momentos, lembrou-se das palavras do rei dos vampiros quando, por diversas vezes, ele tentou comprar o pergaminho e destruí-lo. Ariel agora lhe parecia verdadeiro. Darden, se soubesse de sua existência, também teria tentado eliminá-lo, a vida de muitos estava em jogo. A Ordem de Hermes fora um grande erro

cometido por ganância. Joyce compreendeu o quanto a busca de seu pai e dos outros por respostas fora egoísta. Aquele objeto de poder e morte não lhes pertencia.

– Está livre, a quantidade de sangue que perdeu foi pouca e você ficará bem. Há um carro esperando. Diga para onde deseja ir, e ele a levará. Já lhe falei tudo o que havia para falar. Agora, vá embora. Adeus. – despediu-se Belizário.

– Eu o amo.

– Isso não importa, Joyce. Jamais vai importar entre nós dois. Apenas vá embora, siga seu caminho.

Joyce ficou de pé e se aproximou de Belizário. Envolveu-o nos braços e o beijou apaixonadamente. Ele, a princípio, não retribuiu, mas por fim cedeu. Apertou-a junto a si e a beijou saudoso. Tocou seu corpo e seu rosto, aspirou o cheiro de seus cabelos e fechou os olhos, já sentindo saudade dela.

– Quero que me esqueça, nós não podemos ficar juntos. É impossível. Há muitas vidas em jogo. Foi maravilhoso, mas não existe futuro para nós. – Belizário segurou seu corpo e ela soluçou, sabendo verdadeiras as suas palavras.

– Vou fazer o ritual. – disse decidida.

– Não sobreviveria e mataria Iago e Darden junto consigo.

– Eu não ligo, quero ficar com você.

– Não posso permitir. Ninguém jamais sobreviveu, compreenda. Apenas vá para a Alcateia e salve Iago da loucura. O resto será consequência.

– Jamais amei Iago, só existiu carinho e desejo. Amo você. – disse Joyce, agarrando-se ao amante, enquanto chorava.

– Eu sei que sim.

Belizário viu que ela guardou o colar que lhe dera e sorriu tristemente. Segurando a aliança entre os dedos, ele mostrou a Joyce o segredo do pingente. Puxou o círculo e, de um lado e de outro, o símbolo da Ouroboros ficou visível, a

cobra ou dragão que engolia a própria cauda, ou como ali, naquela joia, onde dois dragões que mordiam a cauda um do outro.

– Ela nos ensina a transmutar nossa dor e nosso amor. O chamo de *Hen to pan*, que significa “tudo é um, um é tudo”.

Joyce entrou no carro duas horas depois. Estava calma e triste, mas sabia para onde ia e o que deveria fazer. No caminho para a mansão onde o senhor dos lobos a esperava, teve a certeza de que fora a última vez que fizera amor com Belizário. Mas não ousou lhe dizer que esperava um bebê, não podia lhe dar falsas esperanças, uma vez que não sabia de quem era aquela criança. Seguiu-o pelos corredores da Ouroboros e, em seu alojamento, entregou-se à paixão que somente sentia em seus braços. Amaram-se em silêncio, ouvindo apenas o som de seus corações. Tocou seu corpo e decorou suas linhas, a cor, o cheiro... Levaria sua imagem dentro dos olhos, na mente e dentro de seu ventre. Sorriu e o beijou por vários minutos. Ele parecia fazer o mesmo, pois explorou seus seios, o colo, o ventre que tocou, ávido, com os lábios. Cobriu sua face com pequenos beijos e a estudou com a ponta dos dedos. Quando se levantaram do leito juntos, fecharam o símbolo da Ouroboros e se prometeram nunca mais abri-lo. Joyce sabia que, se precisasse, poderia chamá-lo em segredo e ele certamente lhe atenderia.

Joyce chegou à mansão ao anoitecer e foi recebida por Darden. Ele parecia mais velho e cansado. A morte da filha de modo tão trágico, e o estado do seu único filho pareciam ter levado muito de sua saúde. Segurou-a pelos ombros e fitou sua face. Pôde também perceber o sacrifício que ela fazia em nome de sua espécie. Segurou seu pulso e não pôde acreditar no que ouvia: um segundo coração batendo. Descobriu seu estado e se preocupou. Iago a reconheceria? Não podia arriscar sua vida, não agora que carregava um filho de Iago. Sim, era dele; tinha seu sangue, era um homem-lobo. A Alcateia estava salva. Darden compreendeu o porquê de sua escolha, e a de Belizário. Ele devia muito à Ouroboros e a Joyce, toda a sua espécie. Darden a levou para ver o filho imediatamente. Embaixo da mansão, havia um porão. Dois ou três corredores com celas para lidar com situações como aquelas. Iago estava preso a ferros dentro de um daqueles

cômodos. Os Caçadores o trouxeram numa grande gaiola e o entregaram a Darden. Não podia ser alimentado naquele estado, não ouviu a voz do pai. A lucidez havia desaparecido, o homem engolido pela fera. Um homem-lobo jamais se deixava ir tão longe, voltar era um longo caminho. Iago dobrou de tamanho e transformou-se num lobisomem. As mãos estavam alongadas, assim como os pés. A cabeça dilatada exibia uma mandíbula forte e ladeada por dentes e caninos afiados. A maior parte do tempo se mantinha nas sombras. Bastava alguém se aproximar para ouvir sua respiração e ver seus olhos brilhando na escuridão.

Darden não se aproximou e segurou Joyce longe das grades para que ela se habituasse à visão. Ela tremeu ao vê-lo no fundo da cela, deitado no chão, meio homem, meio fera. Uma lágrima escapou e rolou por sua face. Era pena. Darden se afastou suavemente, era melhor que não o visse. Iago precisava se concentrar somente em Joyce. Para um homem-lobo, a mudança total era um estado animalesco, que não deveria buscar; já que ele não precisava se transformar na besta para usufruir de seus poderes.

Ele avançou sobre as grades, mas não as tocou, as correntes o detiveram. Tinha uma coleira no pescoço e nos pulsos. Joyce recuou assustada, mas voltou. Ela precisava usar toda a sua coragem para trazê-lo de volta. Abriu a cela e entrou.

– Joyce, não entre!

Darden pediu, fazendo menção de detê-la. Iago rugiu dentro da cela e tentou soltar-se, mas era em vão. As correntes eram muito fortes. Joyce ficou imóvel, enquanto ele se debatia, tentando alcançá-la, parecia desejar despedaçá-la, mas, ao invés disso, foi para o fundo da cela e de lá ficou rosnando.

– Iago precisa me reconhecer. Deixe-nos, é melhor.

– Não ponha sua vida, e a do meu herdeiro em jogo. Você carrega no ventre nosso futuro – disse Darden, surpreendendo Joyce.

– Ele não nos fará mal. – disse Joyce dentro da cela sem medo.

Fechou a cela e se voltou para as sombras onde Iago permanecia. Ficou alguns segundos imóveis, pois onde estava era tocada pela luz e não ousou ir para as sombras. Teve medo do olhar do lobisomem que brilhava dentro da escuridão. Ouvia seu rugido baixo, mas sabia que ele seria capaz de reconhecer seu cheiro, ouvir seu coração e, talvez, o de seu filho. Joyce se encheu de coragem e estendeu a mão lentamente. Podia ouvir o som de sua respiração alta e agressiva.

– Iago? Sou eu, Joyce.

O lobo ficou em silêncio e ela percebeu que ele fechou os olhos e levou uma das mãos à cabeça.

– Olhe para mim, Iago. Vim por você, eu preciso lhe contar uma coisa. – disse, tocando o ventre e dando um passo à frente. Ela o ouviu rosnar, mas não recuou. – Por favor, volte Iago. Eu preciso de você ao meu lado. Se não me aceitar, vou partir.

Iago estendeu a mão e Joyce viu as garras afiadas se aproximando de seus dedos delicados. Quando sua face ficou visível na luz, ela fez um grande esforço para se manter imóvel. Ele a agarrou, mas não a feriu; apenas a segurou próximo de si e a cheirou. Joyce mirou dentro de seus olhos e viu o olhar de Iago. O coração batia forte, seu corpo tremia, ele percebeu seu medo e a abraçou. Joyce sumiu no peito da fera e o segurou com carinho. Ele mudava, a fera sumia debaixo de seus dedos. Logo, a pele lisa e firme de Iago estava junto à dela. O homem dominou a fera e voltou. Iago estava completamente nu quando caiu no solo.

Deveria estar faminto e fraco. Joyce, no chão, segurava-o pelos braços, enquanto ele a olhava e sorria apaixonado, feliz. Estendeu os dedos sujos e tocou seu rosto delicado.

– Eu a amo, Joyce.

Joyce chorou emocionada e puxou a mão de Iago para pousá-la sobre seu ventre. Ele fechou os olhos e pôde ouvir o coração do filho batendo forte. Então sorriu, também emocionado. Afinal, em breve seria pai.

Capítulo 31 - Morte em Negro e Vermelho

Billy fechou a mala do carro funerário e entrou. Kara o olhou por um segundo e se perguntou se deveria levá-lo. Ele a ajudara muito e não parecia disposto a ficar; além do mais, tinha grande admiração por Jan Kmam. A vampira deu a partida e logo estavam na estrada rumo a uma pequena cidade, próxima de Paris, Gennevilliers. A campeã do rei planejava tudo cuidadosamente: primeiro, falou com Bruce e Martan; depois, avisou-os de que ficaria em seus aposentos. Assim que pôde, saltou pela janela.

Quando Kara contou a Billy sobre a troca, ele imediatamente se prontificou a ajudá-la. A Sentinela escolheu o carro para o transporte da Caixa e uma fuga segura. Kara não queria somente recuperar a Caixa, ela também queria capturá-los e levá-los diante dos Poderes. Billy conseguiu uma Caixa, das mesmas usadas em sentença. Durante o dia, ele desceu ao porão; lá, os Pacificadores guardavam alguns objetos, mas determinadas coisas eles ocultavam no subsolo, onde ainda havia celas de parede de pedra sólida e correntes. Não foi difícil pegar uma delas nem, muito menos, guardá-la oculta na garagem. Os dois a manteriam fechada para evitar que eles descobrissem que estava completamente vazia. Tudo foi planejado para que ganhassem tempo.

Kara dirigia e pensava em Radamés. Tentou em vão se comunicar com ele, pedir que protegesse Jan Kmam, que a ajudasse, mas ele parecia ter desaparecido de seus sentidos. Odiava quando ele fazia isso. Sabia que poderia estar caminhando para uma armadilha, para sua morte, mas seguiria em frente. Billy a olhou e percebeu-a triste.

– Quer que eu dirija? – perguntou Billy, vendo a lágrima cristalina cair de seus olhos.

Só então Kara percebeu o que acontecia. Tocou o líquido e não compreendeu a razão, menos ainda sua cor. Ultimamente, suas lágrimas eram rubras, aquelas eram exceção. Não havia um motivo lógico para elas, só sentia uma grande tristeza dominá-la.

- Está tudo bem, só escaparam.
- Nunca tinha visto um de vocês chorar.
- Há quanto tempo é Sentinela?
- Vai fazer 50 anos.

As Sentinelas eram submetidas a pequenas doses do sangue do rei e se mantinham vivas por muitos anos. Mas isso não as tornava imortais, dava-lhes apenas longevidade. Afinal, Marques, sua antiga Sentinela, fora assassinada, mas vivera por quase 500 anos.

– A maioria de nós chora em algum momento por alguém, ou por alguma coisa que perdeu ou amou. – justificou Kara.

– Você chora por que motivo?

– Não sei, só aconteceu. – respondeu sincera: não sabia mesmo. – Talvez medo de perder o vampiro que amo.

– Você vai conseguir... – Billy passou confiança.

Kara sorriu e agradeceu seu carinho. Petrus fora bem claro: teria de ir sozinha. Billy não ia entrar na velha fábrica e arriscar sua vida. Por um momento, ainda pensou em contar a Martan, mas desistiu com medo de colocar tudo a perder. Ela parou o carro e esperou que Billy descesse, não entraria na fábrica. Temia que Petrus o sentisse e fizesse dele um alvo.

- Estarei por perto.
- Apenas não entre, ok? – Kara o preveniu e seguiu em frente.

Manobrou o carro até ficar diante do último prédio e, em seguida, ligou e desligou os faróis. Ao seu sinal, Ribas, o vampiro desajeitado, abriu a porta e permitiu que ela entrasse com o carro no prédio amplo. Kara manobrou e, quando parou, viu Petrus no fim do galpão de pé sobre a Caixa de metal. Ela estava presa por correntes, pendurada longe do solo.

Kara desceu do carro e se preparou para negociar. À sua volta, moldes de aço, esteiras e caixas empilhadas. As paredes altas possuíam janelas empoeiradas e vigas baixas, o tijolo da parede era vermelho e ficava exposto. Não era o local de descanso deles, apenas o escolheram para fazer a troca. Não estava desabitado: no ar e nos objetos ali dispostos havia o cheiro dos trabalhadores.

– Sabia que podia contar com sua ajuda, Kara. Seth vai ficar muito feliz em saber que o trouxe à vida. – disse Petrus, saltando para cair no chão de pé.

– Entregue-me a Caixa.

– Calma, campeã. Há tempo para tudo. Primeiro, quero ver Seth. Afinal, não me deu nenhuma prova de que é ele dentro da Caixa.

– Tampouco você. Abra a Caixa e deixe-me ver Jan Kmam.

– Não é desse modo que vai conseguir o que deseja. Ribas, pegue a Caixa no carro e traga-a para cá.

– Se tocar nesse carro, eu corto sua mão – ameaçou Kara, voltando-se para o vampiro e lhe apontando a espada. – Cumpra sua palavra, me mostre Jan Kmam.

– Veio armada... Pensei que poderíamos ser amigos novamente... – Petrus a provocava querendo alguma reação.

– Não sei do que está falando e pouco me importa. Agora, me deixe vê-lo – Kara estava perdendo a paciência e começando a duvidar de suas reais intenções.

Petrus olhou à sua volta como se sentisse algo no ar. Kara acompanhou seus gestos, mas nada sentiu, a noite estava silenciosa. Petrus sentiu a presença de vampiros, mas não havia nada. Sem que entendesse o porquê, ele acionou um

mecanismo e fez a Caixa descer de uma só vez, caindo ruidosamente sobre o piso. Kara a fitou, temendo pela vida de Jan Kmam. Intacta, ela parecia um obelisco de metal apontando para o alto. Ela deu um passo à frente, e Petrus sorriu vitorioso. Ribas não se aproximou do carro, apenas esperava as ordens de seu comparsa.

– Vamos, campeã! Não seja tímida, pode ir ver seu amado. Tome, vai precisar disso. – Petrus lançou no ar a chave, e ela caiu três passos à frente.

Kara passou pelo vampiro e continuou caminhando em direção à Caixa e à chave. Curvou-se rapidamente e a pegou entre os dedos. Foi nesse momento que o chão sumiu sob seus pés. O piso de madeira se abriu e uma rede prendeu Kara no ar.

Seu grito alertou Billy do lado de fora. Ele correu para o galpão, mas se deteve e chegou mesmo a cair para evitar o choque com o vampiro que apareceu à sua frente. A Sentinela arregalou os olhos e reconheceu de imediato o rei dos vampiros.

Ariel Simon trazia a espada ao lado do corpo, o casaco tremia ao vento frio. Misha foi o segundo a aparecer; depois dele, Valdés, Martan e, por último, Will. A sentinela foi erguido do chão por Will e estava bastante assustado.

– Descumpriu leis e regras, é uma Sentinela, deve observar e relatar, não participar. Deveria ter avisado a Togo. – Ariel disse muito aborrecido.

– Kara me pediu, majestade. Eles a ameaçaram, não podia falar a ninguém, perdoe-me. – Billy curvou-se no chão, assim que foi solto. Temia por sua vida, ou coisa pior como um castigo.

– É jovem demais, mas deve honrar os juramentos que fez. Vou perdoá-lo dessa vez, Billy, mas não conte com isso novamente. – disse Ariel, sorrindo e tocou sua cabeça, sacudindo-lhe os cabelos.

A Sentinela agradeceu e se curvou, sabendo que havia escapado de muita dor. Ariel fitou suas roupas simples, o jeans sujo de graxa. Billy era um caso especial,

ele jamais vigiaria um vampiro. Havia limitações, por isso ele permanecia na garagem, cuidando dos veículos.

– Kara... A campeã esta em perigo! Ela gritou! – Billy se corrigiu, envergonhado.

– Nós sabemos, estamos aqui para ajudar. Tome, leve para o carro e não deixe sujar.

Ariel tirou o casaco e o entregou em suas mãos. Era um motivo para mantê-lo longe da ação.

– Sim, majestade.

O garoto saiu correndo, e Ariel e os demais vampiros compreenderam que ele era somente mais um dos muitos admiradores da vampira.

– Quantos são? – quis saber o Rei, ao ver Juan chegar sorridente.

– Oito deles, majestade. – confirmou Juan.

– Um bom número. – disse Valdés, pegando sua espada.

– Quem falou que seria uma noite tediosa. – comentou Misha, engatilhando sua escopeta de cano serrado.

– Uma armadilha engenhosa. Devemos esperar só os criados, ou os senhores? – perguntou Martan, observando Ariel estudar a fábrica em silêncio.

– Os senhores. Eles vieram comprar o favorito e a campeã. – respondeu Ariel, seguro.

– Então, vamos fechar o mercado. – disse Will com sua besta pronta. Nas costas, ele carregava um suporte e muitas flechas.

– Sinto-me estranhamente feliz, matarei sem arriscar-me a quebrar o Pacto. – afirmou Valdés, olhando os companheiros.

– Já fizeram isso por nós, senhores. – disse Ariel, pensativo.

Kara gritou e Ariel deu sinal para começarem. Imediatamente, todos sumiram, menos o rei. Ele entraria pela porta da frente. Queria dar tempo aos demais de se posicionarem.

– Solte-me, bastardo!

Kara lutava dentro da rede, debatendo-se furiosa. A espada tinha caído de sua mão ao ser levantada pela rede. Não conseguia alcançá-la, a rede estava alta demais. Não podia crer que foi apanhada em uma maldita armadilha. Fitou a Caixa de Jan Kmam e percebeu que ela fora mera isca para apanhá-la.

Nesse momento, sentiu a presença de Samael e de outro vampiro: Manolo estava com ele. Andaram ao seu redor e o lobisomem esfregou as mãos em sinal de prazer. Manolo foi mais entusiasta, a ponto de bater palmas. O lobisomem a fitou com raiva e deboche. Esfregou as mãos e bateu palmas para Petrus e Ribas, que se curvaram de modo teatral.

– Parabéns, senhores! Conseguiram capturar a campeã e o favorito do rei. É sinal de que, em breve, os Poderes estarão no chão.

Manolo parecia fazer previsões do futuro, mas eram somente suas ideias de poder saltando-lhe da boca como sapos descuidados. Ele vivia nas sombras esperando há séculos por uma oportunidade. A quebra do Pacto deu-lhe forças. Não só a ele, mas muitos agora se revelariam, e Ariel faria questão de cortar suas cabeças, até pessoalmente, se fosse o caso, como agora.

– Ah! Que prazer incomensurável eu sentirei quando Mênon cortar a cabeça dessa pequena cobra! O favorito será drenado para trazer Íris à vida. – disse Samael, segurando a rede para encarar a vampira.

– Vai esperar sentado, vira-lata!

Kara chutou-o no rosto e ele recuou, mas, quando voltou a tocar a rede, tinha um punhal nas mãos e a feriu várias vezes.

– Não!

– Ninguém vai aparecer dessa vez para salvá-la. Grite o quanto quiser, pequeno parasita! – Samael continuava espetando-a com a adaga, fazendo-a recuar e agarrar-se à rede.

– Engano seu!

Era a voz de Ariel, mas onde ele estava? Kara pensou estar ouvindo coisas, mas percebeu que seus captores também ouviram. Nem um minuto mais de suspense se fez. A porta voou pelo ar e caiu ao chão de modo ruidoso. Ariel apareceu pela abertura e, com cara de poucos amigos, deu boa-noite. Sua entrada foi com tamanha graça e leveza que Ribas o olhou encantado. O rei o traspassou com sua espada e cortou a cabeça de Ribas para notar a dor nos olhos de Petrus e sorrir.

– Vejo que temos uma reunião. Devo perguntar o assunto, cavalheiros?

O silêncio era total e, àquela altura, eles já imaginavam que Kara o havia avisado. Ariel Simon não estava sozinho, sua segurança era baseada em companhia.

– O que o emudece, Petrus? A dor da perda? – debochou Ariel, passando por cima do corpo do vampiro. – Sabe, há anos eu desejava matar este parvo.

Petrus olhou o rei com um pouco mais de ódio. Eles formavam uma dupla quase perfeita há mais séculos do que Ariel pudesse suportar, estava na hora de acertar as contas com o passado. Eles foram corresponsáveis pela morte de Rosa Maria. Eles precisavam morrer junto com seus planos de libertar Seth.

– Samael e Manolo são parte do pacote. Hoje, espero levar sua cabeça.

Manolo cumprimentou o rei com o resto de dignidade que lhe faltava e puxou sua espada. Era hora de encarar os fatos: teria de lutar para salvar sua cabeça. Ariel estava ladeado por seus melhores vampiros: Valdés, Misha e Martan. Will e Juan eram parte do contrapeso.

Samael sorriu cinicamente, lambeu a adaga com que havia espetado Kara e uivou. Era um sinal de ataque. Contudo, eles já sabiam disso. Três das janelas de

vidro foram atravessadas por lobisomens e uma das portas arrombadas no chute para que mais dois entrassem.

– Espero que esteja pronto, *Monsieur*, porque nós estamos.

O rei provocou numa medida e se lançou à luta com os lobisomens. A luta começou e Petrus avançou sobre Valdés, que tentava aproximar-se para soltar Kara da rede. Mas eles impediam que os vampiros se aproximassem da campeã. Ela alcançou a bota e pegou a sua adaga, ferindo Samael para que se afastasse; afinal, ele a furara várias vezes. O sangue molhava sua roupa, mas ela continuava lutando para mantê-lo longe de si. Não conseguia alcançar sua pistola, o espaço na rede a comprimia e a deixava sem movimentos. Samael parecia decidido a matá-la caso não pudesse levá-la. O rancor que nutria por Kara havia se tornado pessoal. Ele resolveu sujar as mãos.

Ariel matou um lobisomem, cortando-o em dois. Viu os demais lutando, mas sem conseguir alcançar Samael ou Kara. Estava indefesa, ele precisava agir rápido, pois o lobisomem pretendia traspasar a vampira no coração com uma barra de ferro. Um salto perfeito colocou o rei pendurado no gancho em que a rede estava presa e ele a cortou. Uma brecha foi o suficiente para que pudesse puxá-la para fora.

– Kara!

A vampira estendeu a mão e ele a pegou. Samael furou a rede vazia com a barra de ferro. Contudo, Kara já estava agarrada a Ariel, que saltou, levando-a para o chão. A essa altura, mais um lobisomem havia caído morto junto a Misha. Petrus tentava alcançar a Caixa no carro para salvar seu mestre, mas Valdés não permitia. Will, do alto das vigas de madeira, desferia flechas sobre Samael e os demais lobisomens, aborrecendo-os um bocado. Em dado momento, deixou a besta com Juan e pulou de espada em punho. – queria a cabeça de Samael, mas foi detido por um lobisomem. Misha deixou Valdés lutar sozinho com Manolo e deteve a fuga de Samael. Ele fugia das flechas de Juan. Tinha uma enterrada no ombro e outra no flanco. Misha queria a todo custo cortar sua cabeça, e uma chance como aquela era

única. Ele enfrentou o vampiro, mas a situação não estava favorável. Kara recolheu sua espada do chão e, em passos decididos, avançou para perto da Caixa. Ariel lhe deu cobertura, enquanto a observava tocar a Caixa como se ela fosse uma relíquia sagrada.

– Estou aqui, Jan, tudo vai ficar bem.

Ariel a ouviu murmurar baixinho, enquanto tocava o metal resistente. Ela tentava abri-la e só então percebeu que a chave não servia.

– As chaves das Caixas têm um segredo. Além disso, se abrirmos a Caixa, colocaremos a vida dele em perigo. Vamos apenas tirá-la daqui.

Quando ele se preparou para erguê-la do solo, percebeu os fios no chão. Usou seus sentidos e ouviu o mecanismo da bomba muito perto. A um metro de distância da Caixa, Ariel localizou o explosivo plástico e o detonador digital com mostrador vermelho. Era C4, o bastante para mandá-los de volta para Paris!

Kara viu e se desesperou. Fitou os fios e a bomba, sem saber como agir. Samael sorriu ao vê-los descobrir a armadilha. Petrus e ele sabiam que Kara não viria sozinha. Eles teriam companhia. Quando os sentiu do lado de fora, armou a bomba e esperou. O detonador passou às mãos de Samael.

– Faça as honras, Petrus! – disse Samael, lançando o detonador em sua direção.

Petrus aparou a caixinha preta no ar, Samael lançou ao chão uma ampola de vidro. A fumaça era tóxica e feria os olhos, cobrindo tudo à volta. A distância, Ariel viu os lobisomens se aproximarem de Misha e Valdés e não pensou duas vezes: assobiou. Um deles caiu imediatamente ao chão em dores, segurando os ouvidos, que sangravam. Kara, que também sabia usar o assobio, pegou o segundo. Will e Juan avançaram e os fizeram em pedaços. A fumaça se dissipou rapidamente, Ariel olhou em volta e percebeu que fora um engodo para que Samael, Manolo e Petrus sumissem.

A Caixa de Seth havia desaparecido e eles iriam detonar os explosivos. Ariel avisou aos outros mentalmente, segurou Kara pela cintura e correu. Foi muito rápido. Uma fração de segundo depois, a fábrica explodiu. Ele sentiu o calor da explosão em suas costas ao cair sobre o corpo da vampira. Sentiu a pele das mãos arderem e fechou os olhos, torcendo para que todos tivessem fugido.

O prédio virou um inferno de chamas e pequenas explosões. Kara se debatia nos braços de Ariel, enquanto ele a dominava com força, evitando que entrasse no prédio em chamas. Todos saíram a tempo, mas a Caixa não pôde ser recuperada, ela estava a poucos metros dos explosivos. Não deveria ter sobrado muito, e o fogo certamente fez o resto para destruir o corpo que estava dentro.

Tudo parecia em câmera lenta. Misha e Valdés fitaram as chamas tristemente, lamentando o desfecho trágico. Will falava baixo com Juan, e eles olhavam penalizados para Kara, que gritava completamente enlouquecida e se debatia, enquanto o rei somente a continha, paciente. Ariel pediu mentalmente que fossem embora, não havia mais nada a fazer.

– Solte-me! Ele não pode morrer... Jan!

– Ele se foi Kara, Jan está morto! – disse Ariel, ainda a contendo com força, pois ela pretendia entrar nas chamas. Havia perdido momentaneamente a razão.

– Não! Por Deus, não! – Kara caiu ao chão, fitando o fogo. Ariel a continha.

O fogo fez paredes e colunas ruírem. Quando os bombeiros chegaram, Ariel já havia levado Kara com ele para longe. Ficaram em campo aberto, olhando o fogo e a luta dos bombeiros para apagar as chamas. O sol não tardaria a nascer. Temendo que ela fizesse alguma loucura, Ariel a puxou para perto da árvore mais próxima e observou o solo.

– Kara? Olhe para mim.

Ariel pediu e, por fim, ordenou. Kara ergueu o rosto banhado em lágrimas, era a imagem de uma vampira à beira de um colapso. Não falou nada, apenas soluçava

e tentava soltar-se dele, que, durante todo o tempo, segurou-a, evitando que se matasse dentro das chamas.

– Kara, escute-me com atenção: quero que feche os olhos e não os abra, está ouvindo?

– Solte-me! Deixe-me salvá-lo! – pediu enfurecida, exibindo os dentes para ele.

– É muito tarde, Kara. Eu sinto muito. – lamentou Ariel, e tocou sua testa. Kara desfaleceu e ele a deixou cair sobre a grama úmida como uma boneca de pano. Deitou ao seu lado ouvindo os insetos e o som da noite. Trouxe-a para seus braços e olhou ao longe o fogo quase extinto pelos bombeiros. O céu estava cheio de estrelas e a lua minguava. O vampiro sentiu o peito comprimido de dor. – haviam perdido muito aquela noite. A claridade cresceu e Ariel sentiu o dia se aproximar, apertou a vampira nos braços e a levou com ele para debaixo da terra.

Capítulo 32 - As Cicatrizes

Um mês depois

Otávio caminhava em passos rápidos pelos corredores do *Château*. A notícia da morte do favorito do rei havia demorado a chegar ao seu conhecimento. Ele e Asti estavam no Peru, ficaram sem contato com a civilização por vários dias. Ariel tentou por várias vezes ligar, mas o telefone estava desligado. Finalmente, quando foi avisado, desligou o telefone sem nada dizer. Ariel sabia que, em pouco tempo, receberia sua visita.

Asti e ele chegaram ao *Château* uma hora depois de escurecer. O criado informou onde o rei estava, mas Otávio não lhe deu muita atenção. Na verdade, quis saber onde estava a campeã do rei. A indicação de seu quarto não surpreendeu Otávio, que moveu a boca num sorriso sarcástico e cruel. Asti não o acompanhou, imaginou o que faria e tomou o rumo oposto. Buscou Ariel, era o melhor a fazer, Otávio estava mudo desde que recebera a notícia. Fechou-se em sua dor e ela temia pelo pior.

Kara não estava diferente. Após a explosão falava muito pouco, quando falava; no geral, ficava em silêncio absoluto. Saía todas as noites armada até os dentes em busca de Petrus e Samael. Já havia se envolvido em várias lutas e saído ilesa de todas, foi o modo que ela encontrou para lidar com a dor. Abandonou a aparência humana em definitivo: vestia-se completamente de negro, como uma guerreira faria. Os Pacificadores relatavam ao rei suas aventuras, o mais alarmante era que os Caçadores, apesar de a surpreenderem várias vezes duelando com lobisomens, não a tocavam por algum motivo sinistro, o que preocupava o rei. Chamou sua atenção, exigindo que parasse. Mas na noite seguinte, ela saía e prosseguia em sua busca sem lhe dar atenção. Os Pacificadores a apelidaram de “viúva mortal”, após a verem lutando.

Geralmente, quando voltava, exilava-se em seus aposentos e não buscava a companhia de ninguém. Evitava até mesmo Bruce. Afastou-se dele e de suas palavras de consolo, ela as enfrentava de modo distante, mudo. Quando se cansava, pedia que ele saísse; quando ele insistia, Kara ia embora.

A pedido de Bruce, Ariel tentou se aproximar. A conversa não foi amigável e, quando tentou tocá-la, foi repudiado com violência. A sorte é que estavam a sós e ninguém a viu perfurá-lo com sua adaga. O gesto teria lhe custado a cabeça. Ele puxou a faca do peito e a soltou no chão; por fim, fechou o casaco e saiu sem dizer nada. Os demais vampiros os observavam com cuidado.

As coisas não iam bem desde a quebra do Pacto. Isadora estava mergulhada em dor, o assassinato de Heitor levava parte de sua sanidade. Thiago lidava com ela e seus surtos de memória com carinho e paciência; amava-a acima de qualquer coisa. Havia noites em que ela falava da morte do ex-amante e o lamentava de modo lúcido; em outras, ela agia como se ele ainda estivesse vivo e permanecessem juntos. Marie ajudava Thiago como podia, visto que tinha grande carinho por aquela vampira que cuidara dela como uma segunda mãe. Temiam que se matasse, pois ela falava constantemente no sol, em como queria vê-lo no jardim sobre as rosas.

A morte para um vampiro era algo aceitável, o que ele não aceitava bem era perder aqueles que faziam parte de sua imortalidade. O amor era uma joia rara e cobiçada entre muitos, ter um companheiro de imortalidade era uma dádiva que poucos conseguiam receber. A promessa de imortalidade era cativante, mas, com o passar das noites e a privação de muitos prazeres mortais, aquela forma de existir tornava-se uma cadeia que poucas mentes suportavam. O amor era o único laço que fazia tudo isso possível e, mesmo assim, com algum grau de dificuldade.

Kara e Isadora sofriam de uma dor sem cura, a de terem encontrado o amor e o perdido para todo o sempre. Elas estavam no limite e logo fariam a escolha de viver eternamente com a ausência do ser amado, ou segui-lo na morte. Kara, por enquanto, tinha um objetivo para continuar viva: matar Petrus, Samael e todo e

qualquer ser que houvesse participado da morte de Jan Kmam. Depois disso, ela faria uma escolha, e Ariel estava certo de que ela escolheria morrer, algo que ele não iria permitir.

Kara estava pronta para sair, mas, por algum motivo, continuava parada diante da janela, apenas fitando a noite. Um hábito comum nos últimos meses e bem mais frequente desde a morte de Jan Kmam. As lágrimas corriam livremente por sua face imóvel. Uma estátua que vertia sangue. Sentia que poderia ficar ali por uma eternidade, esperando que algo mudasse ou que alguém entrasse pela porta e dissesse que era tudo mentira, que Jan Kmam estava vivo.

Na noite seguinte ao incêndio, ela vasculhou os escombros em busca da Caixa e só encontrou pedaços retorcidos do metal e cinzas por todos os lugares.

Perguntava-se se ele teria sofrido e sentido dor. Pensamentos como aquele vinham povoando sua mente todas as noites como fantasmas bem reais. Eles a enlouqueceriam aos poucos, como estavam enlouquecendo Isadora. Ela viu a vampira e imaginou quando estaria no seu lugar, sendo vigiada constantemente, ou simplesmente posta num quarto de contenção até que decidissem que deveria ser executada. De um modo doloroso, eles estavam certos: o que seria dela? Solta, matando indiscriminadamente, sem se ocultar do olhar dos mortais. Isso era algo que o mundo vampírico não toleraria.

Uma lágrima despencou em sua mão. Era o que mais fazia naqueles últimos meses, chorar por tudo o que havia perdido.

– São lágrimas de alegria, ou alívio?

Kara ergueu o rosto e encontrou a face indiferente de Otávio. Ele estava dentro de seu quarto, junto à porta. Ela não o havia sentido, o que significava que ele havia se fechado para ela também. Era quem menos esperava.

– São apenas lágrimas. – respondeu Kara, alerta aos seus movimentos.

– Não, Kara, são lágrimas de sangue. Lágrimas como as suas são dolorosas até para um vampiro. Não é mesmo? – murmurou Otávio.

- Veio comprovar se eu estava sofrendo?
- Sim, pessoalmente.
- Já estou de saída, terá de apreciar minha dor em outro momento. Estou atrás dos vampiros que causaram a morte de Jan Kmam.
- Apenas olhe-se num espelho e vai encontrar o verdadeiro responsável! – acusou Otávio, rancoroso.
- Não se preocupe, assim que os matar sairei da vida de todos vocês. – disse Kara, limpando o rosto, pronta a sair do quarto sem ligar para a provocação de Otávio.
- Quisera que tudo fosse simples e você não existisse. Todavia, existem coisas que não posso mudar. Uma dela é o amor que Ariel lhe dedica.

Otávio divagou cruel, observando o rosto da vampira marcado de tristeza e dor. Estava magra e estranhamente forte. No olhar, havia um brilho maligno e conhecido dele. Mas nenhum desses sinais evitou que ele demonstrasse seu aborrecimento e sua crueldade.

- Tive de suportar sua presença na vida de Jan Kmam, que considerei como meu filho por tempo demais. Mas não a suportarei na vida de meu irmão e rei.

Kara o olhou, comprimiu os lábios e respondeu:

- Por que não diz isso a ele?
- Diante do desejo, certos argumentos não têm peso. Você deve fazer por ele o que não fez por Jan Kmam: afastar-se, sumir. Como me arrependo de não tê-la deixado morrer, enquanto ainda era Thaís. Teria sido o mais lógico a ser feito. Jan teria se desvencilhado de sua imagem e não a procurado anos depois. – Otávio foi cruel.

Kara ouviu seu rancor e arrependimento. E esperou por mais antes de falar o que pretendia.

- Por que você está vivendo com Ariel? – inquireu Otávio.

– Não estou vivendo com Ariel, estou habitando o *Château* porque me tornei sua campeã, não sabia? – perguntou Kara,afiada.

– De fato, até os macacos descem das árvores. Então, um ano... Faltapouco para que deixe o Château. Quando soube da quebra do Pacto, me perguntei silenciosamente se você não seria a responsável.

– Você agora está sendo ridículo. – Kara tentou abrir a porta, mas ele a impediu.

– Por que não julgá-la culpada quando nos trouxe tantas desgraças recentemente?

– É melhor que saia, Otávio. Eu não lhe devo sequer atenção.

– Graças a você, Jan Kmam foi queimado vivo por duas vezes! – revelou Otávio, revelou enfurecido. – Caso não se lembre, ele estava naquela maldita Caixa para livrar sua cabeça do machado. Até agora, é difícil acreditar que isso seja verdade. A única coisa que desejo é fazê-la em pedaços. Ele está morto por sua culpa!

– Jan fez uma escolha, eu tentei impedir, do mesmo modo que salvei seu pescoço. – Kara revidou e o viu mais afrontado que antes. Afinal, era humilhante para ele o fato de ter sido salvo por ela. Mas ela precisava se defender de sua ira.

– Não ouse lembrar-me disso – ameaçou Otávio.

– Por que não, já que entra nos meus aposentos somente para me ferir com seus insultos? Se não aguenta a brincadeira, não entre nela. Amo Jan Kmam, sempre amarei, mas jamais o dominei. Ele sempre foi livre para fazer suas escolhas. E escolheu tomar para si meus crimes. – A vampira o avisou com pouca ou nenhuma paciência.

– E como agradece o sacrifício de Jan Kmam? Tornando-se a amante do rei?

– Pese bem suas acusações, Otávio. Elas podem lhe custar a cabeça ou a língua.

– Mas não são minhas palavras, Kara. É o que se fala em todo mundo vampírico e fora dele também: que se tornou a amante do rei.

– E é fácil para você se juntar ao eco dessas mentiras sórdidas, mesmo conhecendo o amor que sempre demonstrei por Jan, não?

– Sim! – Ele reagiu como todos os que são apanhados em falha.

– Você não passa de um covarde. Nunca mudou, continua à sombra de Ariel, sempre com medo de perder. De ficar sozinho na eternidade com suas lembranças.

A voz de Kara mudou por um minuto e Otávio recuou e a fitou confuso. Aquela voz... Ele a conhecia de algum lugar.

– Há muito tempo uma vampira pretendeu o trono. Seu império durou, é verdade, mas sua cabeça rolou no final.

– Sim, você cortou a cabeça de Afrodite. E, desde então, você tenta esquecer que a matou, que a amou. Diga-me, Otávio: você contou a Ariel que segurou o machado?

– Isso não é de sua conta. Quem lhe contou? – Otávio reagiu e parecia assustado.

– Digamos que foi uma testemunha ocular.

– Maldita! Fale! – Ele puxou a espada e apontou-a para o pescoço de Kara.

– Não deveria pegar um machado? – ironizou a vampira.

Afrodite estava mais forte e, com a dor da perda, ela havia conseguido mais espaço. Ela agora conseguia influenciar Kara e fazê-la dizer o que queria sem que ela notasse. Aquela não foi a primeira vez que assumiu o controle. Um pouco antes, fizera a vampira atacar o rei. Kara sentia-se culpada e confusa, ao ver Ariel retirar a adaga que cravou em seu ombro. Mas não conseguia evitar que ela assumisse o controle, sequer sabia que algo a dominava lentamente.

– Vagabunda!

Otávio avançou, mas Kara o desarmou com as mãos limpas e o jogou sobre a mesinha junto à parede. Nesse momento, Ariel e Asti entraram pela porta, temendo pelo pior.

– Cansei de seus insultos, Otávio. Se ousar me afrontar novamente, eu corto sua cabeça. Jan Kmam está morto e nada mais vai segurar minha espada contra você.

– Kara, por favor – pediu Asti, aproximando-se de Otávio, que ficou de pé, sozinho.

– Não me peça para poupar seu algoz. Como uma vampira tão poderosa como você, Asti, se submete a isso? – perguntou Kara, fitando Otávio com asco.

– Kara, já chega.

– Não, não chega. Otávio a trata como lixo! E você suporta em nome do quê? Amor? Ele deveria rastejar aos seus pés, e não ao contrário. Já passou dos 100 anos há muito tempo. Quanto mais vai suportar suas traições sem lhe dar o troco?

– Não seja o juiz e o carrasco.

Ariel pediu, tentando acalmar os ânimos. Afinal, a vampira não andava nos seus melhores dias. O que conhecia como família e amor estava caindo aos pedaços diante de seus olhos, e ele sofria.

– Diga isso ao seu irmão. Se fosse por sua vontade, eu seria posta a ferros e queimada numa cruz.

Asti olhou Ariel e se perguntou se ele teria revelado a ela sobre Rosa Maria, afinal por que motivo ela falaria tal coisa? O rei ignorou suas palavras e nada disse. No fim percebeu que era doloroso saber que todos conheciam a verdade e que esperavam que ela reagisse. Sua existência como vampira e o amor que sentia por Otávio precisavam ser repensados. Mas não foram as observações de Kara que a fizeram pensar. Há vários anos, ela refletia sobre sua posição dentro do mundo que chamava de amor. Muitas coisas haviam mudado, mas outras tantas ainda precisavam ser repensadas. Desde que a vampira havia descoberto alguns fatos do

passado de Otávio, sentiu-se mudar. Seu riso seguro era um disfarce. Otávio levantou-se do chão e esperou que ela terminasse.

– Ele não é melhor que nenhum de nós para ter tanto poder – disse Ariel.

– Roubou-me Jan Kmam por séculos e agora incita minha amante contra mim? – reclamou Otávio.

– Kara jamais me influenciou. Posso pensar por mim mesma, Otávio – defendeu-se Asti.

Otávio percebeu que tinha ido além, mas nada falou. Ele estava tentando em vão mudar para manter Asti ao seu lado. Mas isso se mostrava cada vez mais difícil.

– Eu nada lhe roubei. Jan Kmam veio para meus braços por amor e permaneceu em minha cama pelo mesmo motivo. Você é mais tolo do que supunha. Asti não precisa ser incitada, ela sabe bem quem você é, Otávio.

– Ela pelo menos é uma vampira. E você? – Otávio despejava sobre Kara todo o seu ressentimento.

– Já chega! Estou farta de ser acusada sem motivos.

– Otávio, ordeno que saia imediatamente! – Ariel tentou de maneira pacífica.

– Esta conversa se faz necessária. – insistiu Otávio, enfrentando o olhar gelado da vampira.

– Conversa? Desde que aqui entrou só tem me acusado e insultado. E, para seu conhecimento, tenho um rei. Se não está satisfeito, queixe-se a ele. – Kara reagia, voltava à velha forma.

– Ela está certa, se tem algo a dizer, dirija-se a mim. – Ariel falou sincero.

Kara o olhou vitoriosa e debochada como Ariel jamais a havia visto ser, mas a dor e a solidão ensinavam muitas coisas, e Kara estava aprendendo do modo mais difícil.

– Isso dói mais que ser a pupila de seu filho, Otávio? Espero que sim, pois muito do que aconteceu foi por sua culpa.

– Criatura insolente!

– Otávio, já chega. Kara está sofrendo tanto quanto nós. Paz, por favor. – pediu Asti, próxima a ele.

Otávio avançou e conheceu a carícia da espada de Kara. O risco de sangue apareceu e sumiu na altura de seu ombro. Foi muito rápido, mas Asti viu a lâmina cortá-lo num aviso para manter-se longe. Anos atrás, ele a ferira e humilhara num combate “amistoso”. Naqueles dias, ela era aprendiz na arte da esgrima. Agora, madura, estava pronta para lidar com ele.

Ariel os afastou e ficou ao lado de Kara. Otávio gargalhou, amargo, e compreendeu que a situação realmente beirava o desastre. Ele a defenderia de quem quer que fosse, e quem ousasse seria punido com a morte.

– Bater-se comigo é bastante tolo.

– Você pode se surpreender, Otávio. – assegurou Kara, cheia de coragem.

– Não haverá combates! – avisou Ariel e desarmou Kara, que permitiu pacificamente.

– Não vim aqui para lhe dar outra surra, menina. – cuspiu Otávio, aborrecido.

– O que quer de mim, afinal? Que eu morra para satisfazer seu ego e alimentar seu ódio porque mais uma vez Jan Kmam morreu e eu sobrevivi? – perguntou Kara, amarga.

– Sabe o que desejo, apenas faça e logo. – Otávio foi bastante direto.

– Do que se trata, Otávio? – perguntou Ariel, desconfiando do que seria.

– Não existe nada para ser dito. Estou de luto, meu amante e mestre está morto há um mês. Não me trate como uma cortesã em busca de um novo protetor.

Não preciso de ninguém para cortar sua cabeça, eu mesma o farei. – perguntou Kara, com convicção.

– O pior mentiroso é aquele que mente para si mesmo. – gargalhou Otávio, vitorioso, sem ligar para sua ameaça.

– Mas o que devo dizer a seu irmão, o rei?

Kara argumentou infeliz, percebendo que nunca contara com o respeito daquele que gerou o vampiro que amava. Constatou a face de Ariel irritada com aquela conversa. Afinal, Otávio queria controlá-lo? Era isso?

– Diga a ele de uma vez que sempre vai amar seu mestre, mesmo morto, e que nunca cederá a ele. – disse Otávio ao rei, fitando Ariel nos olhos. Ele havia perdido a noção, mas falava como se despachasse ordens.

– Que direito tem para exigir isso dela? Perdeu a razão?

– Ariel conhece a verdade, não preciso dizer nada a ele. Vai tratá-lo como se fosse seu filho também e defendê-lo de “Kara, a bruxa má”? – disse Kara, em tom irônico.

– Ainda sou o rei e não preciso que ninguém me diga o que fazer. Esta conversa já excedeu seu limite! Foi longe demais em seus ciúmes, Otávio. Saia imediatamente.

– Não o vejo capaz de tanto, quando há uma vampira em jogo. Da última vez que amou, quase perdeu a sanidade. Se o fizer sofrer, vai me enfrentar, Kara. E ninguém vai conseguir proteger você de minha ira.

– Basta de ofensas. Saia, Otávio!

Kara deu as costas a todos e deixou o quarto. Não suportava mais o jogo de Otávio. Ariel era o rei, respeitava-o. Temendo um confronto, retirou-se. Não entraria para a história do mundo vampírico como a vampira que matou o irmão do rei e seu favorito, mas também não deixaria que ele a pressionasse ou insultasse. Haveria retorno imediato.

Capítulo 33 - Adormecido, Mas Ainda Vivo

Radamés apareceu dentro da câmara e observou Mercúrio. O vampiro vigiava a entrada dia e noite, só descansava quando ele retornava. Ele tinha uma carga preciosa em seu poder. Quando o sentiu, curvou-se e deu-lhe passagem. Radamés andou pelo corredor iluminado por tochas e entrou na câmara pequena. Aproximou-se da pedra elevada do solo e observou o corpo coberto pelo manto de linho. Descobriu-o parcialmente e revelou a face de Jan Kmam.

Pensou na emoção que Kara sentiria ao vê-lo depois de tanto tempo. Ele estava adormecido há quase dois anos e, há um mês, fora dado como morto. A visão de seu amado mestre certamente encheria seu coração de alegria. O vampiro dormia com a mão fechada sobre o relicário. Seus cabelos estavam soltos em volta dos ombros, um pouco maiores. Por efeito do sono vampírico prolongado e de suas novas habilidades, não havia emagrecido nem tampouco adquirira aspecto cadavérico. Apenas dormia placidamente.

Estava dentro da tumba de Radamés. Ele jamais abandonou aquele lugar totalmente. Era ali que sua múmia repousava, o local para onde sua alma retornava todas as manhãs. O lugar estava limpo e era cuidado por Mercúrio havia quase dois séculos. Radamés o guiou até sua tumba e fez dele seu guardião. O vampiro preservou seus restos mortais no sarcófago, baniu as cobras e se livrou das ossadas dos ladrões. No fim, o local se tornou habitável, pelo menos para ambos. Após a invasão dos soldados de Napoleão, Ariel considerou a tumba perdida, soterrada, e Radamés preferiu não revelar a verdade. Ele também precisava de um pouco de paz.

Foi por ele que o Pacificador, que protegia a Caixa de Jan Kmam, clamou. Não havia mais para quem apelar. Vigiar um sentenciado era um trabalho solitário

e sigiloso. Tentou, por várias vezes, tocar a mente do rei e do Livro, mas sem sucesso: algo o impedia. Uma força invisível e agressiva o empurrava de volta ao cativeiro. Ele não podia imaginar que a cela onde fora confinado tinha sido selada com magia. Mênon instruiu Petrus. Só não contavam com Radamés. Ele havia sido o primeiro líder da Ordem e se tornara uma espécie de guia e exemplo a ser seguido pelos jovens vampiros. Conhecia o local de repouso de todos os sentenciados e foi em socorro de Jan Kmam, mas não podia salvar o Pacificadores sem que colocasse a vida do favorito do rei em perigo. Ele aguentou a tortura até que Radamés substituísse a Caixa de Jan Kmam por outra contendo somente uma velha múmia. Eles roubaram uma mentira. Não podiam abrir a Caixa porque se esqueceram de pedir a chave ao Pacificadores, e, como eles queimaram seus restos, nada ficou. O tempo todo eles negociaram com uma mentira.

Mercúrio e Radamés levaram a Caixa para o Egito. Sua tumba, naqueles dias, era o lugar mais seguro que conhecia. Ele abriu a Caixa e libertou Jan Kmam de seu castigo. Em breve, todos precisariam de sua espada e força.

Pôde sentir sua tristeza, o modo como deixou o Jardim em definitivo, influenciado pelas calúnias de Ordália. O que o intrigava era ele não despertar, pois estava livre há mais de um mês; porém não fizera nesse tempo um movimento sequer. Era como se desejasse permanecer adormecido para não mais sofrer com a dor da suposta traição de sua amante. O estranho era que, anos antes, ele manteve uma relação longe do conhecimento de Kara. O ciúme era algo muito perigoso para o coração de um vampiro. Fitou-o e se lembrou dele mesmo, e da paixão arrebatadora que nutrira como o mais puro dos frutos por uma vampira chamada Afrodite.

O vampiro ali adormecido sofria em vão. Kara não o havia traído e, mesmo que ela desejasse ir para a cama do rei, seria uma escolha somente sua. De certo modo, Kara tinha o direito de desejar quem quisesse. E não duvidava de que, em algum momento, ela se rendesse ao desejo que sentia por Ariel. Era tão óbvio... Ainda não era o amor, nem a paixão arrebatadora, que ela sentia por Jan Kmam, os

laços do amor imortal que os uniam eram fortes. Era desejo puro e simples por uma criatura tão poderosa quanto ela mesma. E que ela evitava ser.

O sono de Jan Kmam era um enigma para Kara decifrar. Talvez diante de sua presença ele despertasse. Ou com um beijo seu. Radamés sorriu, sabia da mística que envolvia certos amores. Sua alma estava intacta, mas longe de tudo e de todos, adormecida, presa a seu corpo imortal. Talvez ele soubesse o momento certo de despertar, não restava muito a fazer que não fosse esperar. Cobriu-o novamente e saiu da câmara. Então buscou olhar seus mapas. Marcou linhas e viu que haveria um período de relativa paz e muita tristeza no coração de muitos, fossem lobos ou vampiros. Depois disso, haveria guerra, morte e dor. A vitória ainda era incerta, pois somente as decisões de cada um mudariam seus destinos. De qualquer modo, era hora de procurar o rei.

Capítulo 34 - O Presente e o Passado

Dois anos depois

Kara estava parada diante da janela há quase uma hora. A brisa da noite tocava seu rosto, balançava seus cabelos. A pele estava marmórea, os lábios, apesar de encantadores e cheios, jaziam pálidos, quase cianóticos. Vinha se alimentando muito pouco naquele último mês. Faltava-lhe estímulo.

Ela estava completamente imóvel. O criado entrou, mas Kara não manifestou nenhum interesse em sua presença. Ele trouxe consigo um jarro de prata, que estava cheio de água quente, uma garrafa de sangue, um cálice de cristal. Aquilo era obra do rei. Dentro em pouco, apareceria, certamente para dividir com ela o primeiro sangue da noite.

Tudo fazia parte de uma repetição de ações e noites que pareciam jamais acabar. A vampira não tocou em nada, seu mundo estava além da janela. Os olhos escuros pareciam enormes, absorviam o jardim e, além das copas das árvores, as luzes distantes de Paris. Mas evitava a garrafa de sangue que lhe traziam. O líquido tinha um sabor diferente, deixava-a lânguida em demasia. Talvez ele a drogasse, quem sabe? Temia vê-la morta quando tudo o que ela desejava era morrer.

Geralmente, saía da proteção do caixão e buscava a janela do quarto luxuoso, de onde fitava o mundo silenciosamente. Às vezes, os dedos tocavam o parapeito de mármore, o vidro. Era como se desejasse ardentemente saltar e fugir. Mas, simplesmente, continuava mirando o vazio, a escuridão da noite. Às vezes, de pé como agora; outras, sentada na poltrona próxima ou, ainda, andando de um lado para o outro de forma lenta, sem pressa. A mente longe, muito longe, em momentos de amor e paixão vividos ao lado de Jan Kmam.

Sua beleza refletia-se no vidro, o desenho do rosto, a cabeleira negra e cacheada estava solta, caindo-lhe em ondas sobre o lindo roupão de seda. Estava descalça, segurava o dedo anelar e sua aliança. Por fim, suspirou entediada e melancólica. Afastou-se da janela, andou pelo quarto, sentindo-se deslocada. Habitava-o, mas não fazia parte dele. A penteadeira estava adornada por perfumes finos, caixas de joias, escovas com cabo de prata.

– Tudo que qualquer vampira em minha posição poderia desejar...

Kara murmurou para si mesma, caminhando pelo quarto devagar. Fitou as rosas brancas no vaso de porcelana e suspirou magoada, amarga, como se um rio de lágrimas corresse por seu peito. O roupão de seda arrastava-se no chão a cada passo seu e as rosas brancas nele bordadas pareciam cintilar e afirmar algo silenciosamente. Ela pertencia a ele, pois era digna dele.

Estava lindíssima, como se sua beleza somente aumentasse a cada quarto de luar. Parou diante da porta do quarto de vestir e, por fim, resolveu trocar-se. Ariel não iria demorar a cobrar sua presença. Abotoava o borzeguim quando ele entrou nos aposentos sem bater, como de hábito.

– Por um momento, acreditei que me privaria de sua presença por mais uma noite, Kara.

– Isso é impossível, majestade. Nos últimos dois anos, tornou-se minha sombra – respondeu a vampira, puxando a perna da calça sobre o cano da botinha.

– De mau humor? – quis saber Ariel assim que ouviu o título de soberano em sua fala.

– Não, majestade. – continuou ela, tentando se manter firme.

– Estamos sozinhos – começou Ariel, falando suavemente. – Então, por que me chama de majestade? Sabe que eu detesto...

– Força do hábito. É mais forte do que eu – disse Kara, simplesmente, com os olhos muito negros fixos nos seus.

– Eu fechei a porta. Estamos a sós – avisou Ariel, num murmúrio doce, enquanto se aproximava de Kara.

A vampira lhe deu as costas e recuou. Algo que não passou despercebido ao rei.

– A sós, pode me chamar de Ariel. – insistiu, percebendo sua palidez. Quando entrou no quarto, viu a garrafa intocada. Ela se alimentava muito pouco e se arriscava demais em sua cruzada. Kara ainda buscava os traidores e, ao longo de dois anos, havia matado muitos deles. Menos quem desejava. Samael e Mênnon quebraram o Pacto, mas não conseguiram despertar Íris. O selo estava muito bem protegido e, se dependesse do mundo vampírico, eles jamais o tocariam.

– Precisa se alimentar, minha querida.

– Sim, em alguns minutos. – garantiu Kara, sem muito entusiasmo.

– Senti sua ausência esta manhã – murmurou Ariel, saudoso.

– Togo avisou-me de seu compromisso. Além disso, sabe que gosto de dormir sozinha – justificou-se, andando pelo quarto enquanto guardava as roupas que não vestiria.

– Os assuntos do reino tomam tempo. Mas sei que compreende que nem sempre poderei estar a seu lado, algo que realmente me entristece – ele sofria; Kara nem tanto.

– Não há necessidade de explicar-se, compreendo sua posição e seus afazeres: é o rei. Acho que jamais lhe cobre nada.

– Sim, não pede, não cobra. Às vezes é como se não estivesse ao meu lado.

– Faz um ano que sou sua amante, Ariel, mas jamais vou roubá-lo de seus afazeres. Não se esqueça de nosso acordo.

– É a mais compreensiva das vampiras, mas eu anseio por sua companhia a cada segundo, e o reino é algo tedioso e cruel, minha rosa branca. Desculpe-me, sei que não gosta desse apelido.

– Sou uma vampira, não uma rosa.

– É uma deusa. E não dormir ao seu lado é uma grande tortura. Sabe o quanto a amo e desejo?

Ariel lamentou rouco e acariciou sua face delicada. Os olhos de esmeralda estavam mergulhados dentro do negrume do olhar de Kara. E tudo o que desejava era sentir a rendição da vampira. Ao buscar seus lábios em um beijo cáldo, apaixonado, sentiu Kara retribuir. A enlaçou, as mãos em sua cintura. Quando ele se afastou, ela se deixou ficar em seus braços. O rei acariciou seus cabelos e, com beijos suaves, buscou sua garganta. Ele vivia em uma espécie de sonho. Mas, ao ouvir o coração da vampira bater agoniado, aflito, apenas beijou-lhe a carne delicada.

– Somos esperados na sala de visitas. – murmurou Ariel, olhando a vampira com carinho.

– Não quero me expor. – murmurou junto ao seu ouvido e fechou os olhos aproveitando o contato de seu peito e abraço.

– Alguns já conhece, outros ainda não. São o que de melhor existe dentro dos Cinco Poderes, a eles confio minha segurança – explicava o rei, sussurrante, roubando-lhe pequenos beijos.

– Estou um pouco velha para brincar de estátua, e os bastidores do poder não me seduzem. Não irei. – Kara foi bastante direta.

– Você é a vampira que escolhi para compartilhar comigo a eternidade.

– Sou a viúva de seu favorito, sua campeã e sua amante, Ariel. É diferente – disse Kara, secamente.

– É a vampira que amo. E quem ousar insultá-la encontrará a morte – afirmou, corrigindo-a, e sua voz assumiu um tom imperioso e baixo. Os olhos verdes dentro dos dela.

– Vamos deixar as coisas como estão. Assim, evitamos problemas e falatórios.
– disse conciliatória.

– Do que tem medo?

– Minha lista está bem reduzida após oito anos de vida imortal. Sei o que todos pensam a meu respeito, o que falam às nossas costas. E sei do que Otávio me chama.

– Basta! – Ariel objetou furioso não com ela, mas com sua frieza.

Kara se afastou dele de imediato e deslizou as mãos pelos cachos; às vezes, ficava confusa ao seu lado, tensa. O pescoço doía, sentia a vista escura como se fosse desfalecer. Precisava sair um pouco ou sufocaria.

– Quando Jan Kmam acreditou que nós dois o houvéssemos traído, deixou suas intenções bem claras. Infelizmente, ele se foi sem conhecer a verdade. Hoje, nós dois estamos vivendo em outra realidade, e do melhor modo possível. Não há crime diante dos Poderes. Por que deveríamos nos envergonhar? – Ariel estava aborrecido, não queria sentir-se como um menino que roubava doces escondido.

– Não, não há nada de que possamos nos envergonhar, mas os outros acham que sim.

– Que se danem! – desabafou o rei, farto.

– Chega, Ariel – pediu Kara, em tom manso.

– Está certa, chega. Devemos enterrar nosso passado, ou ele se tornará imortal. Sinto trazer-lhe recordações, mas, quando teme comentários e parece envergonhada, faz-me crer que existe culpa. – Ariel sabia manter as coisas a seu favor.

– Não existe culpa. Tento apenas evitar falatórios, não tenho vocação para Afrodite, como me chamam.

– Você não é ela. Ela era cruel, má fria. Você é doce e bondosa... – beija-lhe os dedos. – Vou apenas fingir que não ouvi sua última frase, Kara – disse Ariel,

agastado. – Eu a amo, você está ao meu lado e assim permanecerá.

– O tempo que quiser, afinal sou livre para ir e vir, não é mesmo, Ariel? – disse Kara, fazendo o rei compreender que ela poderia ir embora a qualquer momento.

– Sim, Kara. Você é livre. – confirmou com os olhos brilhando, misteriosos.

– Apresse-se, Ariel. Eles o esperam. – disse Kara, dispensando-o.

– Estarei na sala de visitas, caso queira me dar o prazer de sua companhia. – informou Ariel insistente, e beijou sua mão, saindo do quarto bastante pensativo.

O coração de Kara sangrava a cada batida, a dor que ela sentia era física e a abatia pouco a pouco. Pegou sua moto e saiu em alta velocidade. Em Paris, apenas fitava o antigo apartamento à distância, não ousava mais entrar num mundo cheio de fantasmas.

Todas as noites, tentava de algum modo conformar-se com o rumo que sua vida imortal tomara nos últimos anos. A vingança era a única coisa que a movia. Parou por um momento e olhou a cidade à sua volta, e quase ansiou ver as ladeiras de São Luís, as luzes, o cheiro do Rio São Francisco. Lembrou-se do som, das cores, do mar. De uma vida que não lhe pertencia mais.

A cidade e as pessoas pareciam não existir. Só havia seu coração batendo vigorosamente, a solidão de sua existência, a ausência constante da presença de Jan Kmam. Quando, finalmente, parou e viu o Sena, ouviu seu murmúrio, os barcos iluminados passando com turistas. Na outra margem, a *Île de la Cité*. Vendo-se sozinha e despercebida pelos mortais, saltou de uma margem à outra. Pouco depois, caminhava na *Rue des Ursins*, uma rua de aspecto medieval, sombrio. O adiantado da hora deixara a rua deserta e favoreceu Kara, que era a imagem de um espectro. Os cabelos muito longos soltos, a face pálida marcada por lágrimas de sangue, a roupa negra, o casaco longo, o brilho da espada que surgia vez ou outra sobre o forro de seda. Pouco depois, estava diante do marco zero de Paris. Fitou o chão da *Place du Parvis* e viu a placa de bronze; logo acima, as torres.

Aproximou-se da catedral, subiu alguns degraus e sumiu. Estava oculta junto à parede, que já escalava sem dificuldade. Era uma sombra ágil se movendo, dividindo espaço com as gárgulas. Quando chegou ao alto da torre de *Notre-Dame*, suspirou tristemente. Tocava o edifício e sentia o vento frio sacudir seus cabelos. A cidade estava envolta em escuridão, e Kara a fitava a 68 metros de altura. Abaixo de suas botinhas, as luzes eram pontinhos iluminando a cidade. A lua à noite morria aos poucos.

Segurava o dedo onde a aliança repousava e se lembrou da voz de Jan Kmam aos seus ouvidos, o modo como a abraçava, seu sorriso gostoso... Até mesmo das brigas ela tinha saudade. Após a morte de Jan Kmam, a situação se tornou insustentável dentro do *Château*. Kara fez as malas e ia partir. Não suportava mais as indiretas de Otávio, suas críticas e ofensas. Mas foi impedida por Bruce de ir embora.

– Ele não tem o direito de insultá-la! Você, mais do que ninguém, queria que Jan Kmam estivesse vivo. Se alguém deve sair é ele. Não percebe que ele a quer longe do *Château*? Ele a teme mais do que tudo.

– Apenas me prometa que não vai se envolver caso escute algo a meu respeito – pediu Kara; afinal, Bruce, ao defender a vampira, conseguiu a inimizade de Otávio.

Duas batidas na porta os interromperam. Era Asti, ela queria falar com Kara a sós, e Bruce se retirou. Ainda de pé, a vampira abraçou Kara, que retribuiu o gesto.

– Tentei lhe falar antes, mas precisava pensar com calma e escolher o que fosse o melhor para todos. Eu vou deixar Otávio.

– Asti, eu fui muito dura. – Kara tentou corrigir suas palavras, tendo em vista que a vampira a surpreendeu.

– Não foram suas palavras, Kara. Há tempos sentia esta tristeza, e ela só vem crescendo dentro do meu peito. Séculos antes, Otávio era um vampiro bem diferente. Meu herói, o ser magnífico que me salvou de algo terrível. Amei-o com

meu coração de mortal e, aos poucos, a vampira dominou. Mas ela ainda se rendia com submissão. Após a Arena, eu me decepcionei muito com ele. As palavras duras que lhe me disse, sua ingratidão, tudo isso foi demais até mesmo para um vampiro. Desde então, venho buscando motivos para ficar. O amor é o maior deles, mas não é o suficiente.

– Tem certeza disso?

– Sim. Mas não poderia partir sem lhe dizer algo.

Kara ouviu a vampira narrar sobre a amante de Jan Kmam e como toda a questão fora contornada para proteger ambos.

– Por que está me dizendo essas coisas, Asti?

– Hoje, faz um ano que Jan Kmam morreu, e a tenho visto mergulhada em dor e tristeza. Não desaprovo sua vingança, mate-os, por todos nós que o amávamos. Mas viva. Jan Kmam jamais aprovaria tal existência.

– Antes de a Caixa ser roubada, ele havia terminado comigo.

Sentadas na cama, elas trocaram revelações e, no fim, compreenderam que, depois de tantos percalços, o que ficou para elas foi a amizade que desenvolveram apesar de tudo. Asti lamentou que Jan houvesse morrido acreditando que ela o havia traído. Contudo, ela também deixou claro que o rei a amava e que foram, num passado não muito distante, amantes.

– Poucos dividiram com Ariel este segredo, eu fui uma das confidentes. Torci por ele, mesmo sabendo que o destino é algo maior e mais forte que todos nós, brincando, jogando com nossas almas. Imaginei que ele sofreria depois de tanta alegria e amor. É comum amarmos em demasia e, logo depois, sofrermos o equivalente.

Asti refletia, ao mesmo tempo que fitava Kara sentada ao seu lado, ouvindo-a com atenção.

– Mas a noto pouco surpresa. – disse Asti.

– Ele me contou quando estive a sua presença, por algum motivo ele não conseguiu apagar minhas lembranças.

– Ele me escrevia longas cartas, endereçando-as a uma amiga em comum, Isadora. Geralmente, saía com a desculpa de visitá-la e lá, lia as cartas de meu amigo Ariel. Isadora jamais as violou ou perguntou de quem eram. Fiquei muito feliz em saber que sua loucura foi passageira – comentou Asti risonha. – Mas o que quero dizer é que não deve desprezar um amor sincero. Tome, leia e pense em seu futuro e no amor.

Elas se despediram num abraço emocionado, Asti não revelou para onde ia, apenas disse que precisava, como ela, crescer um pouco mais. Após a partida da vampira, Kara permaneceu no quarto com o envelope antigo nas mãos. Buscou assento e leu a carta.

Querida amiga,

O amor me acredita capaz de suportá-lo em sua maior expressão de força. Viver com R. M., sabe de quem falo, é maravilhoso. Nunca estive tão feliz e acredito que ela partilhe comigo do mesmo sentimento. Temos noites silenciosas e cheias de sons. Repletas de algo que o mundo conhece em pequenas porções, enquanto nós bebemos em taça cheia. Quisera poder lhe descrever o prazer que sinto em seus braços, perdido nos cachos negros e sedosos que usa como cadeias para me manter seu escravo.

Dou-lhe vestidos para ter motivo de despi-la e mantê-la em meu leito. Mas, dentro desse carrossel de paixão, tenho momentos de grande tristeza. Tenho e possuo novamente a vampira de outro. Mandei que Lucien a transportasse para a tela. Os quadros estão ocultos, somente eu os contemplo, extasiado por uma pérola que roubei de meu favorito. A culpa e o desejo me consomem em igual porção. E pergunto-me: por que não a tive antes?

Gostaria que viesse a Veneza, mas sei que, se vier, Otávio estará ao seu lado e ele me condenará. Tê-la é inebriante, mas a possibilidade de perdê-la me

enlouquece lentamente. Peço que implore aos seus deuses que me permitam amar por mais tempo. A.S.

Kara deitou na cama e se perguntava por que sua alma tinha de permanecer irrequieta, enfeitiçando e condenando todos e a si mesma. Infeliz, chorou e, sem que percebesse, cochilou com a carta nas mãos.

Quando despertou, sentia uma enorme pressão sobre a garganta e não tinha ar nos pulmões. A face de Otávio estava sobre si; dentro de seus olhos escuros, só havia raiva e ódio. Ela tentou alcançar suas mãos e afastá-lo, mas estava amarrada à cama. Indefesa, debatia-se furiosamente, mas não conseguia afastá-lo. As mãos dele apertavam sua garganta de tal modo que havia perdido a voz, ia quebrar seu pescoço. O vaso de porcelana caiu no chão e se espatifou e a espada caiu no chão, ia cortar seu pescoço! Kara, sem alternativa, pediu por ajuda nos últimos minutos de consciência que lhe restavam e apagou.

Quando recobrou a consciência, viu Otávio contido por Bruce e Misha. Ariel desamarrava a vampira junto com Martan.

– O que estão fazendo? Soltem-me! Ela precisa morrer. – disse vendo a espada ser tirada de sua mão.

– Otávio, não quero crer que tenha perdido a lucidez. O que pretendia? Matar Kara? – questionou Ariel, percebendo o vampiro transtornado.

– Ela está em Kara, ela a possuiu de algum modo. – Otávio tentava explicar o que viu.

– Do que está falando? – perguntou Martan, vendo o pescoço de Kara roxo.

– Afrodite a possuiu, está com ela.

Kara tentava falar, mas havia perdido a voz e a carne se recuperava lentamente. Se fosse mortal estaria morta certamente. Mas não compreendia o que o vampiro avisava. Estava tonta e sentindo o corpo dolorido. Martan viu-a sangrar pelo nariz com preocupação.

– Por Thoth! O que lhe fez? – interrogou Ariel, pondo um lenço sobre a face suja da vampira.

– Acredite em minhas palavras, Ariel. Afrodite a rodeia, ela me insultou e provocou. Apenas ponha um espelho contra sua face e verá Afrodite!

– Está louco! – exclamou Bruce, percebendo um espelho de mão caído junto à cama.

– Faça! – pediu Otávio.

Ariel recolheu o espelho do chão e resolveu colocá-lo junto ao rosto de Kara, que contemplou sua face suja de sangue e ferida. Ela gemeu e a voz saiu rouca. Todos viram somente a face da vampira, nada mais. Afrodite, não muito longe, dentro do quarto em sua forma original, ria de Otávio. Ela havia conseguido afastá-lo e, melhor, desmoralizá-lo completamente.

– O que viu? Fale, Ariel?

– Sua loucura, e seu ciúme. – respondeu Ariel, sem saber o que fazer.

– Não estou louco. Essa vagabunda conseguiu um hospedeiro e não poderia ser alguém melhor que a campeã do rei.

– Dessa vez você passou dos limites, Otávio. – concluiu o rei.

Bruce e Ariel o seguravam, a espada foi afastada, enquanto Martan ajudava Kara a sair da cama. Ele ia começar a insultá-la novamente, mas Ariel usou seus poderes e o deixou desacordado. Um segundo depois, os Pacificadores apareceram e o levaram embora com ordens de prendê-lo. Bruce tocou a face da vampira e beijou sua testa; em seguida, os vampiros saíram e ela ficou a sós com o rei.

– Devo-lhe desculpas pelo comportamento de Otávio, sequer sei o que dizer. Nunca o vi tão transtornado. Não compreendo por que ele a atacou.

– Não sabe que dia é hoje, não é mesmo? – perguntou Kara.

Ariel refletiu um pouco e lembrou que, há um ano, numa noite não muito diferente daquela eles haviam perdido Jan Kmam. Compreendeu por que Kara

havia se recolhido ao seu mundo. Lamentava a perda do amante. O ataque de Otávio, a partida de Asti, tudo ficou muito claro. Otávio não aguentou e a atacou, certamente responsabilizando-a mais uma vez por tudo.

– Sinto muito, Kara. Fomos todos muito insensíveis com a memória de um grande amigo e o meu favorito, isso foi imperdoável. – disse Ariel, segurando sua mão, e partindo.

O rei havia declarado luto quando se comprovou a morte de Jan Kmam e, naquela noite, o fez novamente. O luto entre eles consistia em recolhimento e silêncio. Uma homenagem ao imortal que havia partido. No jardim, mandou acender a pira e a deixou queimar até a noite seguinte, quando foi apagada. Otávio despediu-se de Ariel sem nada mais falar sobre Afrodite. Quando se abraçaram, Ariel recomendou que não procurasse Asti: ela precisava de tempo e ele também. O velho vampiro entrou em seu carro e partiu sem nada dizer a respeito, e Ariel sentiu certo alívio.

Kara estava livre, havia cumprido seu contrato de campeã do rei. Mas nem o rei nem Bruce, ou Martan a deixaram partir. Kara permaneceu no *Château*; afinal, não tinha para onde ir. Pois não conseguia entrar no apartamento. Havia uma estranha calma pairando sobre o mundo sobrenatural, o que prenunciava tempestades, mas ninguém sabia quando ela cairia. Restava viver na imortalidade o melhor possível.

Uma semana depois a noite já havia nascido há quase uma hora, e Kara permaneceu no quarto. Pelo visto, não ia descer, nem comer novamente. No último ano, ela se tornara uma vampira reclusa e quase muda. Ariel estava na porta do quarto, ele a chamou e não ouviu resposta. Preocupado, pegou a chave reserva que sempre levava consigo e abriu a porta. O quarto estava mergulhado em escuridão e, nela, só havia os soluços da vampira. Ariel ligou o abajur e se aproximou do leito. Kara chorava agarrada aos travesseiros de olhos fechado, tremia e, quando ele tocou seu ombro, ela se jogou em seus braços, buscando apoio, as mãos crispadas em seus ombros. O rei a acolheu e a abraçou, acariciou os cabelos e murmurou

palavras de carinho e apoio, tentando fazê-la conter o pranto. Aos poucos, ela se acalmou e o fitou a luz a sua volta. A face manchada de sangue, a tristeza em seu olhar era cortante.

– Tive um pesadelo e o quarto estava escuro. Tenho certeza de que deixei a luz acesa, mas, quando despertei, tudo estava escuro. Havia os sussurros...E não consegui...

Kara tentou explicar, sentindo a voz presa pela tristeza; todavia, temeu revelar seu segredo. Naquele momento, Ariel lembrou-se de ter apagado a luz ao deixar o quarto naquela manhã, quando foi verificar se tudo estava bem com ela. Esqueceu que ela temia o escuro. Só não entendi como ela que podia ver no escuro o temia tanto?

– O que escuta no escuro, Kara? – quis saber Ariel, atento a seus poderes, e tentando fazê-la esquecer de Jan Kmam.

– Vozes. Não sei o que dizem nem de quem são ao certo. – revelou, afastando-se dele e de seus carinhos.

– Vou ensinar você a não mais ouvi-las, prometo. Agora que tal sairmos um pouco? Jantar fora, andar pela cidade, nada de roupas de campeã. Apenas Kara a vampira, hum? – tocou seu rosto e por fim falou. – Fui convidado para uma exposição, acho um pouco de arte nos fara bem.

Ela assentiu e viu Ariel saiu do quarto.

Dois cálices de sangue e um banho morno a refizeram. Parecia menos spectral agora, mas ainda estava faminta. Precisava comer de verdade. Ariel estava no hall a esperando, quando ela apareceu no alto da escadaria ele prendeu a respiração. Ela parecia disposta a impressioná-lo, pois escolheu um vestido de veludo negro, justo, de mangas longas até os pulsos. O veludo só ressaltou a cintura fina, os quadris redondos, as pernas cobertas pela meia fina. Estava lindíssima. Deixou as botinhas de lado e calçou um sapato alto em estilo boneca coberto por pedras.

O carro os esperava na frente do *Château* e os levou para o centro de Paris. Minutos depois já buscavam alimento separadamente numa rua próxima ao Sena. Segundo Ariel eles estavam em segurança e não precisariam de suas espadas. Saciada, caminhou para as vias mais movimentadas, perto dos bares. Lá encontrou Ariel, havia se alimentado há poucos minutos. Sua vítima saiu caminhando, ele só tirara um pouco daquela vez. Passaram a andar, juntos e em silêncio, quando ele ofereceu-lhe o braço ela aceitou. Ele a guiou para um prédio iluminado e entraram na exposição a qual ele falara.

O ambiente claro e repleto de mortais não intimidou Ariel. Os humanos à sua volta só viam o que ele permitia. Os quadros eram bonitos, repletos de mistério, até mesmo sombrios. O traço era perfeito. A vampira admirava um deles quando Ariel trouxe até ela o pintor.

– Kara, quero que conheça Lucien, o artista.

O vampiro aparentava ter quarenta e cinco anos, tinha barba escura bem aparada, olhos castanhos claros, cabelos na altura dos ombros ondulados escuros. Pele clara, vestia uma malha negra, calças cor de chumbo e transpirava classe e elegância, mãos grandes, mas muito macias. E quando segurou a mão de Kara e, por um instante, ia beijar seus lábios, mas Ariel o conteve e ele beijou sua mão: eles estavam em público. Fora o choque, pois rever Rosa Maria lhe custou um pouco de compreensão. Kara sorriu de seu engano e apertou seus dedos levemente. Ariel notou e ficou feliz ao vê-la mais animada.

– Seus quadros são maravilhosos. Acho que conheço este de algum lugar. – Kara se referia a uma das telas. – Ele me é bastante familiar.

– Deve tê-lo visto com Bruce. Chama-se “Luar”, ele me emprestou para essa exposição. Pinte-o em 1798, ele se apaixonou pela tela e a comprou.

– Exatamente! Vi em seu ateliê. Os quadros dele são muito bons também, só não sei por que ele não expõe.

– Não quer se desfazer das telas, nem conviver com os fãs. – disse Lucien, fitando-a com admiração. – Tem pouca tolerância a ruídos. – comentou sorrindo para o rei discretamente.

– Não é perigoso expor uma tela tão antiga? – quis saber atenta ao seu olhar sobre ela.

– Eu não as dato, assim ainda tenho uma chance. Quando poderei ter o prazer de pintá-la? – ele quis saber tocando um dos cachos que despencavam sobre seus ombros. – Você deve ficar linda sobre veludo e seda. – comentou semicerrando os olhos para vê-la.

– Já fui retratada, mas agradeço o convite – disse ela amável e um tanto tímida com sua avaliação.

– Claro que foi! Bela como é, não poderia ser diferente, Renoir, Rafael, Gabriel Rosseti, certamente a teriam disputado comigo. Sua beleza é a temporal. – comentou tocando seu queixo levemente.

– Certamente não teria permitido. – disse Ariel com um riso misterioso nos lábios.

– Mas deixe-me tentar qualquer dia. – pediu ele, já se afastando para dar atenção a uma jornalista, mas não sem antes beijar sua mão.

– Ele é sempre assim? – a vampira quis saber.

– Só quando vê uma beleza digna de suas telas. Mas ele está certo Gabriel Rosseti, que era inglês, poeta, ilustrador, de origem italiana, e adorava poesia medieval, teria gostado de pintá-la. – Talvez se lembre de um dos seus quadros, a Proserpina, a deusa grega e romana, filha de Ceres, levada ao submundo por Plutão, o estilo é pré-raphaelita. – ele a olhou e voltou a falar. – Lucien está certo, você merece ser retratada novamente, como a bela guerreira que é. aceite, vai ser divertido. – disse misterioso. – Ficaria lindíssima vista pelos olhos de Lucien.

Ariel percebeu-a melancólica, talvez se lembrando das telas que fez para Jan Kmam.

– Tenho de lhe devolver suas telas. Pelo menos uma delas. – falou e a viu o fitar com certo cuidado.

– Não tenho onde guardá-las, deixe-as onde estão. – dizendo isso, afastou-se dele para olhar os outros quadros.

O rei notou o olhar das mulheres e de alguns homens sobre Kara e não os culpou, ela era linda e os dons da imortalidade faziam dela uma joia rara. O sangue recém sorvido a deixou mais humana, mas não menos misteriosa e bela.

Enquanto a observava trocou algumas palavras com dois mortais; mulheres interessadas em seduzi-lo, ele se desvencilhou das duas e voltou para o lado de Kara e se mostrou atento e amável. Ela notou que ele fugia de duas beldades que o olhavam com desejo. Seus cabelos ruivos, os modos finos, os olhos muito verdes, a voz envolvente era um convite irrecusável. Uma delas chegou mesmo a lhe passar um cartão, que ele guardou.

O passeio acabou quando o celular de Ariel tocou. Ele falou rapidamente com Togo, os Pacificadores localizaram alguns lobisomens bem perto, precisavam se resguardar. Estendeu a mão para Kara, despediram-se de Lucien e partiram. O Cadillac Escalade blindado já os esperava a frente do prédio. Afinal, saíram para um passeio, e não para lutar.

– Lamento muito Kara. – comentou o rei assim que entraram no veículo com bancos de couro.

– Está tudo bem.

O motorista, Arturo, e o guarda costas eram um Pacificadores da guarda pessoal de Ariel. Eles abriram a porta e observaram a rua antes de partirem.

– Você se divertiu?

– Sim, foi divertido. Há muito tempo não me vestia como mortal. – comentou ela sorrindo levemente e se recostou no banco para olhar além da janela.

Ariel falou ao telefone em, pelo menos, três línguas diferentes, até que desligou o celular. E apenas a observou de olhos semicerrados. O perfume dela estava no ar e ele o aspirou com prazer. Gostaria que ela estivesse mais perto, mas ela preferiu se isolar junto à janela, apoiava as mãos sobre o estofado. As pernas torneadas inclinadas de modo elegante. Desviou a vista quando ela o fitou. Afinal estava perdido na cor de seu batom.

Se perguntava se algo mudaria entre eles, agora que ela parecia menos triste. O mundo deles mudou muito. Após um ano da quebra do Pacto, os dois lados contavam os mortos e viam sua liberdade coibida cada noite. A Ouroboros tentava manter os ânimos calmos com punições, de modo a evitar incidentes no mundo mortal, mas algo sempre escapava.

Marie recuperou-se bem do sequestro, da presença de Mênon, mas, após uma visão, decidiu entregar o selo ao rei em segredo. Não viu motivos para continuar o defendendo. A Ordem de Hermes se desfizera, os últimos dois membros foram caçados e mortos por Samael e Mênon. Eles buscavam algo além do selo de sangue. O rei concordou e recebeu o selo das mãos de Marie, guardando-o em lugar seguro. O único membro da Ordem que restou foi sua líder, Joyce, mas era praticamente impossível tocá-la, havia se unido com Iago e dado à luz o herdeiro da Alcateia há um ano. Um lindo menino, pelo que Ariel soube. Darden e ele ainda se comunicavam e sonhavam com a restauração do Pacto.

Quando o carro parou dentro da garagem, o rei a ajudou a descer e caminhou ao seu lado e contou-lhe que precisava deliberar sobre alguns problemas e repassar certas decisões, escrever algumas cartas. Acreditou que ela se afastaria, mas ela o surpreendeu.

– Posso ir junto?

– Sim, seria um prazer. Apenas temo entediá-la com meus afazeres.

– Posso ler um livro, enquanto trabalha? – ela sugeriu, não queria ficar sozinha.

– Terá muitos a sua escolha.

Ariel se dirigiu para as câmaras e Kara o seguiu em silêncio. O rei percebeu a estranha calma que a tomou desde que chorou em seus braços e nada mais fez para impedi-la. Ela conhecia o caminho, mas o evitou por muito tempo. Ariel tirou o casaco, jogando-o sobre a cama e voltou a falar no celular. Dessa vez, parecia um pouco estressado.

– Togo, este é o segundo delito que ele comete. Seu crime pesa sobre nossas leis e meu poder. Quero-o morto. – foi incisivo. – Encontre Michael e o execute. Viveremos melhor sem ele.

Dizendo isso, desligou o celular e foi verificar seus e-mails. Olhou Kara com Ange nos braços e as achou lindas juntas. A vampira acariciava seu pelo sedoso com carinho e delicadeza. Satisfeito, sentou e começou a responder a algumas cartas à mão. Logo Ariel se cansou, a tarefa pareceu irritá-lo. A vampira soltou a gata no chão com delicadeza. O rei amassou algumas folhas e as jogou para a gata que correu para com elas brincar e percebeu o olhar da vampira sobre si.

– Quer ajuda? – perguntou ela se aproximando.

Os cabelos penderam quando ela apoiou a mão sobre a mesa. Ele ergueu a vista para fixar seu rosto próximo, os seios sob o vestido. Tê-la perto ainda era mais doloroso que observá-la a distância.

– Sabe escrever em francês?

– Sim – confirmou Kara, sentando-se à mesa.

– Perfeito – disse Ariel.

Kara esperou que o rei ditasse o que queria. Ao final da carta, passou-lhe o bloco para que verificasse. O rei leu, conferindo o texto; estava tudo certo. Ele elogiou sua caligrafia e resolveu prosseguir. Viu seu olhar curioso e fascinado diante do sinete real. Ele o tirou do cofre e depositou-o ao seu lado para que as fechasse. Nele, uma coroa e uma espada. A vampira o pegou e observou cada detalhe. Era bastante antigo.

– Tem dois mil anos de uso. – ele falou para esclarecer sua dúvida muda e a viu sorrir.

Durante algumas horas, eles apenas trabalharam juntos. Kara se lembrou das reformas das quais participou – as listas, os desenhos, os empregados – e sentiu saudades. O rei percebeu-a melancólica e resolveu perguntar sua opinião sobre dois casos, mostrou-lhe as provas e logo havia uma decisão. Para se sentir mais à vontade, ela tirou os sapatos e ele, a gravata, pois, até então, vestia um terno completo e negro. Kara não se importou quando a porta travou sozinha – a manhã havia chegado. O trabalho dera-lhe força e ânimo, a tirou do círculo de morte e caçada no qual vinha vivendo. Enquanto fechava as cartas e o ajudava, conversaram amigavelmente. E pensou em ter uma ocupação como Lucien, Bruce, Martan. A maioria deles tinha algo com que se ocupar na eternidade. Mesmo Jan gostava de suas rosas e ela o que tinha de seu? Nada. Pensou em ter um lugar para ela, onde pudesse voltar a restaurar peças e obras de arte, talvez trabalhar num museu. Seria possível?

O rei esperou que ela fizesse uma cena, quando a porta se trancou automaticamente, mas ela não fez. Estava completamente absorvida pelo trabalho e pensando com grande rapidez. Ariel ouviu grande parte de seus planos e resolveu que a ajudaria a realizar alguns deles. Ele possuía muitas obras de arte e algumas precisavam de atenção. Talvez ela pudesse cuidar de algumas delas. Pelo menos, ela não pensava mais em morrer e isso o deixou aliviado. Quando terminou, deixou tudo organizado sobre a mesa, e Ariel sorriu ao ver sua bagunça desfeita de modo tão rápido, Togo iria notar a diferença certamente.

– Se importa se usar sua banheira e um roupão?

– Você está em casa Kara. Fique à vontade.

Kara foi para o banheiro e lá mergulhou na banheira, onde ficou por alguns minutos pensando no conteúdo da carta que Asti havia lhe dado. No ataque de Otávio, nas palavras de Jan Kmam a acusando e a isentando de culpas e medos. O modo como tudo chegara ao fim. Ele alguma vez confiou nela? Entendeu seus

motivos em buscar o cargo de campeã? Bem, ele era um vampiro e...Vampiros são criaturas egoístas, em tese. – Percebeu-se sozinha e estranhamente calma.

Voltou ao quarto, vestida num dos roupões de seda, e o encontrou semi-iluminado. Ariel estava sentado e parecia esperá-la; segurava as mãos, fitava o anel de rubi de modo pensativo. Kara se aproximou dele e colocou a mão sobre as suas e quando ele a olhou, ela deslizou a língua sobre os lábios secos, umedecendo-os num gesto involuntário como se desejasse dizer algo, mas nada falou. Parecia uma estátua de mármore, os seios sob a seda como os da Vênus, os quadris redondos, as pernas roliças. A luz do abajur iluminava-a parcialmente, deixando-a misteriosa e sedutora. Os cachos negros cobriam parte do colo, um véu de escuridão sobre os ombros. Seu corpo ardia de desejo e fome. Sabia os olhos mudados, sua natureza de vampira a convidava à liberdade. Um convite irrecusável, mas silencioso.

Tudo estava diferente e ligeiramente igual. Poderia magoar e ser magoada. Nada importava quando se estava só, quando tudo o que se sentia era a fome dentro do coração e o desejo despertar os sentidos. A noite assemelhava-se ao mar. Ela precisava mergulhar, precisava se entregar e matar a fome. Silenciar o coração, apagar as lágrimas. Ela necessitava ser uma vampira.

Ariel a fitou na semiescuridão. Estava muito perto, dentro das sombras, esperando por seus movimentos, ciente de que ela o convidaria no momento certo. Seus olhares se encontraram. O negro e o verde. Tudo transpirava a desejo, a fome. Os cílios, a retina, os lábios se moveram e, quando os corpos se tocaram, o contato foi úmido e doce. Ela o beijou de olhos fechados, uma carícia suave e doce.

– O que está fazendo, Kara? – perguntou Ariel, num murmúrio rouco, fazendo um grande esforço para se controlar e não seguir com aquela loucura, quando ela afastou a boca da sua.

– O que lhe parece? – Kara devolveu-lhe a dúvida num sussurro.

– Vingança contra Otávio e Ordália, quem sabe...? – Ele a desejava, mas precisava saber o motivo ao qual ela se entregava.

– Este não é um ato de vingança, não busco nada mais que prazer. – explicou serena.

– Difícil acreditar quando existe tanto entre nós dois, Kara. – falou segurando suas mãos entre as dele.

– Compreendo sua dúvida – disse a campeã, afastando-se dele um passo.

– Espere – pediu Ariel, segurando delicadamente seu pulso.

– Sim, majestade. – ela voltou ao tom formal, afinal seu gesto fora recusado.

– Veio pagar sua dívida? Ela não existe mais, sabe disso – explicou Ariel, temendo magoá-la.

A vampira sorriu e tocou seu rosto. Depois, deslizou a mão por seus cachos vermelhos, inclinando a face junto à sua... Fazendo-o fechar os olhos, completamente tocado por seus gestos. A face de encontro a sua palma. Ela sentiu os pelos do queixo forte e mordeu o lábio suavemente.

– Existem muitos motivos para que esteja aqui. Um deles é minha curiosidade a seu respeito. Os outros são exigidos por minha natureza de vampira, que deseja quebrar os últimos vínculos com minha mortalidade, e os medos que ela me traz. – explicou vendo seus olhos verdes brilhando. – Quero deixar na sua cama a mortal e me levantar completamente vampira. – Enquanto falava, os lábios dela tocavam suavemente sua orelha num sussurro que arrepiava a pele de Ariel. – Além disso o desejo. – confessou beijando seu queixo.

Ariel a olhou, contendo-se ao máximo, mas estava no limite. Queria tomá-la nos braços e possuí-la, pois, temia estar sonhando. Todavia, ele resistia e buscava respostas, não queria sair ferido novamente. Ela já o havia frustrado demais, e por muito tempo. O desejo que sentia a qualquer momento poderia sufocá-lo numa onda devastadora, temia tocá-la com violência.

– Recusou-me por tanto tempo que é difícil acreditar que me deseje verdadeiramente. Temo que esteja me usando somente para apagar lembranças

antigas. Isso eu não vou suportar. Estou no meu limite, entende Kara? – Seu olhar estava morno e a voz era um murmúrio suave.

– Sim. Eu o estou usando para encontrar a vampira que existe dentro de mim...Quero sentir algo além de vazio, e já lhe disse, o desejo. E espero que não se importe...

– Não, eu não me importo. Faça o que desejar.

Ariel sussurrou junto à sua boca. A pressão da língua foi suave, mas, quando as mãos dela tocaram seus ombros, aumentou. Por algum tempo, somente os dedos, a boca, sons sem palavras, somente sons, que pareciam apenas aumentar o desejo, a ânsia. Ele a puxou e ela sentou em seu colo. Havia o contato de suas peles imortais. O anel de rubi passeava sobre a seda do roupão desvendando as curvas, mistérios e segredos, arrancando gemidos e gestos. Um animal selvagem que comandava e exigia rendição, assim a vampira se entregava.

Por um momento, ela afastou a boca da sua e esfregou o nariz no seu, em sua face, e o olhou por eternos minutos. Ele ousou tocar sua face e, quando o rubi cintilou, Kara o abraçou. Ariel apertou-a em seus braços e, por fim, puxando-a para o leito. A seda dos lençóis, os travesseiros, o brilho negro e acetinado os deixavam mais pálidos e espectrais como os deuses seriam. Ela lhe tocava o peito, o ventre... Mãos e unhas roçando sua pele... Ele se entregava a ela, deixando que conduzisse.

Kara não aceitaria diferente: comandaria o ato, não havia outro modo. Só ela o poderia dominar, fazê-lo tombar vencido. Ele a seguia dócil e pronto a agradá-la. Deitado, com os olhos fechados, ordenava-se ficar imóvel, mas era difícil. Os cachos o acariciavam, o olhar negro e faminto o hipnotizava. Ariel Simon a segurou e beijou, girando o corpo para tê-la sob si. O rei parecia pronto a dominar, mas a vampira não aceitou e reverteu o gesto, prendendo-o sob seu corpo e suas pernas.

Ele a fitou sobre si e sorriu, vencido; não iria aborrecê-la, não agora. Acariciou-lhe os seios e esperou seus gestos segurando-lhe a cintura estreita. Temia perdê-la mais do que qualquer coisa. Kara tocava sua boca, desenhando-a com a

ponta dos dedos delicados. A brincadeira tornou-se lenta, e Ariel estava pronto e abocanhou seu dedo o chupando. Ela percebeu que seu corpo reagia como o de um homem normal e isso a surpreendeu. Viu seu erguer de sobrancelhas interrogativo e sorriu de canto de boca. O silêncio entre eles era grandioso.

– Será como deseja. – ele garantiu e segurou pela cintura de modo firme e ficou sobre seu corpo. – Mas deixe-me apenas dar-lhe prazer... – pediu beijando sua boca e o colo.

A vampira segurava seus antebraços e assentiu com um balançar de cabeça. Ele beijou sua boca, o pescoço, o colo, nos seios se demorou com a língua, no ventre e quando lambeu abaixo de seu umbigo ela arqueou o corpo e segurou os lençóis soltando um gemido. Ele a segurou para que não fugisse de seu toque íntimo e beijou e lambeu.

Ela tocou seus ombros, e os cachos ruivos, enquanto se contorcia de prazer. E poucos minutos depois um gemido alto escapou de seus lábios sem que ela pudesse se conter, ou ao corpo que estremeceu de prazer. Ariel sorriu e ela o abraçou languida e o cobriu com seu corpo ele estava mais do que pronto a recebê-la. Ela o montou e logo tinha as mãos apoiadas sobre seus ombros, os corpos unidos encontraram o ritmo lento e compassado. As coxas comprimidas contra o quadril de Ariel. Tinha a face quase oculta pelos cabelos. Os olhos mudados pelo prazer, os caninos à mostra. Ariel a segurava pela cintura em êxtase. Ela nada pesava sobre ele. Tudo nela era excitante e doce.

O ato estava prestes a se consumir quando Kara arquejou e deixou o corpo cair sobre o de Ariel. Ele a abraçou e sentiu os seios pequenos contra seu peito, os lábios frios buscando sua garganta. Ele a puxou e segurou sua cabeça delicadamente para que ela o tomasse como vampira. Kara beijou sua garganta, sugou a pele e o ouviu gemer de prazer e quando mordeu e sentiu as mãos de Ariel a apertarem com força e, aos poucos, deslizarem sobre sua pele de maneira sensual até apertar suas coxas e nádegas. Ele a deixou beber de seu sangue, indo contra tudo e todos por amor. Somente ela podia tanto junto a ele sem que o Livro se

queixasse. Nenhuma outra conseguiria tal feito. Não houve protestos, ela saberia quando parar e assim o fez, afastando os caninos, e Ariel lamentou a ausência deles sobre sua carne. E quando ela lambeu a ferida sua pele já cicatrizava sob seu olhar atento. Ela o olhava e os olhos brilhavam misteriosos.

Faminto, Ariel a ergueu num gesto ágil e vigoroso e a trouxe para seu colo, sem em nenhum momento afastar seu corpo: estavam unidos pelo sangue e pelo sexo. Kara inclinou a cabeça para trás e deixou que ele a mordesse fechando o ciclo. Ariel lambeu sua pele e, com um beijo, mordeu-a, ela gemeu baixinho e segurou seus ombros com força. Ele apertava contra si o corpo delicado, segurando os cabelos negros. Seu cheiro o intoxicava, estava em pleno gozo, o corpo másculo estremecendo junto ao dela, dentro dela. O corpo da vampira estremecia, suas mãos estavam sobre seus ombros. Mantinha os olhos fechados, arquejou baixinho. Kara deixou-se vencer pelo prazer e, em seus braços, ficou lânguida e silenciosa. Ele deitou e a puxou consigo e ficaram juntos, abraçados em silêncio apenas sentindo as ondas de prazer em seus corpos. O sangue dele a mudaria mais um pouco, a faria mais forte, a conectaria a ele por mais tempo.

– Não me julgue tolo, mas acho que estou sonhando. A cada minuto, só peço para não despertar e me ver sozinho nesse leito – murmurou Ariel, enquanto acariciava seus cabelos e costas e a apertava junto a si.

– Está acordado, não foi um sonho. – disse Kara, baixinho, observando sua retina verde com um sorriso.

– Não importa quanto tempo vai durar. Tudo o que sei é que preciso de você. Eu a amo, Kara.

Ariel a fez olhar seu rosto. Ele fitou a vampira com os cabelos em desalinho, a face rosada pelo sangue recém-sorvido, o brilho no olhar imortal. Não havia nenhuma expressão definida em sua face. Mas ela parecia satisfeita e calma, até feliz.

– Quanto tempo vai durar? – perguntou, tocando seu rosto delicado.

- Não sei Ariel. Pode viver com isso ou com a minha ausência, você escolhe.
- Posso viver com qualquer coisa, menos com sua ausência, Kara.

Dizendo isso, Ariel a beijou e a cobriu ficando sobre seu corpo, enquanto retomava as carícias. Afinal, estava faminto e apaixonado. Ela retribuiu ao beijo com ardor e o envolveu com os braços o recebendo. Ele a amou com desejo, carinho e fome por horas. E quando ele caiu exausto sobre seu corpo num gozo profundo ela o beijou e se aninhou junto a ele e fechou os olhos dormindo quase imediatamente.

Kara dormia nos braços do rei, enquanto ele, insone, a admirava. Havia sido como sempre imaginou, e até mais mágico e doce que todas as fantasias que idealizou. Seu coração imortal estava em júbilo, sorria como um bobo. Acariciou-a e viu a vampira adormecida aconchegar-se a ele. Ele a abraçou e puxou o lençol sobre seus corpos, desejando não despertar daquele sonho.

Daquela noite em diante, Kara passou a buscar a companhia de Ariel, e ele a dela. Bruce percebeu a mudança no comportamento do rei. Ele mandou os criados colherem rosas a fim de enfeitar o *Château*. Arrumou-se e foi para o jardim, caminhando e sorrindo como um bobo – parecia não acreditar no que havia acontecido. Bruce o procurou e ele o abraçou, contando-lhe seu segredo. O vampiro por um momento ficou mudo, mas depois sorriu, felicitando-o. Todavia, no fundo do seu coração, preocupou-se com ambos.

Não escondiam sua relação, mas não a fizeram oficial. Quando Ariel a aceitou como campeã, este direito lhes foi dado. Mas os vampiros falavam e criticavam o casal, e a campeã ouviu palavras duras e cruéis. Ignorava grande parte delas e não as relatava ao rei. Ariel se controlava o máximo para não a assustar com seus arroubos apaixonados, ou presentes e joias. Fazia tudo suavemente, temendo que ela fugisse ou voasse para outra flor como uma borboleta rara o faria. Deste modo, um ano se passou num piscar de olhos. Mas sem que Kara deixasse de perseguir e buscar os assassinos de Jan Kmam.

Kara saiu das lembranças, sentiu uma estranha presença rodeá-la. Olhou para baixo e nada viu. A maioria dos lobisomens a evitava, somente os mais ousados insistiam em lutar com ela e terminavam mortos. Sua fama de matadora de lobos a precedia. Fitou o céu acima de *Notre-Dame* e resolveu partir.

– Eu morri e voltei, faça o mesmo, Jan Kmam! Volte para mim... Jan!

Kara começou a falar num sussurro e, por fim gritou, usando toda a sua força. O seu nome ecoou pela cidade, enquanto ela sentia o coração bater descompassado e aflito. O que ela não sabia é que seu chamado o despertou do sono.

Capítulo 35 - O Selo de Sangue

Kara voltou ao *Château* e foi para o quarto de Ariel. Ele estava no salão de música com seus convidados. Assim era melhor, quando retornasse ela estaria dormindo e o evitaria por aquela noite. Tocou sua mente e avisou-lhe que havia chegado somente para tranquilizá-lo. Ele agradeceu e afirmou que logo ia ter com ela. Então se deitou para dormir ali aquela noite. As persianas a protegeriam. Foi ao banheiro, tomou banho e vestiu um de seus pijamas. Quando retornou, deu de cara com Mênon. Tentou alcançar sua espada, mas ele, usando seus poderes, fez sua arma voar pela janela.

Kara se sentiu em desvantagem, estava somente de roupão e pijama. Usou o toque e, por muito pouco, não o fez em pedaços. No segundo golpe, estraçalhou a mobília. Aquele não era o melhor lugar para lutarem, mas precisava se defender de suas investidas. Não sabia exatamente o que ele pretendia e pouco lhe importava: seu único desejo era cortar sua cabeça. Marie partira havia um ano, o que ele buscava? Talvez a houvesse assassinado, seria capaz de dar a própria vida para defender o selo.

Atingiu-o num segundo golpe, jogando-o pela janela. Saltou atrás dele e caiu suavemente na grama úmida. Pegou sua espada e começou a lutar. Estava pronta a cortar sua cabeça. Ele apenas caminhava pelo gramado, evitando seus golpes, ao mesmo tempo que a fazia se afastar do *Château* o seguindo. Faltavam somente duas horas para o sol nascer. Mas eles não estavam preocupados. Nesse momento, Kara os sentiu à sua volta: Petrus e mais três lobisomens, ainda na forma humana. Avisou a Bruce do ataque mentalmente e pediu cautela. E se viu cercada, preparou-se para lutar por sua vida, mas eles não queriam lutar. Caíram sobre a vampira e a prenderam, ela tentou assoviar, e por fim gritou, mas foi amordaçada. Acreditou

que a fariam em pedaços, mas eles não a feriram. Mênnon arrancou seu roupão e a deixou somente de pijama, enquanto ela se debatia furiosamente. Uma armadilha em pleno jardim do *Château*? Os Pacificadores, na entrada, foram despedaçados.

Lá fora, dez lobisomens, já transformados, esperavam somente um gesto de Mênnon para atacar. Logo, no gramado, havia um pequeno exército de um lado e de outro. Kara foi amarrada num mastro e banhada em gasolina. Podia sentir o líquido escorrendo por seu corpo, ferindo seu olfato e seus olhos. Petrus, a poucos passos dela, segurava uma tocha acesa e um lobisomem permanecia com uma espada junto à sua garganta.

– Mênnon, por que não me ligou? Poderíamos ter resolvido isso de modo amigável. Bastaria me ceder sua cabeça. – disse Ariel, em tom sarcástico segurando sua espada com elegância.

Ele tinha dado ordens a Bruce e a Martan sobre como agir, caso a situação se complicasse. Ariel Simon fitou a cena e percebeu o toque da crueldade de Seth. Kara estava indefesa e o olhava assustada, tentando se soltar sem nada conseguir. Eles queriam trazer o passado de volta para feri-lo e desestruturá-lo.

– Conversei recentemente com Marie e o companheiro dela, Egon Mackenna. E eles gentilmente me disseram onde encontrar o selo – revelou Mênnon, semicerrando os olhos de modo cruel. – Mas não sem resistência.

– Negócios, então. Podemos discutir isso pacificamente. – sugeriu Ariel, ganhando tempo, fingindo frieza.

Ele esperava que Misha e seus aliados não estivessem muito longe agora. Kara em sua mente pedia que não cedesse as exigências de Mênnon. Ariel a ignorara e mandou-a se acalmar.

– Sabe o que quero. Por que não me entrega de uma vez? – Mênnon o questionou de forma seca.

– Com que direito me pede tal coisa? Nada lhe devo! É somente mais um ladrão buscando o pergaminho. Invade meus domínios, mata meus Pacificadores,

ameaça minha campeã.

– Sua amante. – ele corrigiu cínico. – Não precisam fingir, todos já sabem. Até mesmo o falecido Jan Kmam deve saber do inferno para onde o mandamos. – disse Petrus, passando o punhal sobre a seda do roupão e feriu a vampira.

Kara grunhiu furiosa e tentou feri-lo com sua mente, mas ele puxou das vestes um amuleto similar ao que Samael usava e que, certamente, protegia sua mente de ataques. Tudo o que ela queria era se soltar e fazê-lo em pedaços!

– O tempo acabou, Ariel, para tudo o que conhece como seu mundo. Entregue o selo ou a mataremos agora. Sei que podemos morrer juntos, mas poderemos fugir e nos esconder. E quanto a ela? O sol não tarda a nascer.

Kara estava pingando gasolina. O lobisomem continuava molhando-a com o líquido inflamável demonstrando grande prazer, enquanto ela se debatia tentando se soltar.

– Ela não terá nenhuma chance contra o amanhecer e a gasolina. Entregue o selo e a pouparei, tem minha palavra.

O rei semicerrou os olhos e tomou uma decisão, não sozinho. Os vampiros ali presentes concordaram em salvá-la. O selo era importante, mas não à custa da vida de Kara.

A vampira ficou enfurecida ao vê-lo concordar. Ariel cravou a espada no solo e puxou parte do cabo, desvendando um compartimento secreto e, por fim, o selo. Kara rugia e balançava a cabeça negativamente, tentando fazê-lo desistir, mas nenhum deles a ouvia. Mênnon estendeu a mão, olhando o rei com ar vitorioso e cruel.

Um raio iluminou o céu, logo a chuva cairia sobre eles, e o selo flutuava no ar, indo em direção ao vampiro lentamente. Todos esperavam, quase que paralisados. Muito se decidiria com aquele selo, todo um mundo estava em risco. E o rei dos vampiros o arriscou por amor a uma vampira.

Nesse momento, Juan tocou os pulsos de Kara, que esperou que ele agisse, fitando Petrus, e o lobisomem distraídos com o selo. Juan cortou a corda, libertando-a, e sumiu do mesmo modo que apareceu. Ele realmente conseguia ficar incógnito quando desejava.

Kara correu livre, surpreendendo todos, e saltou no ar para alcançar o selo antes que Mênon o tocasse. Conseguiu pegá-lo e, quando caiu no chão, um trovão sacudiu o céu sobre suas cabeças e a chuva despencou sobre todos com força. Kara sentiu a água banhar seu corpo, enquanto Petrus e o lobisomem avançavam em sua direção. Ariel e os demais vampiros, a essa altura, já haviam entrado em combate. A tocha voou no ar e, no momento em que ela caiu aos pés de Kara, estava completamente apagada. Kara riu de forma maligna e viu que a cercavam: eles queriam o selo.

– Peguem o selo! – berrou Mênon para os lobisomens.

Imediatamente, eles avançaram para atacá-la. Juan passou por todos e a puxou rumo ao bosque. Ele a soltou, e Kara continuou correndo na direção oposta com o selo nas mãos. Mênon, furioso com a incompetência dos lobisomens, seguiu em seu encalço. Ariel e Bruce lutavam e, quando viram Misha chegar com mais vampiros, seguiram atrás de Kara para dentro do bosque. A vampira corria sentindo as folhas e os galhos ferirem seu corpo e seus pés descalços. Chegou a uma ribanceira e despencou para cair dentro de uma clareira. Ficou de pé e fitou o selo na mão suja de areia. Era de cor rubra, repleto de inscrições e parecia inquebrável, pois ela o apertara sem querer quando caiu, mas ele estava intacto.

Mênon apareceu e a empurrou com violência, jogando-a ao chão. Kara rastejava sobre as folhas e a areia escura, segurando o selo com força. Ele estendeu a mão e usou seus poderes sobre ela e a feriu. Kara gritou alto de dor. Ariel e Bruce ouviram e pararam, tentando localizar onde ela estava. O som de sua voz vinha da clareira.

Kara estava no chão em dores. O selo flutuava no ar, enquanto Mênon usava seus poderes contra a vampira. Ela sentiu dor, estava sem a proteção do amuleto

que Radamés havia lhe dado, ela geralmente o tirava para dormir.

– Maldito! – rugiu de dor.

– Finalmente, minha busca chega ao fim! Logo Íris estará livre e tudo o que me foi tirado voltará – disse Mênnon, enquanto a fazia sofrer um pouco mais.

– Liberte-a! Você já tem o que deseja.

Ariel gritou, saltando à frente de Mênnon para defender Kara com seu corpo e sua espada.

– Amor? Lindo, mas não me toca o suficiente. Kara está prometida a Íris.

Mênnon recuou, mas, ao ver Bruce tentar golpeá-lo, jogou-o contra uma das árvores próximas com força, quebrando-lhe alguns galhos com o choque. Ariel estava à frente do corpo de Kara, a espada cortando o ar, tentando empurrar o vampiro para longe. Mas era impossível, Mênnon não deu um passo, apenas fitou a vampira. Seu corpo flutuou no ar, enquanto ela se contorcia de dor e gritava. Finalmente algo a fez estender os braços e, nos pulsos, apareceram dois círculos de fogo. Eles queimaram sua pele delicada. Era o selo de sangue. A resposta, afinal, aparecia diante deles.

– Íris quer muito pouco, só seu coração campeã.

Mênnon finalmente tocou o selo e sumiu, levando-o consigo. Kara despencou no chão e Ariel correu em seu auxílio, segurando-a nos braços. Bruce se aproximou sangrando e a percebeu viva, mas desacordada. Estava suja e ferida, mas logo os cortes iriam cicatrizar. Só não havia tempo, o céu sobre suas cabeças estava perigosamente claro. A manhã chegava depressa. Ariel fitou a antiga casa de Collet e foi para lá que correram. O porão era feito de pedra sólida e, se estivesse certo, havia alguns caixões onde poderiam dormir por aquela manhã.

Capítulo 36 - O Despertar de Íris

Bruce e Ariel entraram na casa carregando o corpo de Kara, e logo se trancaram no porão. Eles arrumaram os caixões e recolheram-se para dormir. O rei segurava a vampira junto ao si com carinho e se deixou adormecer de imediato. Na casa Sentinelas e Pacificadores ficaram vigiando seu sono.

Quando despertou na noite seguinte ao roubo do selo, Kara encontrava-se alterada, e foi preciso que Ariel a segurasse para que não saísse no estado que se encontrava atrás de Mênnon. O pijama de seda rasgado, o rosto e os cabelos sujos da terra escura do bosque. Afinal, perdera os sentidos no instante em que ele marcou seu corpo. Bruce viu com admiração o modo doce como o rei dos vampiros a acalmava e continha. Kara parecia fraca, ele a tomou nos braços, não queria que ferisse os pés novamente. Ela o enlaçou com os braços e encostou a cabeça no seu peito. Enquanto caminhava em direção ao *Château*, observou Togo os seguindo em silêncio absoluto junto com os Pacificadores. Era sua escolta. Mas estava obvia sua insatisfação com aquela relação.

Durante o banho, ela viu as estranhas marcas em seus pulsos, e isso não ajudou muito. Ariel, sentado do lado de fora da banheira, beijou-a na testa e explicou-lhe o que havia acontecido quando perdeu os sentidos. Enquanto lavava a terra escura de seu corpo com uma esponja. Por fim lavou seus cabelos, vendo-a de olhos fechados saboreando o momento, a massagem que ele fazia na sua cabeça. Quando ela saiu da banheira e vestiu o roupão que o rei lhe ofereceu, notou que ela observava as marcas.

Ela as reconheceu de imediato: eram uma cópia exata do selo de sangue. Marie tinha uma tatuagem igual no pulso desde que teve a visão.

– O que aconteceu com Marie? – perguntou Kara, apreensiva, lembrando que Mênon a havia procurado. Considerava a bruxa uma boa amiga.

– Ela sobreviveu. Mackenna, não; Samael o matou.

Estavam no quarto do rei, Kara se vestia lentamente. Por um momento, sentou na cama e lamentou a morte do companheiro de Marie. Estavam juntos há quase 300 anos. Será que conseguiria se recuperar de uma perda como aquela? O coração jamais iria esquecer. Como o seu, que batia cada vez menos. Às vezes, agora, sequer o ouvia. Desejou tanto que ele ficasse em silêncio, e finalmente ele se rendia à frieza, à dor, parecia estar morrendo de modo lento. Mas isso não a mataria, já estava morta; ele simplesmente se tornaria como o coração de qualquer outro vampiro.

– Samael está fazendo muitas viúvas, não é mesmo? E como ela está? – perguntou Kara, tristemente.

– Dalila está cuidando dela. Ficou muito ferida, mas vai sobreviver – Ariel lamentou, preocupado com o rumo dos acontecimentos.

– Como pôde revelar onde estava o selo, Ariel? – cobrou Kara, aborrecida, olhando finalmente nos seus olhos.

– Ele nada vale diante de sua vida. – Ariel disse, seguro, sentando ao seu lado na cama.

– Marie deu muito de si defendendo aquele maldito selo. Você não tinha o direito de entregá-lo.

– Não tem direito a questionar minhas decisões, principalmente quando elas envolvem sua segurança, Kara. Como acha que eu ficaria, permitindo que ele a ferisse para defender o selo?

– Nosso envolvimento deu a eles uma arma contra você. Sempre serei seu ponto fraco, e isso não é certo; é o rei. As suas decisões precisam visar ao todo, e não só à minha segurança – disse Kara, tocando seu rosto de modo preocupado. – Mackenna morreu defendendo-o, não é justo.

Kara insistiu, cobrando-lhe uma postura que jamais teria quando o assunto fosse sua vida. Quando ficou ao seu lado e o tomou como amante, não esperou por nada. Uma noite após a outra, Ariel sonhava com muito mais e, certamente, a vigiava, protegia-a às escondidas como sempre fez. Mas o que ficou claro para todos os vampiros naquele confronto é que ele sempre a colocaria em primeiro lugar. Ele pôde ver nos olhos de Togo, Martan, Bruce e, até mesmo, na face dos vampiros desconhecidos a ela que o seguiram naquele confronto por lealdade.

– Olhe para mim. Minha decisão foi tomada junto com todos os vampiros presentes, se quer saber. Eu não decidi sozinho. Nenhum de nós quer que outro vampiro morra. Já houve muitas mortes. Você é minha campeã, e estava em perigo. É a herança do sangue de meu favorito.

Kara tentou se levantar do leito, incomodada com suas palavras, mas ele a segurou e a beijou.

– Não vou viver sem você! Que se danem os Poderes, a maldita vida, a coroa, eu amo você! Já perdemos muito desde que tudo isso começou, e não suportaria perder você, pode entender isso? – desabafou o rei, apertando-a junto ao peito. Kara suspirou aflita.

– Eles vão libertar Íris. – afirmou Kara, segurando suas mãos.

– Talvez sim, talvez não. Samael precisa reunir suas forças novamente. Até lá, poderemos matá-los. O ritual é complexo, ele vai levar pelo menos quatro dias se preparando. Os Pacificadores já estão se organizando. Vamos ter uma caçada, e a raposa é Samael.

– Sim, é verdade – disse Kara, pensativa.

– O que está se passando nessa linda cabecinha? – quis saber segurando seu queixo e olhando seus olhos escuros.

– Nada, majestade. Nada.

Ariel a abraçou forte e a beijou longamente e carinhosamente. Kara retribuiu com suavidade, estava pensativa. Ele notou, continuava visivelmente contrariada.

O rei a soltou e esperou que ela dissesse algo. A vampira precisava de tempo, com certeza sentia-se culpada por ele ter entregado o selo. Quando a manhã se avizinhou, Ariel não a encontrou em sua cama, ela já havia adormecido no seu quarto. Só lhe restou ir para sua câmara um tanto frustrado. Kara fugia dele há uma semana.

Na noite seguinte, o rei foi avisado de que a campeã tinha planos. Kara estava dentro do arsenal, organizando sua munição e suas armas quando Ariel chegou e fechou a porta atrás de si. A vampira encontrava-se vestida com seu colete negro, que era à prova de balas. O material era resistente e protegia-lhe o peito, as costas e os ombros, além de ser bonito. A calça justa facilitava-lhe os movimentos e a botinha era resistente, porém trazia surpresas no calcanhar e no bico, uma pequena lâmina de prata. O cabelo estava trançado e preso de modo austero. A única joia era o amuleto que Radamés havia lhe dado. Estava se preparando para partir.

– Onde vai, minha querida?

– Sua querida vai caçar. – respondeu Kara, pegando suas pistolas e munição.

– Os Pacificadores vão começar a caçar Samael. Ele deixou alguns rastros em Paris e logo teremos um local para atacar e dar um fim a tudo isso. – explicou segura.

– Estou cansada de esperar, majestade.

– Ainda é minha campeã e não quero que vá, entendeu? – determinou Ariel, pondo a mão na porta do armário de armas.

– Que bom que se lembra disso, nos últimos tempos só consegue me enxergar como sua amante. – confessou, fazendo o rei semicerrar os olhos.

– É por isso que está me evitando?

– As minhas roupas estão em seu quarto.

– Mas você não está em minha cama.

– Sou livre. Esqueceu?

– Em primeiro lugar, é minha amante; em segundo, minha campeã. Sei priorizar, Kara – disse o rei, e sorriu cinicamente.

– Como sua campeã, possuo o direito de ir e vir. Além disso, não quebrei nenhuma regra, estou saindo para buscar um fora da lei. E não sou sua. – avisou por último.

– Estou lhe dando uma ordem, obedeça ao seu rei. – Ariel foi enfático.

– Peço, majestade, que me deixe sair em missão. – insistiu Kara, oficialmente pronta para partir.

– Pedido negado, você fica. – ordenou Ariel, dando sua última palavra sobre o assunto.

– Vou pedir novamente. – começou ela. – O meu querido amante me permitiria sair para caçar? – quis saber segurando seus ombros e beijando a ponta do seu queixo.

– Pedido negado.

– Por que me nega o pedido? – perguntou a vampira, envolvendo-o com o olhar; ela sabia como convencê-lo. – Está com medo de que eu morra?

– Estou com medo de perder a vampira que amo. E isso não é crime. Comporte-se ou, assim que puder, a destituo do cargo.

– Está me ameaçando? – quis saber muito séria.

– Sou o rei e posso destituí-la do cargo quando achar necessário. Acha-se muito poderosa e isso pode levá-la à morte. Não se esqueça da idade que tem. – lembrou cruel.

– Já saí em missão, enfrentei lobos e lobisomens. Seu comportamento é ridículo, Ariel. Está bancando o Jan Kmam comigo? É isso? – quis saber aborrecida.

Ariel Simon a segurou pelo pulso, trazendo-a para perto dele com força. Estava furioso com a comparação. Eles se encaravam e nenhum deles tinha

vontade de desistir. Ela colocou as mãos sobre as dele e sentiu sua força. O empurrou e ele a apertou um pouco mais e segurou seu rosto com os dedos um tanto rudes.

– Jamais serei Jan Kmam, entendeu?

– Realmente, jamais será Jan Kmam. Solte-me!

O rei a puxou para si no espaço pequeno e, usando de força, encostou-a na parede e a beijou faminto. Apertava-a junto ao seu corpo, e Kara tentou afastá-lo e o esmurrou. Mas ele era mais forte, e só agora via o quanto. Era como se nunca houvesse mostrado seu real poder. Queria possuí-la, a ausência que ela lhe impôs o enlouquecia aos poucos. Kara o empurrou arquejante e saiu do arsenal. Tocou a testa e tentou pensar num meio de o convencer, mas não havia. Ariel era indomável quando se tratava de seus desejos; além disso, era o rei. Kara olhou o vampiro e o achou bonito demais, vestia jeans e malha negra, tênis leve da mesma cor. E ali na linha da cintura sua excitação estava mais do que óbvia. Aprendeu uma lição importante, não devia deixar Ariel irritado, ou ansiando pela intimidade que dividiam, aquilo o acalmava, nutria, dava a ela poder sobre ele. Bem, ela também gostava de estar com ele. Era um amante atento aos seus desejos. Não que Jan Kmam a houvesse negligenciado, jamais, ambos era amantes únicos. Talvez por isso ela houvesse permanecido em seu leito. Não era hora para divagações. Ela o olhava com indiferença, não queria dar o braço a torcer, pois também o desejava. Quando ele agia daquele modo ela esquecia o passado e só conseguia sentir desejo e fome.

– Deixe-me ir. – pediu suavemente e deu um passo em sua direção.

– Não.

A vampira estava linda demais vestida para matar, o rei a segurou junto de si e começou tirando seu casaco. Sorriu junto à sua boca e acariciou sua cintura, não conseguia tocar sua pele e isso o irritava, estava coberta pelo colete, que mais parecia uma armadura. Ariel achou o zíper e beijou seu pescoço, e só então sentiu sua pele nua que cobriu com beijos. Kara não iria conseguir fugir, nem fingir

indiferença, não quando ele a tocava com tanto desejo, nem sabia se queria. Ariel se despiu e, quando ele a abraçou, ela retribuiu aos beijos. Ele a possuiu no chão da sala, sobre o tapete. E a levou ao êxtase pelo menos duas vezes, e a fez gemer alto. Lânguido apoiou a mão ao lado de seu corpo delicado, e a fitou com admiração. Isso durou alguns minutos até que beijou o seio alvo onde a tatuagem da rosa estava. Por fim puxou a manta, que cobria uma das cadeiras, e com ela envolveu o corpo da vampira.

– Sua beleza é somente para os meus olhos e de mais ninguém.

– Acho que ninguém ousaria entrar Ariel. – murmurou segurando a manta sob o peito.

– Sim, é verdade, mas vou comprar véus para esconder sua beleza. Só vai tirá-los na minha frente. – murmurou, beijando sua mão.

Kara gargalhou gaiata e o seduziu mais ainda. Tocou seu rosto e os cachos ruivos, onde enrolou um dos dedos, o peito largo. E beijou seu pescoço e mordeu seu ombro forte.

– Jamais terá tanto poder sobre mim. Sou livre, lembra-se, Ruivento?

Ele a beijou e mergulhou o rosto nos seus cachos e murmurou junto a seu ouvido, apertando-lhe a cintura:

– Adoro quando me chama assim. – a olhou nos olhos e disse. – O que é ser livre quando um rei a ama?

– Jamais gostei de cadeias. – disse sentindo ele a beijar nos ombros e seios. – E você me deu sua palavra de rei que sou livre. Vai quebrá-la? – falou segurando seus cabelos, erguendo sua cabeça e por fim segurou o rosto dele entre as mãos.

– Ainda não. – disse Ariel, brincando, esfregando o nariz no dela.

Kara arquejou e arranhou seu ombro com as unhas quando ele encaixou seu corpo no dela sem aviso, a tomando sua mais uma vez.

Minutos depois, sorriram, pois ele mordida levemente sua cintura lhe fazendo cocegas. Ele parou e a abraçou, colocou o braço sobre os olhos e pareceu cochilar. Ela ficou quieta com a cabeça sobre seu peito, esperando que ele relaxasse. Minutos depois, Kara se afastou do rei cuidadosamente, ele cochilava no chão. Mantinha o braço sobre os olhos, a manta cobrindo a cintura larga. Recolheu suas roupas e se vestiu o mais silenciosamente que pude. Quando ficou pronta pegou as armas e o olhou com carinho, enquanto dormia sobre o tapete. Caminhou rumo à porta e, quando a abriu, deparou-se com seis Pacificadores. Fechou a porta e se encostou nela. Ariel estava de pé, já vestindo as calças.

– Vai a algum lugar, Kara?

A vampira compreendeu que Ariel entrara na sala pronto para impedir que saísse. O que significava que ele estava atento ao menor sinal de fuga. Ela não pretendia fugir dele, ia realmente caçar Samael e voltar. Mas seu afastamento na última semana o encheu de dúvidas e de medo de perdê-la. Prova disso, os Pacificadores. Kara o olhou com aborrecimento, enquanto ele agia naturalmente. Às vezes, não sabia com quem lidava, se com o rei ou com o vampiro, ambos a confundiam. Como iria sair? Eles eram muitos! Além disso, seria vergonhoso lutar com os Pacificadores, ou fugir deles pela janela que olhou distraidamente. Ariel notou e estava pronto para contê-la caso tentasse. Fechou a porta e o interrogou.

– Por que chamou os Pacificadores?

– Fiz uma pergunta. Responda você primeiro.

Ariel fechava o cerco a sua volta, duas semanas antes ele propôs que ela se tornasse sua concubina. Um acordo que a fazia quase sua esposa. Teria direitos e deveres, mas seria submissa a ele. Nada mudaria, mas perderia voz e vez, e isso Kara jamais aceitaria. Na noite que fez a proposta a levou para jantar, e trouxe até mesmo um anel para selar o acordo nupcial, mas ela declinou, carinhosa, e se manteve livre. Graças a isso, ele se tornava cada vez mais desconfiado, autoritário e possessivo.

– Acha que vai me manter ao seu lado me prendendo? – ela quis saber se afastando da porta.

– Não me deixa alternativas. Está fugindo há dias, me evitando... O que foi? Está arrependida? Não sou bom o suficiente? – ele quis saber com a voz suave, mas cheia de desconfiança.

– Não faça comparações, não vai gostar do resultado. Estou aqui porque assim desejei. – explicou suavemente evitando um confronto. – Não torne nossa relação um ato de guerra.

– E quanto tempo vai durar? Diga-me! – gritou Ariel, interrogativo.

Estava furioso e inseguro. E só agora ela via o quanto. O que não podia permitir é que ele descumprisse sua palavra e a fizesse sua prisioneira. Algo que ela não permitiu a Jan Kmam e muito menos a ele.

– O tempo que meu coração quiser – disse Kara, sem se importar se o feria ou não.

– Estou em seu coração Kara? Desde quando?

– Está com ciúmes de Jan? Não seja tolo!

– Sim, estou. Quando você me evita, sei que está com saudade dele. Jan era meu favorito, meu amigo, eu o amava profundamente, mesmo que não acredite. Sinto-o muito perto às vezes, como se estivesse vivo.

– E ele está vivo, sim. Dentro do meu coração. – revelou Kara, sem medo.

– Tenho dois mil anos, Kara. – começou ele. – Mas sabe o que é ter você ao meu lado, mesmo sem me amar? O paraíso! Apenas quero que fique comigo. – pediu ele, quase cedendo a ela.

– Estou ao seu lado, mas não pode atropelar minhas vontades ou meus direitos. Não vai conseguir me prender a você. Deixe-me livre.

– Para que continue amando Jan Kmam mesmo morto? Quando não quis ser minha concubina, deixou claro que não quer esquecer o passado. – desabafou Ariel

o que engolira na noite do pedido.

– Não estou pronta para tanto, Ariel. É cedo para tudo. É como se me tornasse rainha. Tente entender como me sinto. – pediu e se aproximou dele sem o tocar. – Eu não governarei ao seu lado, mesmo que, para isso, tenha de morrer.

– O que lhe ofereci é uma condição inferior, ser minha concubina não lhe concederia tantos direitos. Mas lhe daria o respeito de todos. Estou farto dos olhares que nos lançam, dos comentários que a humilham. Você merece respeito. – ele exigiu. – Não vou suportar, começarei a cortar cabeças se isso não cessar. – ele falava muito sério.

– Posso ir embora. É o melhor e você sabe disso. – declarou Kara.

– Não! E isso não está sujeito a negociação. – falou semicerrando os olhos. – Você vai ficar ao meu lado!

O rei ordenou, e Kara sentiu medo. Algo apertou seu peito. Ele estava fugindo ao seu controle e perdendo a paciência com sua independência e seu desprendimento. Era o momento de deixá-lo, e bem rápido.

– Quando estou em seus braços, me pergunto quem está beijando. – falou ressentido e cheio de ciúme.

– Não me ache tão volúvel, afinal acabou de me possuir. Eu estava com você e com mais ninguém. Não me insulte. – disse Kara, pronta a sair, sentindo-se infeliz com seu ciúme por um vampiro morto.

– Onde vai? – foi o rei quem perguntou e o amante aborrecido também.

– Vou caçar Samael, afinal, ainda sou sua campeã, majestade. – respondeu Kara, demonstrando o quanto era teimosa.

– Foi o que pensei. E se esse, é o único poder que possuo sobre você, vou exercê-lo. Pacificadores!

Imediatamente, eles entraram na sala e rodearam Kara, que se manteve imóvel. Afinal, sabia o quanto eles eram perigosos. Ariel abotoava a camisa

tranquilamente sem vergonha alguma. Mas estava óbvio para os Pacificadores que eles estiveram juntos. Kara ardia de raiva e vergonha.

– Eu nada fiz de errado, não tem o direito de me prender, majestade. – argumentou Kara, mantendo o controle e o olhando magoada.

– A campeã do rei deve ser detida até segunda ordem. – ordenou Ariel, sem lhe responder, mas percebendo sua tristeza. – Levem-na.

Ele estava irredutível, e Kara não fez um escândalo, como ele esperava. Apenas seguiu os Pacificadores pelos corredores. Todos agora sabiam que ela fora detida por ordem do rei. Ele fez de propósito somente para mostrar seu poder. Eles a conduziram até as celas embaixo do *Château*, a desarmaram e a prenderam a ferros, um exagero. Ficou por quase uma hora sozinha até que recebeu sua primeira visita: Bruce.

– Você trouxe um pé de cabra?

A vampira debochou, grudando-se às grades da cela, um tanto escura e fria. Bruce segurou sua mão e a beijou.

– Vim pedir que desista dessa caçada solitária e suicida. Os Poderes estão se organizando, nós vamos atacar Samael e seus aliados. Nós iremos todos juntos, por que se adiantou?

– Estou aqui por outros motivos e você sabe muito bem quais são. – ela falou e olhou seus olhos claros.

– Ariel me disse que brigaram.

– E o que mais ele disse? – ela quis saber apouquentada.

– Que você recusou seu pedido.

– Esse é só mais um dos motivos. Sou a campeã do rei, mas não sou respeitada como tal. Todos, incluindo você, me tratam como se fosse uma bonequinha de luxo. – falou andando pela cela. – É insultante ver que lutei tanto para nada! Os Pacificadores me apelidaram de viúva mortal, e me respeitam, já matei mais

lobisomens do que posso contar, mas sempre termino do mesmo modo, tendo meus direitos negados, presa a ferros. Isso é ridículo. – falou mostrando os pulsos.

– Seu discurso não vai mudar a decisão do rei. – afirmou Martan, juntando-se a Bruce.

– Nada vai, porque ele acredita que sou de cristal, quer me manter dentro de uma redoma de vidro como Jan quis fazer.

– Está enganada, Kara. Ariel acredita que você é forte e corajosa, o que ele não tolera é saber que pode perdê-la, novamente. Ele a ama desesperadamente.

Kara percebeu o olhar que Bruce lançou ao companheiro, pois ele havia falado demais. Pouco importava, Ariel sentia o mesmo medo que consumia Jan Kmam. Protegeu-a com sua própria vida, assumiu seus crimes e, por fim, morreu de modo trágico. O amor libertava, mas também prendia. Kara sentou no catre e tentou compreender os motivos do rei. Ela conhecia cada um deles e detestava todos. Quando ele a abraçava e a beijava, sentia sua ânsia e fome, às vezes podia sentir seus olhos vigiando-a a cada movimento. Apenas desejava seu carinho, e talvez até mesmo o amor, mas nos últimos meses só a prendia. Sentia-se amaldiçoada, Jan Kmam sempre veria nela seus amores perdidos, e o rei não faria diferente, acreditava que ela era Rosa Maria. Para nenhum deles era somente Kara.

– O que vê quando me olha, Bruce? Kara, a campeã do rei? A Thaís de Jan Kmam, ou Rosa Maria de Ariel? – disse e o fitou esperando uma resposta.

– Vejo minha amiga Kara e ninguém mais. No entanto, vejo que recobrou suas memórias.

– Nunca as perdi, Bruce. Eu me lembro de tudo. – explicou cansada de tantos segredos.

– Bem, Ariel vai soltar você, afinal estas acomodações não fazem o estilo do rei. E logo ele vai visitá-la e vocês terão de entrar em um acordo.

Bruce brincou, tentando animá-la, mas a vampira estava com cara de poucos amigos. E nada mais falou, estava muito magoada. Apenas se deitou no catre e

cobriu os olhos com o braço. Martan chamou Bruce e ambos saíram, deixando a vampira sozinha. Ela precisava de tempo, e o rei também para aprender a conviver com seus medos.

Ao que parecia, não receberia mais visitas naquela noite. Deitada, Kara segurava o amuleto e chamava Radamés com todas as suas forças. Afrodite a fitou com raiva e tentou impedi-la, mas Kara não pegou no sono, estava furiosa demais para controlar seus atos. Sem alternativas, ela se recolheu e se escondeu o melhor que pôde, temendo a proximidade de Radamés. Ele poderia descobrir seu controle sobre Kara e destruí-la, ela ainda não estava pronta, precisava de mais tempo.

– O que a campeã do rei quer desse humilde servo?

– Radamés!

A vampira saltou do catre e correu para ele, mas as correntes a impediram de tocá-lo. Kara fechou os olhos e praguejou de ódio. Radamés observou as correntes e a fúria da vampira e se aproximou, permitindo que o abraçasse. Ela o apertou forte e, por um segundo, conteve o pranto. Não o via há mais de um ano, sentira sua ausência. – chamara-o por diversas vezes sem resposta. O que ela não sabia que ele havia se afastado para o bem de todos. Os acontecimentos chegaram a um ponto em que não podia mais interferir nem mesmo com sua presença. Mas, agora, era preciso libertar Kara e fazê-la encontrar seu destino e seu verdadeiro amor.

– Então está presa. O que minha tigresa andou aprontando? – perguntou em tom jocoso, vendo os grilhões.

– O rei acha que não consigo matar um lobisomem.

– Está protegendo sua amante, eu acho natural. Mas não recomendo, ele já deveria ter percebido que você sabe se cuidar sozinha.

– Pode me soltar?

– Digamos que esta seja mais do que uma visita social. – disse Radamés, fazendo as correntes derreterem sob o olhar risonho da vampira. – Samael está

preparando o caminho para Íris despertar, ele está na Espanha. Mas, para enfrentá-lo, você precisa saber de algumas coisas.

- Preciso pegar minhas armas. – explicou Kara, vendo que ele se preparava.
- Onde elas estão?

Radamés segurou a mão da vampira e, num abrir e fechar de olhos, eles estavam no arsenal. Kara pegou suas coisas e eles novamente sumiram, mas, dessa vez, quando ela abriu seus olhos estavam no meio do deserto.

A areia cobria suas botinhas, o espaço aberto à sua volta era magnífico. A lua crescia noite após noite no céu. Ao longe, quase diminutas, ela visualizou as pirâmides. Radamés viu sua admiração e apertou seus dedos, piscando para ela. Convidou-a para segui-lo pela areia. Caminharam por alguns poucos minutos até chegarem próximo a algumas rochas. Radamés mostrou à vampira o que fazer. Bastava encostar-se à pedra e dar um passo na lateral para entrar num pequeno corredor. Uma passagem secreta natural.

Kara olhou o corredor. Seu princípio era escuro; no final, iluminado por tochas. Junto à porta, Mercúrio os recebeu, e Radamés fez as devidas apresentações. Caminharam em silêncio e chegaram à tumba, às câmaras principais e, finalmente, à sua. Não parecia diferente da que ele usava nas galerias em São Luís, com uma mesa, seus pergaminhos e frascos antigos. Um leito de pedra elevado do solo, alguns livros, mantos e espadas, até mesmo um baú. Ela se sentou e esperou, ele passou a preparar uma mistura, e logo ela estava pronta para ser sorvida. Ele completou com sangue e mexeu, entoando algumas palavras inaudíveis. Quando finalmente terminou, passou o cálice a Kara, que esperava sentada junto a ele.

- Café? – brincou Kara, isso fez Radamés sorrir.
- Tome, tem um gosto forte, salgado, mas vai fazer você ficar quase invisível aos olhos de Samael.

Ela bebeu tudo e, de fato, achou o sangue estranhamente salgado. Não houve nenhuma grande mudança, também não esperou ficar invisível. O sabor do sangue permaneceu em seus lábios. A sensação era de saciedade. Radamés confirmou que ela passaria dois dias sem sentir fome.

O cheiro do sangue poderia lhe atrair, mas, caso o bebesse, sentiria náuseas. Radamés tentou lhe passar alguns detalhes do que ela encontraria pela frente. A vampira ouvia com atenção total e, pelo caminho descrito por ele, o fosso onde o corpo de Íris foi enterrado ficava somente alguns quilômetros de distância do local onde estavam escondidos na Espanha, em Loarre.

– Quem é Íris?

– Há séculos, eu carrego este segredo como se tivesse minha boca costurada, Kara. Mas, infelizmente, não posso revelar nada. Estou sob juramento; se o quebrar, eu terei minha alma despedaçada. E, entenda-me, não é uma sensação nada agradável. Mas posso lhe dizer quem é Mênnon.

– Por favor – pediu Kara, acomodando-se para ouvir.

– Vai ser um pouco estranho, espero que não vomite.

Radamés estendeu a mão para a vampira com um sorriso gaiato na face. Ela tocou sua mão e respirou fundo. Imediatamente as lembranças dele foram transmitidas a ela. Kara tinha os olhos fechados e a cabeça pendeu para frente. Ele se afastou aos poucos e ela despertou do pequeno transe consciente de muitas coisas.

– Então ele tocou o Livro.

– Sim. Ordália e as outras o puniram duramente e o jogaram no mesmo fosso que Íris, isso foi um erro. Íris o acolheu e, de algum modo, eles se aliaram. E, em vez de um inimigo, elas ganharam dois. Mênnon não estava preso a nenhuma maldição e o despertar foi bem fácil. Ele se apossou do corpo de Íris.

– Quem o despertou? – perguntou Kara, tocando o pescoço. Por um momento sentiu-se observada, mas ali estavam em segurança.

- Seth.
- O antigo favorito do rei. Mas com que intuito?
- O mesmo de todos os demais: poder, o trono. A maioria quer a cabeça de Ariel. – revelou Radamés. – Mas Seth o quer morto acima de tudo.
- É mais um grande jogo de poder e, infelizmente, Jan Kmam pagou com sua vida. – Kara refletiu melancólica.

Radamés a olhou pensativo, mas nada pôde falar. Jan Kmam o fizera prometer que nada diria, que o deixaria incógnito pelo menos por enquanto. Ele concordou, afinal estava confuso e enciumado. Ele os observava já há algum tempo. Bastou ouvir a voz da vampira para desejar revê-la.

Havia uma abertura secreta na parede central da tumba de Radamés, e era lá que Jan Kmam estava imóvel, silencioso, parecendo uma estátua de mármore. Dentro de sua retina azul só havia espaço para a vampira. Notou sua beleza que só parecia crescer, o modo como se vestia, a face madura, apesar de não envelhecer: ela amadurecera. Tocou o relicário sobre o peito e desejou se revelar, mas se conteve; muitas coisas haviam mudado, não queria se magoar novamente nem a ela. Radamés parecia tê-la trazido de propósito, para fazê-lo mudar de planos.

Havia acordado há apenas duas noites e pretendia partir assim que se sentisse forte o suficiente. Ele estava fraco devido ao grande intervalo de tempo que passara sem alimento e ação. Estava decidido a continuar morto para todos os vampiros que o conheciam. Era o melhor a ser feito depois de tudo. Não queria passar mais tempo na Caixa: morto, estaria livre. Ordália o torturara duramente ao longo dos últimos anos: mesmo após ter revelado a traição de Kara, ela continuou fazendo Jan vê-los juntos em seus sonhos noite após noite, já que não podia tocar o rei, ou sua nova amante. Tinha vontade de aproximar-se, mas o ciúme e a raiva o impediam.

Seu primeiro impulso ao despertar foi buscá-la; pois ela parecia sofrer, e o chamara. E, mesmo sem os laços de sangue, ele a ouviu e despertou. Não poderia

ser diferente, somente ela tinha tamanho poder sobre ele. Mas, quando Radamés lhe revelou os acontecimentos, ele mudou de ideia. Afinal, saber-se morto trouxe-lhe certo choque. Era como se a história se repetisse. Olhava-a como se houvesse saído de um sonho. Radamés sabia que ele não estava muito longe e resolveu ajudar o destino.

– Vai deixar Ariel? – Radamés quis pôr Kara à prova.

O tema da pergunta moveu Jan Kmam, que tocou a parede de pedra e fitou a vampira, esperando sua resposta com ansiedade e esperança. Amava-a desesperadamente, ela jamais sairia de seu coração e sua alma.

– Vou deixar o *Château*, visto que minha relação com o rei jamais foi estável. Não temos nenhum compromisso. Ele não é meu mestre e sequer meu rei, mas quer que seja sua concubina oficial. Isso me soa ridículo. Não sou inscrita no Livro, sou apenas responsabilidade dos Poderes. Quando ele me colocou naquela cela, passou dos limites.

– Concordo. Mas ele a ama.

– Sim, ele me ama, mas a recíproca não é a mesma. Nunca foi. Respeito-o e tenho por ele algum carinho, mais nada. Ele jamais me viu de verdade; para Ariel, sou provavelmente Rosa Maria. Para Jan Kmam, era Thaís, jamais Kara, a mulher que ele raptou e assustou dentro de um casarão velho. Tudo está tão distante, menos o amor que senti por ele: isso jamais mudou, sempre vou amá-lo.

O vampiro se conteve para não a corrigir, jamais a vira como Thais ou Valéria, ele amava a mortal que o chutou e insultou, que fugiu dele e, por fim, se rendeu com um beijo. Ele amava seu jeito dramático e quase infantil, seus sorrisos e o modo como o abraçava e apertava seus dedos. Essa mulher era Kara Ramos, não Thaís.

– Então, por que buscou Ariel? Ordália mentiu para Jan Kmam, queria colocá-lo contra o rei, até então você não o havia traído. – Radamés queria verdadeiramente saber seus motivos e fazer Jan Kmam também os ouvir.

– Precisava encontrar algumas respostas. Quando me descobri traída por Jan Kmam anos atrás, eu surtei. Bruce, Ariel e até mesmo Jan Kmam insistiam em dizer que, como vampiro, ele tinha o direito de possuir aquela mortal e o que fazia não era traição. Algo que só vim entender há pouco mais de um ano. Que amar e possuir são coisas diferentes – revelou Kara, segura. – Finalmente, acho que amadureci, mas ainda sinto que falta um longo caminho. Foi muito doloroso perceber que estava sozinha e teria de aceitar os direitos de Jan como vampiro.

– Quando?

– Quando Ariel acreditou apagar minhas lembranças. Mas, por algum motivo, eu não esqueci nada! Tive de fingir que não sabia de coisa alguma. Foi doloroso e cruel, mas cresci muito e rápido. Jan me abraçava, eu o perdoava e esquecia sua traição porque o amava e amo.

Jan Kmam ouviu e não pôde acreditar no sacrifício que ela fez em nome do amor que dividiam. Como ele não notou sua tristeza? Ela fingiu nada saber para mantê-lo ao seu lado, para perdoá-lo. Andou silenciosamente pela sala, sentindo a culpa atingi-lo duramente como jamais havia ocorrido antes.

– Ariel revelou-me parte de sua história com Rosa Maria e desejava desesperadamente que eu fosse ela. Estava cercada de segredos e desejo, e nenhum deles queria ceder. Mas Ariel cedeu e tentou me proteger e a ele mesmo, tentando apagar minha memória. Jan se sentia culpado, eu podia ver em seus olhos que havia arrependimento sincero. Mas ele permaneceu em silêncio, apenas fingiu que nada havia acontecido – disse a vampira, sorrindo tristemente. – Eu o perdoei, mas ele não conseguiu fazer o mesmo. Tentei explicar, mas ele não me ouviu. Preferiu ficar com a palavra de Ordália.

Jan Kmam, oculto, sofria e desejava sair e falar com a vampira, mas se continha. Mercúrio, que o havia visto na passagem secreta, observava-o cuidadoso. Ele cobriu a face com as mãos e encarou seus erros. E lamentou por eles.

– Ariel escondeu sua dor quando Seth matou Rosa e, por muito pouco, não morreu queimado no palazzo. Seth o atacou, foi graças a Bruce, Romano e Thiago

que e sobreviveu – revelou Radamés, surpreendendo a vampira.

– Então eles conheciam Rosa?

– Sim.

– Não me admira o modo como me encaram por vezes. Sabe como me sentia nessas ocasiões? Perdida. Durante a Arena, a morte de Ariel me condenou a perder Jan Kmam. Ele ocupou seu canto, e o que seria de nosso amor? Condenado, Ordália, Togo, os Poderes e Otávio não me tolerariam durante um extenso período. – ela fazia uma reflexão profunda. – E, por muito tempo, era malvista. Aliás, continuo sendo. Pois agora para todos sou a amante do rei. – completou andando pela câmara. – Sabe, às vezes quero ficar ao lado dele e ceder. Ele é muito carinhoso, adorável, gosto da sua companhia, Ariel me apoia, sabe que sou forte, que sou capaz. Mas agora o medo de me perder o está afetando duramente. – refletiu preocupada. – Se ele não fosse o rei... E todos estão lá me julgando e a ele. – E quando me insultam com seus olhares acusadores, sinto que meu lugar, não é ao lado dele. Nada muda realmente – falava com tristeza. – Otávio, quando soube da morte de Jan, tentou matar-me, ele realmente me odeia. Se não fosse por Ariel, Bruce e Martan, estaria morta.

O vampiro ouvia Kara falar e compreendia a extensão do que ela vinha passando e enfrentando. E ficou furioso com a atitude do ex-mestre.

– Jan Kmam me fazia suportar tudo, por ele valia a pena cada noite, cada crítica de Otávio. A sedução do rei e todo o resto.

– Achou resposta para suas perguntas? – insistiu Radamés.

– Sentia-me atraída por Ariel, nada mais, mas hoje entendo sua solidão, tenho muito carinho por ele. Ele realmente me ama, mas não posso corresponder à altura. Talvez sua fascinação por mim, o modo como me protegia e perseguia. Havia muita dor, a princípio; depois, só o silêncio da ausência total de Jan Kmam em minha vida. Percebi que era livre e poderia experimentar o que me atraía. Jan morreu acreditando que o havia traído friamente. Mas eu jamais o trairia.

- Eu sei que não, Kara. O amor que sentem um pelo outro é único.
- Ele vai sempre viver dentro de meu coração. Talvez precise de outra poção.
- disse Kara, sorrindo tristemente.
- E para que seria? – perguntou Radamés curioso.
- Deixar-me invisível aos olhos de Ariel assim que eu partir.
- Não se preocupe, ele vai entender e aceitar pacificamente que o deixe. O tempo é o senhor de todas as respostas.
- Ele vai sofrer, na verdade, já está sofrendo. – lamentou. – Mas quando poderei partir?
- Amanhã a levarei para a Espanha e você fará o resto. Tenho certeza de que vai conseguir. Venha, vou levá-la a uma câmara para que descanse. A manhã vem ligeira.

Radamés levou Kara para a câmara onde Jan Kmam estava habitando. Ele queria forçá-lo a revelar-se à vampira. No chão, havia um tapete coberto de almofadas e uma pele macia branca. À frente, a pedra elevada do chão, onde ela poderia dormir. O vampiro se despediu por aquela manhã e a deixou sozinha. Kara tirou o casaco, sentou na cadeira egípcia próxima e tirou as botas, para depois afrouxar os cordões do colete. Solto os cabelos e resolveu dormir no tapete. Ajeitou-se entre os travesseiros e, enquanto lá, sentiu uma fragrância conhecida. Devia ser a saudade, mas podia jurar que era o cheiro de Jan Kmam. Sentia-se triste, talvez pela conversa com Radamés, que lhe trouxera tantas recordações. Puxou do forro do colete um pedaço de papel bem gasto e o abriu com cuidado. Era a carta de Jan Kmam. A única recordação que mantinha dele além de sua aliança. Leu-a e chorou baixinho de saudade. E assim adormeceu, segurando-a.

Do lado de fora, Jan Kmam esperava. Ele ouvia seus movimentos, os soluços baixinhos que ela emitia e, por fim, quando tudo ficou silencioso, quando teve certeza de que ela dormia, entrou na câmara.

Ajoelhado ao seu lado, Jan Kmam admirou sua criação, sua amada. O seu cheiro de rosas estava no ar, tornando seu mundo doce e conhecido novamente. Estendeu a mão e a deslizou sobre o corpo da vampira sem tocá-la, quando o que ele mais desejava era tomá-la em seus braços, beijar sua boca delicada até seu coração se acalmar no peito. A sensação de tê-la tão perto encheu-o de força e coragem. Inclinou-se e tocou seus cachos sedosos. Nesse momento, viu a carta entre seus dedos. Puxou-a delicadamente e, ao ler, encontrou suas últimas palavras para ela no dia em que fora sentenciado.

A carta estava desgastada, ela a carregava como um relicário de seu amor. Percebeu o quanto fora duro com a vampira, que só tinha força para amá-lo. Lembrou-se do quanto ela se arriscou para ser campeã somente para libertá-lo, dos abusos de Otávio, que ela engolia calada somente para não magoá-lo. A forma como mentiu para perdoar sua traição. Ali, de joelhos, ele chorou de arrependimento e culpa. Se a houvesse escutado... Mas estava cego de ódio e ciúmes. Ficou por longos minutos apenas fitando a vampira.

Antes de sair, beijou-a suavemente, temendo acordá-la. Desejou ter uma rosa para deixar ao seu lado. Fitou a areia no chão e sorriu, enquanto desenhava com a ponta do dedo algo para ela. E torceu para que, quando ela acordasse, visse o desenho. Saiu da câmara e, após falar longamente com Radamés, tomou sua decisão. Havia muito a ser restaurado em nome do amor deles dois.

Kara despertou com uma sensação boa a envolvendo, talvez fosse o cheiro no leito. Pegou uma das almofadas e levou ao rosto, sentindo o perfume de Jan Kmam, tinha certeza de que sim. Deveria estar ficando louca. Suspirou e, enquanto calçava as botas, fitou o chão e viu um desenho.

– Como pode ser?

A rosa desenhada encheu-a de dúvidas. Jan costumava desenhar no vidro das janelas no apartamento uma rosa, simples riscos. Mas que, juntos, formavam uma delicada rosa. E ali estava ela na areia. Terminou de se vestir e, quando se sentiu pronta, procurou Radamés. Ele a esperava na câmara onde conversaram na noite

seguinte. Mercúrio estava com ele, mas já de saída; levava consigo um cálice de sangue. Radamés havia terminado de preparar uma mistura, mas para quem seria?

– Dormiu bem, minha rainha?

– Sim, dormi muito bem. Há mais alguém conosco?

– Sim, um velho amigo, mas ele quer se manter incógnito, recupera-se de um ferimento. Tenho certeza de que entende.

– Só fiquei curiosa.

– Pronta?

– Sim.

Radamés segurou a mão de Kara e a levou embora. Ela mantinha os olhos fechados como recomendado. Abria-os apenas quando ele mandava. Seus pés tocaram o solo e ela abriu os olhos. Estavam na Espanha, em Loarre. Kara reconheceu o relevo.

– Tenha cuidado, minha rainha – recomendou Radamés, tocando seu rosto.

– Eu o verei novamente?

– Não sei ao certo, mas quero que me faça um favor. Se for pedir ajuda, chame por Jan Kmam. Entendeu? – E o vampiro a abraçou, percebendo que ela lhe faria mil perguntas.

– Eu não compreendo, Radamés. O que quer dizer?

O vampiro partiu, deixando-a sozinha e cheia de dúvidas. Kara caminhou pela colina e resolveu esquecer temporariamente a questão, afinal Samael estava por perto, precisava se concentrar. Além da colina, de árvores e rochas calcárias. Subiu em uma delas e esperou, pois não havia sinais de rastros ou de seu cheiro. A lua crescia no céu, era o quarto exato para que Samael tentasse trazer Íris à vida. Teria uma chance de matar os dois. Como previsto por Radamés, não sentia fome. Mas estava estranhamente leve.

Quando Samael finalmente apareceu, a noite ia alta. Kara pôde vê-lo se movendo pela floresta. Andava com tranquilidade, conhecia muito bem o caminho. Trazia consigo a espada e uma bolsa de couro pendurada no ombro. Parou próximo a uma árvore, desfez-se da bagagem e começou a cavar com as próprias mãos. Uma espécie de pedra desenhada apareceu e ele a empurrou. Era uma entrada secreta. Jogou seus pertences, disfarçou a abertura com um pedaço de couro coberto de areia e sumiu pelo buraco.

A vampira desceu das árvores, sabendo dos riscos que corria em se revelar, mas não era momento para hesitação. A passagem era uma espécie de túnel subterrâneo. Ela ocultou a face, puxou o capuz e desceu. A escada era de rocha e levava até um corredor e, mais à frente, a uma espécie de câmara arredondada e baixa, feita de blocos de pedra. A escuridão a favorecia. Esgueirou-se pelo túnel, sentindo cheiro de umidade, terra e raízes em decomposição. Pelas paredes, viu as raízes das árvores na superfície. Havia também cheiro de sangue e putrefação. No final do caminho, percebeu o primeiro sinal de luz; então se deteve nas trevas e parou, ouvindo um grunhido humano. A vampira olhou à sua volta e para cima, agachou-se e saltou. A câmara, naquele ponto, tornava-se abobadada e era sustentada por vigas de pedra desenhada com inscrições e formas. Que lugar era aquele? Pareceu-lhe uma velha tumba, ou um local de sacrifícios. Nos relevos, lobos e vampiros lutavam. Havia cenas de luta e imolações.

Ocultada atrás de uma delas, Kara observou o esconderijo de Samael, uma espécie de cela baixa e com grades, algo aterrador e sombrio. O lobisomem rodeava uma plataforma de pedra onde um homem jovem nu jazia amarrado. Sobre seu peito, ele inscrevia símbolos com sangue e ervas. O coração do mortal batia acelerado, o cheiro do seu medo estava em toda a câmara. Isso era uma grande tentação para Kara, que não se alimentara. Um metro adiante da plataforma, notou um buraco, uma espécie de fosso.

Samael estava pronto para despertar Íris, não havia dúvidas. Sobre ele, duas lanças cruzadas. Próximo a uma pira de fogo, Samael se preparava para ler o

pergaminho. Ele o havia unido, estava em suas mãos completo. Era grande e Kara pôde ver o selo de sangue em sua ponta.

Quando puxou o punhal de sua sacola de couro, Kara teve certeza do sacrifício. Ele o tinha nas mãos e o leu em voz alta. A cada palavra, o fogo na pira diminuía de intensidade até quase se extinguir. Kara tocou os pulsos: eles ardiam. As marcas estavam rubras. Ela mordeu os lábios, temendo gemer de dor, e escondeu os pulsos junto ao corpo.

No momento em que Samael chegou ao fim, disse três vezes o nome de Íris. O fogo estava se apagando quando ele pegou o punhal e o cravou no peito do mortal, que gritou de dor e agonia, e o puxou para baixo. O cheiro de seu sangue tomou conta da câmara, que se encheu de uma luz esverdeada. Samael fitava o fosso, ansioso, temendo ter feito algo de errado. Mas logo um vulto aeriforme se manifestou, assumindo contornos femininos. Uma mulher de cabelos longos e castanhos materializou-se sobre o fosso, onde flutuava. Apesar de bela, sua face tinha um semblante sombrio, e seus olhos eram vazios e negros. Suas vestes pairavam no ar como se levadas pelo vento quente das entranhas do inferno, que certamente era o lugar de onde aquela criatura havia saído. Ela estendeu os braços para Samael, parado à sua frente, e recebeu o coração do mortal em suas mãos ainda translúcidas; levou-o à boca para primeiro sugá-lo e, por fim, comê-lo avidamente, sujando-se com o sangue ainda quente. O tal ser fez alguns ruídos enquanto Kara a observava com receio e nojo. A essa altura, Samael estava curvado no chão, esperando que a estranha criatura se materializasse. Íris havia adquirido corpo por meio do sacrifício. Suas vestes eram negras e leves, o cinto sobre a cintura era repleto de pedras e ouro. No colo perfeito jazia um colar que lhe cobria os seios sob o tecido transparente. As sandálias de couro macio tinham fivelas de prata, e Kara achou-a bastante parecida com as vampiras do Templo da Esfinge.

Íris, agora, era feita de carne e sangue, vinda de um plano onde era a senhora, e não a serva. Os olhos adquiriram vida e cor, como seus cabelos castanhos. Tocou a cabeça de seu libertador e o viu erguer-se, observá-la com admiração e alegria

para lhe entregar uma adaga. Ela a reconheceu em júbilo, deveria lhe pertencer. Samael foi até a cela, arrastou sem esforço um segundo mortal e colocou-o diante da mulher. Ele estava amordaçado e com pés e mãos atados. A criatura o atacou com a adaga e se atracou com ele para sorver sangue fresco novamente. Agia como um animal. Cravou-lhe a mão no peito e arrancou seu coração. Samael fitava a vampira com admiração e esperou que ela saciasse sua fome grotesca. Ela guardou sua adaga, fitou as mãos sujas e sorriu de forma maligna. Imediatamente, sua pele absorveu o sangue que sujava sua face, suas mãos e seu pescoço. Logo estava limpa, como se não tivesse se fartado de sangue e carne humana.

– Íris...

– Silêncio! Não pronuncie meu nome, alguém nos vigia – disse a criatura, e olhou em direção a Kara.

Samael, em guarda ao seu lado, nada via. Kara ficou imóvel, mas era muito tarde; a criatura a descobrira. Recostou-se na parede e se preparou para lutar. Íris percebeu que seu libertador não via a intrusa e, com um simples gesto de mão, arrancou Kara de seu esconderijo. A vampira voou pelo ar, sentindo uma força estranha deter-lhe os músculos e arremessá-la contra o chão. Caiu sentindo gosto de sangue nos lábios. Estava aos pés da estranha.

– Maldita intrusa!

Samael rugiu e avançou. Pretendia chutar Kara, mas ela ficou em pé e esperou-o de espada em punho. Ele percebeu que a lâmina estava banhada em prata, algo que o fez recuar. Fora um presente de Radamés, um banho de prata em suas armas. Exibiu os dentes longos, rosnando furioso. O corpo estava curvado, e as mãos, antes humanas, agora estavam longas, com unhas que eram garras afiadas. Tudo o que Kara desejava era cortar sua cabeça.

A criatura olhava-a com curiosidade, enquanto ela lutava ferozmente com Samael. Ao estender a mão, percebeu algo que a desagradou profundamente.

– Ela é filha da Casa Real, a campeã do rei, sinto nela o cheiro do poder de Radamés! Maldito seja! – murmurou entre dentes.

Os olhos de Íris tornaram-se negros e repletos de ódio. Ela ia atacar a vampira. Desta vez, porém, Kara estava pronta para se defender e cravou a espada em seu ventre. Ao gritar, sua face adquiriu contornos demoníacos. Kara recebeu uma violenta braçada que a colocou à beira do fosso. Samael se aproximou e atacou-a, enquanto ela se defendia com a espada, tentando empurrá-lo para frente. Num movimento mais rápido, as garras de Samael alcançaram o braço de Kara, as mangas do casaco pouparam sua pele de cortes. Mas a espada da vampira não perdoou o lobisomem, ela lhe rasgou o peito. Seu grito de dor varreu a câmara, enquanto sua pele queimava como a pele de um vampiro sob o sol. Foi a vez de Íris investir sobre Kara, empurrando-a no fosso. Kara tentou agarrar-se à borda, mas era lisa. Na queda, ela tentou cravar a espada na parede, mas só conseguiu criar faíscas na pedra maciça, enquanto caía. Seu corpo caiu de uma altura de oito metros, mas o impacto foi absorvido de modo suave. A primeira coisa que sentiu foi a podridão à sua volta. Só então percebeu que estava sobre uma pilha de corpos, mortais sacrificados para trazer Íris à vida. Em meio à putrefação, a vampira ficou em pé e cobriu o nariz e a boca. Tentou escalar a parede sem êxito e percebeu que começava a afundar. Debaixo dos corpos, havia água e ratos. Desesperada, ela matou alguns por puro nojo. Do alto, Samael gritou:

– Está gostando das acomodações, vagabunda? Espero que sim, pois é onde vai ficar eternamente. Você agora vai aprender a não me perseguir. – Ele sentia dores no peito ferido, queimado pela prata.

Samael tinha um balde nas mãos. Quando despejou o conteúdo, a vampira sentiu o cheiro de querosene. De novo, não! Kara pensou enfurecida! O líquido caiu sobre os cadáveres e também sobre seu corpo. Em desespero, andou pelo fosso, buscando uma saída, uma brecha, sem encontrá-la, enquanto o lobo continuava derramando querosene sobre ela e os corpos. Samael sumiu da borda e voltou com uma tocha nas mãos. A luminosidade alertou Kara e a fez ficar junto à parede, mas bem sabia que não havia como fugir do fogo.

– Hoje começa um novo tempo para lobos e vampiros. E nele não existe espaço para a campeã do rei. Adeus, Kara.

A tocha mergulhou dentro da escuridão, iluminando o fosso em sua queda. Kara fechou os olhos e esperou pela morte certa. A tocha engoliu os corpos imediatamente. Nesse mesmo instante, Kara foi puxada para baixo. A água pútrida cobriu-a. Mãos de aço a seguravam, conduzindo-a para baixo. Esbarravam em corpos, enquanto nadavam rapidamente. Aos poucos, ganharam distância e a água tornou-se limpa e fria. Ela não via direito quem a puxava, mas estava grata. Quando finalmente emergiu, tossiu e expulsou a água dos pulmões, e sentiu gosto de querosene na língua. Olhou em volta e se viu numa espécie de cisterna. Foi posta de pé com força e quase arrastada para os degraus, onde se sentou.

– Obrigada, você salvou minha vida.

– Estou apenas fazendo o que me mandaram, não me agradeça. A sua espécie poderia muito bem não existir. – disse ele, a contragosto.

– Quem é você, afinal?

Kara tirou o casaco molhado, revisando suas armas, enquanto olhava em volta. Era a cisterna de uma construção, as paredes eram de blocos de pedra, à esquerda havia uma escada na rocha, cinco metros acima, mas ela não levava a lugar nenhum, só visualizava outra parede.

– A Ouroboros, o rei dos vampiros, o senhor dos lobos, e minhas presas, me chamam de Caçador. Sugiro que faça o mesmo.

– É uma grande honra conhecer um de vocês – disse Kara, olhando com admiração sincera.

– Vejo que não a ensinaram a temer um Caçador.

– Por que deveria? Lutamos pela mesmo objetivo, paz. Acho vocês admiráveis, são mortais e lutam sem medo. – Kara falava com tranquilidade e sem temor.

– Não se iluda com a minha aparência, eu deixei de ser mortal há cinco séculos. Mas de onde você saiu, pedacinho? – incrédulo perguntou.

– Sou a campeã do rei. – disse orgulhosa.

– Isso eu sei. Você tem uma dívida de sangue com a Ouroboros.

– Como assim dívida?

– O seu rei prometeu à Ouroboros que você não seria exposta a nenhum risco. No entanto, se tornou sua campeã, e vem se expondo a riscos desnecessários. Já vi você matar muitas vezes, é boa, mas uma hora sua sorte termina.

A vampira ouvia as palavras do Caçador com surpresa e certo receio.

– Sorte? Por que deveria me esconder e não lutar? Por quê?

Confusa, Kara avançou e tocou o braço do Caçador, ele o puxou e a fitou com aborrecimento. Ajeitou a capa e foi para longe dela. A vampira não ligou muito, eles tinham fama de esquisitos e pouco pacientes.

– Pergunte ao seu rei. Íris despertou? – perguntou o Caçador, afastando o cabelo dos olhos. Estava ensopado, mas não se importava muito, parecia mais preocupado em como sair dali.

– Sim, e já provou de um pouco de aço e prata.

Kara exibiu sua espada e a percebeu suja de sangue. Então, ela poderia ser morta. Olhou os degraus debaixo d'água e perguntou-se onde teriam sido enterrados seus restos. O fosso estava cheio de água. Talvez houvesse outra passagem. Como o Caçador soube que ela estava ali? Certamente mergulhou, buscando uma saída.

– Você a feriu, pedacinho de gente?

O Caçador viu o sangue na espada da vampira e a achou um pouco mais capaz. Ela daria um bom Caçador se não fosse vampira, e se não pesasse sobre seu pescoço uma sentença de morte. Viu em seus pulsos as marcas e se perguntou se ela sabia o que significavam realmente. Enfim, pouco importava, o seu rei deveria

lhe dizer, não ele. Suas ordens eram somente para servir de babá. Era ridículo, um Caçador protegendo um vampiro.

– Sim, e pela cara dela e do empurrão que levei, doeu bastante. Mas eles têm muita sorte. Eu estou aqui embaixo presa, e eles dois lá em cima, livres.

A vampira andava pela cisterna, buscando uma saída. O local era muito antigo e parecia caindo aos pedaços, talvez juntos pudessem destruir uma das paredes. Martan a ensinara algumas coisas sobre paredes e buracos. Um vampiro nem sempre podia contar com sua espada, então precisava saber usar a inteligência e a força física de suas mãos. Fitou o Caçador com interesse; afinal, quando se feriu o viu rapidamente, estava cheia de dores, agonizando. O que estava à sua frente era alto e corpulento; cabelos escuros e um tanto longos, levemente cacheados, caíam sobre sua testa larga. O rosto estava sujo de areia, havia um pouco de sangue escorrendo pelo queixo. Apesar do olhar maduro, a face era jovem. Não podia ser diferente: eles eram imortais, mas tinham algumas fraquezas.

– Seu rosto me é bastante familiar. Foi você quem me salvou?

– Pode ter sido qualquer Caçador. – falou na defensiva.

– O Caçador que me salvou me chamou de “pedacinho de gente” – disse a vampira, ficando perto dele sem medo.

Observou o homem a sua frente e o achou bonito, apesar das roupas austeras e o rosto sombrio. Tinha um metro e oitenta de altura, ombros largos, pele levemente bronzeada. Braços fortes, mãos vigorosas. O pescoço era grosso, queixo forte. A calça de brim grossas eram surradas, assim como as botas pesadas. Deveria ter oitenta quilos.

– Isso não faz diferença. É uma vampira, e nós, Caçadores. Deu para entender? – Ele era bastante mal-humorado.

– Só quero agradecer e saber o porquê da deferência. – insistiu Kara.

– Se sair com vida daqui, pergunte ao seu rei.

– Você tem um nome além de Caçador?

– Sim. Caçador.

Cansada de suas cortadas, Kara andou por todo o espaço em busca de uma saída. O Caçador tirou do casaco um pedaço de papel e o abriu com cuidado. Parecia um pequeno mapa. Próximo a ele, sua espada e a besta.

– Como veio parar aqui?

– Seguindo você. De onde veio?

– Do Egito. Mas como você...? – parou de falar pois não queria dizer o nome de Radamés. Ele já a olhava de modo estranho, o que diria se soubesse que andava com um espectro?

O Caçador mirou-a mal-humorado e foi para a parede do lado direito da cisterna. Kara viu a parede semidestruída. Ele viera por ali, havia sido empurrado para a cisterna e deixado lá para morrer.

– Qual a altura do fosso?

– Oito metros de paredes bem lisas. Não consegui me agarrar em nada.

– É, estamos com um problema.

A cisterna era bastante antiga e funda. O caminho feito pelo Caçador não era o da escada. Kara caminhou até ela e começou a subir os degraus. Enquanto o fazia, via as marcas da água e tocava a parede tentando achar brechas. No último degrau, a abertura estava fechada com grandes blocos de pedra. No canto direito, havia uma corrente presa por uma argola, a outra ponta sumia dentro da parede de pedra. A vampira pegou sua adaga e começou a cavar na junta dos blocos. O Caçador subiu e compreendeu o que ela fazia, poderia ser uma saída. O bloco cedeu e Kara sorriu, o Caçador continuou cavando, o pesado bloco se moveu. O espaço era pequeno, mas, se continuassem, conseguiriam. Kara colocou as duas mãos no bloco e o empurrou. Foi uma reação em cadeia, o bloco cedeu e a escada sumiu debaixo deles. Ágil, o Caçador segurou-se na corrente e ainda alcançou a mão da vampira, puxando-a rapidamente. Cobriu-o com seu corpo, enquanto uma chuva de pedras os atingia. Quando a última pedra caiu, Kara sentiu a pressão sobre seu

corpo diminuir. A mão dele segurava sua cintura, seus pés estavam sobre os dele, suas mãos nos ombros dele. No instante em que ergueu a cabeça, viu-o sorrir enquanto o sangue pingava de sua cabeça. As pedras o feriram.

– Não faça nenhuma loucura, meu sangue tem o pior dos sabores.

Kara ia responder quando ele a apertou junto ao peito e se balançou na corrente, tomando impulso para atravessarem a brecha na parede, levando o resto dos blocos de pedra. Caíram a salvo numa espécie de canal em declive, certamente construído para recolher a água da chuva e jogar na cisterna. O Caçador estava em cima de seu corpo, defendendo-a. Por fim, olhou dentro de seus olhos e a puxou para que ficassem de pé. Estavam livres. Kara notou que se encontravam longe do ponto de entrada da tumba onde Íris havia despertado. A construção medieval mantinha-se em péssimo estado de conservação e, um pouco abaixo, ela viu os corpos dos lobisomens que o Caçador havia matado. Ele limpou o sangue da testa com a manga do casaco e saltou da murada. Kara o seguiu e o viu livrar-se dos corpos de modo bastante peculiar, empilhou-os e tirou do casaco uma ampola cheia de um líquido prateado. Lançou o pequeno frasco de vidro sobre eles e, cruzando a espada e a faca, produziu uma faísca. O fogo apareceu e consumiu os corpos, enquanto ele já se distanciava. Kara observou quase hipnotizada os corpos sumirem lentamente.

– Acorde, pedacinho! Faltam somente três horas para o amanhecer.

O Caçador sumiu pela colina, deixando Kara sozinha.

Capítulo 37 - Doces Mentiras

Os Pacificadores escoltaram Kara até o rei, ela não teve tempo sequer de mudar a roupa. Ele estava no salão de audiência e parecia que ia tratar de sua fuga como rei, não como seu amante. Ela não se espantou; na verdade, era melhor assim, os vampiros que andavam pelo *Château* precisavam ver que era igual a eles. O fato de dormir com o rei não lhe dava privilégios. Togo passava alguns pergaminhos ao rei, Romano e Virna estavam próximos. Thiago permanecia conversando com Misha e Valdés. Kara notou a ausência de Bruce. No fundo do salão, Marie. Kara acenou para ela, que retribuiu. – estava abatida e pálida, mas viva.

- Majestade – Kara o cumprimentou assim que ele a olhou.
- O que vai alegar? – perguntou o rei em tom ríspido.
- Saí para caçar e matar nossos inimigos. Íris despertou e está bem viva.

A revelação trouxe sobre Kara uma avalanche de perguntas que tentou responder com exatidão, enquanto Ariel a observava calado. Escorregadia, ela evitou falar de sua fuga e desobediência. Ele resolveu nada questionar e percebeu o olhar de Togo condenando-o. A campeã precisava ser punida por desobedecer ao rei, que realmente ficou furioso, quando não a encontrou na cela. Para piorar as correntes foram derretidas, provando que ela teve ajuda de alguém muito poderoso, obviamente, Radamés. Ele ordenou que a encontrassem e a trouxessem de volta. Kara não deu atenção a tal fato, não agora, que ele lhe escondia a verdade. Teve ganas de questioná-lo, mas se conteve, não queria causar problemas com os Poderes, sequer sabia se eles conheciam sua sentença.

- No primeiro dia de lua cheia, Íris vai despertar seus iguais. – revelou Kara.

– Pelo menos, já conhecemos parte do caminho a seguir até sua localização exata. – disse Marie, pronta a lutar.

– Eu não duvido que ela nos convide. – acrescentou Romano, observando Kara com admiração.

– Se teve a chance, por que não a matou, fujona?

Virna estava se tornando perigosa. Nos últimos meses, ela lançou diversas indiretas para a vampira. Sem falar que Kara a pegara por duas vezes criticando seu comportamento e sua relação com o rei. Ariel sabia quem aprovava e desaprovava seu romance com a vampira, mas nada fazia, nem poderia; as opiniões divergiam enquanto ele a amava e se sentia feliz.

– Foi complicado, estava na beirada de um fosso de oito metros de profundidade. Mas ela sangra, se quer saber.

– Acreditei que sua fuga nos trouxesse alguma compensação. Como a cabeça de Samael, ou a de Petrus. Afinal, eles ainda estão impunes da morte do favorito do rei.

O comentário foi bastante cruel. Romano e os demais vampiros observaram as duas vampiras em silêncio. O clima ficou tenso. Kara a olhou com verdadeiro interesse e se moveu em sua direção. Os Pacificadores permitiram a um comando do rei, ela não iria a lugar algum. Ariel observou Kara e esperou um desfecho a sua altura.

– Está tentando dizer alguma coisa, Virna? – perguntou Romano, tentando detê-la.

– Há dois anos, Kara os caça sem êxito. Acreditei que ela conseguisse sentir o cheiro de Samael. O que houve? Perdeu o interesse em vingar-se dos assassinos de seu mestre e amante?

– Você sabe lutar, Virna?

A vampira olhou a campeã do rei suja e com os cabelos despenteados, e a julgou. Ela se vestia de modo sofisticado e fino. Meias, saia justa, blusa de seda, casaco. Os cabelos presos no alto da nuca. A maquiagem estava impecável, assim como o sapato alto e negro. Era lindíssima e sofisticada, mas não convenceu Kara de que pudesse se defender usando aquela saia.

– Sim, e muito bem.

Virna respondeu-lhe, satisfeita com o desfecho de suas provocações. Há tempos desejava se bater com Kara. Odiava-a por algum motivo desconhecido. Romano já havia lhe pedido cautela, mas ela insistia em hostilizar a campeã. Os demais vampiros acharam a atitude de Kara acertada e esperaram que o rei permitisse o combate, seria maravilhoso ver Kara dar uma surra em Virna. Ela parecia ter se contaminado com as picuinhas do Conselho. A maioria de seus membros condenava o rei por manter Kara como sua amante.

– Ótimo. – Kara sorriu moleca. – Majestade, peço sua permissão para um combate amistoso com a Conselheira Virna. – Kara se curvou diante de Ariel, sentado no trono. – Ela tem tentado sem êxito me dizer algo, mas a coragem lhe falta, então acredito que, com uma espada nas mãos, ela consiga se expressar adequadamente.

– Permissão negada. Não é momento para troca de farpas e deboches, Kara. Respeite a autoridade de Virna.

Virna a olhou vitoriosa, e Kara semicerrou os olhos, contendo sua raiva, embora tenha deixado transparecer somente um olhar sobranceiro e calmo. Ele a estava punindo por sua fuga, pois bem sabia que em qualquer outro momento teria lhe dado o direito de se bater com a conselheira e calar suas intrigas sobre o relacionamento deles.

– Ela vai respeitar a minha, majestade?

– Sim, vai. – disse Ariel, olhando com censura para Virna.

– Qual delas, a de campeã, ou a de amante? – questionou Virna, cega de raiva.

O deboche foi a gota d'água e a campeã respondeu a altura a provocação que foi recebida com sucesso.

– Vou lhe ensinar a respeitar o rei.

Kara avançou com velocidade e socou Virna. Foi tudo muito rápido: num segundo, se encaravam com raiva; no outro, estavam atracadas, lutando no salão diante do rei. Togo, paralisado, não deu nenhuma ordem. Ariel sorriu, enquanto Romano e os demais vampiros seguravam Kara e Virna, separando-as. A princípio, a situação foi hilária. Marie ficou entre elas, mas acabou sendo empurrada e teve o cabelo puxado, gritando de dor. Afastou-se e sorriu. Havia sangue e um corte fundo na face de Virna. Kara, no entanto, só tinha sangue nas mãos. Virna se debatia nos braços de Romano.

O cabelo estava desfeito e a roupa fina e sofisticada rasgada.

– Já basta! Virna! – Romano a chamou para que se contivesse diante do rei.

– O que lhe fiz para que me odeie tanto? Há meses fala por minhas costas, insulta-me sem que eu saiba o porquê... O que quer de mim? – Kara perguntou, firmemente presa por Martan.

– Suas intrigas destruíram o amor de Otávio e Asti, ridicularizou-o e, por fim, vem bancar a inocente? Você me enoja, campeã.

Togo notou que o rei as observava em silêncio. Ele queria ver até onde Virna iria levar suas ofensas. Não se moveu do trono, ele sabia que a etiqueta o obrigava a agir como rei, não como amante. Martan tentava acalmar Kara, mas ela foi ofendida e, com seu ânimo, não iria deixar barato.

– Virna, o que fala?! Recomponha-se! – cobrou Romano, sem acreditar no que ela disse. Era uma afronta terrível.

– Otávio tentou me matar e Asti cansou de ser capacho. O que tenho a ver com isso?

– Você não passa de uma víbora ambiciosa. Primeiro, tentou seduzir Romano e, depois, o rei. – Virna cuspiu sua raiva.

– Então é assim que o Conselho vê o meu relacionamento com minha campeã? Fui seduzido? Isso é tão doce e patético. – a voz de Ariel fez Virna se conter parcialmente.

– Majestade eu... – começou a conselheira, mas Kara a calou.

– Víbora! Você enlouqueceu, jamais desejei seu amante. – disse Kara, se defendendo de suas injúrias.

– Perdeu a razão? – Romano virou-se para Virna e a sacudiu.

– É, Romano você tem pouco poder para que ela o deseje – Virna parecia possuída e continuava alfinetando.

– Senhoras! Acalmem-se, a guerra ainda não começou. – pediu Thiago, preocupado com o rumo das ofensas. E olhou para Valdés dando o sinal para ficar atento.

– O que está insinuando? Estou farta de suas ofensas, Madame Blush. – reagiu Kara, afinal não ia ser insultada em vão. Então jogou em sua cara seu apelido.

– Pérola do rei!

As duas vampiras se atracaram mais uma vez e foi necessário que os Pacificadores as separassem. Kara conseguiu rasgar as roupas de Virna e deu-lhe uma cabeçada antes que a afastasse nos braços de Valdés. Ele a segurava pela cintura, enquanto ela lutava para se soltar. Agiu como um moleque furioso e os olhos do rei brilharam, enquanto ele escondia um sorriso.

– Já basta!

O rei ordenou por fim bancando o furioso. O silêncio era constrangedor. Kara fechou os olhos por um momento para esconder uma lágrima de vergonha. Valdés a soltou, sabendo que ela não mais tocaria na vampira.

- Permissão para me retirar, majestade. – pediu Kara como cabia o protocolo.
- Permissão concedida.

O salão e os móveis, tudo começou a oscilar dentro de uma estranha atmosfera. Os vampiros sentiram a vibração e fitaram Kara, que estava curvada sobre si e tocava o peito a doer. O tempo parecia ter parado. A vampira gritou de dor e caiu no chão. Parecia estar sendo atacada. E estava: Íris, em pessoa, se materializou, flutuava sobre o corpo da vampira, prendendo-a no chão enquanto deslizava o dedo sobre a carne de seu peito.

- Kara!

Ariel, de espada em punho, avançou e tentou desfazer o contato e a cortou, mas ela não passava de um fantasma. E, aborrecida com sua intromissão, empurrou-o. Ariel recuou alguns passos, mas ele se manteve firme. Sua mente era bastante forte e não foi tocada por sua violência.

- Afaste-se dela!

Os outros vampiros avançaram prontos a lutar por seu rei e sua campeã, mas foram repelidos com força. Íris ria e feria a vampira sob seu poder. Kara e ela falavam em egípcio, juntas, conjugando uma maldição. Ela se debatia, resistindo. Olhava Ariel, suplicando ajuda de mão estendida. As botinhas riscavam o piso de mármore, enquanto Isadora e Marie tentavam se aproximar, mas foram atacadas por Íris.

- Pare!

Marie avançou, usando seus poderes e, com as duas mãos, gerou uma bola de luz e jogou sobre ela, que sentiu dor e se afastou da vampira. Íris revidou também com fogo e, se ela não houvesse criado um escudo, os vampiros teriam sido atingidos. O fogo alcançou as cortinas, enquanto os Pacificadores tentavam, em vão, cortar o espectro, somente para ser repelidos, enquanto Íris ria de forma maligna. Marie apagou o fogo com um gesto e avançou sobre o espectro e a feriu

pois ela gritou. Mas com um safanão derrubou a bruxa. Valdés correu em seu socorro e a viu inconsciente, batera a cabeça.

– Ela é minha. Lutem o quanto quiser, mas o coração dela será meu! Em breve, você encontrará seu fim, herdeiro do sangue de Elkabar – ameaçou Íris, voltando o indicador para Ariel. – Devorarei seu corpo e beberei seu sangue! O de todos vocês! – disse, apontando os demais e desapareceu, libertando Kara.

Kara gritou novamente de dor. Tocou o peito: algo feria sua carne sobre o coração. Eles viram a marca brilhar rubra como se fosse brasa debaixo da camisa. Ela tremia. Ariel a alcançou e a segurou em seus braços para ver seus olhos voltados para cima. Ele afastou sua blusa e viu uma linha de inscrições sobre o seio, que mais parecia um corte fino. Ele tocou sua testa e ela relaxou, como se houvesse desligado a tomada.

– Acalme-se. Está tudo bem, meu amor. – murmurou, olhando dentro de seus olhos escuros, enquanto tocava seus cabelos.

Aos poucos, sua consciência retornou, mas o abatimento e a fadiga eram visíveis em sua face. Não conseguia ficar de pé, estava molhada de suor como se ardesse com febre. O rei a ergueu nos braços e tomou o rumo da porta, que os Pacificadores abriram prontamente. Nada mais importava... O olhar de Virna, dos demais vampiros... Ele a amava e não ia permitir que nada nem ninguém a ferisse com gestos ou palavras.

Ele ficou ao seu lado até que melhorasse. Finalmente, levantou-se do leito e fechou as cortinas. Quando se deitou ao seu lado, ela apertou sua mão.

– Preciso ir embora – murmurou a vampira.

– Acha que vou deixar?

– Eu posso tentar, não é mesmo – riu Kara, triste e dolorida.

– Você sempre me pede o impossível para provar que não tenho poder? – Ariel perguntou, sorrindo e tentando animá-la. – A propósito, foi muito bom para meu ego vê-la brigando com Virna. – falou beijando sua testa.

– Lamento, mas não podia deixar que nos insultasse na frente de todos. Deveria ter deixado que eu lutasse com ela. – reclamou vendo seu sorriso maroto.

– Um duelo teria sido muito formal. Acho que impedir o duelo deu a você certa vantagem, não acha?

– De fato, acabei com a pose dela. – eles riram juntos, mas subitamente ela ficou triste. – A verdade é que vimos o que eles pensam e falam.

– Eu não me importo com o que falam sobre nós dois. – foi sincero. – Estar com você é maravilhoso, eles nada representam diante de tê-la em meus braços.

– Sabe, quando Jan me falava de você eu pensei, ele deve ser incrível.

– E não sou? – quis saber num misto de surpresa e gracejo.

– É, e assim deve continuar. Tem um nome e posição a zelar. – ela tentava convencê-lo. – Não sou boa companhia para você. Temos de ser racionais. Preciso ir, e enfrentar Íris.

– Sabe que não pode ir, minha querida. – ele disse amável, mas muito seguro.

– Eu tive a visão que você mencionou. – Kara falava muito baixo e sentiu a tensão em seu corpo forte.

– Descanse, sofreu um ataque, não se canse. Está tudo bem – pediu, mantendo-a junto de si.

– Não, não está. Você não pode ir lutar com Íris. Eu a vi matá-lo, nós estávamos juntos lutando e ela... – Kara fechou os olhos e apertou sua mão temendo seu fim, e escondeu o rosto em seu peito. Não podia perdê-lo também. – Por que você prometeu para a Ouroboros que iria me proteger? – A voz da vampira tremeu.

O rei a fitou e compreendeu que, além de lutar contra Íris, ela havia encontrado um Caçador, talvez o que a vigiava desde que ficou comprovado que ela mudaria a profecia da Cúpula, e do próprio pergaminho de Íris.

– A Ouroboros controla os dois lados da moeda, lobos e vampiros. Quando o Pacto foi ameaçado, a Cúpula dos Doze, representada pela figura de Belizário, me procurou para revelar que nossa espécie seria a culpada pelo fim do equilíbrio entre as demais. A ameaça personificada na figura de uma jovem vampira seria sacrificada e seu coração, que jamais morreu, seria a porta de entrada para o caos nesse mundo.

– Em momentos assim, eu queria ser surda – sussurrou Kara, compreendendo o porquê das marcas do selo e do ataque de Íris. Se ainda respirasse, teria perdido o fôlego.

– Sua incredulidade e resistência ao nosso mundo foi um dos principais motivos do meu silêncio. Jamais acreditaria se dissesse. Foi preciso que vivesse, que fosse reconhecida pelos Caçadores para que eu também acreditasse. Quando Mênon a marcou, vi que ele havia selado seu destino. Eles a sacrificarão, Kara. Seu coração baterá no peito de Íris.

– Ela não achava isso. Tentou me matar, jogou-me num fosso imundo e Samael jogou gasolina e fogo, compreende? Então por que me atacou agora?

– Talvez Íris e Samael não soubessem dos planos de Mênon. Ele deseja destruir o Templo da Esfinge. Quando Marie teve a visão, graças aos seus dons, ela foi além de todos nós.

– Radamés...?

– Hum?

– Ele me deu uma mistura de ervas e sangue, disse que ficaria invisível. Certamente isso os impediu de ver as marcas. – falou tocando os pulsos, marcados.

– Esteve com Radamés?

– O que Marie viu? – ela fugiu do assunto.

– A quebra do Pacto, morte e guerra entre lobos e vampiros. Até aí todos nós vimos, mas Marie foi adiante e a viu apoderar-se do coração de uma vampira e

tornar-se mil vezes mais forte do que seria. Ela viu a profecia da Cúpula, que, até então, temia em segredo que uma das visões de seus adivinhos se tornasse real. Quando você foi atacada, o Caçador a reconheceu, ele ouviu seu coração batendo vivo.

– Por que ele não me deixou morrer? Não faz sentido. Se eu tivesse morrido, tudo estaria resolvido. Íris não teria meu coração. Vocês são loucos. – disse por fim.

– A realeza que renega com tanto ardor foi reconhecida. Ele não poderia comprometer o futuro de nossa espécie. Sua morte colocaria em risco o futuro dos vampiros.

– Achei que eles nos odiassem. Ele perdeu uma grande oportunidade. – comentou cansada e brincando com os dedos de Ariel.

– A Ouroboros só extermina os infratores, eu ainda tenho poder suficiente para impor algum respeito e defender nossa espécie, Kara – esclareceu Ariel, pondo-a a par das minúcias de seu mundo.

– Então, por isso ganhei o direito de ser protegida pelos Caçadores – refletiu Kara – O estranho é que eles esperam que eu faça algo.

– Sim, proteja-se ao máximo. Enquanto estiver longe de Íris, temos uma chance de matá-la e recuperar sua liberdade. Compreende agora por que a prendi?

– Poderia ter me revelado a verdade, teria sido o mais lógico, em vez de me prender a ferros. – reclamou olhando seus olhos de modo meigo.

– Você teria obedecido minhas ordens e ficado em segurança?

– Eu...Não.

– Imaginei.

– De qualquer modo, você não pode ir enfrentá-la. – murmurou Kara, apertando sua mão com carinho.

– Sou o rei, existem momentos em que preciso me arriscar. Nós já prevíamos que isso fosse acontecer. Saberei lidar com Íris e seus rebeldes. – ele assegurou. – Eu tenho dois mil anos sabe?

– O que vai fazer? – ela perguntou, sondando seus passos.

– Lutar – respondeu ele, calmamente tocando seu rosto.

– Você não pode ir, Ariel. Sabe disso. O que acontecerá se você morrer?

– Vai sentir saudade? – perguntou o rei, acariciando seu rosto de modo risonho, apaixonado.

– Você não pode morrer... – Ela fugiu da pergunta.

– Não irei sozinho. Comigo irão os melhores vampiros...

– Eu vi todos morrerem. – ela o interrompeu aflita. – Bruce, Misha, Valdés...

– Kara soluçou, ela estava fragilizada graças à visão e ao ataque sofrido.

– A visão pode ser e será mudada. Marie teve seu corpo marcado e os selos sumiram. Agora estão com você. Isso significa que podemos mudar a profecia da Cúpula, a visão e, até mesmo, nosso destino. Essa é uma prova de que nós venceremos. – Ariel estava confiante, mas a vampira só sentia terror.

– Tenho certeza de que o senhor dos lobos não vai, eu não o vi na visão; vai ficar na Alcateia e defender seus poderes de ataques.

– Iago substituirá seu pai e vai representar a Alcateia. O senhor dos lobos vai arriscar seu único filho, o herdeiro.

– Caso ele morra, seu filho o substituirá. Joyce teve um menino, mas e você? Quem o substituirá? Não seja egoísta. O que acontecerá aos Poderes?

– Eu sou um vampiro, posso ser egoísta. Os Poderes sobreviverão sob suas ordens, Kara. O Livro a reconhecerá como rainha – disse Ariel, olhando-a nos olhos, o que a perturbou.

– Não. Ordália jamais permitirá que eu seja rainha, e eu não anseio por isso. O que deseja, Ariel? Que Seth tome seu lugar, agora que Jan não mais existe para substituí-lo?

– Acalme-se. Você está com medo de enfrentar o futuro, Kara. Você será rainha.

– Jamais. Eu prometi a Jan Kmam que jamais o seria, e não serei.

– Essa é uma promessa que não poderá cumprir para ele, nem para você mesma.

– Deixe que vá em seu lugar. Como sua campeã, eu posso vencer Íris. Agora entendo o que os Caçadores esperam de mim. Eles sabem que posso morrer, mas que também posso destruí-la.

– Você não irá, Kara! Não deixarei que se arrisque para me salvar, ou a qualquer outro vampiro! Está me ouvindo? – Ariel foi duro e a fez encarar sua face.

– Eu não quero sua maldita coroa, quero você vivo. É a única coisa mais próxima de amor que me restou – revelou Kara, num murmúrio e o beijou e ele retribuiu apaixonado, sem se ofender com suas palavras, pois sabia que ela estava tentando dizer que sofreria, que sentia algo por ele.

– Eu sinto muito, Kara, mas dessa vez não poderei atender seu pedido. – falou afastando a boca da sua. – No entanto, posso prometer que voltarei para continuar sendo seu rei.

– Chega, Ariel! Eu quero paz, chega de Pactos e Íris, eles já me roubaram muito. Como cheguei a isso? Eu era só a amante de seu favorito...

– É seu destino, meu amor – disse Ariel, mantendo-a em seus braços.

– Nós fazemos nosso destino. Começo a crer que ser imortal é apenas perder o que se estima. Não existem bons motivos para ficar, Ariel. Virna disse o que todos pensam a meu respeito. Sou sua campeã e sua amante, dizem que é normal,

fizemos laços de sangue. No entanto, continuo sendo julgada, condenada, humilhada.

– Virna é uma idiota ciumenta. Romano a fez sua amante e, mesmo assim, ela ainda consegue duvidar do amor dele. Não se sinta culpada por Otávio e Asti, era inevitável.

– Eu nada fiz contra ele.

– Otávio está sofrendo como nós a ausência de Jan Kmam. Nós o amávamos muito – disse Ariel, sem medo.

– Não quero falar disso. O certo é que você tenta me proteger e só me expõe ao ridículo e arrisca sua posição de rei. Amanhã, eu partirei e nada vai me impedir. Terá de me matar para que eu fique. – foi direta.

A vampira teve medo e sentiu a mão de Íris fechar-se pouco a pouco sobre seu coração. Estar com Ariel não era diferente de estar ao lado de Jan Kmam, rei e favorito, ela sempre estaria em perigo, sempre. Subitamente, ela parou e percebeu que aquilo que buscava não existia.

– Kara, por favor, apenas me escute. Não mude nada entre nós agora. Deixe as coisas como estão. Após a lua cheia, tomaremos uma decisão juntos. – pediu com carinho, tentando acalmá-la.

Kara cobriu o rosto com as mãos e percebeu que não podia lhe negar isso, seria o mesmo de condená-lo duas vezes.

– Por que me pede isso sabendo que não o amo?

Kara às vezes se perguntava se, com o tempo, não aprenderia a amá-lo, mas Jan Kmam parecia estar dentro de seu sangue, correndo por suas veias, e isso fazia com que apenas o desejasse e nunca o amasse. Ariel beijou sua mão e a fitou tristemente.

– Você acredita mesmo nisso? Que não me ama? – ele quis saber e fitou seu rosto molhado pelas lágrimas, o modo que sofria com medo que ele morresse. –

Deixe-me lutar com você dentro de meu coração, me dando força e um motivo para voltar. Preciso do alento de sua presença em minha vida. – Ariel encostou o rosto no seu e, por fim, a beijou.

– Lutaremos juntos e vamos vencer, Ariel. – Kara retribuiu o beijo.

– Sua teimosia é encantadora. Agora, me diga: como fugiu? – Ariel murmurou manhoso, falando junto aos seus lábios.

– É um segredo profissional – murmurou a vampira, ajeitando-se no leito.

– Então, durma. A manhã chega sobre nós.

Ariel beijou sua testa e levou sua consciência. Agitada como estava, não iria dormir nem se recuperar da visão. Ela precisava de paz, e ele também, para compreender por que teria de morrer agora que estava prestes a despertar o amor no coração da vampira que amava.

Capítulo 38 - Medidas Extremas

Bruce retornou na manhã seguinte e foi informado dos últimos acontecimentos. De imediato, procurou Kara e notou sua face abatida. Abraçou-a, parecendo triste e infeliz. Ela não compreendeu e acariciou seus cachos. Naquele momento, achou que ele temia por sua vida. Quando se alimentou, Kara sentiu-se melhor para buscar a sala de música onde todos estavam reunidos. Havia novidades, um emissário da parte de Íris trouxera uma mensagem ao rei dos vampiros. Ela deveria ter enviado uma mensagem igual ao senhor dos lobos. Faltavam somente três dias para a lua cheia, e aquele era o convite oficial para a luta.

Íris convocava todo e qualquer vampiro que desejasse enfrentá-la a lutar ou render-se à nova ordem. Aquele fora o tiro de largada para as medidas extremas. Togo passou a dar ordens aos Pacificadores, e o rei se juntou aos demais vampiros a portas fechadas, e não foi permitido a Kara participar. A campeã imaginou que ele a excluiria da ação. O que o rei não sabia é que ela também tinha planos. A vampira foi para seu quarto, trancou-se e passou a invocar Radamés. Segurava o amuleto com força e o chamava insistentemente. Quando ele finalmente apareceu, Kara já estava quase perdendo a esperança. Com calma, ela explicou o que aconteceria e o que desejava fazer para salvar os Poderes e o próprio rei. Por fim mostrou as inscrições sobre o peito. Radamés observou as inscrições e a abraçou. E achou perigoso e, por muitos minutos, se negou a fazê-lo. Até que, finalmente, concordou em levar Kara ao Templo da Esfinge.

Radamés afastou os móveis junto com Kara e abriu espaço para que ela pudesse falar com as vampiras do Templo em segurança. Jamais levaria Kara para os domínios de Ordália, ela a mataria. Nos últimos dois anos, até mesmo Radamés

fora proibido de entrar no Templo. Ordália o responsabilizara pelo romance entre a campeã e o rei. Odiava-a com todas as suas forças. Quando Kara solicitou a audiência, ele temeu pelo pior. Mas se lembrou da câmara entre mundos, nela havia um círculo de pedras, impedindo que o mortal ou vampiro fosse tocado pelas vampiras sedentas de sangue e calor. Lá, Kara apareceria como se estivesse no Templo, poderia se dirigir a elas e fazer sua proposta.

Kara entrou no círculo que Radamés desenhou no chão e o observou atenta. Fechou os olhos e ouviu o vampiro entoar algumas palavras e acender o círculo de resina que desenhou à sua volta. O fogo verde cresceu em torno de si como um casulo protetor. Quando abriu os olhos, estava dentro do Templo. O lugar era realmente incrível. Nas lembranças que Radamés dividiu com ela o vira, mas estar ali dentro era emocionante e perigoso. O teto alto, o espaço ao redor, as paredes repletas de símbolos... Por um momento, desejou sair da proteção do círculo, porém Radamés a deteve.

– Fique onde está, Kara. Elas se aproximam.

A vampira o ouvia em seus pensamentos e esperou. Ordália e suas iguais apareceram em sua volta dentro da câmara e a fitaram com ódio e desdém. Colocaram as mãos sobre a superfície de energia verde que a resguardava e riram.

– Covarde. Saia e nos enfrente.

Falavam juntas, mirando-a com ódio e raiva. Ordália apenas a olhava, prevendo que ela viera fazer-lhe algum pedido. Conteve as demais e observou o círculo. Buscava uma falha em sua estrutura e, se a achasse, atacaria a alma da vampira.

– O que deseja de nós que já não possui?

– Estou dentro do círculo entre mundos. Venho aqui para pedir humildemente que salvem a vida do rei.

– Ariel Simon não precisa que peça por sua vida imortal. Ele nunca esteve tão forte e belo – argumentou Thessália, demonstrando o quanto sabiam.

– Íris está livre – revelou Kara.

As vampiras foram tomadas de surpresa e a fitaram com frieza. Kara se perguntou por que motivo elas não saberiam, talvez a própria Íris as impedisse de ver a verdade.

– Não a conhecem?

– Sabemos de onde vem o mal e como destruí-lo. Mas por que diríamos a você, que afastou o rei de nossa companhia?

– Porque eu posso salvá-lo e destruir Íris em definitivo. Estou marcada em sacrifício, minha morte é certa, Íris me tocou. – Kara mostrou os pulsos e, por fim, o peito ferido.

Ordália semicerrou os olhos em júbilo e gargalhou feliz. As outras também se encheram de alegria, sabendo que, muito em breve, teriam o rei de volta.

– O que o cordeiro deseja? – ela debochou.

– Sou a campeã do rei e, se o Livro desejar, eu posso substituí-lo em batalha.

A cada instante, elas gostavam um pouco mais das possibilidades. Estavam juntas e certamente falando em pensamento, enquanto a fitavam como predadoras. Kara se preparava para morrer, ela queria seguir seu amante supostamente morto. Um desejo tolo quando ele ainda vivia, mas, claro, Kara não precisava saber disso agora que decidiu morrer e levar Íris consigo. Elas se livrariam de dois problemas. O rei, e o favorito poderiam ser controlados por aquela vampira que tanto poder possuía e não sabia como exercê-lo.

– Ele não aceitará, pois a ama demais, campeã. – Thessália argumentou e Ordália concordou.

Kara já as havia enfrentado antes quando desejaram absorvê-la e quase pagaram com suas almas. Os Poderes ainda a protegeriam caso elas a atacassem? Talvez sim, talvez não. Afinal, estava marcada por uma força além de seu poder.

– Façam o Livro decretar, e ele será obrigado a ceder. Ele é o rei. Ficaré, mesmo que furioso. Togo e os outros não permitirão que Ariel lute. Ajudem-me a salvá-lo.

– Ele nos traiu e chegou a nos ameaçar. Se a tocássemos, ele nos destruiria. Deveríamos mesmo permitir a sua morte. Você não é a concubina do rei; é sua amante, ele a ama como jamais amou outra vampira. Nem aquela bruxa chamada de Norine ele amou tanto. Ela era uma febre, uma paixão. Você vive no coração dele onde nenhuma de nós jamais ousou estar!

Todas gritaram juntas, demonstrando sua revolta. Kara sentiu o vento frígido de sua ira e sorriu debochando delas: percebeu que tinha como convencê-las.

– Devem desejar apenas o que ele lhes oferece. Mas, se querem permitir que ele morra, deixem. Íris vai arrancar seu coração tão precioso e devorá-lo. – Kara descrevia a visão com amargura, sabendo que elas poderiam ver através dela Íris plena de poder. – E, quando tudo chegar ao fim, eu serei a rainha e prometo somente destruir cada uma de vocês!

As vampiras se tornaram uma só na pessoa de Ordália, pareciam agrupar-se e reunir forças para destruir o círculo de resina que a protegia. Radamés temeu pelo desfecho daquela conversa e se preparou para agir e salvar a alma de Kara. Ordália tocou a cúpula verde e a desfez. Segurou os pulsos de Kara.

– O Livro aceita seu sacrifício.

Kara e Ordália sumiram e apareceram na câmara onde o Livro repousava. Radamés entrou no Templo. Estava um passo atrás de Ordália com sua espada egípcia em punho. Kara e Ordália tocaram o Livro, que aceitou o pedido. Ele jamais se recusaria, era a lei, ele sempre defenderia o rei. Havia energia correndo por seus dedos, tomando seu corpo e, quando o Livro terminou o decreto, Ordália sorriu e feriu o rosto de Kara com as unhas. Radamés conteve a vampira, que ia revidar, e a fez ver Ordália soltando as gotas de seu sangue sobre o Livro.

– Está feito. Não nos decepcione: morra!

Radamés e Kara deixaram o Templo com a certeza de que havia uma chance de vitória. Ela só precisava esperar para agir.

Capítulo 39 - Contra os Poderes, a Favor do Pacto

O *Château* estava bem vigiado. Vários acessos foram fechados, Marie o protegeu com magia impedindo um ataque de Íris. Togo havia dividido os Pacificadores em grupos, assim como os vampiros que vieram juntar-se ao rei para lutar. Faltava um dia para a luta e muitos dos aliados já estavam no Egito. Os últimos a deixar o lugar seriam o rei e os vampiros mais próximos a ele, que já havia determinado que Kara ficasse sob proteção no *Château*. Íris estaria ocupada se defendendo e não teria como procurá-la.

Houve um alerta no portão e, após uma conversa com o rei, Togo permitiu a entrada de Iago em seus domínios. Estavam no salão e Kara fez questão de ser a última a aparecer. Precisava de tempo para agir, e Iago lhe daria isso. Quando entrou, o rei notou que estava pronta para lutar. Nada fez, afinal poderia contê-la facilmente. Ela não iria sair do *Château*, pelo menos era nisso que ele acreditava. Iago, vestido completamente de negro, entrou no salão sem demonstrar nenhum temor, cumprimentou os presentes com um gesto de cabeça e recebeu algumas respostas. Foi acolhido em paz, mesmo com a ausência do Pacto. Trouxe uma carta de Darden, mas se dirigiu ao rei.

- Majestade! – Iago curvou-se ligeiramente e impressionou alguns na sala.
- Seja bem-vindo, jovem lobo.
- Eu e meus homens desejamos lutar ao seu lado, com seu exército.
- Por que motivo? – Misha perguntou.
- O Pacto foi quebrado não por desejarmos a guerra, e sim pela dor. Os dois lados a sentiram, os dois perderam. Hoje, amanhã, teremos a chance de matar

nossos inimigos e, quem sabe, refazer o Pacto. – Ele fez uma pausa. – Ansiamos por destruir um inimigo em comum.

– Uma dor que somente será curada com sangue. – completou Ariel, e fitou Kara, que só desejava se vingar. Então, lutaremos lado a lado.

Ariel estava ciente de que a oferta de paz vinda de Darden era verdadeira, que buscava novamente o restabelecimento do Pacto e a ordem, o sigilo. O documento trazido por Iago era um pedido do senhor dos lobos, assinado diante da Ouroboros, pela paz e em nome do Pacto dos lobos.

– Venceremos Íris e seus seguidores e firmaremos novamente entre nossas espécies o Pacto dos vampiros e lobos.

– É o desejo do senhor dos lobos.

– É o desejo do rei dos vampiros.

Ariel desceu do trono, aproximando-se de Iago, e lhe estendeu a mão. O aperto de mãos entre ambos selou o início de uma nova era de paz entre lobos e vampiros. Ariel ordenou a Togo que avisasse os vampiros no Egito de que o exército de homens-lobos de Iago estaria com eles. Eles se identificariam como adeptos do Pacto dos lobos. Quando o assunto já estava resolvido, Kara pediu a palavra ao rei e ele a negou. Ela insistiu, e Togo a deu em nome da ordem dos Pacificadores, o que Ariel desaprovou em silêncio.

– Majestade, como sua campeã peço a honra de representá-lo no campo de batalha – disse a vampira, e se curvou diante do rei.

– Seus deveres como minha campeã e protetora findaram há um ano. Hoje, sua responsabilidade é para com todos os Poderes.

– Viso exatamente defendê-los da destruição quando peço a honra de ir em seu lugar. É uma missão esperançosa, porém suicida. Todo aquele que teve a visão conhece o momento de sua morte e a do rei. Muitos não me viram nela, mas sei que vossa majestade entende o meu lugar no desfecho dessa missão.

– Pede-me para me esconder, enquanto morre em meu lugar? Por que ousa me envergonhar? – Ariel estava muito aborrecido.

– A lei é bem clara e afirma que, caso o rei não tenha favoritos, deve se proteger de ações que o levem à morte e proteger sua herança sanguínea. Ele deve designar um dentre seus servos para que lute em seu lugar. Não para desonrá-lo, mas para garantir que o mundo vampírico não se perca em disputas pelo trono. O campeão assume tal responsabilidade.

– A vampira está certa e seu pedido deve ser acatado, majestade.

Togo se pronunciou, Kara assumia verdadeiramente a posição de campeã para defender o rei da morte eminente. Os Poderes deliberaram, enquanto Ariel esperava com a mão na testa, fitando Kara insistentemente. Ele tentava tocar sua mente e impedi-la, mas ela o bloqueava. Ele ia reagir.

– Tragam o Livro, deixem que ele delibere a respeito. Minha campeã, apesar de forte e corajosa, é jovem demais. Eu duvido que consiga me representar à altura. A campeã vai lutar até a morte e isso não é exatamente um torneio com regras.

Todos os presentes sabiam que o rei tentava impedir a morte da vampira. Naquele salão, estavam todos os líderes dos Poderes, seus aliados, os vampiros que compartilharam da visão. Misha, Valdés, Romano, Martan, Bruce, Marie, Isadora, Thiago, todos eles observavam a cena com tristeza, até mesmo Virna teve de admitir que ela demonstrava mais que coragem, ela provava respeito e amor a todos eles.

Sim, amor por seu mestre, que ela buscava com aquele gesto encontrar na morte. Iago a olhava com admiração e respeito, seria uma honra lutar ao seu lado. Ele jamais esqueceu o modo como ela lutou debaixo da Ponte *Saint-Michel* para defender Lorde Bruce. Até mesmo Will e Juan, que não tiveram a visão, estavam prontos a seguir Kara e lutar ao seu lado como fariam ao lado do rei.

O Livro foi trazido e questionado pelo rei. Zoser e Nebit o observaram mover suas páginas. Quando ele parou, havia muito a ser dito.

– O Livro aceita o sacrifício da vampira e ordena que, para o bem dos Poderes e do mundo vampiro, o rei se mantenha em segurança.

O rei ouviu as palavras dos Zeladores e ficou de pé, não se aproximou do segundo Poder como alguns supunham que ele faria. Seria vergonhoso ir conferir com seus próprios olhos que o Livro desejava sua amante morta. Sequer sabiam que ela havia se oferecido.

Togo se aproximou e, como pedido pelo rei, trouxe sua espada. Kara foi convidada a se aproximar e recebeu de suas mãos o toque do aço da lâmina, os cortes arderam e se fecharam. Um gesto simbólico de que ele transferia a ela suas dores e sua morte. Romano foi o primeiro a prestar juramento, ele percebeu que o rei sofria. Ele tocou o ombro de Kara e falou, olhando nos olhos verdes de seu rei e passando para ele a promessa de que a protegeria. Logo, seu gesto foi seguido por todos, até mesmo por Iago.

– Lutaremos ao lado de sua campeã como lutaríamos ao seu lado.

Kara estava cercada por todos no salão como se eles fossem um escudo vivo. O gesto era de honra e tocou o rei profundamente.

Iago partiu com seus homens em direção ao local da luta. Kara saiu do salão e foi para a câmara do rei, Esperou-o por quase duas horas, até que finalmente ouviu seus passos. Entrou e a olhou contrariado. Imaginou que ela o procuraria para explicar-se, mas não sabia o que fazer. Tinha gana de mandar prendê-la, evitando sua ida ao Egito.

– O que deseja? Já não conseguiu me humilhar o suficiente?

Ariel Simon reagia com raiva e orgulho, mas, dentro de seu íntimo, ele sabia que a vampira agia como sua campeã, que o defenderia da morte com sua própria vida. Mas por que ela queria o seu lugar? Pelos Poderes, por Jan Kmam, ou porque o amava? Não queria viver com ilusões, tê-la próximo a ele bastou, mas seu coração reclamava por amor. Algo que ela jamais lhe daria. Jan Kmam para ela

estava morto, mas seguia vivo dentro do coração da vampira, ligado à sua alma para todo o sempre.

– Vim me despedir.

– Não há lugar para isso! Saia!

– É dia, quer que eu morra antes da hora? – perguntou plácida, tocando seu ombro.

– Faça o que quiser, pouco me importa! Acha mesmo que vai conseguir? Nunca lutou em uma batalha, jamais se viu cercada de lobos e vampiros... – Ariel recuou, enfurecido.

– Está me subestimando, Ariel. Sei lutar e vou vencer. – Kara tentava argumentar com calma, enquanto ele andava de um lado para o outro sem rumo.

Ariel estava descontrolado e gritava furioso. Sem poder se conter, quebrou o vaso de rosas brancas e o que mais encontrou pela frente. A vampira apenas o olhava com muita calma. Mas, ao ver sua fúria, resolveu partir. Ele não tinha ânimo para o adeus. Estava na saída quando ele a segurou pelo braço e a puxou de volta. A porta se fechou e travou automaticamente. Ele a abraçou e conteve o soluço preso na garganta.

– Por que me amaldiçoou? Por que não pode ser minha?

Nesse momento Kara segurava suas mãos sobre seu corpo e tentava entender suas perguntas, sua agonia.

– Estou fazendo o que é certo. Você não pode morrer. – Kara sentia a pressão de suas mãos sobre seu corpo de modo imperioso.

– Jamais deveria ter deixado você ser campeã. Quem a levou até o Livro? Radamés? Ordália? Fale! – ordenou com os olhos mudados, os caninos a mostra.

– Isso não importa, Ariel. Estou protegendo o futuro e mais nada. Não torne tudo mais difícil. Sempre me terá aqui – disse Kara, tocando seu peito no lugar de seu coração.

– Esse foi o modo que encontrou para fugir de mim, morrendo? – disse Ariel, indignado, segurando-a pelos ombros com o olhar de jade dentro do seu. Ele se sentia cair em um abismo negro.

– Apenas aceite, Ariel. É o fim. Quero que saiba que, se sobreviver, não voltarei a viver com você. Eu o estou deixando – pediu Kara, encostando sua cabeça na dele.

– Não pode me deixar. – ele lutava e lutaria até o fim.

– Aceite, Ariel.

– Jamais aceitarei viver sem você. Jamais! – rugiu e a apertava junto a si.

A vampira viu que segurava as lágrimas, sua dor e emoção. O queixo estava contraído. Kara tocou seu rosto e beijou seus olhos, o nariz e, por fim, sua boca. Ariel retribuiu e ela ouviu seu soluço amargo de revolta. Apertava-a junto a si, temendo a noite que, dentro de algumas horas, a levaria dele para sempre. Tinha grandes inimigos, a morte e a verdade. Tocou seus cabelos feitos de seda, a boca delicada e a beijou faminto. Ele sentia isso fisicamente, que a perdia, aquela era a última vez que a beijava, que ela retribuía com desejo, que a possuía como sua amante.

A despiu impaciente com os botões e laços, ela o tocava e acariciava, retribuía com ardor e carinho. E quando ele a ergueu nos braços e levou para cama ela não resistiu. Deixou-se ficar sob o poder de suas mãos e lábios. A amou de modo apaixonado, desesperado. Ficou sobre seu corpo e quando a tomou sua jurou-lhe amor. A cada movimento lento e vigoroso parecia desejar se fundir a seu corpo e alma. E quando explodiu num gozo profundo que o sacudiu violentamente deixou-se ficar sobre seu corpo delicado e a abraçou e murmurou.

– Você é a minha rainha, o meu amor.

A vampira o envolveu nos braços e o acalmou, e se perguntou se sobrevivesse, o que faria?

Capítulo 40 - Presas, Garras e Espadas

Kara desceu do cavalo e se juntou aos demais vampiros. Eles haviam feito acampamento a dez quilômetros de distância do local da luta. Nada além de tendas no meio do deserto, onde não seriam importunados por mortais. A vampira percebeu que estavam muito longe das pirâmides e mais perto da tumba de Radamés. Kara foi recebida como se fosse o próprio rei. Martan, como seu general, montou algumas estratégias, uma maneira de evitar muitas baixas. Na mesa, um mapa e, nele, marcações de como se dividiriam na hora da batalha.

Misha ficaria na frente com os vampiros da infantaria, soldados com espadas, machados e o que mais desejassem; logo atrás deles, um grupo de arqueiros com setas de prata, banhadas em seiva, comandadas por Valdés, que dariam as boas-vindas aos revoltosos. E, depois, os Lordes guiados por Romano, que, sem vergonha alguma, vestira sua armadura de gladiador. Tinha um físico invejável, corpo forte, pernas bem grossas – para quem só o via de terno, foi uma surpresa. Kara percebeu que muitos se vestiram como na época em que viveram e morreram. Misha estava lindíssimo com suas roupas de guerreiro. Usava calças de couro, peitoral, braceletes e ombreiras todos de prata. Botas pesadas. Valdés era uma mistura de motoqueiro e guerreiro inca. Não dispensou a calça de couro, mas, sobre os braços, havia pinturas com símbolos de guerra, ostentando um peitoral de couro com detalhes em ouro. Mantinha o cabelo preso, um príncipe inca não estaria mais bem vestido. Do lado de fora da tenda, Kara viu a mistura do velho e do novo, cotas de aço sobre camisetas e jeans, pedaços de armaduras medievais, todos se prepararam como podiam. Eles uniram passado e presente. Formavam um exército único!

A maioria trazia suas armas, mas havia lanças, espadas, armas de fogo, escudos e muitas balas de prata para quem desejasse. Iago deu toda a poção que havia em seu poder, e ela foi distribuída entre todos os presentes em doses iguais. Lutariam como podiam e sabiam, mas, acima de tudo, para preservar seu direito à liberdade.

Segundo espiões, Íris contava com um exército de cem cabeças. Eles estavam em número menor, uns oitenta, incluindo lobos e vampiros. O problema é que os rebeldes, em grande maioria, eram os desgarrados, os não inscritos, os jovens lobos feitos em incubadoras. Eles lutavam por algo que sequer sabiam onde os levaria. Faltava somente uma hora para o combate começar. Todos já estavam prontos, apenas esperando as ordens de Kara e Iago para marchar rumo ao inimigo.

Kara atravessou o acampamento, sabendo que todos conheciam a sua missão. Ela seria a única que não poderia fugir, ou ser poupada pelo inimigo. Olhavam-na com admiração e respeito. Depois daquela noite, eles falaria que a amante do rei morrera honrando os Poderes e defendendo seu lugar de direito. Não havia nada para ela além daquela sentença. Voltar viva para Paris significava aceitar Ariel Simon como amante e ser sua futura rainha. Sentia-se dividida entre o amor que sentia por Jan Kmam, mesmo morto, e o amor real que Ariel lhe demonstrava. Morrer lutando para deixar o mundo sobrenatural o qual fazia parte intocado a faria feliz.

Ela admirou todos os seres que ali lutavam por largarem a comodidade de seu anonimato, e ali arriscar suas vidas imortais em nome da paz entre dois mundos. Marie pelo que soube ia contra os desejos de Isadora e Dalila, suas “mães”, para conseguir vingança para o amante morto, o rei, a causa. Dalila não pode os seguir mesmo desejando, se o fizesse estaria envolvendo seu povo na disputa. O Coven, não se aliou a nenhum lado, e se manteve neutro. Ariel lhe prometeu falar mais deles, quando voltasse a Paris, pois jamais tinha ouvido falar de tal ordem.

Durante o dia, eles vinham se escondendo sob as areias, dormindo com escorpiões e serpentes. Os homens-lobos e lobisomens aliados ficavam de vigia.

Estranho perceber que as duas espécies se completavam e ajudavam. Alguns deles adotaram as roupas de tuaregues para proteger a face e os olhos da areia, ocultar a face pálida de vampiro, só exibindo o brilho frio de suas espadas e mãos. Eles pareciam animados, a luta talvez trouxesse a muitos o sabor de dias perdidos no passado de cada um deles, o direito de confrontar o velho inimigo, de matar livremente.

Uma guerra feita de presas, garras e lâminas. No fim do acampamento, cruzou com um dos Pacificadores, e se isolou por alguns minutos no alto de uma das dunas, estava segura ali. Fitou a lua e percebeu que não estava muito longe da tumba de Radamés. Logo, tudo seria morte e sangue, depois silêncio. Ajoelhou-se na areia e cravou a espada de Jan Kmam no chão. Trouxera-a consigo para aquele último combate. Ele certamente gostaria; afinal, era um momento único e que entraria para a história do mundo dos vampiros e dos lobos. Apoiou a cabeça no cabo e fechou os olhos. Pediu forças a seu coração, ao amor que sentia no peito por Jan, ao rei que representaria, ao Livro, a ela mesma para não recuar diante do que faria. Quase pode sentir a mão dele em seu ombro dando-lhe força. Desejou poder lutar ao seu lado, poder beijar seus lábios e lhe jurar amor antes de deixar a imortalidade.

– O tempo é agora – disse a si mesma e ficou de pé.

Martan se aproximou e Kara o admirou nas roupas negras de tuaregue, a espada pendia do lado da cintura, as armas no suspensório. Estava pronto e tinha algo para lhe entregar. Kara reconheceu a caixa, não a via há anos.

– Radamés me procurou e mandou que lhe entregasse isso. Ele disse que saberia o que fazer – falou, passando o objeto às suas mãos.

Ela recebeu a caixa e a abriu pela primeira vez desde que a recebera, anos antes das mãos de Radamés. Durante todo este tempo, ela ficou guardada no cofre do palacete de Martan, na Espanha. Dentro, um punhal antigo, cravado num pedaço de carne escura, seca. Kara tocou o punhal e tremeu. Martan a apoiou e percebeu que ela fora tomada por uma visão.

Viu Íris, ainda vampira, bela e vestida como as vampiras do Templo, ao lado de um vampiro alto e forte, ricamente vestido, de nome Elkabar – ele era o rei dos vampiros. Claro que ela contava com o ciúme de Ordália e suas irmãs. Ela provocava e exercia todo seu poder sobre o rei, impedindo-o de ir até elas no Templo e conquistou seu ódio. Pois mesmo alimentando-as, Elkabar amava Íris perdidamente e não cedia as exigências de Ordália.

O casal vivia unido e feliz, sob a bênção de Radamés, mas não era bem assim. Íris estava ao lado do rei com uma missão, fazê-lo assinar um Pacto de paz entre lobos e vampiros. Radamés a trouxera ao rei com esse intuito: promover a paz. Todavia, Íris não o amava, em seu coração vivia o amor por um jovem lobo, chamado Al-Samir, o líder de uma grande matilha, e que agora era a Alcateia. Era dele e de sua força que Darden descendia.

Eles desejavam paz entre as duas espécies, mas muitos eram contra e, antes que conseguisse firmá-lo, Elkabar descobriu a traição de Íris, e o amor proibido que mantinha com o lobo. Traído, enfurecido e influenciado por Ordália, ele a condenou à morte dentro do Templo. Al-Samir fugiu, sem conseguir salvar sua amada, morreu anos depois, ainda lutando pela paz entre as duas espécies.

Íris foi jogada dentro do Templo para que fosse executada. A vampira desesperada chamava por Radamés, que não apareceu, ele estava longe. Ordália o afastou para que pudesse se vingar de Íris. Pois ela deveria ser sentenciada segundo as leis do Livro por sua traição. O Pacto pelo qual ela tanto lutou agora estava bem mais distante de existir. Surraram-na, humilharam-na e, por fim, a drenaram, enciumadas pelo controle que ela exercia sobre o rei. Finalmente, elas ouviram seu coração batendo. Ordália o arrancou de seu peito. O corpo de Íris morreu, e elas o jogaram no fosso dentro do Templo da Esfinge. O mesmo que quase engoliu Radamés quando ele era um simples mortal buscando os segredos de Thoth.

O coração da vampira, no entanto, não morreu; ele continuava vivo, batendo dentro de uma caixa e impressionando os Mais Velhos. Quando a lua cheia apareceu no céu, Íris saiu do fosso e os atacou. Ela queria vingança e seu coração de volta.

M'aat, deusa da justiça, mesmo invocada, não os defendeu, eles estavam cobertos de crimes. Alguma coisa na sua alma a trouxe de volta, ou simplesmente por ter provado do sangue do rei, e do líder dos lobos. Sua natureza mudou e ela voltou até mesmo de sua própria morte.

A paz que ela buscava tornou-se o fogo da guerra. A vingança a imbuiu de poder e força, capazes de destruir o Templo, além de vampiros e lobisomens. Radamés sentiu a perturbação e foi ao Templo. E, com surpresa, encontrou Íris em forma de espectro.

Íris o acusou de abandoná-la e tentou matá-lo, mas não conseguiu. Radamés percebeu que o espectro tinha o peito ferido. Interrogou Ordália e descobriu seus crimes e onde estava guardado seu coração. Radamés o segurou nas mãos e compreendeu por que sua alma não foi para o Jardim, ou o mundo dos mortos. Ele compreendeu sua mística e o traspassou com uma adaga. O espectro perdeu os poderes, mas não encontrou a paz. Era preciso se redimir pela dor causada à vampira. Radamés trouxe do fosso seu corpo e o mumificou, depositando-o num sarcófago. Mas ainda havia um problema, ele não podia enviar Íris ao Jardim nem tampouco ao mundo dos mortos. Era preciso conter sua ira agora que não se encontrava tão poderosa, pois ela podia conseguir carne, sangue e seguidores. Sem escolha, Radamés lançou sobre ela uma maldição, e o Livro a escreveu, ele fez o selo com seu próprio sangue. Estava feito: Íris foi contida, assim como seu coração na caixa. O Livro não se comprometeu e nada relataria em suas páginas do crime das vampiras do Templo, pois a vampira era uma criminosa. Para o segundo Poder, ela foi sentenciada e morta. Radamés usando a ponta da adaga que traspassava o coração da vampira cortou a página do Livro. Mas ele deixou registrado parte da história da vampira e nada o faria apagá-la.

O sarcófago foi levado e sepultado numa tumba. Ele a mergulhou no esquecimento e guardou o pergaminho para que ninguém jamais soubesse dos crimes dos Mais Velhos. Elkabar o rei, nunca imaginou que a vampira que amava, mesmo o traindo, tivesse encontrado fim tão cruel e doloroso. O tempo se

encarregou de apagar sua lembrança de todos, Elkabar foi sucedido, e o Pacto dos vampiros firmado. Íris foi esquecida até a tumba de Radamés ser profanada.

Kara arquejou e caiu de joelhos. O passeio foi longo, mas a colocou diante da verdade e, agora, ela estava pronta para enfrentar sua mais nova inimiga: Íris. Martan a viu se recuperar e desceram a duna, era hora de lutar. Enquanto descia, ele a avisou que falasse em nome do rei, a fim de motivar os seus soldados e generais.

Todos estavam prontos, faltava somente uma hora para que estivessem em luta. Kara foi para frente de vampiros e lobos, notou que haviam feito uma pequena plataforma de madeira para que ficasse elevada do solo. Subiu e olhou os rostos à sua frente, imaginando quantos voltariam. A vampira se encheu de ânimo e falou com coragem e força.

– Quando me transformei em vampira, deixei para trás minha natureza humana. Hoje, sou imortal e compreendo que as leis do Livro, e do Códice foram criadas para nos dar racionalidade e paz. Nós evoluímos, mas ainda bebemos sangue. Isso, junto com nossa juventude eterna, nos afasta daqueles que se sabem condenados a morrer. Imortais, sim, mas comprometidos com a certeza de que temos de nos manter incógnitos para sobreviver. Quando o Pacto caiu, muitos caíram dentro da animalidade sem lembrar que assim perderíamos o nosso direito à liberdade. Hoje, vampiros e lobos lutarão unidos para sustentar o direito de nos manter livres dentro de nossa imortalidade. – Kara falava e os via mover as cabeças afirmativamente. – Esta noite selaremos um novo Pacto entre vampiros e lobos e mataremos os que pretendiam nos mergulhar no caos da guerra entre nossas espécies.

Kara estendeu a mão para Iago, e ele subiu na plataforma. Ela puxou sua adaga das vestes e cortou sua mão; Iago, de posse de sua adaga, fez o mesmo. Eles deram as mãos para se unir pelo sangue. E Kara o cumprimentou como uma vampira, beijando-o nos lábios. Livre da pressão suave de sua boca, Iago uivou, homenageando-a. E, assim, todos os demais uivaram.

- Morte a Samael! Morte a Íris! – gritou Bruce, incitando todos à luta.
- Avançar! – disse Kara com a espada em punho.

Vampiros e lobos estavam mais do que prontos e se puseram em marcha sob as ordens de Martan. O campo de batalha subitamente foi demarcado por tochas feitas de trapos e óleo. E iluminavam toda a área onde o confronto se daria. Radamés as fez aparecer, como também uma barreira que impediria fugas de ambos os lados. Alguns vampiros mais antigos o viram no alto de uma duna agradeceram seu apoio erguendo suas armas e gritando seu nome. As primeiras fileiras sumiram, uma vez que todos ali eram rápidos. Logo, estavam no alto da duna, próximo ao acampamento de Íris. Os inimigos também estavam prontos, e Kara viu Íris e Samael lado a lado. Bruce observou o exército inimigo e sorriu. Ele estava com uma armadura de metal sobre as roupas de homem do deserto, era uma mistura de tuaregue e príncipe medieval.

– Acenda a tocha, avise-lhes que nós chegamos – ordenou Kara, fitando os vampiros e lobos em linha.

Iago dava ordens aos seus companheiros. Para que não houvesse confusão no campo de batalha, os lobos e lobisomens marcaram seus rostos e corpos com uma pintura branca, de modo a evitar que, quando se transformassem, não soubessem que lobo e lobisomem deveriam matar.

Do outro lado, no campo do inimigo, a tocha foi vista. Mênon os olhou e fez uma contagem. Ao ver que eram menores em números, sorriu vitorioso para Marc, seu general. Francine estava ao seu lado, lutariam juntos – dessa vez, ele não conseguiu impedir que participasse. Íris, ao seu lado, observava os inimigos com prazer, muitos para que pudesse despedaçar e devorar seus corações. Petrus estava controlando os vampiros e Samael, os lobisomens. Eles eram muitos e já estavam transformados. Ao sinal de seu líder, se posicionaram.

- O rei dos vampiros mandou sua campeã... Que tocante! – debochou Samael.

– Já esperava por algo assim, por isso mesmo mandei um recado para ele. Hoje, Ariel Simon perde a cabeça – disse Mênon, confiante em que massacraria os Poderes.

O que Mênon não esperava era que Ariel e Togo estivessem prontos para receber seu recado. Os invasores tentaram tomar o Château pela ponte elevadiça, mas a viram se abrir sob seus pés para caírem dentro de uma vala, ficando cobertos de óleo. Um dos Pacificadores jogou uma tocha acesa e fechou a abertura. Os gritos ainda podiam ser ouvidos, mas, em pouco tempo, se fez silêncio. O alçapão era um dos brinquedos de Ariel. Ele lutava envergando sua armadura de rei, ao lado dos seus Pacificadores e aliados. Iago deixou aos seus serviços seis de seus melhores homens. E, por mais uma vez, o rei defendeu sua cabeça e seus domínios. Matou lobisomens e vampiros e viu Manolo fugir ferido. Quando as coisas se acalmaram dentro do *Château*, ele foi para uma das torres e fitou a noite, perguntando-se como estaria Kara e seu exército.

No meio do deserto, a tocha do campo inimigo foi acesa, eles diziam que estavam prontos e iriam somente esperar o sinal da Ouroboros para começar. Uivaram e rugiram, tentando impressionar os inimigos.

Os representantes da Ouroboros estavam numa das dunas em terreno neutro, e liderando o grupo Laertes, eles estavam prontos para agir caso Íris vencesse. Ela não podia instaurar o caos. Vinte Caçadores esperavam o desfecho do combate.

– Onde está a campeã? – Laertes perguntou tentando localizá-la.

– A frente do exército do rei. – respondeu o Caçador que a salvou.

– É, ele não conseguiu manter sua promessa. Não podemos interferir, a sorte está lançada.

– Ele não pode contê-la, acho que ninguém conseguirá. – o Caçador falou e olhou Kara entre os demais vampiros.

O general percebeu o descontentamento do homem que vinha sendo sua sombra nos últimos anos. O Caçador sentiu na vampira a força, o poder de sua

ordem, e a salvou. O que Kara, nem o rei sabia é que o mundo deles dependia daquela vampira. Ela estava sentenciada por duas profecias, a da Ouroboros afirmava que ela sobreviveria, a do mundo dos vampiros, que ela morreria. As apostas e a sorte estavam lançadas. Agora restava a eles esperar o momento certo para agir. O rei não conseguiu manter sua palavra e manter a vampira em segurança. Ali, no campo de batalha ela ficaria a mercê de Íris e da maldição que ela lançou.

Uma seta em chamas cruzou o céu, era o sinal. Ela foi atirada por um Caçador e caiu entre os dois exércitos. A Ouroboros não se envolveria, mas assistiria ao combate, esperando que Íris não vencesse. O vencedor teria de prestar juramento ou morrer. Do outro lado do acampamento a flecha tocou o solo anunciando o início do combate.

–Atacar! – Kara e Iago gritaram juntos.

A primeira fileira desceu, ia de encontro aos inimigos. Mas, antes que ela os alcançasse, eles se abaixaram, e os arqueiros apareceram.

–Arqueiros! Preparar, atirar! – ordenou Valdés.

Uma nuvem de flechas com pontas de prata e embebidas em Seiva cortou o céu; quando caíram, atingiram muitos mortalmente. Havia gritos e grunhidos: quando atingia o coração de um vampiro, a Seiva o matava imediatamente, assim como fazia a prata no coração de um lobisomem. As duas linhas de frente se encontraram e o som dos corpos se chocando foi terrível. Uma mistura surda e afiada de espadas e machados. Gritos e rugidos eram ouvidos, assim como disparos.

Dentro do olho daquele furacão chamado de guerra, vampiros e lobisomens lutavam em meio a sangue e morte. Cabeças e braços rolavam com violência e gritos de dor e ira. Com o enfraquecimento das fileiras, foi a vez das lanças. A segunda leva de guerreiros, sob o comando de Romano, desceu gritando e rugindo. Iago e Kara, Bruce e Martan eram os próximos, depois seguidos por Marie, Isadora e Thiago, Will e Juan. Os homens-lobos uivaram e saltaram para o combate.

Kara correu para o meio da luta sem medo, o coração batia forte em seu peito e, quando encontrou o primeiro adversário, cortou-o em dois. A vampira lutou com vampiros e lobisomens, parecia bailar entre eles cortando, chutando e disparando. Deixou a vampira expor as presas e garras, a face mortal de nada lhe valeria naquele momento. Notou que uma estranha força a dominou e com ela o desejo pela matança ficou muito evidente.

Sentiu uma espécie de corrente de energia a dominar e mover seu corpo com agilidade e força. O sangue salpicava seu corpo e rosto, enquanto cortava e feria mortalmente seus adversários. Bruce e alguns dos aliados viram a sanha da vampira com admiração e incentivo para lutar. Num movimento de cabeça Kara pressentiu o fim de um de seus aliados, Romano estava cercado. Mas antes que se aproximasse para ajudá-lo, viu-o usar a maça que trazia pendurada ao ombro e sorriu ao vê-la mover-se em seu auxílio. A bola de ferro estraçalhava crânios e membros, defendendo-o dos adversários. Misha e Valdés lutavam juntos num balé sangüinário. Viu Will e Juan matando ferozmente, cortando cabeças e defendendo um ao outro. Marie lutava com sua espada e magia, decapitando inimigos e incendiando lobisomens e vampiros antes que a tocassem. Quando perdeu a espada, a bruxa usou magia para empurrar quatro lobisomens que corriam em sua direção. Dois deles ela torceu; quanto aos últimos, cravou-os sobre as lanças. Assim que recuperou a espada, continuou cortando e matando furiosamente.

Íris lutava espedaçando e estraçalhando vampiros e lobos. Ela não era ferida por ninguém, tornara-se um espectro como Mênon. Mas por quê? Kara a ferira quando despertou. Talvez estivesse fraca na ocasião, agora ninguém conseguia lhe causar danos. E ela matava e assustava, devorando corações. Kara tentava se aproximar de Samael decidida, era preciso detê-lo, e a Íris bem depressa. Usava a espada e o toque para manter os lobisomens longe de si. Só não podia usar o assobio, pois afetaria os aliados. Viu Isadora matando lobisomens ferozmente, e Thiago lutando com Petrus, enquanto Martan combatia Mênon, que estava sem máscara – sua face apresentava-se completamente normal. Ele usava uma espada e sua magia, mas Martan estava conseguindo um bom combate. Petrus foi lançado

longe por um homem-lobo, e Thiago foi em socorro de Isadora, que estava cercada. Salvou-a e a beijou apaixonado. Os inimigos caíam mortos ao lado de Iago. Ele exibia garras, mas lutava com uma espada. Tinha sangue no ombro e no rosto, mas estava bem.

Finalmente, Samael avançou sobre a vampira e eles agora lutavam sem que pudessem ser interrompidos. Kara o feriu por duas vezes e ele bem que tentou atingir seu corpo. Íris o jogou longe ao ver que ele atacava a vampira. Surpreso, Samael levantou-se do chão e esperou.

– Ela é minha! – rugiu a criatura suja de sangue e com o olhar vítreo.

Kara percebeu que a líder renegada a defendera, mas agora compreendia seus motivos. Contudo, estava pronta para lidar com ela. A vampira foi em direção a Íris e chamou Marie mentalmente para que a seguisse, precisava de seus poderes para executar seus planos. Bruce via as duas se aproximando de Íris e temeu pelo confronto. Olhou além da luta, como se buscasse alguém sobre as dunas, mas nada viu.

– Trouxe meu coração, campeã? – perguntou Íris assim que viu a vampira.

– Sim, Íris, eu trouxe.

Kara puxou a caixa do casaco e a colocou diante do seu verdadeiro coração enegrecido. Íris tocou o peito e quase pode ouvi-lo pulsando vivo. O coração nas mãos de Kara voltou a bater vivo e sangrento como se houvesse saído do seu peito naquele instante. Era o poder do pergaminho e da magia que a envolvia. Marie, não muito longe, esperava o sinal de Kara. Ele era seu ponto fraco. Kara acreditava que, se o destruísse, mataria Íris. Samael, ao seu lado, viu-a estender as mãos de forma quase suplicante e compreendeu que ela o desejava de volta. Kara puxou a adaga do coração e o lançou para o alto. Samael correu tentando alcançá-lo e saltou no ar.

– Agora, Marie!

– Ignis!

O coração de Íris incendiou e se consumiu nas mãos de Samael. Ele gritou, vendo o fogo consumir o coração e sua carne, virando cinzas. Íris bradou de ódio e dor, seu rugido animalesco fez com que todos a olhassem. Furiosa e viva, para o desagrado de Kara e Marie, ela ergueu as mãos e lançou as duas contra os escombros de uma antiga ruína próxima, enquanto elas gritavam, sendo levadas pelo ar.

Caídas na areia junto a uma parede, ambas viram o selo no alto da coluna. Era o lugar onde Íris as sacrificaria e libertaria seus iguais. Mas, para isso, ela iria precisar de Kara. Marie viu Samael avançar e, antes que o tocasse com fogo, ele a lançou longe. Marie gritou e antes que seu corpo atingisse as lanças, Valdés a aparou, em meio aos inimigos. Ainda nos seus braços, Marie queimou o primeiro que os tentou atacar e voltaram para a luta. Samael temia seus poderes, e buscava matá-la o mais depressa que conseguisse. – tinha medo de ser amaldiçoado por ela. E quando tentou avançar novamente, encontrou os disparos das pistolas de Valdés sobre sua carne. A prata o queimava dolorosamente, ele rugiu de dor e recuou em fuga.

Marie as costas do vampiro agradeceu com um sussurro e se afastou. Ele segurou seu pulso e a puxou de encontro ao seu peito, e a beijou de modo ardente. Esmagava-a seu corpo suave de encontro ao dele, sentindo a cintura fina, os seios, e sentiu sua retribuição. A desejava e muito. Quando afastou a boca da sua, olhou em seus olhos e viu um brilho conhecido. Afastou-se com um aceno de cabeça e voltou a luta.

Íris viu Samael ficar a sua sombra sangrando, ela estendeu a mão e puxou as balas de prata de seu corpo. Um minuto depois ele se recuperou e o espectro percebeu que estavam enfraquecendo, e tomou sua decisão.

– Pegue Kara, agora! – ordenou Íris, pronta a pegar o coração da campeã.

Imediatamente ele avançou em direção da vampira que chamava Radamés buscando uma resposta, matar Íris. O viu no alto da duna em um minuto, e no outro, o viu sumir. Quando se voltou Samael saltava sobre ela, que o esperou de

espada em punho e o traspassou. Ele rugiu junto ao rosto de Kara, que no impacto caiu no chão. Bruce gritava seu nome temendo por sua vida. O lobo recuava sob o olhar atento de Kara, afastando a espada do ventre sangrento. Ela pegou a pistola, mas ao atirar se viu sem balas.

Samael a agarrou e prendeu junto ao corpo, enquanto ela lutava, os dois rolaram pela areia. A conteve com um soco e a prendeu no chão para que Íris se aproximasse. Com um gesto, ela fez Kara sentir dor. Os pulsos e o peito ardiam rubros, luminosos, o poder do espectro roubava-lhe as forças. Ele pegou seu corpo e o jogou sobre o ombro, seguindo Íris.

Bruce viu Íris e Samael sumirem, levando Kara consigo através de uma abertura no chão. Ele correu, mas não conseguiu alcançá-la, apenas viu a pedra no chão se fechar. Misha apareceu ao seu lado e tentou abrir o alçapão, mas nada conseguiu. Abaixados, cavando, tornavam-se um alvo fácil. Bruce sentiu a investida de um vampiro e o recebeu com luta, enquanto Misha continuava escavando. Assim que matou o seu adversário, ele ouviu o trote de um cavalo. Algo acontecia no campo de batalha, o resto dos aliados de Íris pareciam recuar. Mênon desapareceu, levando Francine ferida nos braços. Petrus havia desaparecido, Marc, o general deles, ainda lutava. Mas havia algo mais, um cavaleiro apareceu no horizonte.

O garanhão negro galopava veloz e tinha sobre seu dorso Jan Kmam. Ele cruzou o campo de batalha em galope, cortando os inimigos. Muitos, ao vê-lo, acreditavam estar lutando com seu espírito. Mas ele era bem real, assim como os golpes que desferia, retalhando os adversários. Estava vestido de negro e coberto por um manto. Quando desceu do cavalo de um salto, partiu em dois um lobisomem. Ele se aproximou de Bruce, nada surpreso em vê-lo; afinal, ele já sabia que Jan estava vivo, ele o procurara e se revelara vivo na noite anterior. Misha, no entanto, nada sabia.

– Onde ela está?

Jan perguntou, recolhendo sua espada do chão. Kara deveria tê-la deixado cair ao ser atacada. Pegou-a para si e se preparou para lutar.

– Samael e Íris a levaram, sumiram por esta abertura.

Jan viu o olhar de Misha e tocou seu ombro.

– Haverá tempo para explicações, estou vivo, mas agora preciso salvar Kara.

– Jan Kmam ficou em cima da abertura. – Afastem-se.

O vampiro pediu e voltou as mãos para baixo, quando fechou os olhos, o chão tremeu. Os vampiros olharam em volta assustados e quando a areia recuou eles entenderem que Jan Kmam a empurrava com seus poderes. Como? Bem, ele era o favorito do rei, o substituiu quando ele morreu. Ele tinha poder para tanto.

O templo feito para Íris ficou visível. A abóboda apareceu, e Bruce e Misha compreenderam que estavam sobre um telhado. A construção havia ficado enterrada na areia por séculos. De cada lado, havia um pequeno círculo, chaves que, giradas ao mesmo tempo, abriram o alçapão. Eles entraram saltando dentro da escuridão. Caíram dentro de um salão iluminado por tochas. Ao redor o que viram foi estava destruído, restavam somente escombros e lápides altas do solo, contendo esqueletos. Bruce percebeu que todos tinham o coração arrancado. Num canto, as ossadas se aglomeravam, cobertas de pó e ratos. Eles seguiam em frente, buscando a vampira pelo labirinto de corredores dentro da construção.

Enquanto isso, Kara lutava para se soltar, era arrastada. Tentou apunhalar Íris no peito, com a adaga retirada da bota, mas não conseguiu, a adaga foi retirada de suas mãos por Samael. Em retribuição, Íris fechou os dedos diante da vampira, e ela sentiu a pressão sobre o coração e enfraqueceu novamente. Samael a colocou sobre a plataforma de sacrifícios e sorriu de forma maligna, enquanto a amarrava. Teria alguém visto quando fora contida?

– Acalme-se, assim não posso lhe dizer quem sou nem o que desejo de você.

– pediu Íris, sorrindo e tocando sua testa com carinho.

– Sei quem é você, Íris, e o que quer! Sei como Ordália a matou junto com as vampiras do Templo.

Íris a fitou e semicerrou os olhos. Parecia pensar. Samael observava quieto. Kara olhou ao redor e percebeu o pequeno salão, o altar. Os sarcófagos imitavam o Templo da Esfinge. Mas, dentro deles, haviam múmias. Na pedra em que estava havia espaço para mais um corpo e um caminho feito na rocha para que o sangue do sacrifício irrigasse as múmias.

– Então, Radamés falou? – quis saber Íris, curiosa.

– Não, ele não falaria. Tive uma visão ao tocar seu maldito coração – declarou Kara, puxando os punhos.

– Então sabe o que elas fizeram, como foram cruéis! Al-Samir e eu somente buscávamos um caminho para a paz. Radamés tentou convencê-lo o à exaustão, mas Elkabar acreditava que lobos e lobisomens eram criaturas inferiores, que deveriam ser escravizados ou mortos. Eu tentava infiltrar em seu espírito o apreço pela espécie, dominei-o, e o controlei o quanto pude, mas seu ódio só crescia. Ele era incitado pelos Mais Velhos. Como vingança, afastei-o de Ordália. Elkabar foi o primeiro rei dos vampiros, e não o possuir era enlouquecedor para ela. Era tão doce trazê-lo ao meu leito, enquanto elas secavam de sede – disse Íris, e viu Samael sorrir. – Hoje, vou despertar o verdadeiro senhor dos lobos, Al-Samir, seremos rei e rainha.

– Esse não foi o prometido – disse Mênnon, aparecendo dentro da câmara.

Segurava sua espada e tinha o peito coberto de sangue. Ele havia desaparecido para tentar salvar Francine. Certamente a deixara em segurança, voltando para perto daquela que considerava sua mestra, Íris.

– Al-Samir é o rei dos lobos, e eu, a rainha dos vampiros. Dois mundos em um só trono. Contenta-se com o poder que lhe dei, Mênnon. Afinal, devolvi seu corpo, recuperei sua face. Sou-lhe muito grata, você trouxe Kara e seu coração para

mim. Mas agora é preciso um pouco de sacrifício e sangue. – afirmou Íris, olhando com cumplicidade para Mênnon.

– Hora de sangue novo, eu compreendo.

Mênnon entendeu a deixa e fez Samael voar pela sala e cair sobre a pedra ao lado de Kara. O lobisomem o olhou assustado, surpreso, enquanto as cordas o prendiam sem que o vampiro o tocasse. – usava sua magia para contê-lo na pedra de sacrifício, junto a Kara. Samael se debateu e rugiu.

– Bem-vindo, Samael! – Kara não pôde deixar de dizer.

– O que estão fazendo? Eu sou o escolhido!

– Sim, é. E através de seu sangue que o meu consorte despertará. Não sabia? – perguntou Íris, rindo cinicamente para Mênnon, enquanto brincava com a adaga nas mãos.

Íris, num gesto rápido, cortou a carne dos pulsos e pernas de Samael para que o sangue fluísse, enquanto ele rugia. Kara recuou e viu sua agonia, ela o rodeava, enquanto ele se debatia, sujando tudo com seu sangue.

– Soltem-me! Íris!

– Este é o som! Clame por mim! – ela exigiu cheia de prazer. – Aqui, onde muitos morreram quando fui descoberta e idolatrada como uma deusa. O sangue de vocês dois trará vida a semideuses! Regozijem-se!

Íris parecia meio louca e tocava a cabeça de Samael, e a de Kara. Ela os fez mergulhar em visões. Ambos viram Mênnon dentro daquela mesma tumba, fazendo sacrifícios a Íris – mortais, vampiros e lobisomens eram mortos e seu sangue a ela oferecido, mas nenhum deles a trouxe à vida. Finalmente, eles foram atacados por Pacificadores, Kara viu o rei e seus aliados. Mênnon perdeu, mas conseguiu fugir, e o culto a Íris foi silenciado, coberto pela areia do deserto. A vampira cravou a adaga sobre o peito de Samael e quebrou a visão. Kara gritou e viu, com horror, Íris abrir o peito do lobisomem. Ela queria o coração de Samael. O sangue

espirrou, enquanto ele emitia um uivo de dor e morte. Kara sentiu todos os pelos de seu corpo se arrepiarem e fechou os olhos. Íris arrancou-lhe o coração e o devorou.

Mênon fitou Samael sem remorso algum e provou de seu sangue com a ponta do dedo, sorrindo com crueldade. E não era para menos: ele sacrificara muito em nome daquele espectro, não era de admirar que nada sentisse.

– Olhe! O sangue do escolhido toca minha família. Al-Samir e seus filhos despertarão! Lobos e vampiros conhecerão um novo mundo de poder e glória sobre os mortais! – exclamou Íris, puxando os cabelos de Kara, enquanto apontava as quatro múmias. – Com seu coração, nós seremos invencíveis. Seu poder será meu, eu governarei em seu lugar. Afinal, sei que não deseja ser rainha, você busca a morte. Veio buscá-la aos meus pés. Eu lhe darei paz, Kara. – murmurou Íris, tocando a face da vampira com as mãos sujas de sangue.

Íris parecia querer hipnotizá-la com sua doce voz. E se preparava para arrancar seu coração. O sangue de Samael tocara todas as múmias; se Íris pegasse seu coração, seria o fim. Kara reagiu e tentou ganhar tempo para alcançar a arma em seu casaco.

– Nós não precisamos de sua família. Temos nossas leis e nossos poderes. Os vampiros e lobisomens que se aliaram a você foram iludidos, você não passa de uma farsa. – Kara cuspiu as verdades em Íris e Mênon.

– O Pacto foi uma ilusão de dois mil anos. Eu perdi minha vida, meu corpo, meu próprio coração para fazer com que ele fosse real. E veja que ironia: eu fiz com que vocês o quebrassem!

– Nós tínhamos paz e a teremos novamente quando você for passado. Você prometeu liberdade, quando só deseja matá-los!

Kara alcançou arma no seu casaco e atirou. O tiro atingiu Mênon, mas não lhe causou grandes estragos. Ele se aproximou e arrancou a arma de sua mão com ar vitorioso, antes que atirasse em Íris. O disparo alertou os vampiros dentro da tumba.

– Eu lhes darei liberdade, mas em troca quero seu sangue. Íris ergueu a adaga e a vampira viu, impotente, seu fim.

Kara gritou por ajuda.

– Jan Kmam!

A adaga foi cravada com força sobre seu peito. Ela pôde sentir a lâmina fria enterrada em sua carne, roubando-lhe as forças. Fitava o teto e se lembrou das palavras de Radamés.

“– Se for pedir ajuda, chame por Jan Kmam”.

E ela chamou por seu amor, no fim, não conseguia mais se debater, a lassidão era muito grande. Os olhos abriam e fechavam, sua cabeça pendeu para o lado. Dentro de seus ouvidos, só havia o som de seu coração batendo em agonia, ferido. Ela viu o brilho de uma espada cruzar o ar, um par de botas conhecidas se aproximando. Estava delirando... Havia som de luta. Pôde ver Misha e Mênon lutando, enquanto Bruce a desamarrava. Nesse momento, Kara viu sua cabeleira loira e seus ombros.

Íris lutava com um fantasma. Era o fantasma de Jan Kmam. Ela o empurrou com magia diversas vezes, mas ele avançava e a arremessou com o toque sobre a parede, quase a destruindo, tamanha a força que usou. Íris gritou de ódio e sua face mudou, tornando-se quase demoníaca. Tentava morder o vampiro que a empurrava com sua espada nua. As mãos eram garras pálidas e afiadas, mantinha as presas de fora, aterradoras. Mas, ao ver Misha cortar o braço de Mênon e, por fim, sua cabeça, ela se descontrolou. Jan cravou a espada em seu ventre e ela sangrou, gritando de dor. Quando seu coração foi queimado, ela voltou a ter carne e sangue. Íris empurrou o vampiro, jogando-o contra a parede. Bruce deixou Kara e se juntou a Misha e Jan Kmam. Era preciso um esforço conjunto, ela era muito forte. Os três vampiros avançaram, e Jan conseguiu puxar a espada do ventre da vampira; juntos, eles continuaram atacando, ela lutou com os três, mas, num gesto coeso, Bruce, Misha e Jan a cortaram, fazendo-a em três pedaços.

Havia acabado, Íris e seus aliados estavam mortos. Misha juntou a cabeça de Mênon, e de Íris e correu para a superfície: era preciso dar força ao seu exército. Chegando lá, ele subiu sobre a parede da tumba de Íris e gritou.

– Viva o senhor dos lobos e o rei dos vampiros!

Os poucos rebeldes que restavam se viram perdedores e se renderam. Outros preferiram lutar e morrer, enquanto os vencedores gritavam em coro sua vitória. Os lobos uivaram e, logo, tudo estaria terminado. No alto da duna, os Caçadores e Laertes respiraram aliviados e desceram para começar a limpeza e dar os parabéns aos vencedores.

Jan Kmam soltou a espada e se aproximou de Kara, tomando-a nos braços, a adaga ainda estava enterrada em seu coração. Bruce não a puxou, temendo matar a vampira.

– Jan, você está vivo... – murmurou Kara tocando seu rosto com os olhos presos nos dele.

Ele segurou sua mão e a beijou saudoso. Fitou sua face pálida e suja de sangue e a limpou, ouvindo o coração que batia lentamente. Era preciso fazer alguma coisa.

– Sim, estou, meu amor. Tenho de tirar a adaga, aguento firme. Olhe nos meus olhos, confie em mim.

Jan Kmam segurou o cabo com firmeza e, quando Kara assentiu com a cabeça, ele puxou de uma vez. Ela gritou e ele a apertou junto de si. Bruce assistia a tudo paralisado, não se moveria dali por nada no mundo. Jan fitou a ferida e não a viu fechar. Algo estava errado. Kara sangrava pela boca.

– Eu não o traí, Ordália mentiu... – murmurava Kara aflita, apertando sua mão e olhando no interior dos seus olhos tão azuis.

– Kara, me perdoe. Eu deveria ter ouvido suas palavras. – Jan a segurava nos braços, sentindo seu sangue molhar suas mãos. Perguntava-se por que a ferida não cicatrizava.

– Eu o amo tanto, sempre amei... – As lágrimas escorriam cristalinas por sua face.

– Eu também a amo, Kara; é a única para mim. Perdoe-me por tê-la magoado, eu cometi tantos erros... – Jan beijava seu rosto cada vez mais pálido, sentia as mãos delicadas afrouxando a pressão sobre a suas.

Kara sabia que estava morrendo, que a ferida daquela adaga não cicatrizaria. Ela havia sido amaldiçoada por Radamés para fazer o coração de Íris parar. Ela iria parar o seu também para sempre. O coração batia dolorosamente e perdia o ritmo pouco a pouco, dando-lhe o tempo exato da despedida. Mas tudo o que ansiava era tocar a face de seu amado, seus cabelos. Ela sorria feliz e beijava seu rosto inteiro. Jan retribuía e, quando ela alcançou sua boca, beijou-o delicadamente. Suas forças sumiam, ele a enlaçou e a beijou longamente. A vampira segurou seus ombros e o apertou forte.

Bruce, próximo ao casal, chorava emocionado. Ele ouvia o coração de Kara enfraquecendo, a morte dominando seu corpo forte, levando-a aos poucos de Jan Kmam. Ariel, ligado a ela, estava em agonia dentro do *Château*. Togo permanecia ao seu lado, ele temeu pela vida do rei e não saiu de perto dele. Ariel sentia seu coração bater ferido.

– Perdoe-me, meu amor, perdoe-me – sussurrou Kara junto aos lábios de Jan.

A vampira ainda sorriu, fitando o rosto bonito e emocionado de Jan Kmam. Em seguida, fechou os olhos e morreu. A vampira era uma boneca sem vida nas mãos do amante, que a levou junto ao peito e gritou de dor. Cingiu-a ao tórax largo com força, enquanto soluçava, e a deitou delicadamente sobre a pedra. Suas lágrimas caíam sobre a vampira. Ele parecia reviver a morte de Valéria e Thaís, séculos atrás. Kmam a fitou por entre os seus cabelos loiros e urrou de dor.

– Não! Não! Kara! – Ele a sacudiu levemente.

– Jan, acalme-se ou enlouquecerá, meu amigo. – Bruce se aproximou, temendo por ele.

Jan fitou o peito da eterna amada e notou um sinal de esperança. Onde suas lágrimas haviam caído, a carne se restaurara. Decidido, o vampiro puxou o punho da camisa e abriu blusa da vampira, expondo a ferida aberta. Cortou o pulso e fez o sangue cair sobre o corte. A carne cicatrizava, mas era algo superficial. Kara precisava beber, talvez ainda não fosse muito tarde. Jan Kmam segurou a vampira e Bruce o ajudou, o sangue pingava sobre seus lábios, em sua boca. A vampira jazia imóvel e pálida.

– Volte, Kara. Volte para mim, eu a amo, preciso de você.

Jan mantinha o pulso junto aos lábios da vampira, mas nada aconteceu. Desesperado, ele feriu o próprio peito, um corte sobre o coração, e a colocou junto de si. Fechou os olhos, torcendo para que ela ouvisse seu coração batendo aflito, enquanto lhe dava novamente sangue, vida e parte de sua própria alma. Ele sentiu um movimento leve, seus lábios se movendo num leve sugar. Kara emergia do vazio lentamente. Seu coração a animou, o som, o sabor de seu sangue, seus apelos. Finalmente, ela o abraçou, conseguindo forças para sugar dele a vida que tentaram lhe roubar. Então, Jan Kmam a envolveu, soluçando de felicidade. Abraçados e em silêncio, o casal apenas aproveitava o momento. Eles sorriam para Bruce, que chorava emocionado ao vê-los juntos e felizes novamente.

Quando saíram da tumba, faltava uma hora para o amanhecer. O céu se tornava perigosamente claro no Egito. Venceram, havia prisioneiros, feridos e mortos por todos os lugares. Uma batalha sangrenta e feroz. Os vampiros viram Jan e Kara juntos com alegria e receio. Afinal, ela era a amante do rei e, sobre ele, ainda existia uma sentença. Mas não havia tempo para esses assuntos. Os vampiros começaram a sumir sob a areia, levando os feridos junto com eles. Os mortos seriam consumidos pelo sol. Kara viu um grupo de Caçadores recolhendo os corpos dos lobisomens e os queimando em uma grande fogueira. E reconheceu o Caçador que a salvou, o olhou e acenou. Ele a fitou por um segundo e deu-lhe as costas.

– O que foi Kara? – Jan perguntou vendo certa decepção no rosto da amante.

– Nada, pensei ter visto um amigo.

Eles voltaram para a construção junto com os vampiros que abraçavam Jan Kmam, recebendo-o de volta ao mundo dos vivos. Decidiram passar a manhã escondidos nela. Era bastante segura e havia muitas câmaras vazias. Misha arrastou para fora os restos de Íris, Mênon, e Samael e os jogou aos pés do Caçador, e o cumprimentou risonho antes de sumir dentro da tumba.

Jan Kmam e Kara buscaram uma das últimas câmaras da tumba e lá ficaram. Martan, Bruce, Isadora e Thiago se reuniram nas demais. Romano estava sob a areia com Virna. Will já dormia e Juan, não muito distante, deitava-se sobre um dos túmulos altos. Valdés viu Marie partir com o olhar melancólico, e se ocultou na areia, no corpo o sangue dos inimigos, no coração o amor que sentia por alguém que não podia amar.

Jan Kmam estava deitado dentro de um túmulo, e Kara em seus braços, aconchegada ao seu corpo.

– Depois que a perdi, compreendi tantas coisas... Entre elas, meus erros – disse Jan, sem vergonha ou medo de admitir.

– Sua carta me disse tanto, nunca me separe dela, veja! – revelou Kara, tocando o envelope envelhecido e agora sujo de sangue.

– Eu vi que a segurava enquanto dormia na minha cama, na tumba de Radamés.

– Estava lá... ? Por que não apareceu? Eu senti seu cheiro e achei que estava ficando louca – cobrou, fitando sua face.

– Sim, estava, mas não era o momento certo, meu amor. Precisava de tempo. Radamés me salvou de Petrus e cuidou de meu corpo enquanto eu dormia.

– Depois que foi dado como morto, desejei mil vezes a morte. – murmurava Kara, agarrada a Jan, que lhe secou uma lágrima teimosa e sorriu.

– Você está mais bonita, forte e madura. Vi-a lutando e confesso que me surpreendeu. Tornou-se uma excelente esgrimista – elogiou Jan, beijando-a de mansinho.

– Preciso lhe contar algo.

Kara sentou-se dentro do túmulo e resolveu revelar a verdade. Era preciso, temia um confronto entre Jan e Ariel.

– Kara, eu ouvi sua conversa com Radamés. Sei que atualmente é a amante do rei – revelou, olhando-a de maneira calma.

– Eu não sei o que lhe dizer – disse Kara, sincera.

– Não precisa me explicar nada. Você me perdoou, engoliu minha traição e continuou me amando. – disse tocando seu rosto e cabelos. – Foi um grande idiota, a magoei demais. Pode me perdoar?

– Sim, eu posso. – murmurou e o beijou sequiosa.

O vampiro retribuiu e quando afastou os lábios dos seus estava no seu limite. Segurou seu rosto e voltou a falar contendo o desejo de tomá-la sua ali mesmo.

– Quando fui sentenciado, deixei-a livre, lembra-se? Dei ao rei o direito de cortejá-la. Não vou condená-los. Tudo o que posso fazer é pedir que volte para mim. – Jan sentou e tocou o rosto da vampira. – Será que tenho chance?

– É tudo o que mais desejo. Estou com muita saudade...

Kara estava ansiosa e, abraçando-o com paixão, buscou seus lábios, mas Jan a conteve. Ela o sentiu recuar, o corpo tenso.

– Fiz algo errado? – perguntou Kara, confusa com sua distância.

– Não... Só está me enlouquecendo de desejo. – revelou, enquanto se afastava. – Mas não posso tocá-la...

– Por que? Não me deseja mais, é isso? Tornei-me uma espécie de Consuelo, a vampira que só traz problemas? – perguntou, tensa e confusa; afinal, era possível.

– *Petite!* Eu a quero demais, amo você, Kara. – ele revelou e segurou seus ombros. – Mas, não posso tocá-la como desejamos. Antes preciso falar com Ariel, ele precisa libertá-la. – Jan murmurou, tomando-a em seus braços.

– Eu terminei tudo com ele antes de vir lutar. Sabia que iria morrer durante a luta. Sou sua novamente. Sinto-o correr por minhas veias, dentro de meu coração. Sua força e a minha estão juntas de novo e nada vai nos separar.

– Logo poderemos nos amar livremente, meu amor. – falou olhando-a nos olhos.

Kara o beijou com sofreguidão e o vampiro correspondeu, mas se conteve. Jan Kmam a envolveu em seus braços e, assim, dormiram por aquela manhã. Ao anoitecer, muito precisava ser resolvido.

Capítulo 41 -Liberdade, Igualdade e Imortalidade

Quando a noite caiu, os vampiros se levantaram e cada um trilhou seu caminho. Kara e Jan Kmam seguiram com os outros vampiros rumo a Paris. Haveria um Conselho para deliberar o destino dos prisioneiros e demais questões. Ariel havia sido informado por Bruce de que Kara sobrevivera graças ao sangue de Jan Kmam, que estava vivo. Ele recebeu a notícia com frieza e educação.

No *Château*, os criados lidavam com os últimos vestígios do ataque sofrido. Por um momento, ela se preocupou com Ariel e Togo. Os Pacificadores cercaram Jan Kmam e o levaram para uma cela. Ele preveniu Kara sobre tal acontecimento assim que despertaram, mas ela já sabia que isso iria acontecer.

Subiu para seus aposentos e lá encontrou o rei, parado diante da janela. Ele estava vestido completamente de negro. O terno italiano era perfeito em seu corpo, Kara o achou bonito, os cabelos ruivos estavam presos por um broche discreto de ouro. Ariel esperou que ela entrasse no quarto e a abraçou. Kara retribuiu de maneira afetuosa, mas, quando ele tentou se apoderar de seus lábios, ela o evitou. Ele não admitiu sua fuga e insistiu, e a beijou longa e apaixonadamente. Ela retribuiu, mas sem nenhuma paixão. O cheiro de Jan Kmam estava em seu corpo.

– Senti quando seu coração parou de bater e quase enlouqueci. – ele murmurou junto a sua orelha. – Não conheço vampira mais bela e corajosa que você. – disse orgulhoso.

– Todos lutaram corajosamente. Foi um combate incrível, majestade. – Kara começou a falar, afastando-se dele delicadamente.

– E você me impediu de participar – disse Ariel, em tom maligno, mas risonho.

– Conhece meus motivos. – disse, afinal ela temeu vê-lo morto. – No fim, tudo deu certo. Íris está morta e você está vivo. Mas do que reclama, teve de lutar aqui também. – comentou sorrindo para ele.

– Sim, tudo deu certo no fim. Logo reafirmaremos oficialmente o Pacto, e quero que participe da cerimônia ao meu lado. Iago me falou de seu heroísmo, o modo como motivou o exército. Ele a chamou de rainha dos vampiros. – comentou vendo que ela se mantinha longe de seu toque.

– Iago está apenas impressionado, todos lutaram muito bem. Como disse, temos muitos heróis. E eu não sou sua rainha. – murmurou a última frase.

– Inclusive Jan Kmam, que a salvou da morte – observou Ariel, pondo as mãos nos bolsos das calças notando que buscava distanciamento.

– Sim, graças ao sangue de Jan Kmam, eu voltei à vida. Íris me feriu mortalmente. – ela sabia que aquele ato condenava o vampiro que amava.

– Sinto o cheiro do sangue dele em seu corpo. Quando refizeram os laços, eles a trouxeram de volta a vida. – revelou olhando-a com a expressão contida.

A vampira estava cautelosa, Ariel podia e tinha o direito de punir o vampiro por isso. Mas ele o faria sabendo que isso a salvou? Havia se habituado a tê-la em sua vida. Afinal, vinte e quatro horas antes, amaram-se como amantes, e ela hesitou, desejou ficar ao seu lado. Estava escrito em seu olhar que não a deixaria partir facilmente.

– O que vai fazer agora que seu ex-mestre voltou? – perguntou Ariel, misterioso.

– Ele é meu mestre, e vou ficar ao lado dele. – disse Kara com segurança, tentando fazê-lo entender sua decisão e olhou seus olhos cor de jade.

– Vai ser difícil com ele ainda sentenciado à Caixa.

Ariel Simon, o rei dos vampiros, exibia seu poder sobre Kara e sobre seu favorito. Ela ficou parada, observando-o em silêncio e sentindo-se oprimida,

temerosa.

– Não pode prendê-lo novamente. – afirmou Kara, indignada com a possibilidade.

– Kara, eu farei de tudo para que Jan Kmam seja libertado. Os Poderes decidirão o melhor. Estou muito feliz que ele esteja vivo. Apesar de não me acreditar, eu o amo também.

– Deixe-me ir Ariel. – Kara pediu suavemente e se aproximou dele.

– Fique comigo agora. Por que adiar o inevitável? Sei que tem sentimentos por mim, não minta. – Ariel pediu sem vergonha de implorar por seu amor. E a fez encarar seu olhar.

– Amo Jan Kmam. Quando me recebeu como sua amante sabia disso, e aceitou o que pude lhe dar. Agora apenas, por favor, deixe-me ir. – disse e tocou sua mão forte que segurava seu queixo.

– Quero que seja feliz. – ele ajeitava seus cabelos com os dedos e admirava seu rosto. – E se isso significar me fazer sofrer, tudo bem, eu aceito. Mas você precisa estar pronta para me aceitar quando a hora chegar. – dizendo isso a encarou de modo decidido.

– Saberei resolver a questão quando a hora chegar. – começou a vampira cautelosa.

– Poderia me beijar uma última vez? – ele pediu rouco de emoção.

A vampira assentiu e se deixou abraçar, o envolveu com os braços, escondeu o rosto em seu peito sentindo seu perfume amadeirado, moveu o rosto e mergulhou em seu pescoço, e o beijou, em resposta ele a apertou um pouco mais. Por fim o olhou nos olhos. E o que viu cortou seu coração. Ariel estava com os olhos rasos de lágrimas. Mas antes que dissesse algo ele a beijou. Os lábios sobre os dela buscavam uma resposta e ele a encontrou. Kara retribuiu entreabrindo a boca e deixou que ele a tomasse uma última vez naquele beijo faminto e já tão saudoso.

Quando ele finalmente se afastou, apenas os lábios, a apertou junto a ele, apoiou o queixo na sua cabeça.

– Sou seu, quando me quiser de volta, basta apenas me chamar.

Ariel Simon beijou sua testa, ainda segurava sua mão quando se afastou, por fim os dedos, e só então deixou o quarto. Aquele era um habito somente seu.

Sozinha no quarto Kara sentou na cama e cobriu o rosto com as mãos e suspirou profundamente. A tristeza dele ficou em sua boca, em seu coração. Por fim suspirou e foi tomar banho. Sob água morna limpou o sangue e a areia do deserto. Quando saiu enrolada no roupão resolveu se libertar da tristeza do rei. Jan Kmam estava vivo e ela o amava, haviam recebido mais uma chance.

Diante do armário de roupas sabia exatamente o que vestir. E caprichou, queria impressionar Jan Kmam. Bruce bateu à porta do quarto, a Assembleia estava quase começando. Ele e Martan a elogiaram e perceberam sua felicidade, mas também sua preocupação com os acontecimentos que se seguiriam em minutos. Enquanto caminhavam, aconselharam-na a se manter calma caso as coisas ficassem difíceis.

O salão estava cheio, a ocasião merecia que todos se apresentassem da melhor maneira possível – eram vencedores e muito havia sido conquistado. Havia o brilho das joias e do veludo. Iago estava presente e vestido ricamente, ladeado por quatro de seus homens. A reunião firmaria o Pacto entre lobos e vampiros. Kara viu os representantes dos Poderes ao lado do rei; no salão, Will, Juan, Misha, Valdés, Isadora e Thiago. Um pouco atrás, o Livro esperava as ordens do rei. Jan Kmam ainda não havia sido trazido ao salão. Kara esperava apreensiva, mas com a certeza do que faria para salvar Jan Kmam de sua sentença.

Togo abriu a Assembleia e os Poderes se fizeram presentes. O Pacto seria a primeira pauta da noite.

– Há dois mil anos, nossas espécies firmaram um Pacto, visando à proteção e à paz. Todos aqui conhecem as circunstâncias e motivos da quebra do Pacto dos

vampiros. – Ariel estava de pé, falando a todos. – Esta noite, vamos reafirmar o desejo dos vampiros, lobos e lobisomens que o escreveram e acreditaram na paz entre duas espécies. Muitos deles não estão mais entre nós, mas seu ato de coragem nos trouxe até esse ponto. Cabe a nós manter a paz e o equilíbrio.

Togo trouxe os novos pergaminhos e os colocou sobre a mesa, no centro do salão. Iago e Ariel se posicionaram e, juntos, assinaram os documentos; ao final, trocaram e novamente assinaram.

– Majestade, os homens-lobos e lobisomens, que lutaram na batalha do Egito, gostariam que a campeã assinasse o Pacto – disse Iago, que viu muitos vampiros concordarem com a solicitação.

– Nós achamos justo. – aprovou Romano quando o rei consultou os Poderes.

O Conselho, a Ordem e os Zeladores do Livro concordaram assim como o rei e todos os vampiros no salão. Kara foi chamada à frente. Ela agradeceu a honraria e recebeu a pena nas mãos, assinando abaixo do nome dos dois reis. Ali só faltava a assinatura de Darden. Havia paz novamente e as leis entre as duas espécies voltaram a vigorar, assim como os territórios de caça foram novamente estabelecidos. Iago e seus homens se retiraram, levando com eles a cópia do Pacto. Logo que Darden a assinasse, ela seria devolvida ao rei dos vampiros.

A segunda pauta da noite eram os prisioneiros. Dez vampiros e cinco lobisomens. Todos foram condenados e sentenciados à morte, sua traição não poderia ser perdoada. As execuções foram feitas no pátio e assistidas no telão. Eram medidas necessárias para provar que a lei fora estabelecida. Aquele foi o último vestígio da quebra do Pacto, e da existência de Íris e seus aliados. Eles agora pareciam somente uma lembrança ruim, perdida num recanto da memória. Pena Petrus e Manolo não estarem entre eles – artilosamente, ambos fugiram.

Quando Jan Kmam entrou no salão, o coração de Kara pulou no peito e, agora, com muito mais força, nutrido por seu sangue. Ariel lançou um discreto olhar sobre o casal e se preparou para tomar algumas decisões difíceis. Togo lia a pauta.

– Graças ao rapto de um de nossos Guardadores, Jan Kmam foi retirado de sua sentença antes do prazo estabelecido. Foi verificado que o vampiro e favorito do rei nada sofreu durante este extremo despertar. Os Poderes deliberam agora qual atitude deve ser tomada diante do sentenciado.

– O que a lei do Livro diz? – perguntou Ariel, segurando-se na lei.

– Que o prazo deve ser observado de acordo com sua sentença. – afirmou Zoser, lendo a disposição da lei.

Jan Kmam já esperava por aquela resposta. Ele fitou as correntes nos pulsos e nos calcanhares e esperou com os olhos presos em Kara. Ela estava lindíssima, havia se vestido para ele, cada detalhe e peça. Era uma visão magnífica e poderia ser a última em seis anos de sono. Mas Jan manteve sua esperança e, quando Romano se pronunciou, teve a certeza de que os Poderes ficariam ao seu lado. E assim, um a um, eles pediram por sua liberdade.

– A Ordem dos Pacificadores pede pela liberdade de Jan Kmam. Acreditamos que os anos a que foi submetido à sede e ao sono foram suficientes como pagamento de sua pena.

O rei observou os representantes dos Poderes e todos estavam de acordo com a liberdade de seu favorito. Mas era preciso ouvir o segundo Poder.

– E o rei acata os pedidos. Não vejo motivos para manter meu favorito mais tempo em reclusão, sua presença nos fez muita falta. Que a Ordem o liberte. Mas não antes que o segundo Poder se pronuncie.

Ariel sabia que não poderia excluir o segundo Poder de ser ouvido. Se o fizesse, teria uma boa chance de ser surpreendido. Os Zeladores esperaram e o Livro passou algumas páginas. O rei, então, pediu que lessem, e Nebit relatou a decisão do segundo Poder.

– O Livro exige que o favorito seja mantido na Caixa pela sentença estabelecida. Ele afirma que os Guardadores falharam. Sendo assim, a Ordem não pode votar a favor de sua liberdade. Seria o mesmo que buscar inocência. O

segundo Poder exige ainda que os culpados pela falha dos Pacificadores sejam punidos com rigor pelo rei.

Ordália e as vampiras do Templo pareciam realmente odiar Kara, elas sequer pensavam que, mantendo Jan Kmam preso, deixavam a vampira livre para o rei. Jan compreendeu que Ordália queria continuar torturando sua mente e punindo Kara por ter sido amante de Ariel. Os Pacificadores esperavam e a Assembleia se manifestou com murmúrios indignados, que se fizeram ouvir na sala. A situação era difícil, e o Livro seguia as leis, mesmo que fossem injustas.

Togo deu um passo à frente e se curvou diante do rei, afirmando que estava pronto a receber sua pena. Nesse momento, Kara atravessou o salão e se colocou diante do rei.

– Majestade, peço permissão para falar.

– Concedida. – Ariel estava ansioso e preocupado.

– Diante dos Poderes, como campeã do rei e herdeira do sangue de seu favorito, eu inocento a Ordem dos Pacificadores de qualquer negligência cometida contra meu mestre aqui sentenciado – disse Kara, ativa e convicta.

O salão comemorou em silêncio e esperou um pouco mais. Jan Kmam olhava Kara com orgulho e não estava muito diferente de Ariel, que parecia hipnotizado pelo seu decote.

– Inocentei Togo e a Ordem assim que soube do roubo da Caixa e o faço oficialmente diante do Livro. Para provar meu perdão, devolverei o tributo que me foi pago pela Ordem por ocasião da suposta morte de meu mestre.

Os Zeladores abriram espaço e Kara assinou o perdão aos Pacificadores. Um dos problemas foi resolvido. Faltava a condenação; afinal, Kara só tinha conseguido libertar Togo do chicote e da vergonha. Jan Kmam ainda estava sentenciado.

– O Livro está correto, a sentença deve ser seguida – prosseguiu Kara. – Mas, antes que meu mestre seja levado à Caixa, como campeã do rei, gostaria de usar

um dos meus favores. Quando me tornei campeã, obtive três deles e ainda não usei nenhum. Majestade, desejo usar o favor para alguém, e este alguém é o favorito do rei.

– Que assim seja feito. Minha campeã usa seu primeiro favor. Que a Ordem liberte meu favorito imediatamente.

A Assembleia reunida no salão bateu com os punhos nas cadeiras em sinal de aprovação pelo rumo dos acontecimentos. O som da madeira mostrou o contentamento de todos. Enquanto estava sendo libertado, Kara queria correr para seus braços, mas se conteve. Não era de bom tom, seria humilhante para o rei. Teriam de agir com cautela, mas o que fariam? Iriam esconder-se de agora em diante?

Jan Kmam ficou diante do trono e esperou. Os Poderes o libertariam oficialmente e lhe devolveriam seus objetos pessoais.

– Togo, velho amigo – disse Jan, estendendo-lhe o braço, que ele aceitou de imediato num cumprimento antigo.

– Fico feliz que esteja vivo.

– Obrigado, Togo. Eu também estou, pode me acreditar. Mas o que tem aí para mim? – perguntou e piscou o olho.

– Seus direitos, deveres e privilégios de favorito de volta – brincou Togo, fazendo o Pacificador se aproximar com uma bandeja. Sobre ela, um cálice de sangue e um punhal antigo, rico em detalhes e pedras.

Jan Kmam tomou o cálice de prata e bebeu de um gole o conteúdo, enquanto todos esperavam em silêncio absoluto. Pouco depois, sua face parecia mais viva, o olhar mais brilhante. Bruce, ao lado de Kara, explicou-lhe que o sangue do cálice era do rei e dos membros dos Poderes. Eles davam ao favorito perdão e força através de seu sangue. O Pacificador pegou o punhal, e Jan Kmam ficou de costas para a lâmina. Kara se preocupou, o que fariam a sua cabeleira? Os fios loiros haviam crescido enquanto dormia e eles deveriam ser cortados e oferecidos ao

segundo Poder. Só então ela percebeu que realmente seu cabelo estava maior. O Pacificador cortou os fios, que foram guardados numa bolsa de veludo. Felizmente só desbastaram o excesso, mantendo a cabeleira de Jan Kmam perfeita como antes. Togo passou às suas mãos uma pequena caixa, Jan a recebeu e tirou de seu interior seu anel de safira e o de favorito do rei. E os devolveu aos dedos com satisfação. Só então Kara percebeu o quanto havia sido enganada por Petrus, o verdadeiro anel de favorito estava em poder da Ordem. O que ele apresentou certamente pertencia a Seth.

– Meus mais sinceros votos de liberdade, igualdade e imortalidade. – Togo desejou com sinceridade. – O nome do favorito volta às páginas puras do Livro e nada pesa sobre ele.

O rei finalizou a Assembleia com um breve discurso sobre paz e leis. Saiu da sala ao som das batidas nas cadeiras. Jan Kmam estava de volta e livre, ele foi felicitado por vários vampiros conhecidos. Kara o observava a distância, segurando-se para não correr até seus braços. Bruce notou a alegria de Jan, seu sorriso e o modo como procurava a amante a cada cinco minutos. O amor deles era forte e mortal para qualquer um que tentasse separá-los. Longe dali, Bruce sabia que o rei sofria em silêncio. Durante quase dois anos, ele pôde finalmente tê-la como amante e, agora, a havia perdido novamente. Ele caminhou e dormiu no paraíso para, em seguida, estar de volta ao inferno de sua solidão constante. Precisaria de força e de sua companhia. Togo já havia pedido que Bruce ficasse ao lado do rei, pelo menos nos primeiros meses, até porque estava intrigado com Otávio. E se sentiria muito mais solitário que antes. Era preciso ter os mais próximos junto a ele.

Kara, seguindo as ordens de Jan Kmam, manteve-se longe. Haviam combinado que ela faria as malas e partiria do *Château* com destino ao seu apartamento em Paris. Ele estaria logo atrás. Jan queria evitar mais falatório. Kara subia a escada e se perguntava se deveria fazer o que ele pedira. Por que não saírem juntos? Ela havia terminado com o rei, nada mais existia entre eles. Subitamente, sentiu-se nervosa, mas, como havia lhe prometido, fez o combinado.

Bruce a seguiu e a viu fazendo uma pequena mala. Uma sentinela se encarregaria de organizar o resto de seus pertences e entregar no apartamento. Ela recolheu a caixinha de música, as pistolas, a espada, e hesitou diante de alguns presentes do rei. Bruce recomendou que os levasse, deixá-los magoaria ainda mais o rei. Ele falava o tempo todo, deu palpites sobre algumas peças de roupas e a ocupava, tomando seu tempo por algum motivo. Kara sorriu e continuou recolhendo seus pertences. Quando sua mala estava pronta, Bruce se ofereceu para levá-la de carro até o apartamento. Kara o seguiu, e um dos Pacificadores pegou sua mala de imediato e a levou até o carro. Olhou o *Château* pela janela do automóvel e desejou que Jan Kmam não demorasse. Estava tensa, temia um confronto entre Jan e Ariel. Ele havia se comportado como um rei, não como o vampiro apaixonado, e isso a mantinha quase tranquila. Eram amigos, por diversas vezes salvaram a vida um do outro. Certamente falaria. Bruce tocou sua mão e falou sorrindo:

– Fique calma. Os meninos só vão conversar. Lembre-se de que Jan é o favorito de Ariel, eles têm um laço de sangue também. Ariel ama Jan tanto quanto você, ou eu mesmo.

– Então Ariel o ama muito.

– Sim, ama. Não duvide disso – garantiu Bruce. – É algo sincero.

– Tem razão, eles só devem conversar.

Kara repetiu e tentou manter a ansiedade sob controle, ou voltaria para o *Château* e quebraria a primeira promessa que havia feito a Jan Kmam.

Capítulo 42 - O Confronto Final

Ariel Simon estava na sala de armas, sentado em uma das cadeiras. Parecia bastante à vontade. Havia tirado o blazer, a gravata, e soltado a cabeleira ruiva. Junto a ele, uma pequena mesa onde repousava uma garrafa de sangue e uma de rum. O cálice estava cheio e ele bebia fartamente.

As janelas estavam abertas e as cortinas balançavam livremente, prendendo o olhar de jade do rei. Jan entrou na sala e a cruzou com segurança, fitou Ariel e sentou-se ao seu lado. Serviu-se de um cálice de sangue e acrescentou o rum. A mistura era antiga conhecida deles, era como se estivessem no Caribe.

Jan Kmam estava belo e intrigante, havia se banhado e trocado de roupa. Vestia uma camisa branca e um belo casaco de couro negro como o jeans que usava. As botas eram as mesmas de que se lembrava. Os cabelos loiros estavam limpos e perfumados, como se fosse o próprio sol da meia-noite. Jan sorveu o sangue e sentiu o rum queimar sua garganta, mas sorriu, lembrando-se de suas farras e aventuras. Pensou em Otávio e sentiu saudades de seu ex-mestre. Pelo que soube, ele estava sozinho e bastante recluso, Asti o havia deixado sem avisar o destino. Quando um vampiro tomava uma decisão como esta, era provável que não o vissem por bastante tempo. Todavia, Jan mantinha as esperanças de que ela o procurasse, assim que soubesse que estava vivo. Deste modo, poderia ver sua deusa de barro. Quanto a Otávio, ele o procuraria em breve, precisava pôr tudo em pratos limpos. Exatamente como fazia agora com Ariel Simon. Afinal aquele encontro era entre dois vampiros, e não entre o rei e seu favorito.

– Estou muito feliz em vê-lo vivo. Foi difícil perder você naquela explosão. Foi como se o passado voltasse a nós. Quase pude vê-lo enegrecido dentro da banheira, suplicando por sangue.

– Devo minha vida a Radamés. Ele trocou as Caixas e me manteve em segurança.

– Imaginei que ele tivesse algo a ver com seu retorno. Mas diga-me: por que demorou tanto? Estava ainda magoado com uma suposta traição de Kara?

Ariel deu um tom um tanto cínico à pergunta, algo que não passou despercebido a Jan Kmam. Mas ele esperava por mais, e com bastante ansiedade.

– Seria bastante hipócrita se afirmasse que não. O que me magoou na suposta traição foi o fato de ela não admitir, ou me pedir para possuí-lo. Não sejamos infantis, ela me visitava no Jardim e dormia na sua cama. Isso é demais até mesmo para nós que somos vampiros. Chama-se traição.

– A pergunta é: você permitiria se ela pedisse?

– Sim, eu permitiria, mas com grande pesar – admitiu Jan, muito sério.

– De fato, o que Ordália lhe mostrou foi traição, mas de minha parte. Kara ficou presa na minha câmara aquela noite. Mas não me desejava, estava adormecida quando a despi e a puxei para meus braços. Ela nada fez. – o rei fez uma pausa e continuou. – Mas eu aceitaria de bom grado se ela, naquelas noites, me houvesse permitido tanto. Você me deu permissão, deixou uma carta que a isentava de culpa. O que queria? Que esperássemos você despertar?

– Fidelidade – exigiu Jan, sincero.

– A mesma que deu a ela? – debochou Ariel, cruel.

– Conhece meus motivos e até mesmo ajudou-me a encobri-los. Por quê?

– Por que eu a amo e não suportei vê-la sofrer. Você se comportou como um estúpido! Trair Kara? Como pôde? – cobrou Ariel, furioso e indignado.

– Meus motivos não lhe dizem respeito! – os ânimos se alteravam lentamente.

– Dizem e muito! Afinal, limpei sua sujeira. – Ariel falou severo. – Enquanto a tive como minha, jamais ousei olhar para outra vampira, quanto mais traí-la.

– Você simplesmente se aproveitou da situação para dar seu sangue a Kara. – Jan Kmam queria ferir Ariel tanto quanto ele o ferira.

– Quando Bruce a trouxe ao *Château* estava doente, envenenada. Preferia sentir dor a voltar para você. Ela aniquilava a própria mente. Felizmente, Bruce a achou num velho cemitério e a trouxe, pois nem ele conseguia mais detê-la. Estava sozinha, frágil, indefesa diante dos nossos inimigos. E bem sabe quantos temos... – Ariel infligia a Jan Kmam tudo o que lhe poupava anos antes. – Naquela noite, fui muito bondoso e a devolvi a você. Não me arrependo, mas me pergunto se mereceu.

– Não me acredite incapaz de saber o quanto Kara sofreu. Havia em suas revelações uma dor tão grande que desejei realmente estar morto. Mas compreendo que ela teve a chance de escolher e o fez com seu coração. Ficou ao lado do vampiro que ama.

– Sim, mas você não acha estranho que ela tenha aceitado ficar em minha companhia? E me contar o quanto se sentia ferida por sua traição?

– Kara confiou em você por ser o rei, nada mais.

– Não, está enganado. Kara foi para meus braços quando se sentiu traída e o fez novamente quando se sentiu sozinha. – afirmou Ariel, vitorioso.

– Kara é muito curiosa. Na verdade, foi um dos motivos que, segundo ela, a levaram ao seu leito, curiosidade.

– É, e eu a satisfiz plenamente.

Foi a gota d'água: a conversa chegara ao fim. Jan Kmam, que ainda estava sentado, simulando uma falsa tranquilidade, ergueu-se da cadeira e socou Ariel. Ele tocou a boca sangrenta e riu, tirando o colete de seda, que ainda estava sobre a camisa, e jogando-o no chão. Jan fechou os punhos e o esperou, pronto para lutar. O que Kara temera acontecia: eles estavam brigando. Trocavam socos e golpes de artes marciais sem que ninguém pudesse se envolver ou impedi-los. Eram apenas dois “homens” tirando suas diferenças à moda antiga.

– Imagino o que está sentindo, o ciúme, a raiva. Quando você entrou na Caixa, eu observei as lágrimas de Kara e percebi que talvez jamais a possuísse. Você a prendia, mesmo permitindo que eu a cortejasse. Claro que eu a cortejaria com ou sem sua permissão. Mas algo naquele olhar negro quase me fez fraquejar – afirmou Ariel, cuspiendo sangue.

– Apesar de parecer frágil, Kara tem dentro de si muita força. Imagino que ela deva ter lhe cansado um bocado – disse Jan, confiante, empurrando-o com força.

– Na verdade, achei muito estimulante. Kara é um pedaço de seda para aqueles que sempre tocaram linho. Acredite-me, ela me procurou por duas vezes e a recusei – revelou Ariel, entre sincero e vaidoso.

Jan Kmam evitou dois golpes e o atingiu no peito com força e raiva.

– Tolerei que ficasse no Jardim, mantendo-a ainda em seus braços. Não o expulsei para protegê-los. E saiba que eu sequei suas lágrimas com beijos quando você quis que ela abdicasse do cargo de campeã. Como pôde? Ela arriscou sua vida imortal para libertá-lo! – questionou Ariel, furioso.

– Do mesmo modo que me protegeu quando me sentenciou à Caixa por dez anos? – perguntou Jan, numa sucessão de golpes que jogou Ariel contra a parede.

– Dez anos é pouco tempo se comparado a cem anos. Seth ainda dorme sentenciado. Pergunto-me se sairá da Caixa lúcido. – Ariel tentava lhe mostrar algo.

– Sim. Mas qual foi o crime de Seth?

– Ele ousou tocar minha amante!

O tom foi de ameaça. Ariel fitava Jan Kmam com frieza.

– Você costuma julgar com severidade. Afinal, você roubou minha pupila. A situação me é ligeiramente familiar – disse Jan, descuidado.

Eles se atracaram e rolaram pelo chão e, quando Ariel pôde, chutou Jan contra a parede dos escudos.

– Sim, realmente é: Kara é minha amante – disse Ariel, seguro.

– Não, não é.

– Durante quase dois anos, ela me pertenceu e lhe garanto: ela é minha amante. Foi em minha cama que dormiu uma noite antes da batalha. Era em meus braços que chorava quando tinha pesadelos, ou medo do escuro. Eu recebia seus carinhos, seu primeiro olhar e sorriso ao despertar. Eram as minhas mãos que tocavam seu corpo e eram os meus lábios que beijavam aquela rosa tatuada. Ela me ama tanto quanto ama você.

Desde que Jan Kmam fora encerrado na Caixa, algo ficou mal resolvido entre eles. Aquela conversa, por assim dizer, ia acontecer e, agora, ela se realizava entre chutes e murros. Ariel sabia que Kara já tinha partido, fora informado pelo Pacificador que sempre a vigiava. Esperou que a vampira viesse lhe dizer adeus, de modo formal, mas ela não foi. Imaginou que Jan Kmam, agora desperto, não permitiria tal aproximação. Restava saber se ela lhe obedeceria cegamente ou se iria mostrar que sabia tomar suas próprias decisões.

– Maldito!

Jan se atracou novamente com Ariel e o jogou contra a janela, que se partiu, mas ele não a atravessou; simplesmente escorregou para o chão e se colocou de pé, uma vez que Jan avançava em passo de batalha sobre ele para trocarem socos, chutes e golpes violentos. Os dois lutavam muito bem e não parecia haver desvantagem entre eles. Ariel lutava caratê tão bem quanto Jan Kmam – ambos tiveram um ótimo professor: Togo.

Como líder da Ordem dos Pacificadores, Togo esperava do lado de fora, temendo pelos resultados daquela briga. Estava pronto para proteger a vida de ambos. Séculos antes ocorreu uma disputa semelhante àquela, e o final foi trágico. Os dois Pacificadores ao seu lado estavam prontos para separá-los. Ariel não sabia que ele os vigiava por conta própria.

– Insulte-me o quanto quiser, mas vai ter de viver com a certeza de que Kara se entregou a mim. Eu não a forcei a nada. Quando ela me beijava e me buscava no leito, era por que assim o desejava.

– Sim, ela o desejou e teve, mas é a mim que ela ama!

– Será? O coração de uma vampira é um mistério, e o de Kara é um enigma vivo. Ela tomou meu lugar, foi até o Livro para me proteger da morte certa. – disse convencido, mesmo tendo sofrido por isso. – Hoje, eu sei que além do desejo que ela sente por mim, seus atos me dizem muito de amor.

Furioso, Jan o atacou numa sucessão de socos que Ariel também revidava com intensidade. Aliás, eram iguais em força, beleza e poder. Estavam descabelados e sujos de sangue, os cortes sumiam lentamente. Permaneciam alterados e com os olhos dilatados. Atracados, chocaram-se contra as espadas que caíram da parede sobre eles. Uma delas feriu a perna do rei e a outra, perfurou a coxa de Jan Kmam. Ele a puxou e, quando fitou Ariel, percebeu que o rei o esperava.

O toque do aço tornou aquela briga mais séria. Alertou Togo, mas não o fez entrar com os Pacificadores. Rápidos e ágeis, o rei e seu favorito dançavam pela sala de armas, extravasando sua raiva e frustração em golpes ligeiros e perigosos. Cortes e estocadas atingiam e feriam a ambos. As espadas se cruzavam e eles se socavam e se empurravam. Nenhum dos dois cedia.

– Por que tanta revolta? Você mesmo disse que ela estava livre.

– Sim, é verdade, mas você deveria ter se colocado em seu lugar de rei e a respeitado como minha amante. É só o que eu entendo. – Jan o espetou no ombro. – É um hábito ruim esse seu de desejar o que é dos outros!

– Maldito burguês!

– Otávio me contou de suas investidas, do quanto é perigoso deixar à sua vista uma vampira comprometida. Vamos, Ariel, admita: você é um invejoso!

– Por que será que elas cedem? – investiu Ariel, e as espadas se tocaram com mais força.

– Medo. Todas tiveram medo de seu poder.

Ariel gargalhou e feriu Jan Kmam no peito. Eles pararam por um minuto.

– Ser rei é uma tarefa árdua, mas traz suas compensações. Reconheço meus crimes, mas jamais recebi reclamações, nem forcei nenhuma. Todas ficaram satisfeitas, e com Kara não foi diferente. Ela me buscou, me desejou, sendo curiosidade ou não. – falava com imenso prazer. – Acho até que fomos além; afinal, somos muito parecidos. O que posso dizer? Fui o primeiro...

A revelação não era desconhecida a Jan Kmam, mas o levou ao limite. A espada respondeu por ele e o aço continuou falando por alguns minutos, enquanto os dois lutavam prontos a se matar. A conversa educada tornou-se uma briga, e esta, uma luta até a morte. Ariel saltou e feriu o ombro de Kmam, depois recuou para não ser atingido no flanco. Porém Jan o empurrou e avançou seguro. Ele se pôs de pé, mas não sem antes dar uma estocada na perna de Jan, o que o fez recuar, sem, contudo, desistir. Ele se afastou e esperou Ariel adiantar-se para usar um truque que Kara havia lhe ensinado: capoeira. A rasteira o jogou no chão e o colocou sob a ponta da espada de seu favorito.

Ariel Simon olhou a ponta da espada, sentindo-a ferir sua carne imortal.

– Pretende matar seu rei e amigo?

– Não quero ser forçado a isso, Ariel, mas você tem me dado muitos motivos.

– Quais seriam eles? Amar o que de melhor nosso sangue gerou?

– Kara me pertence!

– Ela é livre e sabe bem disso. Kara é quem vai escolher.

Um filete de sangue escorreu pelo pescoço. Ariel fitou o olhar azul de Jan Kmam, vendo que ele hesitava e continha desejo de matá-lo. Bem que poderia, mas algo maior que a raiva e o ciúme o deteve: o amor que sentia pelo rei. Ele afastou a espada e estendeu a mão para Ariel, que se colocou de pé.

– Você não tem o direito de exigir isso. Sua traição para comigo não tem nome, Kara foi pressionada, levada à sua cama por tristeza, ou saudade. Meu amor e minha lealdade por você são eternos, mas, quanto a Kara, esqueça. Não tem direitos sobre ela. Antes de partir, ela me revelou que deixou claro que não mais o desejava como amante.

– Eu não a forcei, pergunte a ela. E além disso, eu não aceitei o fim, Jan Kmam – insistiu Ariel, firme.

– Pouco importa, Ariel. Acabou! Não se envergonha de mais uma vez seduzir a amante de um irmão? Achei que contasse com sua lealdade. Que a protegeria até o meu despertar.

– Kara veio por vontade própria!

– Mentira! Você a cercou e pressionou. Ordália me torturou durante um mês mostrando suas investidas sobre ela. O que aconteceu não me importa mais. Você é o rei, pode ter qualquer vampira, e existe uma fila longa de espera. Todas ansiosas para servi-lo, procure uma delas. – Jan Kmam aconselhou seguro. – Você e Otávio se comportaram como dois lobos famintos.

– Defendi-a e protegi-a à exaustão. Muitas vezes a vigiei matar e caminhar sozinha. Como você mesmo fazia nos primeiros anos. Aprendi a ter sua presença em minha imortalidade. Você estava em meus pensamentos me acusando, mas eu o calei dentro de minha mente, engoli minha culpa e todo o resto para ser amante de Kara.

De pé, frente a frente, eles se encararam, sabendo que ambos perdiam e ganhavam com uma guerra particular.

– Agiu como o rei, não como o amigo a quem pedi o favor de protegê-la – Kmam o lembrava e percebia seu descontentamento.

– Você não pode entender o quanto a protegi e amei. Daria minha vida por ela – confessou Ariel, triste, ferido.

– Não pedi tanto, Ariel. Afinal, eu podia sentir seu desejo por Kara durante a Arena, o modo como me julgou, como nos afastou para que pudesse possuí-la. Eu bem poderia cortar sua cabeça!

– Faça! Vá em frente, só assim vai me impedir de continuar esperando por Kara.

Jan Kmam avançou furioso e não viu Ariel tremer, ou recuar, ele apenas esperou seguro. Com a espada apontada para ele, o favorito novamente hesitou. Para compensar sua ira, Jan lançou a espada contra a parede onde ela ficou cravada.

– Sabe que não posso matá-lo, o amor que sinto por você é maior que a dor de sua traição. Pese em seu coração, se ainda tiver um, o que tenta me roubar.

– Kara é livre e ficará ao meu lado como minha amante o tempo que desejar.
– disse Ariel, seguro.

– Não é bom se enganar desse modo. Foi a mim que ela chamou quando morria. Mas serei paciente, como você não conseguiu ser. Ela decidirá o que fazer com o desejo que sente por você, Ariel. Afinal, sei que ela jamais o amou como vampiro e rei.

– Respeitarei sua posição de mestre e amante. E vou esperar pelas decisões de Kara, farei delas o meu guia para me aproximar, ou me afastar. Até porque não posso ficar sem a presença do meu favorito nem tampouco de minha campeã.

– Você é livre para visitá-la, buscar sua companhia quando assim o desejar. Kara decidirá até onde deseja ir com nós dois. – concluiu Jan.

Ariel e Jan Kmam se olharam e Ariel estendeu a mão, que o favorito aceitou e apertou com firmeza. Eles faziam parte de um mundo que não mais existia, de onde eram os sobreviventes e, como tal, se odiavam e se amavam. Temiam perder um ao outro em meio ao desejo e ao amor. Ariel era vampiro e rei, mas jamais conseguiria matar seu favorito, o vampiro que mais perto chegou dele, o amigo que considerava seu irmão.

- Bem-vindo, Jan Kmam.
- Obrigado, Ariel.
- Jan? – o rei o deteve, pois ele já partia. – Obrigada por salvar nossa amada.
- Assim como você, eu daria minha vida por ela.

Jan Kmam se curvou numa mesura e saiu da sala e seguiu pelos corredores do *Château* rumo à garagem. Togo e os Pacificadores já haviam se retirado do corredor, quando os ouviram conversando novamente. Não cabia a eles questionar, ou se envolver, estavam ali para protegê-los. Quando chegou à garagem, pegou a chave da moto das mãos de Billy, que lhe sorria feliz, mas preocupado com o estado de suas roupas, e saiu rumo a Paris.

Capítulo 43 - Para Sempre

Faltavam quatro horas para o amanhecer quando Kara ouviu Jan no corredor do prédio. Correu para a porta e a abriu. Ele estava parado, olhando-a. Ela o puxou para dentro e se jogou em seus braços. Cobriu-o de beijos enquanto ele sorria gaiato, convencido. Fechou a porta e andaram rumo à sala, ainda aos beijos. Kara o estreitou no seio com medo de perdê-lo, fechou os olhos e agradeceu a Deus por tê-lo de volta.

– Vou sair mais vezes – brincou Jan, em tom malvado e tirou a jaqueta.

– Vamos, Jan! Fale, não me torture mais. Por que demorou tanto?

Kara perguntou e só então notou sangue em seu colarinho, na camisa. Os cortes no tecido, o cabelo solto.

– O que aconteceu? Com quem você lutou? – quis saber, aflita, os olhos arregalados.

– Não fiz nada demais – resumiu, segurando-a pela cintura.

– Jan Kmam, o que houve? Você matou Ariel? – quis saber alarmada sentindo o coração pular no peito.

– Sofreria se dissesse que sim? – perguntou Jan Kmam, enciumado, porém risonho.

– Jan Kmam! – exclamou Kara, esmurrando seu ombro ao perceber que ele brincava.

– Não, não matei Ariel. Mas cheguei bem perto de fazê-lo.

Jan Kmam revelou ainda rindo da tensão estampada no rosto da vampira. Subitamente, ficou sisudo, ela sofreria pela morte do rei?

– Nós discutimos um bocado. Por fim, fizemos um acordo de paz. Você é só minha, meu amor – murmurava Jan Kman, sedutor, enquanto apertava a vampira entre seus braços com força. Seus olhos lançavam setas de desejo sobre ela.

– Discutiram? Como assim? Você está sujo de sangue... Que loucura! Vocês brigaram – disse Kara, zangada, nervosa.

– Por você até um duelo de morte. – disse Jan, lembrando-a do passado.

– O que aconteceu depois? – perguntou Kara, alerta, preocupada com o que Ariel pudesse fazer a Jan Kmam.

– Eu ganhei, ele está vivo, e ciente que você é minha. Isso é o que importa. Agora, a conversa é entre nós dois. – resmungou Jan, em tom de ordem. – Passei muito tempo sonhando com este pedaço de tecido. Encantado com o que minhas mãos sentiam e meus olhos não viam. Devo crer que o vestiu para me agradar?

– Creia, meu amor, creia. – sussurrou Kara sensual, beijando-o esfomeada. Jan Kmam a tomou nos braços e a ergueu.

Tinha rumo certo: o quarto. Sorriu para ela e percebeu o leito pronto, arrumado. O resto do apartamento ainda tinha os móveis cobertos por lençóis. A vampira andara bem ocupada, enfeitando tudo com rosas e velas. E fechando as persianas – pelo visto, ela tinha planos de dormir bem tarde naquela manhã. Ele a sentou sobre a cama e fitou as pétalas espalhadas, depois ajoelhou-se à sua frente, beijando-a. A boca deslizava pelo colo enquanto ela o envolvia saudosa. Afagava seus cabelos sedosos, a face da amada. Tocou seus pés e a livrou das botinhas. Kara acariciava seus cabelos, roçava os dedos sobre a face amada.

As mãos do vampiro vagaram pela cintura delicada de Kara, os dedos buscaram os colchetes. Lentamente, o corselet cedeu sob as mãos de Jan Kmam para expor ao seu olhar sequioso a pele alva e macia, os seios firmes, onde seus lábios pousaram ávidos de beijos. Apertou-a junto ao rosto, ao mesmo tempo que sussurrava seu nome. Os dedos hábeis alcançaram o zíper da calça colada que usava. E, num puxão firme, desvendou a renda da roupa íntima. A face se encheu

de júbilo. Afastou-se um pouco, desabotoou a camisa e viu Kara assumir o controle, buscando os botões. As mãos delicadas da vampira alcançaram o jeans, o botão, o zíper. Jan Kmam segurou suas mãos e murmurou junto ao seu ouvido seu novo segredo:

– Houveram mudanças.

– Que sejam bem-vindas – sussurrou Kara, olhando-o nos olhos para abrir seu jeans de modo decidido.

A excitação dele ficou evidente entre seus corpos, e quando ele buscou seus lábios de modo morno e possessivo, Kara sentiu-se arder de desejo. Apertou seus ombros e o envolveu enquanto ele colava o corpo másculo junto ao dela. Num gesto a segurou nos braços e a deitou sobre a cama. Pairava sobre seu corpo e a cobria de beijos cálidos, lentos. A língua provou os seios e quando os prendeu entre os lábios os sugou, a mão apertava sua cintura, a nádega. Sussurrou algo inaudível junto a sua pele e a viu arrepiar-se, a vampira tocou sua cabeça, os dedos nos fios loiros e sedosos. A envolvia saboreando cada movimento, estava sobre seu corpo, entre suas pernas. Kara o envolveu com a perna, enquanto beijava sua boca, sentindo-a tocar seu peito, pescoço... Ele estava no limite, se continha, pois, queria lhe dar prazer. Aquela era a primeira vez que a tomaria sua por inteiro, corpo e sangue. Beijou sua boca com sofreguidão e desceu sobre a garganta e a lambeu fazendo-a tremer com a expectativa. Os lábios exploravam o colo, e pararam sobre o seio onde a rosa estava tatuada.

– *Ma Rose...* – gemeu, e a beijo e sugou.

A vampira arquejou e passeou as mãos por suas costas fortes imersa no prazer que ele oferecia. Jan deslizou as mãos por seu corpo e parou na cintura, daí em diante passou a beijar seu peito e ventre, os cabelos loiros a cobriam numa carícia suave. E quando chegou a sua feminilidade ela gemeu e apertou as unhas em seu ombro. A tocou primeiro com beijos, depois com a língua provocadora, e a cada movimento a sentia tremer, e o receber com desejo. E só se deteve quando ela estremeceu de prazer sob o poder de seu toque. Moveu-se sobre ela e admirou o

corpo delicado imerso no prazer. Ela estendeu as mãos e buscou seu corpo. Ele entrelaçou os dedos nos dela e a beijou, enquanto pousava seu corpo sobre o dela. E sussurrava sua paixão por ela em francês. Em dado momento a fitou nos olhos e viu o desejo nos olhos escuros.

– Eu preciso de seu amor, dos seus beijos para me saber real. – sussurrava junto a sua boca suplicante.

– Eu te amo demais. – ela murmurou em resposta.

– Diga que é minha, diga. – ele exigiu segurando seu queixo.

– Sou sua, eternamente sua.

Com um beijo ele a penetrou, Kara gemeu alto de encontro aos seus lábios e se agarrou ao seu corpo. Celebravam o amor, reinventando, experimentando prazeres há muito esquecidos, perdidos dentro da natureza do vampiro, que têm seu ponto máximo no êxtase na mordida, no sangue sorvido. A união os completou e trouxe tanto prazer quanto o da mordida que sempre dividiram. Afinal, entre eles sempre houve carinho, a paixão! Jan movia o corpo forte e másculo suavemente para que ambos tirassem o máximo daquele encontro, quando seus corações batiam juntos no compasso da entrega. Havia sussurros, risos e beijos mordidos. Seus corpos eram iluminados pela luz tênue das velas, envolvidos pela doce fragrância das rosas que enfeitavam o quarto e o leito.

Tudo pareceu se perder no tempo, como se ambos tivessem se separado do resto do mundo para celebrar seu amor. Sobre o leito, eles permaneciam entrelaçados, alternando momentos de extrema lentidão e pressa, num balé de gestos leves, rítmicos. Mãos e palmas unidas, lábios. E, quando êxtase se anunciou, Kara o sentiu buscar o colo, a garganta com beijos mordidos. Envolvendo-a lentamente, buscando a veia que pulsava, seus olhos estavam dilatados e os caninos, prontos. Kara segurou seu rosto e olhou sua face mudada pelo prazer, e inclinou o pescoço, rendendo-se à sua mordida.

Jan Kmam a mordeu e sugou, prendendo-a junto a ele de modo possessivo, com firmeza. E, por um segundo, ela quase desmaiou, tamanho o prazer alcançado. A morte bem-vinda, esperada, que em pouco tempo Kara retribuiu com o mesmo beijo vampiro, impiedoso, cheio de um prazer único, enquanto seu amante estremeceu em seus braços.

Saciado e feliz, o casal deixou-se ficar no leito. O novo prazer descoberto deveria ser apreciado com cautela e segredo absoluto. Afinal, aos olhos dos Poderes, ambos eram rei e rainha.

– O nosso segredo... – Jan Kmam murmurou sobre o dorso nu da vampira estendida na cama junto a ele.

– Sim, só nosso... – disse Kara, sentindo seus lábios passearem por sua pele. O sol nascia quando, finalmente, Kara se aconchegou ao corpo de Jan Kmam, sentindo-o tocar seus cabelos, beijar seu ombro. E, naquele momento, ela percebeu que só poderia viver eternamente se fosse ao seu lado.

As primeiras noites foram feitas para que aplacassem a saudade, que parecia ser maior que eles dois. Passavam horas se amando, perdidos dentro de um mundo que conheciam bem e queriam manter. Andavam de mãos dadas, sorrindo e se amando. Apreciando o simples fato de estar juntos.

– Guardou as telas?

Com o passar das noites, Jan Kmam deu falta das telas no apartamento, mas imaginou que Ariel estivesse com elas em seu poder.

– Ariel pegou as telas assim que retornou a Paris. Isso foi logo depois da Arena. Estão em seu poder desde então. Tentei recuperá-las, mas ele não cede. Vai ser difícil consegui-las de volta.

– Eu não me importo. Ele tem as telas, mas somente eu possuo a modelo – Jan sussurrou convencido, abraçando Kara pelas costas e beijando seu pescoço.

– Isso não está certo – disse Kara, preocupada.

– Não seja cruel, Kara. Deixe-o ficar com uma lembrança sua. A propósito, semana que vem vamos a Chantilly, Ariel nos convidou e eu aceitei. Vai ser muito divertido.

– Não mesmo! – objetou Kara, surpresa com a atitude do amante.

– Kara, nós não somos inimigos. Eu amo Ariel tanto quanto amo você, ele é meu rei, salvou minha vida, assim como salvei a dele. Existem laços entre nós que jamais serão quebrados. Além disso, você é a campeã e eu, o favorito. Devemos fazer companhia a ele, participar de sua vida. Precisamos mostrar a todos que não restam ressentimentos – e não restam, acredite-me. Eu entendo o que houve entre vocês dois, mas isso é passado. Contudo, estou pronto a compreender se o desejar novamente. Eu não a impedirei de ir até ele.

Jan Kmam falava seriamente, e isso surpreendeu Kara. A vampira o olhou e realmente estava surpresa: sua atitude era inacreditável.

– Estou muito satisfeita com o vampiro que tenho em minha cama. – Kara estava somente com uma de suas camisas, os cabelos soltos.

– Além disso, estamos há um mês aqui dentro, Kara – riu, de um jeito safado, e piscou.

– Eu bem que tentei visitar Bruce, mas você não deixou.

Ela riu, e Jan a agarrou nos braços, colocando-a no ombro, e girou com ela pela sala para finalmente prendê-la no chão. Estavam na sala, descalços, vendo TV e bebendo sangue e vinho. Jan a imobilizou no tapete felpudo e lhe fez cócegas, enquanto ela gargalhava.

– Jan! Pare, vamos!

– Bem, temos compromisso semana que vem. Hoje, não – murmurou ele, ficando manhoso e procurando os botões de sua blusa.

– É... hoje, não... – murmurou Kara, abrindo seu zíper e o beijando.

Capítulo 44 - Dois Reis e Uma Rainha

A convivência entre Jan Kmam, Ariel e Kara permaneceu pacífica e amigável. O casal passou a visitá-lo com certa frequência. O rei os recebia com alegria. Ver Kara o fazia feliz, saía do isolamento em que se colocara desde sua partida. Jogavam e conversavam por horas inteiras, às vezes com membros dos Poderes; outras, sozinhos. Kara notou que Jan Kmam os deixava a sós para que falassem livremente, algo que Ariel apreciava em demasia. Não ousava tocá-la, mas se sentia quase de volta ao paraíso.

Bruce e Martan os olhavam e compreendiam que uma grande mudança havia se estabelecido, e ela parecia duradoura e benéfica para a paz. Ariel estava tranquilo e seguro; Jan Kmam, apaixonado e feliz. As reuniões eram animadas e tornara-se estranho e tocante ver que eles formavam uma espécie de clã, ou tribo. Todos tinham uma posição e uma missão a cumprir dentro daquela família ligada por laços de imortalidade e sangue. O tempo passou e o universo vampírico encontrou a serenidade. Além das janelas do *Château*, o mundo prosseguia noite após noite, dia após dia para os lobos.

O tão sonhado herdeiro de Darden era um menino forte e saudável, tão bonito quanto o pai e a mãe. Joyce estava grávida novamente e, ao que parecia, ia ser uma menina, que ela já chamava de Alexia em homenagem a uma loba que só desejou amar e ser feliz. Iago e Joyce viviam em harmonia e felizes, mas, dentro de seu coração, ela guardava um segredo que jamais poderia ser revelado.

A Ouroboros continuava vigiando vampiros e lobisomens, contendo os afoitos, matando os rebeldes que nasciam de um beijo mordido, ou de uma patada descuidada de um lobisomem. Claro, havia os perdedores que sobreviveram à guerra no Egito...

Os olhos dos Caçadores ainda observavam Kara a pedido da Cúpula, a poderosa vampira que controlava o coração dos dois vampiros mais poderosos de seu mundo. Afinal, o resto da profecia ainda não havia se cumprido e, dentro da noite, ainda permaneciam sombras em busca de vingança e sangue.

Capítulo 45 - Kara e Afrodite

Jan tinha ingressos para a ópera e Kara adorou o programa. A cada noite, Jan Kmam a notava mais vaidosa e exigente quanto a roupas, joias, beleza e passeios. Ela sempre demonstrara um temperamento um tanto caseiro, nunca fora dada a grandes gastos, mas, ultimamente, tinha visível necessidade de diversão e compras. Parecia disposta a impressioná-lo com o novo guarda-roupa. Dinheiro não era problema, e ele lhe satisfazia os desejos sem queixas.

Jan Kmam percebeu que ela despertava junto com ele, realmente havia evoluído nos últimos anos. Costumavam ir para diante das janelas ainda de roupão a fim de apreciar a noite, às vezes os últimos vestígios do sol. No céu, ainda havia um toque de dourado que desaparecia, tomado pela escuridão e o brilho da lua. Como vampiros, eles percebiam a beleza daquele instante como ninguém mais. Seus corpos admiravam a mudança, o deslizar de cada minuto. Kara estava encostada no peito de Jan Kmam, enquanto ele a envolvia com os braços carinhosamente. Ficaram ali por longos minutos, observando a noite se estabelecer. Trocavam juras de amor, beijavam-se suavemente e, por fim, foram para a banheira, onde se amaram apaixonadamente.

Uma hora depois, Jan estava na sala, esperando Kara se arrumar. O vampiro encontrava-se lindíssimo, havia comprado um terno de corte italiano, que valorizou seu corpo forte e o deixou muito elegante. Conservou os cabelos soltos e deu preferência a uma gravata de seda vermelha. A cor negra lhe caía muito bem, seus olhos pareciam se iluminar.

Kara permanecia diante do espelho, fechando o zíper do vestido vermelho, que era digno de uma rainha. Era isso: ultimamente, joias e roupas precisavam aplacar sua necessidade de realeza. O corte helenístico deu a ela um charme clássico e

ousado, as sandálias altas de tiras de seda, a pequena bolsa que mais parecia uma joia feita de cristais rubros. O tecido do vestido era esvoaçante. Ela parecia uma das vampiras do Templo da Esfinge. Manteve os cachos livres, eram bonitos demais para ficar presos. Ela os enfeitou com pequenos broches em forma de libélulas de ouro e diamantes. Estranhamente, as mesmas que agora insistiam em voar do lado de fora de sua janela, chocando-se contra o vidro.

Foi para diante do espelho e deslizou o batom vermelho nos lábios, fitando seu reflexo com prazer e deleite. Nunca estivera melhor, o corpo era perfeito e forte, sentia-se plena e amada. Estava vivendo com o melhor dos amantes, o favorito do rei. Gostava de perceber que tinham poder e a amizade incondicional do rei. Tudo corria como planejara: logo as coisas mudariam, mas não muito. Pegou a bombinha do perfume e borrifou o pescoço e o colo, os alvos preferidos de Jan Kmam.

A vampira se olhou no espelho e sorriu de maneira quase maligna. Afrodite estava refletida no espelho, plena de poder e beleza. O corpo era o de Kara, mas dentro havia mais alguém controlando seus atos e pensamentos, dominando sua alma, mergulhando-a no esquecimento pouco a pouco. Em algum ponto desconhecido, Afrodite se apoderou completamente do corpo da vampira. Ela, agora, estava no controle, e assim permaneceria.

– Kara? Vamos, meu amor, assim chegaremos atrasados.

Jan Kmam chamou da sala um tanto impaciente. Realmente, ela estava diferente, sua vaidade a fazia perder horas diante do espelho. Há algumas noites, pegou-a se observando nua diante do espelho. Ela o viu entrar e continuou a observação silenciosa até que, finalmente, foi ao seu encontro desfrutar dos prazeres que somente ele lhe dava. Mas Jan Kmam tudo tolerava, ela era maravilhosa. Por que não a admirar e mimar?

– Já estou indo, Jan Kmam, já estou indo.

Afrodite pegou a bolsa, a echarpe e saiu do quarto em passos seguros. Na sala, Jan Kmam a admirou e a achou magnífica. A vampira transpirava poder e realeza. Ela viu com prazer que o favorito continuava seduzido e mais apaixonado do que

nunca. Sorriu e eles saíram de braços dados. Afrodite, agora, estava pronta para realizar seus planos livremente.

Continua em...

Alma & Sangue IV – A Rainha dos Vampiro

A seguir, um trecho de Alma e Sangue, A Rainha dos Vampiros...

O Templo da Esfinge estava mergulhado em um silêncio de consternação e tristeza. Havia lágrimas, mas não se ousava derramá-las. A esperança se mantinha forte dentro do coração dos vencedores. Fazia algum tempo que os Anciões haviam se retirado do salão. As faces pálidas e seculares estavam voltadas para a cena sem nenhuma expressão definida. A única criatura que pareceu sentir algo foi Ordália. Antes de sair do salão, ela olhou uma última vez para a vampira com pesar disfarçado e seguiu Derek. Nada mais restava a ser dito ou a ser feito. Horas antes, o salão principal do Templo havia sido palco de uma antiga disputa de poder que ceifou a vida de vários vampiros e destruiu um pouco mais do sangue antigo. A luta ali travada em nome do poder deixou marcas tão profundas que nem mil anos poderiam apagá-las da mente dos vencedores. Dentro do coração dos que sobreviveram existia a certeza da vitória, mas não havia alegria pelo fim da

contenda. Tudo o que restou foi tristeza e uma estranha ausência, como se tivessem perdido um pedaço de si mesmos.

No chão, lanças e espadas, sangue e corpos decapitados, sinais de uma luta feroz entre imortais. A tênue claridade que os iluminava vinha do cone de luz no centro da câmara. Os sarcófagos estavam intocados. Estar ali era como penetrar o mais antigo de si mesmos, a origem do sangue imortal que corria nas veias do rei dos vampiros, de seu favorito e de sua campeã.

Não muito longe do cone de luz, Jan Kmam jazia sentado no chão. Ele segurava Kara nos braços. Aconchegada a ele, a vampira tinha os olhos fechados e a mão sobre o peito; ao seu lado, sua espada. O vampiro acariciava seus cabelos negros com carinho. Os olhos azuis fitavam a face plácida com melancolia; ele admirava os lábios carnudos em que tantas vezes afogou seu desejo. Neles, a delicadeza das pétalas de uma rosa, o sabor doce da própria ambrosia. Mantendo-a sob essa observação minuciosa, confirmou que ela possuía muito mais de deusa do que de vampira.

O rei dos vampiros não estava longe. A luz suave tocava-o no fim do círculo de luz e o deixava tão espectral quanto Jan Kmam ou Kara no chão. Ele apenas fitava a adoração do vampiro, em vigília silenciosa. Segurava sua espada ao lado do corpo e somente aguardava que algo mudasse, vasculhava sua mente em busca de uma resposta que pudesse modificar o que havia feito em nome do amor.

O Livro estava mudo, a resposta que buscava estava além do seu conhecimento. O corpo da vampira estava inerte há várias horas, mas nenhum dos dois vampiros disse uma palavra ou fez um gesto que fosse para abandoná-la ou acreditá-la morta. Jan Kmam e Ariel não pareciam pretender deixar o Templo ou abandonar seu corpo.

Sobre o corset da vampira e na camisa branca, a mancha de sangue havia secado. O corte da espada sobre seu peito não mais sangrava. O coração havia parado de bater. Ela não dava mostras de consciência, realmente parecia dormir.

Havia sobre os lábios um tom rosado... Mas por quanto tempo ficaria naquele estado de imobilidade? Por que seu corpo não reagia? Era imortal!

Jan Kmam se levantou do chão quase como se quisesse tomar uma atitude, fazer algo. A vampira estava em seus braços; ele olhou o modo como a cabeça dela tombou para trás, os membros sem força. Fitou o rei a distância, como se o chamasse. Ariel compreendeu e se adiantou a ele para mostrar o caminho a seguir além do salão.

Eles buscavam a câmara onde Radamés habitou quando ali viveu. Enquanto caminhavam pelo corredor interno do Templo, perceberam o olhar dos Anciões que ficaram à porta de suas câmaras para observar aquela marcha silenciosa. O rei parou diante da porta procurada e afastou a velha cortina para que Jan entrasse. Ariel Simon entrou logo depois dele e fitou o local com certa melancolia.

Reconhecia os objetos, os pergaminhos, as vestes e mantos que Radamés usara quando ali habitou, mas tudo estava intocado há séculos. Havia no teto uma pintura meticulosa, um mapa astrológico com símbolos e estrelas. Abaixo dele, a plataforma onde o vampiro outrora repousava.

O rei puxou o manto roto que cobria a pedra lisa e limpa e Jan se aproximou dela depositando o corpo de Kara. Cuidadoso, ele ajeitou suas pernas e arrumou suas roupas, colocando-a numa posição cômoda. Ariel, tentando ajudar, trouxe o apoio de cabeça feito em linho que Radamés usava para dormir. Jan recebeu-o e apoiou a cabeça da vampira no travesseiro. Logo ela parecia repousar com as mãos sobre o corpo, os cabelos emoldurando a face pálida e bela.

Kara parecia uma personagem de um estranho conto de fadas, uma princesa em trajes de guerreira, de tez alva, cabelos negros e lábios rosados – sim, continuavam rosados como se houvesse acabado de sorver sangue. Ela estava mergulhada num encanto misterioso, como se envenenada com uma maçã rubra cheia de vingança e ódio. O antídoto seria a paz, se ela a tivesse encontrado; mas ela não a encontrou, e lutou contra todos os que a amavam para mergulhar na

escuridão. Ali, deitada e plácida, parecia realmente esperar o beijo do príncipe encantado para despertar das trevas onde sua alma fora lançada.

Uma princesa em seu derradeiro lugar de repouso, que contava com dois reis para despertá-la.

Autora

Nazareth Fonseca

É escritora de literatura fantástica e romances de terror. Sua série Alma e Sangue conquistou milhares de leitores. Mora em Natal, Rio Grande do Norte. E apesar de nunca ter publicado seu primeiro livro, hoje já possui vários outros publicados. Ama gatos, ler, ver séries e filmes de terror para relaxar.

Livros da Autora

Série Alma e Sangue

Alma e Sangue despertar do Vampiro

Alma e Sangue O Império dos Vampiros

Alma e Sangue O Pacto dos Vampiros

Alma e Sangue A Rainha do Vampiro

Contos de Alma e Sangue

Crônicas de Alma e Sangue a Rainha Prometida, Vol.I

Segredos de Alma e Sangue, A Aprendiz

Segredos de Alma e Sangue, A Guerreira

Série Filha da Magia

Filha da Magia, Predestinada, Vol.I

Redes Sociais:

Twitter: <https://twitter.com/Nazarethe>

Facebook: <https://www.facebook.com/nazarethe.fonseca>

Facebook: <https://www.facebook.com/almaesangue6/>

Email: almaesangue@gmail.com

Instagram: https://www.instagram.com/nazarethe_fonseca/